



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Marília Paiva

Domus.domicílio.domínios: habitação de interesse social e o espaço doméstico

Volume 1



São Paulo
2023

MARÍLIA PAIVA

Domus.domicílio.domínios: habitação de interesse social e o espaço doméstico

Volume 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FAUUSP
como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em
Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Design e Arquitetura

Orientadora: Cibele Haddad Taralli

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.
São Paulo, 20 de Junho de 2023.

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Paiva, Marília

Domus.domicílio.dominios: habitação de interesse social e o espaço doméstico / Marília Paiva; orientadora Cibele Haddad Taralli. - São Paulo, 2023.

2 V.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Design e Arquitetura.

1. Habitação Popular. 2. Mobiliário Popular. 3. Cartografia Doméstica. I. Taralli, Cibele Haddad, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em:
<<http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>>

Nome: PAIVA, Marília

Título: **Domus.domicílio.domínios**: habitação de interesse social e o ambiente doméstico

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Doutor em Design e Arquitetura.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais Paulo e Therezinha (em memória),
que me ensinaram, e aos irmãos, a gostar de estudar.

AGRADECIMENTOS

Sem a estrutura e gratuidade da Universidade de São Paulo esta pesquisa seria impossível. Obrigada.

À querida orientadora Cibele Taralli, que teve paciência com a pesquisadora tardia e inexperiente. Nos tantos anos de convivência acadêmica jamais orientou através da pressão, mas sempre pelo esclarecimento, incentivo e confiança. Muito obrigada.

Ao amigo Marcelo de Paiva, meu primeiro e exigente orientador, ainda na fase de submissão do projeto de pesquisa ao processo seletivo da pós-graduação.

Aos professores que dedicaram parte do seu tempo a ouvir minhas dúvidas – Billy Malachias, Yvonne Mautner, José Eduardo Baravelli, Maria de Lourdes Zuquim, que participou das bancas das duas Qualificações, assim como Maria Augusta Pisani. A todos os professores das disciplinas cursadas na FAU e na FFLCH. Foi para mim um privilégio ser aluna de vocês.

Aos servidores da FAU, representados pela Lilian Bianconi, da Seção Técnica de Atendimento ao Usuário da Biblioteca, que prontamente me brindou com orientação particular quando precisei.

A Irene Sinnecker, Louis Chilson e Raquel Coelho, amigos que gentilmente me ajudaram com revisões de traduções para o inglês. Às amigas Ana Souto e Rosa Villares que tiveram o interesse de ler e comentar parte dos textos. À Silvia Aires e Edu Abad, pela revisão da tese.

Aos arquitetos entrevistados, Isabella Ventura e Danilo Eric dos Santos e a todos os que abriram suas casas para uma até então desconhecida e mostraram seus espaços domésticos entre perguntas, almoços, cafés, bolos e risadas. Foram os imprescindíveis parceiros que tornaram de alguma forma coletivo o trabalho. Muito obrigada.

Ao Marcos Bertoni, por uma lista infinita de parcerias e felicidades, inclusive neste estudo ...

RESUMO

PAIVA, Marília. **Domus.domicílio.domínios**: habitação de interesse social e o espaço doméstico. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2023.

Dentre os fatores que envolvem a produção de habitação de interesse social (HIS) no país, os seus resultados sobre a organização do espaço doméstico dos beneficiários são os menos abordados por estudos acadêmicos, que têm privilegiado os temas “macro” das políticas públicas, questões projetuais e tecnológicas e de planejamento urbano. Essa lacuna de imagens sistematizadas sobre o interior da moradia popular em uso empobrece a busca pela aproximação entre o idealizado em projeto e o efetivamente realizado pelos moradores em suas possibilidades, necessidades e desejos. Sem desconsiderar que todo espaço humano é criado e organizado para propósitos sociais, subjacentes a essas necessidades e desejos ou a funcionalidades atribuídas a objetos, o foco da presente pesquisa é a materialidade dos arranjos de mobiliário engendrados por moradores de HIS – mobiliário cuja espacialização apropriada é reconhecida por Normas Técnicas e pelas Especificações Mínimas de programas habitacionais como geradora do dimensionamento e formatação arquitetônica das moradias. Buscam-se as qualidades de referência para o processo projetual no campo do design de mobiliário popular a partir das relações com a arquitetura que abriga esse móvel, mediadas pela percepção dos moradores quanto ao resultado da sua organização. Trata-se de pesquisa qualitativa, em dois conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público na Região Metropolitana de São Paulo, em suas formas predominantes nessas regiões: condomínios verticalizados. Com o olhar de quem vê pela primeira vez, admitindo a distância interclasses que caracteriza nossa sociedade, procuraram-se as particularidades de cada moradia através de abordagem etnográfica em campo, sem protocolos rígidos teóricos ou operacionais durante a escuta dos pesquisados, utilizando-se do autor José Guilherme C. Magnani e suas notas para uma etnografia urbana, “de perto e de dentro”. Para o entendimento dos arranjos domésticos, buscaram-se os conceitos de “paisagem” de Milton Santos – um sistema fixo, mas transtemporal de objetos passados e presentes – e a definição de Bill Hillier, na qual os objetos arquitetônicos são aqueles que organizam o espaço, necessariamente feita pela configuração entre eles. Como principal forma de descrição das espacialidades pesquisadas, a cartografia especialmente desenvolvida cumpre duplo

papel: é um meio para sistematização e análise dos dados, mas é também fim – expressão gráfica destinada à comunicação desses dados, na busca por recorrências, lacunas, reconhecimento de conflitos e/ou adequações, suas causas e implicações. Destaque-se nos procedimentos a estratégia da vídeo-entrevista *Posso entrar?* que, além de eficiente “caderno de campo”, viabilizou o desejado protagonismo dos moradores no direcionamento das observações do seu espaço doméstico, permeando o entendimento da pesquisa, influenciando categorizações e diagnósticos. A questão metodológica representada pela cartografia adquiriu centralidade nas reflexões da presente tese, mais do que os resultados parciais obtidos em campo, que, no entanto, atestaram a efetividade do mapeamento proposto enquanto registro sistematizável e eficiente para análise das qualidades que envolvem o objeto em estudo.

Palavras-chave: Habitação Popular. Mobiliário Popular. Cartografia Doméstica.

ABSTRACT

PAIVA, Marília. **Domus.domicile.domains**: housing of social interest and domestic space. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2023.

Among the factors that involve the production of public Brazilian Social Housing (HIS), their results on the organization of the domestic space of beneficiaries are those least addressed by academic studies, which have privileged the “macro” themes of public policies, projective and technological issues, urban planning. This gap of systematized images about the interior of popular housing in use impoverishes the search for the approximation between the idealized in project and the effectively realized by the residents in their possibilities, needs and desires. Without disregarding that all human space is created and organized for social purposes, underlying these needs and desires or functionalities attributed to objects, the focus of this research is the materiality of furniture arrangements engendered by residents of HIS - furniture whose appropriate spatialization is recognized by Technical Norms and by the Specifications of Housing Programs as a generator of the dimension and format of the dwellings. The search is for reference qualities for the design process in the field of popular furniture, based on the relationship with the architecture that houses this piece of furniture, mediated by the residents' perception of the result of their own organization. This is qualitative research, which addresses two housing complexes of public production in the Metropolitan Region of São Paulo, with the predominant characteristics in these regions: vertical condominiums. With the eyes of those who see it for the first time, admitting the interclass distance that characterizes our society, the particularities of each dwelling were sought through ethnographic approach in the field, without rigid theoretical or operational protocols during the listening of those surveyed, using the author José Guilherme C. Magnani and his notes for an urban ethnography, "from near and within". For the understanding of domestic arrangements, Milton Santos' concepts of "landscape" were used - a fixed but transtemporal system of past and present objects - and Bill Hillier's definition, in which architectural objects are those that organize space, through the configuration between them. The main way of describing the spatialities researched is a specially developed cartography that fulfills a dual role: it is a means of systematizing and analyzing data, but it is also an end – graphic expression intended to communicate these data, in the search for recurrences, gaps, recognition of conflicts and/or adjustments, their causes and implications. The video-interview strategy “Can I come in?” stands out in the procedures

because, in addition to being an efficient “field notebook”, it enabled the desired protagonism of the residents in directing the observations of their domestic space, permeating the understanding of the research, influencing categorizations and diagnoses. The methodological question represented by cartography acquired centrality in the reflections of this thesis, more than the partial results obtained in the field, which nevertheless tested the effectiveness of the proposed mapping as a systematizable and efficient record for the analysis of the qualities that involve the object under study.

Keywords: Popular Housing. Popular Furniture. Domestic Cartography.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 - Temas de teses e dissertações sobre HIS entre 2006 e 2010.....	29
Fig. 2 - Frequência de abordagens utilizadas nos artigos revisados	30
Fig. 3 - Espelho e cosméticos à beira do tanque	59
Fig. 4 - Notas sobre imagem Google: Condom. João Cândido, Taboão da Serra; Viela da Paz, São Paulo; Centro de Taboão	64
Fig. 5 - Notas sobre imagem Google: Conjuntos João Cândido A e B; 2. Futuro Conjunto Chico Mendes; Rod. Régis Bittencourt	65
Fig. 6 – Notas sobre imagem Google: Urbanização Favela da Paz; Cemitério da Paz; Rod. R. Bittencourt; Estr. do Campo Limpo; Centro de Taboão da Serra	66
Fig. 7 - Implantação João Cândido e Chico Mendes, projeto Usina, não construído	71
Fig. 8 - João Cândido, projeto Usina, não construído: apartamentos duplex, plantas térreo e superior ..	72
Fig. 9 - João Cândido, Projeto Usina, não construído	73
Fig. 10 - João Cândido, Projeto Usina, não construído	73
Fig. 11 - João Cândido e sua inserção na cidade: João Cândido; Residencial Jequitibá	77
Fig. 12 - João Cândido, projeto CDHU – notas sobre imagem Google	78
Fig. 13 - João Cândido, projeto CDHU, implantação	78
Fig. 14 - João Cândido, projeto CDHU, pavimento tipo	79
Fig. 15 - João Cândido, projeto CDHU, plantas tipo 2 e 3 dormitórios	80
Fig. 16 - Viela da Paz, situação fundiária	84
Fig. 17 - Viela da Paz, implantação	85
Fig. 18 - Viela da Paz, remoções	87
Fig. 19 - Edifício fora da área urbanizada; edifícios já existentes dentro da área urbanizada; novas UHs, condomínio “E”; moradias não removidas (Viela da Paz)	89

Fig. 20 - Viela da Paz, pavimento tipo	92
Fig. 21- Viela da Paz, planta apartamento tipo	93
Fig. 22 - Setorização Social, Íntimo e Serviços, dos espaços projetados para as UHs do JC e VP	99
Fig. 23 - JC, porta de vidro para a varanda	100
Fig. 24 - JC, janelas em “L” de um dos quartos	100
Fig. 25 - VP, porta-balcão dos quartos.....	101
Fig. 26 - VP, porta de entrada e janelona da sala	101
Fig. 27 - VP, lavanderia vista da sala, protegida por cortina instalada pelo morador.....	103
Fig. 28 - Trecho transcrição ref. 8. Aurora, 2018_vídeo.....	108
Fig. 29 - Trecho transcrição ref. 13. João, 2019_vídeo.....	109
Fig. 30 - Trecho transcrição ref. 4. Carolina, 2017_vídeo	110
Fig. 31 - Miniatura do mapa 1	113
Fig. 32 - Miniatura do mapa 2	114
Fig. 33 - Detalhe do mapa 2, tabela da composição dos moradores	116
Fig. 34 - Miniatura do mapa 3	117
Fig. 35 - Detalhe do mapa 3 – gráfico da proporção de tempo em cada cômodo na vídeo-entrevista ..	118
Fig. 36 - Esquema geral da estrutura dos mapas 04 a 1	121
Fig. 37 - Legenda do mapa 4	124
Fig. 38 - Detalhe legenda mapa 5.....	125
Fig. 39 - Detalhe legenda mapa 6.....	125
Fig. 40 - Legenda do mapa 7	127
Fig. 41 - Legenda do mapa 8	127
Fig. 42 - Legenda do mapa 9	131
Fig. 43 - Esquema da construção dos trajetos.....	133
Fig. 44 - Detalhe legenda mapa 10	135
Fig. 45 - Detalhe legenda mapa 11	135
Fig. 46 - Protocolos adotados nos mapeamentos	136
Fig. 47 - Quase a totalidade dos entrevistados veio do NE	140

Fig. 48 - Percurso de cada entrevistado em moradias na RMSP.....	141
Figs. 49-59 - Mapas 1 a 11, cartografia 1. Zélia, 2015.....	145
Figs. 60-71 - Mapas 1 a 11 + 10', cartografia 2. MFrancisca, 2015.....	157
Figs. 72-83 - Mapas 1 a 11 + 07', cartografia 4. Carolina, 2017.....	170
Figs. 84-94 - Mapas 1 a 11, cartografia 8. Aurora, 2018.....	183
Figs. 95-105 - Mapas 1 a 11, cartografia 9. Eduardo, 2019.....	195
Figs.106-116 - Mapas 1 a 11, cartografia 10. Elisa, 2019.....	207
Figs.117-127 - Mapas 1 a 11, cartografia 12. Andressa, 2019.....	219
Figs.128-138 - Mapas 1 a 11, cartografia 13. João, 2019.....	231
Fig. 139 - Viela da Paz, plantas tipo, anotações da autora.....	244
Fig. 140 - João Cândido, plantas tipo, anotações da autora.....	245
Fig. 141 - Escrivanhina em uso, de desenho simples. In: 9. Eduardo, 2019_vídeo.....	247
Fig. 142 - Mesa para computador, desenho rebuscado. In: 4. Carolina, 2017_vídeo.....	247
Fig. 143 - Duas mesas laterais. In:4. Carolina, 2017_vídeo e 7. Alícia, 2018_vídeo.....	248
Fig. 144 - Mesa de centro estofada. In: 9. Eduardo, 2019_vídeo.....	248
Fig. 145 - Viela da Paz, compilação mapas 4 (os objetos).....	250
Fig. 146 - João Cândido 2 quartos, compilação mapas 4 (os objetos).....	252
Fig. 147 - João Cândido 3 quartos, compilação mapas 4 (os objetos).....	253
Fig. 148 - Parte da lavanderia instalada na varanda, moradia 7, João Cândido.....	255
Fig. 149 - Moradia abriga muitas atividades. In: 8. Aurora, 2018_vídeo.....	256
Fig. 150 - Viela da Paz, compilação mapas 5 (zoneamento objetos).....	267
Fig. 151 - João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 5 (zoneamento objetos).....	258
Fig. 152 - João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 5 (zoneamento objetos).....	259
Fig. 153 - Viela da Paz e João Cândido, compilação mapas 9 (área de uso dos objetos), layout dos arquitetos.....	261
Fig. 154 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapa 9 (área de uso dos objetos).....	262

Fig. 155 - João Cândido, apartamentos 3 quartos, compilação mapa 9 (áreas de uso dos objetos).....	263
Fig. 156 - O giro do corpo para passar entre a cama, o armário, a folha da porta ... e sair do quarto...	264
Fig. 157 - O corpo prensado entre o armário e a porta da geladeira que abre	264
Fig. 158 - Viela da Paz e João Cândido, compilação mapas 10 (circulação entre os objetos), layout dos arquitetos	265
Fig. 159 - A circulação crítica entre o sofá e o aparador doado. In: 10. Elisa, 2019_vídeo.....	267
Fig. 160 - Sofá bloqueia parte do interior do rack da TV. In: 13. João, 2019_vídeo.....	267
Fig. 161 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 10 (circulação entre objetos) ..	268
Fig. 162 - João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 10 (circulação entre objetos)	269
Fig. 163 - Viela da Paz e João Cândido, compilação mapas 11 (áreas livres entre objetos), layouts dos arquitetos	270
Fig. 164 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 11 (área livre entre objetos)....	271
Fig. 165 - Viela da Paz e João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 11 (área livre entre objetos)....	272
Fig. 166 - Móvel recebido em doação: estante robusta	274
Fig. 167 - Móveis recebidos em doação: mesa de jantar, extensível ... cadeira Cimo	274
Fig. 168 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 6 (procedência dos objetos) ...	275
Fig. 169 - João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 6 (procedência dos objetos)	276
Fig. 170 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 7 (aparência dos materiais)....	279
Fig. 171 - João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 7 (aparência dos materiais).....	280
Fig. 172 - Viela da Paz e João Cândido, 2 quartos, compilação mapas 8 (altimetria dos materiais)	281
Fig. 173 - João Cândido, 3 quartos, compilação mapas 8 (altimetria dos materiais)	282
Fig. 174 - VP, pia fora do banheiro (à esquerda) e pia internalizada	287
Fig. 175 - JC, banheiro original (à esquerda) e banheiro com box ampliado	287
Fig. 176 - Personalização paredes. JC, pintura figurativa; VP, quarto verde; JC, quarto azul	287
Fig. 177 - Estudo para dormitórios VP	290
Fig. 178 - Estudo para dormitório, retângulo na transversal	291

Fig. 179 - Estudo para dormitório, retângulo na longitudinal.....	291
Fig. 180 - Módulos “cozinhas compactas” em diferentes combinações	294
Fig. 181 - Cozinhas e lavanderias, simulação para aumento da largura.....	296
Fig. 182 - Lavanderias dos apartamentos pesquisados, espaços multiuso. Vistas e detalhes	298
Fig. 183 - As salas são compostas basicamente por três conjuntos de elementos	300
Fig. 184 - Moradia Mariana, mapa 4. os objetos (à esq.) e vista da sala	303
Fig. 185 - Moradia Mariana, pia cozinha; balcão cozinha; guarda-roupa anos 60	303
Fig. 186 - Cama box; sapateira de zíper, cadeira tubular assento redondo	305

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Comparativo entre áreas úteis recomendadas por autores para habitação (m ²) e as UHs dos Residenciais João Cândido (JC) e Viela da Paz (VP).....	096
Quadro 2 - Compilação Áreas para Acesso e Uso de Móveis e Equipamentos (cm) - parte 1	129
Quadro 3 - Compilação Áreas para Acesso e Uso de Móveis e Equipamentos (cm) - parte 2	130
Gráfico 1 - Desejos, elogios e reclamações dos usuários, versus reformas em suas UHs.....	284

LISTA DE SIGLAS

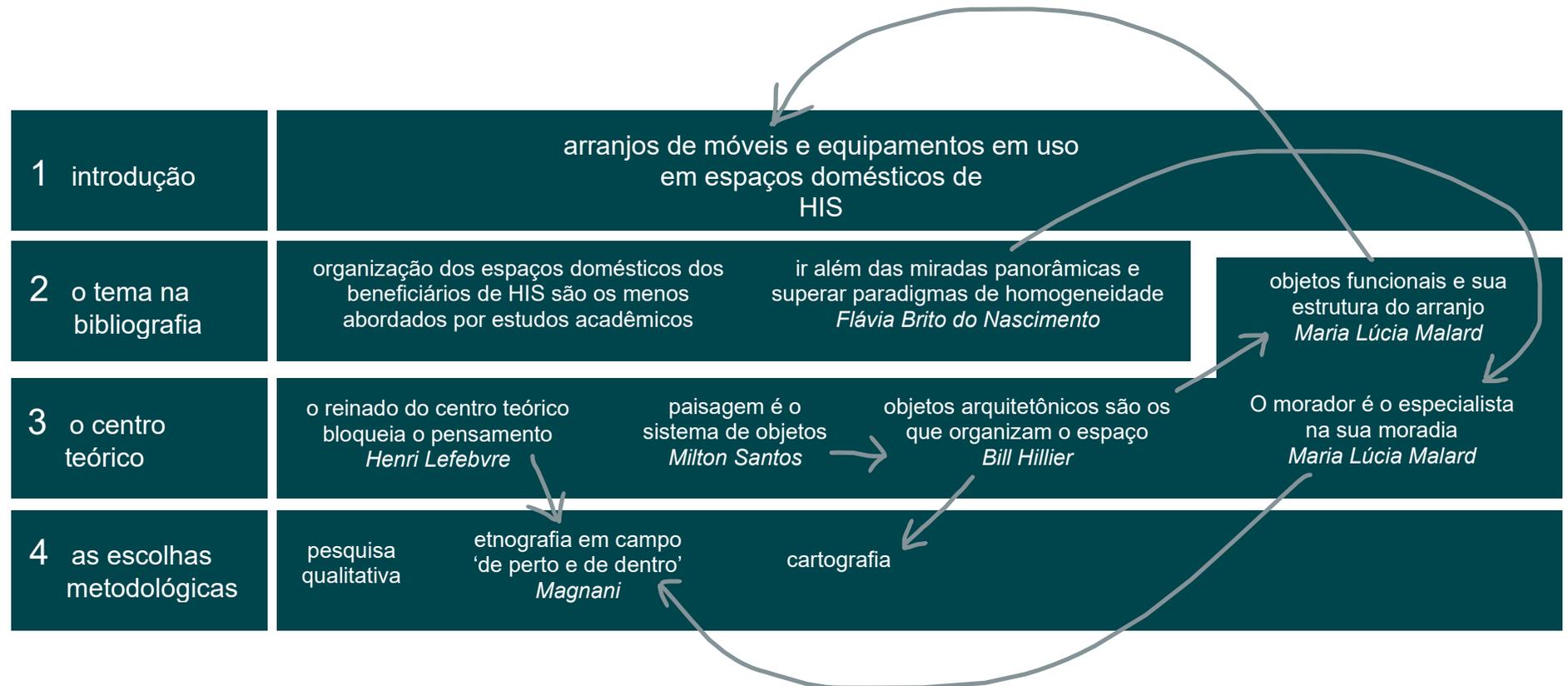
APO	Avaliação Pós-Ocupação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
COHAB	Companhia Habitacional
FAUUSP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
HIS	Habitação de Interesse Social
ICA	International Cartographic Association
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Portugal)
MCMV	Minha Casa Minha Vida (Programa Habitacional)
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
NBR	Norma Brasileira (da ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas)
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
PMTS	Prefeitura Municipal de Taboão da Serra
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SEHAB	Secretaria Municipal de Habitação (PMSP)
UH	Unidade Habitacional

SUMÁRIO

PARTE I – OBJETOS, PAISAGENS, DESCRIÇÕES	19
1. INTRODUÇÃO	20
1.1 Os objetivos da pesquisa e as questões que os envolvem	22
1.2 A organização da pesquisa e o imprevisto	25
2. SITUANDO O TEMA DA PESQUISA NA BIBLIOGRAFIA	29
3. O CENTRO TEÓRICO	40
4. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS	47
4.1 A abordagem etnográfica	48
4.2 A cartografia, uma aproximação teórica	50
PARTE II – POSSO ENTRAR?	55
5. OS PROCEDIMENTOS EM CAMPO	56
5.1 “Posso entrar?” – a vídeo-entrevista	58
5.2 A seleção das moradias	60
6. OS RESIDENCIAIS JOÃO CÂNDIDO E VIELA DA PAZ	62
6.1 O João Cândido	67
6.2 O Viela da Paz	82
6.3 As Unidades Habitacionais – dimensões, setorização	94
7. AS CARTOGRAFIAS PROPOSTAS	105
7.1 A construção dos mapas	111
7.1.1 Apresentando o morador em 3 mapas	112

7.1.2 Apresentando a moradia e seus arranjos de móveis em oito mapas	119
8. OS DOMICÍLIOS CARTOGRAFADOS	137
8.1 Recém-chegada	144
8.2 “Popular” JC / Morador cadeirante	156
8.3 “Burguesa”	168
8.4 Muitas atividades	182
8.5 Homem JC	194
8.6 “Popular” VP	206
8.7 Muitas pessoas	218
8.8 Homem VP	230
PARTE III – AS DISCUSSÕES	242
9. O IDEALIZADO EM PROJETO E O EFETIVAMENTE REALIZADO PELOS MORADORES.....	243
10. O REALIZADO PELOS MORADORES QUE NÃO PÔDE SER PREVISTO EM PROJETO.....	273
11. SOBRE PERSONALIZAÇÕES.....	283
12. ARRANJOS E ARQUITETURA.....	288
12.1 Insurgências	301
12.2 Alguns móveis a estudar	304
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS	306

PARTE I – OBJETOS, PAISAGENS, DESCRIÇÕES



1. INTRODUÇÃO

Admite-se neste trabalho a premissa de que ambiente doméstico adequado é direito intrínseco ao de moradia e, quando se refere a Habitação de Interesse Social (HIS), produzida com recursos do Estado e destinada à parcela da população mais vulnerável economicamente, espera-se que seja um território que ofereça mais do que apenas condições materiais mínimas voltadas à restaurar forças do trabalhador explorado, em sua “necessidade indispensável de fechar os olhos e tentar dormir para talvez sonhar” (ROZESTRATEN, 2019, p. 28). Em nossa sociedade, ter onde morar é ter onde se refugiar e desfrutar de alguma liberdade pessoal, nas poucas parcelas de tempo disponíveis para tanto. O estudo da qualidade atual desse espaço tem essa importância para a presente pesquisa.

Apesar de um início, durante o Estado Novo, rico em experimentações efetivamente construídas de novas espacialidades para a habitação do trabalhador – ligadas aos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP), à Fundação Casa Popular (FCP) e aos seus arquitetos vinculados a ideais da Arquitetura Moderna¹ – a produção estatal brasileira de moradia não seguiu essa busca vanguardista. Pelo contrário, vem, desde o regime militar, da criação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e do extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), sedimentando nacionalmente um modelo² – replicado em outras esferas de governo –

¹ “Com a Revolução de 30 e com ação efetiva a partir do Estado Novo em 1937, o estado varguista toma para si a tarefa de construção do ‘homem novo’, que passava pelas transformações do habitar e pelas mudanças de foro doméstico do trabalhador nacional. [...] Para atender a este objetivo, foram construídos inúmeros conjuntos residenciais pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões, que tinham em seus quadros arquitetos vinculados às expressões modernas. O grupo de pesquisa ‘Pioneiros da Habitação Social’ levantou e sistematizou informações de mais de 300 conjuntos em todo território nacional, num inventário que demonstra a riqueza da produção, a variedade de soluções e a complexidade da arquitetura e do urbanismo modernos brasileiros.” (NASCIMENTO, 2011, p. 23).

² “As críticas tecidas ao modelo do regime autoritário, ao contrário de representar ou implicar qualquer ruptura, vão produzir políticas habitacionais que acabam por reiterar as críticas que motivaram a reforma do sistema, de modo que, apesar de extinto em 1986, o SFH/BNH permanecerá como matriz de política de habitação no país.” (ROYER, 2002, p. 4). Sobre o Programa Federal Minha Casa Minha Vida (MCMV, 2009-2018), Baravelli (2014, p. 10) escreve: “[...] há, portanto, algo de repetitivo na retomada da construção habitacional por empresas privadas subvencionadas por fundos estatais, à medida que adota práticas

baseado na combinação de fundos públicos direcionados a promotores privados, que introduzem lógicas de financeirização por um lado, necessidade de lucros por outro e não tem apresentado inventividade nas soluções espaciais das moradias produzidas. Se é verdade que nesse modelo houve pesquisas sobre inovações aplicáveis a HIS³, estas versaram principalmente sobre processos construtivos, sendo que os mais utilizados atualmente pelo setor se baseiam em alvenarias estruturais, limitando as possibilidades de flexibilização posterior de divisões internas, um dos atributos recomendados para se adaptar os espaços da moradia a mudanças de uso e de composição dos seus habitantes ao longo do tempo. Na busca pelo desejável barateamento do custo das Unidades Habitacionais (UH), um dos caminhos adotados pelas empresas é a padronização de tipologias, materiais e processos, agilizando sua atuação em diferentes regiões do país (BURGUIÈRE et al., 2016, p. 51). Engessadas nas especificações e dimensões mínimas dos programas habitacionais (dois quartos, sala, cozinha, banheiro e lavanderia), organizadas setorialmente em áreas social, íntima e de serviços, essa homogeneidade na formatação dos espaços internos das HIS é quebrada, em pequena escala, apenas por experiências de produção de habitação por mutirões, onde os futuros beneficiários participam do projeto de suas moradias. Mas mesmo quando há organizações populares envolvidas nos empreendimentos, a tendência ainda assim é a produção semelhante à realizada pelo mercado imobiliário, causada por direcionamentos da burocracia dos programas, conveniências quanto aos sistemas e materiais de construção do mercado e à própria lentidão

de segregação urbana de quando esta mesma política foi implantada pela tecnocracia do regime militar.” Ressalte-se ainda que o BNH financiou principalmente as camadas médias da população. As mais pobres seriam posteriormente contempladas no MCMV através do aumento de subsídio estatal.

³ Sobre os Campi Experimentais promovidos pelo BNH, ver Malard et al. (2002, p. 5). Sobre as Vilas Tecnológicas, pós BNH, ver Folz (2008, p. 201) e Castro; Von Kruger (2013, p. 221). Sobre inovação na construção habitacional do Brasil, ver Castro; Von Kruger (2013).

de usuários em aceitar mudanças de costumes. “Sistemas que se assemelham aos sistemas convencionais, que usam os mesmos materiais e têm a mesma aparência final são, portanto, mais bem aceitos culturalmente” (CASTRO; VON KRUGER, 2013, p. 227). Para Nabil Bonduki (2021), no entanto, a discussão da suposta “qualidade do comunitário de pequena escala⁴”, é questão que “tem que ser problematizada à luz dos desafios quantitativos que nos estão colocados” (informação verbal⁵).

1.1 Os objetivos da pesquisa e as questões que os envolvem

Dentre os fatores que contribuem para o panorama atual de HIS no país, a presente pesquisa limitará o olhar para o aspecto da materialidade dos **móveis e arranjos de mobiliário⁶ em uso** nesses espaços domésticos internos. A partir da **premissa**, afirmação recorrente em trabalhos acadêmicos sobre esse tema, que os usuários de HIS enfrentariam problemas para mobiliar suas moradias - seja porque as habitações produzidas têm dimensões insuficientes, seja porque os projetos preveem móveis cujas dimensões não são encontráveis no mercado de mobiliário popular – algumas **questões** se colocaram: as normas, o idealizado em projeto e o realizado pelos moradores são coincidentes? Existiria nessas

⁴ Lembrando que produção em massa não necessariamente exclui participação comunitária, como demonstrou a experiência dos mutirões auto gerenciados empreendidos pela prefeitura paulistana na gestão Luiza Erundina (1989-1992), quando foram produzidas cerca de 12 mil UHs (OTTAVIANO, 2021, p. 39).

⁵ Nabil Bonduki (2021). *In*: Seminário Internacional História da Habitação Social na América Latina. Mesa 12: Perspectivas historiográficas, agendas de pesquisa, agendas de ação. Debate de encerramento. 25/11/2021. Aos 01:22':37". Disponível em: < [Seminário Internacional HISTÓRIA DA HABITAÇÃO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA - Mesa 12 - YouTube](#)>. Acesso em 02/08/2022.

⁶ É a partir da definição do rol do mobiliário e equipamentos-padrão, suas dimensões, áreas de acesso, uso e circulações previstas vinculadas a cada cômodo, que Normas Técnicas e Especificações Mínimas exigidas por programas habitacionais sugerem o dimensionamento e formatação adequada das moradias - mobiliário cuja espacialização apropriada é reconhecida como um dos requisitos fundamentais para as atividades necessárias às funções do morar.

moradias **um padrão**, passível de ser reconhecido e descrito, de modo a facilitar diagnósticos, apontar resolução de problemas quanto ao desenho desses móveis? Como extrair, em campo, dados significativos para discutir essas questões?

Estabeleceu-se como objetivo inicial analisar uma seleção desses arranjos de mobiliário engendrados por beneficiários de HIS, em suas relações de adequação ao espaço arquitetônico onde se inserem e à percepção dos moradores quanto ao resultado da sua organização, suas principais motivações, dificuldades e satisfações. A escuta dos moradores foi considerada fundamental, entre outras razões, porque são grandes as porcentagens dos usuários de HIS que se declaram satisfeitos com suas moradias, o que é de certa maneira um fato contraditório em relação à premissa. Como objetivo final, busca-se atributos e qualidades de referência para o processo projetual no campo do **design de mobiliário popular**.

Propõe-se como caminho exploratório, a elaboração de **cartografia** que mapeie uma seleção dessas moradias, em expressão gráfica destinada à sistematização e comunicação dos dados e capaz de revelar recorrências, lacunas, reconhecimento de conflitos e/ou adequações, suas causas e implicações.

A adaptação dos moradores (com as dificuldades práticas inerentes à sua vulnerabilidade econômica) a uma habitação sobre a qual usualmente não têm escolha⁷ quanto ao tipo ou localização urbana,

⁷ Os candidatos aos programas sociais de governo precisam se inscrever no Cadastro Único (CadÚnico) federal, por meio dos órgãos de assistência social municipais. No caso de HIS, entram numa fila de espera, hierarquizada por parâmetros de vulnerabilidade (moradores em área de risco, presença de familiares com necessidades especiais etc.) e são chamados conforme a oferta de moradias disponíveis, o que pode demorar vários anos. Se o candidato recusar a Unidade Habitacional (UH) por não gostar da localização ou da sua conformação, voltará para o final da fila. Empreendimentos que envolvem Entidades de Movimentos Sociais organizam a distribuição das moradias entre seus militantes, o que não exclui o registro de cada um no CadÚnico. Em programas de regularização de favelas ou remoção de áreas de risco, as listas são, claro, fechadas entre os atingidos. Apenas os poucos empreendimentos viabilizados por meio de mutirões contam com participação direta dos beneficiários nas decisões sobre o projeto de suas moradias. Mas o ato corriqueiro para as classes médias, de escolher o bairro em que quer morar, é fora do horizonte para essa faixa da população que depende de HIS.

combinada com sua mobília e objetos anteriores, é também impactada pelas características do mercado moveleiro que têm à disposição, cuja indústria voltada ao mercado popular é fortemente monopolizada, e onde os interesses econômicos de gigantes do seu setor varejista⁸ se sobrepõem. Um setor que, apesar das evoluções tecnológicas que permitiram amplamente o acesso do seu produto à população de baixa renda, produz móveis cuja principal função é mercadológica, com pouca durabilidade, baixa qualidade funcional e dimensional, e ciclos curtos de permanência no mercado⁹.

A pesquisa, portanto, levará em conta também que o espaço doméstico não se resume a dados técnicos. Como todo espaço humano, ele é criado e organizado para propósitos sociais, que são subjacentes aos desejos e necessidades dos usuários, ou às funcionalidades atribuídas aos objetos. É um espaço produto de relações de produção que conformam sua arquitetura, apresentam os objetos que irão povoá-lo e definem em grande medida por quem será majoritariamente utilizado e em quais horários – relações em que as necessidades dos moradores por vezes não têm o protagonismo devido.

A principal característica favorável é o fato desses ambientes domésticos estarem sendo organizados na segurança da casa própria, respeitados padrões mínimos de habitabilidade e superação de possíveis precariedades em moradias anteriores. Apesar da discussão específica sobre política pública de provisão

⁸ Os sítios eletrônicos das próprias empresas informam que a Casas Bahia, fundada há mais de 60 anos por Samuel Klein, rede varejista de móveis e eletrodomésticos presente em 20 Estados e no Distrito Federal, é atualmente controlada – junto com a Pontofrio, outra gigante – pela Via Varejo, que, por sua vez, é controlada pelo Grupo Pão de Açúcar, líder no ranking das maiores empresas de varejo no Brasil. A fábrica de móveis Bartira, fundada em 1962 também pela família Klein, é a maior fabricante de móveis do país, passando em 2013 para o controle da ... Via Varejo, e é fornecedora exclusiva de móveis para a ... Casas Bahia e Pontofrio. A Luizzi Estofados, fundada em 1974, desde 2002 produz com exclusividade para a Casas Bahia.

⁹ Sobre mobiliário industrializado popular, Arbore (2016, p. 493) escreve: "A quase inexistência de normas técnicas para mobiliário residencial deixou a definição do limite de qualidade a ser empregada nos produtos à mercê da consciência de cada fabricante". Sobre móvel residencial seriado, Franco (2010, p. 119) diz que "a cada ano, 100 novos itens são lançados no mercado por cada fabricante, sendo outro tanto cancelado. A busca por elementos novos, sejam eles quais forem, leva por vezes a resultados que, sob a luz de uma análise racional e objetiva, carecem de qualquer justificativa para sua existência."

de moradia¹⁰ não ser propósito da pesquisa, entendeu-se importante situar os ambientes a serem observados dentro desse território não só privativo, mas de propriedade privada, conquistada neste segmento da população após anos de luta ou de espera nas filas dos serviços sociais e frequentemente motivo de orgulho, alívio e estabilidade – onde teoricamente os moradores podem com mais potência expressar e afirmar quem são e como querem ser vistos, fornecendo elementos consistentes para se pensar o design de móvel popular.

1.2 A organização da pesquisa e o imprevisto

A pesquisa se desenvolveu de maneira que conceitos, metodologia, ferramentas e campo não foram encadeados de forma linear, ou seja, o trabalho em campo – por motivos de oportunidade que se apresentou – transcorreu concomitantemente, influenciando inclusive definições conceituais posteriores. Não se trata aqui evidentemente de um elogio à falta de método, pois o ato de escrever essa tese tornou a lógica do processo passível de ser organizado e transmitido, como segue.

A tese está dividida em 3 partes, que organizam as questões teóricas, as da pesquisa em campo e, finalmente, a organização e reflexão sobre os dados obtidos. Nas considerações finais, as avaliações sobre o método cartográfico proposto.

A Parte I – objetos, paisagens, descrições, inclui essa **1. introdução** e descreve nos capítulos **2. situando o tema da pesquisa na bibliografia; 3. o centro teórico e 4. as escolhas metodológicas**, as

¹⁰ Registre-se que o “sonho da casa própria”, em última instância, almeja o integral pertencimento à sociedade como ela é. “Um trabalhador hipotecado até o pescoço é, na maioria dos casos, um bastião da estabilidade social”, escreve Harvey (1982, p. 13), pois a propriedade privada e a casa própria são alavancas ideológicas fundamentais para estimular a fidelidade ao sistema, que, no nosso caso, produz desigualdade econômica e segregação.

razões para a escolha do tema da pesquisa, os caminhos teóricos que levaram à abordagem etnográfica em campo (4.1), ao tratamento dos dados através de cartografia especialmente desenvolvida (4.2), e à circularidade que envolve essas etapas.

A **Parte II – posso entrar?** introduz o trabalho de campo e as cartografias. Descreve, no capítulo 5, os **procedimentos em campo** decorrentes das escolhas metodológicas, apresenta o “caderno de campo” representado pela vídeo-entrevista (5.1) e detalha a seleção das moradias (5.2). Localizados na RMSP, onde reside a pesquisadora, os dois conjuntos habitacionais pesquisados, João Cândido em Taboão da Serra e Viela da Paz em São Paulo, recortam os resultados da pesquisa a HIS produzidas em suas formas predominantes em regiões metropolitanas: condomínios verticalizados. Apesar do levantamento em campo ter começado em caráter exploratório em março de 2015, este não se desenvolveu de maneira linear e constante, ocorrendo hiatos entre as informações trazidas pelos levantamentos, reflexões e redirecionamentos do olhar, tentativas de descrição, e nova ida ao campo. Além disso, a dificuldade de encontrar candidatos a serem pesquisados foi considerável. A agilidade com que os primeiros contatos foram feitos – logo após a inauguração do primeiro conjunto pesquisado – não se manteve, e o cuidadoso fio de transmissão de confiança de um entrevistado para outro nem sempre se concretizou, mesmo quando o pedido para novas entrevistas vinha com recomendação de assistente social ou liderança local¹¹. Nenhuma oportunidade foi, portanto, desperdiçada, transformando a seleção em “por conveniência”.

¹¹ É possível que seja mais fácil mostrar a casa para um desconhecido quando ela representa um visível progresso na vida do que quando, após algum tempo de uso, a casa possa revelar dificuldades econômicas. Outra observação é que, provavelmente, quem aceita participar da pesquisa é um tipo especial de pessoa, com algumas das características como: disponível, generosa, aberta, segura de si, curiosa, desinibida. De qualquer maneira, são dados que fogem da competência das ferramentas escolhidas para análise, além do fato de que “esse tipo de pessoa” não se mostrou homogêneo em relação a como organizar seus lares.

A intenção inicial de mapear em torno de dez domicílios em cada conjunto foi impactada pela eclosão da pandemia de Covid 19 no início de 2019, que, paralisando a necessária visita ao interior das moradias, deslocou a centralidade das reflexões da tese para as questões metodológicas representadas pela cartografia, testada e formatada através da base de dados efetivada. Foram entrevistados 13 moradores, sendo que um desistiu da permissão¹² para divulgar seus dados. Dos que mantiveram permissão, oito são do Condomínio João Cândido e quatro do Viela da Paz; cinco UHs têm três dormitórios e sete têm dois; dez dos entrevistados são mulheres, dois são homens. Para deixar mais visíveis as contribuições dos entrevistados parceiros da pesquisa, falas suas incorporadas nos textos foram grafadas em azul, conforme transcrição abaixo, em Elisa (2019, informação verbal¹³):

Acho que você deu depoimentos que vão ser muito úteis pra quem projeta as casas.

Você bate naquela tecla lá daquela pia lá.

Pode deixar comigo.

Acho que todo mundo vai fazer a mesma coisa que eu fiz [transferir a pia para dentro do banheiro].

Eu acho que eles [os projetistas] tinham que mudar, ao menos nesse ponto.

Tratados no capítulo **6, os residenciais João Cândido e Viela da Paz** fornecem exemplos de UHs oriundas de políticas públicas distintas, com configurações e áreas diferentes entre si, variedade que impacta a organização doméstica de maneiras diversas e testa a efetividade da cartografia proposta.

¹² A pesquisa foi registrada e aprovada na Plataforma Brasil, CAAE: 02907618.0.0000.5390, e todos os pesquisados assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com permissão de uso de imagem e voz, sem necessidade de manter anonimato em publicações para fins acadêmicos. Optou-se, no entanto, por mudar seus nomes e não expor suas imagens pessoais.

¹³ In: 10.Elisa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice).

Apresenta-se breve histórico, contexto urbano e projeto urbanístico arquitetônico de cada um (6.1 e 6.2) e analisa-se conjuntamente suas UHs em termos de dimensões e setorização espacial (6.3).

O capítulo 7 detalha **as cartografias propostas**, a sistematização das transcrições das entrevistas, os conceitos envolvidos em seus 11 assuntos, as escolhas operacionais, as divisões entre mapas apresentando o morador (7.1.1) e a moradia (7.1.2).

O capítulo 8, o mais extenso de todos, apresenta na íntegra oito **domicílios cartografados (8.1 a 8.8)**, cada um representado em 11 a 12 mapas. Dentre os 12 pesquisados da base de dados, procurou-se apresentar uma seleção com diversidade de perfis.

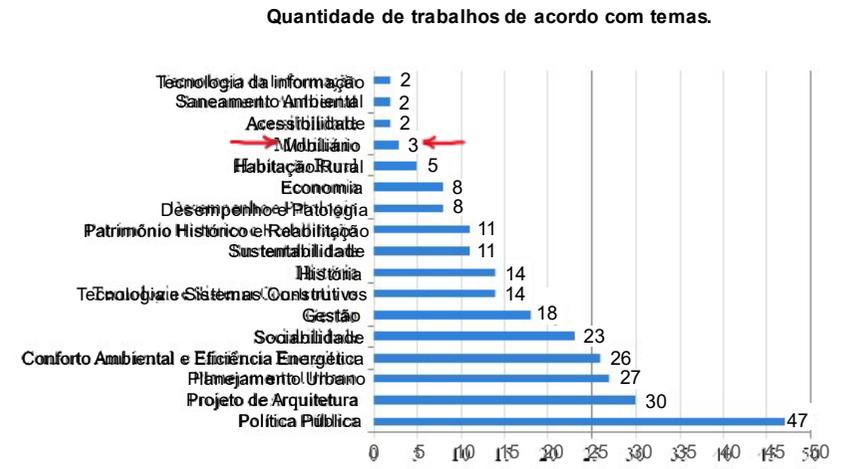
A **Parte III** inicia as **discussões** dos resultados através da compilação dos mapeamentos e da identificação de qualidades, conflitos, particularidades. No capítulo 9. **o projetado e o realizado**, procede-se a análises comparativas dos arranjos propostos pelos arquitetos e os efetivados pelos moradores, O capítulo 10. **o realizado não projetado** repete o procedimento sem incluir os layouts dos arquitetos, naqueles mapas cujos assuntos envolvem variáveis exclusivas a usuários. O capítulo 11 reflete sobre as **personalizações** efetuadas pelos moradores. O capítulo 12 apresenta os conflitos que se destacaram na relação **arranjos e arquitetura**, comenta sobre duas moradias que se destacaram por singularidades (12.1) e sobre três tipos de móveis a estudar (12.2).

Considerações finais versam sobre os resultados parciais obtidos em campo, o método cartográfico proposto e sua efetividade para os objetivos desta pesquisa.

2. SITUANDO O TEMA DA PESQUISA NA BIBLIOGRAFIA

Dentre os fatores que envolvem a produção de HIS no país, os seus resultados sobre a **organização do espaço doméstico** dos beneficiários são os menos abordados por estudos acadêmicos, que têm privilegiado os temas “macro” das políticas públicas, questões projetuais e tecnológicas, planejamento urbano. Segundo Mariana Garcia de Abreu (2012), das 251 teses e dissertações produzidas entre 2006 e 2010 presentes no Banco de Teses da Capes, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no portal Domínio Público cujos temas abordaram habitação social¹⁴, apenas três se dedicaram a **mobiliário**, por exemplo, que é intersecção necessária com espaço interno doméstico (Fig. 1).

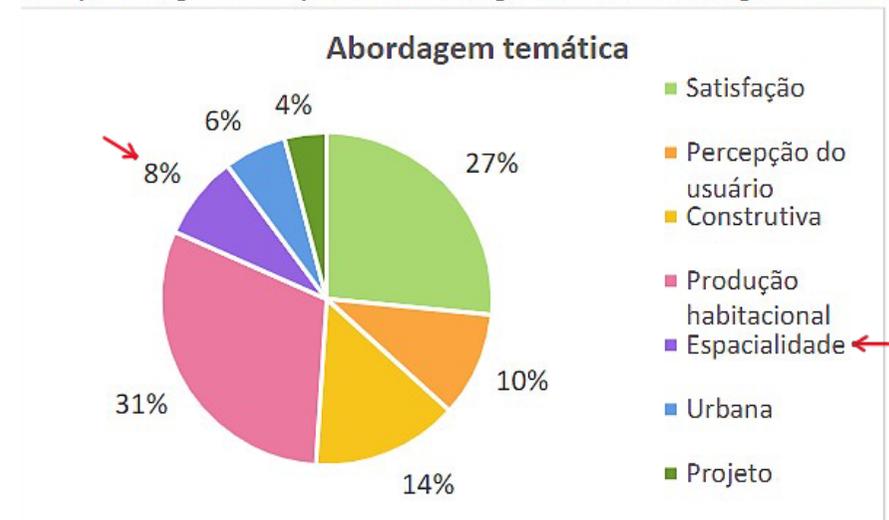
Fig. 1 - Temas de teses e dissertações sobre HIS entre 2006 e 2010.
Fonte: (ABREU, 2012, p. 61), redesenho, com anotações da autora.



¹⁴ “As expressões utilizadas no campo de busca foram: 1-habitação popular; 2-habitação social; 3-habitação de interesse social; 4-habitação econômica; 5-habitação; 6-qualidade do projeto habitacional; 7-política habitacional; 8- casa popular; 9-conjunto habitacional.” (ABREU, 2012, p.43).

Em outro estudo, de revisão sistemática a partir de busca realizada em julho de 2020 nas plataformas Scielo e CAPES Periódico, dentre os 34 artigos¹⁵ que abordaram a qualidade de HIS na América Latina, os autores Sutti, Fontes e Magagnin (2020) anotaram que a abordagem temática mais frequente foi a de “produção habitacional” (31%), enquanto “espacialidade” – aspecto que pode ser mais ligado a espaço interno – foi tema de apenas 8% dos artigos (Fig. 2).

Fig. 2 - frequência de abordagens utilizadas nos artigos revisados.
Fonte: (SUTTI; FONTES; MAGAGNIN, 2020, p. 657), com anotações da autora.



A revisão citada não elencou especificamente “mobiliário” ou “ambiente doméstico” como critérios de busca, mas alguns dos indicadores de qualidade relacionados a eles foram abordados pelos artigos

¹⁵ Excluídos 30 artigos que, “mesmo tratando de HIS [...] englobavam somente políticas públicas, análises urbanas, dentre outros temas” (SUTTI; FONTES; MAGAGNIN, 2020, p. 654), confirmando a predominância, nos estudos, dos temas “macro” dentre os fatores que envolvem a produção de HIS.

selecionados, em torno do item habitabilidade – como área da UH, funcionalidade, segurança, número de moradores por área (SUTTI; FONTES; MAGAGNIN, 2020, p. 660).

A qualidade, ou a possibilidade de qualidade desse espaço doméstico produzido – objetivo de qualquer empreendimento habitacional – pode e tem sido estudada, portanto, a partir de análises das características espaciais e funcionais dos projetos arquitetônicos, suas previsões quanto à organização do mobiliário e equipamentos, áreas de uso e circulação recomendadas, entre outros parâmetros, a depender dos objetivos de cada pesquisa. Mas há diferenças, evidentemente, entre o idealizado em projeto e o efetivamente realizado pelos moradores, considerando que se trata de espaço de domínio privado, onde o habitante no final das contas faz o que lhe convém no espaço que lhe é oferecido¹⁶. Se esse é um dado inescapável, a utilização de parâmetros somente do que pode ser “medido” talvez não seja suficiente nem para a garantia de adequação do ambiente doméstico projetado, nem para a avaliação de que este seja inadequado¹⁷ – para Palermo et al. (2007, p.7), resgatando-se o caráter qualitativo dos atributos do espaço doméstico, “o olhar sobre o projeto se aproximaria da dimensão humana, naquilo que é sentido e não medido”. A presente pesquisa procura “sentidos” e os busca a partir principalmente do olhar dos beneficiários de HIS, lembrando que entre eles são altas as porcentagens dos que se declaram satisfeitos

¹⁶ “E eles falam que não pode usar, né, aqui, porque é lavanderia. Então, no caso, eu tô errada. [Mas] a cozinha é minha, eu faço o que eu quiser. [Fala calma e decidida. Rimos muito, as duas]”. In: 10.Elisa, 2019_vídeo, (ver Apêndice), explicando a localização na lavanderia de um móvel com utensílios de cozinha.

¹⁷ “Para projetar adequadamente uma habitação para a população de baixa renda é necessário o conhecimento do modo de vida desta população. Não basta dividir os cômodos com metragens mínimas, achar uma densidade limite e considerar resolvido o interior desta moradia. No entanto, não é fácil observar o conjunto de exigências, porque o comportamento e as atitudes das famílias apresentam um caráter unitário e dependente do contexto nos quais elas vivem.” (FOLZ, 2002, p. 82).

com a moradia¹⁸, apesar da má avaliação dessas habitações por parte dos especialistas no geral, e apesar de não apresentarem as características de flexibilidade espacial ou diversidade tipológica recomendadas para facilitar a personalização por parte do morador¹⁹.

As Avaliações Pós-Ocupação (APO) são os trabalhos que mais frequentemente se aproximam desse olhar para **o interior da moradia em uso** e muitos o fizeram, a partir de 2010, tendo como tema a recente produção habitacional dos extintos Programa de Arrendamento Residencial (PAR) e Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) (SANTOS, 2015, p.74, 78). Dada a especificidade dos seus objetivos²⁰, no entanto, mesmo quando adotam métodos qualitativos de observação do espaço doméstico, as APO raramente abordam a configuração ou o arranjo em si do mobiliário e objetos, mas, a partir da coleta de dados por questionários, apresentam-nos tabulados em listas, tabelas e gráficos, incidência em cada

¹⁸ “[...] cerca de 80% dos beneficiários avaliaram bem o item Unidade Habitacional” (MOREIRA; SILVEIRA; REIS, 2015, p. 86); “Embora no cômputo geral seja apontado por 71% dos entrevistados que o tamanho é adequado, isso se inverte quando são isoladas as famílias com cinco ou mais pessoas” (ROLNIK, 2014, p. 119); “boa parte dos estudos já realizados para verificar o impacto desses espaços na vida das famílias identifica um elevado índice de satisfação dos usuários em relação às unidades habitacionais” (MORAIS PEREIRA; PALERMO, 2015, p. 217).

¹⁹ Sobre essa dicotomia [satisfação dos usuários/qualidade insuficiente das UHs], Moraes Pereira e Palermo (2015, p. 10) escrevem que é “preciso que decorra certo tempo até que a experiência habitacional, agora em condição estável, permita certo afastamento e autorize o morador a de fato identificar problemas e virtudes da moradia, malefícios e benefícios das soluções”. Para Monteiro e Miron (2017, p. 93, grifo nosso), “a análise da satisfação em conjunto com [os motivos mais representativos para] **a permanência** podem auxiliar na compreensão das características que efetivamente geram benefícios na habitação de interesse social.” Note-se que a nova moradia, mesmo imperfeita, pode significar enorme avanço e alívio em relação às condições da moradia anterior, daí sua avaliação positiva.

²⁰ Com variações, as APO abrangem análises sobre todos os fatores que contribuem para a qualidade da habitação, tanto espaços internos como externos, localização e inserção urbana, equipamentos urbanos de uso coletivo disponíveis e adequação às necessidades dos usuários. Aplicando métodos quantitativos e qualitativos, incorporam a percepção dos moradores e dos diversos atores envolvidos na produção do espaço às análises técnicas, com vistas à formação de base de dados lastreada empiricamente, direcionada a diagnósticos e recomendações.

ambiente, procedência etc., pontuados por fotos dos ambientes internos em comentários, que não chegam a formar o conjunto visual de cada espaço pesquisado.

A complicada permissão para entrar nos domicílios, enfrentando rejeições de muitos moradores que se sentem desconfortáveis em revelar intimidades, certamente é um dos fatores que limitam esse tipo de pesquisa, mas, segundo Leite (2000), essas “imagens ausentes” não são novidade:

Se a curiosidade nos interrogar sobre o interior do espaço doméstico de grupos sociais desfavorecidos e de menor visibilidade social, a primeira surpresa é a inexistência de representação desses interiores, nomeadamente em termos iconográficos, ausência denunciada por diferentes autores. [...] Trata-se de uma ausência sincrônica, isto é, confirmada por estudos em diferentes zonas e países, mas ela é igualmente diacrônica, pois desde o séc. XIX, apenas encontramos breves referências nos relatos filantrópicos que se ocuparam da denúncia das formas degradadas das habitações operárias. [...] Estes inventários permitem-nos medir o grau de presença dos objetos nas habitações, embora pouco se saiba sobre as práticas espaciais concretas que traduziam o tipo de uso dos objetos na sua relação com o espaço da habitação. (LEITE, 2000, p. 205, 206).

Ainda sobre a histórica escassez de informações a respeito do interior da casa operária, Flávia Brito do Nascimento (2021) diz:

[...] um segundo aspecto então dessa vida cotidiana e doméstica, é na própria **conformação do espaço interior**. Aí, como fala a Michelle Perrot, ‘o quarto operário é muito enigmático’, ela fala isso naquele livro História dos Quartos [...] mostrando a dificuldade que a gente tem de compreender os usos dos quartos operários, porque estão sempre com fontes muito indiretas. No caso brasileiro pouquíssimas fontes indiretas que a gente tem, quer dizer, a gente não tem fontes, tem relatos de pesquisadores, de assistentes sociais, que entraram nesses quartos, entraram na casa, e conseguiram mostrar pra gente (informação verbal²¹).

²¹ Flávia Brito do Nascimento (2021), em sua palestra “A casa no conjunto: políticas habitacionais e domesticidades modernas no Brasil, anos 1930-1960”, aos 01:10’:27”. In: Seminário Internacional História da Habitação Social na América Latina. Mesa 8: Agenciamentos estatais e modos de morar dos trabalhadores, em 14/10/2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HH7P26Vvgz0>>. Acesso em 29/05/2022.

Das contribuições bibliográficas importantes para esta pesquisa, as que mais foram saudadas, pelas perspectivas de diálogo direto, são as que apresentaram, de maneira mais que apenas pontual ou ilustrativa, **móveis em uso localizados em plantas de habitação popular**. E elas apareceram em artigo analisando arranjo de mobiliário em HIS pela ótica da ergonomia em Souza (2012); no doutorado de Pereira (2015) e mestrado de Damé (2008) avaliando funcionalidade e qualidade dimensional da habitação a partir das atividades domésticas; nos mestrado e doutorado de Folz (2002, 2008), que, além da contribuição para o panorama da habitação mínima e da produção e inserção do mobiliário na habitação popular, apresentam exemplos de moradias e seu mobiliamento, citando, entre outros, Brosig (1983), cuja dissertação relacionada ao modo de habitar da população de baixa renda e a “equipagem de seus ambientes” é baseada na mesma pesquisa de campo utilizada por Pamplona (1981) em seu estudo sobre o modo de habitar e os padrões proletários de consumo de bens industrializados. Ambos se basearam em pesquisa realizada por eles, Ermínia Maricato e alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) em setembro de 1975, denominada "A Casa Popular – Mobiliário e Equipamentos Domésticos", na qual 220 domicílios provenientes de autoconstrução localizados no município de Osasco-SP foram objeto de levantamentos através de questionários, **croquis de plantas com a distribuição do mobiliário** e equipamentos domésticos, além de documentação fotográfica (PAMPLONA, 1981, p. 63). Brosig (1983) acrescentou exemplos de HIS ao seu estudo, a partir de levantamento feito pela Cohab em 1979, em conjunto habitacional de Carapicuíba-SP.

A pesquisa citada, “A Casa Popular ...”, foi uma atividade que teve continuidade entre 1974 e 1997, com alunos da disciplina de Introdução ao Desenho Industrial da FAUUSP, dirigida pelos professores Ermínia

Maricato, Telmo Pamplona e Yvonne Mautner. Esses registros coletados ao longo de 22 anos²², “material de vasta multiplicidade informativa”, não foi sistematizado e preservado na totalidade mas foi objeto, além dos mestrados de Pamplona e Brosig, de reflexões críticas em três ensaios dos professores, reunidos em livro²³ (publicado no *website* de Maricato), cuja introdução afirma: “as reflexões aqui expostas dão a medida, ainda que pequena, do quanto pode ser surpreendente a incursão **nesse mundo tão ignorado**, tão controverso que é o interior da moradia popular paulistana” (MARICATO; PAMPLONA; MAUTNER, 1999, grifo nosso). Para os autores e para Brosig (1983, p. 5), a pesquisa empírica mostrou que os espaços funcionalistas das habitações projetadas para os conjuntos habitacionais não foram suficientes para os diferenciar dos arranjos domésticos observados em cortiços ou favelas, devido ao fato de compartilharem os mesmos padrões de consumo de móveis e eletrodomésticos e “também pelo **excesso de coisas e pessoas** no espaço insuficiente” (MARICATO; PAMPLONA; MAUTNER, 1999, p. 3, grifo nosso).

Brosig, Maricato, Mautner e Pamplona refletem sobre o espaço doméstico enquanto produto integrado à economia de mercado, sistema que “produz por produzir, cria necessidades onde não existem e o consumo pelo consumo” (MARICATO; PAMPLONA; MAUTNER, 1999, p. 20) – onde critérios de racionalização e funcionalidade seriam, portanto, inadequados para análise. Ou, conforme Milton Santos (2006), onde funcionalidades na verdade obedecem a lógicas, comandos e necessidades alheias.

²² Com exceção dos primeiros levantamentos realizados na periferia de Osasco, RMSP, todos os outros tiveram como objeto o município de São Paulo, onde foram pesquisados cortiços, favelas e, em menor número, conjuntos habitacionais (os Cingapura do Jaguaré e Cohab da Rodovia Raposo Tavares) (MARICATO; PAMPLONA; MAUTNER, 1999).

²³ O livro: **Cenários do Contraste – uma incursão no interior da habitação popular paulistana**. Os ensaios: “O interior da moradia popular”, de Ermínia Maricato; “Suburbano pós-industrial”, de Telmo Pamplona; “A precária modernidade da moradia popular na periferia do capitalismo”, de Yvonne Mautner.

Mais recentemente, pesquisadores como Flávia Brito Nascimento (2021), que abordam a questão de gênero e do papel da mulher, acrescentam entradas para a compreensão dos modos de morar e de suas materialidades:

Essa discussão sobre a domesticidade, sobre o papel feminino, foi pra mim uma fresta que me permitiu pensar as construções de sentido da arquitetura moderna brasileira e da habitação social, olhando **a construção de sentido para os moradores**, olhando para esses vínculos entre a produção estatal, as concepções de morar e a domesticidade [...] me pareceu importante me movimentar em direção aos sujeitos sociais e aos aspectos cotidianos das formas de morar, pra pensar novas interpretações pra essa produção habitacional, que já estava vastamente inventariada pelos três volumes do Pioneiros da Habitação Social (informação verbal²⁴).

Não é objetivo específico da presente pesquisa abordar questões de gênero, mas sim compartilhar a proposta da autora de “ir além das miradas panorâmicas” e superar “paradigmas de homogeneidade”. Nascimento (2021, *passim*, informação verbal²⁵) observa ainda que esse olhar para os sujeitos sociais entendidos não como passivos, mas como agentes, reconhece, claro, que a habitação produzida pelo Estado é um artefato de transformação, muitas vezes idealizada como moralizadora de hábitos e carregada de viés ideológico (a casa própria, a família estabilizadora do trabalhador produtivo e consumidor), mas salienta que o habitar é um ato cultural, que contesta ou aceita o que convém e que ganham-se coisas e perdem-se outras ao se submeter aos modelos oferecidos. Apesar das críticas possíveis, há positivities, em suma, em termos de progressos para os beneficiários.

²⁴ Flávia Brito Nascimento (2021). *In*: Seminário Internacional História da Habitação Social na América Latina, Mesa 08, 14/10/2021, aos 48'09". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HH7P26Vvgz0>. Acesso em 05/05/2022.

²⁵ Flávia Brito do Nascimento, *op. cit.*, *passim*.

Outra bibliografia importante para o presente estudo é a que aborda a indústria do mobiliário doméstico brasileiro. Além dos trabalhos de Folz, já citados, Arbore (2016) e Curcio (2009) o fazem a partir das intersecções com consumo popular e analisam criticamente o móvel inserido nos espaços internos das moradias, sem focar em HIS, no entanto. Arbore, através de observações em campo e Curcio, a partir de publicação especializada em móveis para a “nova classe C”²⁶ e sua interlocução com o público. Já Franco (2010, 2016) registra a evolução da produção em larga escala dos móveis residenciais seriados no Brasil, relacionada a grandes capitais e seus interesses mercadológicos que, “independentemente do local de produção, a grande maioria dos fabricantes [...] distribuem seus produtos por todo o país, não havendo diferenças regionais consideráveis em termos de usos dos mobiliários” (FRANCO, 2010, p. 17). Ao contrário do senso geral que critica a qualidade dessa produção, Franco descreve as melhorias tecnológicas como o uso de ferragens mais eficientes e dos painéis de madeira reconstituída que, ao serem adotados primeiramente na construção dos móveis populares, de menor valor, ficaram marcados por preconceitos como materiais “de segunda”, apesar da evolução do seu uso ter possibilitado a efetiva industrialização e produção em escala, capaz de atender a praticamente todas as faixas da população em suas necessidades de mobiliário residencial:

Assim, paradoxalmente, os móveis ditos populares, quase que totalmente privados de uma abordagem projetual e afastados das manifestações de vanguarda do design, eram processados dentro das técnicas mais avançadas disponíveis na época. Por consequência, eram esses novos processos que determinavam o aspecto formal do móvel [...] Neste sentido, os painéis de madeira reconstituída, embora com alguns percalços iniciais de suas respectivas produções, trouxeram

²⁶ A “nova classe C” ou “nova classe média” refere-se ao fenômeno da ascensão econômica, durante os dois primeiros governos Lula da Silva (2003-2011), de uma grande parcela da população brasileira oriunda das classes D e E, beneficiada por um período de transferências de renda via políticas públicas, aumento do acesso a crédito e pela consistente expansão do mercado formal de trabalho e aumento real do salário-mínimo. Tal contingente transformou-se em um atrativo mercado consumidor que os produtores de bens duráveis, culturais e de entretenimento, entre outros, trataram de abastecer.

uma importante contribuição em termos de padronização, melhoria da qualidade aparente e maior racionalidade no aproveitamento dos recursos. (FRANCO, 2010, p. 205).

Entre os problemas que envolvem esse móvel popular, foram citados nas pesquisas, resumidamente: a dependência tecnológica de maquinário importado para sua industrialização; o papel empobrecido do design na composição de um produto cujo principal objetivo é o seu valor de troca; o poder do setor varejista em direcionar a indústria a produtos do seu próprio interesse; a dissintonia dimensional entre o mobiliário seriado e o ambiente que o recebe, pois ambos partem de diferentes princípios e parâmetros. A dependência tecnológica, longe de mero detalhe, é determinante para o aspecto formal do móvel produzido e, neste caso, para a reduzida possibilidade de propostas de produtos calcados em necessidades e culturas locais. O papel da tecnologia, sabidamente, não é neutro, mas consequência, causa e manutenção das diferenças de poder entre as economias mundiais:

Utilizo uma interpretação simples de **democracia**, no sentido de possibilitar a participação dos dominados, para criar um espaço de autodeterminação. Isso significa criação do espaço para um projeto próprio, para um design próprio. [...] Faço minha adesão a um conceito substancial e menos formal de democracia no sentido de **redução de heteronomia**, entendida como subordinação a uma ordem imposta por agentes externos (BONSIEPE, 2011, p. 27, grifo nosso).

Quanto à qualidade das moradias, além das críticas referentes à manutenção do padrão de localização periférica e da falta de diversidade tipológica, os estudos no geral mencionam como problemática a combinação entre pelo menos três fatores que incidem sobre a organização do espaço doméstico: as dimensões insuficientes das habitações produzidas, sua tripartição espacial (dita “burguesa e ultrapassada”) em setores social-íntimo-serviços e as discrepâncias entre as medidas do mobiliário previsto em projeto e o efetivamente encontrável no mercado moveleiro.

Finalmente, a bibliografia que trata dos parâmetros que envolvem habitação mínima, mobiliário, espacialização das atividades domésticas, assim como a que aborda recomendações para superar problemas – estrutura modular comum, flexibilidade do espaço arquitetônico e/ou do mobiliário – será apresentada conjuntamente às discussões sobre o trabalho de campo.

3. O CENTRO TEÓRICO

[...] lembremos que só a arte lida com o todo da realidade e a ciência só pode esperar compreender suas dimensões subjacentes.
(HILLIER; HANSON; PEONIS, 1984, p. 62)

O filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (2000, pp. 6-12, grifo nosso, tradução nossa) escreve que o centro teórico é constitutivo do ato de conhecimento e que sem ele não haveria mais que “verificações isoladas dos fatos”, mas que este não deve instalar-se e cristalizar-se no centro do processo, impedindo assim a entrada do “real”. Alertando para o “fetichismo do saber” e as “lógicas parciais que abusam do rigor formal, apresentando-o como evidência”, o autor proclama: “**o reinado do centro teórico bloqueia o pensamento**, a busca, a exploração do real e do possível”. Se todo conhecimento toma forma e se formula ligando-se a uma práxis, a introdução do objeto e seu conteúdo ao centro teórico impedem para sempre a certeza perfeita, subordinada agora à **diferença** entre a abstração lógica e o concreto. Certeza esta que nunca será alcançada por completo, mas será “um encadeamento que ainda possui os caracteres formais da lógica e que já possui as características conflitantes e dramáticas do movimento: a lógica dialética²⁷.”

O geógrafo Milton Santos (2000, grifo nosso) expressa posições parecidas:

A totalidade não pode ser tratada de forma nua, ou cega. Ela tem que encontrar a sua **manifestação empírica**, e é por isso que não se separa o fenomenológico do ontológico. É a busca da não separação entre o que as coisas são e a forma como elas se dão ao olhar, que constitui o centro

²⁷ “A lei da lógica diz: ‘Nenhum pensamento ou realidade sem coerência’. A dialética proclama: ‘Não há nem pensamento nem realidade sem contradições’.” (LEFEBVRE, 2007, p. 12, tradução nossa).

mesmo da preocupação, digamos, [...] da produção das ideias sobre a realidade. De maneira que a discussão se é estrutural ou deixa de ser estruturalista, é uma discussão, me permitam dizer, boba. Porque não conduz a parte nenhuma [...] apontar aqui e ali funcionalistas, estruturalistas, em vez de a partir da realidade, encontrar estrutura e processo, função e forma. Porque sem a visão do funcional, não veem como a totalidade se dá nos lugares (informação verbal ²⁸).

A **manifestação empírica** de que trata a presente pesquisa são os arranjos domésticos de mobiliário e equipamentos engendrados por moradores de HIS e, incluindo seus pontos de vista, as relações desses arranjos com o espaço arquitetônico que os abriga. Muitas e interdisciplinares são as abordagens teóricas das quais a arquitetura tem se utilizado para enfrentar o entendimento desse seu principal assunto – o espaço construído²⁹ e seus componentes delimitadores e componentes delimitados; suas apropriações pelo uso e, impregnado de identidades e significados, sua transformação em lugares; suas condicionantes econômicas e expressão da técnica³⁰. Descrevem-se a seguir os caminhos percorridos pela pesquisa para

²⁸ Milton Santos (2000). *In: Debate com Milton Santos – o Papel Ativo da Geografia: um manifesto*. Seminário. São Paulo: FFLCH-USP em 04/10/2000. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xpM6M08rI3E>>. Acesso em 12/06/2022. Aos 01:26:17.

²⁹ Além do espaço construído, Frederico de Holanda (2007, p. 116-117, grifo do autor) acrescenta a **paisagem natural** ao escopo da Arquitetura, em um artigo no qual discute o “fortalecimento da arquitetura como disciplina”: “Adotamos um conceito de arquitetura que evita reduções encontradas na literatura. [...] 1) todos os edifícios são arquitetura, não apenas os que revelam certa ‘intenção’ (contradizendo Lúcio Costa); 2) o espaço produzido por meio de um saber implícito, inconsciente popular, é tão legitimamente arquitetura quanto o produzido pelo saber explícito e reflexivo (contradizendo Bill Hillier); 3) o espaço externo de ruas e praças é arquitetura, não apenas o espaço interno das edificações (contradizendo Evaldo Coutinho); 4) finalmente, a paisagem virgem, natural, intocada pelo homem, tem uma *configuração formal-espacial* [...] passível de análise e avaliação enquanto arquitetura, tanto quanto o espaço artefactual de edifícios e cidades (contradizendo a vasta literatura onde ‘arquitetura’ é considerada apenas como lugar construído pelo homem).”

³⁰ Ver França (2008), que no Cap. 1 de sua tese de doutorado descreve os “caminhos da teoria em arquitetura” que abordam espaço doméstico. A autora direciona os “caminhos” para a Sintaxe Espacial, utilizada por fim em sua pesquisa, mas apresenta amplo panorama teórico [sem incluir Milton Santos]. Ver artigo de Aguiar (2006), que faz uma revisão de literatura das teorias elaboradas desde o final do século XIX sobre o tema da “dimensão espacial da arquitetura” e “o modo como a espacialidade opera na arquitetura”, a partir dos conceitos de espaço (geometria) e movimento (topologia).

a definição dos conceitos adequados ao objeto em estudo, iniciando pelas abordagens mais gerais, seguindo para sua delimitação no escopo da disciplina arquitetura, até o ambiente doméstico.

O conceito de “paisagem” de Milton Santos (2006, passim) tornou-se o ponto de partida deste estudo: paisagem é um dado técnico, sistema material fixo, mas “transtemporal, juntando objetos passados e presentes” numa construção transversal. Dentro do famoso enunciado do autor, que o espaço seja definido como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações”, **o sistema de objetos é a “paisagem”** – um fragmento da configuração territorial total, aquilo que “é possível abarcar com a visão”, mas é a representação de uma totalidade **crystalizada** no exato momento anterior ao nosso contato com ela. O “objeto é, primeiro, um dado, cujo exame permite depois a construção intelectual de sua realidade”, quando acrescido do seu conteúdo social, que lhe atribui dinamismo e funcionalidade. Já o espaço, para o autor, é o sistema de objetos “mais a vida” que o anima, é um dado social, um sistema de valores, uma construção horizontal, é o presente, a sociedade humana “realizando-se”³¹. Mas “nós não percebemos o espaço. Aquilo que se dá ao nosso sensorio é a paisagem, não o espaço”, diz Milton Santos (1995) em palestra a estudantes arquitetos, na FAUUSP, na qual desaconselha “desencorajamentos diante das possibilidades de atingir mudanças a partir dos objetos” – ou a partir do projeto de objetos, no caso dos ouvintes na plateia, pois caberia aos projetistas descobrir “como algo que parece destinado a nos acantonar no reino da Necessidade, pode permitir-nos enfrentar e alcançar o reino da Liberdade”:

³¹ “Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.” (SANTOS, 2006, p. 33).

Então a paisagem, aquilo que eu tenho diante de mim, é um a priori do que eu parto para conhecer. E eu imagino que **também para agir**, na medida em que os objetos, desde que nós os construímos, eles têm algum comando sobre a vida subsequente [...] passam a ter um papel na maneira como nós vamos continuar a viver sobre eles (informação verbal³²).

Por fim, lembrando que para os geógrafos os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural (os objetos naturais) e todo resultado da ação humana que se objetivou (os objetos culturais, incluindo aí as leis e os costumes), numa extensão contínua e em sistema, o autor alerta que conceitos elaborados em uma disciplina necessitam de adequação para se tornarem operacionais em outra – por mais vizinhas que se encontrem as disciplinas, há o risco desses conceitos serem apenas metáforas quando fora de lugar, "*flashes* isolados [...] que não permitem teorizações" (SANTOS, 2006, p. 46, 56, grifo do autor).

A procura por conceitos analíticos internos à nossa disciplina envolve, portanto, a definição do “em que” arquiteturas como um edifício ou uma praça, por exemplo, diferem dos outros objetos sociais, que, como eles, são materialidades, têm funções, são estilisticamente frutos de uma cultura.

Para Hillier, Hanson e Peponis (1984, p. 62, grifo nosso, tradução nossa), o principal diferencial dos edifícios (um objeto-arquitetura) em relação a outros artefatos, é que se destinam à **organização do espaço**³³ e essa organização se dá necessariamente através de **configurações espaciais**, ou seja, é

³² Milton Santos (1995). *In*: Da paisagem ao espaço. Palestra no Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo. São Paulo: FAU USP, 04/10/1995. Aos 00:16:20. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juUkCzFTO5U> acesso em 05/10/2020

³³ “Being a physical and a stylistic object the building shares with most other artefacts. It is the **organization of space** that make the building unique. It is the distinguishing mark of space that sets the work of architecture apart from other artefacts, and it does so in a very important way.” (grifo nosso).

"como as coisas são postas juntas"³⁴ que importa (HILLIER, 2007, p. 1, tradução nossa) – e, em relação às funções sociais para as quais essas arquiteturas se destinam, suas configurações³⁵ contam mais do que suas formas individuais que, a rigor, possuem tipos bastante parecidos e universais.

Para Hillier, Hanson e Peponis (1984, p. 62, tradução nossa), forma física e significado social não são separáveis em Arquitetura, já que todo espaço humano é criado e organizado para propósitos sociais. Assim como para Malard et al. (2002, p. 12, grifo dos autores), os “espaços arquitetônicos são sempre lugares significativos, porque são as espacializações da *práxis* social e, assim sendo, eles revelam muitas pistas sobre comportamentos e sobre relações sociais”.

Segundo Aguiar (2006, p. 74-75, grifos nossos), objetos arquitetônicos são “artefatos espaciais dotados de valores simbólicos e de utilização vindos do modo de fruição no espaço”. E as teorias que abordam os conceitos de “espaço e espacialidade” o fazem a partir do modo como se estabelece a relação do **corpo em movimento** e o arranjo do espaço deixado livre entre os objetos, o “vazio” que é o domínio espacial próprio do corpo na realização de suas atividades.

³⁴ “Configuration means, put simply, relations taking into account other relations. The techniques of ‘configurational analysis’ – of which the various ‘space syntax’ techniques are exemplars – that have been built from this idea have made it possible to bring the elusive ‘pattern aspect’ of things in architecture and urban design into the light of day, and to give quantitative expression to the age-old idea that it is ‘**how things are put together**’ that matters.” (Grifo nosso).

³⁵ Bill Hillier e Julienne Hanson estabeleceram em 1984 os principais aspectos da Teoria da Sintaxe Espacial, que busca desvendar a natureza física e relacional do espaço enquanto estrutura (onde cada elemento está ligado a todos os outros em uma rede, afeta e é afetado por eles), trazendo o conceito de “configuração” para o centro das atenções. Com técnicas precisas para identificar os modos como padrões espaciais estabelecem barreiras e permeabilidades ao movimento, transparências e opacidades à visão, cheios e vazios, a Sintaxe Espacial mede, através de grafos, a integração, a visibilidade e padrões de movimento que revelam a ordem social (e funcional) de uma estrutura espacial, quando hierarquiza acessos, interdita partes do espaço para alguns, franqueia para outros, afasta ou aproxima, permite ou não a apreensão do espaço como um todo, confina ou “leva” para o encontro. As ferramentas da Teoria são, no entanto, inadequadas para a presente pesquisa, porque têm como foco a circulação e copresença humanas relacionadas às características geométricas e estruturais (morfologia) do espaço. [Ver Hillier, Hanson e Peponis (1984); Holanda (2007); Netto (2013)].

Ambiente doméstico nesta pesquisa pressupõe, portanto, **um espaço habitado**, cuja configuração espacial, ou arranjo físico-espacial, ou espacialização (dentre alguns termos utilizados pelos arquitetos³⁶), será resultado da ação dos moradores sobre a base material disponível do seu tempo e de sua história, expressão de sua cultura e do seu papel social dentro dela. Mas a observação e análise serão feitas sobre a “paisagem” doméstica, ou seu sistema de objetos (SANTOS, 2006) em seus aspectos organizacionais, paisagem esta cristalizada (repetindo) no exato momento anterior ao levantamento em campo.

O sistema dos objetos funcionais [...] compreende duas estruturas: **a estrutura do arranjo** e a estrutura da ambiência³⁷. A estrutura do arranjo está relacionada com a **disposição e combinação dos objetos** de forma a se obter um conjunto funcional capaz de comunicar valores sociais. A disposição espacial dos edifícios no território urbano, por exemplo, bem como a disposição de móveis num escritório, obedece a certas regras que possam garantir o funcionamento desses arranjos e ao mesmo tempo comunicar os valores da cultura que os gerou. (MALARD, 2001, p. 359, grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que é possível que num mesmo grupo social haja atividades que se espacializem da mesma maneira entre indivíduos diferentes, ou seja, que haja um padrão, “uma *forma* específica [onde] os elementos estão ordenados e os lugares estão *diferenciados* para atender ao modo de ser, no espaço, daquela atividade” (MALARD et al., 2002, p. 29, grifo dos autores), Milton Santos (2006, p. 81) vincula

³⁶ Para Pereira e Palermo (2015, p. 220-221), o “ambiente” é “o meio que oferece condições materiais, culturais, sociais e éticas” para a vida humana e o “arranjo espacial” é um dos seus aspectos físicos (juntamente com qualidade lumínica, sonora e térmica). Para Malard et al. (2002, p. 248, grifo dos autores), “A *espacialização* refere-se [...] ao modo de ser, no espaço, de um fato social. É a forma físico-espacial de um acontecimento.” Para Aguiar (2006, p. 78), “a noção contemporânea de configuração espacial como algo decorrente de um arranjo de objetos [se dá] a partir da constatação de que o limite de cada objeto seria, de modo estrito, também o limite do corpo de ar que o cerca”, configurando o espaço possível para o corpo humano em ação.

³⁷ “Além da estrutura do arranjo, o sistema dos objetos funcionais possui a estrutura da **ambiência**, que é o meio pelo qual cores, materiais, forma e textura são combinados no ambiente construído, em suporte aos arranjos. Para Baudrillard, enquanto a estrutura dos arranjos revela aspectos organizacionais, de hierarquia e de poder, a estrutura da ambiência revela aspectos do chamado ‘estilo de vida’.” (MALARD, 2001, p. 360, grifo nosso). A estrutura da ambiência não será tratada nesta pesquisa, embora o mapa **7. Aparência dos materiais dos objetos** tenha, por outras razões, coletado dados nesse sentido.

especialização com particularização: “O movimento da totalidade para existir objetivamente é um movimento dirigido à sua especialização, que é também particularização. [...] É esse o próprio princípio da diferenciação entre lugares, produzindo combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular” – no sentido de que nem todas as “possibilidades” do todo se tornam realidade pela ação humana, que depende de “condições” e “circunstâncias”. Ou seja, cada paisagem doméstica terá sua forma diferente, única, ao mesmo tempo que compartilhadas as características gerais da estrutura de produção de HIS e de consumo de bens industrializados e mobiliário popular no país. Malard (2001b, p. 9) escreve que “a casa, fenomenologicamente compreendida, é [...] uma totalidade de equipamento para morar”, cuja essência enquanto objeto é sua adequação ao morar, sua “habitabilidade”, que só pode ser capturada por quem mora nela:

Somente agindo com as coisas é que conseguimos compreender as suas características essenciais. Assim, colocando a questão “*somente quem mora pode capturar a habitabilidade da casa?*” a resposta é sim. (MALARD, 2001b, p. 11, grifo da autora).

Decorrencia dos dois últimos conceitos – da particularidade de cada paisagem doméstica e do protagonismo do morador enquanto entendedor da habitabilidade de sua moradia – embora as funções do morar possam ser agrupadas em minuciosos conjuntos de atividades e subatividades, listando-se móveis, equipamentos e cômodos considerados adequados para atendê-las, não se estabelecerá a priori “matrizes de funções domésticas³⁸” a serem procuradas nos ambientes pesquisados, mas a estratégia será registrar e entender (com a mediação dos moradores) os modelos que se apresentarem.

³⁸ Em sua tese de doutorado, Gabriela M. Pereira (2015, p. 55), após compilação de vários autores consultados, elabora o que denominou de “Matriz da Função Morar”, na qual adotou “o agrupamento de dez funções, atendidas por 16 atividades, decompostas em 56 subatividades. A partir desse agrupamento pode-se

4. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Como adiantado na Introdução, trata-se aqui de **pesquisa qualitativa**, com **abordagem etnográfica em campo** e tratamento dos dados através de **cartografia especialmente desenvolvida**. A opção por pesquisa qualitativa é caminho frequente nas ciências sociais em seus estudos cujos objetos por vezes não podem ser quantificados: a “pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2004, p. 28).

Comentando sobre o fato de que nosso campo de estudo envolve pessoas, que, como todos, são “capazes de alterar a sua conduta na presença do observador [...] sujeitos ativos [...] dotados de intencionalidade e que pensam a si mesmos”, Alonso, Lima e Almeida (2016, p. 8-9) escrevem que os métodos qualitativos aceitam “os limites das técnicas que utilizam e a impossibilidade do conhecimento certo ou verdadeiro.” Os autores se dirigem a sociólogos e seus objetos de pesquisa, mas esses são pressupostos com que o presente estudo também lidará enquanto campo das ciências sociais aplicadas, pois incluirá no mapeamento dos arranjos domésticos pesquisados a visão dos moradores quanto ao resultado da organização do seu espaço. Quanto à impossibilidade da “certeza perfeita”, Lefebvre (2000, p. 4) a considera inevitável e inerente ao ato de produção do conhecimento³⁹, seja qual for a natureza da pesquisa.

identificar o conjunto de mobiliário/equipamentos necessário e o cômodo indicado.” Pedro (1999, p. 12) lista 17 funções, 29 atividades em “sistema”, decompostas em 71 atividades. Lemos (1976, p. 14-16) descreve 15 funções enquanto “esquema funcional de uma moradia normal”, algumas não tão frequentes atualmente, como passar roupas a ferro e costura de roupas.

³⁹ Cf. Capítulo 3. O CENTRO TEÓRICO

4.1 A abordagem etnográfica

A abordagem etnográfica em campo atendeu a pelo menos dois objetivos: primeiro, direcionar o olhar através do protagonismo do morador, o especialista na avaliação da habitabilidade da sua moradia (MALARD, 2001, p. 11) e, segundo, liberar a pesquisa de protocolos rígidos (teóricos ou operacionais) em campo, diminuindo riscos que pudessem encobrir a entrada “do real” (LEFEBVRE, 2000, p. 10) referente às “paisagens” (SANTOS, 2006, p. 67) domésticas em estudo. O antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2002, p. 17), em artigo no qual explora as possibilidades do método de trabalho etnográfico “para a compreensão do fenômeno urbano”⁴⁰, define-o mais como “um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”, podendo servir-se de várias técnicas, “conforme as circunstâncias de cada pesquisa”. Denominando sua abordagem como “de perto e de dentro”, Magnani sugere que o fio condutor do olhar não seja a estrutura teórica a priori do próprio pesquisador, mas que este se permita ser afetado pelo campo e os atores sociais, de onde surgirão as categorias e análises apropriadas que façam sentido tanto para os atores como para o pesquisador:

[...] trata-se de uma totalidade **empiricamente definida**, mas que, capaz de ter os elementos que [a] estruturam reconhecíveis como padrões, pode ser descrita, formalizada, constituindo um modelo mais geral. Aponta para uma lógica que transcende o contexto original, com poder descritivo e explicativo (MAGNANI, 2002, p. 25, grifo nosso).

⁴⁰ Magnani (2002, p. 11-27, grifo nosso), citando Lévi-Strauss, define a etnografia como uma etapa da pesquisa antropológica, vinculando-a especificamente ao **trabalho de campo**, e continua: “[...] não há necessidade de muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia a questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade, em particular: desde as primeiras incursões a campo, a antropologia vem desenvolvendo e colocando em prática uma série de estratégias, conceitos e modelos que, não obstante as inúmeras revisões, críticas e releituras [...] constituem um repertório capaz de inspirar e fundamentar abordagens sobre novos objetos e questões atuais.”

Esse estado de atenção e disposição para, em campo, observar e se deixar impressionar pelo outro, levar a sério aquilo que lhe faz sentido, não é exclusividade do método etnográfico, no entanto. Há pontos de encontro com os fundamentos da *Grounded Theory*, ou Teoria Fundamentada nos Dados, onde a “circularidade” é um aspecto central da abordagem. A estrutura teórica não é “aplicada” ao assunto em estudo, mas “descoberta” a partir dos dados empíricos, sua interpretação e nova coleta em campo, rompendo com “o modelo linear geral de pesquisa (teoria, hipótese, operacionalização, amostragem, coleta de dados, interpretação de dados, validação)” (FLICK, 2004, p. 58-59).

Em outra aproximação, esta filiando-se ao método fenomenológico, que seria “antes de tudo, um protesto contra o reducionismo” – e procurando analisar o fenômeno “holisticamente, emancipando-o de crenças cristalizadas ou teorias que perpetuam os preconceitos e prejulgamentos” – Malard et al. (2002, pp. 243-245) propõem abordagem semelhante para o que denominam “Leituras Espaciais”. Visando o conhecimento das espacializações habitacionais por meio de observações diretas – sem a elaboração prévia de questionários, considerados ineficientes pelos autores quando se trata de estudar comportamento espacial – sugerem técnicas ecléticas de registro de informação, em “procedimentos que se desenvolvem por tentativa e eliminação do erro através da crítica” e correções de rumo.

Simplificando, a ideia que permeia as três estratégias citadas é a de que quanto menos pré-conceitos forem levados para o campo, mais aberto estará o olhar do pesquisador e mais flexibilidade terá para adaptar a pesquisa às particularidades dos atores sociais no espaço.

Para Mattos (2011, p. 50) “a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré-determinados”, que muitas vezes têm que ser formulados ou recriados “para atender à realidade do trabalho de campo.”

É preciso deixar claro, no entanto, que a presente pesquisa não resultará em um estudo etnográfico propriamente dito, mesmo porque a observação de cada ambiente doméstico pesquisado não se fez durante longos períodos, como preconizam os manuais. Apenas fará uso de **abordagem etnográfica nas estratégias de coletas de dados**, os quais serão posteriormente organizados em cartografias.

4.2 A cartografia, uma aproximação teórica

Segundo Artur Simões Rozestraten (2016, informação verbal⁴¹), representar é presentificar, trazer algo ausente, mas que, quando livre de suas relações, pode se dar como pura apresentação. Embora a representação seja sempre redutora, não quer dizer que não acrescente ou apresente novidades para a compreensão do fenômeno representado, podendo ter uma dimensão amplificadora.

“Aqueles que descobrem uma explicação⁴² são frequentemente aqueles que constroem sua representação”, escreve Tufte (2005, p. 9, tradução nossa), já que o ato de organizar informação pode tornar-se um ato de discernimento, necessário para a construção de conhecimento científico.

A escolha da cartografia como principal forma de descrição das espacialidades pesquisadas, além da sua aproximação com o desenho, uma das expressões fundamentais da prática arquitetônica, tem duplo papel.

⁴¹ Artur Simões Rozestraten, em aula da disciplina AUT5836 - Representações: Imaginário e Tecnologia. São Paulo, FAUUSP, 2016.

⁴² “A diferença entre descrever e explicar não é simples”, admite Flávio Villaça (2011, p. 40-53), para quem trata-se de articular o processo social em estudo aos aspectos econômicos, políticos e ideológicos da sociedade e, no caso das cidades brasileiras, às especificidades da desigualdade econômica e de poder político e sua dimensão espacial – a segregação. “Ao comandar a produção do espaço urbano, a classe dominante comanda não só a sua produção material e direta, seu valor e seu preço (comandando o mercado imobiliário). Comanda também as ações do Estado sobre esse espaço (legislação urbanística, localização dos aparelhos de Estado, produção do sistema de transportes etc.) e ainda a produção das ideias dominantes a respeito dele. Tudo isso na verdade é o que especifica o espaço urbano” [incluindo o espaço doméstico, acrescente-se].

É um meio para sistematização e análise dos dados, mas é também fim – expressão gráfica destinada à comunicação desses dados, suas relações internas e externas, dimensões, proporções, importâncias, superposições de qualidades no mesmo objeto, na busca por recorrências, lacunas, reconhecimento de conflitos e/ou adequações, suas causas e implicações.

A cartografia, segundo o *website* da *International Cartographic Association* (ICA), é a “disciplina que trata da arte, ciência e tecnologia de fazer e usar⁴³ mapas”, os quais são representações simbolizadas da realidade geográfica, devendo ser projetados e usados “**quando as relações espaciais são de relevância primordial**”. A partir do “esforço criativo” do seu autor, escolhas serão feitas e características selecionadas para a representação (grifo nosso, tradução nossa)⁴⁴.

Matias (1996, p. 80, grifo nosso) aponta também a possibilidade da cartografia enquanto “disciplina técnica voltada para a espacialização dos fenômenos **não necessariamente geográficos**”, cujos mapas, portanto, podem ser instrumentos de acesso a outros tipos de estudos. Não é o caso da presente pesquisa, mas as ciências sociais têm feito uso, por exemplo, de cartografias destinadas não a mapeamento físico de localizações e posições, mas a identificação de relações de poder e seus fluxos, mecanismos de produção de subjetividade, práticas de resistência e de liberdade – redes cuja complexidade, multiplicidade e mobilidade operariam à maneira rizomática⁴⁵, demandando diagramas variáveis, com múltiplas entradas e/ou saídas tanto em sua construção como em sua apreensão, gerando cartografias

⁴³ Ao mencionar “usar” mapas, a ICA acrescenta a preocupação com o usuário final ao qual o mapa se destina, visão moderna introduzida a partir de meados da década de 1960.

⁴⁴ Disponível em < <https://icaci.org/mission/>>. Acesso em 04/07/2022.

⁴⁵ Sobre cartografia como método rizomático, ver a Introdução do texto “Mil platôs” de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de 1980.

estratégicas que recusam e subvertem a imagem de “racionalidade verticalizada e hierarquizada” das “grandes máquinas sociais do Estado, do Capital, da Ciência, das Instituições, da Linguagem” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 53). Mapeamentos ditos “participativos” e auto mapeamentos engendrados por comunidades interessadas em defesa de territórios e patrimônio cultural também introduzem novas formas cartográficas, podendo “incluir dados da história, cultura, tecnologia e informar e redefinir ideias sobre o território e a sua relação entre os grupamentos humanos” (VIANNA JR et al., 2012, p. 14).

É bom lembrar ainda que existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados, o que coloca a necessidade de uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto a ser analisado, indicando que dessa perspectiva método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como **estratégia flexível de análise crítica**. (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 46, grifo nosso).

Classificados como pertencentes ao domínio da comunicação visual, destinados ao registro, análise e transmissão de informação, os mapas são reconhecidamente uma construção social⁴⁶ de quem os elabora e de quem os interpreta. Da discussão sobre sua eficiência como elemento transmissor de informação, os esforços são para se estabelecer regras que excluam ambiguidades, que não permitam outra interpretação além daquela graficamente comunicada:

Na representação gráfica, por definição, os elementos já são previamente conhecidos e admitidos como tais, cabe à representação encarregar-se das relações existentes entre esses elementos. O

⁴⁶ Como “construção social” entende-se que as escolhas que são feitas pelo cartógrafo (o tema, o centro do mapa, aspectos que privilegia ou omite etc.) e as próprias técnicas que utiliza se inserem, representam e constroem a visão de mundo da cultura do seu tempo. Convenções como o Norte “para cima”, por exemplo, naturalizam para os leitores de mapas posições arbitrariamente estabelecidas, que carregam significados implícitos de valor.

processo de significação, portanto, é monossêmico (fechado) e ocorre entre os significados. A função da representação gráfica é transcrever as relações de forma a manter as suas propriedades constitutivas. Por exemplo, no caso de duas áreas rurais em que uma é o dobro da outra, existe uma relação de tamanho que, se transcrita de outra forma (variável visual valor ao invés da variável visual tamanho, por exemplo), resulta numa percepção errônea da informação, tornando a imagem inútil. O que ocasiona dizer que a representação gráfica não é uma simples ilustração, mas sim uma forma precisa de comunicação gráfica. (MATIAS, 1996, p. 101).

Segundo Martinelli (2016, p. 2), a representação gráfica tem “supremacia sobre as demais, pois demanda mínimos instantes de percepção para a sua apreensão”, baseada que é na construção de imagem cujo escopo essencial “consiste em se transcrever as três relações fundamentais, de diversidade, de ordem e de proporcionalidade⁴⁷” por relações visuais de mesma natureza, com acurácia e simplificação.

Além disso, Boaventura de Souza Santos (1988, p. 142-146) salienta que, apesar de todo mapa inevitavelmente distorcer a realidade que descreve, isso “não significa automaticamente distorção da verdade, se os mecanismos de distorção [...] forem conhecidos e puderem ser controlados”. Seus três mecanismos principais de distorção da realidade – a escala, a projeção e a simbolização – permitem escolhas que se adaptem às necessidades tanto de descrição como de análise pretendidas. A escala influencia a quantidade de detalhe mostrado e determina se um dado símbolo é ou não visualmente eficaz, por exemplo. Se desejamos um “mapa-imagem”, que privilegia a representação, optamos por mais detalhes. Se, ao contrário, desejamos enfatizar uma orientação, optamos por um “mapa-instrumental” e menos detalhes.

Por fim, a procura por simplificação, acurácia e a desejável exclusão de ambiguidades **na comunicação** não devem ser confundidas com “exclusão das ambiguidades **do objeto** comunicado”, na qual “se

⁴⁷ Associar ou dissociar, ordenar e quantificar.

substituem as contradições com uma imagem não-conflituosa, uma representação sistematizada, em outros termos, uma coerência fictícia, purificada de contradições: um modelo” (LEFEBVRE, 2000, p. 18, grifo nosso, tradução nossa).

O detalhamento dos procedimentos decorrentes das escolhas metodológicas descritas acima será apresentado a seguir na **Parte II: Posso entrar?** que introduz o trabalho de campo e as cartografias.

PARTE II – POSSO ENTRAR?

5 os procedimentos em campo	observação participante entrevistas em áudio e vídeo registros fotográficos	5.1. posso entrar? a vídeo-entrevista	5.2. a seleção das moradias
6 os residenciais João Cândido e Viela da Paz	breve histórico contexto urbano projeto urbanístico arquitetônico	6.1. o João Cândido	6.2. o Viela da Paz 6.3. as UHs dimensões setorização
7 as cartografias propostas	as transcrições	7.1. a construção dos mapas	7.1.1. apresentando o morador em 3 mapas 7.1.2. apresentando a moradia em 8 mapas
8 os domicílios cartografados	origens e destinos dos moradores	8.1 a 8.8. os domicílios cartografados	

5. OS PROCEDIMENTOS EM CAMPO

Diante da necessidade de registrar o interior das moradias escolhidas, procuraram-se estratégias flexíveis de abordagem em campo – aprimoradas no decorrer da coleta de dados – sem protocolos rígidos que pudessem desestimular ou intimidar os moradores e, mais importante, estratégias que viabilizassem o seu protagonismo no direcionamento das observações. Em alguns casos houve mais de uma incursão à residência, quando algum potencial candidato a ser pesquisado era apresentado presencialmente por um amigo, mas no geral foram três procedimentos por habitação em visita única, com duração em torno de três horas:

- entrevista semiestruturada gravada em vídeo, onde o morador apresenta sua casa, à sua maneira, e discorre sobre a história e procedência dos seus móveis, suas motivações, dificuldades e satisfações quanto à moradia e ao resultado da sua organização doméstica;
- entrevista semiestruturada gravada em áudio, visando seu relato de moradas anteriores e a composição de residentes na UH;
- registros fotográficos do interior da moradia.

As entrevistas se desenvolveram mais como conversas⁴⁸, pode-se dizer, e as informações delas coletadas (apesar de serem declaratórias e não verificadas) permeiam o entendimento da pesquisa sobre cada paisagem doméstica observada, influenciando categorizações e diagnósticos.

⁴⁸ “A conversa é a ferramenta por excelência da pesquisa qualitativa, onde não se faz questionários, faz-se roteiros, pautados por grandes temas. Nesse roteiro geralmente começa-se pelo geral, em direção ao particular e a simplicidade da linguagem do pesquisador vem da anterior boa elaboração dos seus objetivos. Lembrar que o objetivo da qualitativa não é o mesmo da tese, mas é uma parte dela, sem a qual o doutorado não se efetiva.” (Vânia Bartalini, informação verbal, em aula da disciplina AUP5896 – Estudos e Pesquisa em Design e Arquitetura, FAUUSP, 2016).

O plano inicial de encontros posteriores às entrevistas para o **levantamento técnico das dimensões do mobiliário** mostrou-se de difícil implementação, embora tenha sido feito no primeiro apartamento visitado e parcialmente no seguinte. Além de ser tarefa muito demorada quando exercida por somente um pesquisador, com potencial para incomodar a rotina doméstica, aparentemente o genuíno interesse inicial do morador se esvai quando ele não mais participa como objeto principal da ação. O agendamento de novas visitas começa a ser por ele protelado e a insistência, claro, não é procedimento recomendável. A solução adotada – igualmente demorada, mas que pôde ser feita com autonomia – foi desenvolver os desenhos técnicos a partir da observação dos **registros fotografados e filmados** do mobiliário em seus ambientes, utilizando-se como referência de escala a paginação dos revestimentos dos pisos e paredes. Cruzando informações, quando foi possível encontrar o mesmo modelo de móvel⁴⁹ ou equipamento em *websites* de vendas de empresas, foram obtidas suas medidas exatas, mas quando isso não foi possível, as dimensões usualmente utilizadas pelo mercado foram tomadas como base. Planejados inicialmente como registro principalmente do ponto de vista dos moradores, os vídeos adquiriram inesperada importância também como fornecedores de dados para a resolução dos desenhos necessários para as cartografias.

⁴⁹ Esse procedimento se mostrou eficaz somente se o móvel procurado fosse de aquisição recente, em torno de dois anos – confirmando a alta rotatividade de modelos no mercado, cf. Franco (2010, p.119). Equipamentos como geladeiras, fogões e máquinas de lavar, antigos, ainda puderam por vezes ser encontrados em *websites* de vendas de usados, com suas medidas.

5.1 “Posso entrar?” – a vídeo-entrevista

O principal registro em campo foi obtido pela vídeo-entrevista, cujo nome informal de trabalho será mantido neste texto – *Posso entrar?* – formato que surgiu de improviso, na primeira moradia pesquisada: para descontrair após breve conversa inicial, a pesquisadora sugeriu sair do apartamento, bater novamente na porta já com a câmera ligada, fingindo ser uma visita para quem a moradora mostraria seu novo apartamento. Assim foi feito com todos os demais entrevistados. O vídeo é rodado sem cortes, não tem duração predefinida (em torno de 30 minutos, com extremos de 06’:30” e 50’:18”) e a pequena e discreta filmadora digital⁵⁰ era logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite razoável tranquilidade quanto ao enquadramento, mesmo segurando-se a câmera quase sempre logo abaixo do rosto do operador, o que proporciona liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem da câmera por gerar imagens distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados. Apesar de diferenças naturais de temperamentos, nenhum dos entrevistados hesitou ou se recusou à encenação, que se desenrolava rapidamente com surpreendente naturalidade, evidenciando a apropriação anterior de uma linguagem já familiar, contemporânea: falar para uma câmera filmadora. A preparação para a filmagem era bastante simples, uma breve explicação deixando claro ser uma brincadeira: “eu vou sair novamente, você fecha a porta, eu bato, você abre, nós nos cumprimentamos e você mostra a casa pra mim, tudo bem? [risos]”. A filmagem registra não só o modo como o morador mostra sua casa⁵¹, os aspectos que destaca,

⁵⁰ Foi utilizada uma câmera digital de pequenas dimensões (6,0 X 4,0 X 3,0 cm), modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps, grande angular 170°.

⁵¹ O procedimento guarda similaridades com o instrumento de coleta de dados chamado de *Walkthrough*, ou “passeio acompanhado” de um informante/usuário.

informações sobre o mobiliário existente, impressões sobre a arquitetura da moradia, reformas que efetuou, mas também registra cantos, aspectos, detalhes que não eram o foco principal na hora da ação e que são “descobertos” durante a posterior transcrição [Fig. 3], enriquecendo a coleta de dados.

Fig. 3 – espelho e cosméticos à beira do tanque evidenciam o uso da lavanderia também para higiene pessoal – tema não mencionado durante a entrevista.
 Fonte: 9. Eduardo, 2019_entrevista vídeo [ver Apêndice].
 Foto da autora.



Durante as transcrições, é possível também identificar afirmações hesitantes por parte dos entrevistados, ou “dirigidas” inadvertidamente pela pesquisadora, por vezes atrapalhada com a sobreposição das ações de observadora-participante, fotógrafa documentarista e entrevistadora. Felizmente, desde que mantidas sem edição, as evidências oriundas de fontes visuais são incorruptíveis, possibilitando leituras e análises não mistificadas quando revistas, como no trecho de transcrição abaixo (informação verbal⁵²):

Ah é, tou vendo ... entendi. Porque a cozinha é pequena né...

⁵² In: 13. João, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice).

A cozinha é pequena ... [Atenção pesquisadora: induziu a resposta! Em conversa posterior, M dirá que **está satisfeita com a cozinha** do apartamento porque nas outras casas em que morou os espaços eram até menores].*

5.2 A seleção das moradias

A seleção das moradias a serem pesquisadas foi planejada para acontecer em dois conjuntos habitacionais – descritos no próximo capítulo – oriundos de programas habitacionais diferentes entre si. Concentrar as observações em poucas configurações arquitetônicas (três tipos, no caso) objetivou diminuir as variáveis que incidem sobre os resultados do espaço doméstico, facilitando o entendimento do papel do mobiliário e equipamentos e seus arranjos, comparando-os em plantas repetidas.

A escolha do Residencial João Cândido (JC) em Taboão da Serra, RMSP, se deu a partir da oportunidade por ocasião do anúncio da inauguração de sua primeira fase, o João Cândido A, em dezembro de 2014. Nos textos de divulgação e reportagens publicadas pela imprensa, os movimentos sociais celebravam o feito de terem construído, com o mesmo recurso federal – o MCMV Entidades – habitações maiores, melhores e mais rapidamente do que os empreendedores empresariais o faziam. Comparecendo ao evento, sua importância foi confirmada pela presença de dirigentes dos movimentos e muitas autoridades políticas e administrativas, municipais, estaduais e federais – sendo o então ex-presidente Lula a estrela principal. Um clima de euforia, emoção e camaradagem permeava a ala dos que esperavam a entrega da chave dos seus apartamentos após mais de dez anos de luta, muitos especialmente orgulhosos porque haviam trabalhado na obra. Após algumas horas de observações, foi possível identificar e contatar o síndico, que permitiu voltar a procurá-lo para a pesquisa, o que foi feito. Entre esse primeiro contato e a visita seguinte, a coleta de informações sobre o histórico do empreendimento, a autoria do projeto e o resultado formal das moradias sedimentou a impressão de sua relevância enquanto local de estudo.

Como explicado na *Introdução*, o volume de interessados em mostrar suas residências tornou-se bem menor após a animação do primeiro ano de ocupação do João Cândido, em 2015, de modo que nenhuma oportunidade foi desperdiçada, transformando a seleção em “por conveniência”, sem necessariamente refletir a composição geral dos habitantes do conjunto⁵³.

Moradores do segundo residencial, o Viela da Paz (VP), no município de São Paulo, foram apresentados à pesquisa através de um dos entrevistados no JC que havia morado na Viela, mas abriu mão do seu direito a uma UH do Programa de Urbanização de Favelas local porque conseguiu antes o apartamento pelo MCMV, resultado de sua participação numa ocupação organizada pelo MTST. A primeira visita se deu durante a votação do novo Conselho Gestor em abril de 2019, quando o ex-morador aproveitou para rever e apresentar lideranças locais e amigos. Até dezembro de 2019, última atividade realizada relativa à VP, algumas moradias foram pesquisadas, informações sobre a urbanização foram coletadas junto à Secretaria da Habitação de São Paulo e, através de convite do Trabalho Social da Prefeitura, participou-se como ouvinte de reuniões do Conselho Gestor. A partir de fevereiro do ano seguinte, a eclosão da pandemia de Covid 19 tornaria praticamente impossível o ato de entrar em casas de desconhecidos para pesquisa.

O fato do João Cândido e Viela da Paz serem produtos de programas habitacionais diferentes torna mais claro que o objetivo da pesquisa não trata de algum programa em si, mas de espaço doméstico em HIS.

⁵³ Não houve sucesso nas tentativas de se obter esses dados junto à então síndica do João Cândido B ou a dirigentes do MST-Taboão.

6. OS RESIDENCIAIS JOÃO CÂNDIDO E VIELA DA PAZ



*Ex-presidente Lula na inauguração do João Cândido
A em dezembro de 2014; ao fundo, vista do conjunto.
fonte: Instituto Lula, foto Ricardo Stuckert.*



*Ex-prefeito Bruno Covas na inauguração do Condomínio C
no Viela da Paz, em abril de 2018; à direita, vista do conjunto.
fonte: PMSP, foto SECOM.*

BREVE HISTÓRICO, CONTEXTO URBANO, PROJETO URBANÍSTICO ARQUITETÔNICO

Embora situados em municípios diferentes, os residenciais João Cândido e Viela da Paz são vizinhos no eixo sudoeste de expansão da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), distantes um do outro cerca de 7,5 km. O João Cândido se localiza no Jardim Salete, município de Taboão da Serra, próximo à Rodovia Régis Bittencourt (BR-116) e o Viela da Paz, em São Paulo, no Jardim Vazani, região do Butantã, muito mais perto do centro de Taboão do que o conjunto taboanense (Fig. 4 a 6). Ambos são empreendimentos destinados à Habitação de Interesse Social (HIS), mas, oriundos de processos de participação popular e políticas públicas distintas, resultaram na produção de moradias com características dessemelhantes, em parte – o João Cândido através do Programa Federal Minha Casa Minha Vida Entidades (MCMV-E) e o Viela da Paz a partir do Programa de Urbanização de Favelas da Prefeitura de São Paulo. Celebrados por seus promotores como emblemáticos, um pela capacidade dos movimentos sociais (entidades) em construir “apartamentos maiores e mais rápido”⁵⁴ do que a iniciativa privada, outro como cenário de “um dos maiores empreendimentos habitacionais do Programa Urbanização de Favelas”⁵⁵, ambos entregaram apenas parte das habitações previstas em seus projetos e até a presente data são processos em andamento.

⁵⁴ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradia-pelas-proprias-maos-2178/>, acesso em 19/03/2022.

⁵⁵ Fonte: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-entrega-unidades-do-conjunto-habitacional-viela-da-paz-no-butanta>, acesso em 19/03/2022.



Fig. 4 – Notas sobre imagem Google: 1. Condom. João Cândido, Taboão da Serra; 2. Viela da Paz, São Paulo; 3. Centro de Taboão.



Fig. 5 – Notas sobre imagem Google: 1. Conjuntos João Cândido A e B; 2. Futuro Conjunto Chico Mendes; 3. Rod. Régis Bittencourt.



Fig. 6 – Notas sobre imagem Google: 1. Urbanização Favela da Paz; 2. Cemitério da Paz; 3. Rod. R. Bittencourt; 4. Estr. do Campo Limpo; 5. Centro de Taboão da Serra.

Apesar da presença de movimentos populares junto aos órgãos públicos durante a efetivação dos dois empreendimentos, trabalhos acadêmicos⁵⁶ que analisaram as relações entre as partes envolvidas revelam que não houve participação popular direta na definição dos projetos urbanísticos e arquitetônicos, além de demandas gerais da direção dos movimentos e consultas em assembleias no João Cândido ou em reuniões no Comitê Gestor do Viela da Paz. Ambos são, portanto, resultado de projetos encaminhados dentro do institucionalismo usual.

6.1 O João Cândido

O início do processo pode ser marcado pelas ocupações Chico Mendes (em Taboão da Serra, 2005) e João Cândido (na vizinha Itapeverica da Serra, 2007), organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)⁵⁷, cuja estratégia de ocupações de terra urbana pressionava entes públicos a construir moradias populares. Associados posteriormente ao Movimento Sem Terra de Taboão da Serra (MST-TS)⁵⁸, articularam negociações que abrangeram as três esferas de governo, municipal, estadual e federal. Para atender à demanda dos movimentos, em 2008 a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e

⁵⁶ Ver (CAMARGO, 2016; GUERREIRO, 2016, 2018; MARIUTTI et al., 2016; VILAÇA; CONSTANTE, 2015).

⁵⁷ O MTST se define como um “movimento territorial”: “é um movimento que organiza trabalhadores urbanos a partir do local em que vivem: os bairros periféricos. [...] Nossa forma de ação mais importante são as ocupações de terras urbanas. Com elas pressionamos diretamente os proprietários e o Estado, denunciando o problema social da moradia e construímos um processo de organização autônoma dos trabalhadores.” Sua liderança mais conhecida é Guilherme Boulos. Fonte: < <https://praxisteoria.wordpress.com/2016/08/16/movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>> Acesso em 22/03/2022

⁵⁸ O MST-TS, apesar do nome, não é ligado ao MST nacional, mas se articula ao redor de uma liderança local, Paulo Félix, vereador por muitos mandatos e por variados partidos políticos.

Urbano (CDHU)⁵⁹, vinculada ao governo do Estado de São Paulo, desapropriou uma antiga chácara no Jardim Salete, demarcada em seguida pela Prefeitura de Taboão da Serra (PMTS) como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). Em 2010 foi elaborado um primeiro projeto pela Usina CTAH⁶⁰, a pedido da Prefeitura, que seria recusado pela CDHU, com críticas “que demonstravam, na verdade, sua normal aversão a projetos não padronizados e com excesso de elementos inovadores” (GUERREIRO, 2016, p. 17). A Usina CTAH se define em seu *website* como articuladores de “processos que envolvam a capacidade de **planejar, projetar e construir** pelos próprios trabalhadores⁶¹” mas, mesmo afastados do seu modo habitual de ação devido à opção dos movimentos para que a obra fosse tocada por empreiteira, desenvolveram um Estudo Preliminar qualificado, que previa número maior de Unidades Habitacionais (UHs) do que o projeto da CDHU apresentado posteriormente (920 contra 896 UHs), com implantação dos edifícios nos limites das quadras em arranjos em L, formando espaços internos semipúblicos, permeáveis

⁵⁹ “A CDHU, vinculada à Secretaria da Habitação, [tem] por finalidade executar programas habitacionais em todo o território do Estado, voltados para o atendimento exclusivo da população de baixa renda - atende famílias com renda na faixa de 1 a 10 salários-mínimos. Além de produzir moradias, a CDHU também intervém no desenvolvimento urbano das cidades, de acordo com as diretrizes da Secretaria da Habitação.” Fonte: <<https://cdhu.sp.gov.br/web/guest/institucional/quem-somos>>. Acesso em 23/03/2022.

⁶⁰ Sobre a Usina CTAH: “Fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares, a Usina CTAH tem atuado no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos em um contexto de luta pelas Reforma Urbana e Agrária. [...] A equipe da assessoria tem intenção de superar a produção autoral e estritamente comercial da arquitetura e do urbanismo e busca, para tanto, integrar e engendrar processos alternativos à lógica do capital através de experiências sociais, espaciais, técnicas e estéticas contra hegemônicas.” Fonte <http://www.usina-ctah.org.br/sobre.html>. Acesso em 22/03/2022.

⁶¹ No caso do João Cândido a Usina “ainda trabalhava e incentivava a criação de uma cooperativa de construção civil, considerando a experiência que boa parte do grupo apresentava neste setor, que deveria ‘tocar’ pelo menos parte da obra. Para a Usina CTAH, o projeto precisava superar a ideia de mutirão, elevando os princípios de solidariedade e cooperação a um nível mais avançado, que era o cooperativismo.” (CAMARGO, 2016, p. 199). Observe-se que o MCMV exigia a “empreitada global” no caso de construção verticalizada, ou seja, a organização jurídica dos trabalhadores deveria se assemelhar a uma construtora regular para se adequar ao Programa.

à rua e que, em conjunto com térreo de uso coletivo, atividades comerciais e de serviços de pequeno porte, resultavam num desenho que se propunha misturar à cidade e enriquecer o urbano.

A gleba foi dividida em dois conjuntos, João Cândido e Chico Mendes, onde preservou-se a antiga sede da chácara desapropriada – o “casarão” e sua área verde – ressignificados como polo de atividades e serviços comunitários⁶² (solução mantida no projeto final, por exigência dos Movimentos).

Foram propostas lâminas habitacionais de seis a sete pavimentos, em comprimentos diversos, adaptando-se aos escalonamentos necessários para vencer a grande declividade do terreno e diminuir a movimentação de terra, e evitou-se o uso do elevador definindo o acesso ao edifício em pontos mais elevados do terreno⁶³, de modo a atender à exigência legal de acesso por escadas ao máximo de quatro pavimentos.

A proposta da utilização de estrutura metálica⁶⁴ para os conjuntos, além de trazer racionalidade ao canteiro da obra e segurança aos trabalhadores pela antecipação de planos de apoio (os núcleos de escadas), permitia flexibilidade quanto à divisão interna dos apartamentos, separando os sistemas estrutural e de vedação, possibilitando inclusive adaptações posteriores dos usuários, em tese. As UHs tinham configurações variadas, dois ou três dormitórios, ocupavam transversalmente os prédios em toda sua

⁶² Ao se referirem ao “casarão”, já utilizado para reuniões dos Movimentos, alguns pesquisados comentaram: “só a garage era seis carro, a garage dali! O quartinho da empregada é uma casa de dois cômodo [risos], um banheiro do tamanho do nosso!” [In: 9. Eduardo, 2019_entrevista áudio].

⁶³ Mesma solução adotada nos residenciais do Viela da Paz, onde da portaria (no nível da rua) desce-se dois pavimentos e sobe-se quatro, por escada.

⁶⁴ O sistema estrutural descrito pela Usina: “Estrutura mista de viga e pilares metálicos enrijecida por núcleos de circulação vertical de concreto armado, com vedações leves em sistema drywall.” (VILAÇA; CONSTANTE, 2015, p. 341).

extensão beneficiando-se com ventilação cruzada, e suas plantas eram resolvidas em dois andares, os duplex. (Fig. 7 a 10).

Apesar de ser considerada problemática pelos técnicos da CDHU e atualmente mais associada a apartamentos de luxo, a tipologia duplex vem de experiências com habitação popular de tamanho mínimo existentes desde o final dos anos 1920⁶⁵, sempre na busca por racionalização e economia de recursos, reduzindo a circulação coletiva de acesso às unidades a cada dois andares, otimizando colunas hidráulicas e poços de ventilação, além de permitir variação de pés direitos de andares inteiros, a depender da legislação e da combinação dos ambientes nos pavimentos⁶⁶. Na proposta para o João Cândido, a Usina considera que a tipologia duplex promove uma “verticalização extra”, um andar acima do último pavimento permitido pelo Corpo de Bombeiros, que conta apenas o acesso condominial, não a escada interna dos apartamentos: “apenas o andar de acesso tem altura limitada pela regulamentação de combate a incêndio” (VILAÇA; CONSTANTE, 2015, p. 342).

Em sua origem, essa tipologia era também uma forma de assegurar a separação entre as áreas íntimas e as sociais e de serviço, “educando” o novo homem, através das novas formas de morar, para a modernidade do começo do século XX.

⁶⁵ Entre exemplos famosos de conjuntos habitacionais populares que fizeram uso dos apartamentos duplex: (o pioneiro) Narkomfin, Moscou (1928, Arq. Moisei Ginzburg); Unidade de Habitação de Marselha (1952, Arq. Le Corbusier); Pedregulho, Rio de Janeiro (1950, Arq. Affonso Eduardo Reidy); Japurá, São Paulo (1957, Arq. Eduardo Kneese de Mello).

⁶⁶ Nos duplex do Edifício Japurá em São Paulo, projeto de 1945 do Arq. Eduardo Kneese de Mello, construído em 1957 para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), o pé direito de metade dos andares pôde ser reduzido porque a legislação permitia a altura mínima de 2,5 m para a sala e 3,0 m para os dormitórios (PERISSINOTTO BARON, 2011; REGINO; PERRONE, 2009).

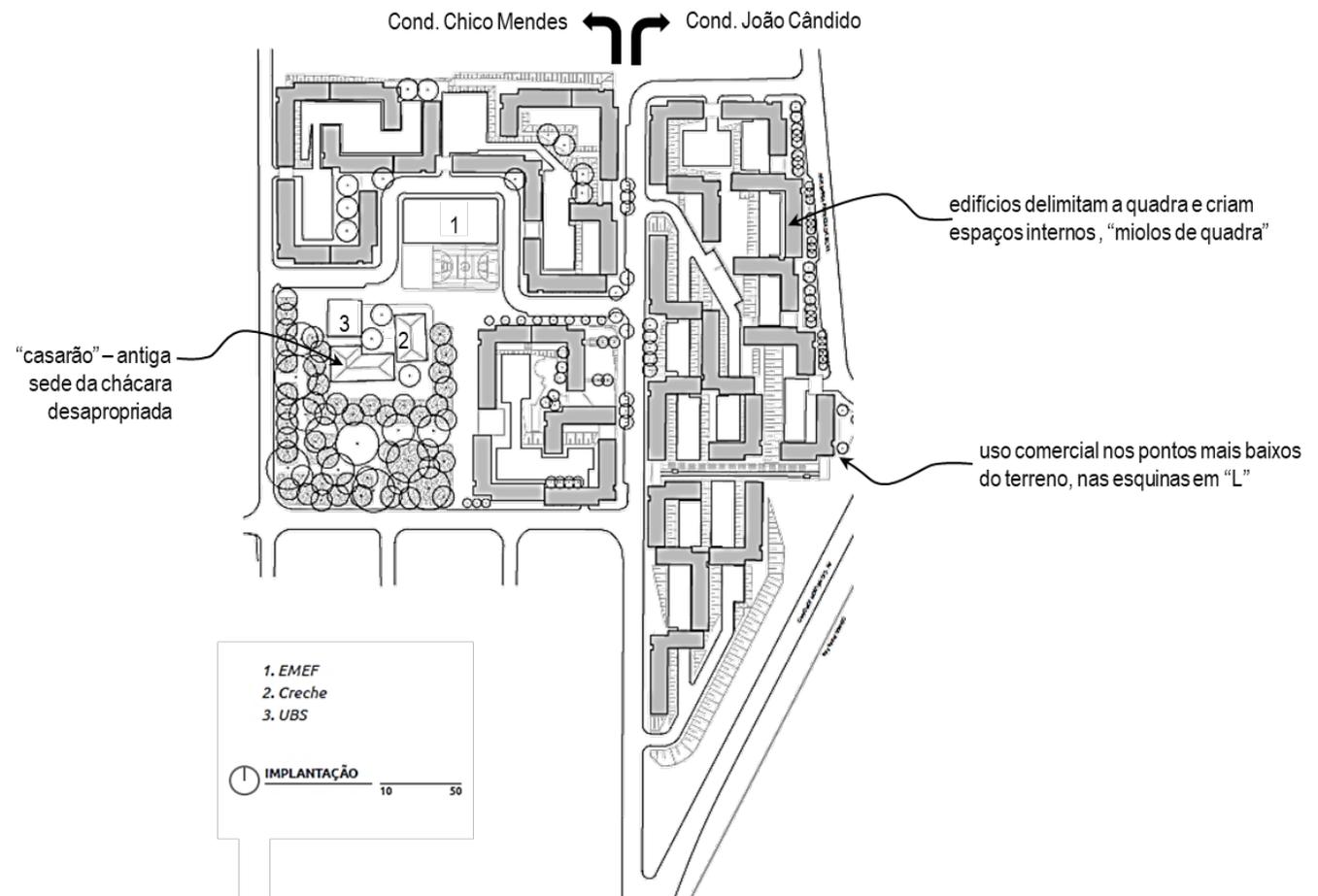


Fig. 7 – Implantação João Cândido e Chico Mendes, projeto Usina, **não construído** - anotações da autora sobre desenho Usina-CTAH
 fonte: (VILAÇA; CONSTANTE, 2015, p. 344)

Fig. 8 – João Cândido, projeto Usina, **não construído**: apartamentos duplex, plantas térreo e superior – notar a divisão entre os quartos feita por **armários**, não por alvenaria.
Desenho Usina CTAH
Fonte: (VILAÇA; CONSTANTE, 2015, p. 345).

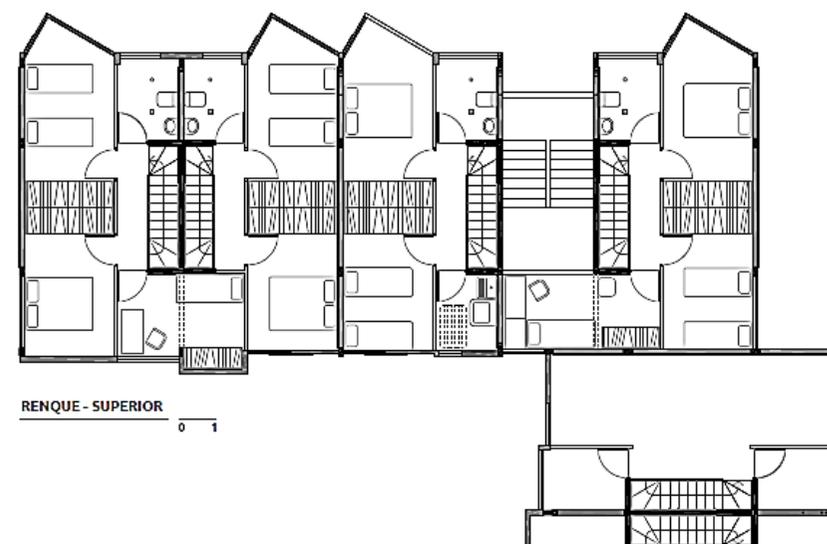
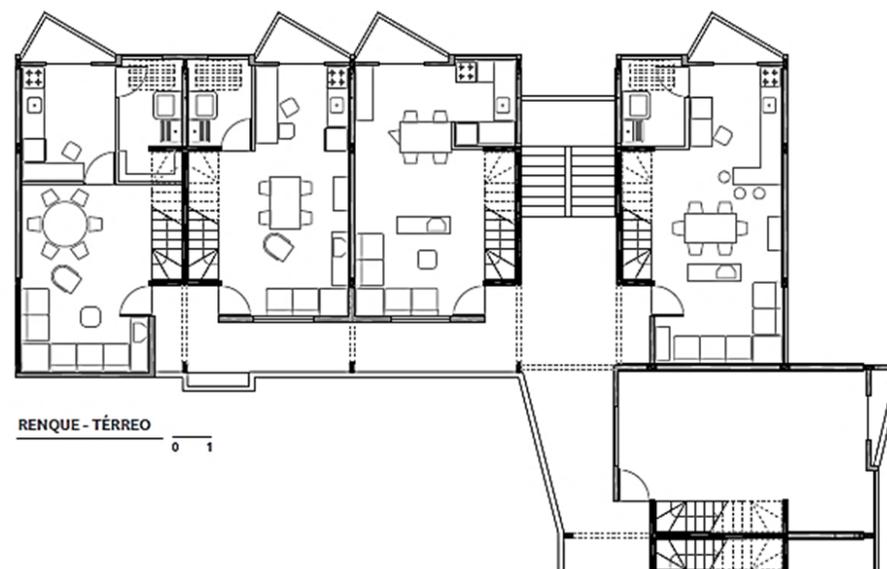




Fig. 9 – João Cândido, Projeto Usina, **não construído** - desenho Usina-CTAH –
Fonte: Camargo (2016, p.190);



Fig. 10 – João Cândido, Projeto Usina, **não construído** – desenho Usina-CTAH – Fonte: (TABOÃO DA SERRA, 2010, p. 10)

Apesar de ter seu projeto recusado, a Usina ainda revisaria mais tarde, a pedido da construtora encarregada da obra, o novo projeto apresentado pela CDHU, providenciando:

[...] incorporação de dois centros comunitários perto da rua de acesso junto aos empreendimentos João Cândido A e B [...]; adequação das soluções de implantação das torres (em movimentos de rotação) para melhorar a condição de iluminação e ventilação das unidades habitacionais; revisão do pavimento tipo e do projeto das unidades habitacionais; adoção de patamares para minimizar a necessidade de arrimos; e resgate da rua, de uma escola e do casarão existente na área (CAMARGO, 2016, p. 201).

No início de 2013 sai o financiamento para as obras, já no âmbito do programa federal MCMV – que havia sido lançado em 2009 e vinha sendo regulamentado para acrescentar a modalidade “Entidades”⁶⁷ – com o aporte financeiro do governo do Estado, em parte representado pelo terreno anteriormente desapropriado pela CDHU, com a construtora Esecon sob o regime de empreitada global, com a Usina como Assistência Técnica e combinado que parte dos trabalhadores nas obras seriam contratados entre os militantes dos movimentos. As primeiras 192 unidades habitacionais, do João Cândido A, foram

⁶⁷ Através do MCMV-E, as cooperativas e associações cadastradas podiam também propor e ter financiados seus empreendimentos habitacionais, destinados exclusivamente para a Faixa 1, renda familiar até R\$1.800,00. Nesse caso, eram as Entidades que organizavam e indicavam as famílias candidatas (previamente inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal), além de controlarem a gestão dos recursos liberados pela Caixa Econômica Federal para projeto e construção. O valor liberado para a produção por Unidade Habitacional (UH) era o mesmo, tanto para a modalidade Construtoras como para a Entidades, assim como as especificações e requisitos mínimos exigidos, e o preço final ao usuário, que recebia grande subsídio do governo. Com a obrigatoriedade de contratação de Assistência Técnica especializada, a construção podia ser por autogestão (autoconstrução ou mutirão) ou cogestão, quando a Entidade contratava uma construtora por empreitada parcial ou por empreitada global – obrigatória no caso de construção verticalizada. A modalidade Entidades representou pequena parcela, no entanto, do total de HIS financiado pelo MCMV.

entregues em dezembro de 2014 e a mesma quantidade de moradias, do João Cândido B, em março do ano seguinte. Passados sete anos, as obras do Condomínio Chico Mendes não foram iniciadas⁶⁸. Como resultado final, o João Cândido acompanhou o padrão usual (ROLNIK, 2014, p. 18) dos empreendimentos do MCMV Faixa 1 na RMSP: de porte médio, porque dividido em conjuntos adjacentes, localizado em terreno remanescente em periferia consolidada⁶⁹ e com reforço de aporte financeiro pelo governo do Estado – parceria praticamente indispensável para a viabilização do acesso à terra nas regiões metropolitanas, onde mesmo terrenos em áreas periféricas têm preço alto para os limites estabelecidos pela Faixa 1 do Programa.

O resultado desse processo, assim, foi uma coisa híbrida que não carregava nem a “marca” Usina CTAH e nem a “marca” CDHU, mas que mantinha aquilo que para os movimentos, e principalmente para o MTST, era a sua “marca” na provisão habitacional no âmbito do programa: **“o maior apartamento produzido pelo MCMV Entidades”**. (CAMARGO, 2016, p. 201, grifo nosso).

Organizados em dois condomínios fechados, a permeabilidade com o entorno imediato dos conjuntos construídos é feita por apenas uma entrada para pedestres e veículos para cada um, ambas na mesma rua, com guaritas para controlar o acesso ao espaço interno – observando-se que o terreno íngreme e os taludes resultantes da implantação dos prédios dificultam acessos nas outras vias limítrofes. Os espaços

⁶⁸ Em março de 2022, Paulo Félix celebrou em suas redes sociais: “os projetos habitacionais Chico Mendes 1 e 5 foram homologados pela Agência Paulista de Habitação Social e publicado no Diário Oficial do Estado no dia 25/03/2022 [...] os empreendimentos cumpriram todas as exigências técnicas e estão aptas e habilitadas. Próximo passo: contratação da obra [...] o Alvará de Edificação do projeto Chico Mendes preenche todos os requisitos legais e será concedido pela Prefeitura nos próximos dias.” Fonte: <https://www.facebook.com/100012658327161/posts/1374508392981092/?d=n>, acesso em 04/04/2022.

⁶⁹ Frente de expansão da metrópole paulistana, o Jd. Salete está inserido na porção do município de Taboão com mais áreas definidas como ZEIS-1, que concentram as piores condições sociais e de habitabilidade.

internos dos condomínios acompanham os modelos “classe média”, com a citada guarita com porteiro, rua interna, estacionamentos, ajardinamentos. Diferenças em equipamentos extras entre os dois conjuntos – como os toldos e interfone na entrada de cada prédio, playground, abrigo para guarda de lixo, praça com mesinhas e bancos – são características pós ocupação, consequência direta dos valores diferentes de condomínio cobrados dos moradores por cada administração. Centros comunitários, dentro dos portões, por enquanto só exercem atividades internas aos condomínios.

Assim como seu vizinho Residencial Jequitibá (conjunto habitacional da CDHU, de 2013), o João Cândido junta-se à imposição nas periferias consolidadas de um modelo que atua como enclave, território apartado do seu entorno por barreiras físicas, “urbanização” apenas do próprio quintal (Fig. 11).

A luta travada a posteriori pelos movimentos sociais para que seus bairros sejam mais bem equipados – por pontos de ônibus, áreas de lazer, educação e saúde – mesmo quando bem-sucedidas, mantém seus condomínios fechados e o desenho urbano não inclusivo⁷⁰.

⁷⁰ Apesar que é frequente entre os entrevistados a demanda por administração severa do condomínio, capaz de defesa contra a violência não só de fora, mas de grupos criminosos que podem instalar-se dentro dos residenciais. Muros e cercas são vistos, portanto, como necessários.



Fig. 11 – João Cândido e sua inserção na cidade: 1. João Cândido; 2. Residencial Jequitibá (CDHU, 2013) – Fonte: notas da autora sobre imagem mai. 2018 Google Street View.

Com a exata configuração que a Usina quis evitar no primeiro projeto, “de torres servidas por elevador e isoladas entre si por taludes e outros espaços residuais” (VILAÇA; CONSTANTE, 2015, p. 342), cada condomínio do João Cândido possui três edifícios com térreo mais sete andares, equipados com elevadores e oito apartamentos por pavimento, metade das UHs com três dormitórios⁷¹, (60,35 m²),

⁷¹ Apartamentos com três dormitórios não são previstos pelo MCMV e causam o conflito de que o preço final ao beneficiário é o mesmo do de dois dormitórios. Embora a parcela a pagar seja definida por uma porcentagem máxima da renda do morador, o valor final de mercado da propriedade será diferente.

metade com dois dormitórios (50,80 m²), todos com área maior do que o mínimo estabelecido pelo programa (39,0 m²) e com Desenho Universal – dimensões que permitem adaptação para uso de cadeirantes. À exceção do dormitório extra e um pequeno L que acrescenta 2,74 m² na sala do apartamento de três quartos, os cômodos das unidades têm a mesma medida e varandas individuais vinculadas à sala (Figs. 12 a 15).



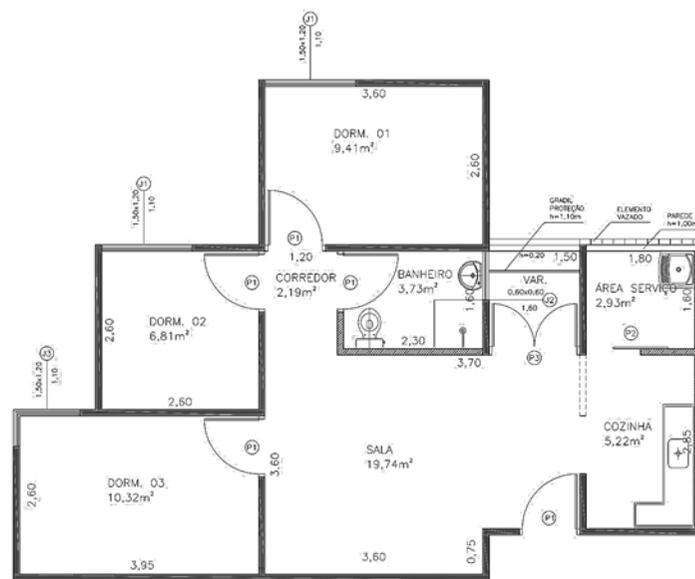
Fig. 12 – João Cândido, projeto CDHU – notas sobre imagem Google.



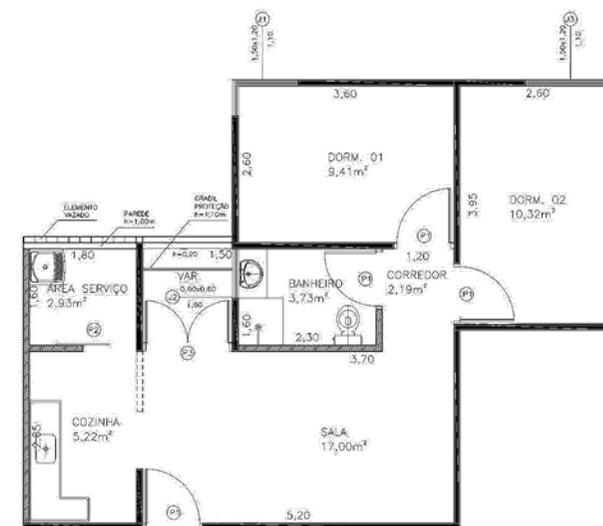
Fig. 13 – João Cândido, projeto CDHU, implantação – desenho fornecido pela Usina CTAH.



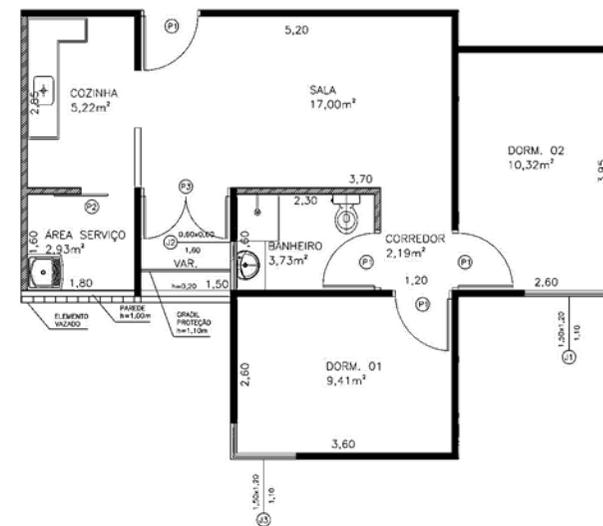
Fig. 14 – João Cândido, projeto CDHU, pavimento tipo – anotações da autora sobre desenho fornecido pela Usina-CTAH.



TIPOLOGIA 3 DORMITÓRIOS



TIPOLOGIA 2 DORMITÓRIOS - A



TIPOLOGIA 2 DORMITÓRIOS - B

Fig. 15 – João Cândido, projeto CDHU, plantas tipo 2 e 3 dormitórios – desenhos fornecidos pela Usina-CTAH.

Paula Regina da Cruz Noia (2017), investigando “Participação e qualidade do ambiente construído na habitação”, analisou aspectos físico-espaciais de empreendimentos do MCMV-E – entre eles, o João Cândido. A autora fez a avaliação funcional dos espaços privados (os apartamentos), semipúblicos (espaços de circulação e distribuição dos apartamentos) e públicos (uso e gestão comum) dos conjuntos, utilizando vários critérios, como área, topografia, implantação, orientação, acessos, integração – além de eficiência construtiva (segurança estrutural, conforto ambiental, durabilidade dos materiais, entre outros). No geral, o João Cândido obteve as pontuações “muito boa” e “boa” (notas 5 e 4, em uma escala de 1 a 5) na maior parte dos itens avaliados, sendo que as notas mais baixas (3) se referiam a dificuldades causadas pela declividade do terreno, como em “implantação”, “acessibilidade”, e “integração” entre os espaços dos edifícios (NOIA, 2017, p. 213). Quanto à eficiência construtiva, no entanto, durante a pesquisa em campo observou-se nos apartamentos grande incidência de desprendimento de revestimentos de pisos e paredes (em tal quantidade que havia fila de espera para as restaurações devidas pela construtora) e algumas reclamações sobre mofo em paredes e caída de água errada em banheiros e varandas. Problemas talvez relacionados à tecnologia construtiva adotada na obra, o Concreto Autoadensável (CAA)⁷² em fôrmas metálicas, que se auto nivela, “dispensando a execução de contrapiso para instalação de pisos cerâmicos ou de reboco nos tetos” (CAMARGO, 2016, p. 202), o que exigiria alta precisão na execução. (As análises sobre os espaços internos das UHs serão feitas no item 6.3, após a apresentação do Viela da Paz, a seguir.)

⁷² “A construtora do Jardim Salete adotou esta tecnologia, que ganhou escala no Brasil por conta das necessidades de produção impostas pelo PMCMV. Aplicou-a, diferentemente da maioria dos casos, em edifícios em altura, **numa clara experimentação da tecnologia** possibilitada e induzida pelo Estado por meio do programa.” (GUERREIRO, 2016, p. 25, grifo nosso).

6.2 O Viela da Paz

Ao contrário do João Cândido, construído sobre uma gleba vazia da cidade, as HIS do Viela da Paz estão inseridas num Programa de Urbanização de Favelas⁷³ da Prefeitura de São Paulo. Trata-se majoritariamente de área pública municipal, com um córrego, localizada em bairro valorizado (Super Quadra Morumbi), desde 1989⁷⁴ destinada à implantação de praça nunca efetivada e que foi gradativamente ocupada por moradias irregulares. Em 1993 a Prefeitura tentou construir no local um alojamento provisório para abrigar famílias em situação de risco, obra que acabou embargada por conta de uma Ação Popular movida por moradores dos bairros no entorno. Enquanto a judicialização caminhava, as ocupações irregulares continuaram. Mesmo com poucas entrevistas no trabalho de campo, a pesquisa confirma esse movimento de adensamento – as datas declaradas de chegada ao Viela da Paz variaram de 1992 a 1997 (um morador citou o ano 2000), todos atraídos por conhecidos ou parentes que já estavam na área.

Em fevereiro de 2004 parte do muro do vizinho Cemitério da Paz desabou durante uma chuva, houve soterramento de casas e vítimas. Em relatos para a pesquisa, moradores descrevem: “[esse terreno aqui, esse que a gente tá agora, tinha muitas casas, e aí com essa chuva o terreno cedeu, engoliu casas, ficou](#)

⁷³ “Desenvolvido pela Secretaria Municipal de Habitação, o Programa tem como foco a urbanização e a regularização fundiária de áreas degradadas, ocupadas desordenadamente e sem infraestrutura. O objetivo é transformar favelas e loteamentos irregulares em bairros, garantindo a seus moradores o acesso à cidade formal, com ruas asfaltadas, saneamento básico, iluminação e serviços públicos. O programa também inclui o reassentamento de famílias – em caso de áreas de risco [...]” Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/programas/index.php?p=3374> Acesso em 30/03/2022.

⁷⁴ Segundo folheto da Secretaria de Habitação da PMSP, o “Histórico da Área” inicia em “Agosto de 1989 – termo de cooperação entre a PMSP e Associação do Cemitério dos Protestantes para implantação de praça na área municipal da Rua Faustino da Silva.”

muito perigoso”⁷⁵, ou “esse terreno daqui as casa caiu de cima até lá embaixo na viela, que a favela aqui era grande, era enorme, rachou fora a fora, as casa tudinho, foi feio”⁷⁶. Em agosto de 2005 o Ministério Público (MP) intima a Prefeitura a remover as pessoas da área de risco, promover-lhes habitação adequada em outro local, restaurar o curso original do córrego e implantar a praça pública. A Prefeitura recorre:

Na verdade, quando veio essa ação para a remoção, seria algo inconstitucional até, porque as famílias já estavam há muito tempo na área, elas tinham direito ali [...] quando veio a ação ela já era demarcada como ZEIS. Então houve esse acordo [...] fazendo um meio termo. Manter as famílias que já estavam morando lá, tinham suas vidas estruturadas ali, mas também urbanizaria, recuperaria o córrego, introduziria áreas verdes, melhoraria a qualidade daquele espaço. (Isabella Ventura, 2019, SEHAB PMSP, informação verbal)⁷⁷.

A intervenção foi então planejada como urbanização de favela, com remoção parcial dos imóveis e construção de novas UHs para reassentamento dos desalojados. As primeiras remoções ocorreram em 2010. Em 2011 foi formado o Comitê Gestor paritário entre poder público e sociedade civil, que é exigência legal para intervenções em ZEIS, e foi finalizado o cadastro das famílias⁷⁸. A obra começou efetivamente em 2013, prevendo a construção no local de 562 apartamentos em seis condomínios. Ao final de 2019,

⁷⁵ In: 10. Elisa, 2019_entrevista áudio.

⁷⁶ In: 12. Andressa, 2019_entrevista áudio.

⁷⁷ Entrevista realizada na Secretaria da Habitação, PMSP, em 04/06/2019. [In: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio].

⁷⁸ Segundo Ventura (2019, informação verbal), de 1.338 construções cadastradas, foram removidas 992, dentre elas 944 eram residenciais. Descontando desistências e outros fatores que diminuíram o cadastro, a previsão para novas moradias na área era de 562 unidades, gerando um déficit de 344 famílias a serem atendidas em outro terreno distante não mais que um raio de 3 km do Vela da Paz, conforme o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre a Prefeitura e o Ministério Público. [In: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio].

além de obras de infraestrutura, três condomínios (224 UHs) haviam sido entregues, dois estavam em construção (216 UHs); um em fase de terraplanagem (122 UHs). Em março de 2021 foi finalizado outro condomínio de 108 unidades (Figs. 16 e 17).

Fig. 16 – Viela da Paz, Situação Fundiária, material cedido pela SEHAB, PMSP

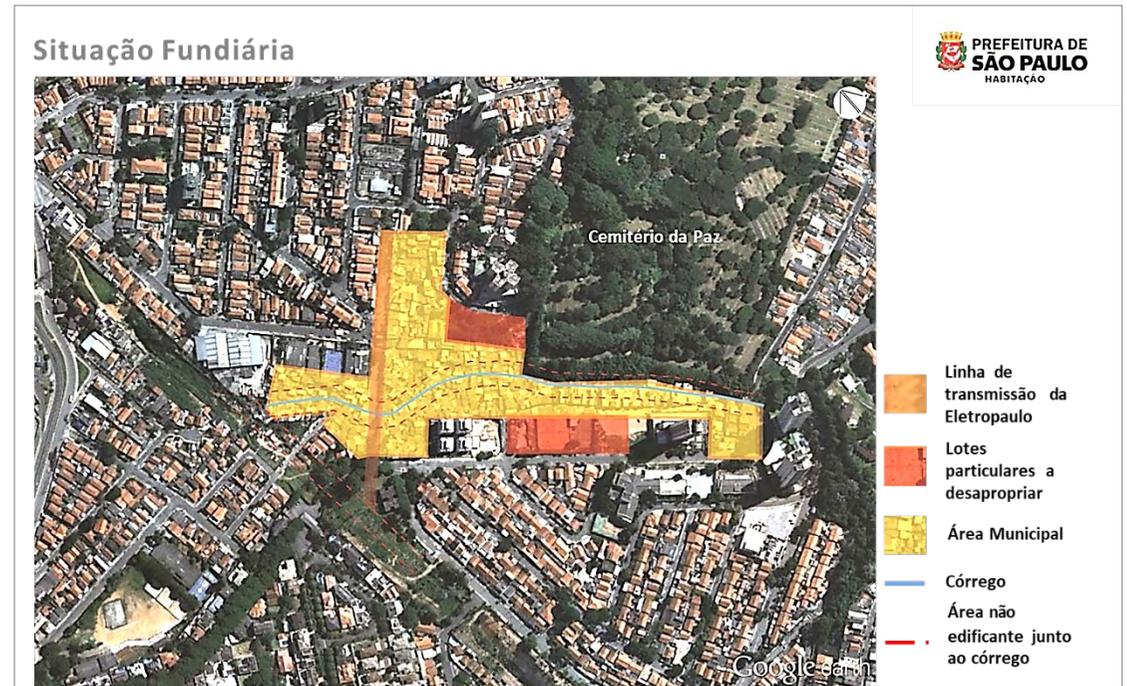


Fig. 17 – *Vieira da Paz, Implantação – anotações da autora sobre material cedido pela SEHAB, PMSP*



Com arranjo que se consolida na condução da gestão pública habitacional⁷⁹, não só na PMSP, o projeto urbanístico e arquitetônico foi um processo híbrido⁸⁰, com supervisão e intervenções do corpo de

⁷⁹ Ver *O arranjo gerencial: Estado, empresas de engenharia e arquitetos nos cotidianos de gestão da política habitacional em São Paulo*: “por um lado, a reconfiguração das margens fronteiriças do Estado no atendimento de demandas sociais (alargadas e moldadas ao sabor das necessidades), o afiançado (mas também um tanto impreciso) lugar que o agente privado ocupa nesse processo, a potente lógica gerencial que se enuncia em discurso e legitima, na prática, o apelo reformista liberalizante da nova agenda estatal que por aqui se consolida nos anos 1990, o adensamento e a banalização do serviço terceirizado na organização do setor público e seus modelos de atendimento.” (PULHEZ, 2014, p. 24).

⁸⁰ Sobre o projeto, o escritório que o elaborou declarou, em matéria de imprensa: “O projeto de urbanização teve a missão de minimizar o número de remoções, atender o maior número de famílias nas áreas destinadas aos condomínios e **contornar o embate de interesses do poder público.**” (grifo nosso).
Fonte: < <http://www.hproj.com.br/arquitetos-urbanistas-urbanizacao-e-conjuntos-habitacionais-sao-paulo/>>. Acesso em 24/04/2022.

profissionais da Prefeitura, mas terceirizado desde o estudo preliminar para uma gerenciadora de projetos e obras, o Consórcio Domus primeiramente, seguido pelo Consórcio BLK/KALLAS, após a licitação:

[...] devido ao acordo com MP, o projeto básico foi feito em poucos meses, sem o cadastro, diagnóstico social e informações mais completas da área. A falta dessas informações gerou algumas falhas de projeto, bem como o não atendimento de toda a demanda de famílias. Algumas dessas questões foram corrigidas no projeto executivo após análises da equipe técnica da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB), porém ainda existe um déficit que deverá ser reassentado em área de provisão fora do perímetro de intervenção da favela. (MARIUTTI et al., 2016, p. 13)

Respondendo à urgência, portanto, a gerenciadora utilizou uma tipologia de UH já adotada em outro conjunto na Zona Leste – “implantaram no terreno, fizeram um estudo e licitaram a obra” (VENTURA, 2019, informação verbal⁸¹). Quando a licitação foi concluída, a empresa Arquitetos Urbanistas Planejamento e Projetos⁸², autores da tipologia adotada no estudo preliminar, foi contratada para o projeto executivo, novamente agilizando-se o processo, mantidos o projeto básico e direitos autorais (a contratação se deu também devido ao fato de ser um escritório com o qual, segundo Ventura, a Prefeitura havia trabalhado antes, com bons resultados).

A configuração em que se encontrava a favela, densa, intrincada e insalubre, inviabilizou o partido usual das intervenções da Prefeitura, que busca minimizar o número de remoções. Ventura (2019) descreve as vielas-túnel (cobertas por edificações), “córrego passando por baixo, casa passando por cima”, casas com

⁸¹ *In*: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio.

⁸² Com sede em São Caetano do Sul, a empresa propõe “Habitações Sociais econômicas que oferecem ambientes de alta qualidade com iluminação e ventilação adequadas. Projetos racionais que valorizam a qualidade de vida dos moradores com propostas que exploram as relações entre público e privado, proporcionando espaços de convivência e pequenas centralidades.” Fonte: < <https://www.arq-urb.com/projetos/projetos-habitacao/>>. Acesso em 17/04/2022.

muita umidade “que você entra e nem consegue ficar dentro”, dificuldade em separar patologias de construções tão solidárias umas nas outras, de modo que “as remoções foram altas para conseguir dar acesso aos condomínios, canalizar os córregos” (informação verbal⁸³) (Fig. 18).

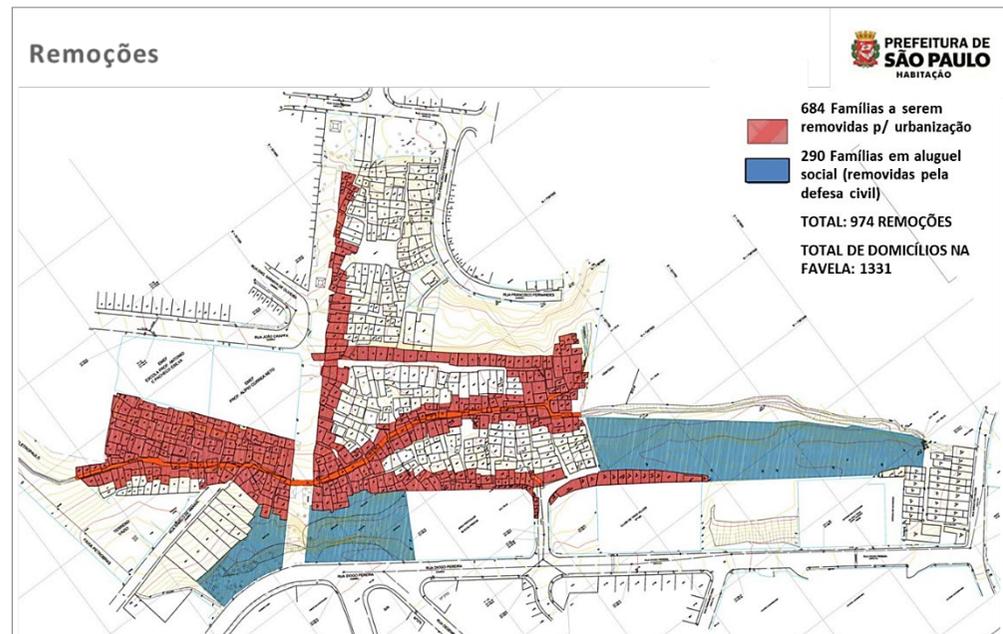


Fig. 18 – Viela da Paz, Remoções – de 1.338 construções cadastradas, foram removidas 992, dentre elas 944 eram residenciais - material cedido pela SEHAB, PMSP

As moradias não removidas são principalmente as que acompanham o córrego (a partir de uma faixa desobstruída em suas margens) no miolo da ocupação, mais uma porção em “L” ao norte e uma

⁸³ In: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio.

concentração no limite sudeste. Com a abertura e pavimentação de vias, a favela adquiriu característica das periferias consolidadas – algumas construções com alvenaria sem acabamento, imóveis com térreo mais um, dois, até três pavimentos, sem recuo frontal, ocupação densa, que não destoa de parte do seu entorno imediato, de sobrados e casas térreas em lotes pequenos. Mas principalmente ao sul, sudeste e sudoeste, o contraste com a cidade formal é forte, onde há muitos condomínios verticalizados, fechados em meio a glebas ajardinadas e piscinas, item também visível em vários lotes individuais, sinais de ocupação das classes sociais mais altas⁸⁴.

Quanto às novas UHs projetadas, não representaram impacto especial em relação ao gabarito em altura, visto que já havia um conjunto de quatro prédios de apartamentos com altura similar dentro do perímetro da intervenção e outros, mais altos, visíveis nas imediações (Fig. 19). Esses nove novos edifícios residenciais⁸⁵ foram localizados nas bordas da área urbanizada, seis deles concentrados na porção sudeste, área já livre, a primeira que foi objeto de remoção pela Defesa Civil, próxima ao muro do cemitério onde houve o desabamento. Embora não se organizem em um único bloco - como “enclave” no tecido urbanizado, à maneira do João Cândido - mas estejam distribuídos em pontos diferentes, cada conjunto (de dois edifícios no máximo) tem, no entanto, esquema de controle do seu espaço condominial, com

⁸⁴ Apesar de se localizar em área com entorno valorizado, a situação fundiária dos moradores fora dos condomínios, de **concessão** pelo poder público, impossibilita o avanço da especulação imobiliária formal: “depois da obra, [...] se algum dia houver outra intervenção [pública] e eles tiverem que sair, como têm o título eles vão ser indenizados, mas a posse da terra nunca vai ser deles. Eles serão indenizados pelas benfeitorias, pela construção, nunca pelo terreno.” Já os moradores dos apartamentos terão suas escrituras “mas isso leva um tempo, até resolver a situação fundiária. Então ele paga um TPU [Termo de Permissão de Uso] pra Prefeitura, que é baseado no valor da renda, vai pagando, e quando a gente consegue resolver a questão fundiária da área, esse empreendimento é passado para a Cohab, e aí ele entra num financiamento normal, mas bem subsidiado, abate tudo o que ele já gastou de TPU, vai pagando até o dia que conseguir quitar e recebe a escritura.” *In*: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio.

⁸⁵ Foram organizados em seis condomínios: A1, A2 e D têm dois edifícios cada, enquanto B, C e E são condomínios de edifícios solitários.

gradeamentos e portarias, privatizando o acesso a suas áreas verdes e equipamentos de playgrounds e ginástica. A Prefeitura prevê no projeto uma área de lazer pública, a qual todos terão acesso, claro, inclusive os moradores dos condomínios, mas o contrário não é verdadeiro – os que tiveram suas casas mantidas na intervenção terão seus limites (inclusive, como já dito, na natureza da posse das suas moradias).

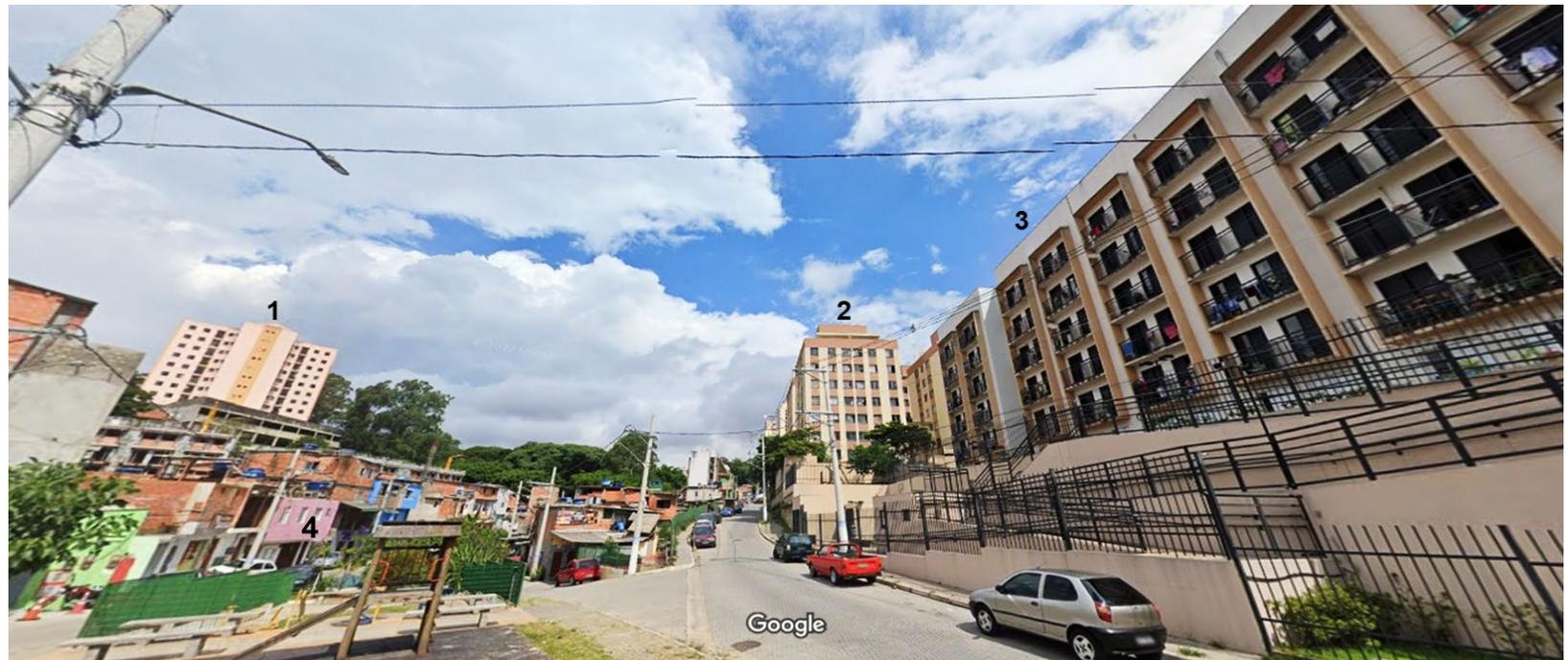


Fig. 19 – 1. edifício fora da área urbanizada; 2. edifícios já existentes dentro da área urbanizada; 3. novas UHs, condomínio “E”; 4. moradias não removidas - Av. João Caiaffa, Viela da Paz – notas da autora sobre imagem jan. 2022 Google Street View.

Iguais no desenho, mas com comprimentos e, portanto, quantidades diferentes de UHs (entre 46 e 96), os novos edifícios são lâminas de sete pavimentos sem elevador, utilizando-se do recurso descrito no projeto não construído da Usina para o João Cândido: a entrada fica posicionada numa altura intermediária da via pública, de onde, através de corte no terreno, descem-se dois andares e sobem-se quatro, por escada. O sistema estrutural é o estabelecido pela PMSP, alvenaria em blocos estruturais, e substituiu-se a pintura do acabamento externo por monocapa, uma argamassa mineral já pigmentada, cuja manutenção é somente lavagem⁸⁶. Assim a Arquitetos Urbanistas descreve o projeto, em seu *website*⁸⁷:

“A edificação tem volumetria simples e possui plantas compactas com espaços diferenciados, como a **varanda, por onde se dá a circulação** [coletiva], tornando-se um terceiro ambiente”, descreve o arquiteto. A varanda funciona também como um local de convivência entre os moradores e de contemplação da paisagem. “Além disso, os recuos tornam-se espaços vivos em função da permeabilidade visual entre os apartamentos, apresentando equilíbrio entre altas densidades e composição de gabaritos”, avalia. Todos os blocos possibilitam a circulação e o acesso para deficientes e possuem unidades adaptadas para moradores com necessidades especiais (grifo nosso).

Todas as UHs têm 42 m², dois dormitórios, balcões nos quartos e ocupam transversalmente as lâminas, de uma extremidade à outra, como no projeto não construído da Usina para o João Cândido, beneficiando-se com ventilação cruzada (Figs. 20 e 21). Apenas os apartamentos das extremidades têm um balcão

⁸⁶ “Ao mesmo tempo, o primeiro condomínio que foi entregue está com as paredes sujas, então tem que organizar lavagens periódicas. Claro que tem um problema adicional no projeto, porque tem água que escorre pela fachada e mancha, mas, se nunca lava, vai acumulando e **não sai mais** mesmo”. *In*: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio, grifo nosso.

⁸⁷ Fonte: < <http://www.hproj.com.br/arquitetos-urbanistas-urbanizacao-e-conjuntos-habitacionais-sao-paulo/>>. Acesso em 23/04/2022.

extra, lateral, contíguo à sala, e que foram disputados durante a distribuição das unidades⁸⁸. A circulação coletiva aberta, por meio de varandas, afasta-se dos modelos tradicionais de edifícios de classe média, criando pequenas “vielás” particulares em cada pavimento. Perguntada sobre o que achava da solução, Elisa (2019), uma das pesquisadas, comentou:

[...] Eu já morei em apartamento, [...] eu não gosto muito [...] mas aqui parece que você não está em apartamento. [Eu achava] ‘nossa, mas vai ficar um passa a passa de gente na porta, fica chato’, mas [...] pra gente que é acostumado a morar em rua, rua normal, ou até mesmo viela, né? [...] Apartamento, você se sente presa, né? Aqueles corredores fechados. [...] Aqui, você abre sua porta normal. Você não vê cara de vizinho [...] Parece que tem mais liberdade. (informação verbal⁸⁹).

⁸⁸ “[...] o processo **não foi sorteio, foi escolha**. É bem trabalhoso, mas é muito bacana. Funciona assim:

- para as unidades adaptadas [umas seis] são feitas reuniões separadas;
- divide-se as outras unidades em “andares mais altos”, “do meio” e “andares mais baixos” e as pessoas escolhem entre essas três categorias;
- eles se dividem e se der número diferente tenta-se preencher corretamente unidades/proponentes;
- iam para três salas, com esquemas da fachada e plantas, e perguntava-se: unidade tal, quem quer? Se mais de um proponente queria, daí sim, sorteava-se, e assim por diante. Ao final eles poderiam ainda trocar entre si se quisessem.
- Então mesmo que não se conseguisse exatamente o apartamento desejado, pelo menos poderia escolher o andar, saber quem seriam os vizinhos. Um processo bem legal, que deixa as pessoas mais contentes.” *In*: Isabella Ventura, 2019_entrevista áudio.

⁸⁹ *In*: 10. Elisa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice).

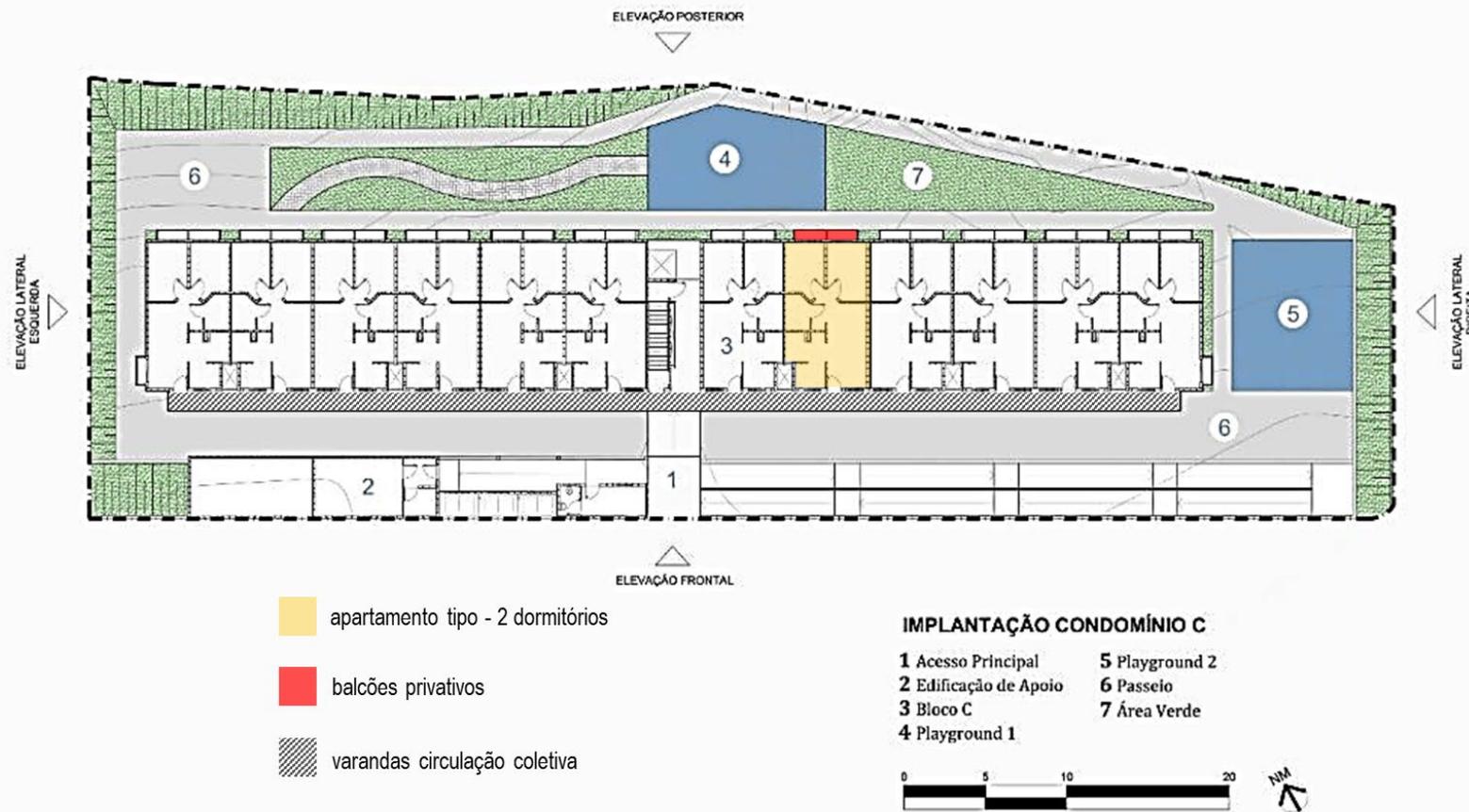


Fig. 20 – Viela da Paz, pavimento tipo – anotações da autora sobre desenho Arquitetos Urbanistas – fonte: <http://www.hproj.com.br/arquitetos-urbanistas-urbanizacao-e-conjuntos-habitacionais-sao-paulo/>. Acesso em 25/04/2022.



Fig. 21 – Viela da Paz, planta apartamento tipo – redesenho da autora.

6.3. As Unidades Habitacionais – dimensões, setorização

No João Cândido (JC) há dois tipos de apartamentos com dois dormitórios (50,8 m²) – diferentes entre si somente no deslocamento em planta de um dos quartos – e um tipo com três dormitórios (60,35 m²). Exceto pelo quarto extra e um pequeno “L” acrescido à sala do apartamento maior, todos têm cômodos com configuração parecida e dimensões iguais.

No Viela da Paz (VP) há somente um tipo de apartamento, de dois quartos (42 m²), que na versão adaptada para cadeirantes suprime o obstáculo representado por uma parede que separa a cozinha da lavanderia (no JC não há necessidade de mudanças na planta quanto à acessibilidade).

Área útil de 39 m² era o mínimo estabelecido pelo MCMV para apartamentos e entre 24 m² e 70 m² o definido pela legislação paulistana sobre HIS, de modo que tanto as UHs do João Cândido como as do Viela da Paz têm dimensões maiores do que os valores-base dos programas habitacionais que as geraram. Em relação ao MCMV, estudos indicam que suas especificações eram mais exigentes do que os da Norma Brasileira (PEREIRA, 2015, p. 92), mas tornam-se insuficientes se consideradas as medidas do mobiliário comumente comercializado e os espaços ideais necessários para as atividades domésticas⁹⁰. Além disso, segundo Boueri Filho, Pedro e Scoaris (2012, p. 13), quando se comparam áreas mínimas utilizadas na regulamentação técnica por outros países, os números para habitações com **um dormitório** na Inglaterra [44,0 m²], Argentina [35,7 m²] e em Portugal [34 m²] foram superiores aos

⁹⁰ “[...] pode-se afirmar que, em geral, as dimensões do mobiliário exigido pela CEF são inferiores às encontradas nas grandes lojas de varejo. [...] Considerando as dimensões do mobiliário e equipamento estabelecidos na NBR 15575-1, a área útil estabelecida no programa MCMV é adequada. Contudo esta área mostra-se insuficiente para alocar o programa de mobiliário e equipamento com as dimensões e os EA [Espaços de Atividades] atualizados” (BOUERI FILHO; PEDRO; SCOARIS, 2012, p. 13, 14).

estabelecidas inicialmente pelo MCMV para casas com **dois dormitórios** [32,0 m² - valor aumentado posteriormente para 36,0 m²].

Folz e Martucci (2007, pp. 30-33), apresentam parâmetros mais generosos recomendados por Portas (1969)⁹¹ e Boueri (1989)⁹² quanto às áreas úteis necessárias para cada cômodo da habitação, obtidos a partir das exigências físicas determinadas pelas atividades domésticas e as características antropométricas e mecânicas das ações. Tais parâmetros, quando utilizados como comparativo com as dimensões⁹³ das UHs pesquisadas, revelam que os cômodos do VP, como esperado, foram os que menos atingiram as especificações dos autores. Somente o banheiro tem metragem quadrada perto do considerado “desejável”⁹⁴ e a lavanderia um pouco mais do que o “mínimo” especificado por Portas, sendo que sala, cozinha e quartos ficaram abaixo de qualquer um dos autores. Já os cômodos dos apartamentos do JC foram aprovados na totalidade – as salas atingiram o “desejável” por Boueri; cozinha e banheiro o “desejável” por Portas, e quartos e lavanderia o “mínimo” pelo mesmo autor (Quadro 1).

O artigo de Folz e Martucci (2007, p. 32) cita ainda recomendações do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo) que, se tomadas por base, resgatariam também a sala do VP do rol dos reprovados, restando cozinha e quartos como de dimensões insuficientes.

⁹¹ PORTAS, Nuno. **Funções e exigências de áreas da habitação**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1969.

⁹² BOUERI, Jorge. **Antropometria: fator de dimensionamento da habitação**. 1989. 368p. Tese (Doutorado) – FAU USP, 1989.

⁹³ Houve pequena diferença entre a somatória de cada cômodo calculado pela pesquisa e a metragem total oficial das UHs.

⁹⁴ Por conta de parâmetros para acessibilidade a cadeirantes, os banheiros de ambos os residenciais têm dimensões amplas, comentadas pelos moradores: “Nossa. É um quarto e cozinha. [Rimos as duas]” [In: 8. Aurora, 2018_entrevista vídeo (ver Apêndice)]; “O banheiro, achei que poderia ser um pouquinho menor, mas aí [...] O comprimento deles [é para] os cadeirantes, né?” [In: 10. Elisa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice)].

(PORTAS, 1969)*		J. Cândido e V. Paz			(BOUERI, 1989)*		
mínimo	desejável	cômodos	JC 2 Q	JC 3 Q	VP 2 Q	cômodos	desejável
● 14,00	● 18,00	sala	● 14,82	● 16,77	● 12,00	sala	15,0 ●
● 4,40	● 5,20	cozinha	● 5,13	● 5,13	● 3,35	cozinha	7,20 ●
● 3,00	● 3,50	banheiro	● 3,68	● 3,68	● 3,43	banheiro	4,20 ●
● 10,50	● 12,00	quarto 1	● 10,27	● 10,27	● 8,26	quarto 1	14,00 ●
● 9,00	● 11,00	quarto 2	● 9,36	● 9,36	● 7,50	quarto 2	12,00 ●
---	---	quarto 3	---	6,76	---	quarto 3	---
● 2,00	---	lavanderia	● 2,88	● 2,88	● 2,40	lavanderia	5,40 ●
---	---	circulação	2,04	2,04	** 3,70	circulação	---
---	---	varanda ou balcão	2,40	2,40	1,75	varanda ou balcão	---
		total	50,58	59,29	42,39		

* Fonte: Folz e Martucci (2007, p. 30, 33).
 ** a pesquisa considera os espaços cujo uso principal é circulação, apesar de não se configurarem como corredores

● Maiores dimensões
 ● Dimensões mínimas
 ● Dimensões abaixo das recomendadas pelos autores

Quadro 1 – Comparativo entre áreas úteis recomendadas por autores para habitação (m²) e as UHs dos Residenciais João Cândido (JC) e Viela da Paz (VP) – elaboração da autora

Embora importantes enquanto critérios para avaliação, esses números não são suficientes por si só para caracterizar a funcionalidade ou não dos espaços de moradia, que dependem de outros fatores como

configuração arquitetônica, quantidade de moradores, seus costumes e padrões de consumo, e da própria organização da sociedade. Uma cozinha doméstica minúscula poderia ser perfeitamente adequada se inserida numa comunidade habituada e com acesso a refeitórios coletivos, por exemplo. Esta pesquisa, no entanto, observará as necessidades de moradores que utilizam efetivamente suas cozinhas para o preparo da maioria de suas refeições, mesmo que eventualmente elas sejam transportadas e consumidas fora, no trabalho. Quanto aos dormitórios, os critérios dos estudos citados para os dimensionamentos consideram as necessidades espaciais relativas a um quarto para cama de casal, um para duas camas de solteiro e o terceiro quarto para uma cama de solteiro e seus móveis complementares. As salas devem comportar local para refeições e espaços nos sofás para todos os moradores previstos, que são quatro no caso de UH com dois dormitórios e cinco no de três.

Analisados sob o aspecto da setorização⁹⁵ projetada para os ambientes (Fig. 22), as UHs pesquisadas seguem um padrão comum a apartamentos contemporâneos de pequena dimensão: entrada pela sala (**setor social**), seguido de acesso quase imediato para cozinha e lavanderia (**setor serviços**), o que é solução prática para a entrada de compras ou saída de lixo, por exemplo, já que não existe “porta de serviço”. Aberta para a sala, a cozinha do JC se comunica em linha com a lavanderia ao fundo, parcialmente visível da entrada do apartamento. No VP o setor de serviços é também aberto, mas fica semi resguardado do setor social por uma espécie de hall de distribuição para acesso à cozinha, geladeira

⁹⁵ “A setorização tripartida em áreas **social**, de **serviços** e **íntima** corresponde à casa burguesa brasileira de inícios do século XX, tendo se cristalizado em nossa cultura arquitetônica como resposta genérica às demandas do morar. Tal concepção tornou-se um pressuposto de tal modo difundido e assimilado, que continua fortemente presente em grande parte da produção formal de moradia no país”, reproduzindo-se a abordagem generalizante da arquitetura modernista europeia e a “concepção de espaço em termos de resposta funcional ao que se compreendia como **necessidades humanas universais**, por meio de uma especialização e correspondência estrita entre espaços e ações: dormir-quarto, cozinhar-cozinha, comer-sala, etc.” (NASCIMENTO; TOSTES, 2011, p. 3, grifo nosso). Carlos Lemos (1976, p. 14) nomina as três zonas do esquema funcional “normal” de uma moradia como **estar** (social), **repouso noturno** (íntima) e **serviços**.

e lavanderia, que, esta sim, fica posicionada frente à sala, numa configuração pouco usual, embora a vista possa ser protegida por cortina ou similar. Banheiro e dormitórios (**setor íntimo**) são posicionados ao fundo em relação à entrada e, no caso do JC, são demarcados mais claramente através de um corredor (circulação) que concentra os acessos, apartados do setor social. No VP, apesar dos quartos estarem posicionados da mesma forma ao fundo do apartamento, sua relação com a sala é direta, com o acesso para os quartos resguardado apenas pela posição em 45^o das suas portas, que formam um pequeno hall triangular. O banheiro, próximo aos dormitórios, também se comunica diretamente com a sala (misturando os limites entre os setores íntimo e social) e, junto com o nicho da pia localizado fora do banheiro, forma em planta à sua frente um polígono que, apesar de situado no setor social, só é utilizável para a função de circulação entre sala, quartos e banheiro. No apartamento de três dormitórios do JC, um desses quartos igualmente abre para a sala (ficando de fora do corredor que une os outros dois dormitórios ao banheiro), caracterizado pela pesquisa como de setorização indistinta, adequado para atividades menos íntimas, como outra sala ou local de algum trabalho não doméstico (como verificado em uma das moradias pesquisadas).

As varandas do JC, ligadas ao setor social (a sala), são bem maiores do que os balcões do VP, ligados ao setor íntimo (os quartos), sendo que o VP conta ainda com a circulação condominial aberta, que funciona como varanda coletiva em cada pavimento.

A configuração dos cômodos do VP, com algumas divisões internas não ortogonais, gera espaços residuais de difícil ocupação por mobiliário ou equipamentos, o que, apesar de proporcionar diversidade espacial, pode ser problemático por se tratar da moradia com as menores dimensões, onde cada milímetro quadrado conta.

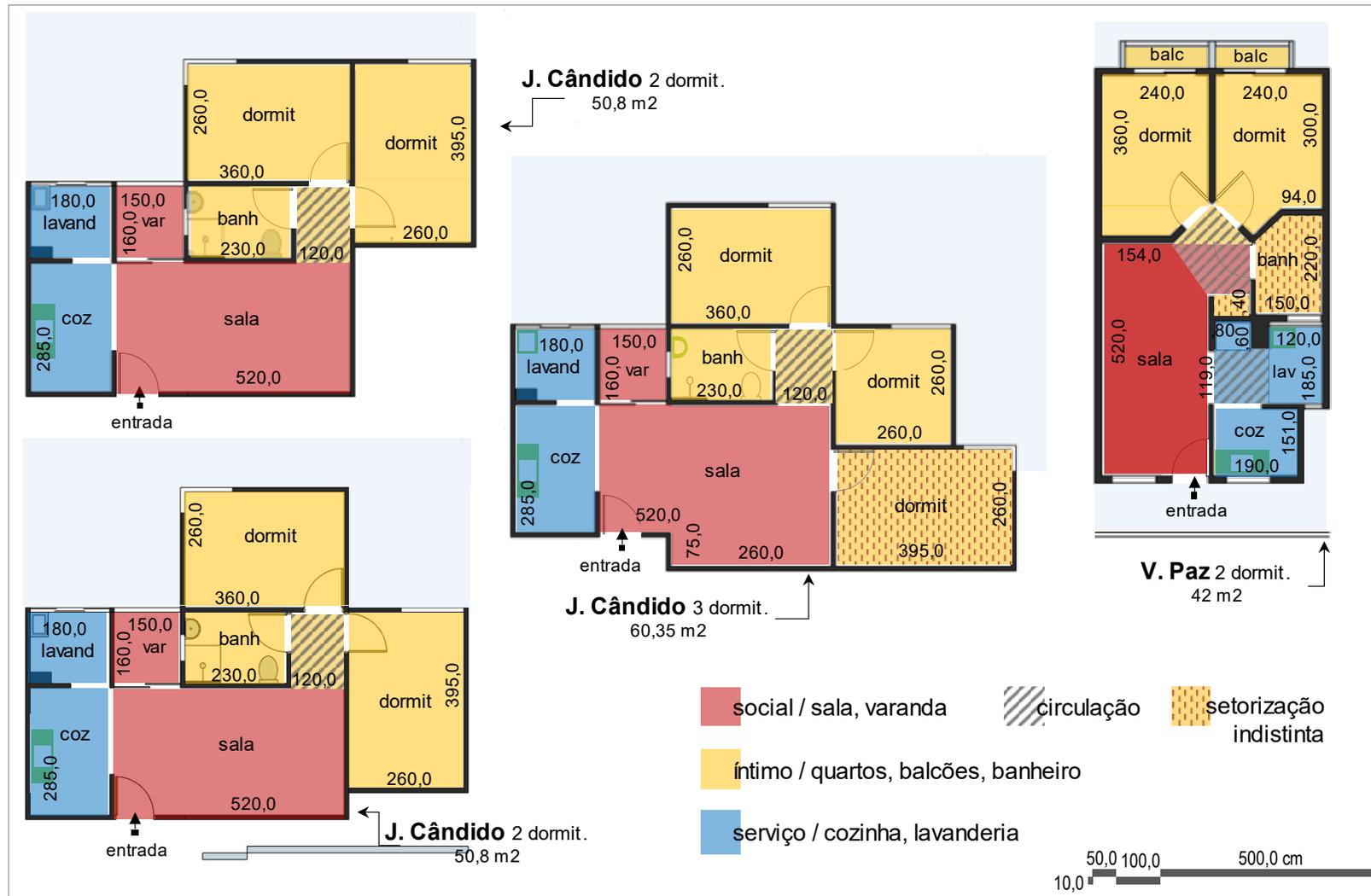


Fig. 22 – Setorização Social, Íntimo e Serviços dos espaços projetados para as UHs do JC e VP – desenho da autora.

Em relação à ventilação e iluminação naturais, ambos os residenciais têm boas características no geral, sendo que o VP conta com a melhor condição, da ventilação cruzada por aberturas para o exterior nos dois extremos dos apartamentos, como descrito anteriormente. Detalhes como portas de vidro para a varanda e uma janela em “L” no canto de um dos quartos do JC (Figs. 23 e 24), ou portas-balcão nos quartos do VP e janelas na sala que rasgam a parede quase até o piso, acrescentam qualidade aos espaços e, no caso do VP, amenizam a percepção quanto aos ambientes reduzidos (Figs. 25 e 26).



Fig. 23 – JC, porta de vidro para a varanda.



Fig. 24 – JC, janelas em “L” de um dos quartos – fotos da autora.



Fig. 25 – VP, porta-balcão dos quartos – foto da autora.



Fig. 26 – VP, porta de entrada e janelona da sala

Note-se, no entanto, que, embora a lavanderia do JC possua ampla janela, é ela que serve também de ventilação e iluminação natural para a cozinha contígua, funções que podem ficar comprometidas quando os varais estão cheios de roupas penduradas.

Quanto ao VP, a iluminação e ventilação do banheiro é feita indiretamente através da lavanderia que, por sua vez, possui uma estreita (~40 cm) janela aberta para o exterior, aproveitando verticalmente quase toda a altura da parede, numa configuração eficiente para iluminação, mas não quanto à ventilação. Perguntado se o espaço era bom para secar roupas, um morador afirmou que sim: “[Seca sim \[a gente\] não deixa acumular aquele tanto de roupa pra poder tá lavando \[...\] aí seca bem depressa.](#)” (João, 2019,

informação verbal)⁹⁶. Outra entrevistada, apesar de não usar varal na lavanderia, assegurou que sua irmã, que mora no mesmo condomínio, “conseguiu” (foi o termo que usou) secar roupa no local. Quando em uso, a configuração da UH do Viela da Paz, que escapa de certa maneira de algumas das convenções da setorização tripartida ao, por exemplo, localizar varal de roupas em frente ao setor social, permite que se observe a importância dessas questões para os usuários. As poucas entrevistas feitas não podem ser generalizadas, mas dos que não utilizavam o espaço citado para o uso previsto, só uma moradora classificou como “feio”⁹⁷ esse tipo de solução. Outra não o fazia por causa da excessiva proximidade com a cozinha⁹⁸ e uma senhora idosa preferia manipular o varal de piso posicionado no pátio do térreo, pela dificuldade em manejar varais altos – ambos argumentos sem relação com alguma reclamação por uma suposta promiscuidade percebida entre setor de serviço e social. Mas um dos moradores, embora não tenha reclamado da solução, providenciou cortina (Fig. 27) para resguardar a função social, explicitamente identificada por ele como “visitas”:

Achei melhor, falei ‘vou colocar essa cortina aqui, quando chegar uma visita, caso não queira mostrar a área de serviço e a cozinha, a gente puxa ela né [vai até a cortina e puxa uma das suas 2 folhas, que estavam recolhidas no mesmo lado; puxa a outra folha, fechando o vão]. A gente fecha ela e recebe a visita, tranquilo [risos]. Ficou legal? (João, 2019, informação verbal)⁹⁹.

⁹⁶ In:13. João, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice).

⁹⁷ “Fica as roupa pendurada assim, acho feio” [In: 12. Andressa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice)].

⁹⁸ “Já pensou você fritar um peixe com roupa pendurada? [Rimos] Tem um edredom aqui pendurado e aí você vai fritar um peixe” [In: 10. Elisa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice)].

⁹⁹ In: 13. João, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice)]. Poucos entrevistados nominaram esse ambiente da casa como “área de serviço”, o mais comum foi “lavanderia”, assim como João se referiu anteriormente em outras duas falas.



Fig. 27 – VP, lavanderia vista da sala, protegida por cortina instalada pelo morador - foto da autora.

Embora na setorização a classificação se refira à **função** exercida na moradia (**serviço** de preparar alimento ou cuidar da roupa), no senso geral, vincular “serviços” somente à cozinha e lavanderia não faz muito sentido em uma habitação, já que esta é uma atividade presente em **todos** os cômodos da casa, como pode perceber qualquer cuidador doméstico.

Quanto ao recorte ainda mais especializado do setor de serviços, a chamada “área de serviço”, observou-se em campo que o termo “lavanderia” foi muito mais utilizado pelos entrevistados (somente dois não o fizeram), chegando a pesquisadora a ser corrigida (de modo automático e involuntário, claro) pelos moradores, como em Elisa (2019):

[Tá filmando a bagunça!](#)

E aqui é a janela que dá pra área de serviço?

Que dá pra lavanderia.

Isso. Tá. Entendi, entendi. (informação verbal¹⁰⁰).

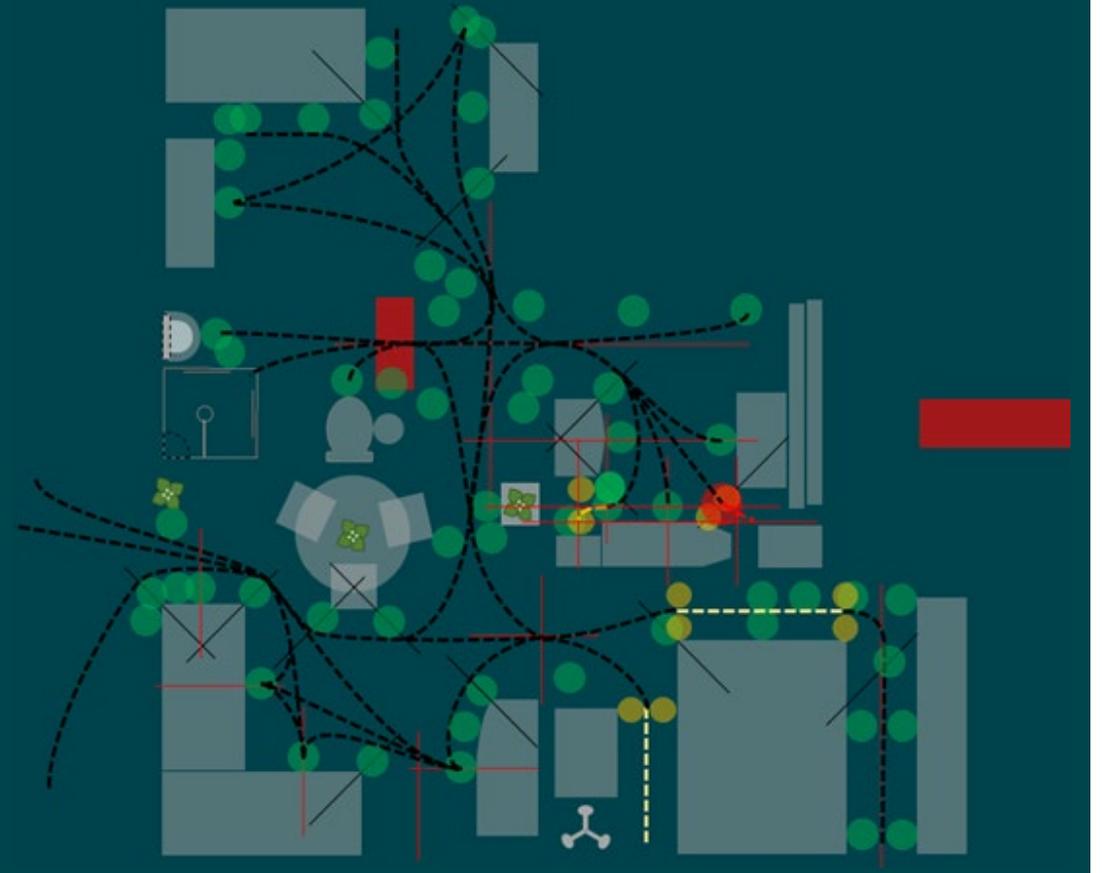
Talvez o viés classista da denominação “área de serviço”, enquanto identificação do território da empregada doméstica dentro das casas burguesas¹⁰¹, não seja reconhecido pelas classes populares em suas próprias casas. Ou talvez o uso da palavra “lavanderia” lhes pareça mais sofisticado – de qualquer maneira, a pesquisa passou a adotar **lavanderia**, nome mais preciso quanto ao uso do ambiente, no lugar de área de serviço.

¹⁰⁰ In: 10. Elisa, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice)].

¹⁰¹ A segregação espacial da empregada doméstica nas residências das classes média e alta, resquício da nossa longa tradição escravocrata, gerou soluções arquitetônicas caracterizadas por Carlos Lemos (1989, p. 79) como “exclusividade nacional”, com suas separações entre circulação de serviço e a “dos patrões”. Camila Santos (2019, p. 31, grifo nosso) escreve: “No Brasil, contudo, as problemáticas que envolvem o trabalho doméstico possuem uma especificidade potente que advém da persistência da escravidão até fins do século XIX, de tal sorte que a constituição da modernidade esbarra em formas arcaicas de sociabilidade e de produção. A **carga negativa atribuída ao trabalho** adquire aqui uma profundidade ainda maior, que resulta em outras formas de apagamento, sutis e tão naturalizadas que conformam parte da cultura brasileira, como por exemplo o apartamento e a invisibilidade, por meio de **agenciamentos espaciais e materiais das áreas de serviço**, onde se insere o quarto de empregada. Neste caso, a própria organização do programa delimita a área e o local de ocupação da área de serviço, além de sua conexão com os outros ambientes da casa, ou seja, com seus outros habitantes procedendo-se assim uma divisão social, de gênero e de classe.”

7. AS CARTOGRAFIAS PROPOSTAS

Rascunho mapeamento – elaboração da autora



As **transcrições** das entrevistas em áudio e vídeo são a primeira parte do processo de sistematização dos dados e, sobretudo as entrevistas em vídeo, têm uma estrutura não somente descritiva, mas reflexiva, com registro dos depoimentos e dos tipos de móveis, suas dimensões e arranjos, além de fotos dos ambientes e de indicação dos intervalos de tempo em que o morador se demorou na apresentação de cada cômodo da habitação, informação utilizada para a posterior montagem de um gráfico. Embora as transcrições não sejam apresentadas por inteiro na cartografia de cada moradia pesquisada, são ferramenta fundamental para acesso aos dados do campo¹⁰² e geraram documentos extensos, para que as ações pudessem ser descritas e os diálogos fizessem sentido durante a leitura, com cor diferente (azul) para as falas dos entrevistados, estratégia repetida na presente tese. As sistematizações incluem realces de textos indicando temas recorrentes, motivações, dificuldades ou satisfações, lugares e lojas citadas (Figs. 28 a 30). As entrevistas em áudio demandam transcrições mais simples, necessitando por vezes apenas de supressão de trechos para preservar intimidades, já que as conversas giravam em torno da trajetória de moradias passadas e alguns entrevistados – por vontade própria, pois não havia questionários dirigindo a coleta de dados – não se furtaram a detalhes que lhes pareceram importantes. Ser apresentado à moradia pelo próprio morador influencia o olhar do pesquisador e suas posteriores avaliações. Não se pretendeu, por óbvio, fazer juízos de valor do tipo “tal pessoa é bagunceira” ou “organizada” ou acumuladora de objetos “desnecessários”, mas, sim, entender as funções exercidas pelos objetos e arranjos domésticos observados, levando em conta a perspectiva dos usuários. Por exemplo, as muitas caixas de papelão que se espraiam entre determinada sala e quarto fazem sentido quando sabemos que a dona da casa exerce nela duas atividades de trabalho não doméstico, cada qual com seus

¹⁰² O vídeo em si nunca deixa de ser consultado, mas as transcrições fornecem acesso mais rápido aos dados, já filtrados em direção aos objetivos da pesquisa.

utensílios, acessados em tempos diferentes e, por isso, acondicionados nas caixas, que por sua vez não cabem nos armários que atendem às necessidades dos outros moradores. Ou o surpreendente minimalismo de objetos domésticos com os quais uma família de dez pessoas se arranja, que pode ser explicado não somente pela falta de recursos, mas pelo desejo de trocar a UH por uma menor ainda, fora do condomínio, para escapar das suas regras e multas. Ou ainda o arranjo de mobiliário que interdita parte da casa ao acesso do marido cadeirante, não por falta de discernimento dos moradores, mas por falta de cuidado porque o casamento está em crise – tanto que será desfeito algum tempo após a entrevista. Claro que essas observações não eliminam os efeitos práticos, positivos ou negativos, das configurações dos arranjos domésticos citados, que como tal devem ser analisados, mas ilustram fatores causadores de inadequações cuja resolução não pertence ao campo do design de mobiliário. A dona da casa dos caixotes – embora talvez fosse possível ter algum armário a mais – deveria ser mais bem remunerada para não precisar acumular duas fontes de renda em casa, além de trabalhar fora como babá; a família de dez pessoas precisa de uma UH muito maior e de mais renda, para que não viva exasperada com as multas do condomínio. A moradora cujo casamento estava em crise já resolveu seu problema e se separou. A estratégia do olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) contribui para que a pesquisa entre em contato com mais variáveis em relação a causas e implicações do objeto que observa em campo.

Fig. 28 – trecho transcrição ref.
8. Aurora, 2018_entrevista vídeo,
[ver Apêndice]

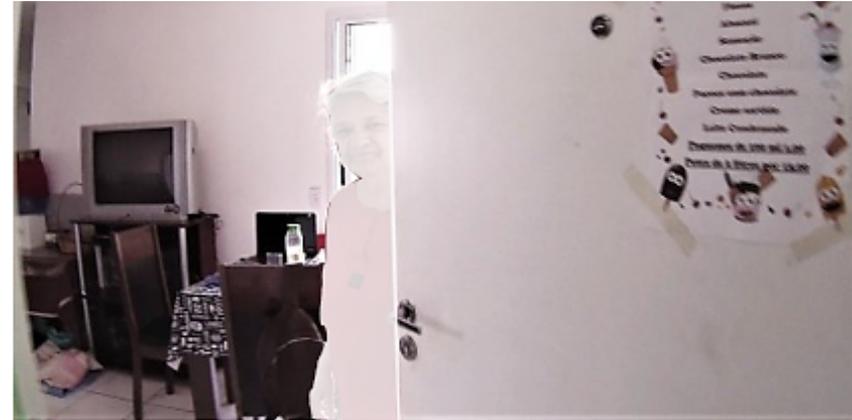


Fig. 1 – Aurora abre a porta do apartamento , que exhibe o cartaz de venda de sorvete

00:00:00

Pois não.

Oi, Aurora. Tudo bom?

Tudo bem.

Obrigada, viu, por me deixar entrar na sua casa. Por me mostrar a sua casa.

Nos beijamos, cumprimentando, Aurora fecha a porta e começa a ação, meio sem graça.

Aqui é minha cozinha ... [afasta uma cadeira do caminho] só não repara a bagunça, porque ...

Vai em direção à entrada do banheiro onde, como quase todos os entrevistados até agora, João retirou o lavatório que ficava fora, reposicionou-o para dentro do banheiro e aproveitou o nicho, de 80 de frente x 40 cm profundidade, para instalar uma estante.

00:07:08

Aqui tá meio bagunçado, mas ... [João arruma um sapato na estante; acende a luz]

Bagunçado? Eu tô achando *muito* bem organizado! [risos]

Aqui, no empreendimento que eles entregaram o apartamento, o lavatório era aqui [...]. Porém, como eu **bolei isso aqui**, coloquei o lavatório pra dentro do banheiro, já já você vai ver, e fiz essa basezinha aqui, coloquei essa sapateira aqui.

Nossa, eu achei perfeito [ele ri, satisfeito]

Inclusive eu vou ter que **colocar uma cortina aqui também** [risos] ...

Perfeito! Escuta, e essa estante ... bacana essa estante!

É uma estante pintada de preto, com estrutura de quadros metálicos nas laterais e 5 prateleiras de madeira, cada uma com uma travessa também de madeira, que provavelmente foram projetadas para ficar atrás do móvel, mas estão na frente, e formam uma muretinha de ~5,0 cm altura, ajudando a conter os sapatos. A estante coube justa no nicho, sobrando um vão entre a última prateleira e o teto, aproveitado para guardar uma grande caixa térmica de isopor, apoiada 'deitada'. [Fig. 14 e 15]

Essa estante eu **comprei no Extra** ...

Do que que ela é? olha ela parece ... [bato com a ponta dos dedos na estrutura] ah, ela é de ferro!

É, uma parte de ferro, uma parte de madeira ...

[Passo a mão na prateleira] E aqui de madeira [...] ah, e ela é especial pra sapato?

É ... pra sapato, coisas desses utensílios assim do pessoal, vaso [...] comprei no Extra, é, **eu passei lá, olhei e vi, aí compre**

Fig. 29 – trecho transcrição ref.
13. João, 2019_entrevista vídeo
[ver Apêndice]



Fig. 2 – balcão



Fig. 3 – objetos sobre o balcão

Fig. 30 – trecho transcrição ref.
4. Carolina, 2017_entrevista vídeo
[ver Apêndice]

C – então, aqui é nosso empreendimento Minha Casa Minha Vida né, que a gente conseguiu e ... tá meio assim desorganizado ainda né porque ainda não deu pra mim organizar muita coisa né?

E – há quanto tempo que você veio pra cá morar, aqui?

C – agora em janeiro faz 3 anos ...

E – 3 anos, tá, tá ...

C – 3 anos ... e assim, muita coisa que eu modifiquei ... não é do jeito que tá aqui né, eu fiz uma modificação. Por exemplo, não veio com essas molduras, né ... as molduras eu que coloquei

*Mostra os **roda tetos** instalados em todos os cômodos, inclusive no terraço: brancos, de perfil que combina 1 friso arredondado e 4 retos.*

C – esse balcão aqui não tem ... eu que fiz esse balcão ... esses pendentês também não tem, eu que coloquei esses pendentês ...

E – ahãã ... você mudou pontos de luz e tudo né? que legal ...

7.1 A construção dos mapas

Como anotado no capítulo 4.2¹⁰³, mapas pertencem ao campo da representação gráfica, na qual, “por definição, os elementos já são previamente conhecidos e admitidos como tais, [cabendo] à representação encarregar-se das relações existentes entre esses elementos” (MATIAS, 1996, p. 101), lembrando ainda que se trata aqui de estratégia flexível de análise crítica, onde “método e objeto são figuras singulares e correlativas” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 46). Para que a comunicação seja eficiente quanto à cartografia proposta pela pesquisa, é necessário, portanto, que todas as escolhas sejam descritas – conceitos, categorias, sinais, legendas – como será feito a seguir.

Cada moradia, identificada numericamente na ordem em que foi pesquisada¹⁰⁴, será representada por um conjunto de 11 mapas que, além de formarem o seu mapa geral, quando separados e agrupados por assunto (também numerados) com os das outras moradias, permitirão recortes específicos e cruzamentos de análise. Cada conjunto de mapas é dividido em dois grupos, que demandam estratégias diferentes de representação: grosso modo, um que apresenta o pesquisado (três mapas), outro que apresenta sua moradia e a configuração espacial do arranjo de seus móveis e objetos (oito mapas).

As paisagens domésticas em estudo são configurações espaciais “cristalizadas” no exato momento anterior a nossa observação (SANTOS, 2006)¹⁰⁵, de modo que seus mapas se aproximam do que

¹⁰³ Cf. Cap. 4.2. “A cartografia, uma aproximação teórica”.

¹⁰⁴ Foram 13 moradias pesquisadas, sendo que a número três desistiu de continuar participando. Nem todas as moradias serão apresentadas aqui, portanto a numeração não será sequencial. A mesma numeração acompanha todos os documentos produzidos pela pesquisa referentes a cada moradia, como as transcrições em áudio e vídeo, fichas dos entrevistados, compilações e os próprios mapas.

¹⁰⁵ Cf. Cap. 3. O CENTRO TEÓRICO.

Boaventura de Souza Santos (1988, pp. 143-144), seguindo a cartografia francesa, designou como “mapa-imagem”, ou seja, aqueles que privilegiam a “representação” (e não a “orientação” ou o movimento, que seriam adequados aos mapas chamados de “instrumentais”). Combinaram-se assim desenhos, fotografias, textos, gráficos, em escalas que se equilibram entre o não comprometimento da clareza do conteúdo e as limitações impostas pelas dimensões do suporte em que será divulgado – o papel, tamanho A4, orientação paisagem.

Embora tenha sido possível, na seleção pesquisada, manter alguns elementos fixos na cartografia proposta, adotou-se formato flexível, sem localizações ou dimensões rígidas, para que a representação se adapte ao objeto representado, e não o contrário. Ora foi necessário mais espaço para texto, ora para imagens, e assim foi feito, à exceção dos dois números mantidos sempre acima e à direita na página, indicativos da moradia pesquisada (o número maior) seguido pelo do assunto do mapa (o número menor, abaixo do primeiro).

7.1.1 Apresentando o morador em 3 mapas

Os mapas 1 e 2 têm o **texto** como eixo principal, que funciona como legenda¹⁰⁶ para as outras figuras do mapa e eventuais comentários contextuais. Esse texto, embora não seja necessariamente literal, tem origem nas citadas transcrições das entrevistas.

¹⁰⁶ Nessa legenda, números (N°) levam a um lugar no mapa; letras (X) levam a uma figura.

O **mapa 1** apresenta o morador entrevistado, localiza a cidade onde nasceu, o domicílio atual e o percurso de moradias anteriores, permeados pelo seu relato pessoal¹⁰⁷ (Fig. 31).

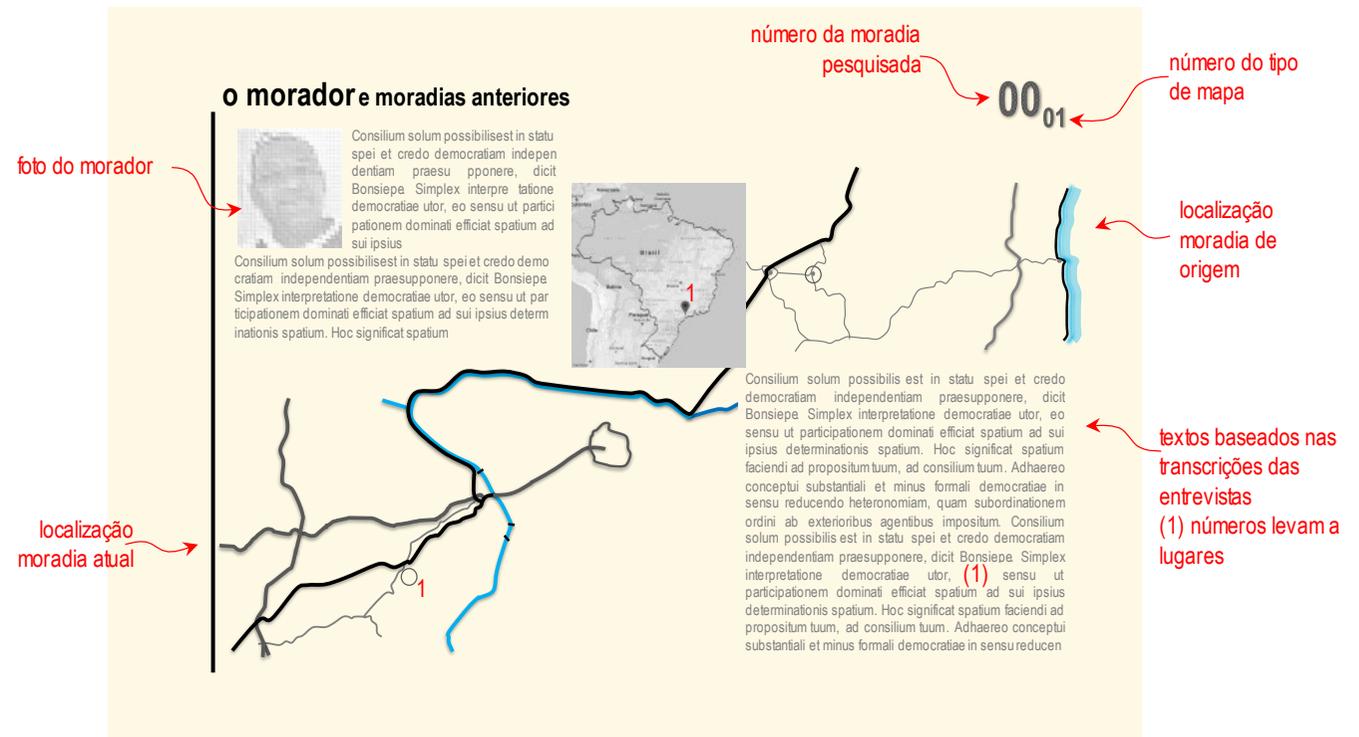


Fig. 31 – miniatura do mapa 1 – elaboração da autora

¹⁰⁷ Respeitaram-se as diferenças em detalhes e interesse que cada entrevistado demonstrou nos depoimentos. Alguns descreveram em minúcias a quantidade de cômodos de cada residência, e localizações precisas. Outros foram mais vagos ou lacônicos, indicando apenas bairros, fazendo confusão por vezes no histórico relatado. Procurou-se principalmente ser cuidadoso em não invadir assuntos interditos ou desconfortáveis para o entrevistado.

O **mapa 2** introduz características da família moradora e da moradia: mostra planta da UH, quantidade de moradores, idades, como se distribuem nos quartos (Fig. 32).

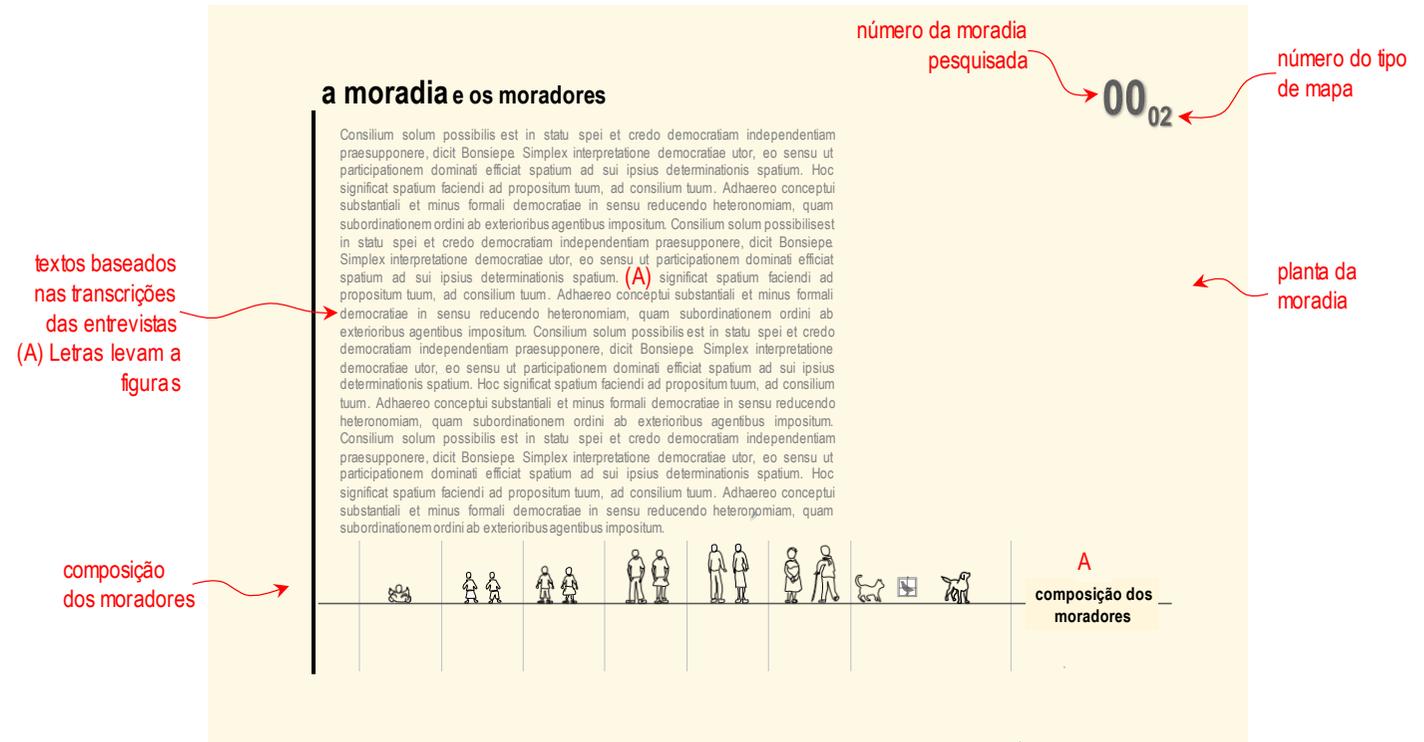


Fig. 32 – miniatura do mapa 2 – elaboração da autora

Pereira (2015, pp. 32-52), fazendo compilação entre autores, lista sete faixas etárias, baseadas em “etapas da vida e necessidades individuais” relacionadas à “saúde comportamental”, que se refletem, ou deveriam se refletir, na espacialidade doméstica. Bebês necessitam de espaços vazios no piso para

brincar e aprender a se movimentar, por exemplo. Na primeira infância, é recomendável que a criança possa “tomar posse” de algum espaço para si, com guarda de brinquedos – além da necessidade de itens de segurança como telas de proteção em janelas e guarda de substâncias químicas em lugar inacessível para elas. Crianças na segunda infância iniciam atividade escolar, com necessidades específicas, além de tenderem à “segregação por gênero quase total por volta dos seis-sete anos”. Adolescentes costumam causar grande impacto no ambiente doméstico, recebendo grupos de companheiros e amigos na sala ou nos quartos. Jovens adultos entram no mercado de trabalho, acarretando demanda de uso do banheiro em horários simultâneos, têm filhos e companheiros, e não necessariamente mudam de casa, por exemplo. Idosos necessitam de banheiros e cozinhas adaptados para uso de andadores ou cadeira de rodas e espaços de armazenamento adequados ao seu alcance¹⁰⁸.

Os ícones adotados pela pesquisa para a composição dos moradores listam 6 faixas etárias, fazendo junção entre 2 faixas classificadas em separado por Pereira: jovens adultos (18 a 24 anos) e adultos (25 a 64 anos), considerando a proximidade de suas necessidades quanto às funções domésticas. Além disso, a tabela proposta inicialmente, só com humanos, logo se mostrou insuficiente ao desconsiderar cães, gatos, pássaros, cuja presença em alguns domicílios ocupam espaços e explicam configurações específicas de objetos. Como tal, a tabela foi completada (Fig. 33).

¹⁰⁸ Importante, no entanto, anotar que tais parâmetros não podem ser tomados como universais. Cardoso, Melo e Gomes (s.d., p. 7, grifo nosso), em artigo no qual analisam resultados do MCMV na Região Norte, criticam a importação de modelos que desconsideram suas tradições: “Aqui emerge a discussão sobre a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que melhor atendam aspectos socioculturais, ambientais e econômicos da população da região norte, onde **práticas de coabitação** não são consideradas um problema”. Comunidades menores ou mais seguras podem ser o “quintal” para crianças passarem seus dias, voltando para casa só para refeições, banho e dormir – o que diminui demandas quanto à configuração espacial das UHs.

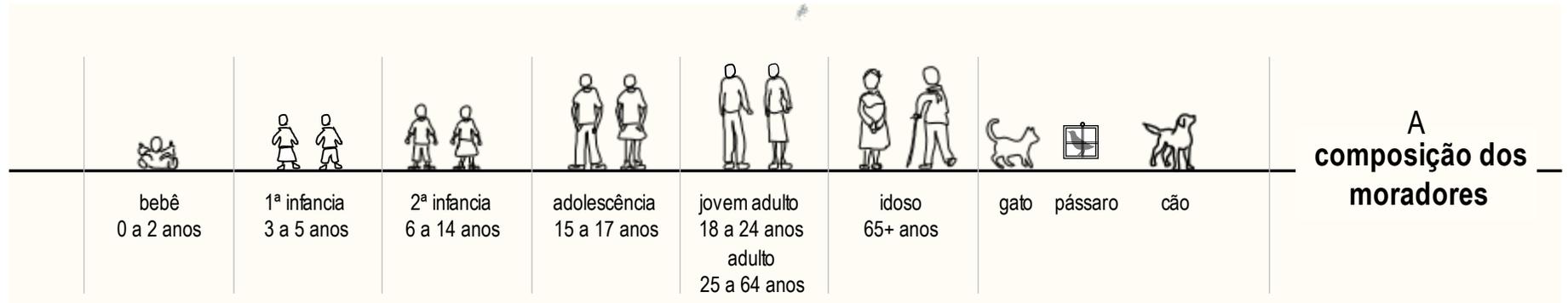


Fig. 33 – detalhe do mapa 2, tabela da composição dos moradores – elaboração da autora.

O **mapa 3** (Fig. 34) sistematiza informações sobre a vídeo-entrevista e a forma como o morador apresentou a moradia. Tem as **fotos dos cômodos** como eixo principal, dispostas na ordem em que foram mostrados e referenciados seus pontos de vista na planta da UH. Um gráfico de barras registra a proporção de tempo em que o morador se demorou em cada cômodo, em relação à duração total da gravação. As convenções cromáticas do gráfico (Fig. 35), ligadas à identificação dos cômodos, são as mesmas usadas no mapa 5 (zoneamento dos objetos).

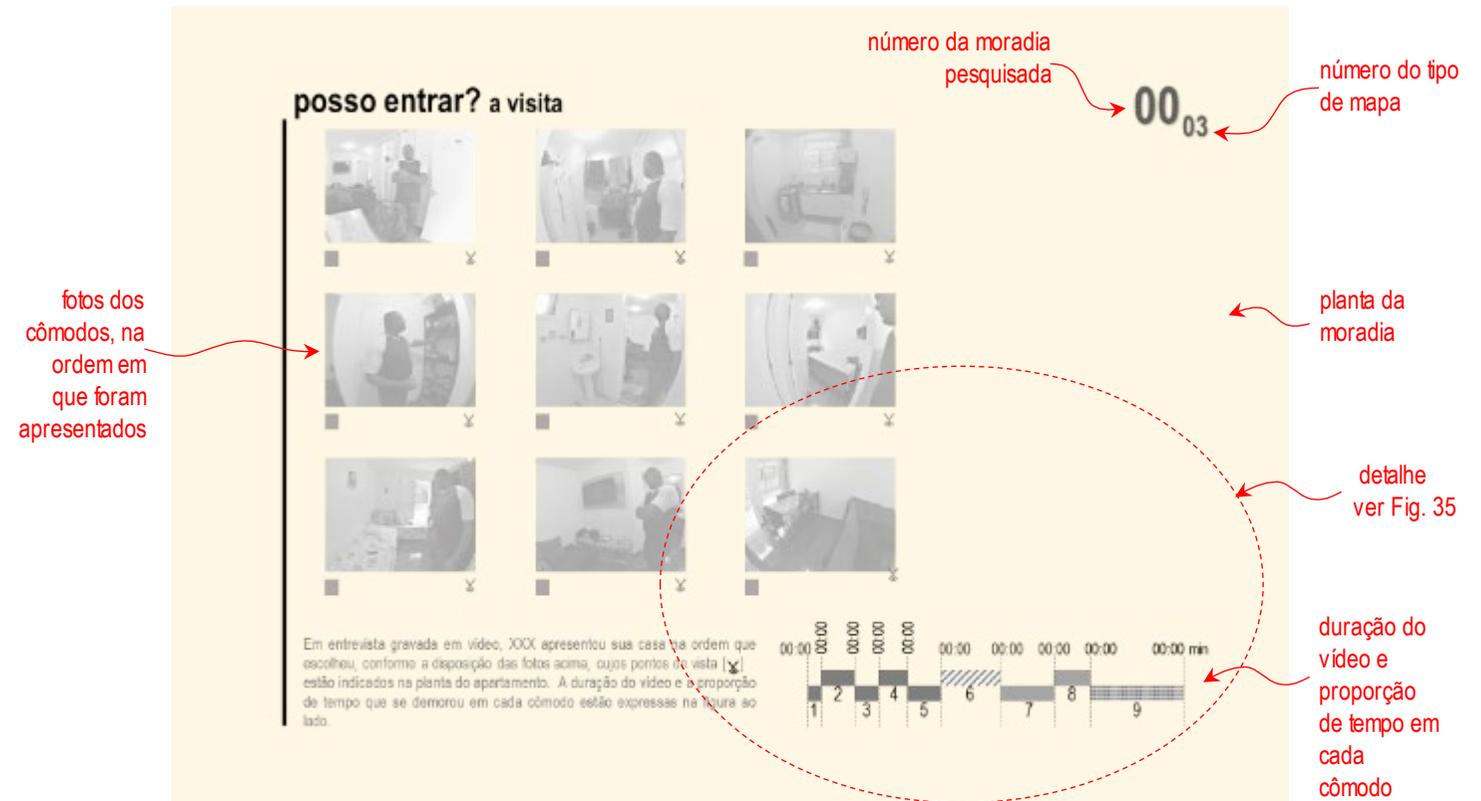


Fig. 34 – miniatura do mapa 3 – elaboração da autora.

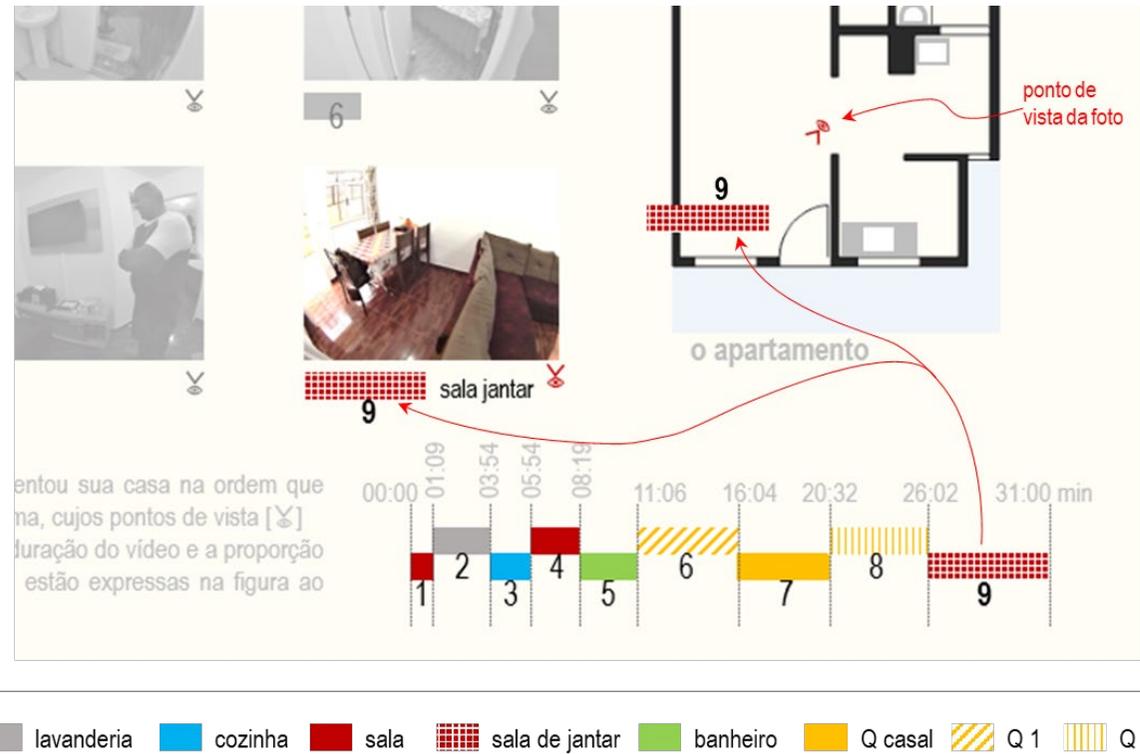


Fig. 35 – detalhe do mapa 3 – gráfico da proporção de tempo em cada cômodo na vídeo-entrevista, suas relações com as fotos e com a planta da UH e, abaixo, legenda das convenções cromáticas – elaboração da autora

7.1.2 Apresentando a moradia e seus arranjos de móveis em oito mapas

Esse grupo estrutura-se em torno das **plantas** das UHs com a localização dos móveis, equipamentos e utensílios existentes em cada moradia¹⁰⁹ – nominados genericamente como **objetos**¹¹⁰ nos títulos dos mapas.

Há que se fazer aqui breve parêntese acerca da adoção de ferramenta tão usual para arquitetos – a planta arquitetônica – em meio a elaborações teóricas sobre mapeamentos e cartografias. Em primeiro lugar, o seu uso mostrou-se adequado para os objetivos da pesquisa, sobrevivendo, pode-se dizer, durante o processo. Em segundo lugar, por não desempenhar papel de documento de especificação técnico-construtiva na pesquisa, mas, sim, de **registro de relações espaciais** existentes, a analogia entre “planta” e “mapa” é possível, e como tal foi aqui utilizada.

Para Arnheim (1988, pp. 51-52, grifo nosso), “**uma planta, que é um mapa** no nível horizontal” é o que revela, para o sentido humano, a verdadeira natureza de um edifício:

[Há] uma diferença fundamental entre o mundo da acção e o mundo da visão. A principal dimensão da acção é a superfície horizontal, e tudo o que seja relevante para a acção tende a ser revelado pela planta. Pelo contrário, o domínio principal da visão é a vertical. [...] A planta diz-nos onde ir para fazer o quê. [...]

¹⁰⁹ Sobre o levantamento técnico das dimensões do mobiliário, ver Cap. 5 – OS PROCEDIMENTOS EM CAMPO.

¹¹⁰ Ver no Cap. 3 – O CENTRO TEÓRICO – o conceito de sistemas de objetos de Milton Santos (2006, p. 46): “Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, [...] uma exterioridade”, todo resultado da ação humana que se objetivou.

No mesmo sentido, estudos que abordam ferramentas para orientação de usuários em espaços internos de grandes edificações fazem uso de terminologia que se apropria desses dois campos:

A **cartografia indoor** deve considerar quesitos de orientação e visão geral do usuário, além das questões relacionadas aos sistemas de navegação indoor. [...] No **mapa Planta Baixa**, o grau de detalhamento das informações é reduzido [...] (SAROT, 2015, p. 19, grifo nosso).

Voltando à descrição desse grupo, cada um dos oito assuntos tem em seu mapa uma barra vertical à esquerda, ao modo de margem, com formato e cor diferenciada, de maneira a tornar mais rápida sua identificação visual em relação ao conjunto. Em outro recurso utilizado para facilitar a leitura dos mapas, os objetos ou características que não se fizerem presentes na moradia terão suas identificações semiapagadas no menu das legendas, proporcionando um modo extra, além do desenho, de registro dos elementos relacionados ao tema. Acrescentaram-se ainda comentários quando necessário, sistematizados nos espaços livres das legendas (Fig. 36). Assim foram nominados os oito mapas:

- 4. os objetos
- 5. zoneamento dos objetos
- 6. procedência dos objetos
- 7. aparência dos materiais dos objetos
- 8. altimetria dos objetos
- 9. área de uso dos objetos
- 10. circulação entre os objetos
- 11. área livre entre objetos exceto as áreas de uso



Fig. 36 – esquema geral da estrutura dos mapas 04 a 11 – elaboração da autora

O **mapa 4 (os objetos)** registra e posiciona em planta os objetos existentes na moradia e trata-se do mapa com a maior quantidade de itens na legenda. As classificações partem dos equipamentos, utensílios e móveis em si (cortinas, camas, mesas etc.) e não das atividades (proteger janelas, dormir, comer etc.),

considerando que o móvel é o objeto principal do estudo e admitindo-se que as atividades podem ser exercidas com flexibilidade em relação ao móvel ou equipamento recomendado.

Com algumas variações quanto à terminologia, costuma-se classificar o mobiliário em duas funções básicas: “suportar” e “conter” (PEDROSO, 2018), ou seja, móveis de apoio e de guarda. Em subdivisão, as camas, cadeiras e sofás são móveis destinados ao suporte do corpo humano, enquanto mesas e bancadas são para o suporte de objetos em geral. Móveis de guarda, ou armazenamento, são os roupeiros, armários, estantes, gaveteiros. Assim o LNEC (Port.) resume o rol do mobiliário doméstico:

O mobiliário usualmente serve para apoiar o corpo humano (e.g., cama, cadeira), arrumar ou apoiar objectos (e.g., cômoda, estante) e proporcionar superfícies de trabalho ou para refeições (e.g., secretária, mesa). O mobiliário pode também ter uma função de decoração (e.g., quadro), simbólica ou religiosa (e.g., oratório). (LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL, 2011, p. 4).

No decorrer do trabalho de campo, às classificações iniciais foram acrescentados “marcadores” referentes à forma do móvel, como por exemplo a cama box, cuja presença se destacou, assim como as sapateiras de zíper. Ou ainda os sofás “de canto” – móvel de dimensões e formato pouco flexível para ambientes pequenos. Tratou-se durante o mapeamento de refinar informações em direções exploratórias.

Outro grupo no mapa são os equipamentos da moradia. Os fixos são as pias e tanques. Os equipamentos soltos são os da chamada “linha branca”: as lavadoras de roupa, fogão, geladeira, freezers, micro-ondas. A evidência de que seria importante o registro de objetos decorativos veio da moradia 3 (que desistiu de participar da pesquisa), onde literalmente não havia superfície de móveis sem enfeites. Criou-se, portanto, um grafismo indicando genericamente a presença de objetos decorativos, estratégia seguida por outros quatro grafismos: para objetos utilitários, brinquedos, galerias de fotos (antes inseridas no item

“decorativos”, foram separadas devido a sua presença marcante na moradia 9) e para roupas dobradas, empilhadas¹¹¹.

O **mapa 5 (zoneamento dos objetos)** classifica o mobiliário de acordo com o ambiente para o qual exerce a função. Por exemplo, um armário com utensílios de cozinha, mas localizado na sala, será classificado como “de cozinha”, num mapeamento que pode revelar “indisciplinas”¹¹² (FRANÇA, 2008, p. 6) dos usuários, superposições ou espraiamentos nos usos previstos em projeto.

O **mapa 6 (procedência dos objetos)** registra os modos de aquisição dos móveis – quais foram recebidos em doação ou foram comprados, “catados” (a partir de descartes de outros usuários), de segunda mão ou novos, sob encomenda. Marcadores indicam se foram comprados via internet ou adquiridos especialmente para a nova moradia.

A seguir, detalhe das legendas dos mapas 4, 5 e 6 (Figs. 37 a 39).

¹¹¹ Há subjetividades presentes nas classificações. Um esmerado arranjo de frutas numa fruteira em cima do balcão é “utilitário” ou “decorativo”? “Decorativo” foi a escolha, mas para outras dúvidas nesse e em outros mapas, estabeleceu-se um breve protocolo, que será apresentado ao final da descrição dos mapas.

¹¹² Pesquisando moradias em Brasília, DF, Franciney França (2008) classificou como “indisciplina leve” aquelas apropriações do espaço pelos moradores caracterizadas como “alterações de uso e ocupação” (enquanto as “indisciplinas pesadas” seriam as alterações na arquitetura da moradia).

os objetos

móveis de apoio ao corpo	 camas	 bicamas	 beliches	 cama box	 treliches
	 assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás			 sofás-cama	 sofás de canto
móveis de guarda de objetos	 guarda roupas	 arara parede	 arara piso	 cabide piso	
	 armários e estantes		 baús, malas, cestos e caixas com tampa		
móveis de apoio a objetos	 mesas, mesinhas e bancadas		 taboa de passar roupa		
equipamentos fixos e soltos	 pias e tanques				
	 linha branca		<small>fogão, geladeira, lava roupas</small>	 tanquinho	 micro ondas
	 prateleiras na parede				
	 sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa				
	 lixeiras				
	 tapetes				
	 vasos com plantas		 cortinas		
	 computador	 móvel / objeto improvisado			item 'apagado' quando não existente na moradia
	 televisão em painel	 varal de teto			
	 televisão com base	 varal de piso			
grafismos	 objetos decorativos		 escada móvel		 galeria de fotos
	 objetos utilitários		 brinquedos		 roupas dobradas, empilhadas

Fig. 37 – legenda do mapa 4 – elaboração da autora.



Fig. 38 – detalhe legenda mapa 5 – elaboração da autora

procedência dos objetos



Fig. 39 – detalhe legenda mapa 6 – elaboração da autora

O **mapa 7 (aparência dos materiais dos objetos)** faz o levantamento dos principais materiais construtivos do mobiliário e confrontou-se com a dificuldade em separar o “real” do aparente. Atualmente os revestimentos dos móveis não imitam somente materiais naturais como granitos, mármore ou

madeiras, como também imitam os painéis industrializados de madeiras maciças coladas em retalhos, ou seja, a etapa é já de indústria se passando por outra indústria. Esses revestimentos podem ser plásticos, celulose, pintados, impressos, sobre painéis laminados ou particulados de madeira¹¹³. Há estofados e seus couros legítimos ou ecológicos, *courvins* e corinos; plásticos que parecem metal; flores que podem ser naturais – ou não. Dada a impossibilidade de, a olho nu, verificar e descrever com exatidão tantos materiais dentre os possíveis, optou-se por registrá-los conforme sua **aparência**, ou seja, se a indústria produziu e o morador adquiriu um móvel que **parece ser** algo, a pesquisa anota tal qualidade. A experiência¹¹⁴ aliada ao toque da mão, quando possível, permitiu algumas certezas e para isso criou-se um marcador para madeiras, mármore e granitos “de verdade”. Para os móveis coloridos por pintura, foi necessário indicar na legenda que o seu marcador exclui as pinturas que imitam materiais naturais (os quais foram registrados como o que aparentam).

O **mapa 8 (altimetria dos objetos)** estabelece cinco faixas de intervalos de alturas para registro: nível do piso (tapetes); até 45 cm (altura de assentos); de 46 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores); 111 a 215 cm (até altura de batentes de portas) e de 216 cm ao teto. Trata-se da tentativa de se mapear o volume do mobiliário e os seus impactos, por exemplo, enquanto potenciais criadores de novas “paredes” no espaço. Além disso é o único mapa que, embora em planta, aborda o plano vertical, o “domínio principal da visão”, como sugere Arnheim (1988, p. 51), já citado.

A seguir, detalhes das legendas dos mapas 7 e 8 (Figs. 40 e 41).

¹¹³ Ver Franco (2010), que em seu mestrado sobre “móvel residencial seriado brasileiro em madeira reconstituída”, detalha nos capítulos 1 e 2 a evolução da matéria prima e dos revestimentos desse móvel.

¹¹⁴ Dependendo do estilo, da idade do móvel, se industrializado ou manufaturado, é possível reconhecer seus materiais básicos, característicos do modo de produção de sua época.

aparência dos materiais dos objetos



- simplex interpre tatione democratiae utor
- dominati efficiat spatium ad sui ipsius

modificações na moradia entregue:

1. spei et credo democratiam indepen denti
2. simplex interpre tatione democratiae utor
3. dominati efficiat spatium ad sui ipsius

Fig. 40 – legenda do mapa 7 – elaboração da autora

altimetria dos objetos

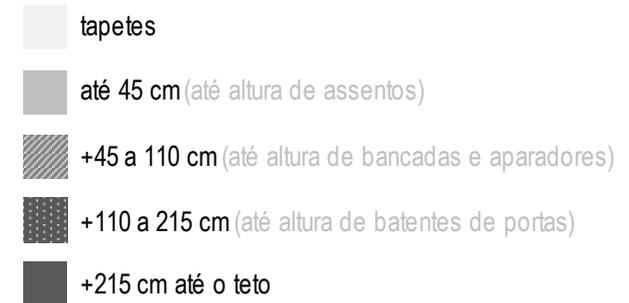


Fig. 41 – legenda do mapa 8 – elaboração da autora

O **mapa 9 (área de uso dos objetos)** refere-se às dimensões “da zona livre” (LNEC, 2011, p. 4) necessária para permitir o acesso e utilização do mobiliário ou equipamento da moradia – como por exemplo espaço para abrir portas, gavetas, agachar-se para acesso ao forno ou prateleiras baixas, arrumar camas etc. Boueri Filho (2008, p. 7) designa essa zona livre como “Espaço de Atividades”, ou seja, “a superfície necessária e suficiente para que uma pessoa possa desenvolver qualquer atividade sem interferência ou restrição provocada por mobiliário, equipamentos e/ou componentes do edifício.” Ambos autores sugerem três níveis ergonômicos de qualidade espacial: o mínimo (adequado, com segurança mas com restrição de movimento), o recomendado (sem restrição de movimento) e o ideal (compatível com a capacidade física de idosos).

A Norma Brasileira que trata das “dimensões mínimas e organização funcional dos espaços” das edificações habitacionais (a NBR 15575-1, anexo G), aborda essas áreas livres no ítem “circulação”, assim como o faz o Programa MCMV nas suas “especificações mínimas das unidades habitacionais”¹¹⁵.

Da compilação dessa base de dados (LNEC, Boueri Filho, NBR e MCMV), a pesquisa adotou quatro faixas, agrupando móveis e as recomendações dimensionais compatíveis (Quadros 2 e 3). Nenhum dos valores escolhidos é inferior ao recomendado pela NBR e procurou-se evitar aqueles definidos como “mínimo” ao mesmo tempo por ambos autores - LNEC e por Boueri Filho. Os parâmetros se referem a **um usuário utilizando o móvel**, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.

Finalmente, os móveis e equipamentos estão identificados de acordo com a legenda do mapa 4 (camas, mesas, armários, etc.) de modo a relacioná-los visualmente com suas áreas de uso.

¹¹⁵ A NBR 15575-1 faz recomendações como “circulação mínima de 0,75 m a partir da borda da mesa (espaço para afastar a cadeira e levantar)”. (ABNT, 2013, p. 58). O MCMV especifica normas como “circulação mínima entre camas de 0,80 m. Demais circulações, mínimo de 0,50 m”.

Compilação Áreas de Uso (cm) - parte 1

	acesso forno fogão	gelad	*c/ gavetas pia coz	acesso baixo guarda roupas	tanque	máq lavar	entre 2 camas	acesso baixo estantes
LNEC [Port.]	80	70	80 90*	90	80	[só máq abertura frontal]	---	70
	90	80	90 105*	100	90			80
	100	90	100 120*	110	100			90
BOUERI F°	100	70	80	80	60	60	---	80
	110	100	90	120	70	90		90
	120		100		80	100		100
NBR 15575-1_2013	85	85	85	50	50	50	60	50
MCMV	---	---	---	50	---	---	80	---
	largura mínima cozinha 180							
Medida ADOTADA	90	90	90	90	80	80	80	80

Fontes: Laboratório Nacional de Engenharia Civil (2011);
Boueri Filho (2008); NBR 15575 -1; CEF-MCMV

Número: valor escolhido entre os recomendados
----- : situa valor escolhido quando não citado
3 valores: mínimo, recomendável, ideal

**Quadro 2 - Compilação Áreas para Acesso e Uso de Móveis e Equipamentos (cm) - parte 1 –
elaboração da autora**

Compilação Áreas de Uso (cm) - parte 2

	mesas e balcões	*arrumar camas	sofás poltronas	pia banh	sanitário	circulação entre 2 móv baixos, móv e parede	
LNEC [Port.]	70 -----	60	40*	50	50	55	55
		75	50*	60	60	60	60
		90	60*	70	70	65	65
BOUERI Fº	60 75	60	---	55 -----	60	---	55
		80	---	70	70	60	60
		90	---	---	80	---	70
NBR 15575-1_2013	75	---	50 -----	40 -----	40 -----	50 -----	
MCMV	---	50 -----	---	---	---	50 -----	
Medida ADOTADA	75	60	60	60	60	60	

Fontes: Laboratório Nacional de Engenharia Civil (2011);
Boueri Filho (2008); NBR 15575 -1; CEF-MCMV

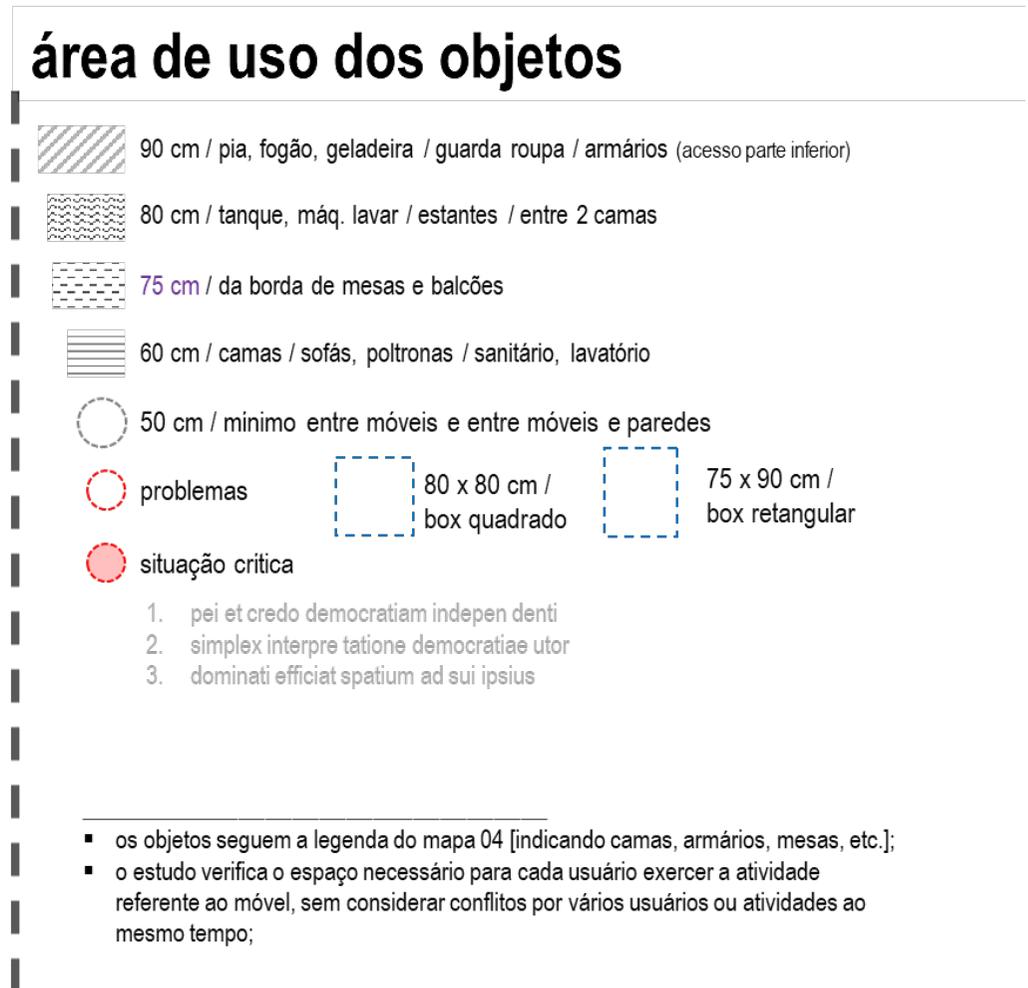
Número: valor escolhido entre os recomendados
----- : situa valor escolhido quando não citado

3 valores: mínimo, recomendável, ideal

**Quadro 3 - Compilação Áreas para Acesso e Uso de Móveis e Equipamentos (cm) - parte 2 –
elaboração da autora**

Lembrando que esses valores se referem ao espaço livre recomendável **em frente e ao longo** de cada móvel, ver detalhe da legenda do mapa 9, a seguir (Fig. 42).

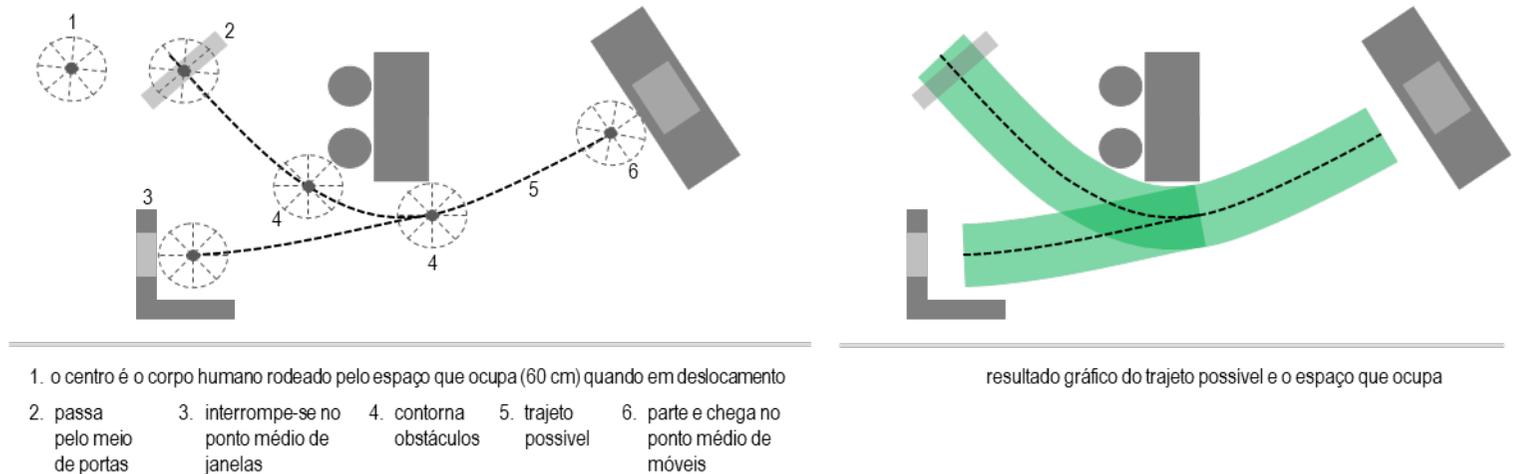
Fig. 42 – legenda do mapa 9 – elaboração da autora



O mapa **10 (circulação entre os objetos)** simula os trajetos possíveis do morador em sua casa, resultantes da configuração do mobiliário existente. Ao abordar o espaço deixado livre entre objetos, entra-se no domínio espacial do corpo, o “vazio” onde o movimento acontece, “realizando desse modo o que se conhece, em arquitetura, como **atividade ou função**” (AGUIAR, 2006, p. 75, grifo nosso). Não se imaginaram trajetos para realizar tarefas domésticas detalhadas ou sequenciadas, mas sim deslocamentos a partir dos móveis – ou seja, ainda que funções estejam contempladas na mesma dinâmica, o foco na atividade simplificou o procedimento: na moradia pesquisada, qual a rota livre de obstáculos mais curta para alguém que sai do sofá e vai até a geladeira? E do sofá para as camas, ou para o aparador?

Adotou-se como estratégia ligar pontos médios de cada móvel a todos os outros móveis registrados em planta, através da linha formada pela sequência de pontos – o centro que seria o corpo humano em movimento, cercado pela circunferência que simula o espaço de 60 cm recomendado para circulação entre móveis e entre móveis e paredes (Fig. 43).

Fig. 43 – esquema da construção dos trajetos – elaboração da autora



Aguiar (2009, p. 8) considera que a rota e o movimento que esta descreve são a síntese, representam a essência da experiência espacial das pessoas na arquitetura, e continua:

Desde o ponto de vista do corpo, o passo é a unidade mínima, a redução última, do movimento humano no espaço; o passo, a linha que liga duas pegadas. Naturalmente os corpos não se movem em ziguezag, mas em linha reta. Percursos são, portanto, desde essa perspectiva, conjuntos de segmentos de reta, uns maiores, outros menores, mas inexoravelmente, segmentos de reta. Ainda que o percurso seja curvilíneo ou sinuoso ele será sempre redutível a uma sequência de eixos infletidos, sendo o passo a última redução. Assim a axialidade é central na disciplina arquitetônica.

O mapa 11 (**área livre entre objetos**) tem a legenda mais simples de todos e propõe-se a revelar a existência, ou não, de áreas livres “que sobram” nas moradias, descontando-se as áreas ocupadas por mobiliário e as necessárias para o seu uso. Foi estabelecido um módulo mínimo, 60 x 120 cm,

arbitrariamente sugerido enquanto o dobro (em um sentido, pelo menos) dos 60 cm recomendados para o movimento humano confortável, aplicado sobre o mapa 9 (áreas de uso dos objetos).

Cada moradia mapeada teve particularidades, requereu ajustes e mesmo novas categorias nas legendas, como era de se esperar quando se confronta a diferença entre a abstração lógica e o concreto (LEFEBVRE, 2000)¹¹⁶.

A seguir, detalhe das legendas dos mapas 10 e 11 e, finalmente, o já citado protocolo adotado nas anotações dos mapas (Figs. 44 a 46).

¹¹⁶ Cf. Cap. 3 – O CENTRO TEÓRICO.

circulação entre os objetos

-  60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes
-  50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes
-  40 cm / circulação crítica
-  acesso quase bloqueado
-  acesso bloqueado
-  linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

- Consilium solum possibilis est in statu spei et credo democratiam independentiam praesupponere, dicit Bonsiepe. Simplex interpretatione democratiae utor, eo sensu ut participationem dominati efficiat

00

miniatura do gráfico resultante

Fig. 44 – detalhe legenda mapa 10 – elaboração da autora

área livre entre objetos exceto as áreas de uso

 área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

00

miniatura do gráfico resultante

Fig. 45 – detalhe legenda mapa 11 – elaboração da autora

protocolos nas anotações

mapa 03 posso entrar? a visita

 Q casal **não se refere a 'quarto principal'** ou quarto maior, mas ao seu **uso efetivo** como quarto do casal quando este existir ou quando assim **for nominado** pelo morador ou moradora entrevistados

mapa 04 os objetos

 roupas dobradas, empilhadas

não se refere a 'bagunças' - como roupas jogadas em cima de camas ou no piso, mas sim, quando indicam o local ou objeto em que estão **armazenadas** ou em fase de **manutenção** [lavar, passar, dobrar].

 móvel / objeto improvisado

não se refere a mudanças de uso - como, por exemplo, um móvel para computador sendo usado como rack de TV mas, sim, quando o objeto foi improvisado em suas formas e/ou materiais, como por exemplo empilhar blocos de isopor e usar como aparador, ou utilizar a folha de uma janela basculante mantida na horizontal, como prateleira.

mapa 07 aparência dos materiais

marmorites [pias cozinha] são anotados como

 mármore e granitos

plásticos imitando louças [tanques] são anotados como

 louças

mdfs e demais painéis de madeira reconstituída são anotados como

 madeira

 quando estrutura e frente têm aparências diferentes:

exemplo: guarda roupa com estrutura pintada e portas 'padrão madeira' - a notação terá uma linha divisória indicando a frente, e o círculo vermelho que indica pintura será seccionado.



quando não há material dominante, serão anotados os possíveis, que a escala permitir

exemplo: pia de banheiro com gabinete pintado mais frente 'padrão madeira', prateleira de vidro e cuba de 'louça'



Fig. 46 – protocolos adotados nos mapeamentos – elaboração da autora

8. OS DOMICÍLIOS CARTOGRAFADOS

Interior moradia – arte sobre foto da autora



Apesar de feita “por conveniência”, sem critérios estatísticos, e da pequena seleção observada, os dados coletados acompanham o padrão de migração populacional brasileira: a quase totalidade dos beneficiários das HIS pesquisadas é migrante do NE para SP, vindos da área rural e dentre as datas de chegada não há menção à década de 1980, cuja prolongada estagnação econômica enfraqueceu o acentuado processo anterior de metropolização¹¹⁷. A data mais antiga citada de chegada à capital paulista foi o ano de 1966, depois entre 1973 e 1979, seguido por um hiato durante toda a década de 80, retornando-se os relatos para os anos entre 1990 e 1996.

A idade média quando da migração foi de 20 anos, com extremos¹¹⁸ de 13 e 38, e entre os 12 entrevistados somente um nasceu no Estado de São Paulo (no Jardim Japão, Capital). Todos os outros nasceram na região Nordeste e a maioria na Bahia – salvo dois em Sergipe e um em Pernambuco (Fig. 47) – vindos de localidades próximas ao eixo da rodovia BR-116, acesso direto à periferia da RMS, em torno da qual o percurso de moradias dos pesquisados também se estabeleceu, com poucas exceções. Um entrevistado aportou primeiramente em Águas de São Pedro, num esquema de arregimentação de trabalhadores para a região canavieira de Piracicaba, e duas moraram em bairros não periféricos (Jd. América e Morumbi), em casas de patrões enquanto empregadas domésticas (Fig. 48). Excluindo uma das entrevistadas que veio para São Paulo ainda bebê com a mãe, **todos** citaram “roça” enquanto parte de moradia e trabalho na infância e juventude – inclusive a pesquisada paulistana, cujo pai trabalhou em uma chácara em

¹¹⁷ “[...] a crise produziu um efeito ainda mais forte sobre a redução do movimento migratório e estimulou um certo imobilismo no que se refere aos deslocamentos de população. Na crise dos 80 [...] **não havia razão para migrar**, pois emprego estava estagnado ou em declínio em praticamente todo o território nacional. [...] Na realidade, pode ter predominado, durante a crise, um forte processo de migração de retorno, particularmente a partir das RM's [Regiões Metropolitanas] de São Paulo e Rio de Janeiro para o Nordeste” (MARTINE, 1994, p. 40, grifo nosso).

¹¹⁸ Excluiu-se desse intervalo a mais nova de todas, ainda bebê, que obviamente não migrou por conta própria.

Itaquera¹¹⁹. Os relatos, mesmo que acompanhados de saudades e eventual bom humor, são de dificuldades materiais e trabalho duro. Das razões para a migração, foram alegadas a falta de perspectiva para a agricultura por causa da seca, busca por estudo¹²⁰ e trabalho, chamamento de familiares e conhecidos já estabelecidos em São Paulo, desejo de se libertar do trabalho na roça¹²¹ e um certo senso de tratar-se de movimento “natural”:

Sim, eu fiquei lá até os 18 anos né [...] porém como todos os nordestino né, sempre tem São Paulo como a mãe né, todo mundo corre pra cá [...] a minha irmã mais velha veio aqui pra São Paulo primeiro e, devido à dificuldade lá e falta de trabalho né, eu resolvi vim também, graças a Deus (JOÃO, 2019, informação verbal¹²²).

¹¹⁹ “Nossa, lá não tinha nada, só mato, mato, mato [...] tinha que ir numa trilha bem longe assim, que era um rio, eu ia levar minha mãe com as roupa, aí trazia umas lata d’água pra cuidar dos meus irmãos e das minhas irmãs.” *In*: 8. Aurora, 2018_ entrevista áudio.

¹²⁰ As duas mais jovens a saírem por si sós da terra natal, aos 13 anos, o fizeram no esquema de ir trabalhar “em casa de família” com a promessa de frequentarem escolas, o que não se concretizou. Uma delas não foi nem remunerada pelo trabalho doméstico que fazia, o que a fez fugir sozinha pela cidade que desconhecia, sendo afinal, segundo seu relato, acolhida e protegida por uma agenciadora de trabalhadores domésticos, seguindo com sucesso sua luta pela sobrevivência na metrópole paulistana.

¹²¹ “[...] meu pai tinha um sítio, nesse sítio ele plantava mandioca, que era um negócio dele, a sobrevivência da gente. Então, **eu não nasci pra enxada**, nem pra roça. Quando eu querendo vir embora e ele nunca deixava, porque fia dele não vinha embora [...]. Aí decidi vir embora, pedi pro meu tio, meu tio veio me buscar, cheguei aqui morei 1 ano com ele, arrumei um emprego [...]” *In*: 5. MLuana, 2018_ entrevista áudio.

¹²² *In*: 13. João, 2019_ entrevista áudio.

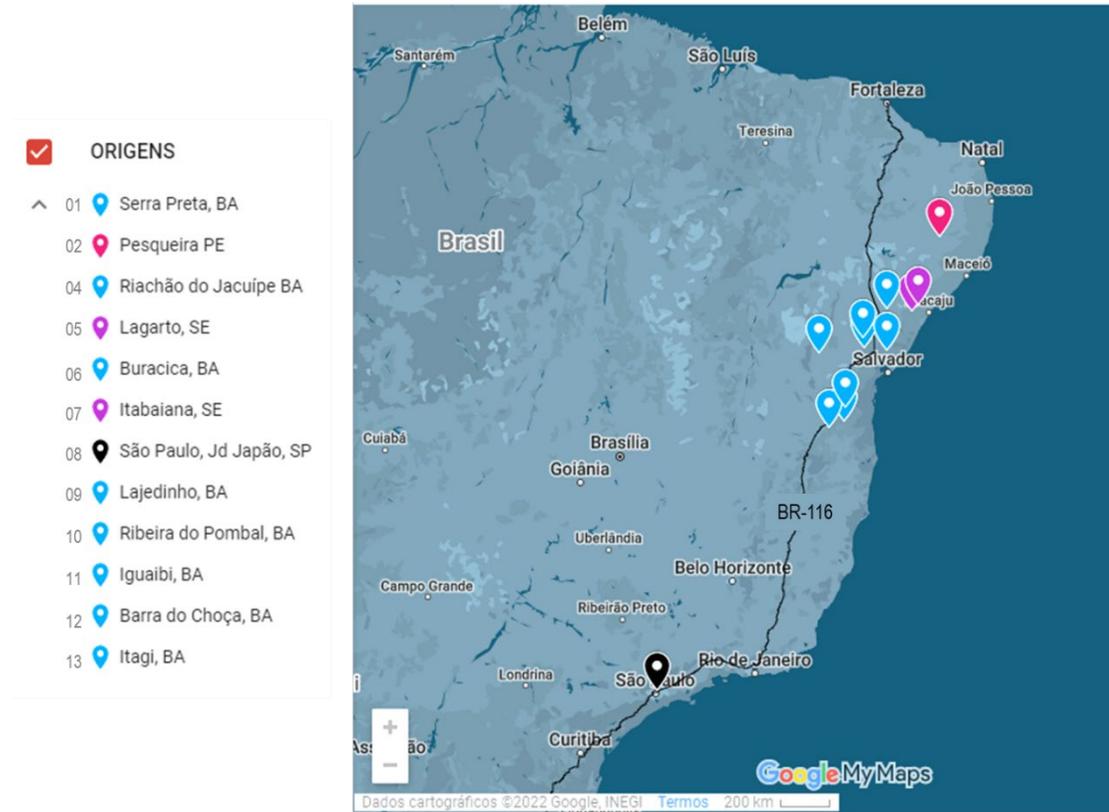


Fig. 47 – quase a totalidade dos entrevistados veio do NE, especialmente da BA, em localidades próximas ao eixo da rodovia BR-116 - elaboração da autora sobre base Google Maps –

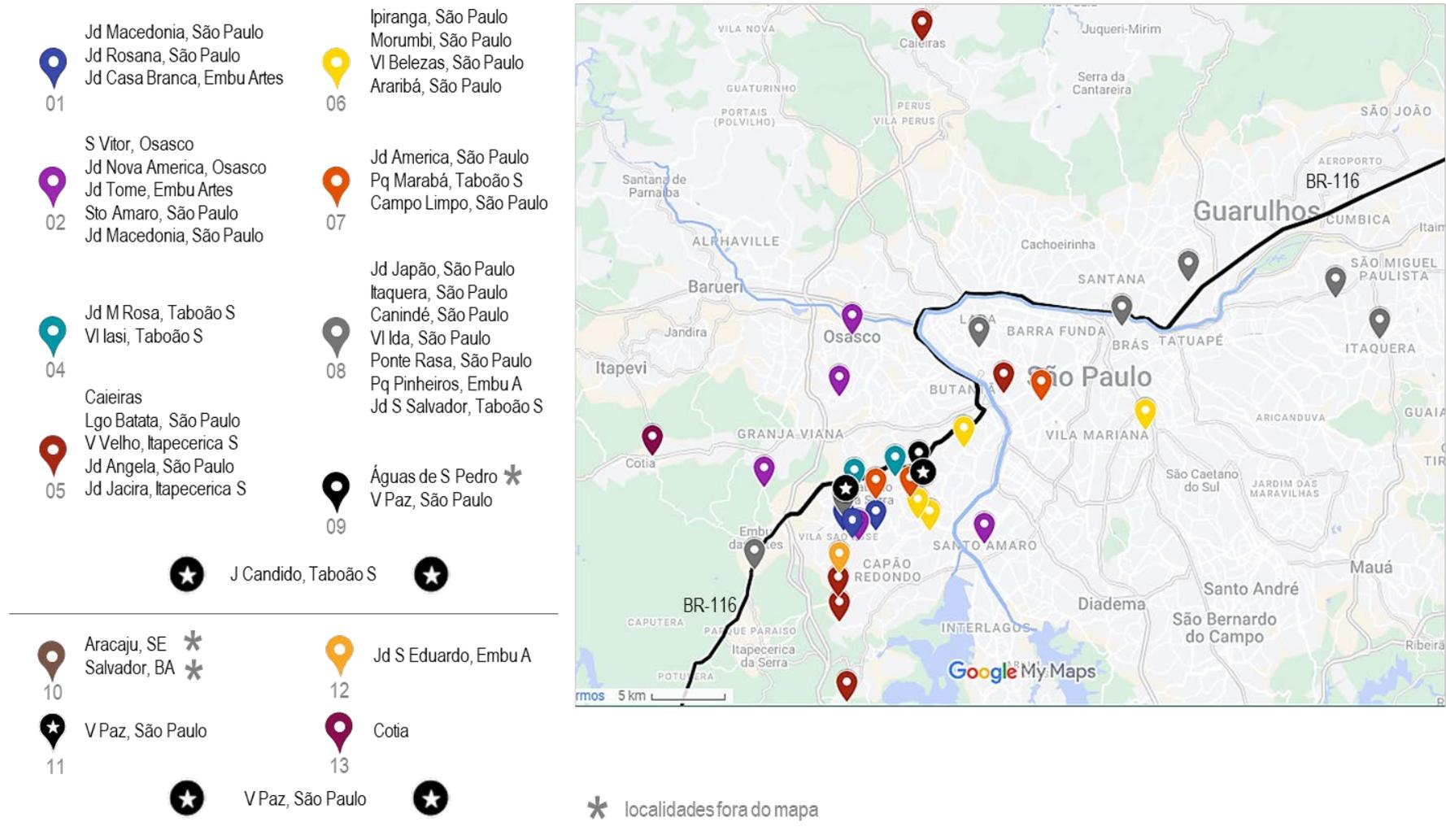


Fig. 48 – percurso de cada entrevistado em moradias na RMSP, majoritariamente na periferia e ao longo da BR-116 – moradores do V. Paz tendem a menor mobilidade por não pagarem aluguel durante a ocupação na favela – elaboração da autora sobre base Google Maps

A memória é inútil para o migrante, diz Milton Santos (2006, p. 223), pois calcada “num outro lugar”, em experiências que pouco lhes servem para a luta cotidiana no novo ambiente:

No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro [...] Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina.

Zélia, por exemplo¹²³, ficou em São Paulo porque gostou de ganhar dinheiro: “Lá [na Bahia] só é bom pra quem trabalha pra Prefeitura ou então é aposentado. Mas quem não tem um trabalho assim fica difícil. Aí eu cheguei aqui comecei a trabalhar, gostei de ganhar dinheiro [ri muito]”. Eduardo achou fácil trabalhar na colheita da cana: “Como nós já tinha o hábito de trabalhar em serviço braçal desde pequeno, então esse trabalho da cana pra mim foi mais fácil do que lá na Bahia [...] além de ser registrado né, com a ficha na sua carteira, bonitinho, e tinha a proteção do uniforme do trabalho” e adorou seu primeiro barraco autoconstruído na favela: “Janela não tinha, só tinha uma porta como essa, e trancava com um cadeadozinho, era essa aí que era a minha casa, humildemente e eu feliz, só de saber que tá em São Paulo já é uma benção de Deus [muitos risos].” Elisa também gostava da sua casinha na favela, construída duas vezes porque a primeira, de madeira, a chuva levou, e adorou trabalhar numa farmácia de manipulação: “Aí me ensinaram todo o serviço de manipulação. Eu amei e amo até hoje, viajava naquele mundo de criar sabe, de experimentos, nossa, achava muito bom! Achava muito louco.” Já M. Francisca nunca teve tempo de “pensar em besteira” porque sua vida “sempre foi luta.”

¹²³ In: (1. Zélia, 2015_entrevista vídeo. Ver Apêndice); (8. Eduardo, 2019_entrevista áudio); (10. Elisa, 2019_entrevista áudio); (2. MFrancisca, 2015_entrevista áudio).

Vencedores na superação de dificuldades materiais por vezes violentas, tendo assegurados, com as HIS, parte dos atributos necessários ao atendimento de moradia digna (segurança tanto da posse como da construção física e serviços de infraestrutura), organizam seus lares ao modo hegemônico da cidade em que vivem, sem menções ostensivas às suas regiões de origem. Há detalhes, como coleção de toalhas rendadas cearenses; cores fortes presentes em algumas paredes; gaiolas com pássaros¹²⁴ ou, claro, fotos de família. Mas, dentro dos recursos de cada morador, a casa é organizada com a racionalidade própria de uma sociedade cada vez mais caracterizada e homogeneizada pelos seus objetos técnicos (SANTOS, 2006, p. 19), buscando equacionar espaço pequeno e funcionalidades¹²⁵ necessárias, com poucas experimentações ou subversões do senso comum¹²⁶. Mais fácil encontrar em suas casas painéis elétricos do que de barro, camas box do que redes.

As moradias cartografadas a seguir apresentam combinações encontradas nos arranjos domésticos, onde “as variáveis do todo se encontram de forma particular¹²⁷” (SANTOS, 2006, p. 81).

¹²⁴ Criar passarinhos em gaiolas não é exclusividade de nordestinos, claro, mas é sentido como vínculo com a terra natal pelo entrevistado: “Então, aqui é a minha sacada. [...] Tem um passarinhozinho ali também que eu gosto de criar, **costume da Bahia.**” In: 9. Eduardo, 2019_entrevista vídeo (ver Apêndice).

¹²⁵ Funcionalidade é a adequação entre funções e atividades domésticas ao espaço disponível e conjunto de equipamentos necessários, para garantir segurança, facilidade e eficiência ao usuário.

¹²⁶ Em pesquisa já citada, Maricato, Pamplona e Mautner (1999, pp 3-4) anotaram o que chamaram de falta de “originalidade ou algum grau de criatividade” nos interiores de moradias populares em favelas, cortiços, loteamentos clandestinos e HIS, em São Paulo, nas décadas entre 1970 e 90.

¹²⁷ Cf. Cap.3 – O CENTRO TEÓRICO.

8.1 Recém-chegada

1. Zélia, 2015

Mapas 1 a 11

Figs. 49 a 59



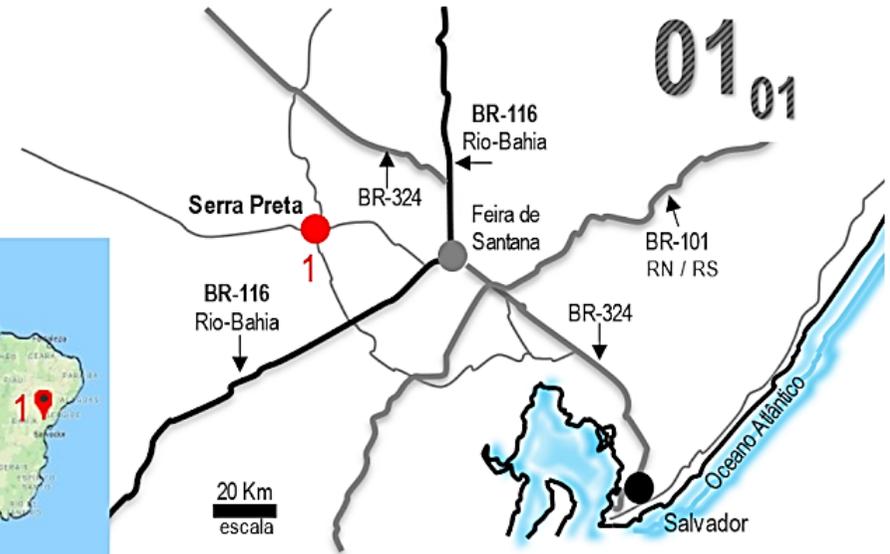
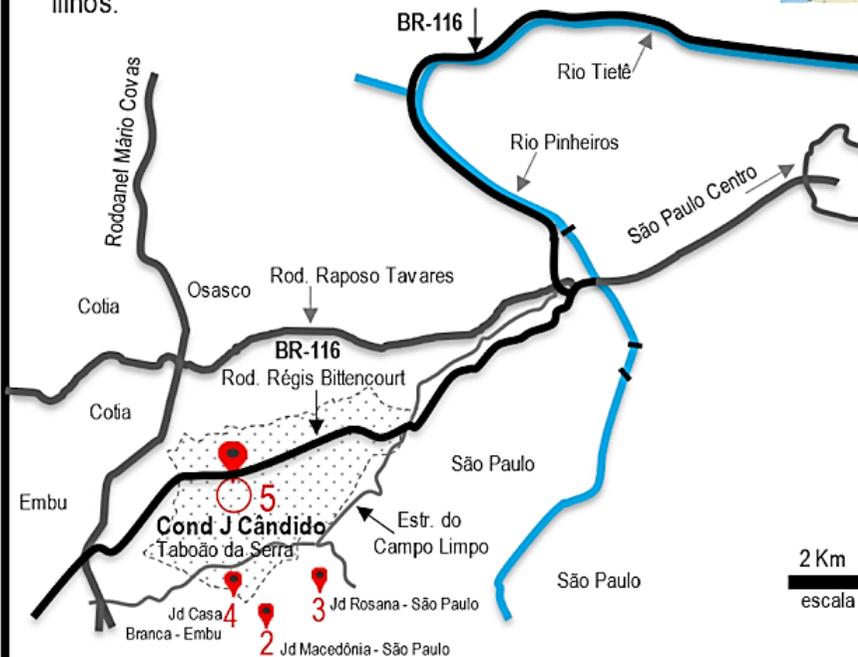
o morador e moradias anteriores

Fig. 49



Zélia tem 54 anos, nasceu perto de Feira de Santana em Serra Preta, Bahia (1) e viveu até a vida adulta no meio rural. Órfã de mãe, até os 17 anos foi criada com cinco tias “e mimada” pela avó “bem no interiorzão mesmo, aquele terreirão, cuidava de galinha, porco”.

Após a morte da avó a vida ficou “mais difícil” - morou por dois anos com a nova família do pai, parou de estudar para ajudar na roça, “tinha que dormir dois numa cama, às vezes três, aquela confusão!” Casou “até antes do tempo [risos]” para sair da situação, mas ainda morou no sítio da sogra antes da primeira casa no povoado com o marido e quatro filhos:



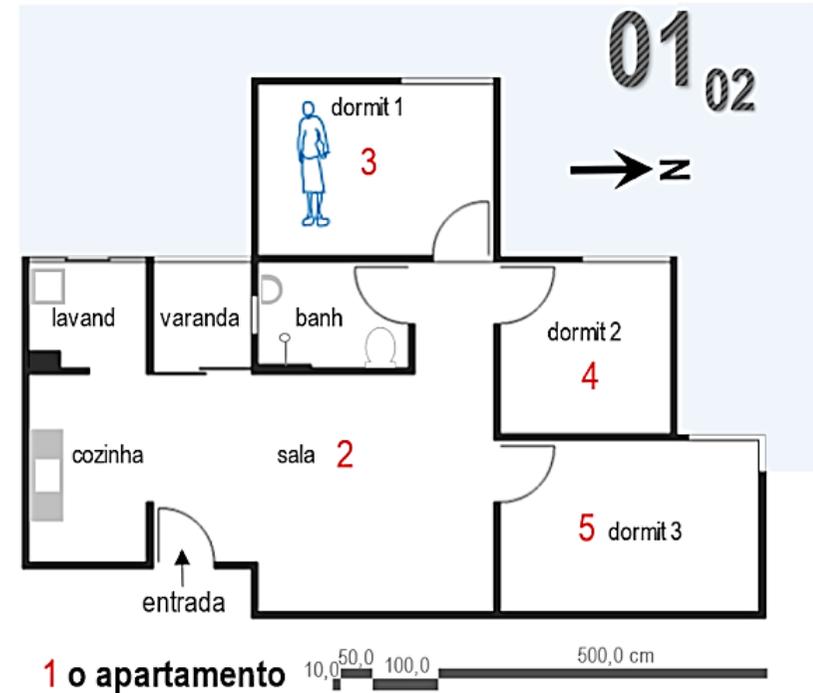
“ah, aí sim eu lembro de muitas coisas boas, tinha prazer de olhar, de ser o que é meu”. Construída especialmente, móveis “de madeira pura”, a casa tinha três quartos, salas de estar e de jantar, uma cozinha do fogão a lenha, outra do fogão a gás. Alpendre, quintal com horta, frutas. Mas não tinha chuveiro no banheiro, banho era de balde.

Pensando que seria por pouco tempo, mudou-se para São Paulo em 1995 para ficar mais perto do marido, que vinha regularmente a trabalho, e morou por três anos num cômodo em cima da casa do irmão, no Jd. Macedônia (2). “Não tinha banheiro, nada, no cru, sabe? Levantado de bloco, vê o sofrimento!” Mudaram-se posteriormente para uma casa melhor no bairro, mas se separaram e Zélia morou numas três casas no Jd. Rosana (3), primeiro com a filha, depois com uma amiga e sozinha: “eu morei dez anos numa casa só. Eu gostava de lá porque era independente, só no fundo que morava um rapaz. Os donos só iam lá no dia de recebero aluguel. E eu ficava lá tranquila.” Voltou ainda ao Macedônia para dividiro aluguel com um filho, quando saiu pelo Programa Crédito Solidário do Governo Federal, em 2013, o sobrado no Jd. Casa Branca, Embu das Artes (4), onde ficou até conquistar seu atual apartamento em 2015 pelo Minha Casa Minha Vida Entidades, no Condomínio João Cândido, Taboão da Serra (5).

a moradia e os moradores

Fig. 50

O apartamento (1) de Zélia tem 60,35 m², três dormitórios e, com acesso por elevador, fica no terceiro andar de um dos três edifícios organizados em condomínio fechado. Cada pavimento tem quatro apartamentos como o dela, situados nas quatro extremidades, e quatro com dois dormitórios. Mora sozinha no apartamento (A) ocupado há um mês quando da vídeo-entrevista – vários ambientes estavam com pouca mobília ou arranjos improvisados. Na sala (2), além de sete vasos de flores distribuídos sobre os móveis ou no piso ao longo das paredes, só mesa de jantar, cadeiras e TV. Seu futuro quarto (3) abrigava sacolas e caixas e um armário, enquanto ela dormia no “quarto de visita”, já mobiliado com cama, gaveteiro e mesa de cabeceira (4). Vinda de uma família de costureiras (ganhou da avó sua primeira Singer aos 16 anos), instalou o seu “quarto de costura” no maior dormitório do apartamento (5), com acesso direto pela sala: “tá bagunçado tá, mas aqui é o meu local de trabalho, eu preciso ainda colocar as tomada certa, arrumar as máquina”. Na oficina, o cômodo com mais objetos, três máquinas industriais de costura, cada uma com sua cadeira “de escritório”, entre ferramentas, carretéis de linha, retalhos de tecidos, caixas e sacolas espalhadas pelas bancadas das máquinas e pelo piso. Seu acervo de móveis foi impactado pelo longo período em que peregrinou por moradias de aluguel: “você sabe que mudança acaba com tudo né? Aí eu falava, deixa comprar meus móveis quando eu tiver na minha casa”. Não tem pressa, quer móveis duráveis. Encomendou “móveis planejados” para seu quarto, cozinha e lavanderia, registrados em visita posterior. Perguntada sobre o que mais gostou da mudança, respondeu “Nossa, aqui é tão bom que eu dumo até demais! Às vezes final de semana meus filho vem pra cá, minhas amigas, aí é aquela festa.” Gosta também da segurança de poder ficar “batendo papo” na rua interna do condomínio mesmo de madrugada, mas está “estranhando um pouquinho a lonjura” de supermercados, farmácias, feiras. Sobre não ter voltado com o marido para a Bahia, explicou “Porque lá na Bahia é um lugar muito bom pra se viver, mas o custo de vida é difícil. Lá só é bom pra quem trabalha pra Prefeitura ou é aposentado. Aí eu cheguei aqui, comecei a trabalhar, gostei de ganhar dinheiro [ri muito].”



					Zélia 					A composição dos moradores
bebê 0 a 2 anos	1ª infância 3 a 5 anos	2ª infância 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato	pássaro	cão		

posso entrar? a visita

Fig. 51



1 cozinha



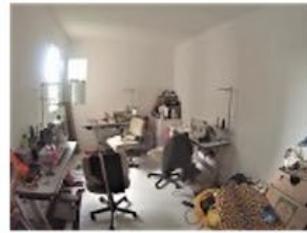
2 lavanderia



3 terraço
"Aqui também é a minha salinha, a minha área de lazer."



4 sala



5 quarto costura



6 quarto "de visita"



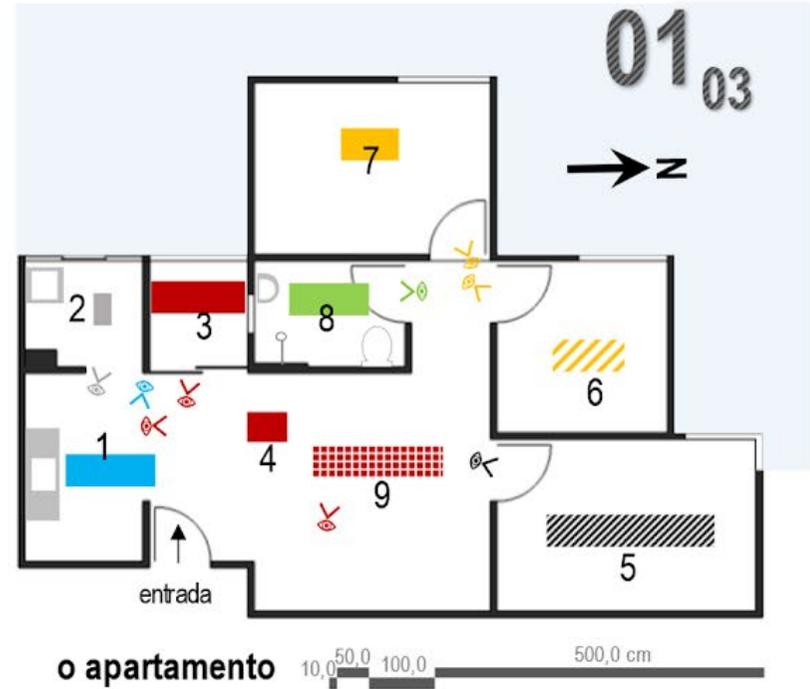
7 quarto casal



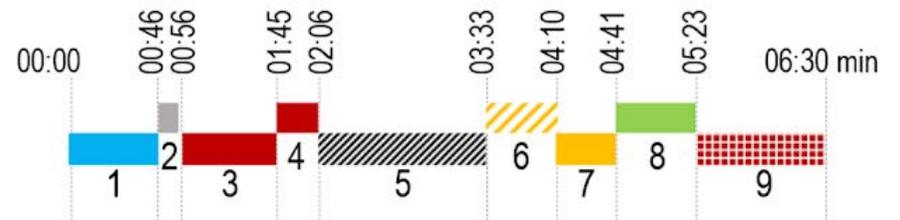
8 banheiro



9 mesa jantar



Em entrevista gravada em vídeo, Zélia apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado. (Fotos das reformas após a visita gravada - 1, 7, 8 - destacadas por último).



os objetos

Fig. 52

- camas bicamas beliches cama box treliches
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão geladeira tanquinho micro ondas lava roupas
- prateleiras na parede
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixeiras
- tapetes máquinas de costura industriais
- vasos com plantas cortinas
- computador aparador improvisado em blocos de isopor
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



01₀₅

zoneamento dos objetos

Fig. 53

- lavanderia
- cozinha
- sala sala de jantar e/ou espaço para refeições
- banheiro
- dormitórios
- trabalho não doméstico
- depósito / despejo
- guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
- quando em sapateira com zíper
- ☆ espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- apartamento em ocupação recente, mobília incompleta, alguns arranjos provisórios;
- na cozinha, banheiro e quarto casal estão registrados os arranjos posteriores à entrevista em vídeo;
- há box no chuveiro;
- há gabinete na pia da cozinha.



01₀₆

procedência dos objetos

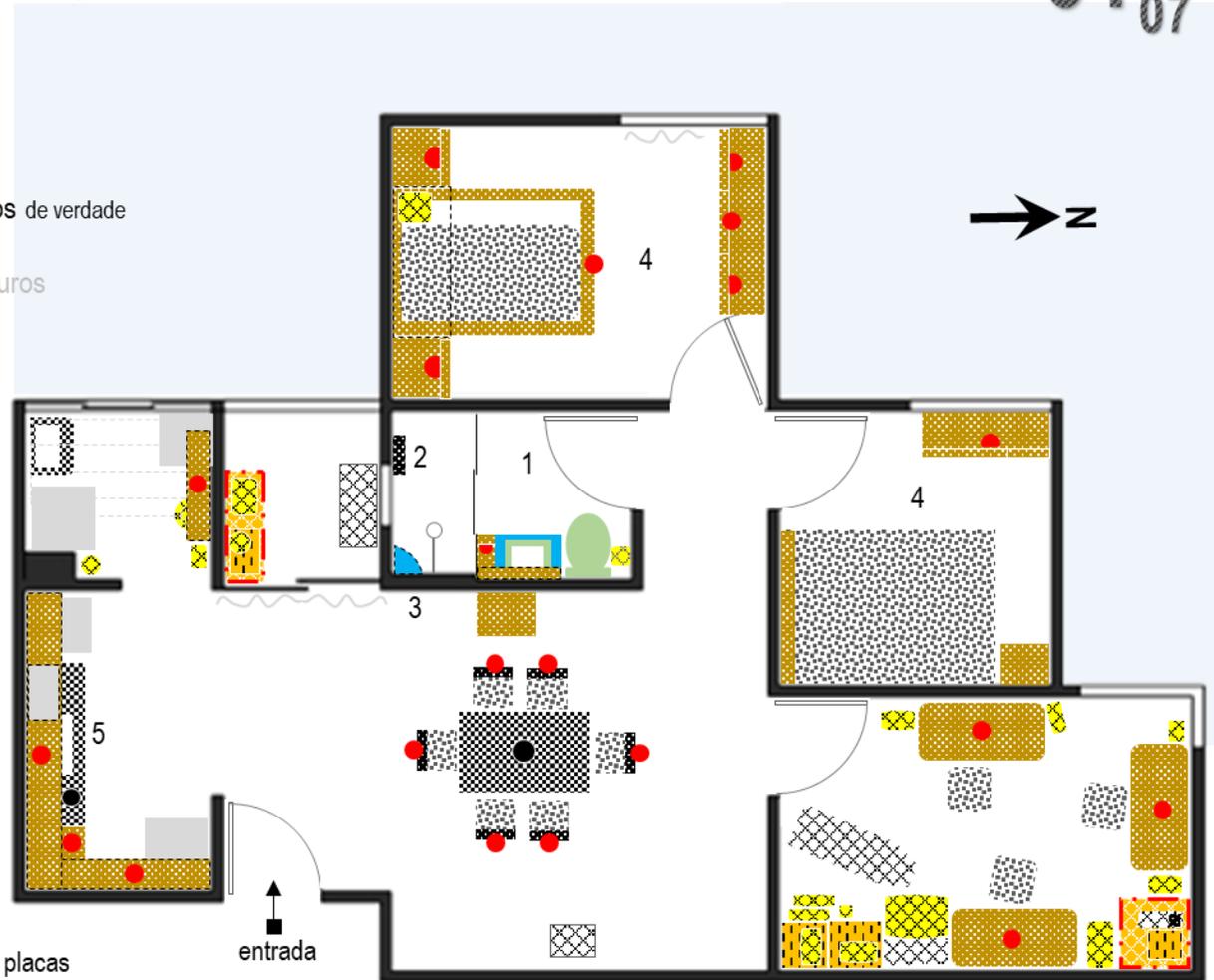
Fig. 54

- doado 1ª mão
- doado 2ª mão
- 'catado' improvisado
- comprado 1ª mão comprado via internet
- comprado para o apartamento
- comprado 2ª mão
- comprado sob medida 'feito em casa'
- original do apartamento
- sem registro



01₀₇aparência dos **materiais dos objetos**

Fig. 55

**modificações na moradia entregue:**

1. revestiu a cerâmica branca do piso do banheiro com placas vinílicas imitando madeira e instalou uma soleira de granito;
2. trocou e mudou a pia do banheiro de lugar, ampliando o espaço disponível para o box de vidro;
3. pintou uma parede da sala na cor fúcsia com 2 faixas brancas na vertical, largas, margeando a porta de vidro;
4. pintou as paredes dos quartos (de rosa, o menor, e de verde claro o que ela dorme);
5. trocou a pia da cozinha por uma de granito.



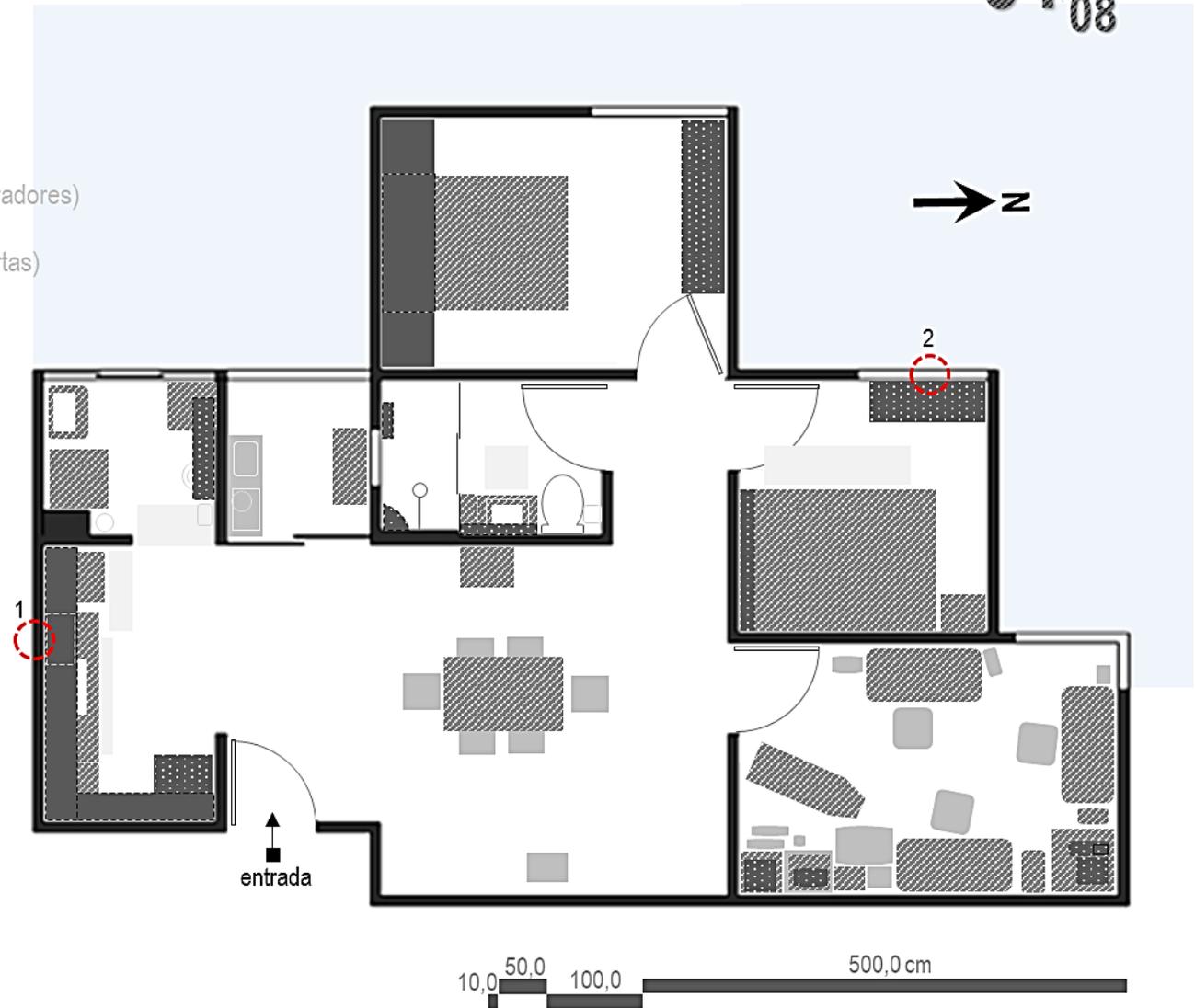
01_08

altimetria dos objetos

Fig. 56

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto

1. micro ondas posicionado acima da altura recomendada de 95 cm [Boueri Filho, 2008];
2. altura do armário (134 cm) invade parte da janela (peitoril 120 cm);



área de uso dos objetos

Fig. 57

 90 cm / pia, fogão, geladeira / guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário, lavatório

 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

 problemas  75 x 90 cm / box retangular

 situação crítica

1. acesso ao armário aéreo somente subindo no colchão;
2. guarda roupa obstrui parcialmente a janela;
3. guarda roupa impede abertura total da porta;
4. acesso à parte inferior dos armários prejudicado pela proximidade da geladeira.

▪ os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];

▪ o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.

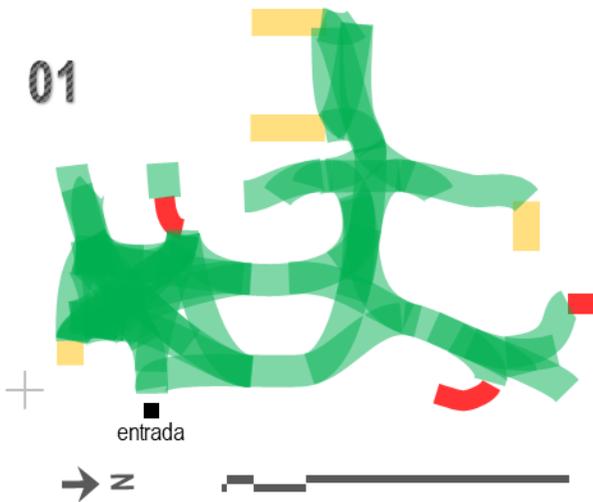


circulação entre os objetos

Fig. 58

-  60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes
-  50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes
-  40 cm / circulação crítica
-  linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

01

01₁₀

área livre entre objetos exceto as áreas de uso

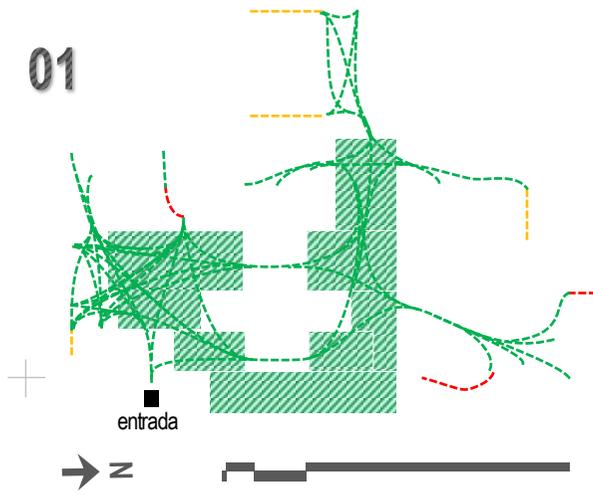
01₁₁

Fig. 59

área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

01



8.2 “Popular” JC / Morador cadeirante

2.MFrancisca, 2015

Mapas 1 a 11 + 10¹
Figs. 60 a 71



o morador e moradias anteriores

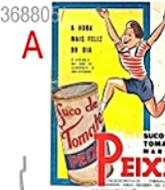
Fig. 60



M. Francisca tem 58 anos e nasceu em Pesqueira, PE (1), a 215 km de Recife. Salienta que é “a cidade do doce”, porque foi sede de uma das primeiras agroindústrias do NE, a Fábrica Peixe (A) (iniciada no final do séc. XIX com produção de doce de goiaba, tomou-se grande produtora de alimentos em conservas, até sua venda nos anos de 1990), em cujas terras seu pai trabalhava como lavrador. Com os pais e mais oito irmãos, moraram em casa de pau a pique “com telhado de lata” e ela também trabalhava na roça desde os sete anos.



<https://br.pinterest.com/pin/71389097841136880>

02₀₁

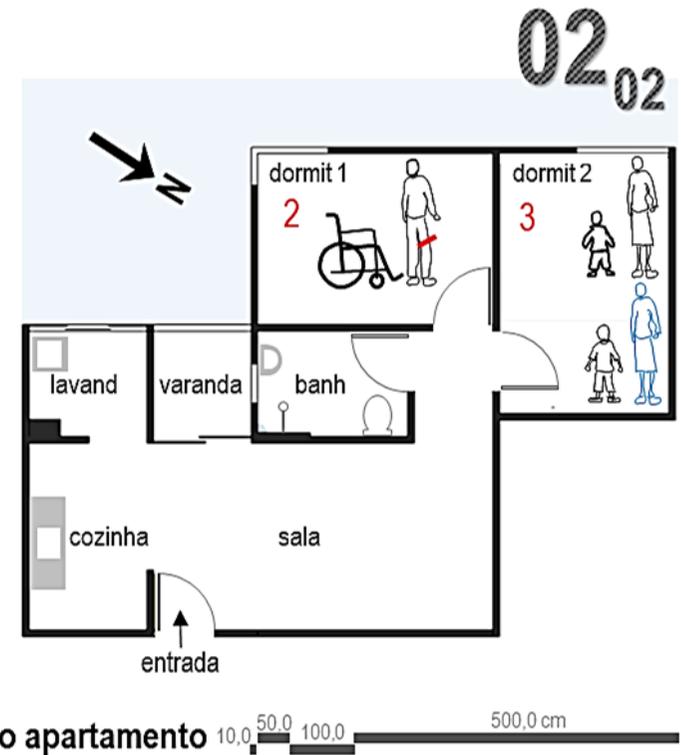
Aos 13 anos veio para São Paulo pela primeira vez, para cuidar do bebê de uma tia que já morava com o marido em São Vitor, Novo Osasco (2), mas ficou apenas cerca de nove meses, retomando para Pernambuco. Aos 18 anos voltou a São Paulo, morando com outra tia, solteira, em Osasco, Jd. Nova América (3). Nesse mesmo bairro, casou-se e morou por 12 anos nos fundos da casa da sogra. No único quarto ficavam a cama de casal mais as três camas dos filhos. Descasou, foi para o Embu das Artes, onde casou novamente e, com o atual marido, morou em mais ou menos três casas no Jd. Tomé (4). Depois morou por 12 anos em Santo Amaro (5), zona sul de São Paulo. Foram ainda para o Jd. Macedônia (6), São Paulo, morando em três ou quatro casas, “todas muito úmidas [...] minha vida sempre foi luta, não tive tempo pra pensar em besteira, nunca!” Na luta pela moradia, tomou-se “coordenadora de núcleo” do MTST, conseguindo seu apartamento em dezembro de 2014, no Condomínio João Cândido, Taboão da Serra (7).

a moradia e os moradores

Fig. 61

O apartamento (1) de M. Francisca tem 50,8 m², dois dormitórios e fica no sexto andar, com acesso por elevador, de um dos três prédios do condomínio fechado. Cada pavimento tem quatro apartamentos com três dormitórios e quatro como o dela, onde mora com quatro pessoas (A). Seu marido, 53 anos, é diabético, teve uma das pernas amputada há alguns anos e é cadeirante. Por conta de sua condição, dorme sozinho numa cama de solteiro no quarto menor (2), que ele divide com brinquedos e pilhas de roupas. No dormitório maior, que ela chama “de casal”, dormem ela, sua filha de 27 anos e os netos de sete e cinco anos (3). As crianças ficam sob sua responsabilidade durante o dia mas atualmente a filha e os netos não dormem todas as noites no apartamento, de modo que o dormitório já não tem o grande guarda-roupa de antes (substituído por sacolas e mochilas itinerantes, com as roupas necessárias para o momento), mantidas somente a cama de casal onde dormem a filha e o neto mais novo, e uma bi cama, para M. Francisca e o neto mais velho. Orientadas no sentido Sudoeste, as janelas dos quartos não recebem muito sol direto, e ela reclamou do mofo nas paredes dos quartos: “tudo é mofo ó, eu limpo um dia sim um dia não ... e quando você começa a limpar (esfrega novamente o dedo na parede, que fica com uma fina poeira grudada), tá vendo como que tá? [...] dá **desânimo, dá desgosto** [...] Mas tá bom, e se tivesse pagando aluguel?”

Logo que se mudou, perguntada sobre o que mais gostou no apartamento, respondeu: “eu não gosto de nada [...] nada, nada [...] Eu não acostumei que isso aqui é meu ainda [...] Mas acho que é porque cê lutou tanto [...] que é difícil você acreditar [...] **Uma casa, ela é tudo! E ao mesmo tempo não é, entendeu?**” Diz que tem muitas ideias para arrumar o apartamento, mas não tem tempo. Irônica, faz o sinal característico indicando ‘dinheiro’ enquanto fala ‘tempo’, esfregando os dedos indicador e polegar: “**enquanto não trocar esse piso eu não sossego** [...] pensando em colocar carpete de madeira, sabe aquele que é tipo madeira mas é, tipo Paviflex [porque] não gosto de branco, mesmo. [...] Pois é Marília, esse é o meu barraco.”



								A composição dos moradores
bebê 0 a 2 anos	1ª infância 3 a 5 anos	2ª infância 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato pássaro cão		

posso entrar? a visita

Fig. 62



1 na entrada



2 quarto 'casal'



3 quarto do marido



4 banheiro



5 sala



6 lavanderia



7 cozinha



8 lavanderia



9 sala



Em entrevista gravada em vídeo, M.Francisca apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado.

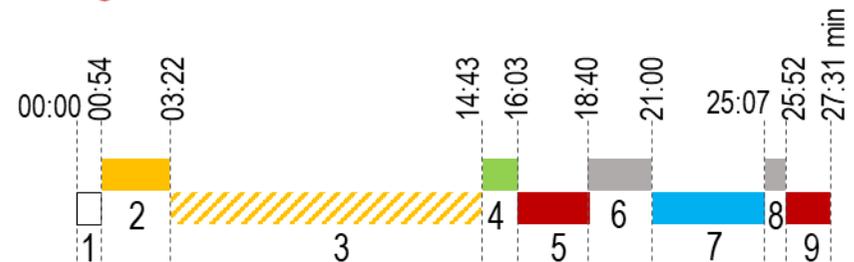
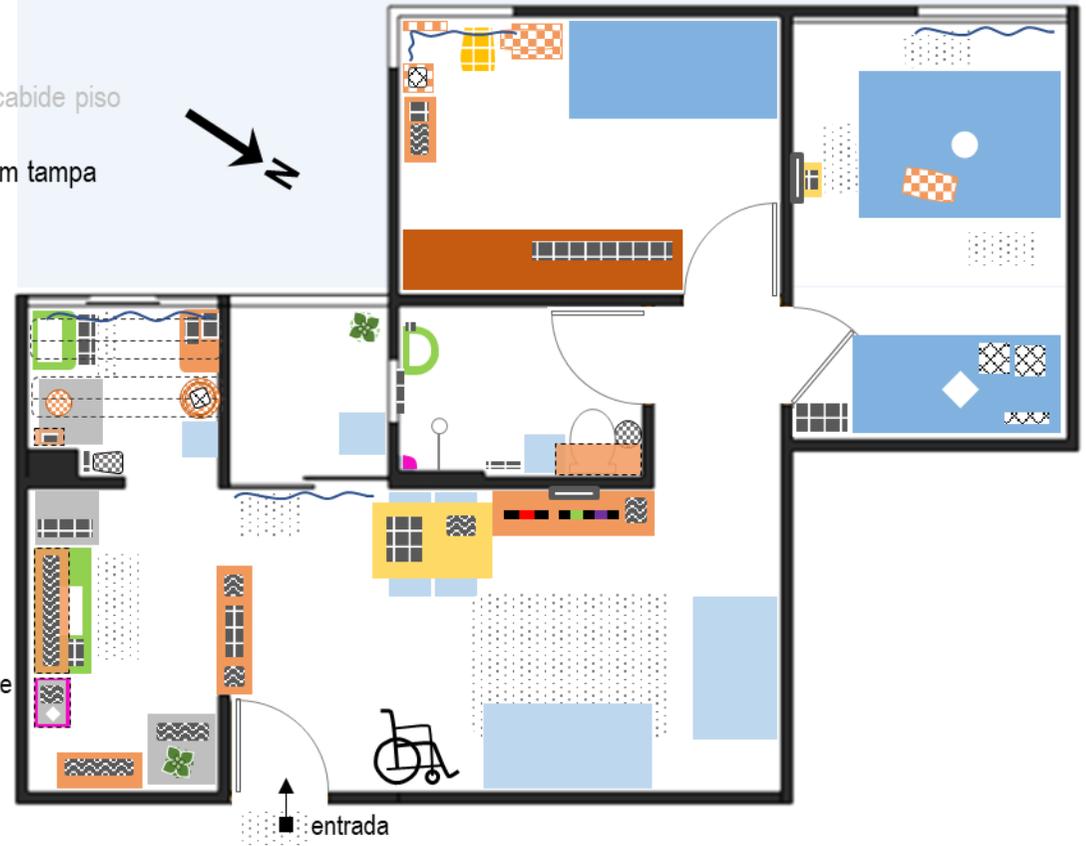


Fig. 63

os objetos

- camas bicamas beliches cama box treliches
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão tanquinho micro ondas
geladeira lava roupas
- prateleiras na parede
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixeiras
- tapetes cadeira de rodas espaço livre para o morador cadeirante
- vasos com plantas cortinas
- computador móvel / objeto improvisado
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



02₀₅

zoneamento dos objetos

Fig. 64

-  área de serviço
-  cozinha
-  sala  sala de jantar e/ou espaço para refeições
-  banheiro
-  dormitórios
-  trabalho não doméstico
-  depósito / despejo
-  guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
 quando em sapateira com zíper
-  espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- não há box no chuveiro, porque o marido é cadeirante;
- há gabinete na pia da cozinha;
- há redes de proteção em todas as janelas e no terraço;
- há depurador de ar acima do fogão;
- usa o terraço como espaço auxiliar para secar roupa.



procedência dos objetos

Fig. 65

-  doado 1ª mão
-  doado 2ª mão
-  'catado'
-  comprado 1ª mão  comprado via internet
-  comprado para o apartamento
-  comprado 2ª mão
-  comprado sob medida
-  original do apartamento
-  sem registro

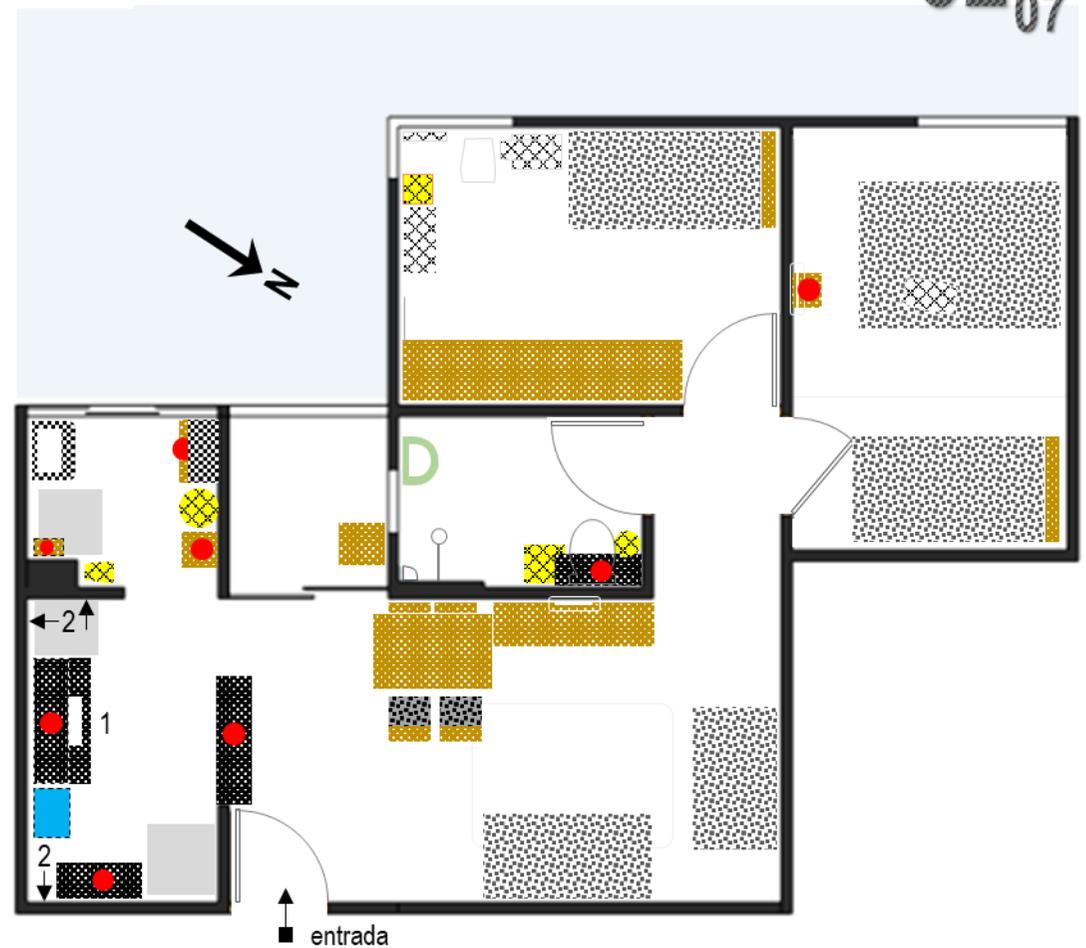


02₀₇aparência dos **materiais dos objetos**

Fig. 66

**modificações na moradia entregue:**

1. trocou e deslocou para a direita a pia da cozinha [porque *'era horrrosa, colocava qualquer coisa quente em cima, tirava ficava pretinha'*] e a torneira da pia [porque *'era de plástico tipo um inox'*];
2. trocou os azulejos da cozinha [brancos, com barrado decorado], aproveitando a mão de obra da construtora que, na garantia, refez parte dos revestimentos cerâmicos de piso e parede na cozinha e banheiro [situação comum a vários apartamentos do condomínio].



02₀₈

altimetria dos objetos

Fig. 67

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto

1. micro ondas posicionado acima da altura máxima recomendada de 95 cm [Boueri Filho, 2008]



área de uso dos objetos

02₀₉

Fig. 68

 90 cm / pia, fogão, geladeira / guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário, lavatório

 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

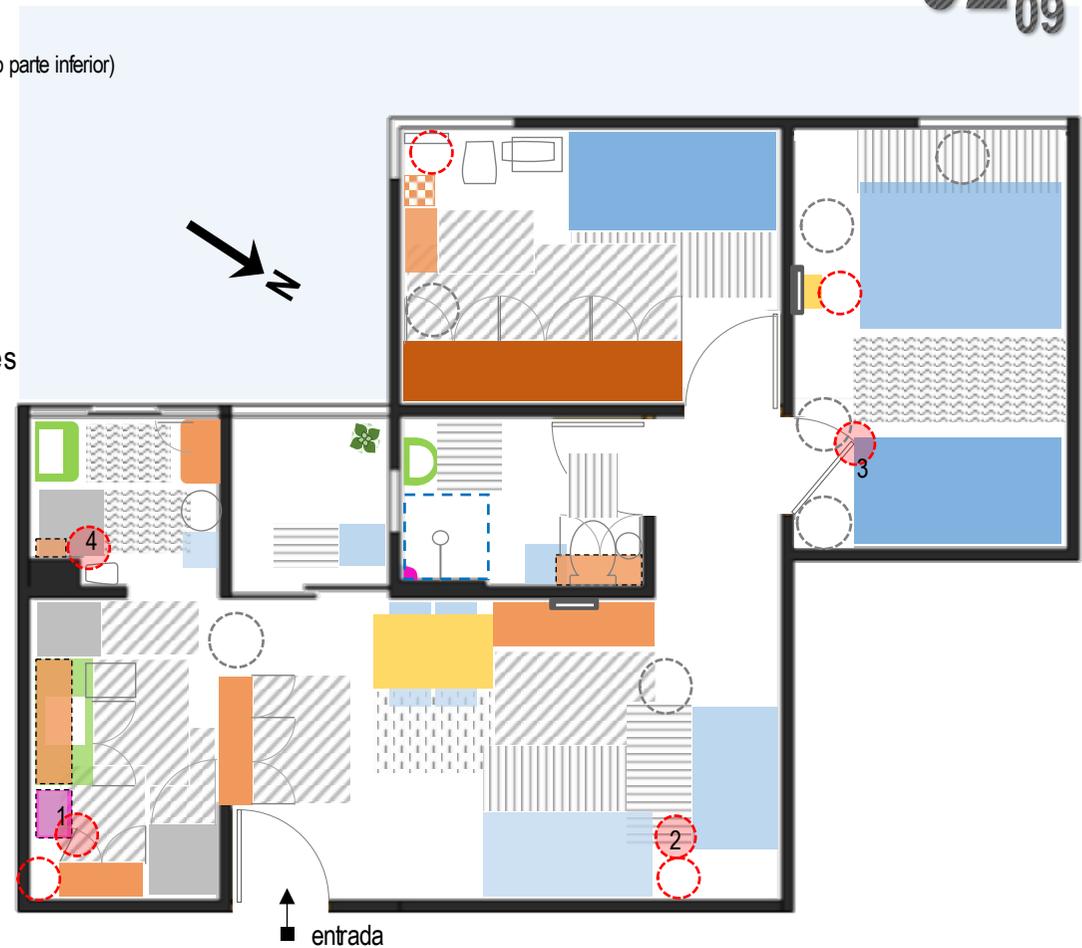
 problemas  80 x 80 cm /
box quadrado

 situação crítica

1. abertura da porta do armário parcialmente obstruída pelo micro-ondas e sua prateleira;
2. parte do sofá sem espaço suficiente para as pernas de quem nele senta;
3. abertura da porta do quarto parcialmente obstruída pela bicama ;
4. dificuldade de acesso ao armário aéreo.

não se considerou problema o arranjo da mesa de jantar com duas das cadeiras inutilizadas pela excessiva proximidade da parede, visto que existe espaço para que o conjunto se desloque e seja plenamente utilizado, se necessário.

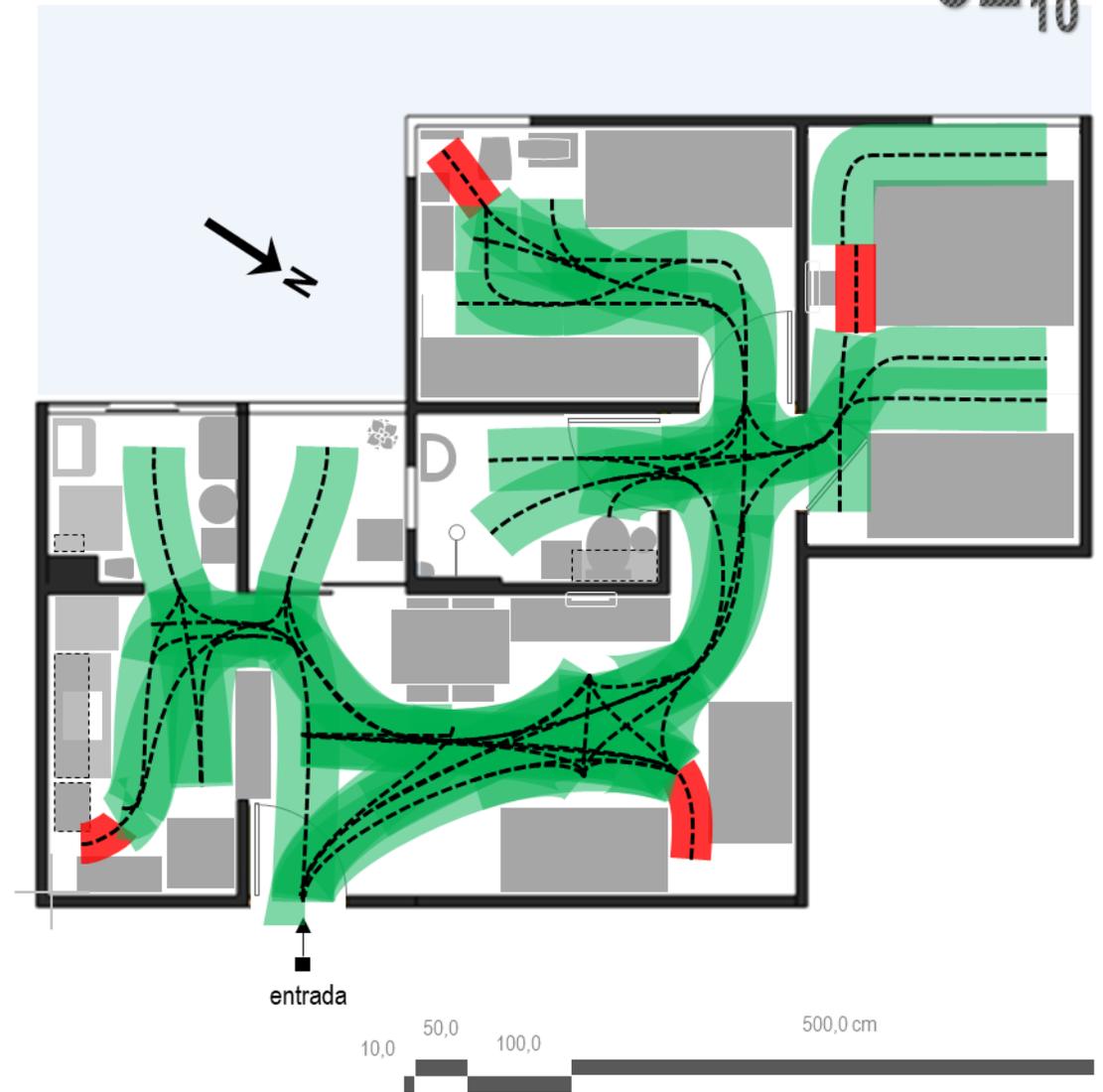
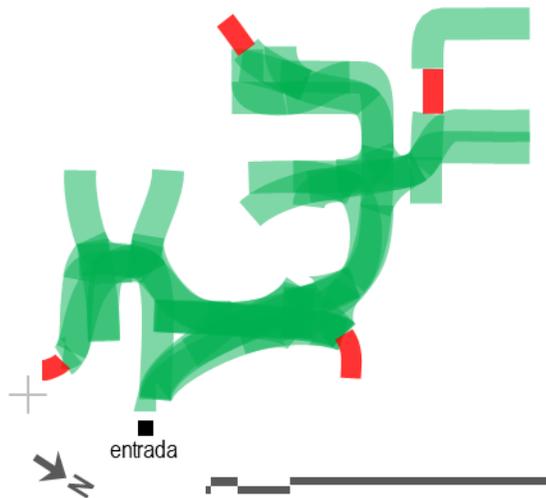
- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.



circulação entre os objetos

Fig. 69

-  60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes
-  50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes
-  40 cm / circulação crítica
-  linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis



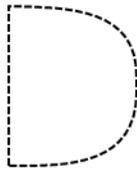
circulação entre os objetos morador cadeirante

Fig. 70

 90 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes

 80 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes

 80 x 120 cm / área de aproximação

 150 x 120 cm / área de manobra 180°

linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis



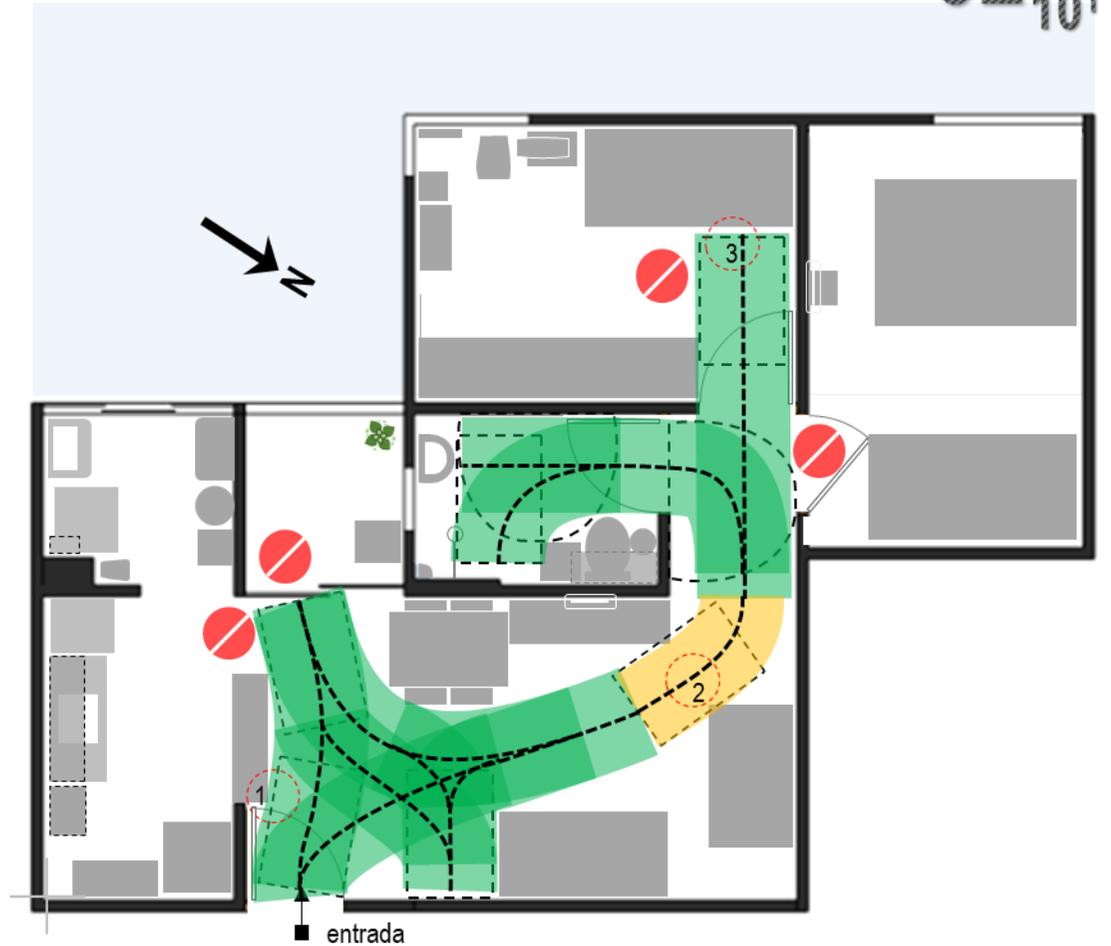
entrada

 acesso impossível a ambientes da moradia

 1 balcão atrapalha entrada e saída

 2 necessário ajuda para a manobra

 3 necessário ajuda para a volta



entrada

10,0 50,0 100,0 500,0 cm



área livre entre objetos exceto as áreas de uso

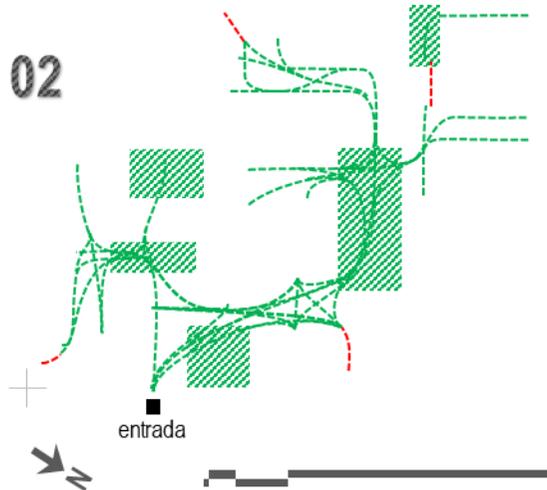
02₁₁

Fig. 71

área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

02



8.3 “Burguesa”

4. Carolina, 2017

Mapas 1 a 11 + 07¹
Figs. 72 a 83



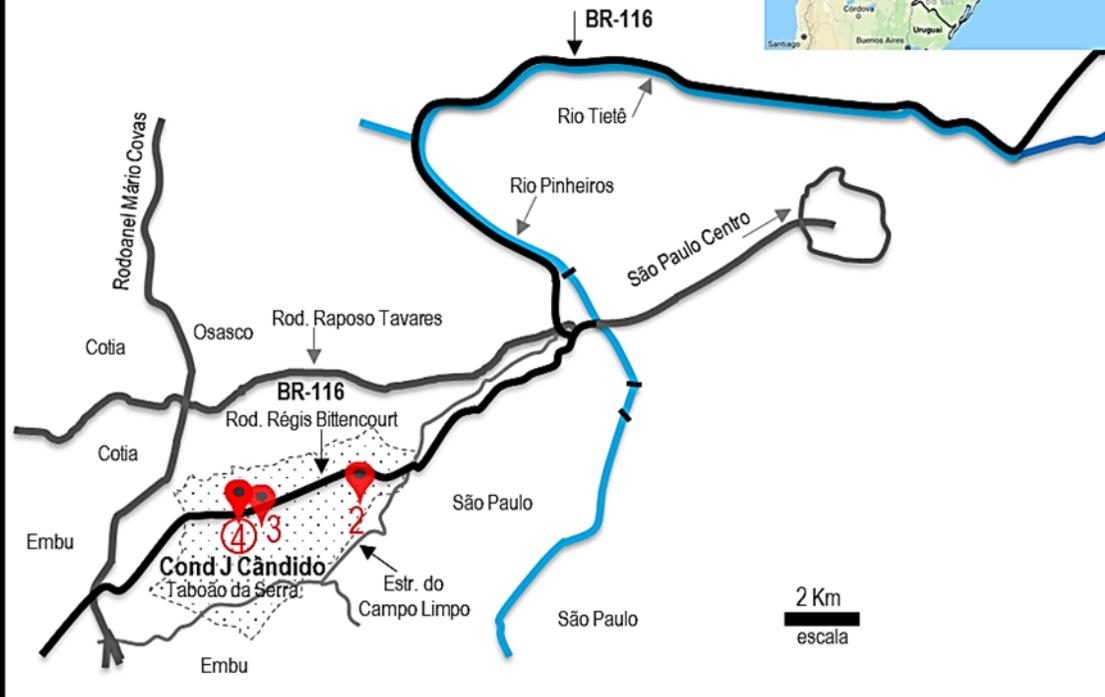
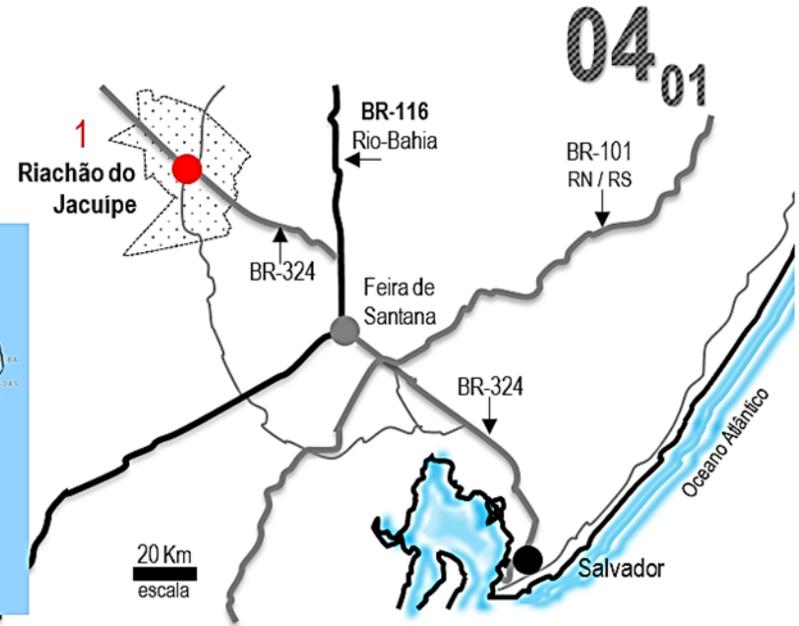
o morador e moradias anteriores

Fig. 72



Carolina tem 44 anos e nasceu em Riachão do Jacuípe (1), região metropolitana de Feira de Santana, Bahia. Morava “na roça mesmo” com os pais e oito irmãos, “nas condições que meus pais tinha pra me dar”, pelas quais é muito grata.

Veio para São Paulo aos 17 anos com um irmão, morar na casa de outra irmã que já estava em Taboão da Serra, cidade que Carolina “ama” e onde trabalhou, casou, teve três filhos. Sempre morou de aluguel, no Jd. Maria Rosa (2) e Vila Iasi (3).

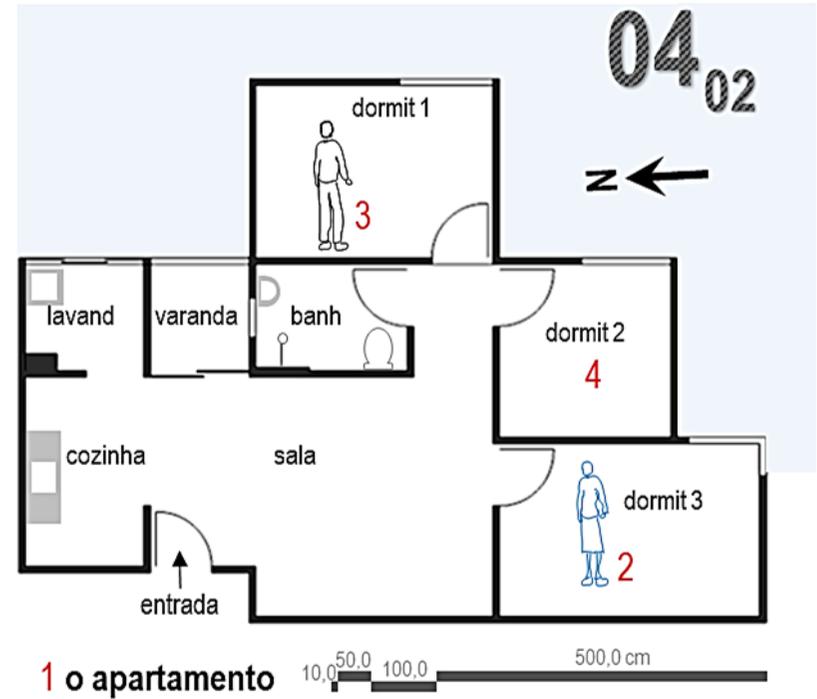


“Eu mudei muito de [...] uma casa pra outra, mas assim, no mesmo proprietário, do mesmo quintal ... cada casa que ia desocupando, que era melhorzinha eu ia pulando de uma pra outra ...”. Por 19 anos participou do movimento por moradia, o MST de Taboão, apesar do marido não acreditar no sucesso da luta e não se animar a mudar para o apartamento em construção, porque gostava de onde moravam (“tinha churrasqueira”), “achava que ia ser tipo muvuca” e que a cozinha seria “muito pequenininha”. Emocionada, conta que o marido faleceu em 2011, por coincidência no dia em que foi sorteada para receber o apartamento de três quartos no Condomínio João Cândido (4), Taboão da Serra, num edifício de térreo mais sete andares, cujas chaves foram entregues em Dezembro de 2014. Carolina ocupou a nova moradia no início do ano seguinte.

Fig. 73

a moradia e os moradores

O apartamento (1) de Carolina tem 60,35 m², três dormitórios, e, com acesso por elevador, fica no terceiro andar de um dos três edifícios organizados em condomínio fechado. Cada pavimento tem quatro apartamentos como o dela, situados nas quatro extremidades, e quatro com dois dormitórios. Nos três anos entre o sorteio da sua unidade e a entrega das chaves, as características da família mudaram substancialmente: seu marido faleceu e dois filhos se casaram, de modo que atualmente moram juntos somente ela e um filho de 21 anos, além de cuidar de um neto todas as tardes (A). Carolina ocupa o maior quarto, com acesso direto para a sala, e é o lugar que mais gosta de ficar no apartamento (2). O filho fica no dormitório de tamanho médio (3) e o dormitório menor (4) é multiuso: quarto de despejo, de passar roupa, guarda de louças de uso não cotidiano, e colchões encostados à parede, a postos para receber visitas. Em moradia anterior, um sobrado alugado, “*tinha tudo muito*” – Sky, internet, dois computadores, “*um embaixo, outro em cima*”. Quando mudou para o apartamento, quis “*tudo pouco*” e se desfez de muita coisa: “*pra quê que eu vou ter 20 pratos usando ao mesmo tempo [...] eu aprendi a sobreviver com pouca coisa [...] não faço questão de ter muita louça, muito copo, muito garfo, muita xícara*’.



A primeira intervenção que fez ao se mudar, foi instalar box no chuveiro, incomodada com a inundação que o banho causava, agravada pela caída errada do piso, segundo ela. Está satisfeita com a moradia mas gostaria de mudar todo o piso, porque mancha muito, dá trabalho para limpar e porque “estufam”. Mal colocados pela construtora (assim como azulejos), há fila para os reparos em todo o conjunto. Como outros moradores, ela aproveitou a mão de obra da construtora num desses consertos, e mudou o padrão dos azulejos da cozinha. Fez várias modificações quanto a acabamentos e instalações elétricas, listadas no mapa 04/07 ¹.

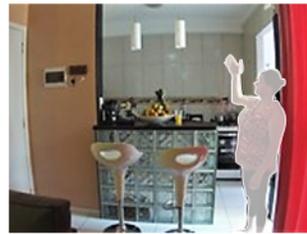
Adaptou-se bem à vida em condomínio porque considera que foram corretamente instruídos pelo Movimento [o MST]:

“*tipo assim, eu não vim pra cá achando que ia ficar à toa, que eu não ia ter regras, ter normas, e que eu não ia pagar nada – eu vim ciente de tudo.*”

		 neto fica todas as tardes		 Carolina					A composição dos moradores
bebê 0 a 2 anos	1ª infância 3 a 5 anos	2ª infância 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato	pássaro	cão	

posso entrar? a visita

Fig. 74



1 balcão



2 lavanderia



3 terraço / estar



5 quarto casal



6 quarto serviço, despejo, hóspede



7 quarto filho



8 mesa jantar



10 sala



11 cozinha



12 banheiro



13 corredor



Em entrevista gravada em vídeo, Carolina apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado. As fotos 4 e 9 foram suprimidas porque repetidas no roteiro.

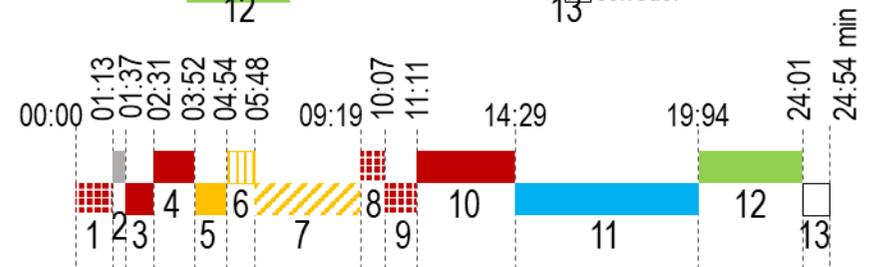


Fig. 75

os objetos

- camas bicamas beliches cama box treliches
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama sofás de canto
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão geladeira tanquinho micro ondas lava roupas
- prateleiras na parede
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixeiras
- tapetes
- vasos com plantas cortinas
- computador móvel / objeto improvisado
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



zoneamento dos objetos

Fig. 76

- lavanderia
- cozinha
- sala sala de jantar e/ou espaço para refeições
- banheiro
- dormitórios
- trabalho não doméstico
- depósito / despejo
- guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
 quando em sapateira com zíper
- espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- há box no chuveiro;
- não há gabinete na pia da cozinha, mas 2 estantes de plástico [perfeitamente encaixadas na altura total do vão disponível]: uma preta [com 2 prateleiras], outra branca [equipada com 1 porta, algumas mini gavetas e nichos para temperos].



04₀₆

procedência dos objetos

Fig. 77

-  doado 1ª mão
-  doado 2ª mão
-  'catado'
-  comprado 1ª mão  comprado via internet
-  comprado para o apartamento
-  comprado 2ª mão
-  comprado sob medida
-  original do apartamento
-  sem registro



aparência dos **materiais dos objetos**

Fig. 78

**modificações na moradia entregue:**

- a grande quantidade de modificações efetuadas gerou a necessidade de anotação especial: ver próximo mapa, o 07¹
- as modificações referentes à **iluminação** receberam destaque nas descrições da moradora.

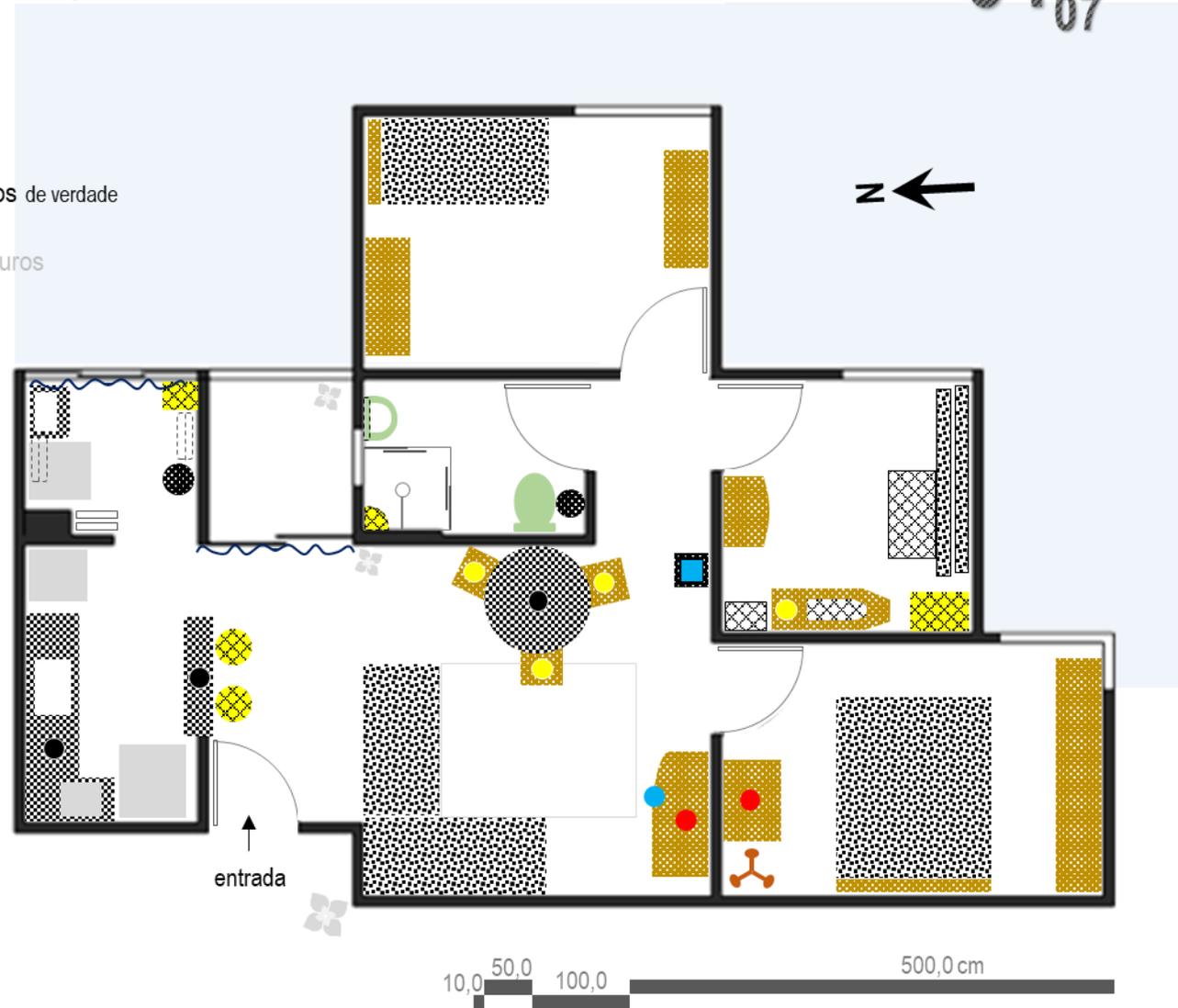


Fig. 79

modificações na moradia entregue:

- trocou os azulejos da cozinha [brancos, com barrado decorado em alto relevo colorido];

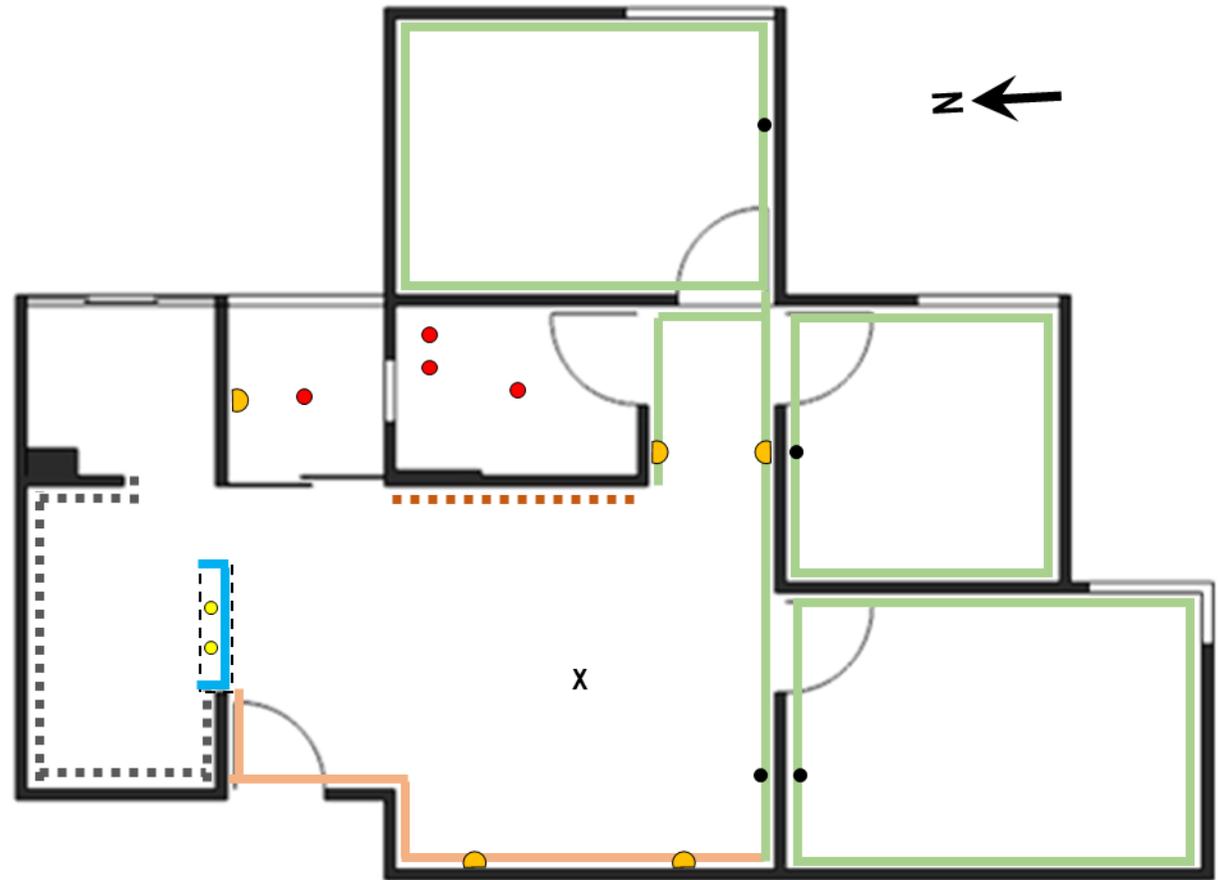
- o balcão da cozinha é apoiado sobre alvenaria de tijolos de vidro;

- revestiu a parede da sala contígua à porta do terraço [cerâmica imitando tijolo aparente];

- **repintou todas as paredes:**
 salmão claro ao longo da parede da porta de entrada;

 verde suave ao longo do corredor e internamente nos 3 quartos;

- providenciou **novos pontos de luz:**
 pendentes sobre o balcão; ● ●
 arandelas na sala, terraço e corredor; ◐ ◐
 embutidos no banheiro e no terraço; ● ●
 deslocou ponto de luz existente na sala. X
- instalou tomadas e pontos para tv na sala e em todos os quartos, em altura para posterior instalação de painel. ● ●
- instalou roda tetos em todos os cômodos [brancos, de perfil que combina 1 friso arredondado e 4 retos].



04₀₈

altimetria dos objetos

Fig. 80

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto



área de uso dos objetos

Fig. 81

 90 cm / pia, fogão, geladeira / guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário, lavatório

 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

 problemas  80 x 80 cm / box quadrado

 situação crítica

1. o guarda roupa obstrui parte das janelas em L, embora esteja desencostado, permitindo ventilação e a manipulação das folhas da janela maior [a menor, mais obstruída, tem vidro fixo];
2. proximidade da geladeira dificulta acesso à parte de baixo do balcão da pia.

- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.



circulação entre os objetos

Fig. 82

60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes

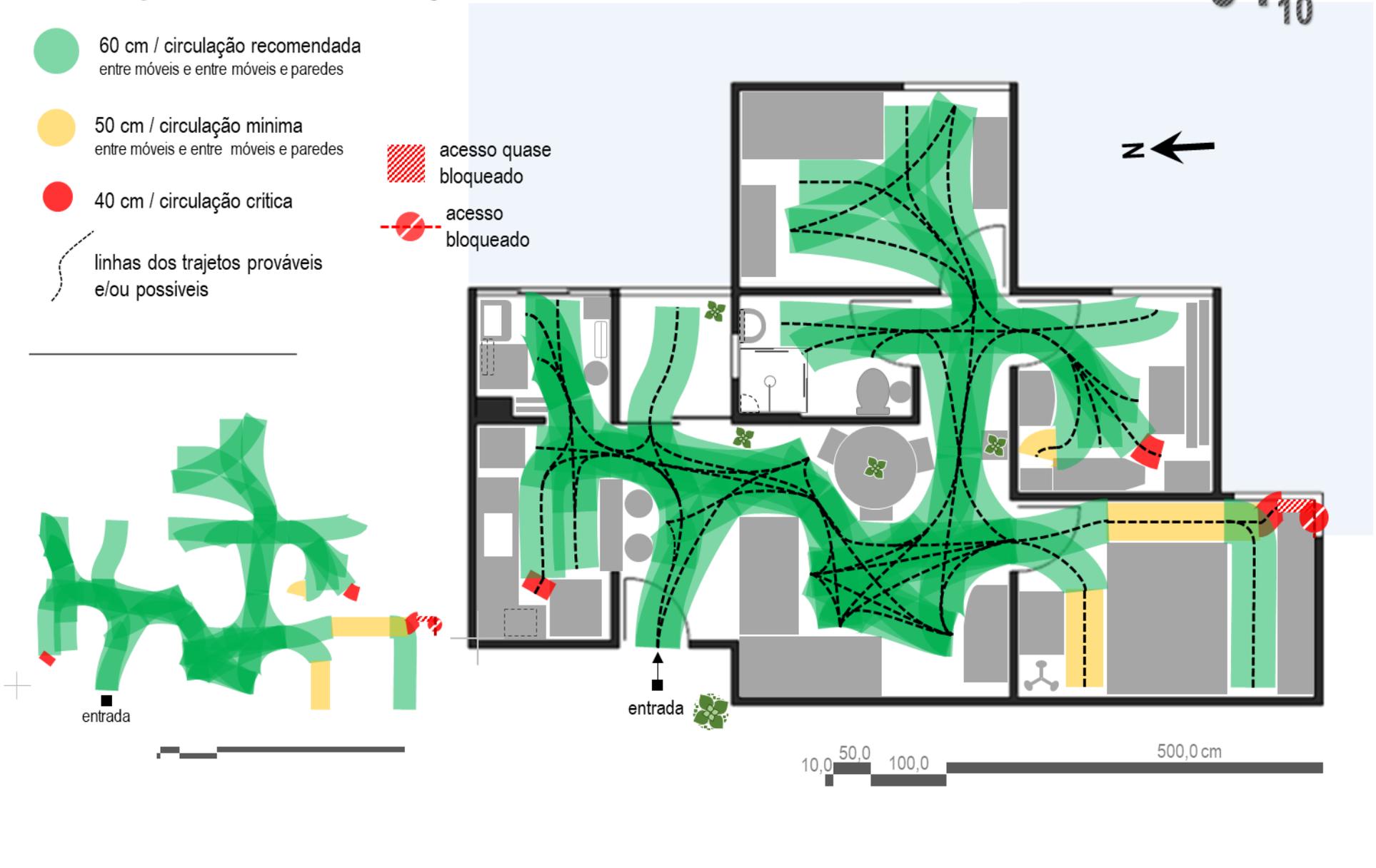
50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes

40 cm / circulação crítica

linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

acesso quase bloqueado

acesso bloqueado



área livre entre objetos exceto as áreas de uso

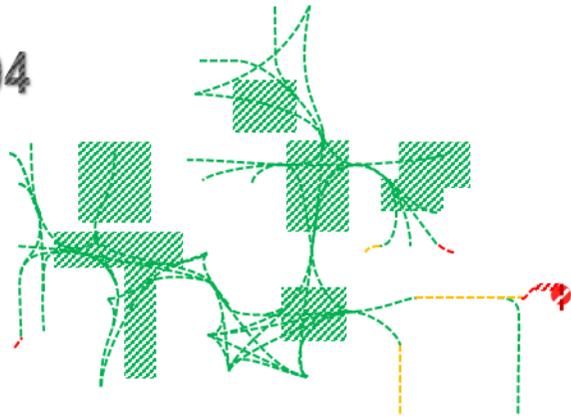
04₁₁

Fig. 83

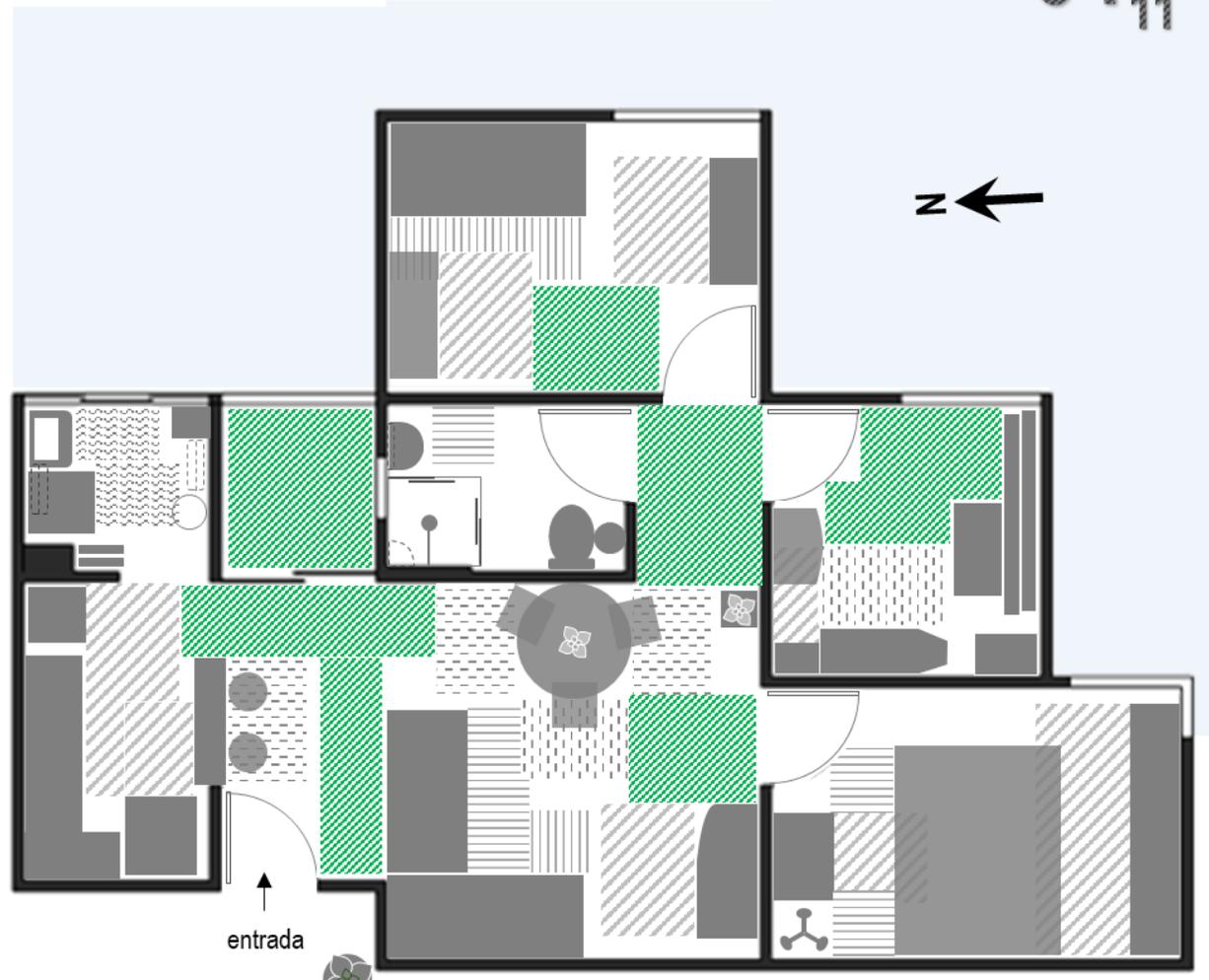
área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

04



z ←



10,0 50,0 100,0 500,0 cm

8.4. Muitas atividades

8. Aurora, 2018
Mapas 1 a 11
Figs. 84 a 94



o morador e moradias anteriores

Fig. 84



Aurora tem 63 anos e nasceu no Jardim Japão (1), região norte da cidade de São Paulo, onde morava num cortiço com os pais e nove irmãos. Depois, por conta de novo serviço que seu pai arrumou (com “um japonês” ligado a uma cooperativa que comerciava com o então Ceasa), foram morar numa chácara em Itaquera (2): “Nossa, lá não tinha nada, só mato, mato, mato. A gente morava numa casa assim ... o piso era de tijolo, lembro até hoje. A gente pra lavar a roupa, lavar a louça, tinha que ir numa trilha bem longe assim, que era um rio, aí trazia umas lata d’água pra cuidar dos meus irmãos e das minhas irmãs.” Da chácara mudaram para o Canindé (3), numa casa nos fundos de um depósito de madeira: “Aí no Canindé foi muito bom, muito bom” porque a família passou a receber doações de sacos de arroz, feijão, farinha. Moraram depois por 12 anos na Vila Ida (4), na Zona Oeste, mais próximo do Ceasa. “Aí depois o japonês começou a falar pro meu pai comprar um terreno, porque um dia a cooperativa ia acabar e meu pai não ia ter aonde pôr a gente. Aí meu pai comprou um terreno no Parque Pinheiros” (5), na cidade de Taboão da Serra. Aos 16 anos teve que ajudar o pai a pagar o terreno

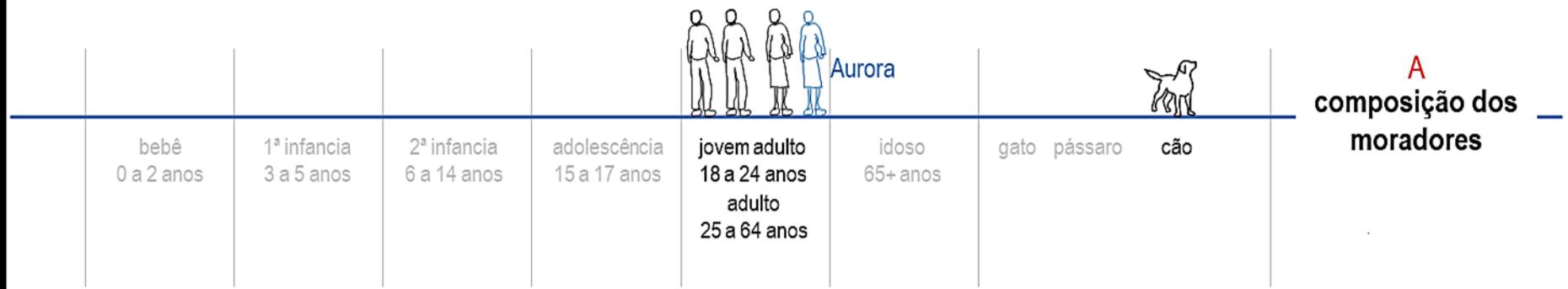
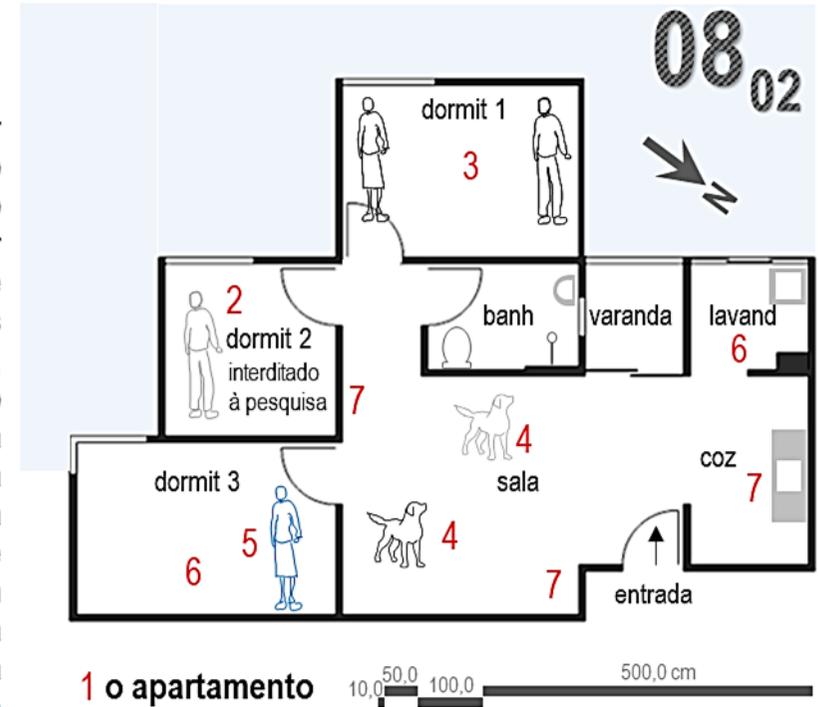


e trabalhou como tecelã no Brás, morando com um tio no bairro da Ponte Rasa (6). Teve um breve casamento de um mês, por três anos sua mãe ajudou-a a criar o 1º filho enquanto Aurora trabalhava. Após a morte da mãe, desavenças familiares a expulsaram de casa, morou por oito anos com uma vizinha que a acolheu. Casou-se novamente, teve outros três filhos, separou-se ainda grávida da mais nova: “aí eu fui viver minha vida ... ganhava 150 reais, pagava 200 de aluguel, pedia 50 pra você pra inteirar ... aí pedia mais 50 pro terceiro e assim ia.[...] Lavava roupa pra fora, juntava latinha, trabalhava num clube, de domingo a domingo [...] Morava numa casa que ameaçava chover, enchia d’água” no Jardim São Salvador (7), Taboão. “Aí participei do Movimento [MST], saiu vários terrenos mas eu não tinha condições de construir. Eu falava, eu espero”. Só conheceu o apartamento no João Cândido (8) quando se mudou, em 2015: “eu nem sabia como que era”.

a moradia e os moradores

Fig. 85

O apartamento (1) de Aurora tem 60,35 m², três dormitórios e, com acesso por elevador, fica no sexto andar de um dos três edifícios organizados em condomínio fechado. Cada pavimento tem quatro apartamentos com dois dormitórios e quatro como o dela, onde mora (A) com um filho de 26 anos, que dorme no quarto menor (2) - cujo espaço foi interdito à pesquisa - uma filha de 31 e um neto de 20, que dormem no quarto médio (3), além de um pequeno cão, com “camas” em dois locais na sala (4). Com acesso direto pela sala, o maior dormitório é o de Aurora, 63 anos, (5), espaço utilizado também para guarda de objetos e atividades relacionadas ao tratamento de roupa lavada, tanto doméstica quanto de cliente para quem presta esse tipo de serviço. Além de um emprego diário como babá e de “lavar roupa para fora” (6), Aurora faz e vende sorvetes caseiros (7), atividades que se espriam pela moradia, com utensílios e objetos organizados em armários ou encaixotados, e separação precisa quanto ao uso. Todos os moradores trabalham fora, a filha em turno noturno, de modo que não há rotina de refeições conjuntas e notou-se a guarda de alimentos privativos (poucos), próximos a camas. Desenhista, a filha decorou a porta e uma parede do seu quarto (“ela desenha camiseta, tudo, ela não passa necessidade não”). Perguntada sobre o que mais gostava no apartamento, respondeu “Ah, eu gosto de tudo da minha casa. Não tenho preferência não.” Sobre onde costumava descansar e relaxar, brincou: “Ah, no tanque, na pia e no fogão [risos].” De vez em quando desce no condomínio para tomar sol de manhã mas sobe logo. Ao mostrar o banheiro comentou: “Nossa, quando que a gente ia ter um banheiro desse? Meu Deus! É um quarto e cozinha!” Livre do aluguel (“tinha hora que eu tinha que fazer compra ou pagava aluguel”), confidenciou ao abrir um armário na cozinha: “Nossa eu nunca vi meu armário cheio, minha filha. Eu te juro. Nunca.”



posso entrar? a visita

Fig. 86



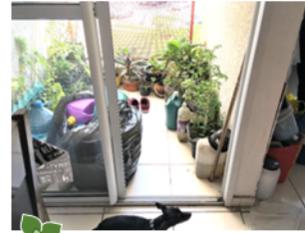
1 cozinha



2 lavanderia



3 sala jantar



4 varanda



5 sala



6 banheiro



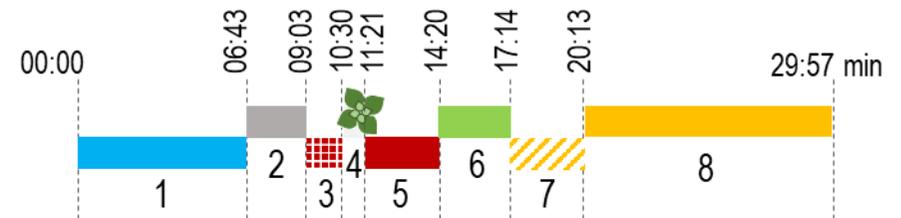
7 quarto filha e neto



8 quarto casal



Em entrevista gravada em vídeo, Aurora apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado.

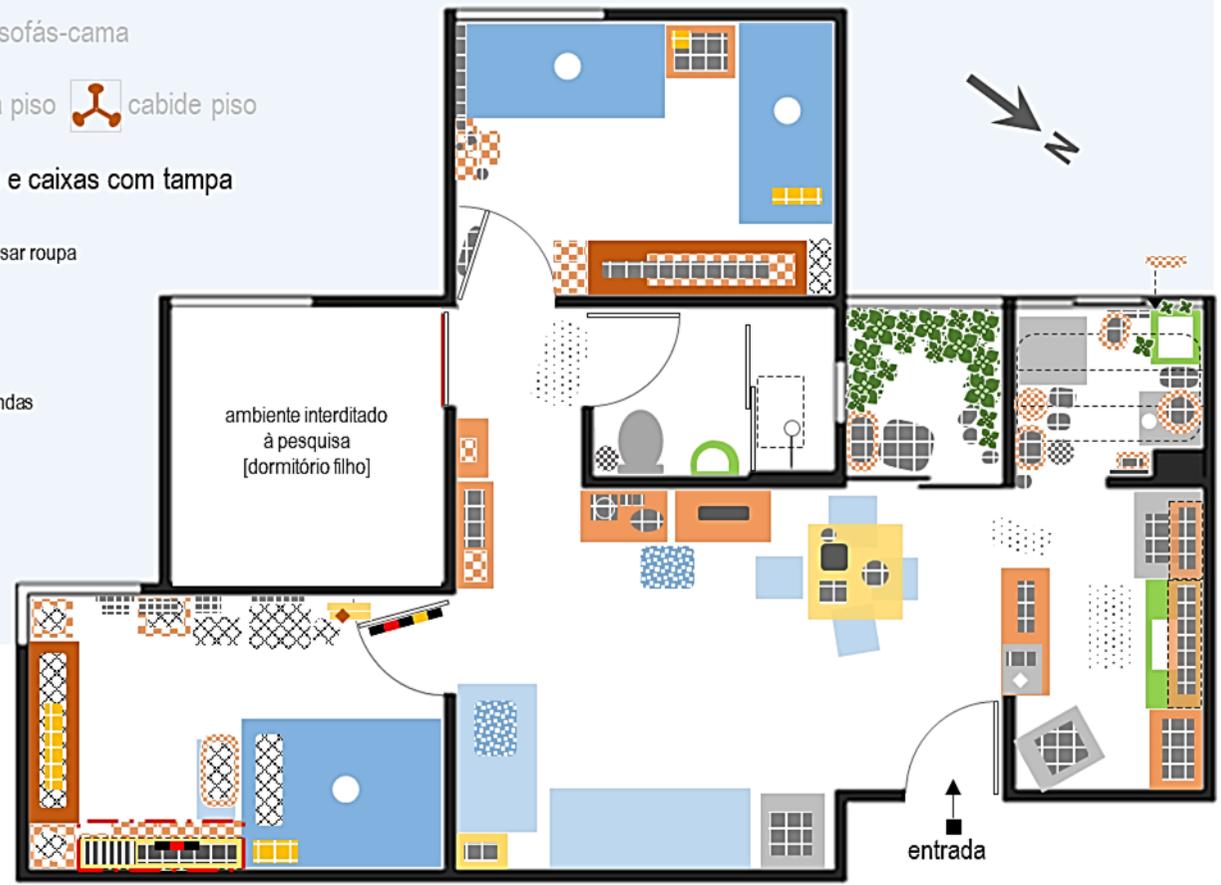


08₀₄

Fig. 87

os objetos

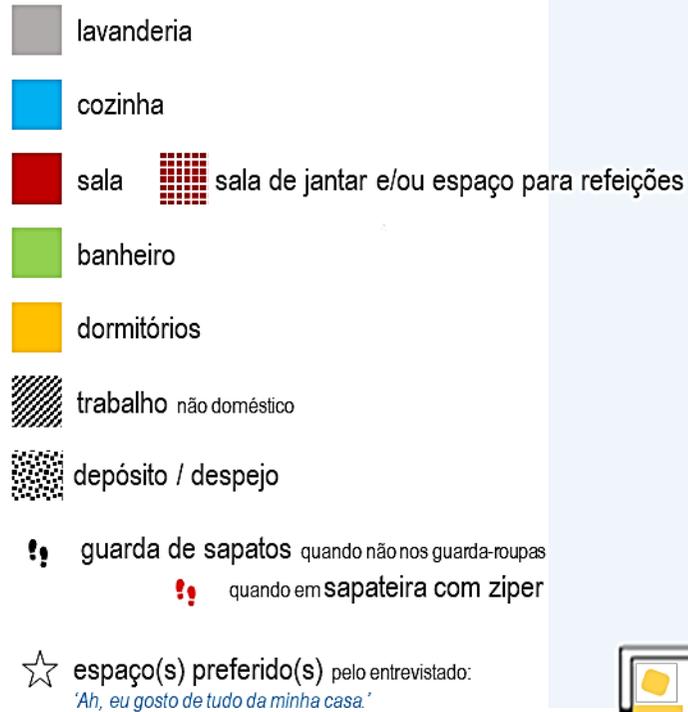
- camas bicamas beliches cama box cama do cachorro
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão, geladeira, lava roupas tanquinho micro ondas
- prateleiras na parede
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixerias
- tapetes livros
- vasos com plantas cortinas
- computador aparador improvisado prateleira sobre caixas de papelão
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



08₀₅

zoneamento dos objetos

Fig. 88



- há box no chuveiro;
- há gabinete na pia da cozinha
- há redes de proteção nas janelas para os netos

O apartamento é povoado por objetos não só dentro, mas também fora dos armários, por vezes acondicionados em caixas, ou embrulhados em sacos, ou aparentes, sobre o piso e móveis. Foram classificados aqueles possíveis de serem identificados visualmente e/ou quando houve relato sobre o conteúdo de alguma caixa.



procedência dos objetos

08₀₆

Fig. 89



1. a pia da cozinha é original do apartamento; o gabinete foi encomendado, sob medida, para o filho, marceneiro.



08₀₇aparência dos **materiais dos objetos**

Fig. 90



1. reposicionou a pia do banheiro, aumentando a área disponível para o box



altimetria dos objetos

08₀₈

Fig. 91

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto



08₀₉

área de uso dos objetos

Fig. 92

 90 cm / pia, fogão, geladeira / guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário, lavatório

 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

 problemas

 75 x 90 cm /
box retangular

 situação crítica

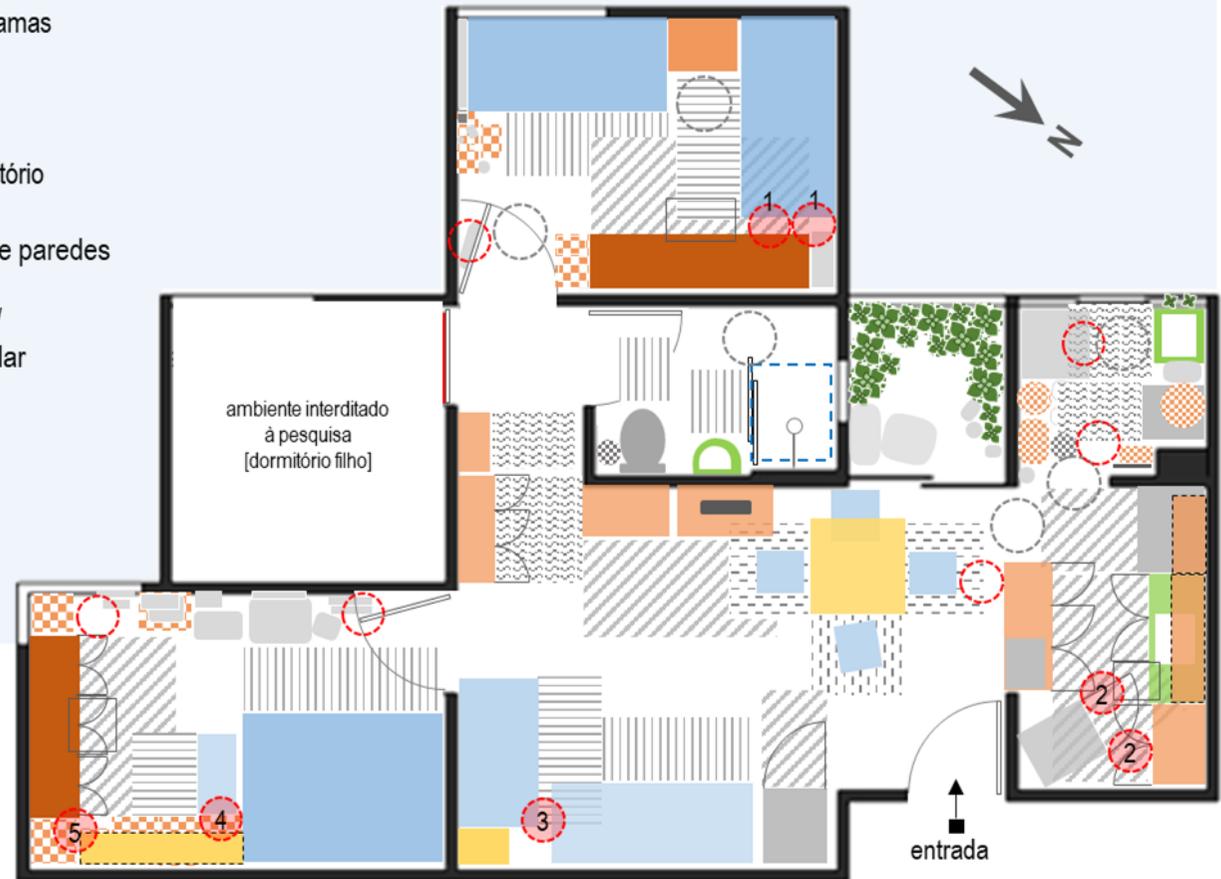
1. acesso bloqueado à parte do guarda roupa e à pilha de roupas no canto seguinte;
2. dificuldade para abertura das portas do armário e da geladeira;
3. parte do sofá sem espaço para as pernas de quem nele senta;
4. dificuldade de acesso ao conteúdo nas caixas de papelão;
5. acesso bloqueado ao conteúdo da pilha de ensacados ao canto.

▪ os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.]; objetos no chão também foram indicados, devido a sua expressiva presença nesta moradia;

▪ o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo;

▪ não se considerou como obstáculo objetos no piso que podem ser mudados de lugar se necessário [como sacolas, bacias, baldes];

▪ não se considerou problema a proximidade da mesa de jantar à porta de vidro, já que há espaço para deslocá-la e melhorar o espaço disponível para a cadeira, se desejado.



10,0 50,0 100,0 500,0 cm

circulação entre os objetos

08₁₀

Fig. 93

60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes

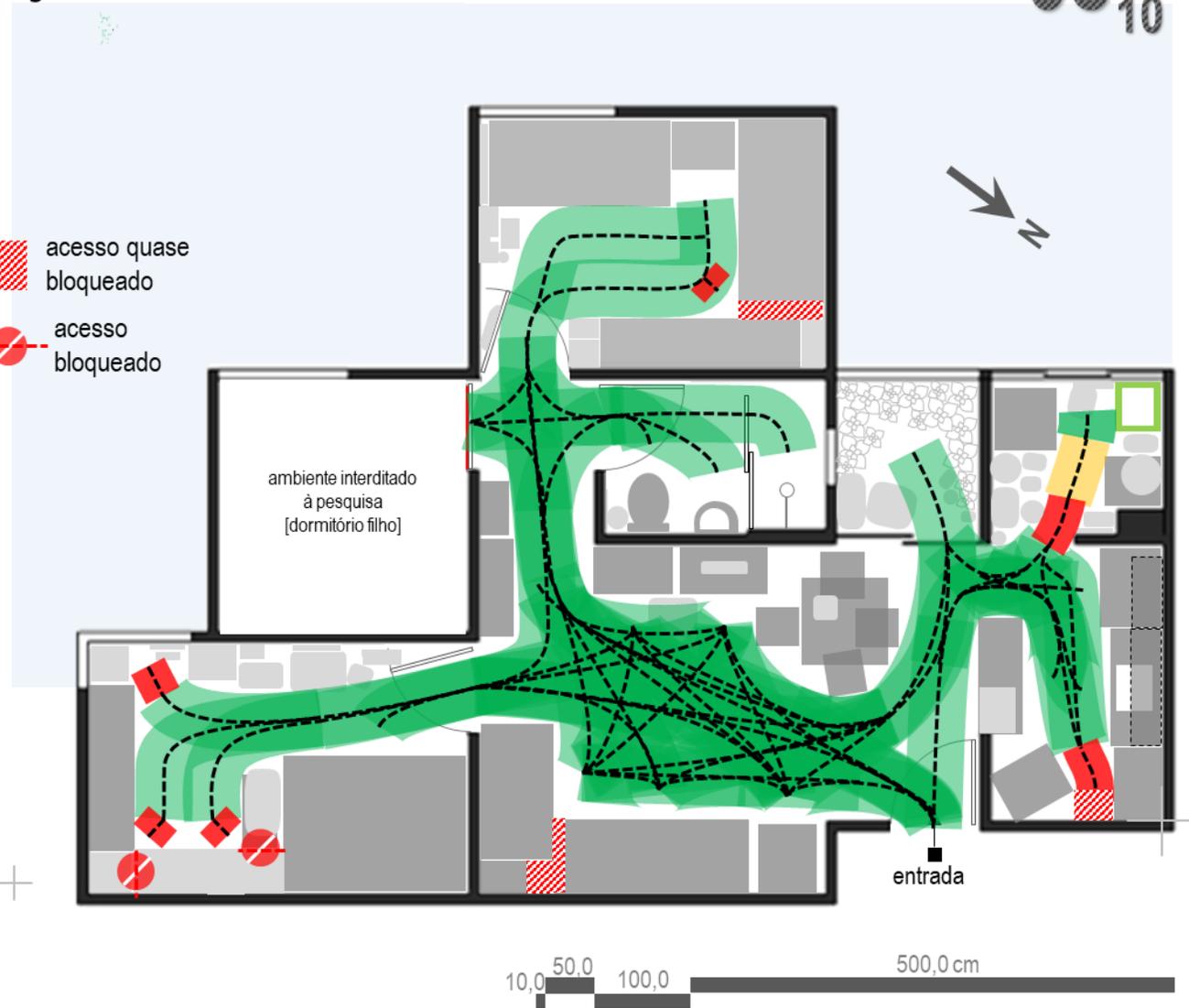
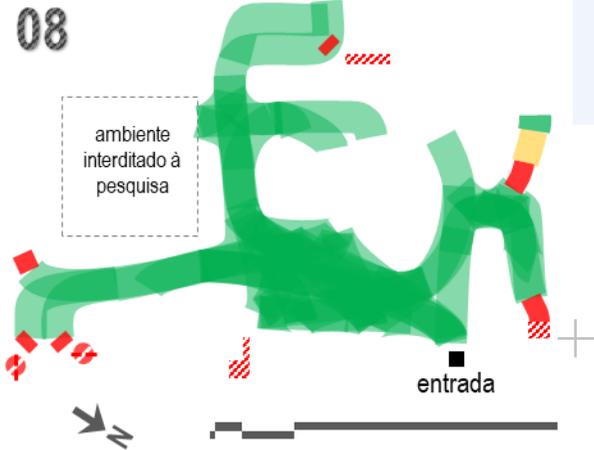
50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes

40 cm / circulação crítica

linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

acesso quase bloqueado

acesso bloqueado



área livre entre objetos exceto as áreas de uso

08₁₁

Fig. 94

área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

08

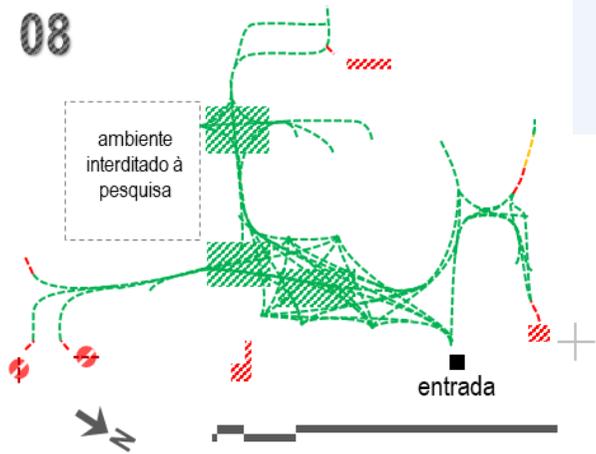
ambiente interdito à pesquisa

entrada

ambiente interdito à pesquisa
[dormitório filho]

entrada

10,0 50,0 100,0 500,0 cm



8.5. Homem JC

9. Eduardo, 2019

Mapas 1 a 11
Figs. 95 a 105



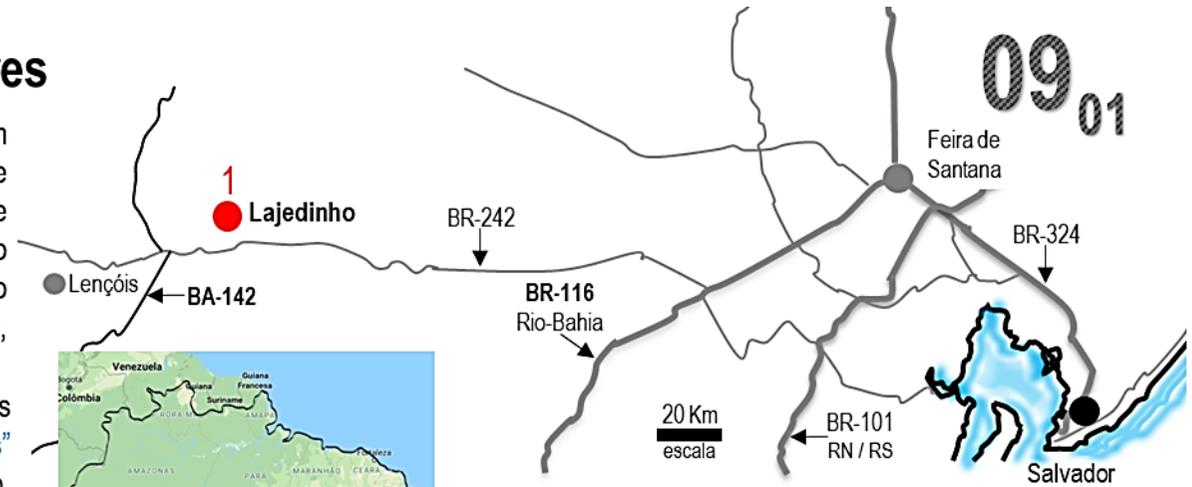
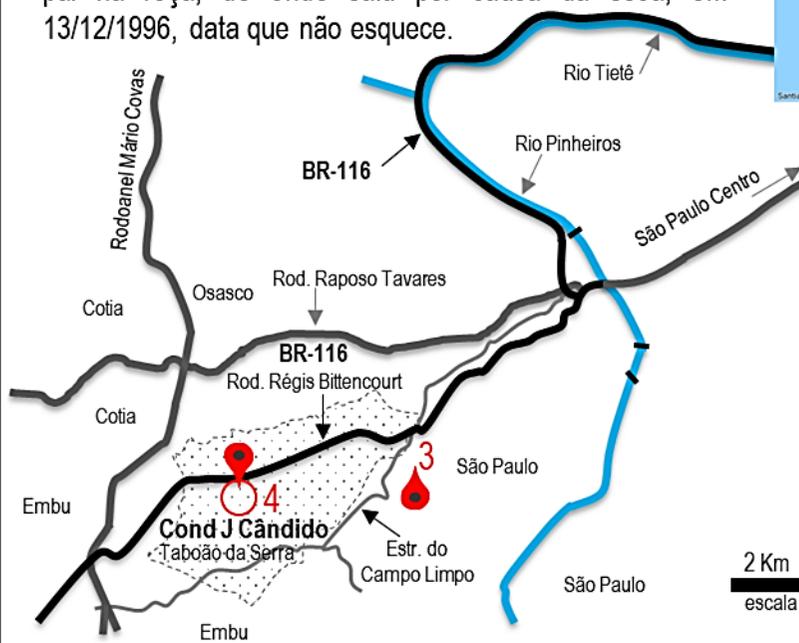
o morador e moradias anteriores

Fig. 95



Eduardo tem 46 anos e nasceu em Lajedinho (1), Bahia (perto de Lençóis e, menos, de Feira de Santana), em uma família de oito irmãos. Lavradores, moravam no sítio do pai, a 60 Km da cidade, numa casa de taipa de mão.

Primeiramente com telhado de “cavaco e palha”, depois com telha de barro, a casa tinha três quartos “enormes” onde dormiam em forrações de couro de boi, no chão. Sala e cozinha (com fogão a lenha) grandes. Abasteciam-se da água da chuva acumulada no “tanque”, ou açude. Dos 14 aos 23 anos, foi o único filho a permanecer com o pai na roça, de onde saiu por causa da seca, em 13/12/1996, data que não esquece.



Num esquema de arregimentação de trabalhadores, foi para Águas de São Pedro (2) trabalhar na região canaveira de Piracicaba, com outros 91 trabalhadores e um “cabo de turma”, em dois ônibus. Apesar de promessas não cumpridas, achou o trabalho na cana “mais fácil do que lá na Bahia” e gostou do conforto dos equipamentos de proteção individual fornecidos.

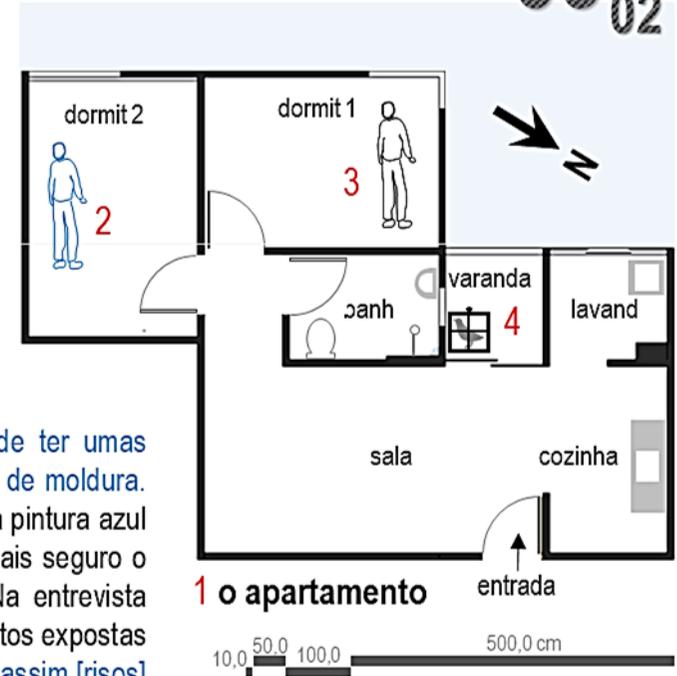
Após nove meses veio para São Paulo, morar com um primo na Viela da Paz (3), onde comprou um terreno vizinho e construiu um cômodo de madeirite: “demos um piso grosso [...] janela não tinha, só tinha uma porta [...] furei um buraco lá, e passei a corrente e era a minha casa. [...] Deu pra botar uma beliche, uma geladeira, um fogãozinho de quatro boca, uma televisãozinha daquelas antiga, um sonzinho, e a gente humildemente feliz! [...] Só de saber que tá em São Paulo já é uma benção de Deus’. Após quatro anos empreitou a alvenaria, a primeira laje, cobriu com telha o primeiro andar e começou a chamar os irmãos para São Paulo. Permaneceu na “comunidade” por 18 anos, mas a vulnerabilidade da posse levou-o a participar em 2005, com seu irmão e seu pai, da Ocupação Chico Mendes, promovida pelo MTST num terreno em Taboão da Serra, luta que resultou em seu apartamento no Condomínio João Cândido (4), entregue ao final de 2014: “muito honrado, eu digo gente, se junte ao MTST, que os governantes só sabe oiá pra gente se tiver o povo na rua.”

09₀₂

Fig. 96

a moradia e os moradores

O apartamento (1) de Eduardo tem 50,8 m², dois dormitórios e fica no sétimo andar, com acesso por elevador, de um dos três prédios do condomínio fechado. Cada pavimento tem quatro apartamentos com três dormitórios e quatro como o dele, onde mora com seu filho de 18 anos e um passarinho em gaiola (A), além de hospedar frequentemente parentes que vêm da Bahia. Eduardo dorme no quarto maior (2), o filho no menor (3) e o passarinho na varanda (4), tomada por muitos vasos com guaco, batata doce, “malva de igreja”, capim santo, orquídea, arruda, espada de São Jorge. Gosta das plantas para fazer chás calmantes, que “deixa você bem suave”. Dentre as mudanças que efetuou no apartamento, destacou a textura de parte das paredes da sala, pintadas de verde, e os roda tetos, que instalou em todos os cômodos da casa: “Eles entregam o empreendimento [...] tudo no branquinho bonitinho. [...] Ai a gente quer modificar as cores, digamos assim né, [...] como toda vida eu tinha vontade de ter umas texturinhas, né, então eu achei legal [...] Eu acho muito bonito uma casa que tem esses quadros de moldura. E disse: por que não, não vou colocar, se é o meu aconchego? Eu quero me sentir bem!” Além da pintura azul nas paredes dos dormitórios, as maiores intervenções foram no banheiro, destinadas a tornar mais seguro o uso para os pais idosos: instalou pisos antiderrapantes, reposicionou pia e vaso sanitário. Na entrevista descreveu a sala como “integrada com a cozinha” e mostrou detalhadamente suas coleções de fotos expostas na varanda, sala e no seu quarto. “É, eu sou muito familiar [...] Gente, eu não sei por que eu sou assim [risos] [...] Porque a gente não vai ter tudo pra sempre, né? E é lembrança.”



Comprou grande parte da mobília especialmente para a nova moradia, utilizando o cartão de crédito Minha Casa Melhor, fornecido pelo Governo Federal. “Foi uma delícia, uma delícia. [...] Tipo, sugar, geladeira [...] O jogo de sofá, aquela mesa ali de quatro cadeira, o pufe que está ali com os quadros. As duas televisões, os guarda-roupas dos quartos, né, tudo foi com esse crédito [...] Se as autoridades e os governante, os próximos daqui para frente [...] puder fazer isso, ajuda muito essas famílias de baixa renda [...] Agradeço essa pessoa, esse governante que teve essa ideia de fazer isso com o povo.”

					 Eduardo				A composição dos moradores
bebê 0 a 2 anos	1ª infancia 3 a 5 anos	2ª infancia 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato	pássaro	cão	

posso entrar? a visita

Fig. 97



1 lavanderia



2 cozinha



3 plantas na varanda



4 fotos na varanda



5 sala



6 fotos na sala



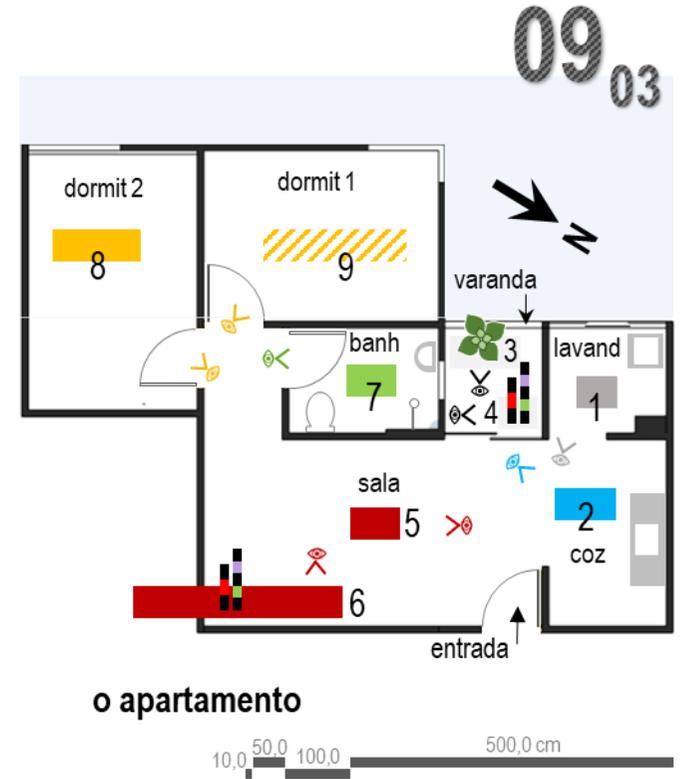
7 banheiro



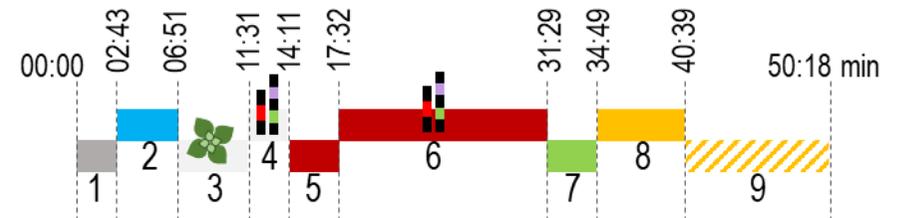
8 quarto casal



9 quarto do filho



Em entrevista gravada em vídeo, Eduardo apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado. As categorias 'fotos' 📷 e 'plantas' 🌿 foram inseridas por sua significativa presença temporal no percurso apresentado pelo morador.



09₀₄

Fig. 98

os objetos

- camas  bicamas  beliches  cama box 
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás  sofás-cama 
- guarda roupas  arara piso  cabide piso 
- armários e estantes  baús, malas, cestos e caixas com tampa 
- mesas, mesinhas e bancadas  taboa de passar roupa 
- pias e tanques 
- linha branca  fogão  geladeira  lava roupas  tanquinho  micro ondas 
- prateleiras na parede 
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa 
- lixeiras  gaiola com passarinho 
- tapetes  gaiola sem passarinho 
- vasos com plantas  cortinas 
- computador  objeto pertencente aos hóspedes na moradia 
- televisão em painel  varal de teto 
- televisão com base  varal de piso 
- objetos decorativos  escada móvel  galeria de fotos 
- objetos utilitários  brinquedos  roupas dobradas, empilhadas, ensacadas 



zoneamento dos objetos

Fig. 99

- lavanderia
- cozinha
- sala sala de jantar e/ou espaço para refeições
- banheiro
- dormitórios
- trabalho não doméstico
- depósito / despejo
- guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
- quando em sapateira com zipper
- espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado
- objeto pertencente aos hóspedes na moradia

- há box no chuveiro;
- há gabinete na pia da cozinha
- há depurador de ar sobre o fogão

1. utiliza o tanque também para higiene pessoal



procedência dos objetos

Fig. 100

-  doado 1ª mão
-  doado 2ª mão
-  'catado'
-  comprado 1ª mão
-  comprado via internet
-  comprado para o apartamento
[via cartão de crédito Minha Casa Melhor]
-  comprado 2ª mão
-  comprado sob medida
-  original do apartamento
-  sem registro
-  objeto pertencente aos
hóspedes na moradia



09
07aparência dos **materiais dos objetos**

Fig. 101

**modificações na moradia entregue:**

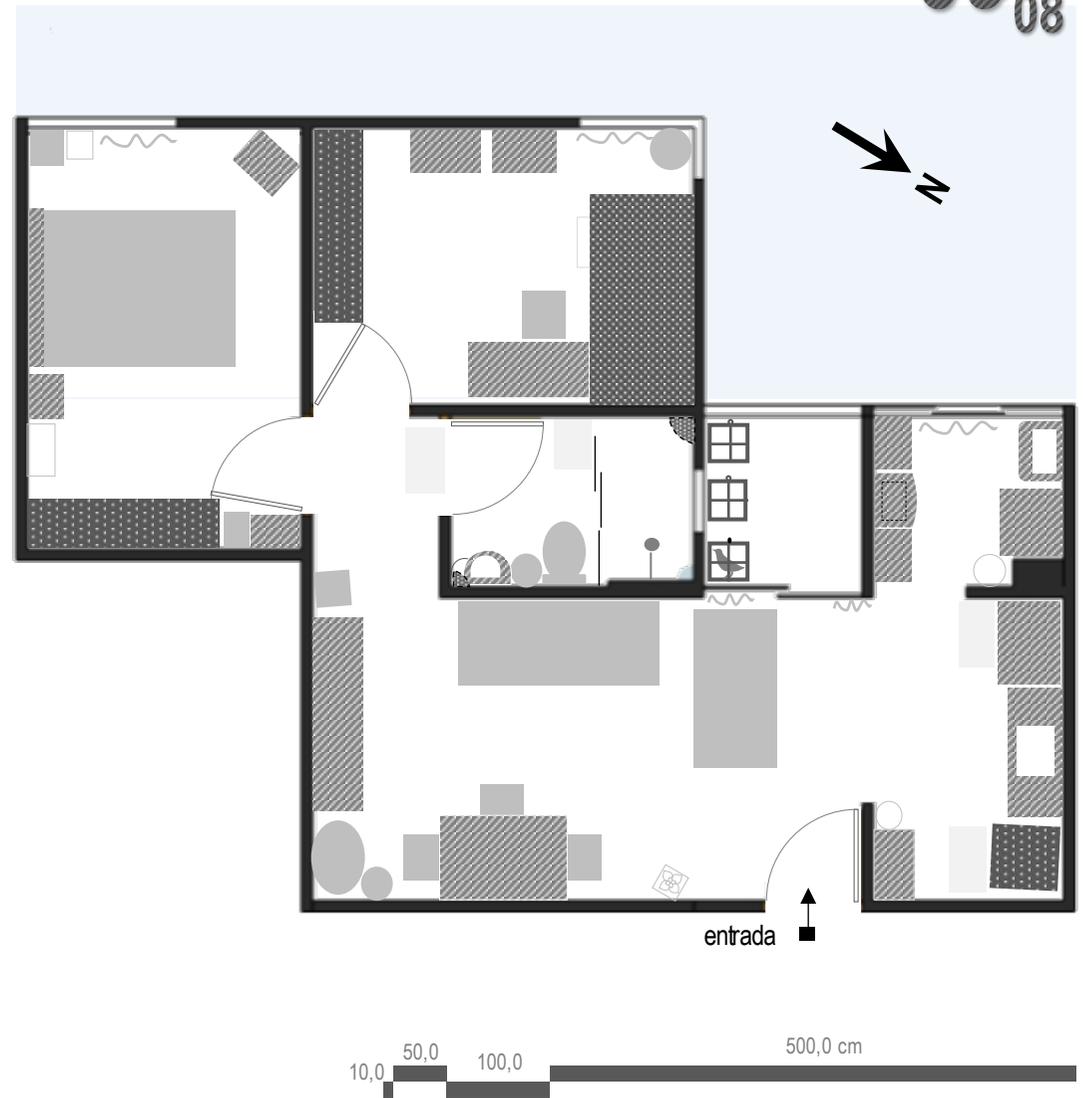
1. instalou roda tetos em todos os cômodos;
2. pintou 3 paredes da sala de verde e os quartos de azul;
3. trocou por antiderrapantes os pisos do banheiro e do box;
4. instalou ducha higiênica no banheiro;
5. reposicionou a pia do banheiro para aumentar a área do box;
6. reposicionou o vaso sanitário para facilitar o trajeto de uso para os pais idosos, quando o visitam.



altimetria dos objetos

Fig. 102

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto



área de uso dos objetos

Fig. 103

 90 cm / pia, fogão, geladeira / guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário, lavatório

 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

 problemas

 75 x 90 cm /
box retangular

 situação crítica

1. os guarda roupas obstruem a plena abertura das portas dos quartos;
2. parte do sofá sem espaço suficiente para as pernas de quem nele senta;
3. dificuldade de acesso frontal à parte inferior tanto da geladeira como do móvel-fruteira.

- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo;
- desconsiderou-se objetos transitórios, pertencentes aos hóspedes na moradia.



10,0 50,0 100,0 500,0 cm

circulação entre os objetos

Fig. 104

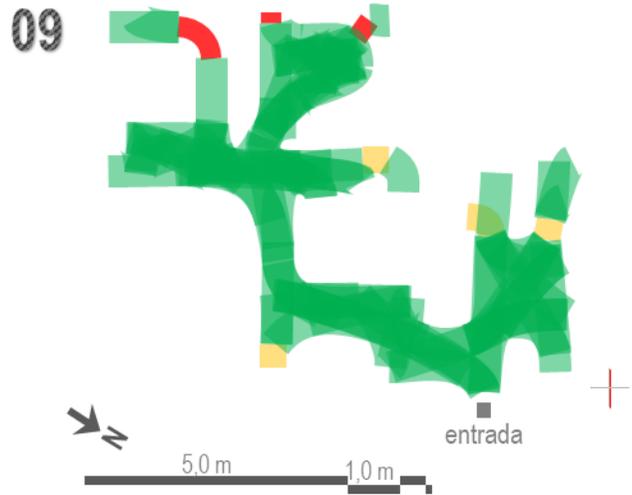
 60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes

 50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes

 40 cm / circulação crítica

 linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

- desconsiderou-se objetos transitórios nos arranjos, pertencentes aos hóspedes presentes na moradia. 



área livre entre objetos exceto as áreas de uso

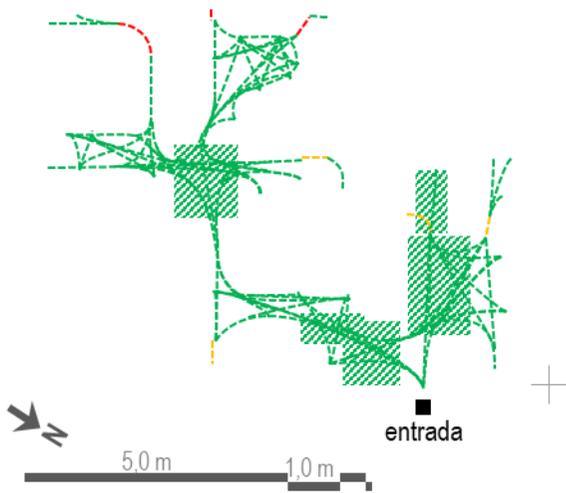
09₁₁

Fig. 105

área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

09



8.6. “Popular” VP

10. Elisa, 2019

Mapas 1 a 11
Figs. 106 a 116

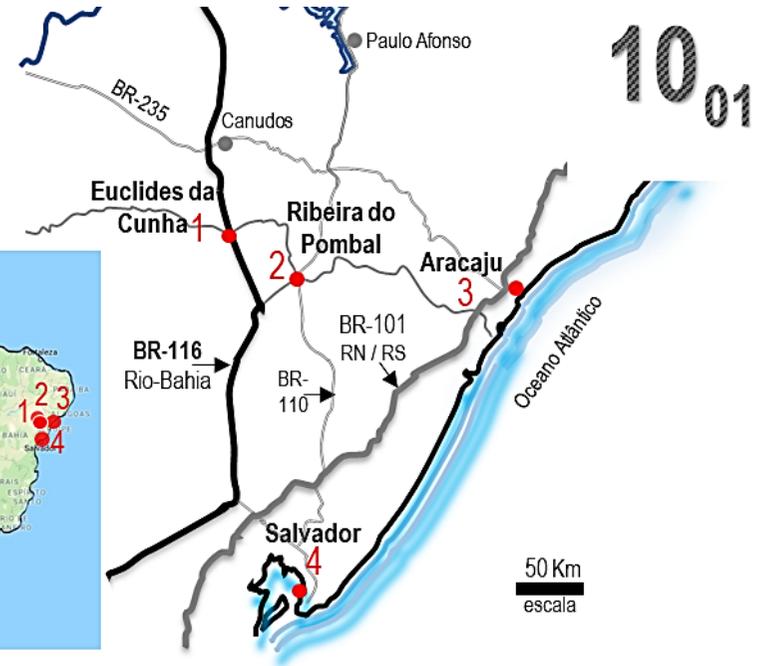
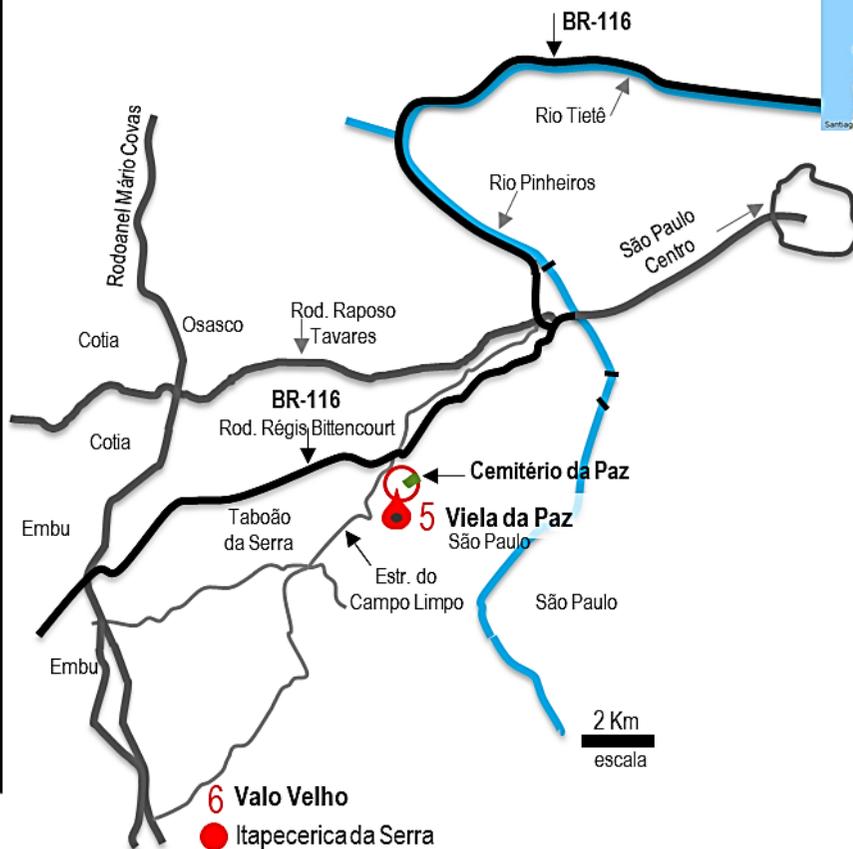


o morador e moradias anteriores

Fig. 106



Elisa tem 45 anos e nasceu em Euclides da Cunha, BA (1), “era roça”, mas mudou-se aos três anos com a família para Ribeira do Pombal (2), cidade pequena à época. A casa tinha banheiro mas tomavam banho frio, “de cano”. “Era uma casa bem velhinha, tinha dois quarto e tinha mais um quarto fora que era um bar. Tinha sido um bar do meu avô, a gente morou na casa dele [...] era muito bom.”

10₀₁

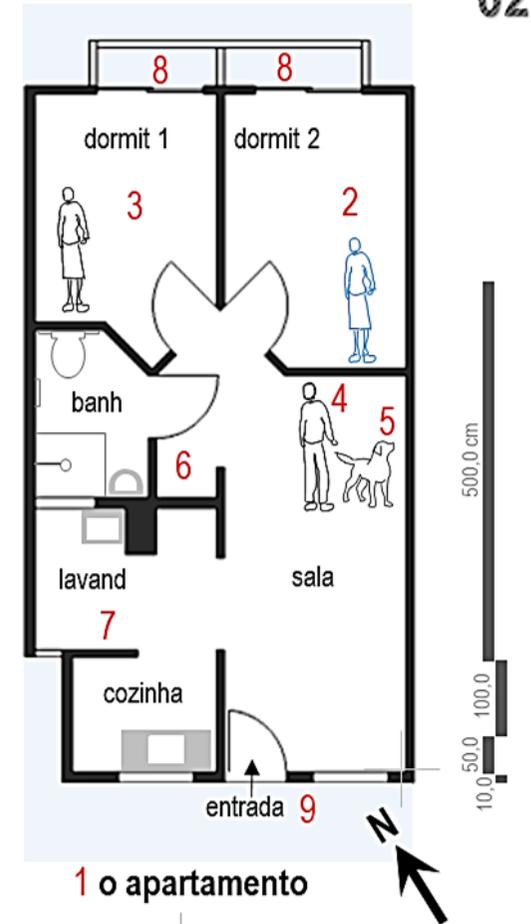
Aos 12 anos foi para Aracaju, SE (3) trabalhar em casa de família mas ficou só dois anos porque o casal não lhe dava “estrutura, em valores, pra estudar.” Voltou para a casa da mãe. Em seguida foi morar com uma tia em Salvador, BA (4), que a ajudou nos estudos até precisar de ajuda por um problema de saúde e Elisa precisou parar de estudar aos 14 anos. Lá conheceu o pai dos seus filhos, engravidou aos 16, teve o primeiro filho aos 17 anos. Veio então, com a mãe e irmãos para São Paulo, já para a Viela da Paz (5), onde estavam os outros irmãos e o pai. Seu marido veio uns três meses depois. “A gente veio, moramo num barraco de madeira com meu marido [...] ele fez um cômodo, depois ele fez mais um, de madeira né? Aí depois veio uma chuva e aí derrubou tudo, aí foi que a gente começou a construir [...] era pequenininha mas era bom, era nosso [...] gostava da minha casinha. [...] vim pra cá, eu moro aqui desde sempre [risos].” Elisa morou ainda no Valo Velho, Itapequerica da Serra (6), durante a construção das novas moradias do Plano de Urbanização implementado pela Prefeitura, após desabamentos ocorridos na comunidade e a necessidade de remoção de alguns moradores. “Saí, fiquei 5 anos fora mas já voltei” para a Viela da Paz.

a moradia e os moradores

Fig. 107

O apartamento (1) de Elisa tem 43,54 m², dois dormitórios (como todos do conjunto) e fica no quarto andar com acesso por somente um lance de escadas porque são dois andares para baixo da portaria no nível da rua e quatro para cima. Moram com ela uma filha, um filho “que vem de vez em quando”, ambos jovens adultos, além do cachorrinho Thyson (A). Elisa dorme no quarto maior (2), a filha no menor (3), o filho no sofá-cama na sala (4) e o cachorrinho num acolchoado entre os dois sofás (5). A localização da pia fora do banheiro (6) foi a principal crítica, “ideia de jerico” que ela tratou de consertar, realocando a pia e ganhando um nicho multi-uso. Com experiência em manipulação de medicamentos em farmácia e Auxiliar de Farmácia em hospital, seus argumentos são sanitaristas: “Tô no banheiro, né? Levanto com a mão suja, vou, pego na maçaneta da porta, aí vou lavar a mão aqui [fora]. Aí vem uma criança, pega na mesma maçaneta que eu peguei com a mão suja, depois pega bala, põe na boca, né, leva bactéria pra boca. É muito feio, muito errado.” Escolheu pisos e paredes brancas para poder ver a sujeira, e limpar logo. Gostaria que a cozinha fosse maior porque ela e a filha gostam de cozinhar e precisou localizar armários extras na lavanderia (7) para guardar “muito cacareco, panela, tupperware, muita bacia.” Acha que a proximidade da cozinha inviabiliza a secagem de roupas, de modo que usa a lavanderia só para lavar e instalou varais nas sacadas dos quartos (8): “Já pensou você fritar um peixe com roupa pendurada [na lavanderia]? [Risos] Tem um edredom aqui pendurado e aí você vai fritar um peixe!”

Dos elogios, além do tamanho geral do apartamento que é maior do que a moradia anterior, sem quintal ou área de serviço, considera “ótima” a iluminação natural, o que gera boa economia de energia elétrica. Acha que o banheiro poderia ser “um pouquinho menor” mas entende que tratou-se de assegurar acessibilidade a cadeirantes. Gostou da circulação aberta de acesso aos apartamentos, através da varanda coletiva (9): “Eu já morei em apartamento uma vez, né? Eu não gosto muito de apartamento. Mas aqui parece que você não está em apartamento. Por causa desse ... [aponta o corredor aberto]. Pra gente que é acostumado a morar em rua, rua normal, ou até mesmo viela, né? Apartamento, você se sente presa, né? Aqui, você abre sua porta normal. Parece que cê tem mais liberdade.”



1 o apartamento

A
composição dos moradores

					 Elisa					
	bebê 0 a 2 anos	1ª infância 3 a 5 anos	2ª infância 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato	pássaro	 cão	

posso entrar? a visita

Fig. 108



1 sala ex-nicho da pia



2 banheiro



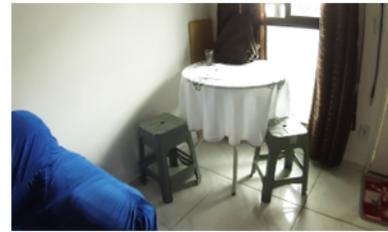
3 quarto casal



4 quarto filha



5 sala



6 mesa jantar



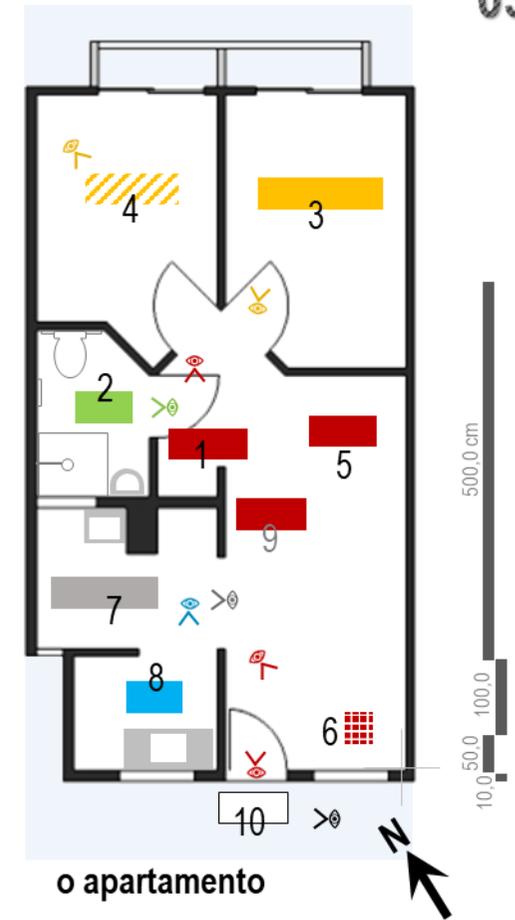
7 lavanderia



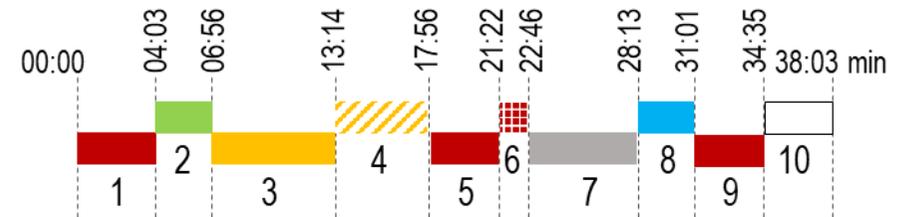
8 cozinha



10 circulação fora



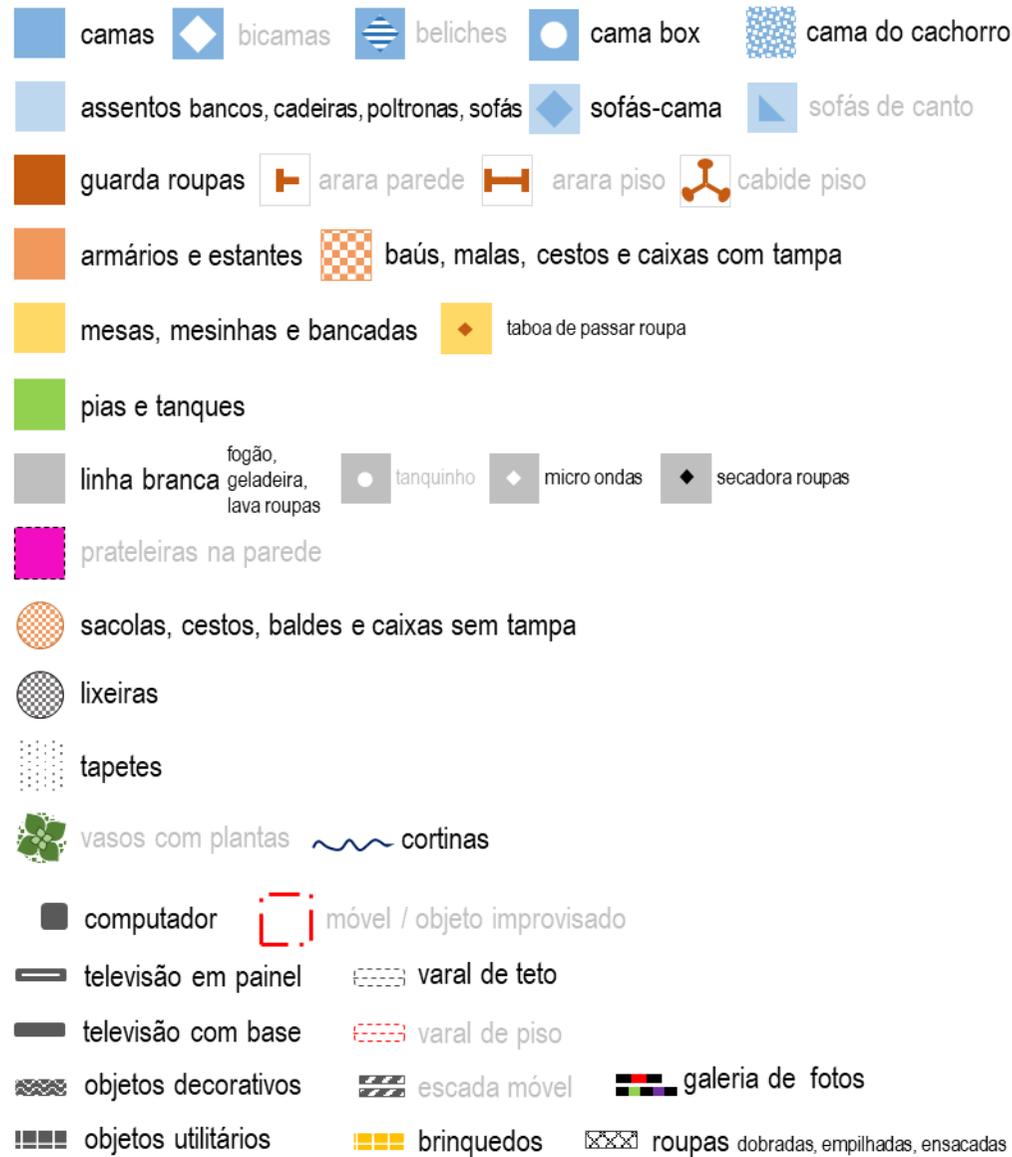
Em entrevista gravada em vídeo, Elisa apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado. A foto 9 foi suprimida porque repetida no roteiro.



10₀₄

Fig. 109

os objetos



10₀₅

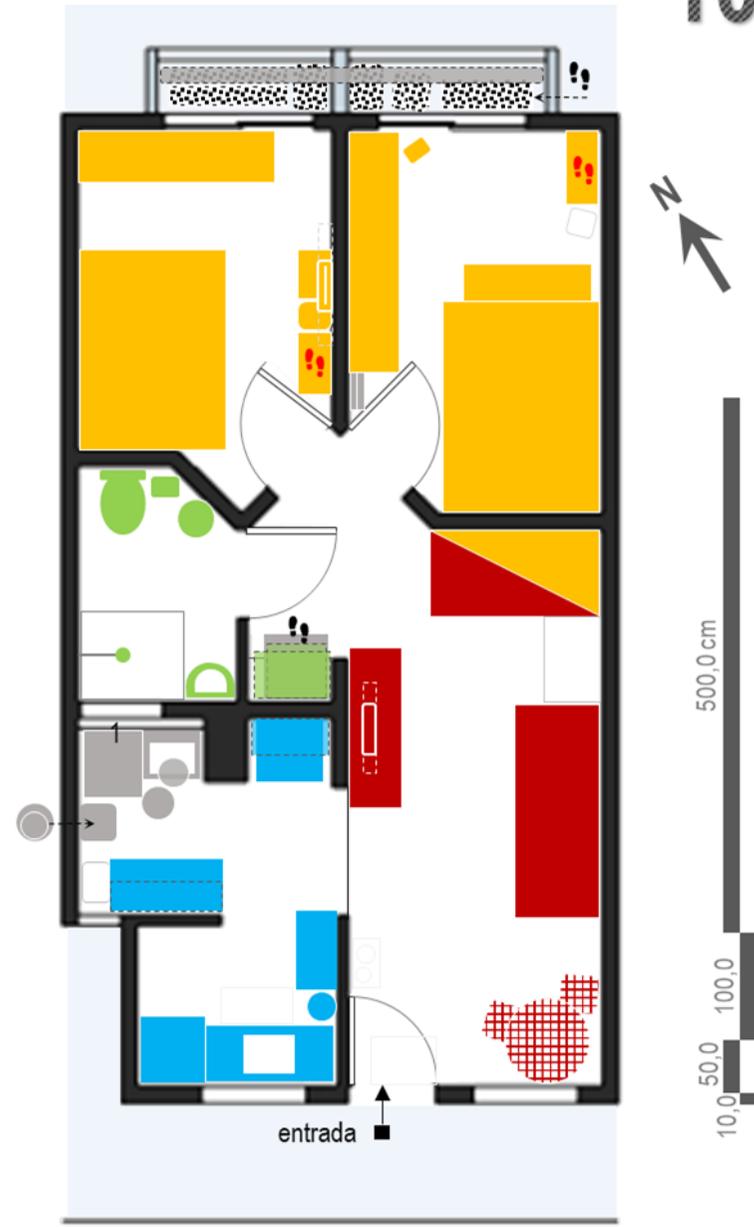
Fig. 110

zoneamento dos objetos

-  lavanderia
-  cozinha
-  sala  sala de jantar e/ou espaço para refeições
-  banheiro
-  dormitórios
-  trabalho não doméstico
-  depósito / despejo
-  guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
 quando em sapateira com zipper
-  espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- não há box no chuveiro
- há gabinete na pia da cozinha
- usa somente a sacada como espaço para secar roupa
considera inadequada a lavanderia para essa função, pela proximidade da cozinha:
“Já pensou você fritar um peixe com roupa pendurada?”

1. proximidade entre produtos de limpeza na lavanderia e os armários de mantimentos e louças.



10₀₆

procedência dos objetos

Fig. 111



- o gabinete da pia da cozinha foi confeccionado e doado pelo cunhado marceneiro



10₀₇

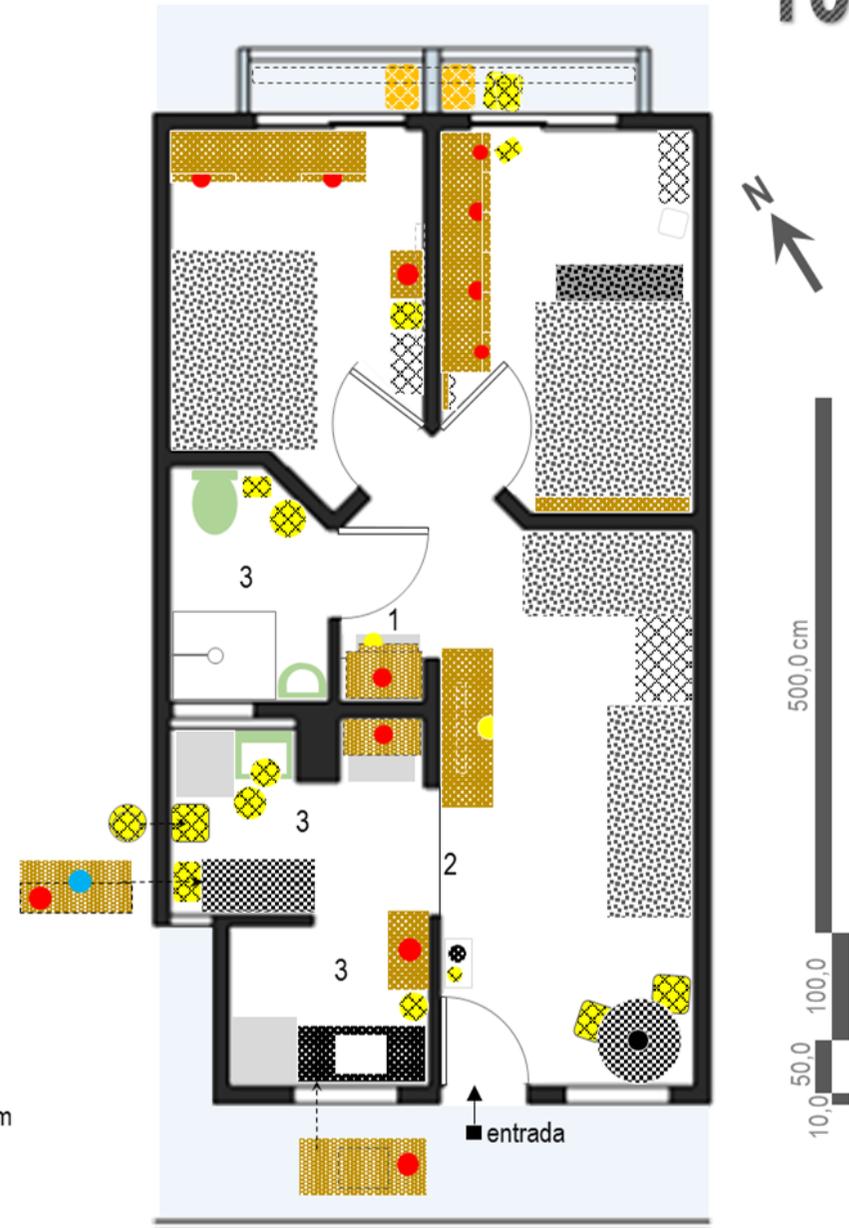
Fig. 112

aparência dos **materiais dos objetos**

- piso do apartamento: cerâmica branca 'marmorizada' [escolha da moradora]
- paredes das áreas molhadas: cerâmica idem, com barrado decorado [idem]

modificações na moradia entregue:

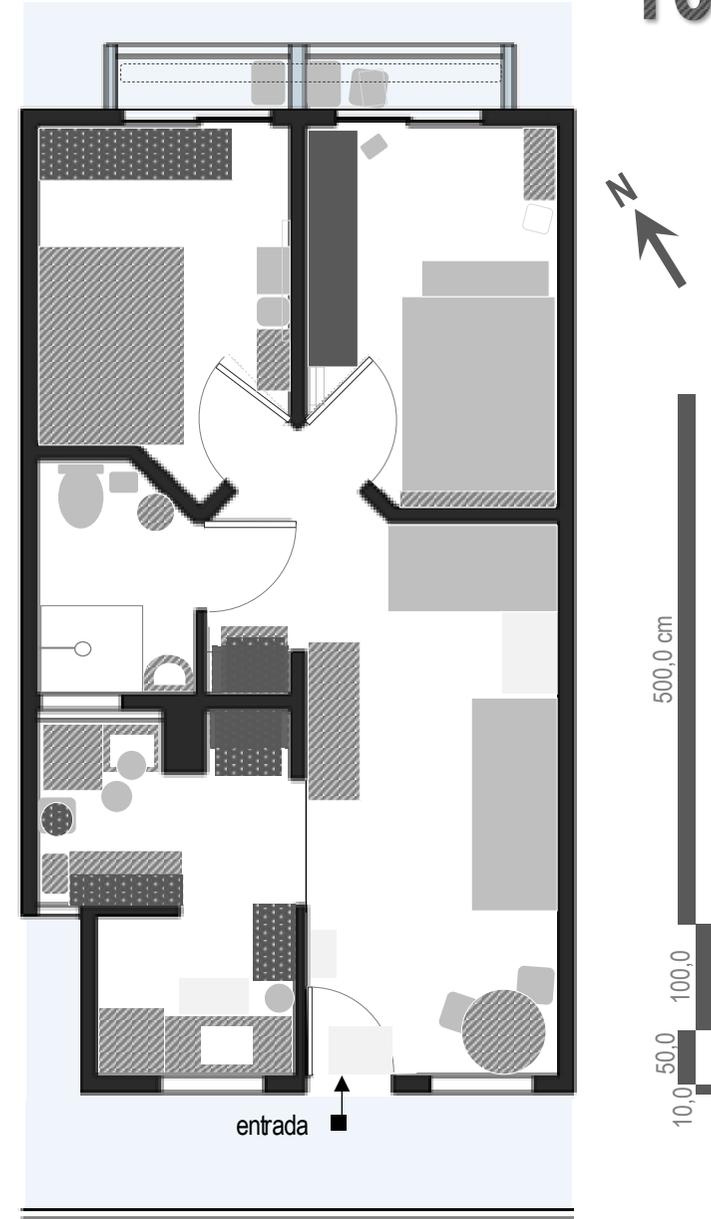
1. mudou pia do lavabo para dentro do banheiro ganhando um nicho para máquina de secar roupas e armários;
2. gerando um degrau, revestiu o piso original do banheiro, cozinha e lavanderia com o mesmo piso que comprou para quartos e salas;
3. trocou o revestimento das paredes do banheiro, cozinha e lavanderia.



altimetria dos objetos

Fig. 113

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto

10₀₈

área de uso dos objetos

Fig. 114

 90 cm / pia, fogão, geladeira/ guarda roupa / armários (acesso parte inferior)

 80 cm / tanque, máq. lavar / estantes / entre 2 camas

 75 cm / da borda de mesas e balcões

 60 cm / camas / sofás, poltronas / sanitário/lavatório

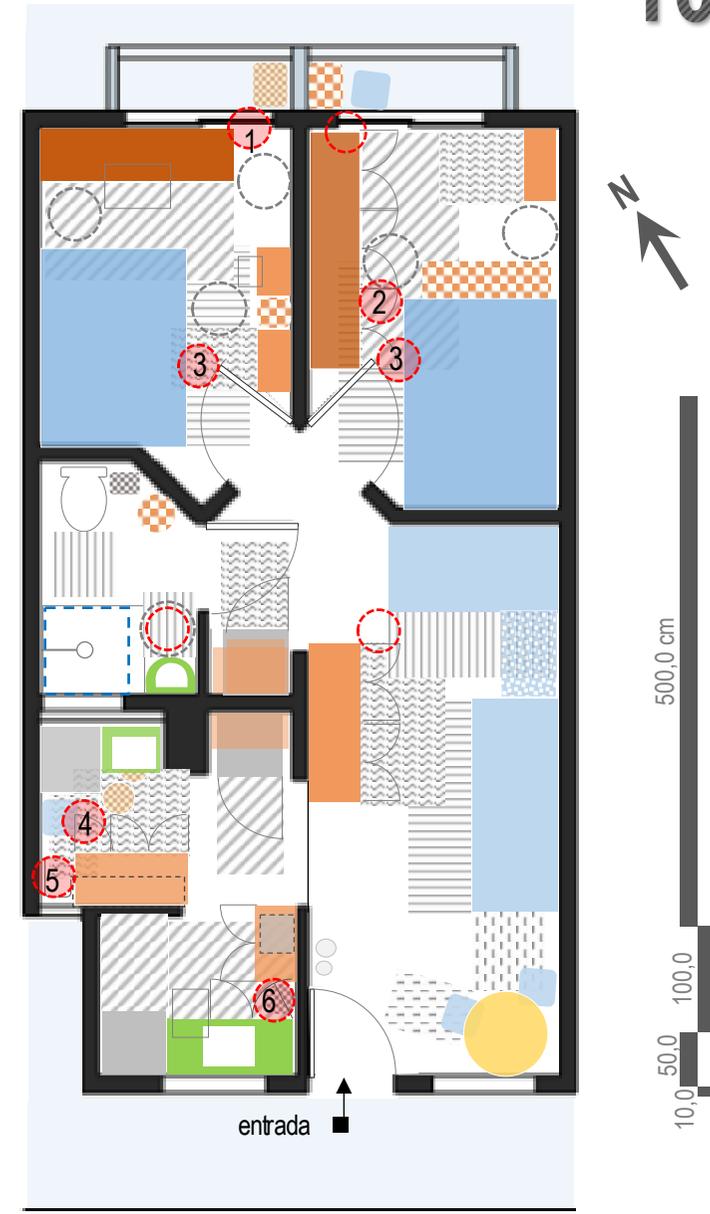
 50 cm / mínimo entre móveis e entre móveis e paredes

 problemas  80 x 80 cm /
box quadrado

 situação crítica

1. guarda roupa bloqueia grande parte da iluminação, ventilação e passagem da porta de vidro;
2. impossibilidade para acesso frontal ao interior do guarda roupa;
3. a configuração permite abertura próxima de 90 ° mas a ponta da porta desencostada da parede quando aberta, porque bloqueada por móveis, agrava a passagem já estreita, gerando a necessidade de giros do corpo para entrada e saída do quarto [situação pior no quarto de casal]
4. dificuldade de acesso frontal e lateral à lavadora de roupas e ao interior de parte do armário, [situação melhora considerando a possibilidade de se deslocar a banqueta e baldes]
5. dificuldade de acesso à janela;
6. impossibilidade de acesso frontal à parte do interior do gabinete, abertura de porta parcialmente bloqueada [mesmo considerando a possibilidade de se deslocar a lixeira do canto]

- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo;

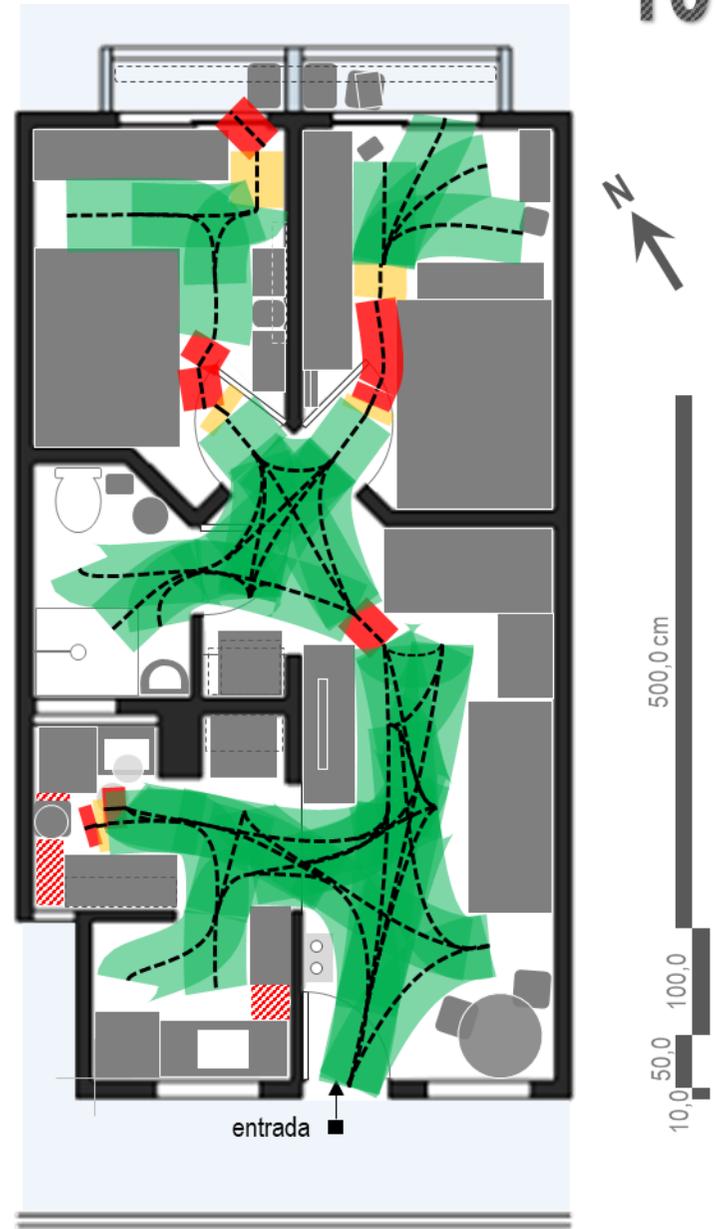
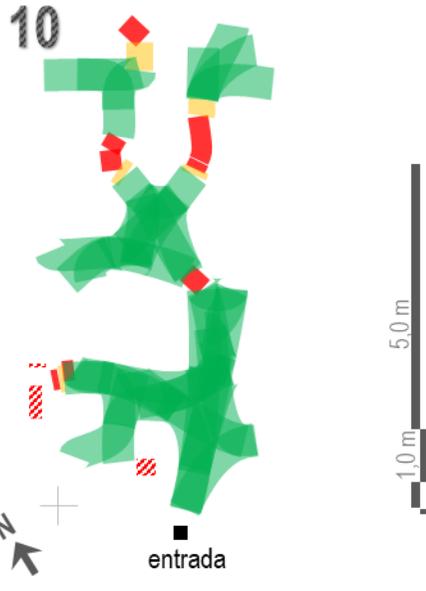


circulação entre os objetos

Fig. 115

-  60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes
-  50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes
-  40 cm / circulação crítica
-  linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis
-  acesso quase bloqueado
-  acesso bloqueado

• a simulação considerou a porta do banheiro fechada até que seja acionada para se entrar no ambiente [abrindo 'para fora' e se mantendo assim, essa porta atrapalha significativamente a circulação para os quartos].



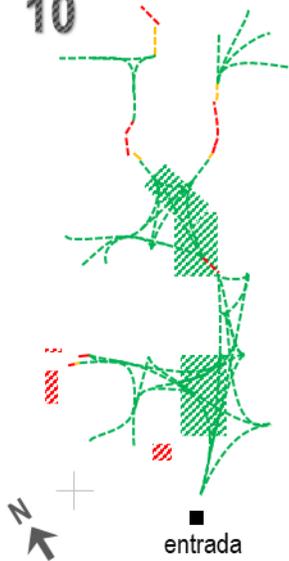
área livre entre objetos exceto as áreas de uso

Fig. 116

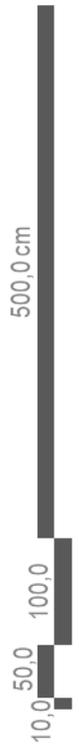
área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação

10



10₁₁



8.7. Muitas pessoas

12. Andressa, 2019

Mapas 1 a 11
Figs. 117 a 127



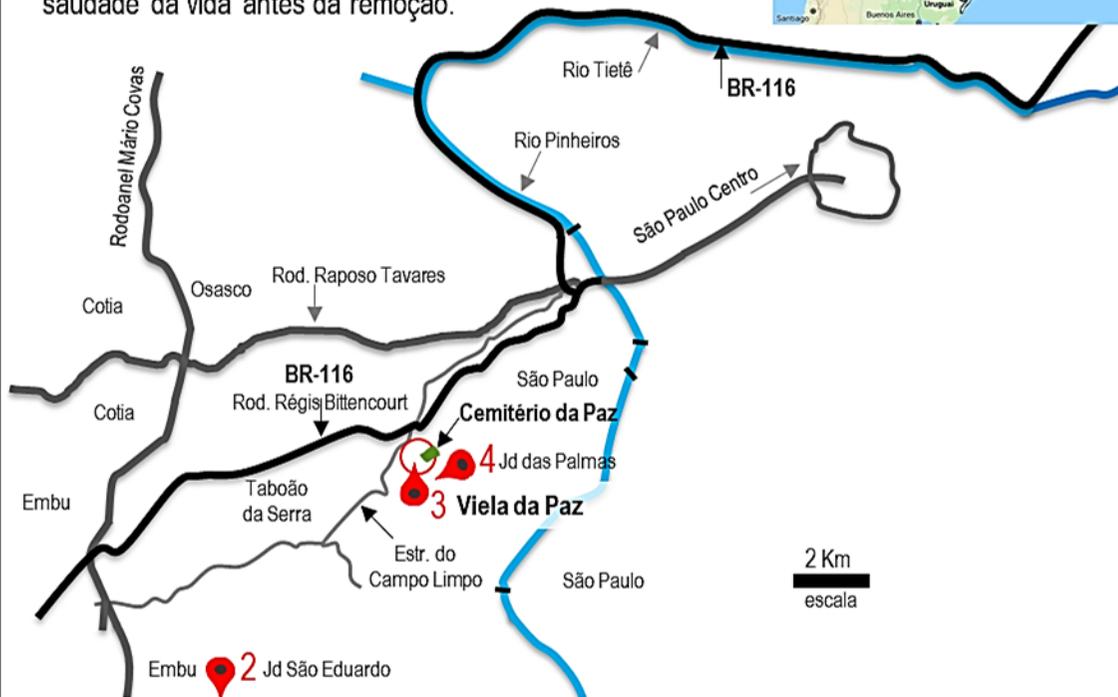
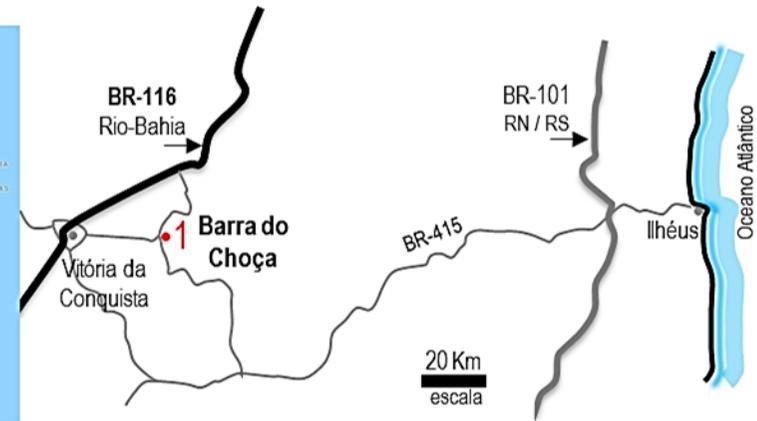
o morador e moradias anteriores

Fig. 117



Andressa tem 31 anos e nasceu em Barra do Choça (1), Bahia, perto de Vitória da Conquista. Lembra pouco de lá mas diz que não era “cidade rural”. Aos quatro anos veio para São Paulo com a mãe mais quatro irmãos e moraram no Embu das

Artes, Jd. São Eduardo (2): “Ah o bairro era bom [...] a casa era grande, espaçosa, tinha um quintal enorme [...] tudo era muito bom [risos]”. Quando a mãe se mudou para a Viela da Paz (3), São Paulo, ela nunca tinha morado numa “favela”, mas gostou muito do lugar e tem saudade da vida antes da remoção.



Num terreno que ela diz que foi cedido pela Prefeitura, construíram uma casa de alvenaria “na frente”, que quer dizer que era situada perto da rua. “Atrás”, perto do muro do Cemitério da Paz, é onde ela considera que foi invasão, cujos barracos e construções malfeitas teriam prejudicado as “da frente” causando o deslizamento e a interdição de parte das construções da comunidade.

“Aí a minha mãe construiu, aí eu fiquei morando na parte de trás, [ela] terminou de construir e me deu [...] nem deu pra mim usufruir direito [risos], a favela saiu.”

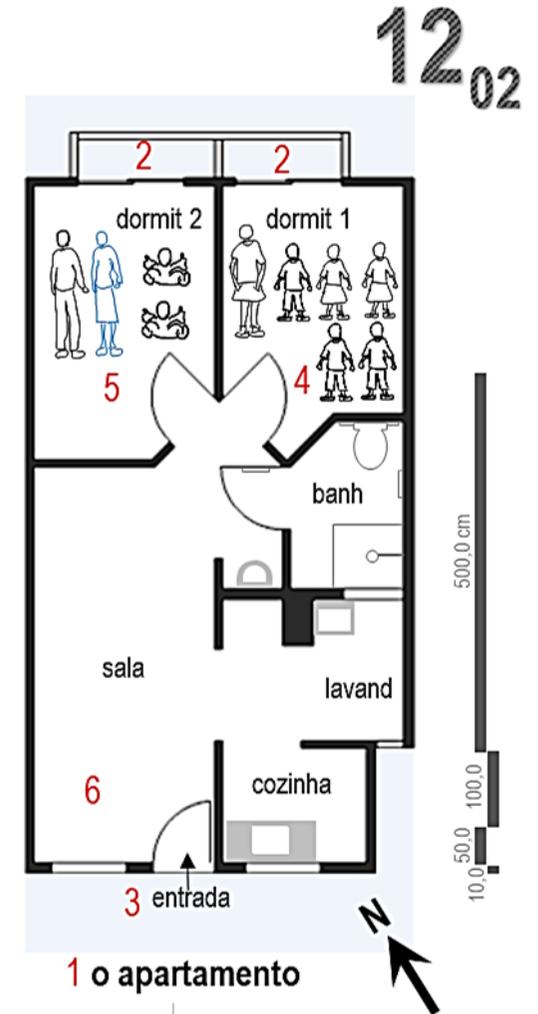
Com a remoção em 2010, morou um tempo no Jardim das Palmas (4), em condições bem precárias, até a entrega das novas moradias pela Prefeitura. Tentou morar numa das poucas unidades independentes, os chamados “embriões”, mas teve que devolver, com pesar, para outra usuária. O seu edifício, com térreo mais seis andares, foi o primeiro a ser entregue, em dezembro de 2016.

a moradia e os moradores

Fig. 118

O apartamento (1) de Andressa tem 43,54 m², dois dormitórios e, embora fique no quarto andar, o acesso se faz por somente um lance de escadas, porque são dois andares para baixo da portaria no nível da rua e quatro para cima. Além das varandas (2) nos dois quartos, o corredor de circulação entre as unidades é aberto, funcionando também como varanda coletiva (3). Andressa mora com o marido, 42 anos, e oito filhos, com idades variando de bebês a adolescentes (A). No dormitório menor, os seis filhos mais velhos dormem num único treliche (4): “são seis aqui né, dormem dois em cima, dois no meio, dois em baixo [risos]”. No dormitório maior dormem Andressa e o marido com os dois filhos bebês, todos na mesma cama de casal (5). Com exceção do quarto do casal, a casa é organizada com poucos elementos: “Então, pra ficar um espaço devido a muitas pessoas, a gente acabou tirando alguns móveis [...] fica mais flexível você tá limpando a casa ... porque com um monte de coisa você tem que ficar passando pano, arrumando toda hora [...] Aqui (6) tinha mesa de jantar, tinha tudo aqui nesse espaço [...] só que [...] as crianças quer espaço também. [...] Eu prefiro também a casa ter mais espaço ... eu não gosto de nada assim, muita coisa.”

Da moradia gosta só da sala porque é o maior espaço, mas reclamou do mofo no banheiro, da área de serviço pequena para pendurar roupas; frágeis, as janelas da cozinha e sala que dão para o terraço de circulação externa podem ser facilmente destrancadas por fora (ela fez calços com um pedaço de vassoura cortado, travando uma das folhas de correr); os pisos da cozinha e do banheiro dão muito trabalho para manter, porque mancham muito. Andressa anseia por se mudar para uma das unidades independentes, os chamados “embriões”, embora sejam bem menores [24 m²] que o apartamento: “na verdade, assim, se fosse embrião eu tenho certeza, seria um lugar pra mim estender minhas roupas entendeu? Meus filho estaria livre de multa [...], poderia ligar um som, poderia fazer um churrasquinho sem poder pagar nada em questão em condomínio essas coisa né”.



Andressa							A			
composição dos moradores							composição dos moradores			
bebê 0 a 2 anos	1ª infancia 3 a 5 anos	2ª infancia 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos		gato	pássaro	cão	

12₀₃

posso entrar? a visita

Fig. 119



1 sala - [eye icon]



2 lavanderia [eye icon]



3 cozinha [eye icon]



4 banheiro [eye icon]



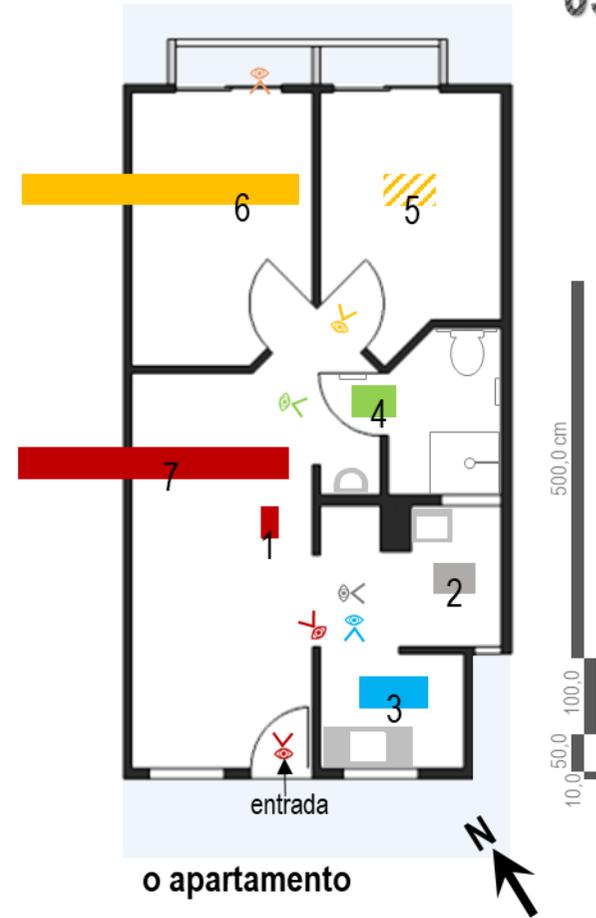
5 quarto filhos [eye icon]



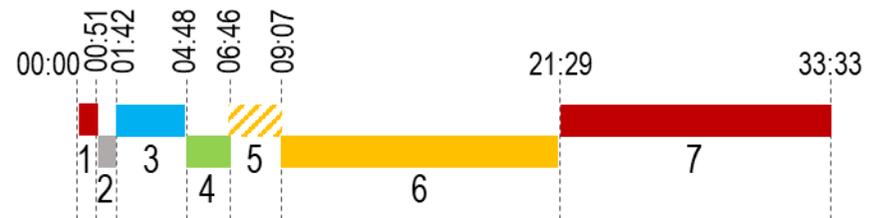
6 quarto casal [eye icon]



7 sala [eye icon]



Em entrevista gravada em vídeo, Andressa apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista [👁] estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado.

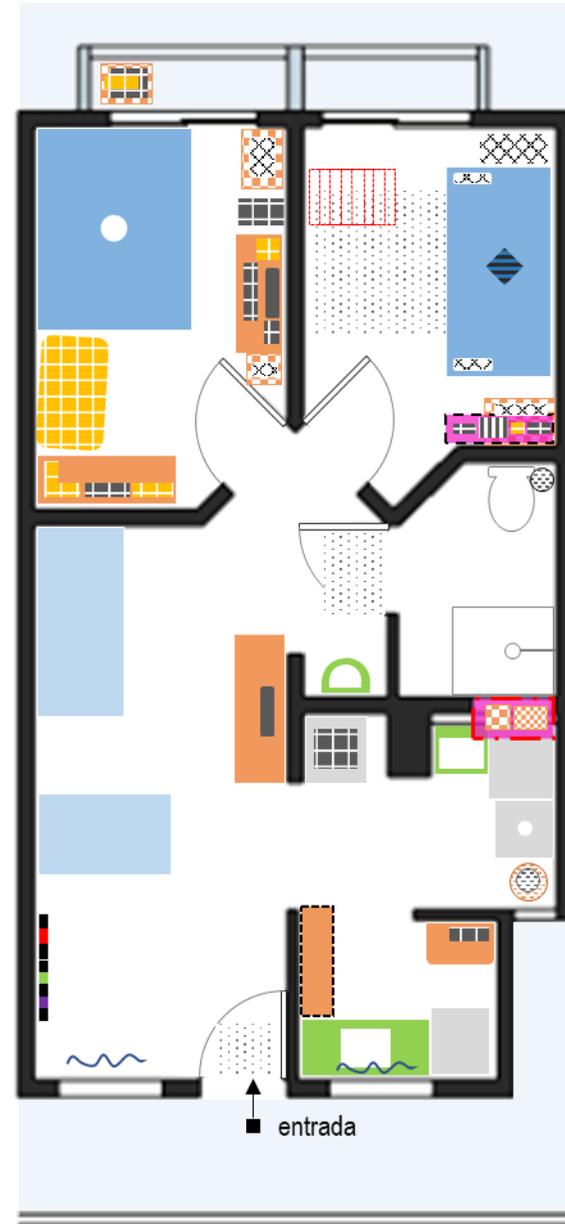


12₀₄

Fig. 120

os objetos

- camas bicamas beliches cama box treliches
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão geladeira tanquinho micro ondas lava roupas
- prateleiras na parede prateleira improvisada na folha da janela basculante do banheiro, mantida na horizontal
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixeiras
- tapetes livros
- vasos com plantas cortinas
- computador
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



12₀₅

Fig. 121

zoneamento dos objetos

	lavanderia	
	cozinha	
	sala	 sala de jantar e/ou espaço para refeições
	banheiro	
	dormitórios	
	trabalho não doméstico	
	depósito / despejo	

 guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
 quando em sapateira com zipper

 espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- não há box no chuveiro;
 - não há gabinete na pia da cozinha, mas uma fruteira de chão (de plástico, 3 andares);
 - não há redes de proteção para crianças nas sacadas.
-
1. utiliza o tanque também como pia extra da cozinha;
 2. não usa a área de serviço para secar roupa (considera insuficiente o espaço) – utiliza varais de piso posicionados no quarto dos filhos perto da porta-balcão ou no terraço;
 3. para as refeições, a família senta-se nos sofás com o prato na mão;
 4. o espaço logo na entrada da moradia foi deixado livre porque “as crianças quer espaço também” para brincar;
 5. o treliche é inadequado para a função que exerce: além de abrigar 2 crianças por ‘andar’, não comporta os mínimos 90 cm livres (Boueri Filho, 2008) entre cada colchão e a estrutura da cama acima.

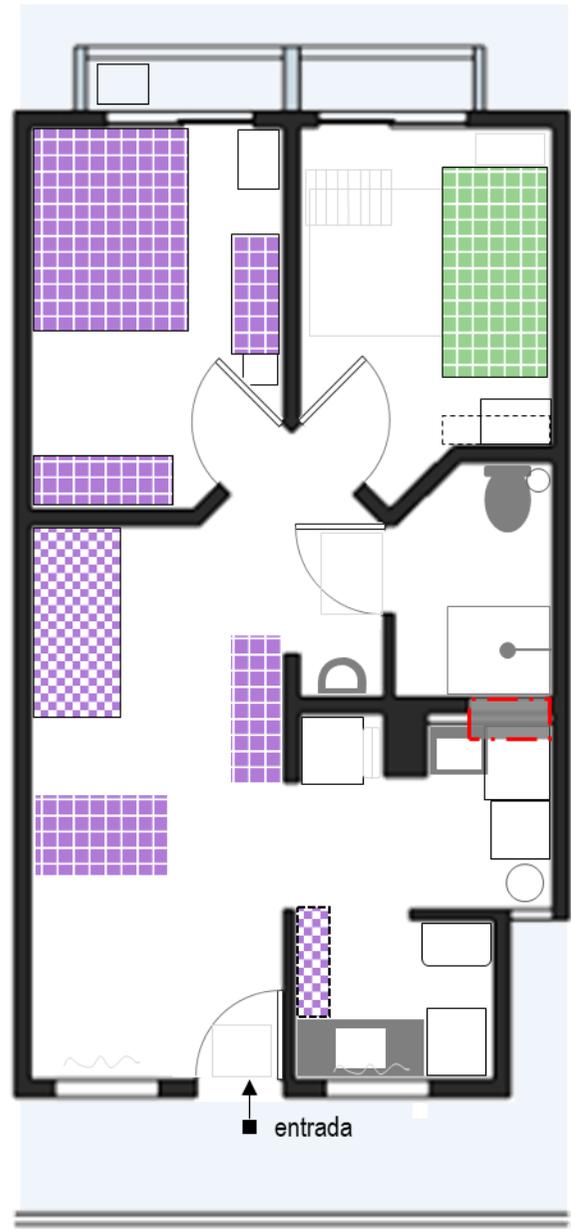


12₀₆

procedência dos objetos

Fig. 122

-  doado 1ª mão
-  doado 2ª mão
-  'catado'
-  comprado 1ª mão
-  comprado via internet
-  comprado para o apartamento
-  comprado 2ª mão
-  comprado sob medida
-  original do apartamento
-  prateleira improvisada
-  sem registro



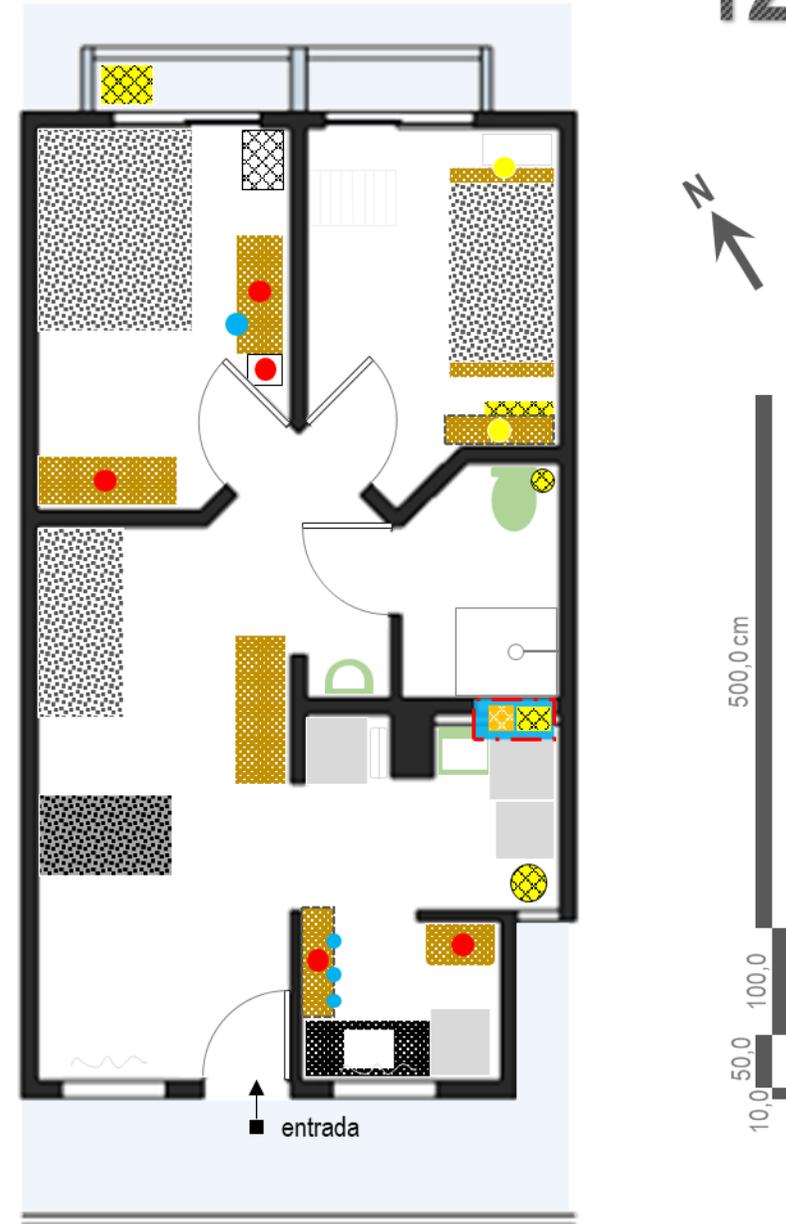
12₀₇

Fig. 123

aparência dos **materiais dos objetos**

- piso da sala e quartos: cerâmica imitando tácoes de madeira;
a moradia é fornecida apenas com os pisos da cozinha, lavanderia e banheiro – cerâmica branca

modificações na moradia entregue: nenhuma modificação

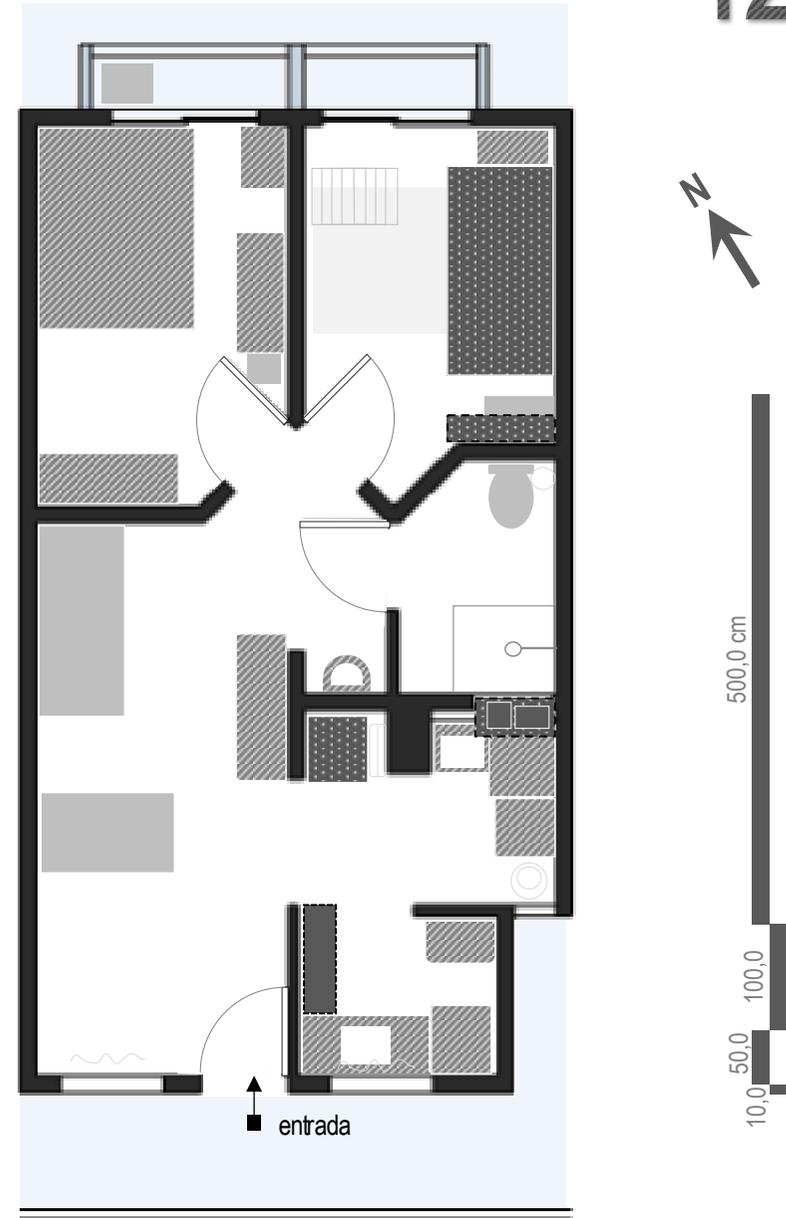


12₀₈

altimetria dos objetos

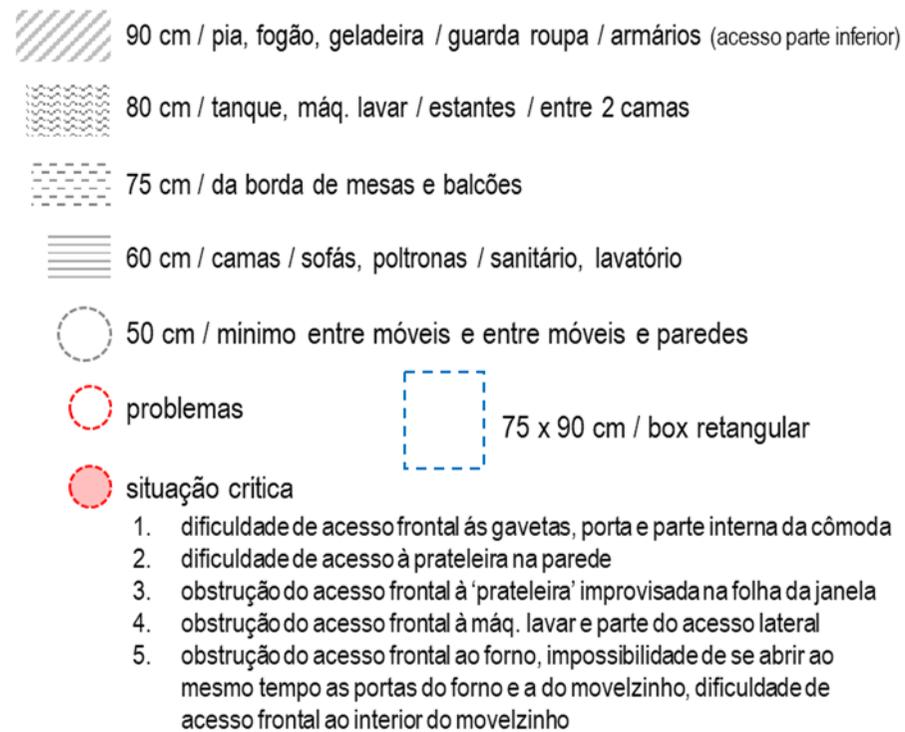
Fig. 124

-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto

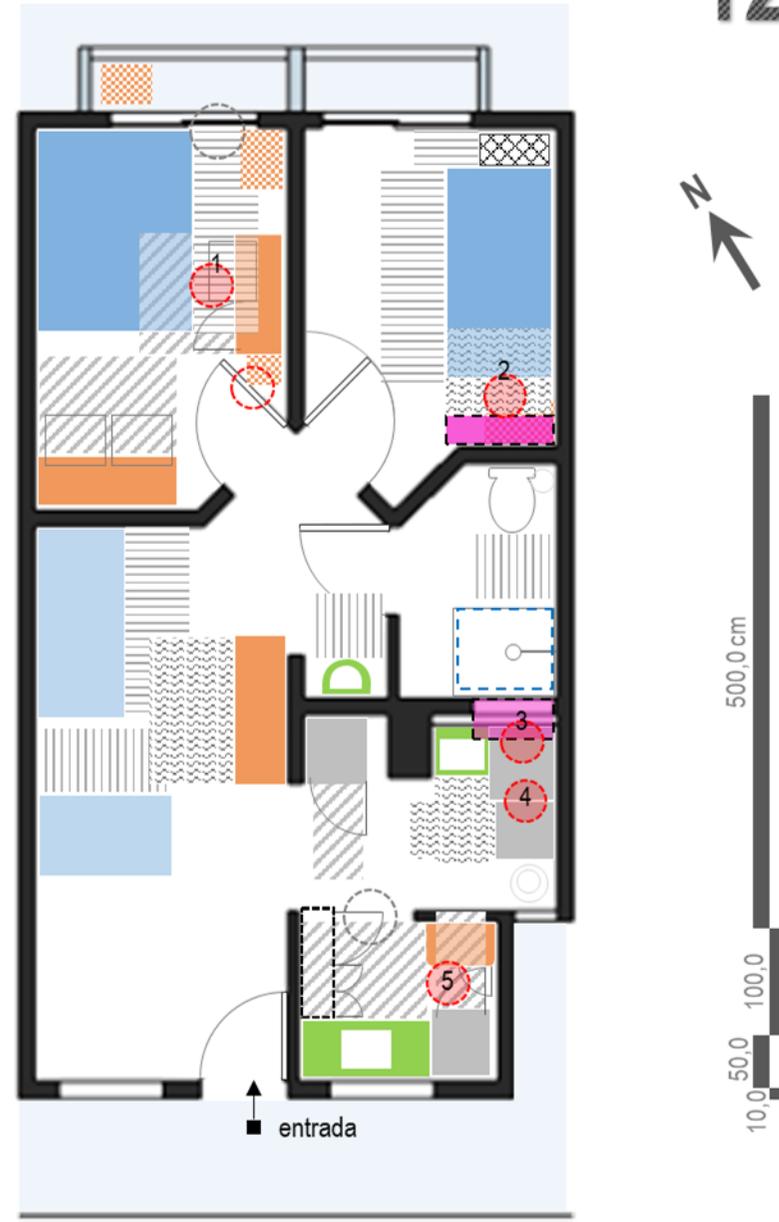


área de uso dos objetos

Fig. 125



- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.



circulação entre os objetos

Fig. 126

 60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes

 50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes

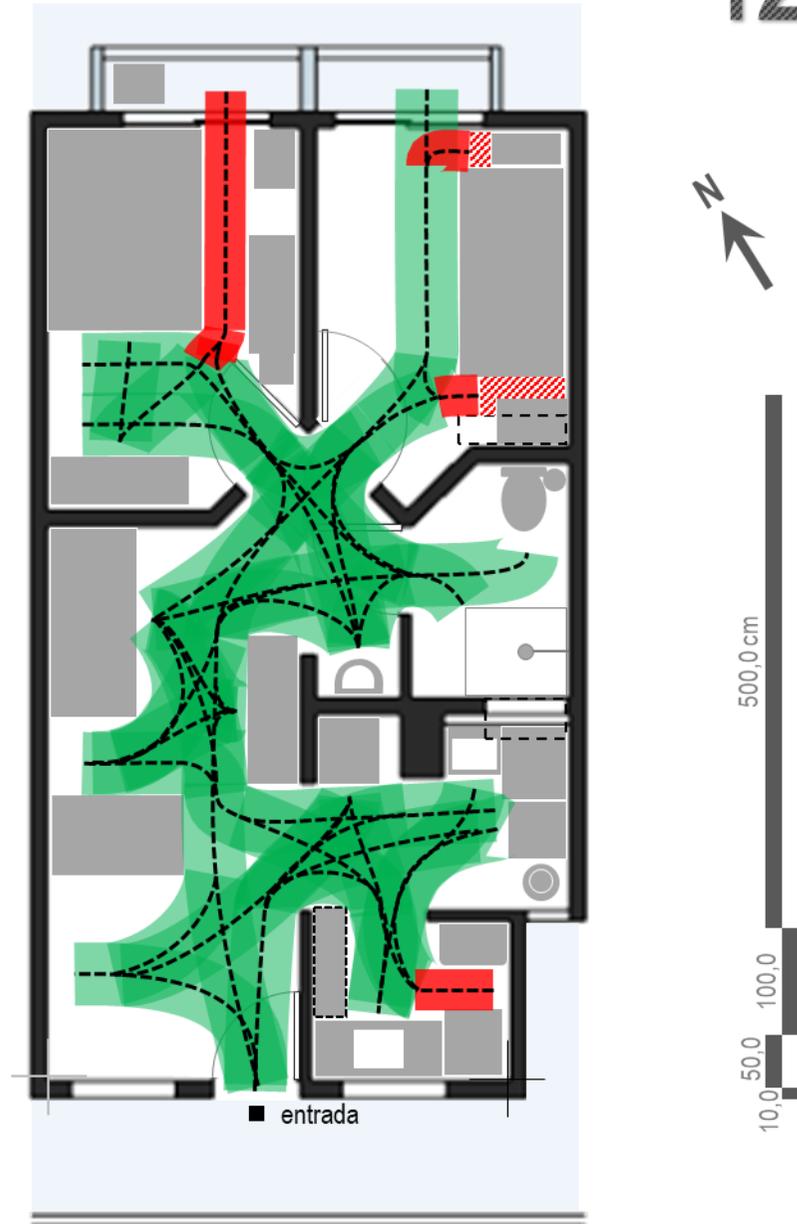
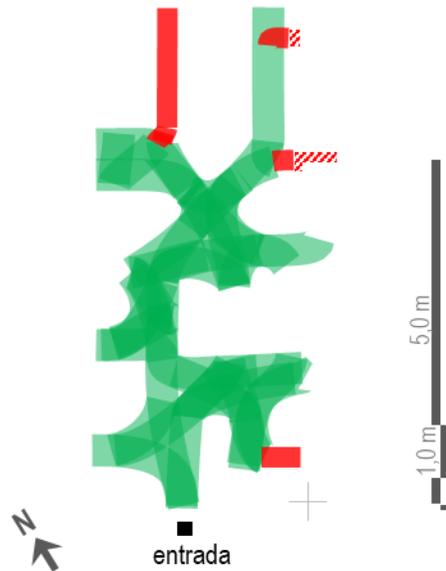
 40 cm / circulação crítica

 linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis

 acesso quase bloqueado

 acesso bloqueado

- a simulação considerou a porta do banheiro fechada até que seja acionada para se entrar no ambiente [abrindo 'para fora' e se mantendo assim, essa porta atrapalha significativamente a circulação para os quartos].



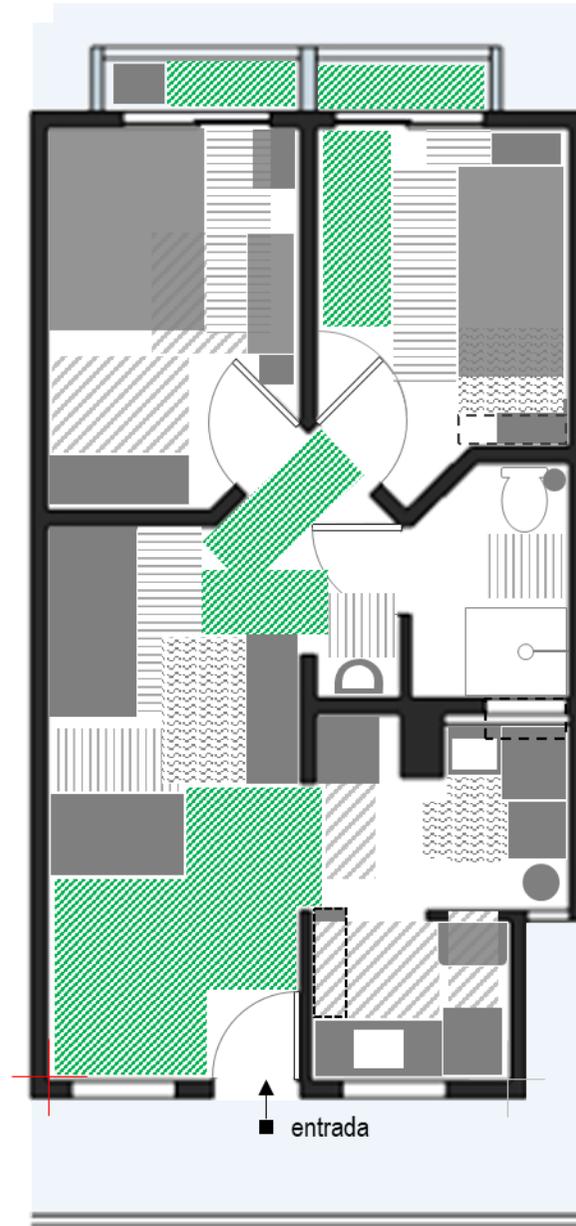
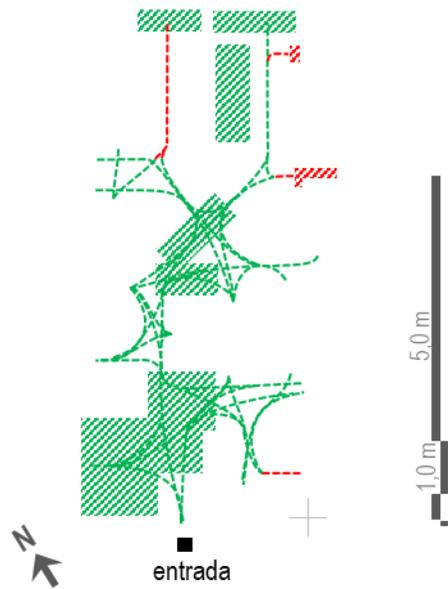
12₁₀

área livre entre objetos exceto as áreas de uso

Fig. 127

área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação



12₁₁

8.8. Homem VP

13. João, 2019

Mapas 1 a 11
Figs. 128 a 138



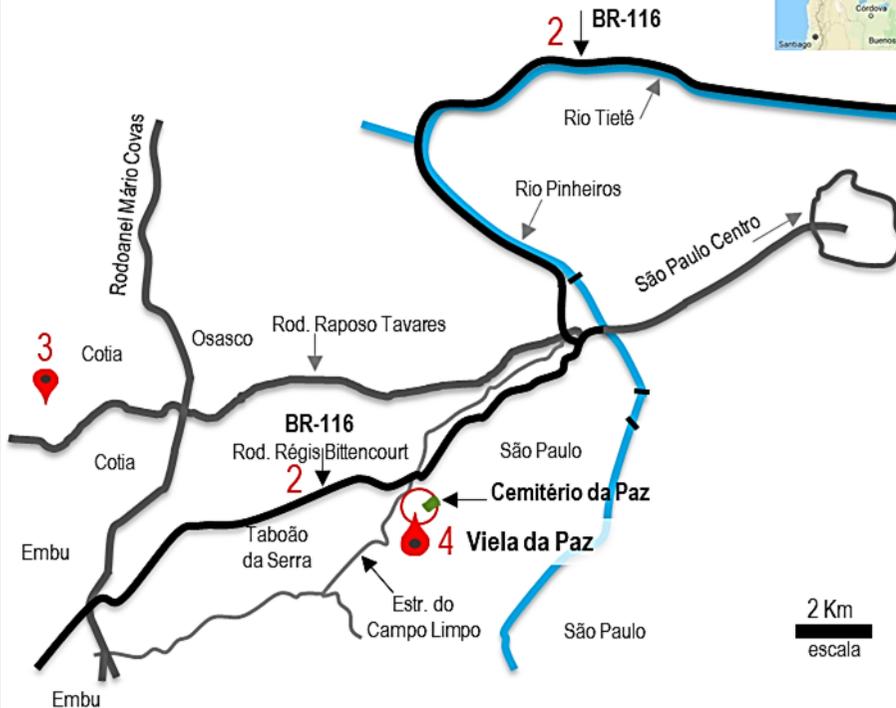
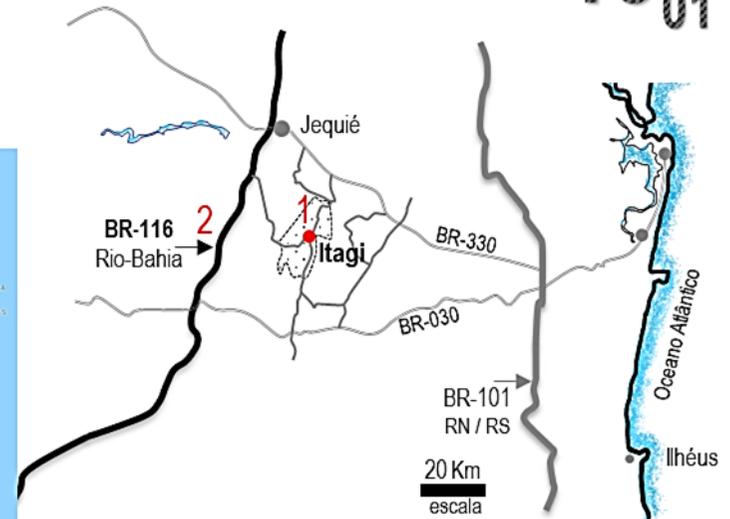
13₀₁

o morador e moradias anteriores

Fig. 128



João tem 41 anos e nasceu em Itagi (1), município desmembrado de Jequié, próximo a Ilhéus, na região Sul da Bahia. Seus pais tiveram dez filhos e eram lavradores sem terra própria, antes de se estabelecerem com a atividade de olaria, produzindo tijolos e telhas. Sempre morando na cidade, João ajudou o pai até a idade de 18 anos, quando veio pela BR-116 (2) para São Paulo no final da década de 1990, estimulado pela irmã mais velha que já morava em Cotia (3), na Granja Viana.



Morou primeiro com a irmã, depois alugou uma casa perto dela, ainda em Cotia, para poder chamar outros irmãos:

“Tinha dois quarto, uma sala, cozinha, banheiro, normal [...] o dono da casa morava na frente, tinha um quintal no fundo, tinha várias casa no fundo, era bem legal ...”

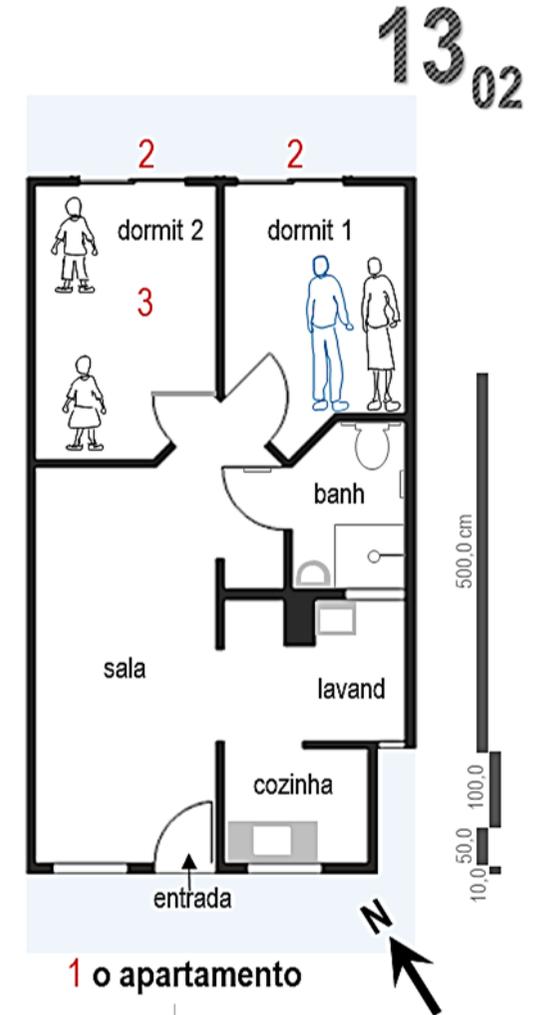
Três anos depois, em 2000, a irmã havia se mudado para São Paulo na Viela da Paz (4) e o avisou de uma garagem à venda lá: “Aí eu comprei essa garagem né [...] aí construí a primeira casa em baixo, aí eu vim morar com meus irmão [...] fiz uma laje [...] fiz outra casa em cima, aí foi dividindo pros irmão [...] aí ficou todos os irmão morando aqui na Viela da Paz, tudo junto”. No início de 2010 houve desapamentos na comunidade, a necessidade de urbanização pela Prefeitura e João fez parte da população que precisou ser removida até que a nova moradia fosse construída. O seu edifício, com térreo mais seis andares, foi o primeiro a ser entregue, em dezembro de 2016.

a moradia e os moradores

Fig. 129

O apartamento (1) de João tem 43,54 m², dois dormitórios e fica no “térreo”, que na verdade é dois andares para baixo do nível da rua e da portaria do edifício. Diferente dos apartamentos dos andares superiores que possuem varandas, as portas balcão dos seus dormitórios (2) funcionam apenas como janelas: protegidas por grades, não dão acesso direto à área comum ao fundo do condomínio, que tem jardim, play ground e aparelhos de ginástica. João gosta da localização do apartamento mas reclama que a criançada não respeita os horários proibidos e faz bagunça e barulho mesmo à noite. Em programas habitacionais, as unidades do térreo são preferencialmente destinadas para moradores idosos e/ou com necessidades especiais, caso da mãe de João, cadeirante, que no entanto não mora mais com eles. Atualmente, a família moradora é composta por quatro pessoas (A): João, 41 anos, sua esposa, 38 anos, e os dois filhos – um menino de 13 e a menor, de sete anos. Os filhos dormem no quarto ligeiramente maior (3), porque dividiam o espaço também com a avó. Dormiam em beliche antes, agora cada filho tem sua cama nova. Perguntado sobre o que mais gostou da mudança, João respondeu:

“De tudo né, tudo. Em relação ao **espaço, que é muito maior**. A gente sempre morava em casas pequena e um **aluguel absurdo**, e aqui graças a Deus um espaço bom [...] aumenta a despesa, porém é uma coisa que é seu [...] Aqui, tudo bonitinho, tudo legal, a pessoa pode falar ‘eu tenho um endereço fixo’, **eu tenho endereço**. Como era antes, ninguém tinha endereço [risos] ... ‘ah moro na viela tal ... moro em cima da casa de fulano’ [risos].”



1 o apartamento

A
composição dos moradores

bebê 0 a 2 anos	1ª infância 3 a 5 anos	2ª infância 6 a 14 anos	adolescência 15 a 17 anos	Jão jovem adulto 18 a 24 anos adulto 25 a 64 anos	idoso 65+ anos	gato	pássaro	cão

13₀₃

Fig. 130

posso entrar? a visita



1 sala - entrada



2 lavanderia



3 cozinha



4 sala - sapateira



5 banheiro



6 quarto casal



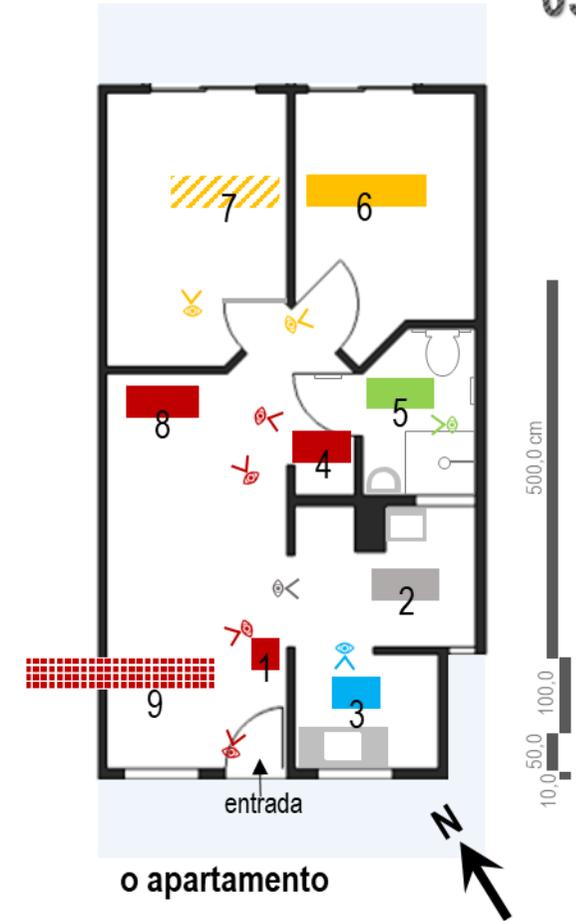
7 quarto filhos



8 sala - TV e sofá



9 sala jantar



Em entrevista gravada em vídeo, João apresentou sua casa na ordem que escolheu, conforme a disposição das fotos acima, cujos pontos de vista estão indicados na planta do apartamento. A duração do vídeo e a proporção de tempo que se demorou em cada cômodo estão expressas na figura ao lado.

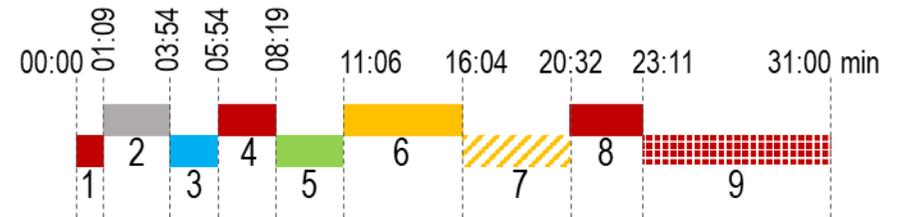


Fig. 131

os objetos

- camas bicamas beliches cama box treliches
- assentos bancos, cadeiras, poltronas, sofás sofás-cama sofás de canto
- guarda roupas arara parede arara piso cabide piso
- armários e estantes baús, malas, cestos e caixas com tampa
- mesas, mesinhas e bancadas taboa de passar roupa
- pias e tanques
- linha branca fogão geladeira lava roupas tanquinho micro ondas
- prateleiras na parede
- sacolas, cestos, baldes e caixas sem tampa
- lixeiras
- tapetes livros
- vasos com plantas cortinas
- computador móvel / objeto improvisado
- televisão em painel varal de teto
- televisão com base varal de piso
- objetos decorativos escada móvel galeria de fotos
- objetos utilitários brinquedos roupas dobradas, empilhadas, ensacadas



13₀₅

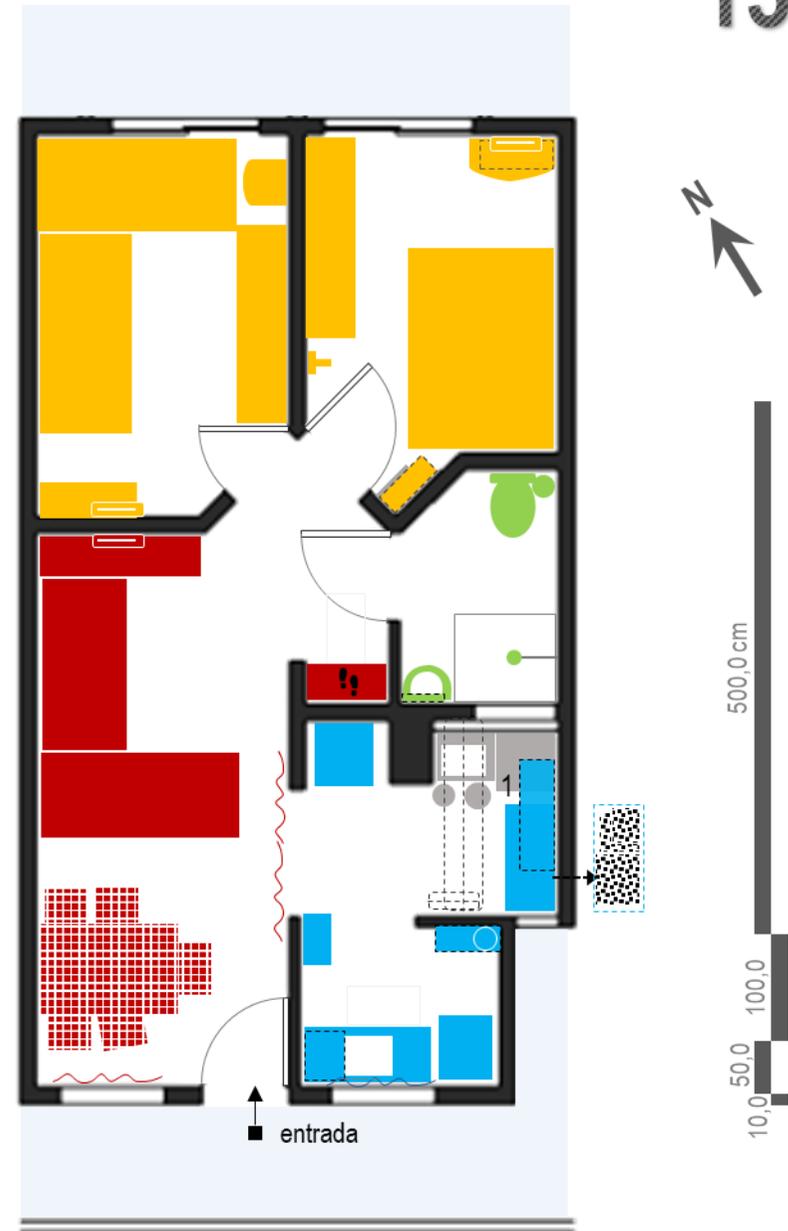
Fig. 132

zoneamento dos objetos

- lavanderia
- cozinha
- sala sala de jantar e/ou espaço para refeições
- banheiro
- dormitórios
- trabalho não doméstico
- depósito / despejo
- guarda de sapatos quando não nos guarda-roupas
- quando em sapateira com zipper
- espaço(s) preferido(s) pelo entrevistado

- não há box no chuveiro
- há gabinete na pia da cozinha

1. proximidade entre produtos de limpeza na lavanderia e os armários de mantimentos e louças.

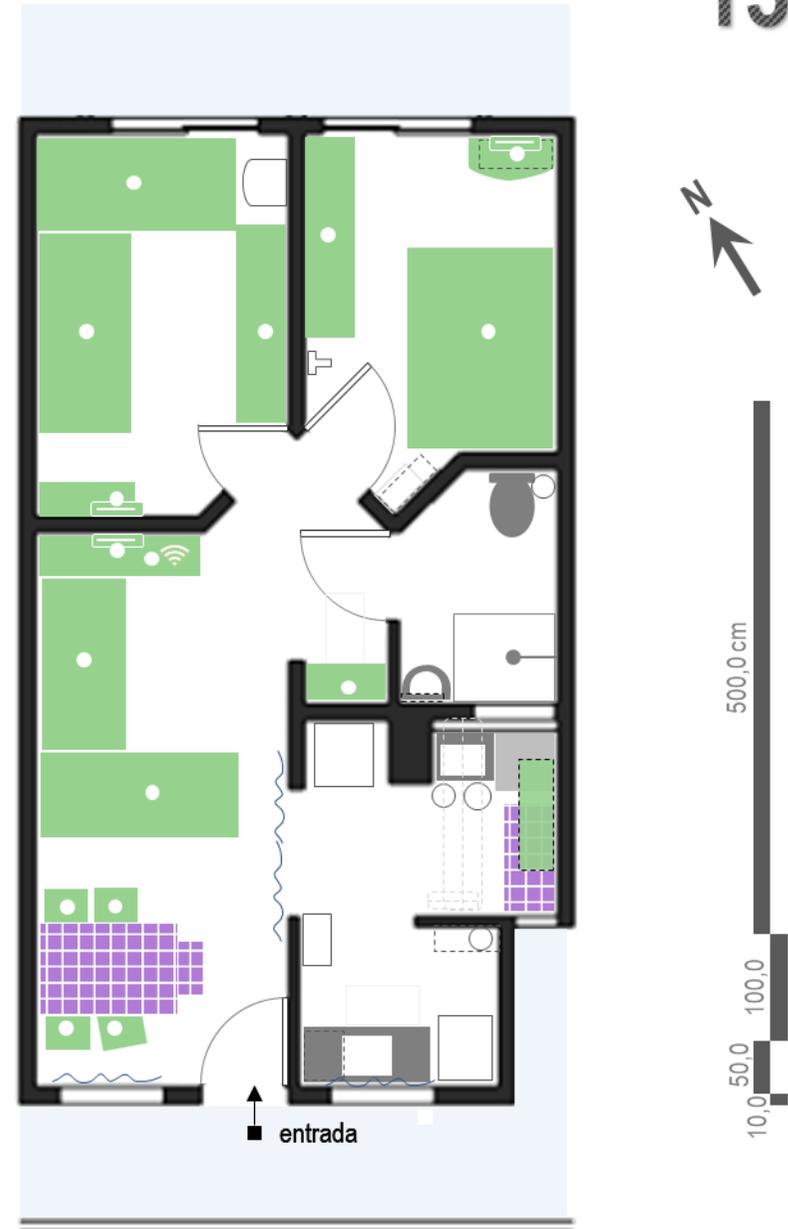


13₀₆

Fig. 133

procedência dos objetos

-  doado 1ª mão
-  doado 2ª mão
-  'catado'
-  comprado 1ª mão
-  comprado via internet
-  comprado para o apartamento
-  comprado 2ª mão
-  comprado sob medida
-  original do apartamento
-  sem registro



13₀₇

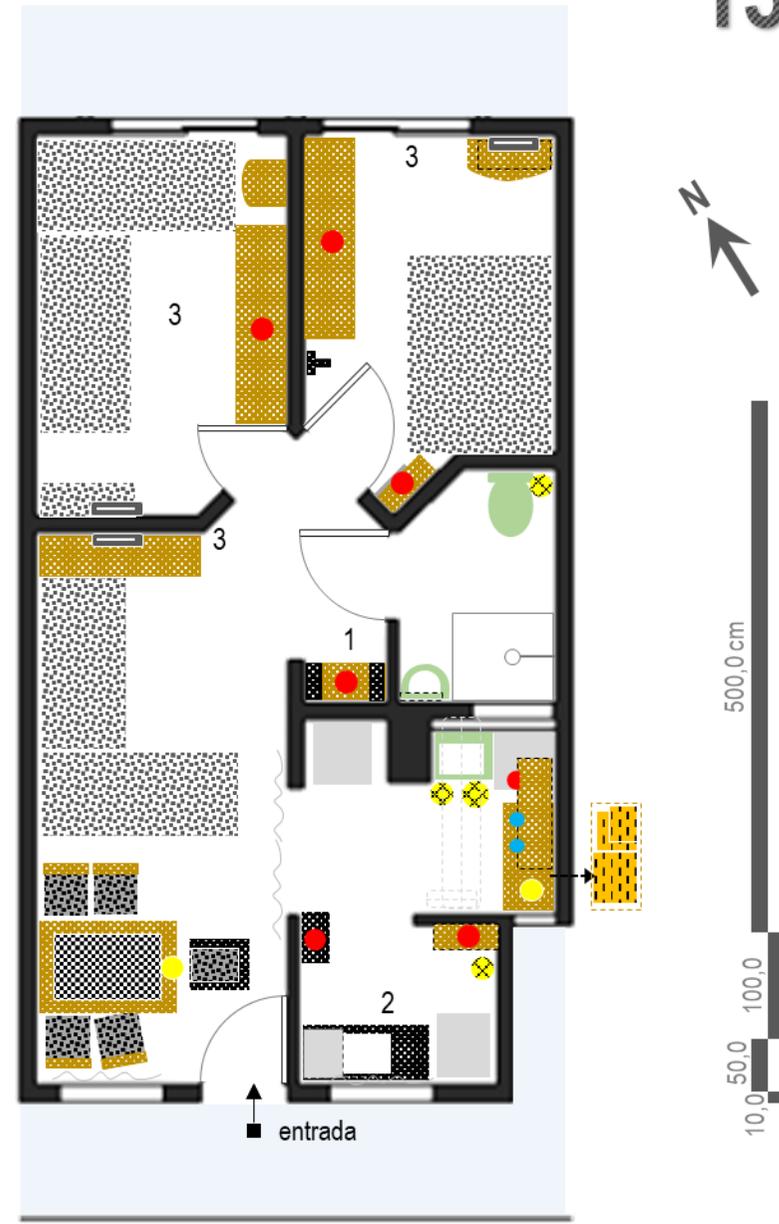
Fig. 134

aparência dos **materiais dos objetos**

- piso da sala e quartos: cerâmica imitando painel de madeira [escolha do morador];
- pisos e paredes da cozinha, lavanderia e banheiro: cerâmica branca [original da moradia]

modificações na moradia entregue:

1. mudou pia do lavabo para dentro do banheiro ganhando um nicho para estante;
2. diminuiu altura da pia da cozinha para adaptar o gabinete que já possuía;
3. pintura azul na parede da TV na sala, em todas as paredes do quarto dos filhos e em 2 paredes do quarto do casal [a do guarda roupa e a da porta balcão].



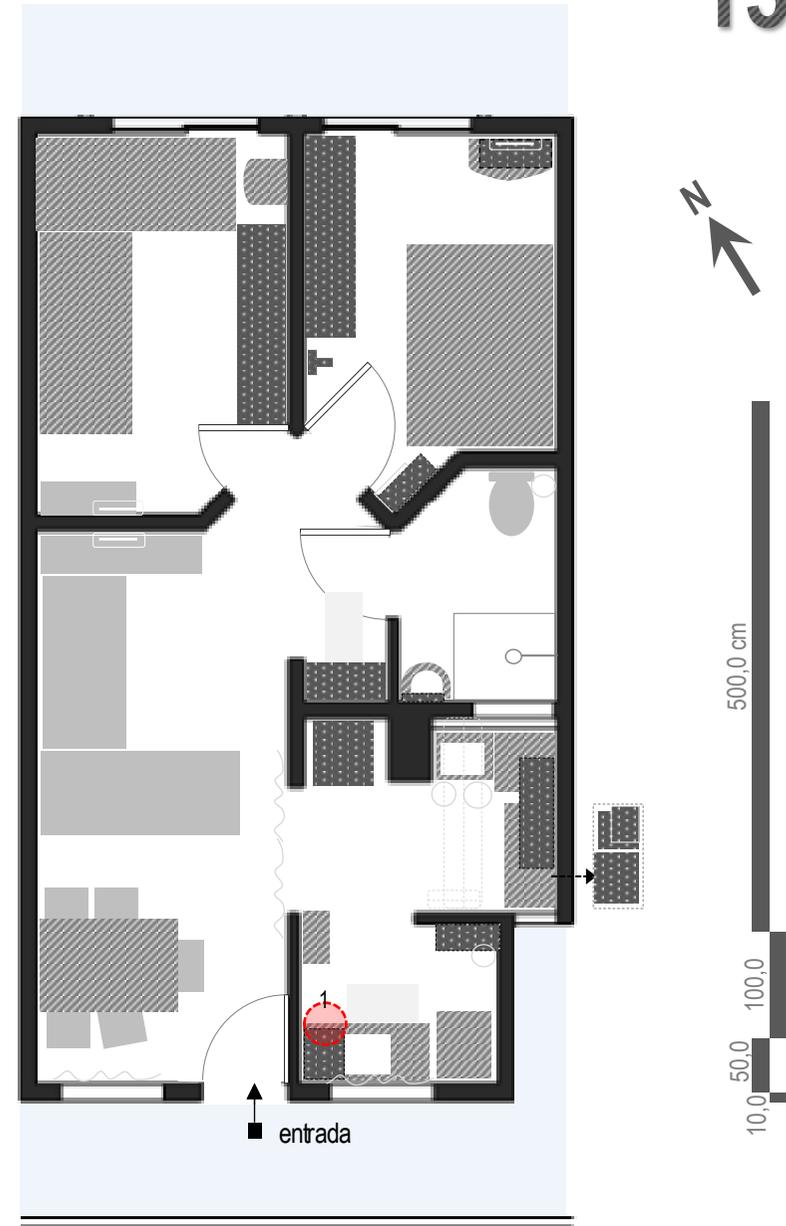
13₀₈

altimetria dos objetos

Fig. 135

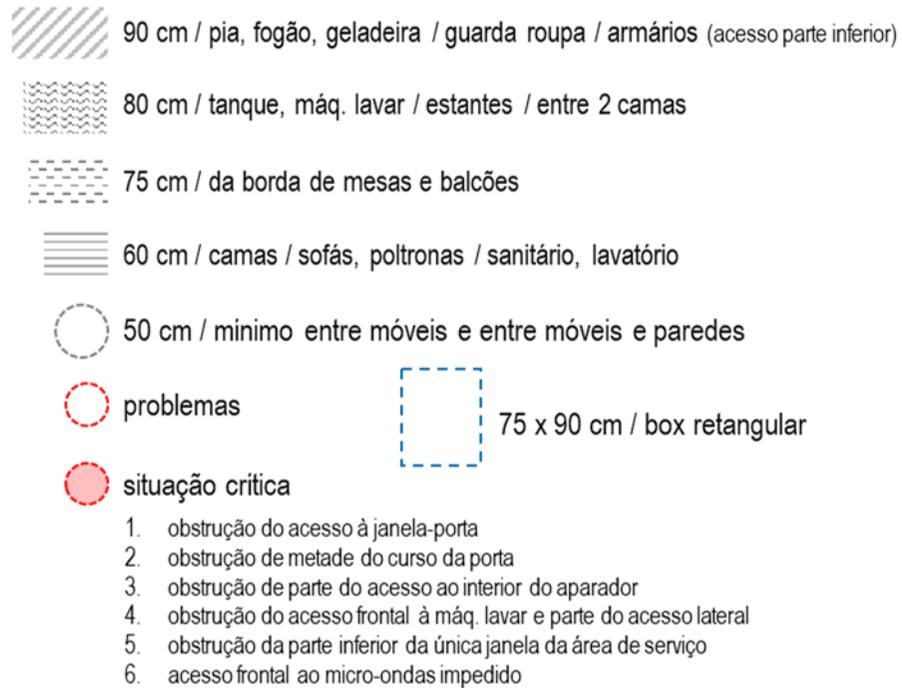
-  tapetes
-  até 45 cm (até altura de assentos)
-  +45 a 110 cm (até altura de bancadas e aparadores)
-  +110 a 215 cm (até altura de batentes de portas)
-  +215 cm até o teto

1. micro ondas posicionado acima da altura máxima recomendada de 95 cm [Boueri Filho, 2008]



área de uso dos objetos

Fig. 136



- os objetos seguem a legenda do mapa 04 [indicando camas, armários, mesas, etc.];
- o estudo verifica o espaço necessário para cada usuário exercer a atividade referente ao móvel, sem considerar conflitos por vários usuários ou atividades ao mesmo tempo.

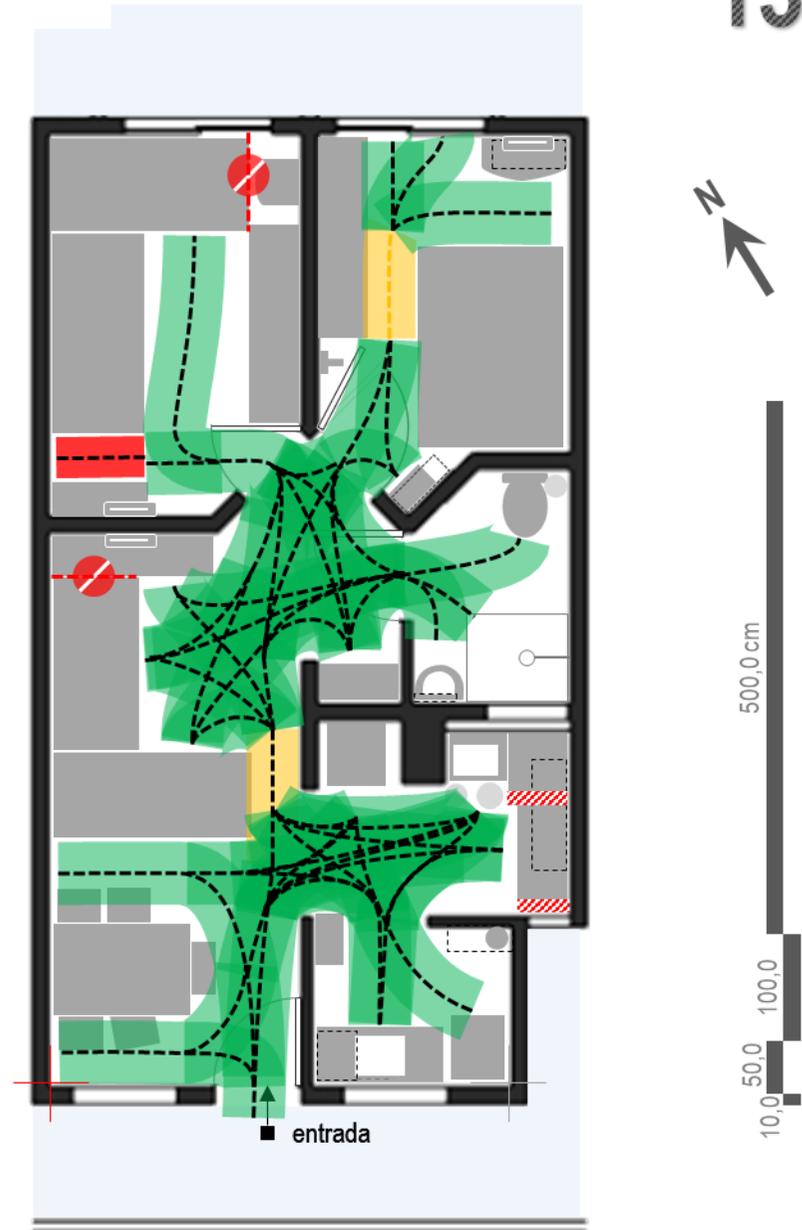
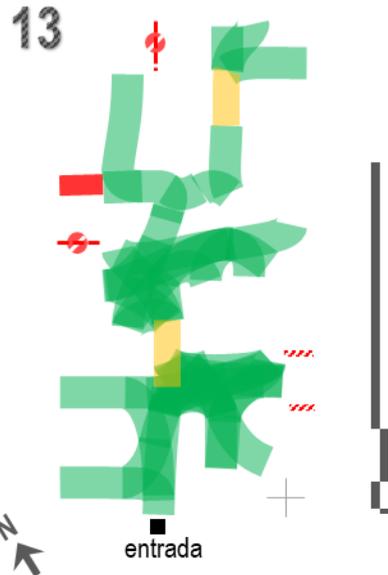


circulação entre os objetos

Fig. 137

- 60 cm / circulação recomendada entre móveis e entre móveis e paredes
- 50 cm / circulação mínima entre móveis e entre móveis e paredes
- 40 cm / circulação crítica
- linhas dos trajetos prováveis e/ou possíveis
- acesso quase bloqueado
- acesso bloqueado

• a simulação considerou a porta do banheiro fechada até que seja acionada para se entrar no ambiente [abrindo 'para fora' e se mantendo assim, essa porta atrapalha significativamente a circulação para os quartos].

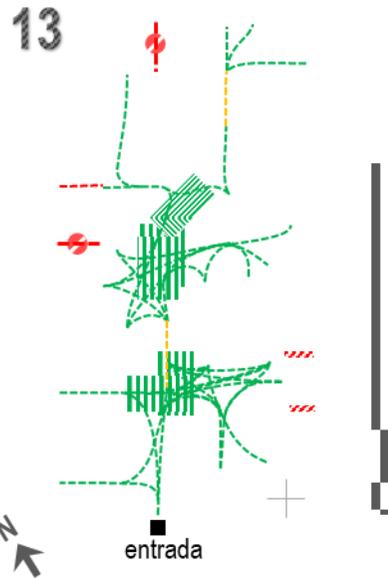


área livre entre objetos exceto as áreas de uso

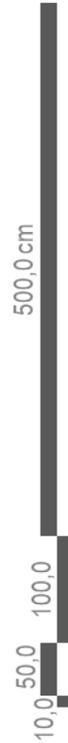
Fig. 138

 área livre mínimo
60 x 120 cm

áreas livres sobrepostas ao gráfico da circulação



13₁₁



PARTE III – AS DISCUSSÕES

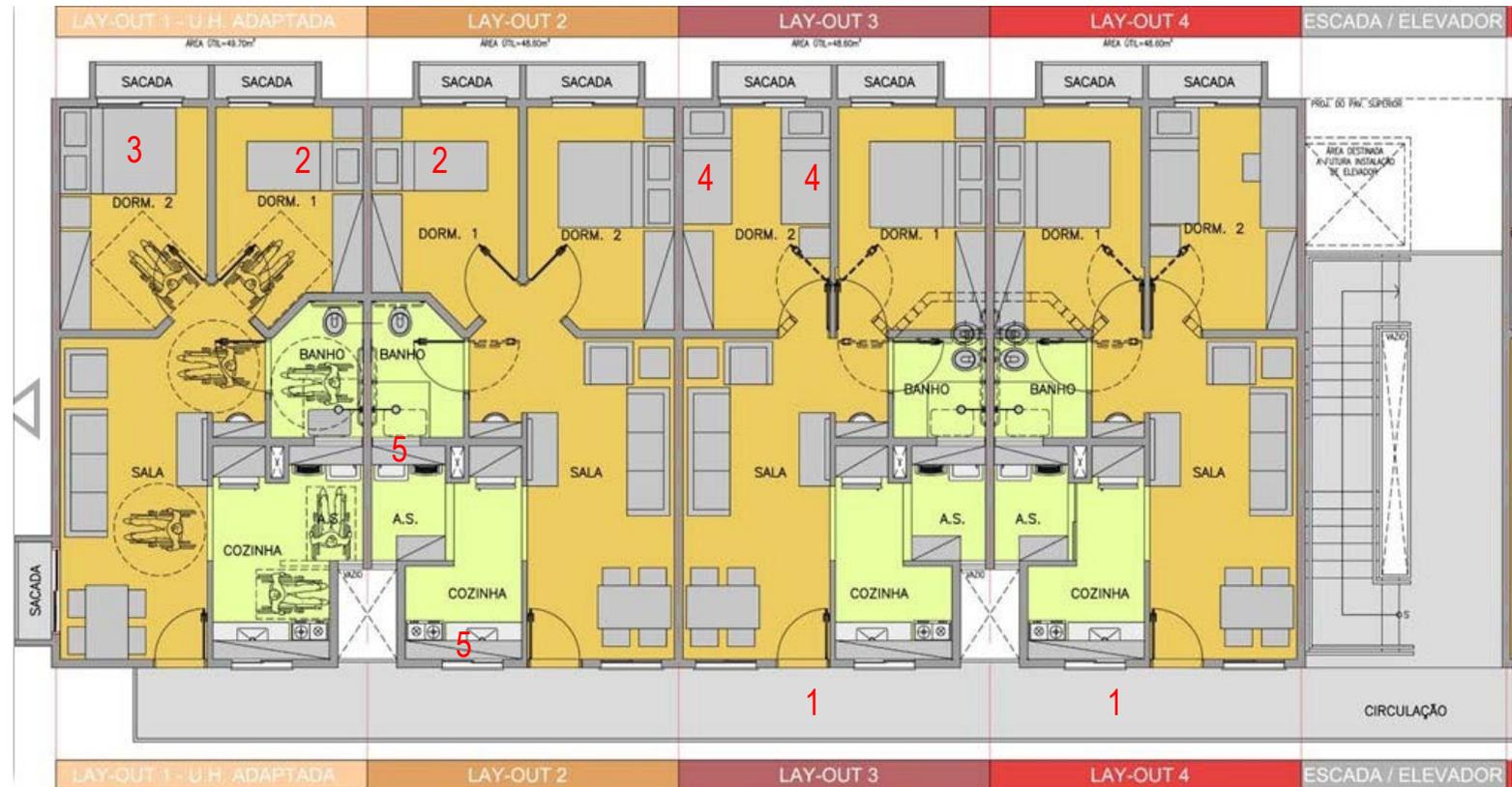
9 o projetado e o realizado	os arranjos propostos pelos arquitetos	os arranjos efetivados pelos moradores	comparados nos mapas 4, 5, 9, 10 e 11	
10 o realizado não projetado	características dos arranjos efetivados pelos moradores, que não podem ser previstos em projeto		compilação mapas 6, 7 e 8	
11 sobre personalizações	“só habitamos quando construímos, concreta e metaforicamente” <i>Artur Rozestraten</i>			
12 arranjos e arquitetura	“miradas panorâmicas” pontos que se destacaram entre os dados coletados	conflitos na relação arranjos e arquitetura	12.1 insurgências superar “paradigmas de homogeneidade”	12.2 alguns móveis a estudar

9. O IDEALIZADO EM PROJETO E O EFETIVAMENTE REALIZADO PELOS MORADORES

Iniciando as discussões sobre os resultados da pesquisa de campo, acrescentam-se como referência os arranjos de mobiliário propostos pelos projetistas das UHs, analisados naqueles mapas cujos temas não são ligados necessariamente a usuários: o mapa 4 (os objetos propostos), o 5 (zoneamento dos objetos), o 9 (área de uso dos objetos), 10 (circulação entre os objetos) e o mapa 11 (área livre entre os objetos). Comparando-se os projetos das UHs dos dois residenciais, as do VP, que têm área menor, preveem espaço para fogão de apenas quatro bocas, enquanto as do JC comportam fogão de seis bocas (modelo efetivamente adotado pela maioria dos moradores entrevistados), além da mesa de jantar de menor largura: 70 cm (VP) versus 85 cm (JC). Tais medidas são estimadas através dos desenhos dos projetos e sua indicação de escala e, em ambos, os guarda-roupas aparentam ter profundidade em torno de 48 cm, valor pouco menor do que o recomendável (50 cm). Os móveis e equipamentos sugeridos nos dois projetos atendem à Norma Brasileira (NBR 15575-1, Anexo G, Tabela 1), com exceção da recomendação de que, além do quarto do casal, o outro comporte duas camas de solteiro. O material de divulgação do VP apresenta quatro variações de layouts de mobiliário, incluindo uma versão de planta que não foi efetivada, de modo que no modelo construído, os projetos indicam o quarto maior para cama de casal e o menor para **somente uma cama (ou beliche) de solteiro**. Duas camas de solteiro realmente só caberiam no quarto maior, restando para o quarto menor, enquanto arranjo, ou a diminuição do guarda-roupa para insuficientes 100 cm de comprimento, ou a cama de casal encostada e obstruindo a porta balcão¹²⁸. Apesar dos leitos para três, se não houver beliche, a quantidade de assentos nos sofás e na mesa de

¹²⁸ Essa é solução proposta para um dos layouts indicados para UH adaptada a cadeirantes.

jantar indicam a previsão de quatro moradores. Outra observação é a impossibilidade de dois armários aéreos previstos (na cozinha e lavanderia), inviabilizados pelas janelas existentes (Fig. 139).



1 layouts não construídos; **2** quarto menor só cabe 1 cama solteiro; **3** cama casal obstruindo a porta balcão, versão UH adaptada; **4** 2 camas de solteiro só cabem no quarto maior; **5** janelas inviabilizam os armários aéreos previstos.

Fig. 139 – Viela da Paz, plantas tipo. Anotações da autora sobre desenho de Arquitetos Urbanistas Planejamento e Projeto. Fonte: <https://www.arq-urb.com/projetos-arquitetura/projetos-habitacao/viela-da-paz/>. Acesso em 13/01/2023.

Os móveis propostos para os apartamentos do JC seguem o esperado quanto à quantidade de leitos: na UH de dois dormitórios, o quarto maior é o de casal e no menor cabem duas camas de solteiro e seus complementos; na de três dormitórios, o quarto maior é indicado para as duas camas de solteiro, o de tamanho médio para o casal e o quarto menor para uma cama de solteiro. Em observação rápida percebe-se que, na UH de três dormitórios, o espaço projetado para escrivaninha no quarto menor tem largura insuficiente (60 cm, em vez de 80 cm), e o móvel aparentemente destinado à TV está em ângulo desfavorável em relação ao sofá e poltronas. Outra opção possível, a de TV em painel posicionada acima da mesa de jantar frente ao sofá, ocasionaria uma altura desconfortável para a visão (Fig. 140).

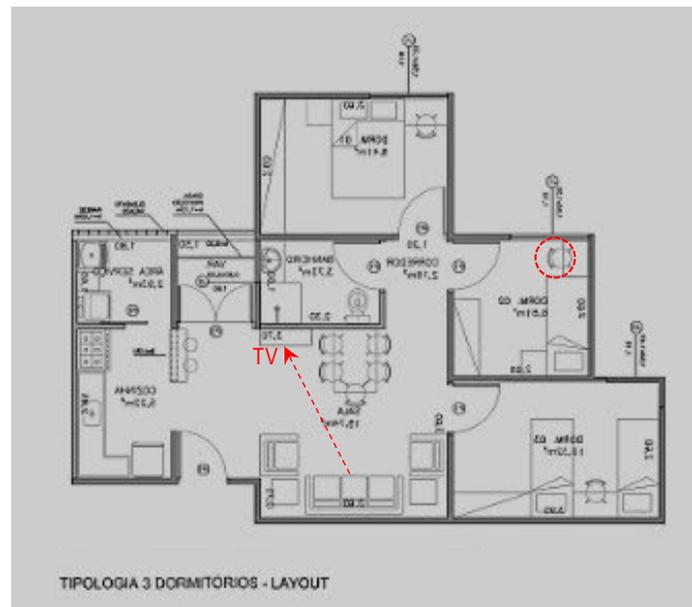


Fig. 140 – João Cândido, plantas tipo, têm número recomendado de leitos. Notar, na UH três dormitórios, a TV posicionada em ângulo desfavorável e a largura insuficiente para escrivaninha no quarto menor. Anotações da autora sobre desenho fornecido pela Usina-CTAH.

A Norma recomenda para os dormitórios o conjunto mínimo de cama, guarda-roupa e criado mudo ou mesa de estudo, no caso do quarto com duas camas de solteiro. Nenhum layout do VP prevê a mesa de estudo, ao contrário dos projetos do JC, que incluem o item em todos os dormitórios. Dentre as UHs aqui pesquisadas, no entanto, algumas das quais com moradores em idade escolar, somente uma (a nº 9) possuía **mesa específica para estudo**, situada no quarto de um jovem adulto de 18 anos, com seu equipamento para jogos eletrônicos. A ausência de mesa para estudos ou trabalho pode ser ocasionada pela falta de recursos e/ou espaço disponível, pela existência de outras prioridades ou talvez porque as dinâmicas escolares estejam diminuindo a necessidade de se estabelecer um espaço doméstico exclusivo para essa atividade¹²⁹. Além disso, as atividades profissionais dos moradores adultos pesquisados não demandavam a existência de escritórios caseiros¹³⁰.

A evolução tecnológica que diminuiu o tamanho de computadores pessoais e laptops e desenvolveu celulares com muitas funcionalidades no campo da informação e pesquisa, equipamentos que podem ser acessados na cama, sofá ou em qualquer lugar, diminuiu a necessidade de estações de trabalho fixas, tornando certos móveis obsoletos, os quais, quando mantidos, mudam de função na moradia, como o que é utilizado como aparador para a TV no quarto do casal do entrevistado nº 13 ou na sala da entrevistada nº 4 – o que leva aos designers a reflexão sobre os limites temporais de móveis muito especializados e a conveniência de se estender a noção de flexibilidade também ao mobiliário (Figs. 141 e 142).]

¹²⁹ Os fatores “renda” e “época” podem trazer resultados diferentes, claro. Em pesquisa realizada entre beneficiários do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), com renda entre três e seis salários-mínimos (maiores que os da presente pesquisa), em Pelotas, RS, Damé (2008, p. 72, 73, grifo nosso) escreve: “Nas salas foram encontradas: mesas com computador e cadeira, [...] e estantes configurando espaço de estudo e de guarda de material de leitura. [...] No quarto menor, houve a **recorrência de mesa de estudos**, reafirmando a necessidade de o projeto prever espaço para essa complementação do uso.”

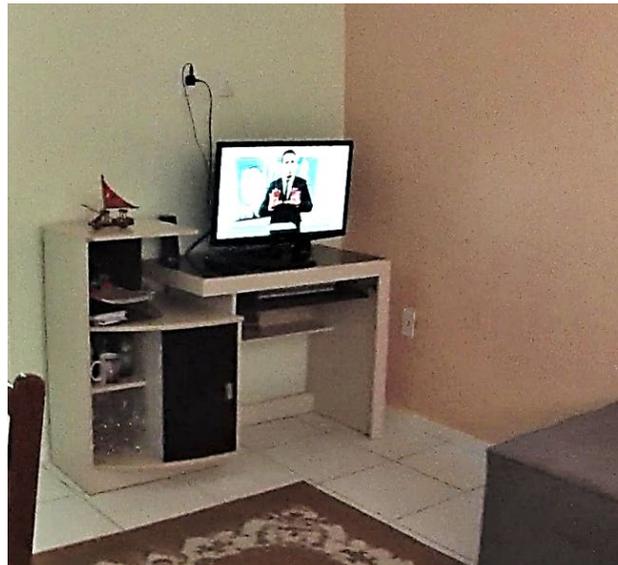
¹³⁰ Exceto pelo morador 9, do JC, despachante autônomo, **o único que posicionou sua mesa de jantar na parede oposta** à varanda, aparentemente para ficar mais perto de papelada guardada no aparador da TV. (Trata-se aqui de observação das imagens coletadas, não abordada diretamente na entrevista).

*Fig. 141 – escrivaninha em uso, de desenho simples. Foto da autora.
In: 9. Eduardo, 2019_entrevista vídeo
(ver Apêndice).*



Encostada na cabeceira do beliche fica a mesa de computador [~112,0 fr x 50,0 prof x 75,0 alt] utilizada com uma das cadeiras da mesa de jantar. O móvel, pintado de branco, é uma combinação de mesa [com 1 gaveta], que ocupa os primeiros 80,0 cm de tempo, apoiada à esquerda por um quadro de tubos metálicos quadrados, e por uma estante à direita [~32,0 cm fr], apoiada diretamente no chão, com 4 nichos abertos tanto para a frente como para o lado. Por conta da fiação intrincada, o móvel está deslocado ~7,0 cm da parede do fundo.

*Fig. 142 – mesa para computador, desenho rebuscado, usada como rack de TV. Foto da autora.
In: 4. Carolina, 2017_entrevista vídeo
(ver Apêndice).*



De desenho “movimentado”, o móvel da TV é pintado de branco e tem prateleiras de diferentes alturas, profundidades e plantas, organizadas em 2 blocos que se interpenetram. Desenhado originalmente como mesa para computador, como indica a prateleira deslizante para o teclado, mede ~125 comprimento x 50 profundidade x 80 cm de altura. Na única parte fechada, uma porta de correr, marrom, em curva que acompanha a curva da frente do móvel, desliza sobre trilho com a mesma curva, solução que requer certa sofisticação construtiva e por isso mesmo pouco adotada nos móveis industriais.

A leitura dos **mapas 4** indica que, assim como as escrivaninhas, os outros móveis da família “mesas, mesinhas e bancadas” (legenda na cor amarela) são raros nos domicílios cartografados. Nas plantas menores, do VP, a sua presença se limita às mesas de jantar. Mesas de centro não foram registradas em nenhuma das salas e mesas laterais o foram em três: nos entrevistados 4 (tampo de vidro e estrutura de ferro), 7 (uma peça de madeira maciça de desenho leve) e 9 (um estofado oval com sapatas de madeira) (Figs. 143 e 144).



Fig. 143 – duas mesas laterais, foto da autora



Fig. 144 – mesa de centro estofada, foto da autora

Em relação aos assentos previstos para as salas, o projeto do VP propõe sofá mais uma poltrona; o JC de três dormitórios sugere um sofá mais duas poltronas, e o de dois dormitórios, dois sofás. Na maioria

dos arranjos das UHs pesquisadas, no entanto, **não há poltronas**, mas combinações de dois sofás e aparador.

A configuração arquitetônica do VP, de menores dimensões e espaços mais estreitos, limita opções e **direciona os arranjos** de mobiliário dos moradores ao projetado. Assim foi descrito numa das transcrições dos vídeos e assim se repete em todas as UHs observadas:

A sala é retangular, com 2,40 m de largura e 5,20 m de comprimento, disposta longitudinalmente em relação a quem adentra o apartamento. A porta de entrada situa-se no canto direito¹³¹ e o acesso à lavanderia, cozinha e banheiro também se dá em sequência pela direita, originando a necessidade de um espaço livre para circulação, de modo que os móveis se organizam ao longo do canto esquerdo da sala [...], numa largura disponível de aproximadamente 1,60 m [...] (*In*: 13. João, 2019_entrevista vídeo, ver Apêndice).

Como no projeto, mesa e cadeiras de jantar na entrada, próximas à janela; aparador da TV à direita, no primeiro trecho de parede após a entrada da lavanderia/cozinha; sofás ao fundo próximos aos quartos e geladeira no seu nicho foram arranjos repetidos na maioria das moradias observadas. Quanto aos dormitórios desenhados pelos projetistas do VP, no entanto, o layout com as camas posicionadas na transversal, “soltas” no espaço, não foi seguido, exceto parcialmente nos apartamentos do térreo (11 e 13), quando camas – antecipando interrupção natural da circulação – foram encostadas nas portas-balcão que funcionam como janelas, não são passagem para o exterior. Nos outros apartamentos todos os leitos foram posicionados longitudinalmente à entrada do quarto, laterais encostadas nas paredes, acompanhando e, de certa maneira, “obedecendo” à circulação sugerida pela planta retangular e estreita. Outra observação é que quase todos transferiram a pia do lavabo para dentro do banheiro (Fig. 145).

¹³¹ Algumas unidades são invertidas, claro. Nas compilações optou-se por apresentar todas as plantas no mesmo sentido para facilitar as comparações.



Fig. 145 – Viela da Paz, compilação mapas 4 (os objetos) e, abaixo, os moradores de cada UH. Notar a pouca presença de móveis tipo “mesa” (em amarelo); a predominância de dois sofás na sala (azul claro) e nenhuma poltrona; a recorrência das camas tipo box (com marcador círculo branco); a similaridade dos arranjos pesquisados com o layout projetado para a sala e a diferença dos mesmos em relação à posição das camas nos quartos. Notar que todos transferiram a pia do lavabo para dentro do banheiro. Elaboração da autora.

As plantas do JC, de dimensões maiores, permitem diversidade nos arranjos dos moradores. Em termos de tipos de móveis previstos (além da já citada escassez de mesinhas, escrivaninhas e poltronas) o **balcão com assentos** separando a cozinha da sala só aparece no apartamento 4, embora alguns dos entrevistados citassem o desejo de um dia providenciarem – algo que, em certo sentido, é uma redundância: um local para refeições rápidas a poucos passos da mesa de jantar. Quase todos instalaram armários baixos nesse local, funcionando como armazenamento e aparador auxiliar no preparo de alimentos mas, diferente do layout do projeto, foram posicionados logo na entrada, “jogando” a circulação mais para o interior, protegendo a cozinha. Alguns arranjos obstruíram com móveis uma das folhas da porta de vidro que acessa a varanda (sem prejuízo da circulação, já que a porta é de correr, ou seja, uma folha estará sempre fechada):

[Essa] porta aqui tirou espaço um pouco ...

Tá. Você preferia que a porta ...

[Fosse] ali pra frente [...] **eu aumentaria na cozinha.** [...] Porque se aqui não tivesse a porta, eu poderia fazer minha cozinha aqui, e a salinha menor. (MLuana, 2018, informação verbal¹³²).

As posições das mesas de jantar variaram mas as dos sofás no geral acompanharam o imaginado pelos arquitetos. Os arranjos dos dormitórios também foram diversos, aparentemente determinados mais pelo tamanho dos guarda-roupas e pela necessidade de encontrar a parede certa para eles, além de uma certa tendência a resguardar as camas em relação às portas de entrada dos quartos, quando possível (Figs. 146 e 147).

¹³² In: 5. MLuana, 2018_entrevista áudio.

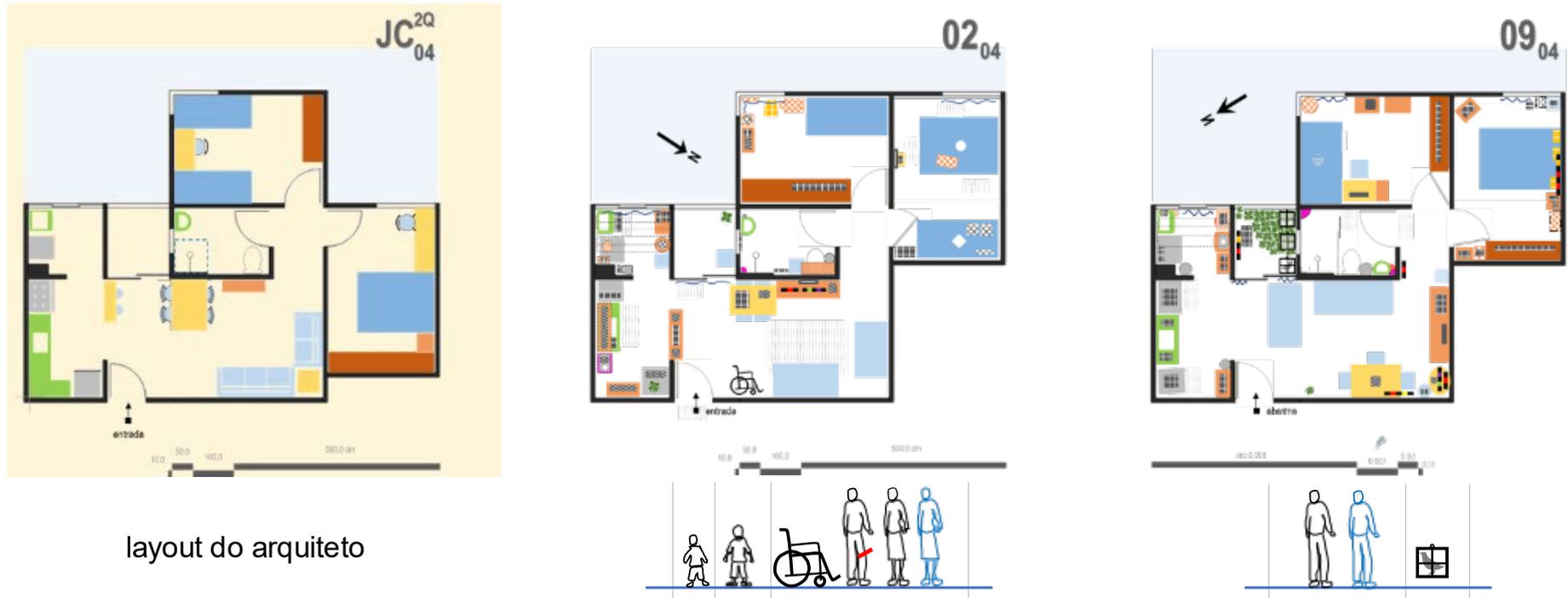


Fig. 146 – João Cândido dois quartos, compilação mapas 4 (os objetos) e, abaixo, os moradores de cada UH. Cômodos maiores permitem mais diversidade entre os arranjos. Notar a pouca presença de móveis tipo “mesa” (em amarelo); a predominância de dois sofás na sala (azul claro) e nenhuma poltrona; a tendência a posicionar o balcão que separa cozinha da sala na entrada, protegendo a cozinha. O morador 9, por outro lado, descreveu sua sala como “integrada com a cozinha” e foi o único a prescindir do aparador-divisória e a inverter as localizações de sofás e mesa de jantar, organizando um canto mais aconchegante para seu trabalho de despachante autônomo, próximo ao aparador onde guarda sua papelada. Elaboração da autora.



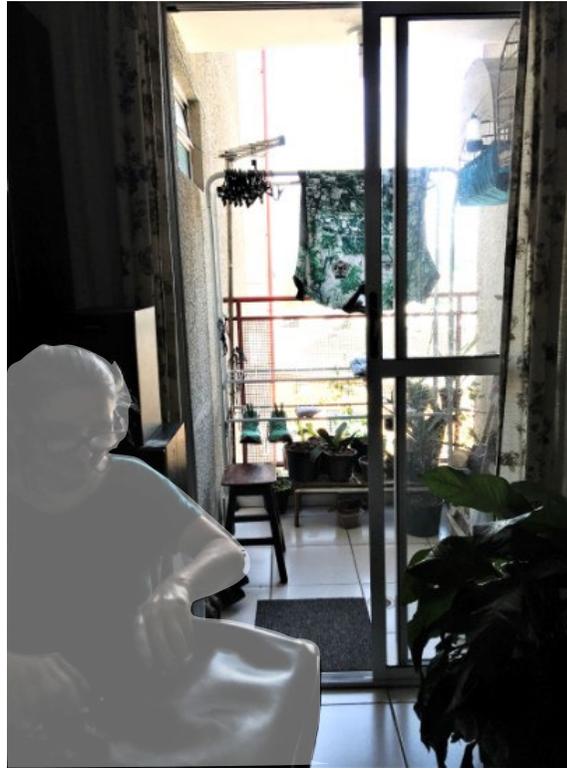
layout do arquiteto

Fig. 147 – João Cândido três quartos, compilação mapas 4 (os objetos) e os moradores de cada UH. Notar a presença menor de móveis tipo “mesa” (em amarelo); a predominância de dois sofás na sala (azul claro) e nenhuma poltrona; a recorrência das camas tipo box (com marcador círculo branco); a tendência a posicionar o balcão que separa cozinha da sala na entrada (exceto a moradia 7), protegendo a cozinha. Cômodos maiores e um terceiro dormitório permitem mais diversidade nos arranjos e trabalho não doméstico (moradias 1 e 8). Elaboração da autora.

Entre os **mapas 5** (zoneamento dos objetos), observa-se o espraiamento de móveis com função de armazenamento das cozinhas para as lavanderias contíguas e, em menor incidência, para as salas (moradia 7) – sugerindo que os usuários não se adequam ao espaço projetado para as cozinhas, ocasionando proximidade indevida entre itens de limpeza e mantimentos/utensílios para preparação de alimentos, além de conflitos com secagem de roupas nos varais. Pode-se dizer que a lavanderia também se espalha pelo ambiente doméstico: tábuas de passar roupas são encontradas nos quartos, varais são colocados nas sacadas, armazenamento na sala, manejo de roupa lavada pode ser feito sobre camas. Na moradia 7 (JC), a varanda foi equipada com um conjunto aramado de prateleiras e arara para secagem de roupas, indicando que não se trata de uso provisório ou intermitente. No geral, no entanto, os móveis se localizam e se limitam aos cômodos estabelecidos para suas funções. Não há uso de salas como dormitório, apesar do sofá-cama da moradia 10, que é utilizado esporadicamente. Exceção a essa regularidade é a moradia 8, cujo trabalho não doméstico da proprietária (que lava roupa “para fora” e faz sorvete caseiro) acrescenta grande demanda de espaço para guarda de objetos, ocupando todos os cômodos do apartamento. Organizados em caixas e sacolas, ocupam pisos e disputam armários com outros objetos domésticos, parte deles deslocados para os dormitórios (como itens de higiene e pacotes de leite longa vida).

As pequenas sacadas do VP são utilizadas como depósito (sapatos, brinquedos, itens ensacados) e para secagem de roupas. As varandas do JC, espaços maiores, têm uso variado – desde vazios à espera de mobiliamento adequado para prolongamento da sala de estar a depósitos provisórios ou “quintal” cheio de plantas e gaiolas de passarinhos, ou o já citado espaço para manejo de roupas da lavanderia (Figs. 148 a 152).

Fig. 148 – parte da lavanderia instalada na varanda, moradia 7, João Cândido. Fotos da autora.



Na varanda, conjunto aramado de prateleiras e arara para secagem de roupas, indicando que não se trata de um uso provisório. Plantas e gaiolas de passarinhos dividem o espaço com escada e banquinho de madeira.



O quarto de Aurora é o maior do apartamento [~260,0 x 395,0 cm], mas abriga também objetos de lavanderia, de trabalho, de cozinha, de banheiro [pacotes de papel higiênico], brinquedos dos netos. A cama box [~140,0 x 190,0 x 60,0 cm alt] fica no canto esquerdo, na entrada. Aos pés da cama há um banquinho 'caipira', de madeira maciça, pés recortados em V, usado como apoio para uma grande sacola com roupas das que ela lava profissionalmente. Entre a cama e o guarda roupa, há um aparador improvisado: prateleira sobre conjunto de caixas de papelão, algumas delas guardando panos de prato da cozinha e roupas de cama que não cabem no guarda roupa. A prateleira, coberta por um pano, está lotada de objetos como caixas, cesto, fotos dos netos, cosméticos, cadernos e uma coleção de livros sobre espiritismo, que Aurora adora ler.

Fig. 149 – Moradia abriga muitas atividades, de trabalho não doméstico inclusive. Fotos da autora. In: 8. Aurora, 2018_entrevista vídeo (ver Apêndice)

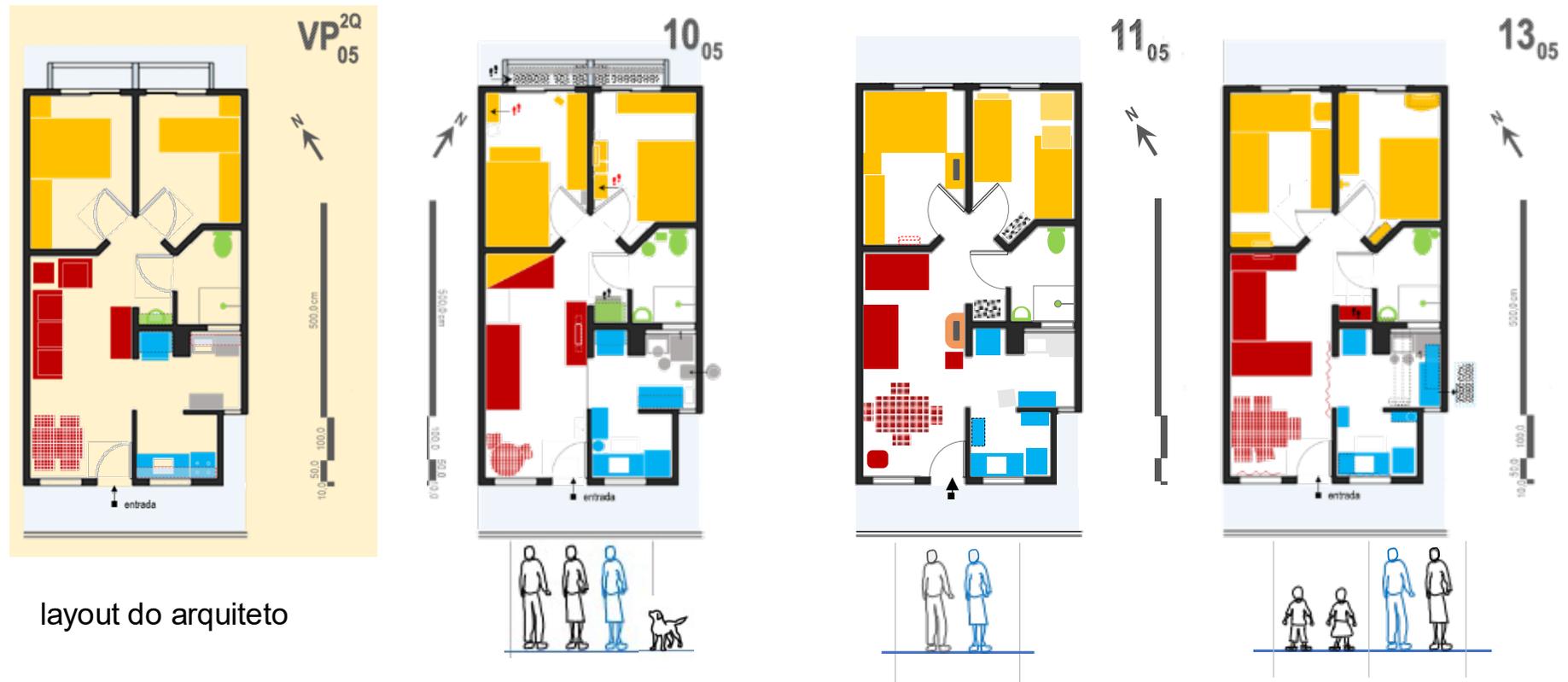


Fig. 150 – Vila da Paz, compilação mapas 5 (zoneamento objetos) e os moradores de cada UH. Note-se o espraiamento da cozinha (azul) em direção à lavanderia (cinza), potencializando conflitos entre roupas no varal e guarda de produtos de limpeza próximo a mantimentos e utensílios para preparação de alimentos. Na moradia 10 há uso esporádico da sala (vermelho escuro) enquanto dormitório (amarelo), através do sofá-cama e uso da sacada para depósito de sapatos e secagem de roupas. Notar as sapateiras com zíper (icone pézinhos vermelhos), nos quartos da moradia 10. Elaboração da autora.



Fig. 151 – João Cândido, dois quartos, compilação mapas 5 (zoneamento objetos) e os moradores de cada UH. Note-se menos espraiamento da cozinha (azul) em direção à lavanderia (cinza). No geral, os móveis se localizam e se limitam aos cômodos estabelecidos para suas funções. Notar as sapateiras com zíper (ícone pézinhos vermelhos) nos quartos de ambas as moradias. Elaboração da autora.



Fig. 152 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 5 (zoneamento objetos) e os moradores de cada UH. Note-se menos espraiamento da cozinha (azul) em direção à lavanderia (cinza). Na moradia 7 a varanda é ocupada por parte da lavanderia. No geral, os móveis se localizam e se limitam aos cômodos estabelecidos para suas funções, exceto na moradia 8, com zoneamentos superpostos em todos os espaços. Existência de trabalho doméstico (hachuras cinza) nas UHs 1 e 8. Notar as sapateiras com zíper (ícone pézinhos vermelhos, em todas as moradias, em quartos, corredor, varanda. Elaboração da autora.

Tanto os arranjos projetados para o VP como os do JC acarretam inadequações observadas também em campo quanto aos espaços necessários para algumas atividades (**mapa 9**): acesso a janelas dificultado pela presença de móveis; espaços livres entre móveis ou entre móveis e paredes, mesmo atingindo o mínimo exigido pela Norma (50 cm), mas insuficientes enquanto espaços para arrumação de camas (60 cm) ou acesso à parte inferior de guarda roupa (90 cm), por exemplo. Conjuntos de sofás e/ou poltronas posicionadas em L, muito próximos um ao outro, não comportam espaço suficiente para as pernas de duas pessoas sentadas ao mesmo tempo¹³³. Finalmente, o conflito causado pela excessiva proximidade de móveis em arranjos em L, ou frente a frente ou superpostos (móveis aéreos), formando cantos sem o espaço necessário para acionamento frontal de portas, gavetas ou acesso à parte de baixo de prateleiras. Além dessas inadequações citadas, as moradias pesquisadas apresentaram outras – mais numerosas nas UHs menores, de dois dormitórios – como bloqueios totais ou parciais de janelas e móveis, e grande incidência de portas de cômodos sem abertura total. Note-se que a configuração das portas dos quartos do VP, em ângulo de 45°, são potenciais causadoras de problemas na circulação, já que as folhas das portas, quando abertas, raramente podem ser encostadas alinhadas nas paredes (ocupadas com móveis e objetos), restando em pontas no meio do caminho. Colocando de outra forma, portas nessa configuração precisam de abertura maior do que 90° para não atrapalharem quando abertas (Fig. 153 a 157).

¹³³ Os sofás de canto eliminam esse conflito basicamente **mudando o modo** como se usa o móvel, ou seja, assumindo que uma das pessoas ficará semideitada, com as pernas esticadas sobre parte do sofá.

layouts dos arquitetos



1 espaço insuficiente para escrivaninha e/ou arrumação de camas



2 espaço insuficiente para pernas de 2 pessoas sentadas ao mesmo tempo

3 acionamento da janela prejudicado pela cama



4 conflito por excessiva proximidade em L, frente a frente, superposição

Fig. 153 – Viela da Paz e João Cândido, compilação mapas 9 (área de uso dos objetos), **layout dos arquitetos**. Apresentam algumas inadequações observadas também em campo. Notar no VP que as folhas das portas em 45° são potenciais causadoras de problemas porque raramente se mantêm os espaços livres para que encostem nas paredes e saiam do “meio do caminho” quando abertas. Elaboração da autora.

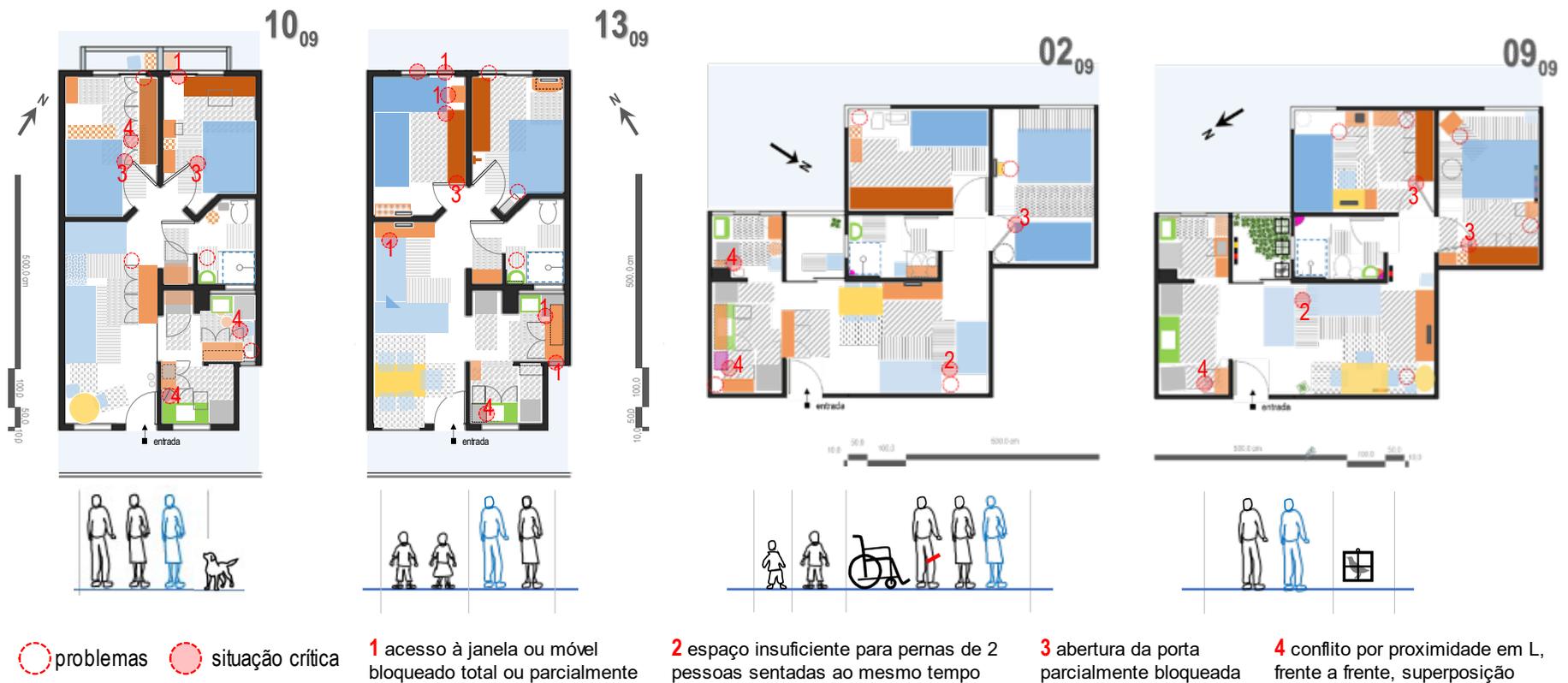


Fig. 154 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapa 9 (área de uso dos objetos) e moradores de cada UH. O fator dimensão da moradia parece ser mais determinante para a quantidade de situações críticas do que a quantidade de moradores, na seleção observada. As do VP apresentam mais inadequações do que as do JC, mas os tipos de conflitos são comuns aos dois. O conflito 4, “por proximidade” entre objetos, é o mais frequente, assim como abertura de portas de cômodos parcialmente bloqueadas por objetos (conflito 3). Notar o desconforto causado pelas portas em 45° do JC, principalmente na moradia 10 (ver Fig. 156). Elaboração da autora.

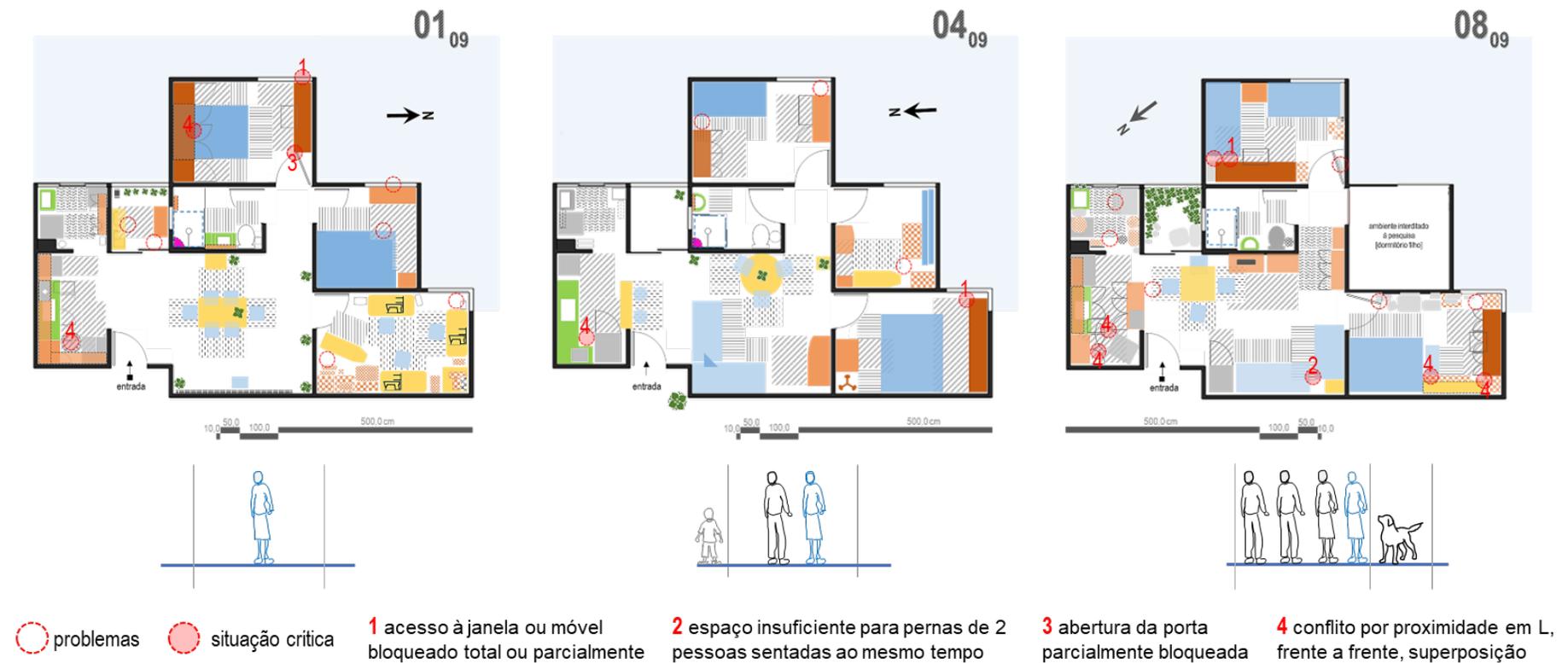


Fig. 155 – João Cândido, apartamentos três quartos, compilação mapa 9 (áreas de uso dos objetos) e moradores de cada UH. Em plantas iguais, na seleção observada, a moradia 8, com maior quantidade de conflitos, tem mais moradores e atividades referentes à trabalho não doméstico acrescidas (destaque para o congestionamento de objetos na cozinha, ver Fig. 157). A moradia 1 também tem trabalho não doméstico, mas somente uma moradora e um quarto exclusivo para suas máquinas de costura. Novamente o conflito 4, “por proximidade” entre objetos, é o mais frequente em todas as moradias. A menor incidência de arranjos bloqueando aberturas de portas (ou a menor extensão dos bloqueios) em relação às UHs de dois dormitórios não parece vinculada à quantidade de moradores nem à dimensão dos cômodos (quartos são iguais entre os dois tipos de UH do JC), mas somente ao tipo de objeto que bloqueia a porta. Não há registro de problemas nos banheiros. Elaboração da autora.



Fig. 156 – O giro do corpo para passar entre a cama, o armário, a folha da porta aberta, e sair do quarto. Ref. Viela da Paz, Moradia 10, quarto da esquerda (ver Fig. 154). Fotos da autora.



Fig. 157 – O corpo prensado entre o armário e a porta da geladeira que abre. Ref. João Cândido, Moradia 8, cozinha (ver Fig. 155). Fotos da autora.

Analisados através do **mapa 10** (circulação entre os objetos), os layouts dos projetistas não apresentam circulações críticas ou acessos bloqueados, embora no apartamento de três quartos do JC haja um pequeno trecho com “acesso quase bloqueado”, de uma das cadeiras de jantar em proximidade excessiva com um aparador. No geral, grande parte dos trajetos possíveis dos projetos se encontra na classificação

recomendada (verde). A circulação mínima (amarela) é mais presente nos dormitórios da UH da VP, de menores dimensões. Nas do JC, elas se localizam principalmente em pequenos trechos nas extremidades dos trajetos, indicando fluidez para as ações dos usuários (Fig. 158).

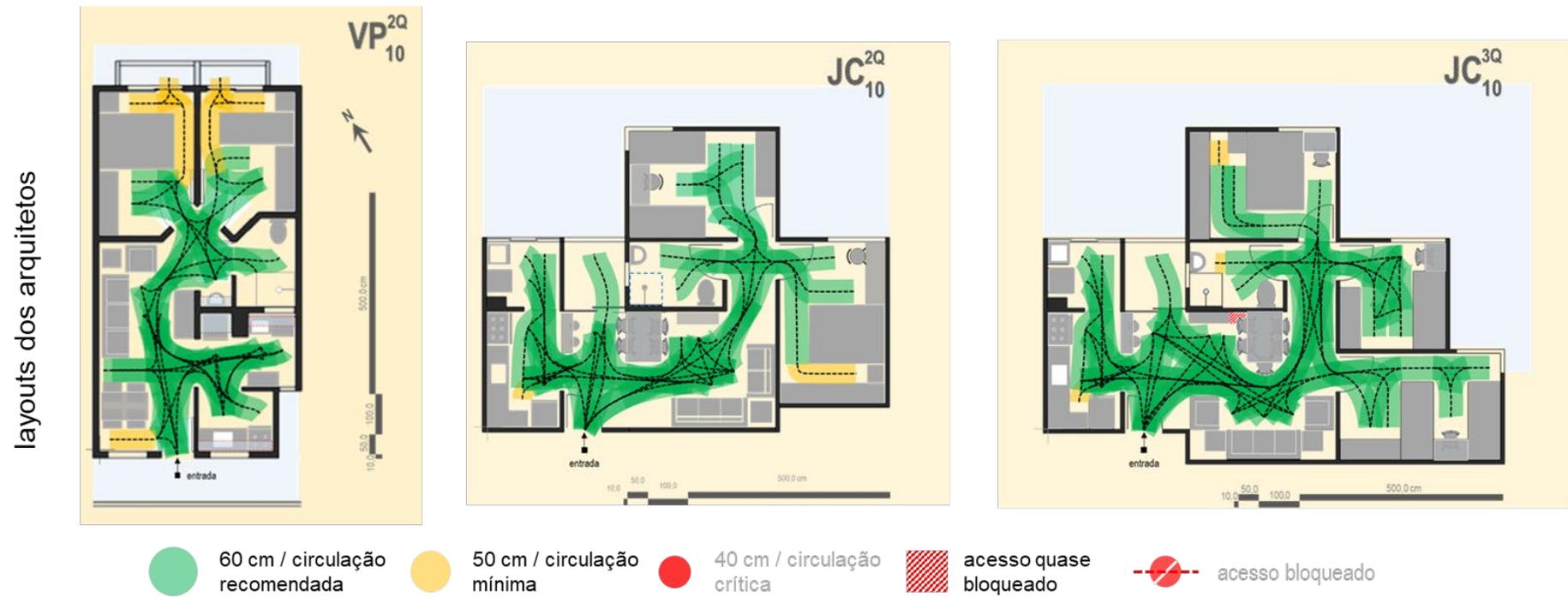


Fig. 158 – Viela da Paz e João Cândido, compilação mapas 10 (circulação entre os objetos), **layout dos arquitetos**. Grande parte dos trajetos na classificação “recomendada” (verde), com trechos no “mínimo” (amarelo) somente nas extremidades indicando fluidez. Maior quantidade de circulação “mínima” na UH da VP, de menor dimensão. Elaboração da autora.

Quanto às moradias pesquisadas, os **mapas 10** mostram quantidade de inadequações significativamente maiores do que as registradas nos layouts dos arquitetos. A moradia 10 (VP) é a que apresenta maior confusão na circulação, que no meio dos trajetos possíveis passa do recomendado para o crítico e para o mínimo, volta para o recomendado ou termina no crítico – problemas causados nos quartos pelas já citadas portas em 45°, por guarda-roupas grandes e também porque ambos os dormitórios foram mobiliados com cama de casal, configuração não suportada no projeto, conforme comentado na figura 139. Outra passagem crítica, localizada num ponto importante de distribuição da circulação no espaço doméstico, acontece na sala, entre o sofá e o aparador que excede a parede para a qual foi previsto – aparador que foi doado, ou seja, o arranjo problemático tem causas que escapam da escolha da usuária (Fig. 159). Registre-se que simples **10 cm** de móvel que excedem uma parede¹³⁴, combinados com o sofá que ocupa toda a outra parede onde o layout dos arquitetos previa mesinha e poltrona, foram suficientes para tornar inadequada uma passagem, em habitação com dimensões mínimas.

A outra moradia do VP, a 13, não tem circulação crítica no meio dos trajetos, mas apresenta acessos bloqueados à janela de um dos quartos e à parte de baixo do aparador da TV na sala, além de acessos semibloqueados na lavanderia (máquina de lavar e janela) (Fig. 160). Ainda analisando as UHs de dois dormitórios, dos trechos com circulação crítica (vermelho) nas moradias 13, 2 e 9, a maioria se localiza nas extremidades dos trajetos ou em locais de setorização íntima, de menor impacto.

As UHs de três dormitórios acompanham, no geral, as características acima, mas com mais incidência de circulação “mínima”. A exceção, novamente, é a moradia 8 (muitas atividades), com inadequações e bloqueios na cozinha, lavanderia e quartos (Figs. 161 e 162).

¹³⁴ O conflito se refere somente ao comprimento maior do aparador, já que a sua profundidade (50 cm) é a mesma do imaginado no layout dos arquitetos.

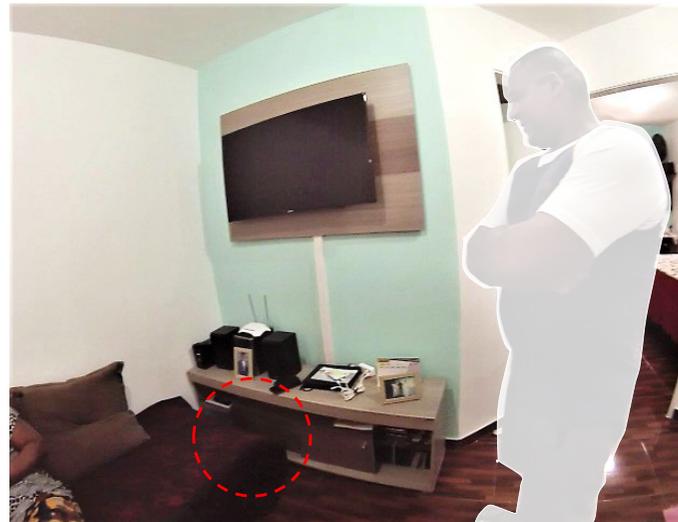
*Fig. 159 – a circulação crítica entre o sofá e o aparador doado.
In: 10. Elisa, 2019_entrevista vídeo
(ver Apêndice).*



Esse móvel foi o meu cunhado que ganhou, que ele faz móveis, né? E aí, na montagem que ele vai levar, o que ele vai tirar e acaba ganhando, né? Aí ele me deu.

O aparador excede alguns centímetros a parede que o projeto arquitetônico indicou como 'o local da TV' e mede ~150,0 fr x 50,0 prof x 90,0 cm alt. Tem puxador da porta escavado no encabeçado de madeira, espessuras robustas, bordas abauladas, madeiras 'de verdade', características de marcenaria tradicional, talvez sob encomenda.

*Fig. 160 – sofá bloqueia parte do interior do rack da TV.
In: 13. João, 2019_entrevista vídeo
(ver Apêndice).*



E esse painel aqui?

Refiro-me ao painel da TV plana, conjunto com um rack de ~40,0 cm de profundidade (MDP + pintura UV imitando madeira, comprados via internet) que ocupa quase toda a parede azul ao fundo da sala – parede de 160,0 cm de comprimento - e é um pouco mais alto que o assento do sofá em 'L' que, encostado, compromete o acesso a boa parte das prateleiras internas.

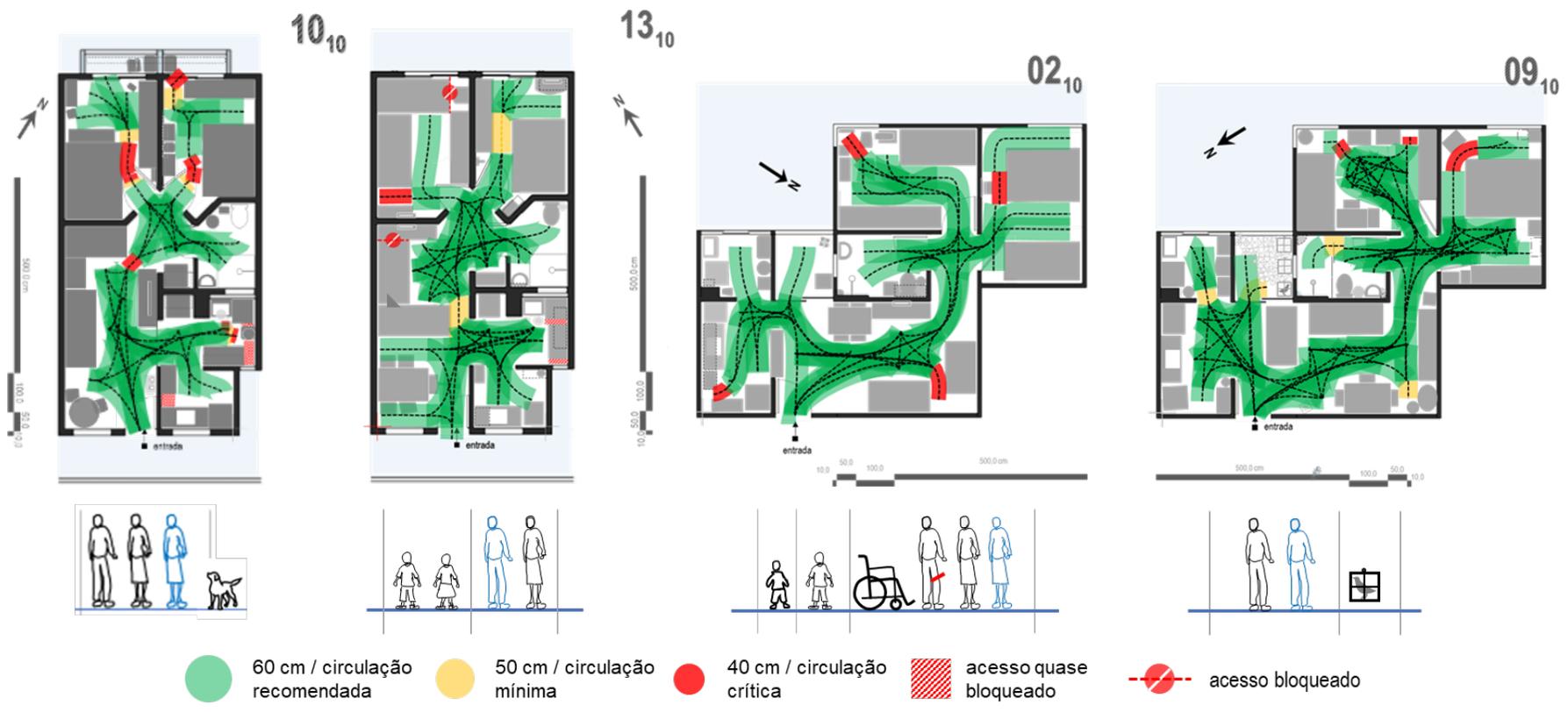


Fig. 161 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapas 10 (circulação entre os objetos) e moradores de cada UH. A circulação recomendada (verde) é majoritária em todas as moradias, porém apresentam mais inadequações do que as registradas nos layouts dos arquitetos. UHs menores (VP) tendem aos piores resultados. Na moradia 10, bloqueios parciais a equipamentos na lavanderia e cozinha e, nos quartos, circulação comprometida por fatores como as citadas portas em 45°, guarda-roupas grandes e camas de casal em ambos os cômodos, configuração não suportada pelo projeto. Na moradia 13, bloqueios totais e parciais a janelas e a móveis e equipamentos na sala e lavanderia. Assume-se que circulação crítica (vermelho) nas extremidades de percursos são menos problemáticas do que no meio deles, porque não interrompem fluidez de movimentos e ações – situação na maior parte dos gráficos das moradias do JC. Elaboração da autora.

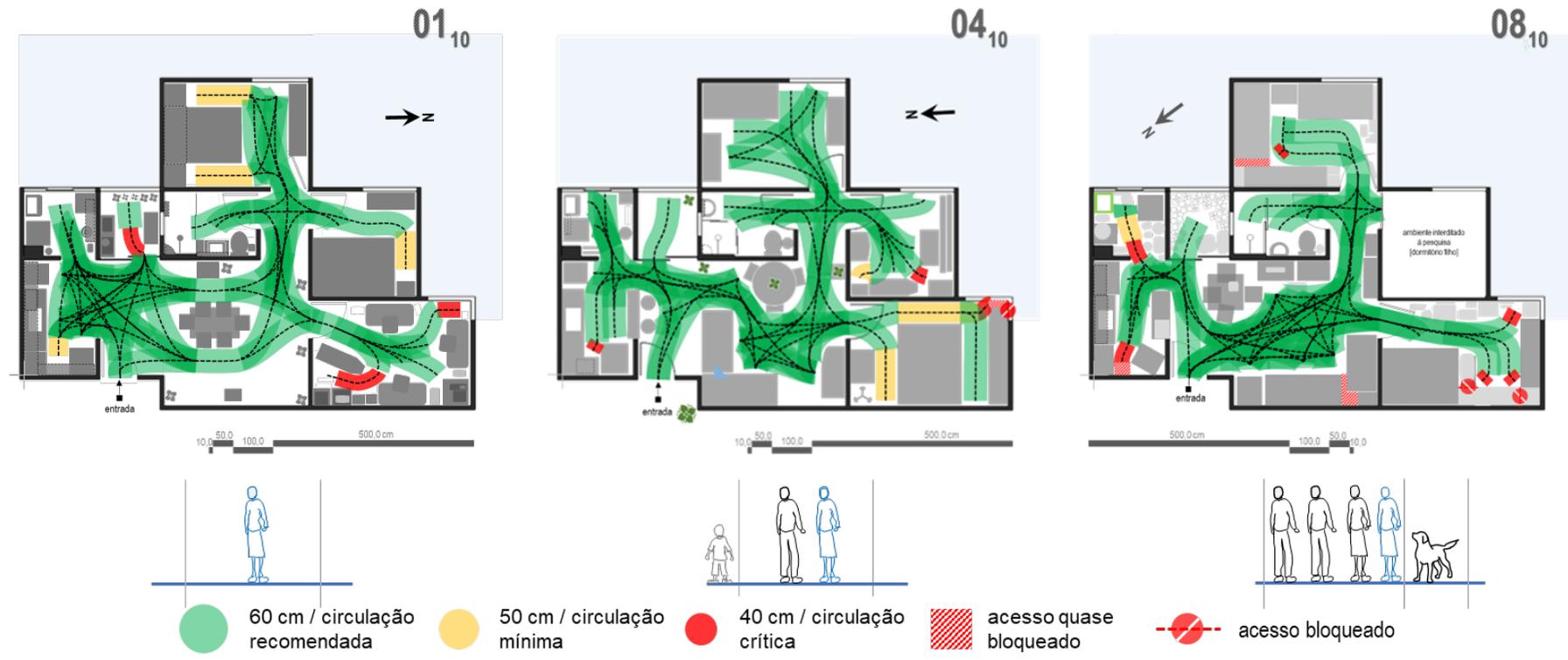
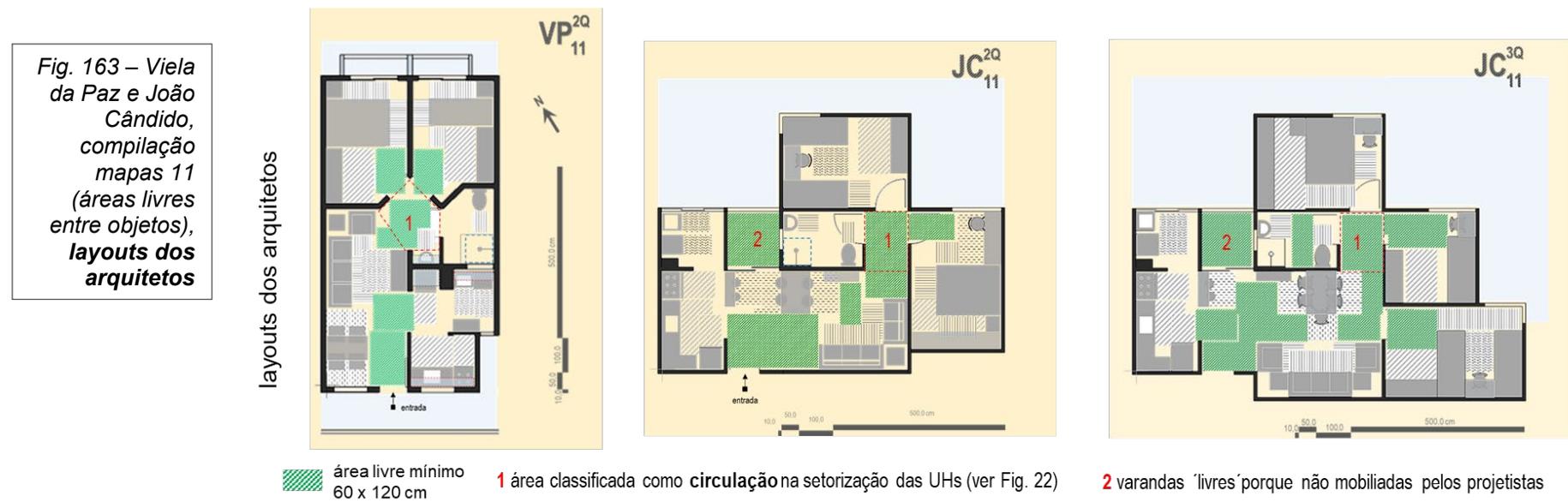


Fig. 162 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 10 (circulação entre objetos) e moradores de cada UH. Circulação recomendada (verde) é majoritária em todas as moradias da seleção observada. Mesmo nessas moradias maiores e com poucos moradores, há arranjos com bloqueio de janelas (UH 4) e circulação mínima (amarelo), devido a móveis com grandes dimensões, apesar de especialmente projetados, por encomenda, como num dos quartos da moradora 1. Repete-se a maior quantidade de inadequações na moradia 8, com varios acessos bloqueados e trechos de circulação crítica (vermelho), principalmente nos locais em que a moradora acumula trabalho não doméstico: cozinha, lavanderia e seu quarto. Elaboração da autora.

Os arranjos de mobiliário propostos pelos arquitetos resultam em áreas livres entre objetos (**mapa 11**) localizadas principalmente em zonas de circulação, residuais, distribuídas de forma não contínua, que não chegam a configurar um espaço significativo de liberdade de uso em relação à área total das UHs. Os arranjos efetivados pelos moradores possuem as mesmas características, mas com áreas livres menores

ainda do que as projetadas. As UHs do VP são, novamente, as que tiveram os resultados menores. Dentre as do JC, a moradia 1 apresenta a maior área livre, por ter apenas uma moradora e o apartamento parcialmente vazio, em mobiliamento. A trabalhadora do apartamento 8 ocupou com móveis parte do corredor (que na verdade possui boa largura, 120 cm, para acessibilidade a cadeirantes), diminuindo ainda mais sua área livre, comparada com as outras UHs de três dormitórios.

Os layouts dos arquitetos tendem a concentrar áreas livres logo na entrada dos apartamentos, mas isso não se efetivou nos arranjos dos usuários, que ocupam mais esses espaços iniciais (Figs. 163 a 165).



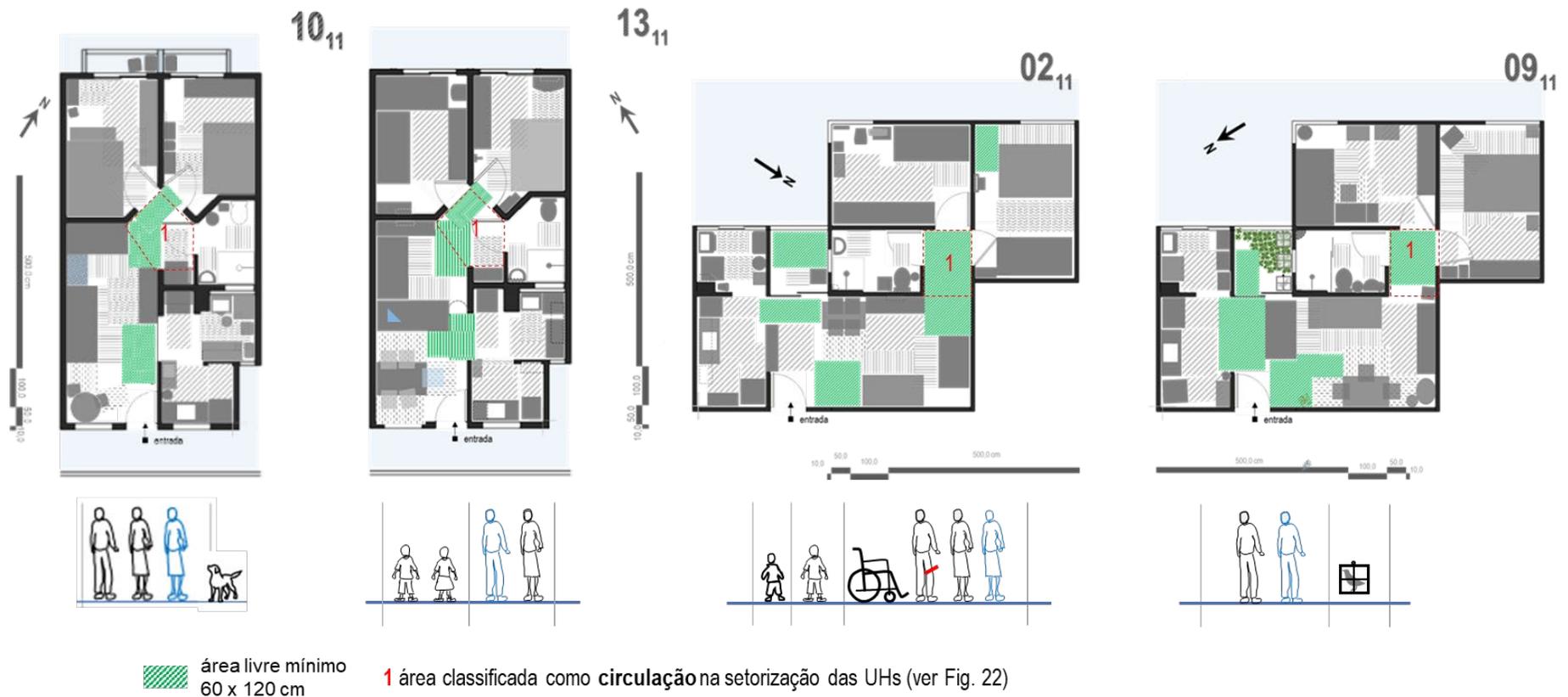


Fig. 164 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapas 11 (área livre entre objetos) e moradores de cada UH. Mantendo sua fragmentação e localização principalmente nas zonas de circulação, os arranjos engendrados pelos moradores pesquisados resultaram em conjunto de áreas livres menores do que os layouts dos arquitetos. Às UHs do VP sobram menos espaços livres. Notar que há menos área livre na entrada dos apartamentos do que o imaginado no arranjo dos projetistas.

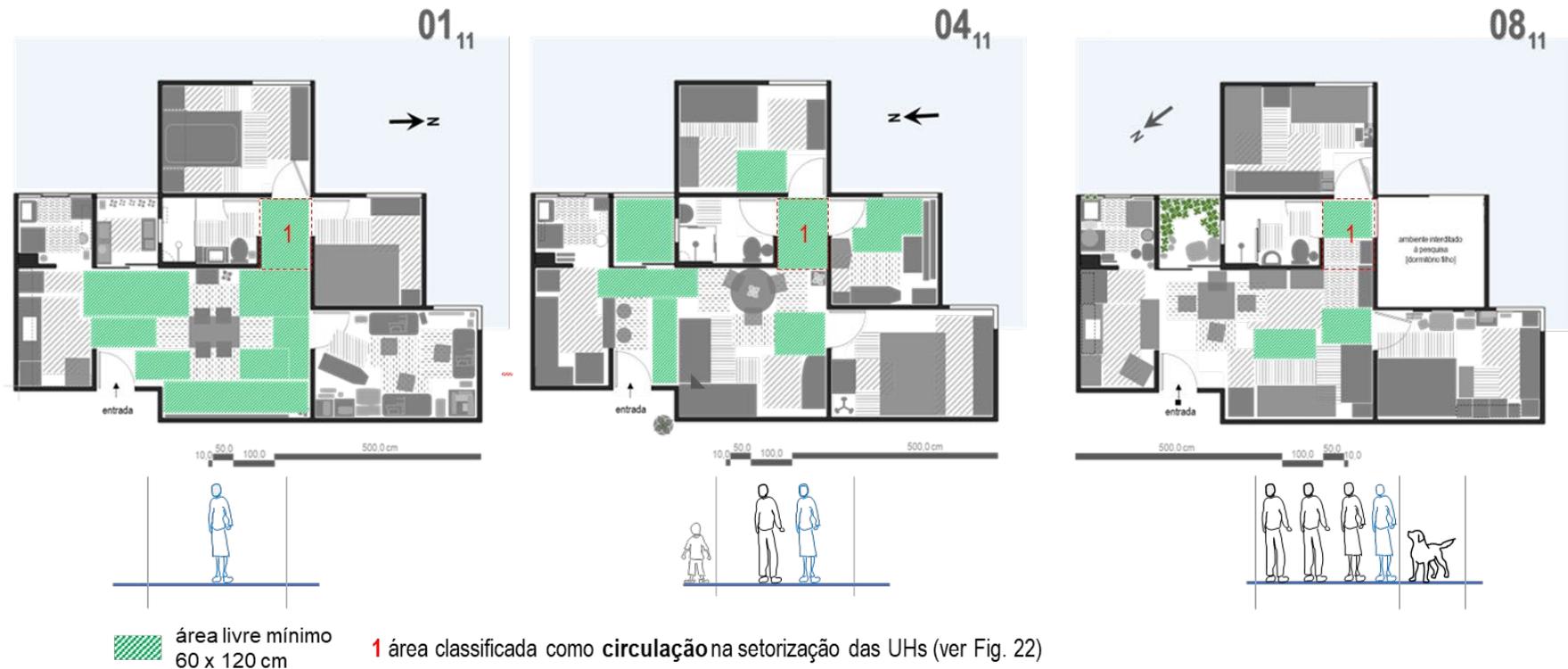


Fig. 165 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 11 (área livre entre objetos) e moradores de cada UH. Mesmas características dos arranjos das UHs de dois dormitórios. Moradia 1 tem a maior área livre porque tem uma só moradora e apartamento ainda parcialmente sem mobília. Moradia 8 tem a menor área livre, ocupando inclusive metade do corredor de acesso aos quartos. Notar que há menos área livre na entrada dos apartamentos do que o imaginado no arranjo dos projetistas.

10. O REALIZADO PELOS MORADORES QUE NÃO PÔDE SER PREVISTO EM PROJETO

Os assuntos dos mapas **6 (procedência dos objetos)**, **7 (sua aparência)** e **8 (suas alturas)**, não estudados nos layouts dos arquitetos porque envolvem variáveis dependentes dos usuários, serão discutidos a seguir baseando-se somente nos dados coletados em campo, sem a visão dos projetistas. Retomando conceitos de Milton Santos (2006), o sistema material de “objetos passados e presentes” da “paisagem” – doméstica, no caso da presente pesquisa – é registrado de certa maneira por meio do **mapa 6, procedência dos objetos**, assumindo-se que a classificação estabelecida por sua legenda abrange também o fator temporal. Objetos cuja origem foi identificada como “doados de 1ª mão”, por exemplo, frequentemente são produtos recentes, presentes comprados por filhos para a casa dos pais, sendo mais citados os equipamentos da linha branca e móveis como guarda-roupas. Já os “doados de 2ª mão” são geralmente móveis mais antigos, por vezes de desenhos ou funções ultrapassadas, substituídos por modelos mais convenientes em suas casas de origem (Fig. 166). Parte desses móveis tem características dos populares industrializados, parte vem da linha de transmissão das classes mais altas¹³⁵ para seus empregados e prestadores de serviço, e são os manufaturados, de marcenaria sob encomenda. Mais raros, há exemplares clássicos do design, sobreviventes históricos (Figs. 167).

¹³⁵ “Toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais. Algumas pessoas adotam a novidade em breve espaço de tempo, enquanto outras não reúnem as condições para fazê-lo, ou preferem recusá-la, permanecendo com modelos anteriores. Se cada época cria novos modelos, o seu uso, porém não é geral “ (SANTOS, 2006, p. 43).

*Fig. 166 – móvel recebido em doação: estante robusta, detalhes em madeira maciça, grande profundidade – desnecessária atualmente para as TVs modernas – com nichos especiais para CDs, mídia também em fase de obsolescência.
Ref. 7. Alicia, 2018_entrevista vídeo*



*Fig. 167 – móveis recebidos em doação: mesa de jantar, extensível, estrutura madeira maciça, pés palito, tampo de fórmica, talvez desenho da década de 1950; cadeira Cimo, madeira maciça curvada por multilaminação e por vapor, década de 1940.
Ref. 7. Alicia, 2018_entrevista vídeo*



A leitura dos mapas 6 revela, no entanto, predominância de objetos escolhidos pelos próprios usuários (verde), ou seja, “comprados de 1ª mão” e, os mais recentes, “comprados especialmente para as novas moradias” (marcador círculo branco), dentre os quais os “comprados sob medida” – mais raros, relacionados principalmente às bancadas de granito na cozinha (Figs. 168 e 169).

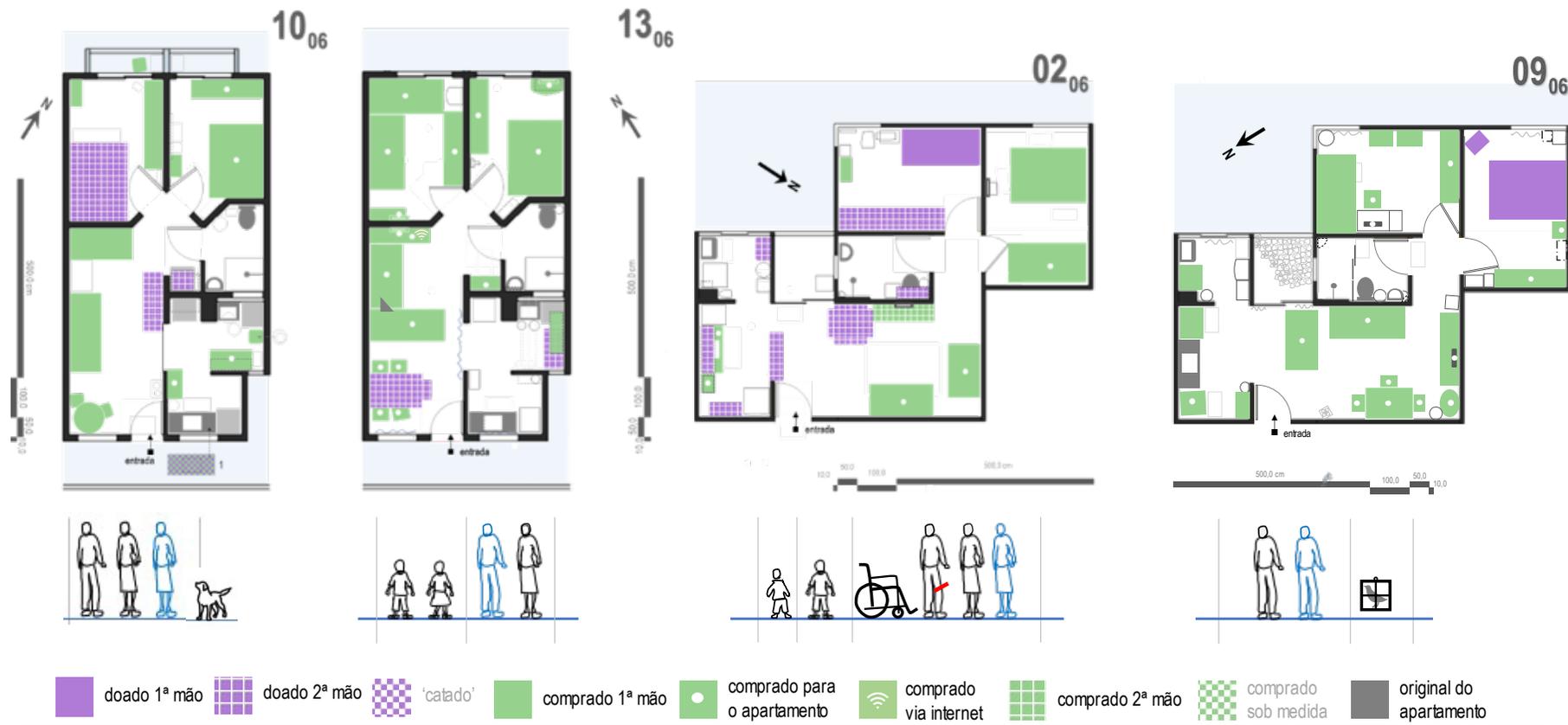


Fig. 168 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapas 6 (procedência dos objetos). Elaboração da autora.



Fig. 169 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 6 (procedência dos objetos). Elaboração da autora

Os **mapas 7 (aparência dos materiais)** mostram que as moradias pesquisadas são povoadas majoritariamente por móveis da família dos **estofados**, presentes não só nos colchões, mas na própria estrutura de camas, sofás, assentos de cadeiras, pufes usados como mesinhas de centro ou de canto – material que ocupa, grosso modo, grandes extensões dos planos horizontais visíveis abaixo da cintura do

observador. Os grandes planos verticais¹³⁶ – laterais e portas de guarda-roupas, armários aéreos – assim como alguns aparadores e mesas, mostram **madeiras**¹³⁷, boa parte delas coloridas por pintura. Há poucos elementos de vidro, em tampo de mesas de jantar e de canto, em algumas pequenas prateleiras avulsas nas paredes e em raras portas de armário. Os metais aparecem em pias de cozinha e estruturas de cadeiras, mesas e algumas estantes. Em dois UHs foram encontrados conjuntos de armários de aço (marca Itatiaia), de modelos não recentes, mas é material pouco presente (exceto em ferragens) nos móveis em uso. Granitos são comuns nas bancadas de cozinha, balcões e alguns tampos de mesa. Os plásticos se espalham (além dos muitos utensílios sobre bancadas) em objetos como fruteiras de piso, os baldes e bacias, lixeiras, poucos banquinhos. Sacos plásticos protegendo objetos, assim como caixas de papelão, são depositados sobre o teto de armários ou cantos residuais.

Em relação aos **mapas 8 (altimetria dos objetos)**, a incidência dominante nas moradias pesquisadas foi de móveis com alturas no intervalo entre +45 e 110 cm, ou seja, acima da altura de assentos, até altura de aparadores – onde se incluem, entre outros, as mesas de jantar, fogões, lavadoras de roupas, pias e tanques, cômodas, alguns racks. É notável a forte presença de **camas box** nessa faixa de altura (costumam ter acima de 60 cm), o que leva ao questionamento das razões para que sejam fabricadas em medidas que excedem significativamente o recomendado para assentos em geral, cujas alturas máximas

¹³⁶ O “domínio principal da visão” (ARNHEIM, 1988, p. 51).

¹³⁷ Lembrando que as especificações citadas se referem à **aparência** dos materiais dos objetos, com algumas sinalizações quando foi possível confirmar que não se tratava de imitação.

seriam 44,5 cm para mulheres e 49,0 cm para homens, segundo Boueri Filho (2008, p. 98)¹³⁸. Densidades e tipos diferentes de colchão podem se deformar com o peso de quem se senta, tornando as alturas mais confortáveis, mas a diferença a vencer ainda assim parece alta. Algumas camas box possuem o chamado “baú”, um espaço para armazenamento sob o colchão que, articulado, é levantado para o acesso a esse depósito. Tal função poderia explicar a necessidade do aumento na altura da cama, mas nenhum dos modelos encontrados na pesquisa era do tipo baú. Perguntado sobre essa questão, um vendedor do produto argumentou que a intenção seria imitar as camas dos hotéis de luxo – função simbólica, portanto, segundo fonte não oficial. Quanto aos usuários, a melhor explicação obtida para a preferência por esse tipo de cama foi a sensação de segurança de estabilidade estrutural. Apoiadas em pés baixos, seriam mais resistentes a mudanças de cômodos e de moradias.

Em relação às outras alturas presentes nas moradias, são poucos os armários que chegam até o teto, porque são poucos os móveis feitos especialmente, sob encomenda. A maior parte dos guarda-roupas observados tinha altura próxima a dos batentes de portas (até 215 cm). Registrou-se também o recorrente posicionamento de micro-ondas em prateleiras acima das bancadas de pias, altura maior do que o recomendado, que é de 95 cm, segundo Boueri Filho (2008b, p. 16).

A seguir, compilação dos mapas 7 e 8 (Figs. 170 e 173).

¹³⁸ Boueri baseia-se na antropometria e na altura poplítea, que é a distância vertical do piso à parte inferior do fêmur, a partir do qual dobra-se o joelho para se sentar. O autor recomenda a adoção de valores ainda mais baixos, para que seja possível incluir as menores pessoas confortavelmente: 35,6 cm para mulheres e 39,3 para homens.

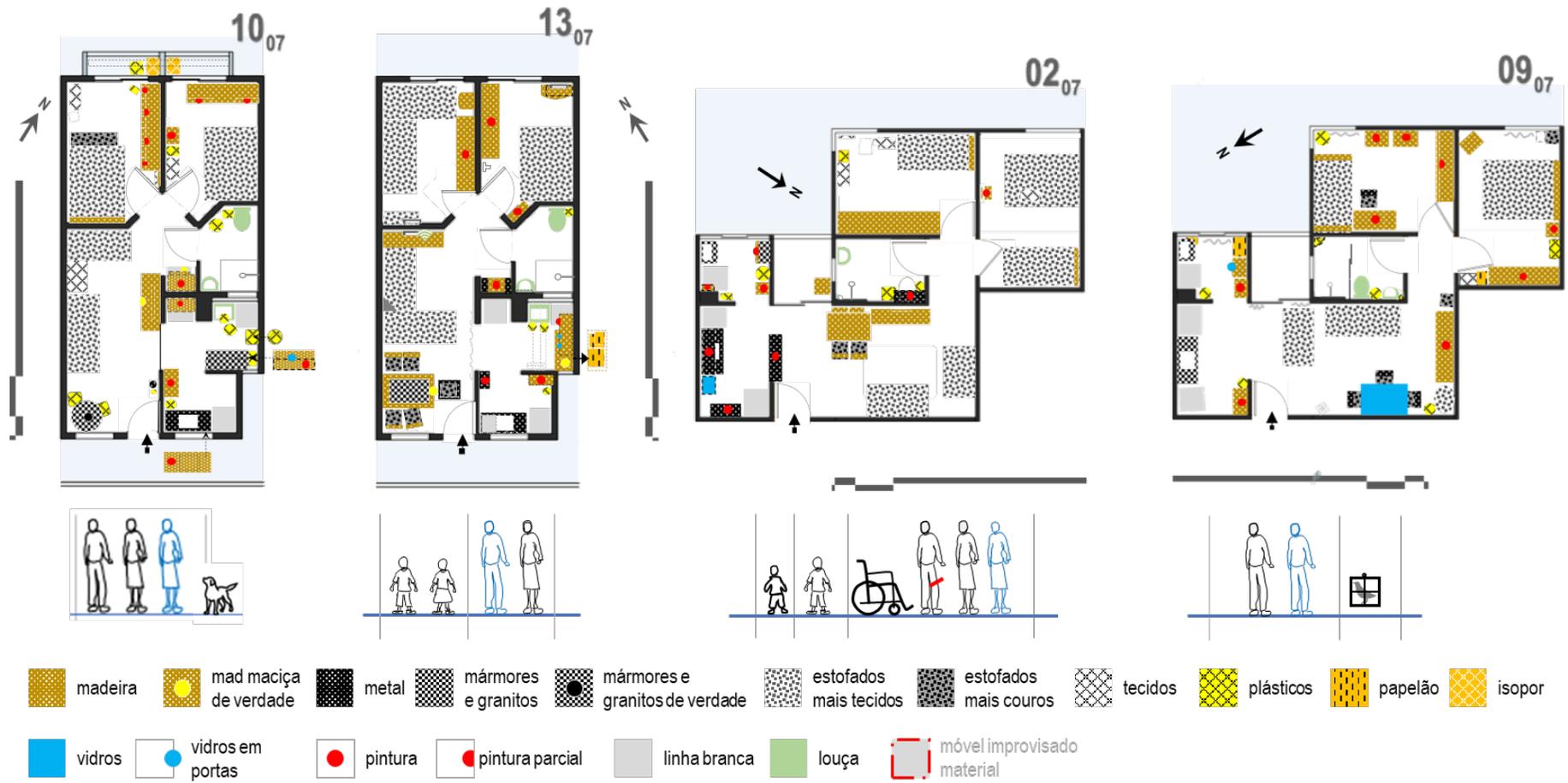


Fig. 170 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapas 7 (aparência dos materiais) e os moradores de cada UH. Predominância dos estofados, seguido pela madeira com pintura. Pouco vidro. UH 2 com alguns móveis de metal (aço). Granito nas UHs 10 e 13. Elaboração da autora.

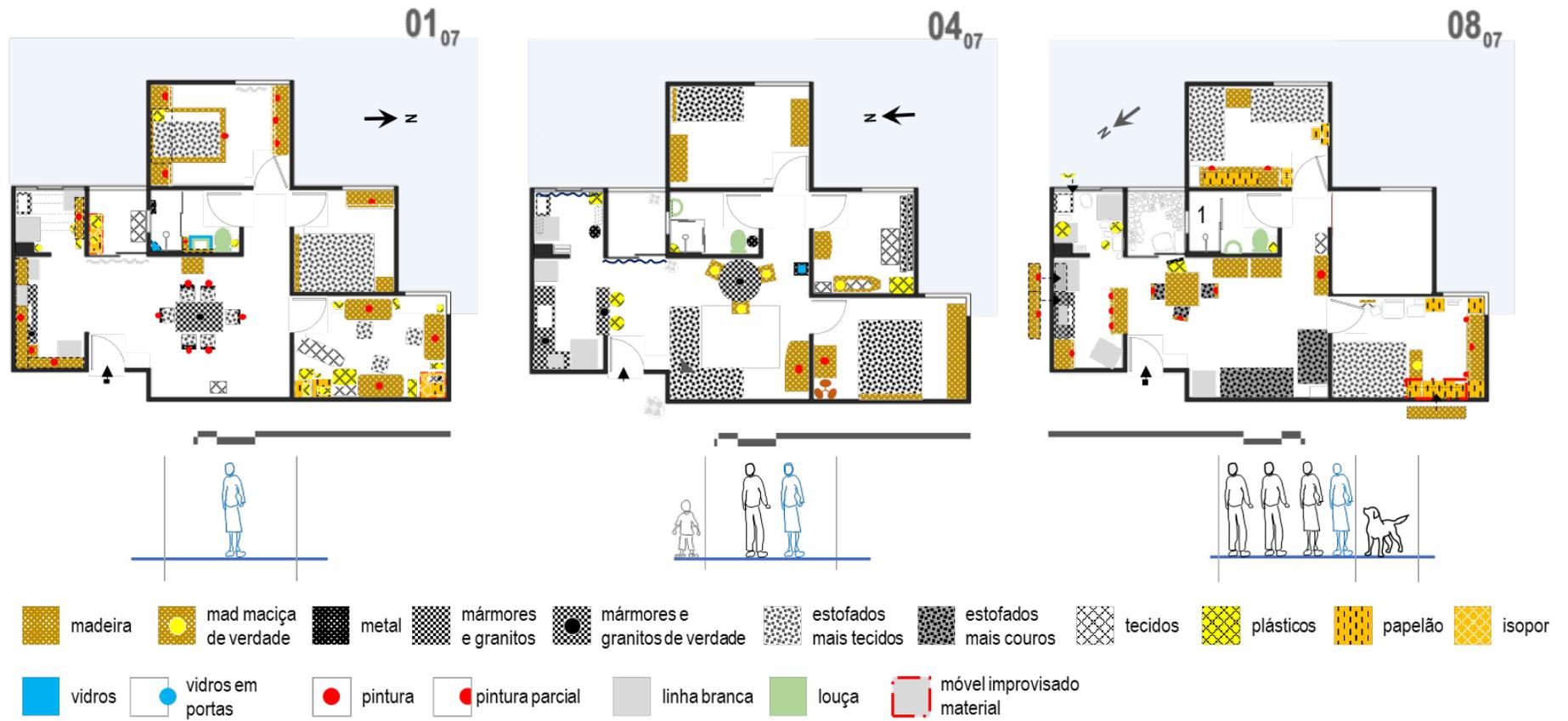


Fig. 171 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 7 (aparência dos materiais) e os moradores de cada UH. Predominância dos estofados, seguido pela madeira com pintura. Pouco vidro. Granito nas UHs 1 e 4, pouco na 8. Muitas caixas de papelão na UH 8. Elaboração da autora.

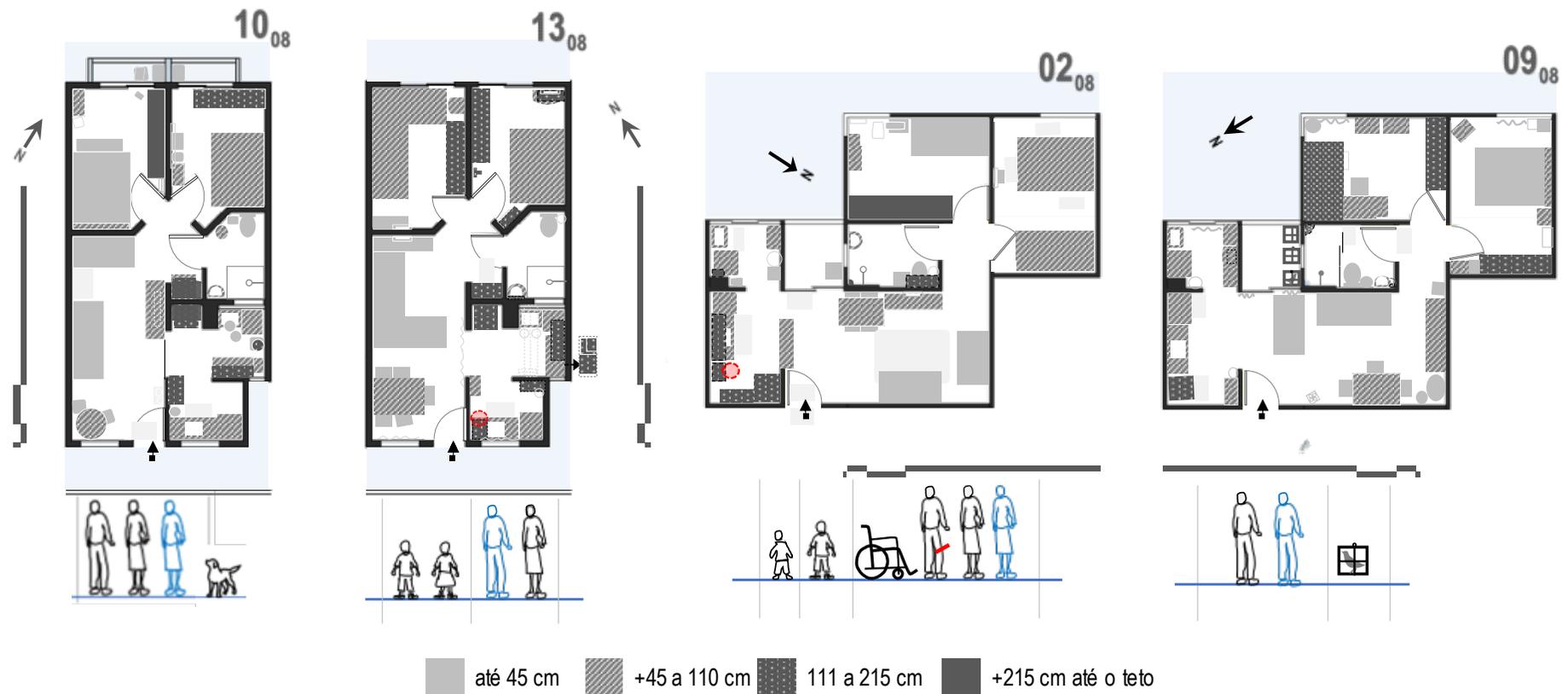


Fig. 172 – Viela da Paz e João Cândido, dois quartos, compilação mapas 8 (altimetria dos materiais) e os moradores de cada UH. Predominância dos móveis no intervalo +45 a 110 cm. Notar camas box nessa faixa, altura acima do recomendado para assentos (até 45 cm). Micro-ondas posicionados acima do recomendável (UHs 13 e 2). Poucos armários até o teto. Elaboração da autora.

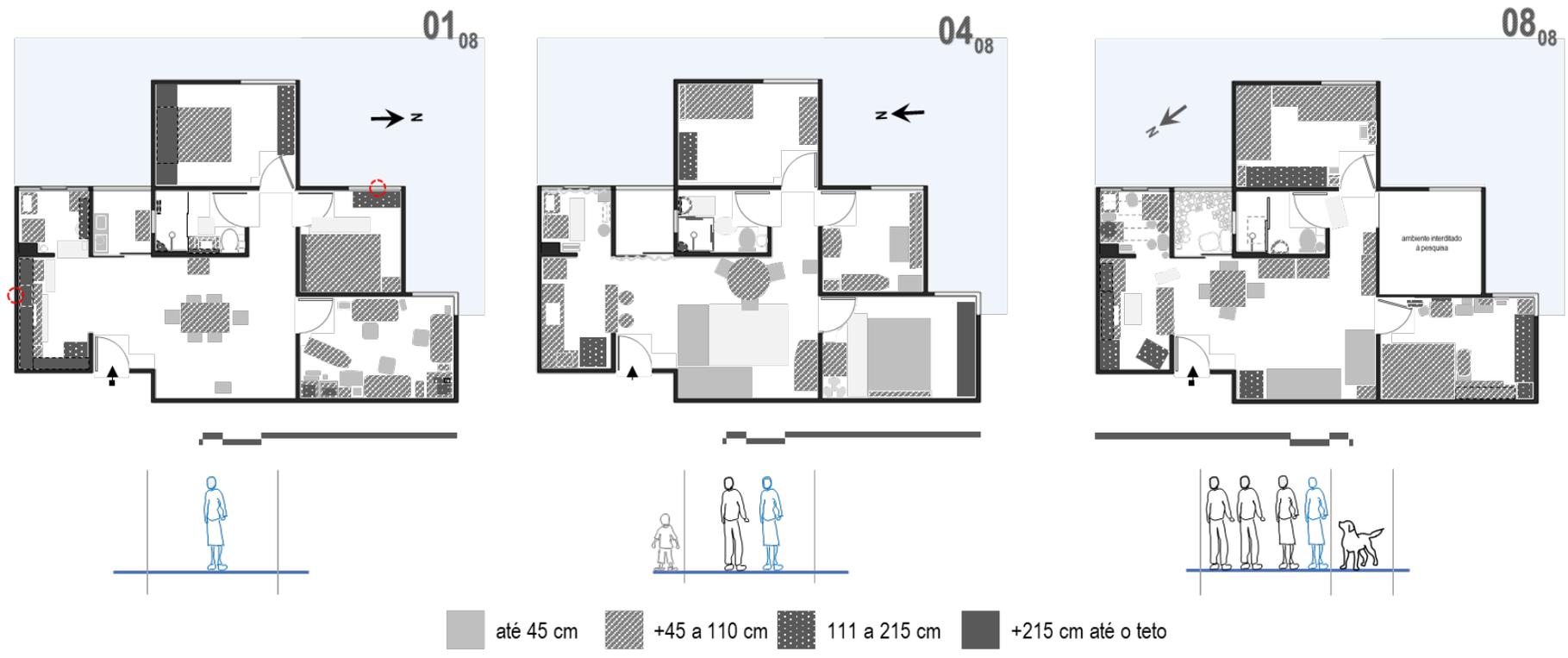


Fig. 173 – João Cândido, três quartos, compilação mapas 8 (altimetria dos materiais) e os moradores de cada UH. Mesmas características da compilação anterior.

11. SOBRE PERSONALIZAÇÕES

Usuários de HIS são pessoas que, como todas, promoverão mudanças em suas casas sempre que puderem, tiverem vontade ou recursos para isso, independente de nelas existirem problemas materiais ou falhas projetuais. Afinal, “**só habitamos quando construimos**, concreta e metaforicamente”, escreve Rozestraten (2019, p. 32,), definindo o campo simbólico do habitar como uma tríade que envolve “duração, relação e ação” transformadora, que “concebe, que constrói, logo, que é estética e construtiva, ou, em outras palavras: tectônica”. Ou seja, o registro de reformas efetuadas pelos moradores nas UHs não deve, por si só, ser utilizado como evidência de inadequação da habitação, sem levar em conta a pulsão para personalização envolvida no ato de morar. Durante o tratamento dos dados da pesquisa, tentou-se, sem sucesso, estabelecer relações diretas entre as falas dos usuários nas entrevistas e suas ações nas moradias, compilando-se suas menções a desejos, elogios e reclamações e comparando a reformas ou a “desobediências” (subversões de usos). O resultado em gráfico mostrou que a moradora que mais efetuou obras no seu apartamento (nº 4), o fez porque provavelmente teve os recursos financeiros, não porque tinha reclamações: “o espaço daqui hoje, pra mim, que hoje só tá eu e o meu filho, pra mim tá ótimo, não tem o que reclamar não”, declarou Carolina (2017, informação verbal¹³⁹), que mora num apartamento de três quartos, no JC. Já M^a Francisca (2015, informação verbal¹⁴⁰), moradora com mais dois adultos e duas crianças na UH de dois quartos no mesmo JC, é a que mais reclamou do apartamento, mas fez pouquíssimas mudanças: “ideia eu tenho, mas não tenho tempo entendeu?” (irônica, usa o termo “tempo” em lugar de “dinheiro”). (Gráfico 1).

¹³⁹ In: 4. Carolina, 2017_entrevista vídeo (ver Apêndice).

¹⁴⁰ In: 2. MFrancisca, 2015_entrevista vídeo1 (ver Apêndice).

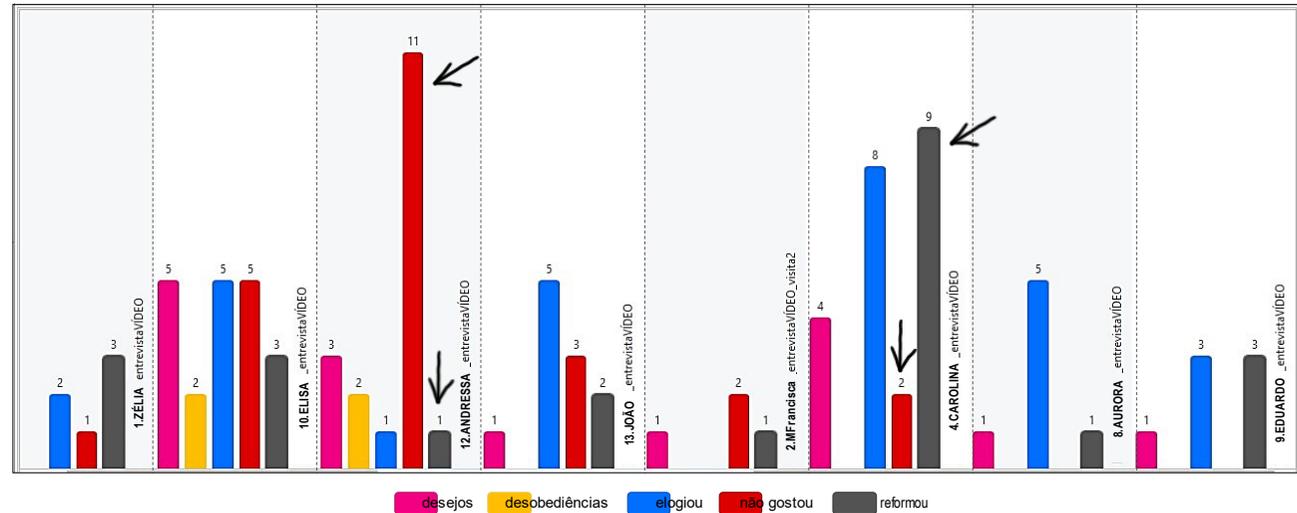


Gráfico 1 – Desejos, elogios e reclamações dos usuários, versus reformas em suas UHs. Elaboração da autora (aplicativo ATLAS.ti).

No caso das moradias pesquisadas, apartamentos construídos em alvenaria estrutural, não há possibilidade de ampliações ou reformas quanto ao espaço arquitetônico em si, de modo que as intervenções possíveis se resumem principalmente a mudanças em acabamentos e em pontos de água e luz. As unidades do Viela da Paz foram entregues com piso apenas nas áreas molhadas, deixando aos usuários a incumbência de suprir o restante na sala e dormitórios, o que confere diversidade de resultados, todos dentro do universo das cerâmicas, contudo. Houve sobreposição de piso novo sobre o piso existente em um apartamento inteiro do VP e um banheiro do JC. Troca do revestimento cerâmico das paredes de cozinhas e banheiros foi frequente, todos com barrados decorados¹⁴¹. Registrou-se também investimentos

¹⁴¹ No caso do JC, parte dessas mudanças pode ser creditada aos problemas de execução da obra, que demandaram reparação, por parte da construtora, dos revestimentos cerâmicos de piso e parede em muitos apartamentos, aproveitados pelos moradores para comprar produtos do seu gosto.

em mudança de cores nas pinturas de paredes, uma parede de sala revestida com cerâmica imitando tijolo aparente, molduras de gesso em tetos, novos pontos de TV e luz (arandelas, embutidos).

Nas cozinhas do JC foram observadas trocas e ampliações (em L) das bancadas de pias, mas as dimensões reduzidas da cozinha do VP não permitem qualquer ampliação desse tipo. Exceto pelo expediente de ocupar a lavanderia com móveis “de cozinha” (ver mapas 5), a configuração arquitetônica do setor cozinha/lavanderia do VP torna praticamente impossível contornar a falta de espaço tanto de bancadas para trabalhar, quanto a fragmentação espacial da posição dos equipamentos, que gera grande espaço perdido para circulação¹⁴².

As reformas que se referem a banheiros, de ambos residenciais, poderiam ter sido evitadas em termos projetuais. O lavatório do VP, localizado em nicho fora do banheiro, teve rejeição unânime, como já visto¹⁴³. Pode ter contribuído para tal o fato de o nicho ter sido entregue sem ambientação que lembrasse um lavabo – sem revestimento cerâmico nas paredes, a pia simples, de coluna, sem bancada, parecendo o que era: uma pia de banheiro, fora do banheiro, aberta para a sala. Mas argumento robusto para a não aceitação da proposta foi levantado pela moradora Elisa (nº 10): após o uso do vaso sanitário, deve-se higienizar as mãos antes de tocar em maçanetas, ou seja, antes de sair do banheiro. As dimensões do

¹⁴² Ver Fig. 22 – Setorização Social, Íntimo, Serviços, dos espaços projetados para as UHs do JC e VP.

¹⁴³ Rejeição confirmada pela Arquiteta da Sehab, Isabella Ventura (2019_entrevista áudio. “Das reclamações que eu mais escuto: a pia do lavabo, é uma unanimidade [*risos*]; a falta de espaço para armário da cozinha; a questão do fogão de seis bocas, que até dá pra colocar [de lado] mas prejudica muito o espaço da cozinha”.

banheiro permitiram a introdução da pia, embora com espaço mínimo¹⁴⁴ para a atividade, com o desconforto de uma lateral encostada na parede podendo ser agravado se houver instalação de box no outro lado – além do prejuízo do banheiro enquanto espaço adaptado a cadeirantes. Já o banheiro do JC não propunha mudança em costumes, mas alguns moradores não hesitaram em realocar lavatório ou vaso sanitário para aumentar a área de box, em operações mais trabalhosas do que as demandadas pela transferência da pia do VP, onde usa-se os mesmos pontos de entrada e saída de água, passando apenas extensões de canos pela parede para o lado de dentro do banheiro. Para as mudanças no JC é necessário abrir novos pontos hidráulicos e furação de laje.

Para os banheiros, ver (Figs. 174 e 175); pinturas nas paredes, ver (Fig. 176).

¹⁴⁴ O espaço livre no banheiro para essa pia tem aproximadamente 52 cm de frente entre uma parede e o início da área para banho, todos sem box à época da pesquisa. Boueri Filho (2008, p. 13) define 90 cm como o mínimo para essa medida de uso de lavatório; LNEC (2011, p. 76) a estabelece em torno de 70 cm.



Fig. 174 – VP, pia fora do banheiro (à esq.) e pia internalizada, com piso e paredes personalizados. Fotos da autora.

Fig. 175 – JC, banheiro original (à esq.) e banheiro com box ampliado, reposicionamento e substituição da pia, piso personalizado. Fotos da autora.



Fig. 176 – Personalização paredes. JC, pintura figurativa feita pela moradora (à esq.); VP, quarto verde de morador palmeirense (ao centro); JC, quarto azul, molduras brancas no teto, detalhe da sala verde ao fundo. Fotos da autora.

12. ARRANJOS E ARQUITETURA

A pequena seleção de moradias pesquisadas não permite conclusões generalizáveis, ainda que no seu recorte “HIS, RMSP, condomínios verticalizados”. A compilação que se fará a seguir deve ser lida enquanto pontos que se destacaram entre os dados coletados, correndo risco anotado em capítulo anterior desta tese¹⁴⁵:

A procura por simplificação, acurácia e a desejável exclusão de ambiguidades **na comunicação** não devem ser confundidas com “exclusão das ambiguidades **do objeto** comunicado”, na qual “se substituem as contradições com uma imagem não-conflituosa, uma representação sistematizada, em outros termos, uma coerência fictícia, purificada de contradições: um modelo” (LEFEBVRE, 2000, p. 18, grifo nosso, tradução nossa).

As paisagens domésticas observadas podem ser descritas como compostas, majoritariamente, por objetos recentes, alguns comprados especialmente para a nova moradia, o que significa que são os produtos representativos do mercado moveleiro contemporâneo brasileiro. Não se carregam memórias como os “móveis da família”, apenas alguns de moradias anteriores, pós-imigração para a metrópole – com a tendência de serem substituídos por novos quando possível. A maior parte do espaço deixado livre entre os móveis e equipamentos atinge os 60 cm de largura recomendados para circulação, com trechos estreitados e inadequados principalmente nas extremidades dos trajetos, com mais incidência nos dormitórios e cozinhas, e com mais intensidade nas moradias de menor dimensão, onde ocorrem estreitamentos também no meio dos trajetos – considerados mais problemáticos, como já dito, porque significam interrupções na fluidez de movimentos e ações.

¹⁴⁵ Cf. Cap. 4.2. **A cartografia, uma aproximação teórica.**

Nos dormitórios aparecerão as camas¹⁴⁶ box com alturas maiores ou iguais a 60 cm e sem cabeceiras, as sapateiras verticais de zíper, TVs em painel na parede, guarda-roupas com profundidades menores que 50 cm e comprimentos entre 180 e 200¹⁴⁷ cm, mais alguma cômoda ou rack ou mesa de cabeceira com gavetas, em arranjos que acarretarão algum bloqueio parcial de janela, de abertura de porta do quarto ou de armário. Parte desses conflitos e os referentes a espaços necessários para as atividades têm origem na configuração arquitetônica dos espaços – plantas retangulares com posicionamento de portas e janelas que impossibilitam paredes contínuas com dimensões suficientes para acomodar os guarda-roupas dos moradores (como visto, no geral mais compridos do que os 150 e 160 cm sugeridos pelas normas seguidas pelos projetistas), principal fator multiplicador de conflitos nos dormitórios.

Fazendo um exercício, chegou-se a um retângulo mínimo de 260 x 330 cm necessário para acomodar os móveis imprescindíveis¹⁴⁸ para quartos de casal e duplo de solteiro – medida maior do que os do VP¹⁴⁹ (240 x 300 mais espaços residuais) e menor do que dois dos dormitórios do JC (260 x 360 e 260 x 395), os quais também mostraram conflitos em campo, no entanto.

Abaixo, os estudos referentes às plantas dos quartos – o citado “retângulo mínimo”, sua adaptação para a configuração do VP com portas em 45°, e seus limites (Fig. 177).

¹⁴⁶ Beliches e bicamas são raros nos quartos, assim como cadeiras e escrivaninhas.

¹⁴⁷ Com extremos de 120 e 243,0 cm, ambos na moradia n° 4.

¹⁴⁸ Guarda-roupa, camas, algum móvel de cabeceira.

¹⁴⁹ Utiliza-se para o estudo o retângulo possível de ser inscrito na planta irregular do quarto da UH do Viela da Paz.

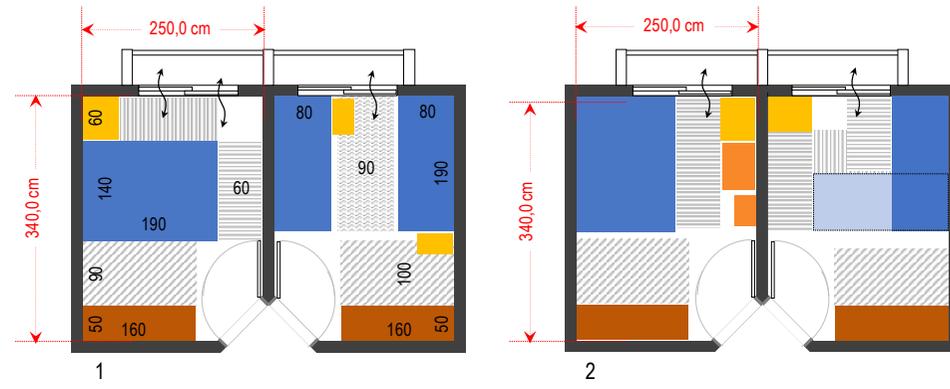
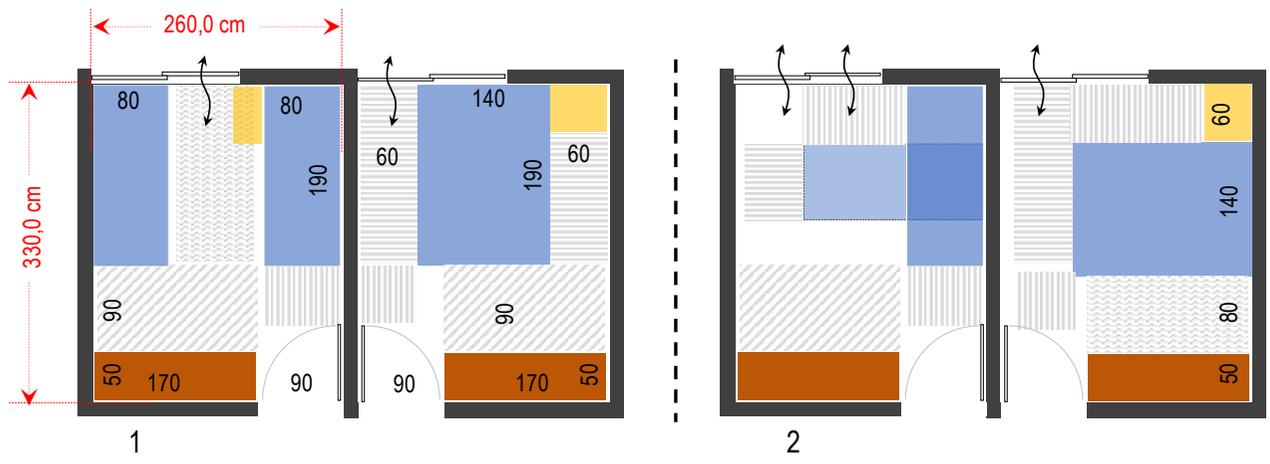
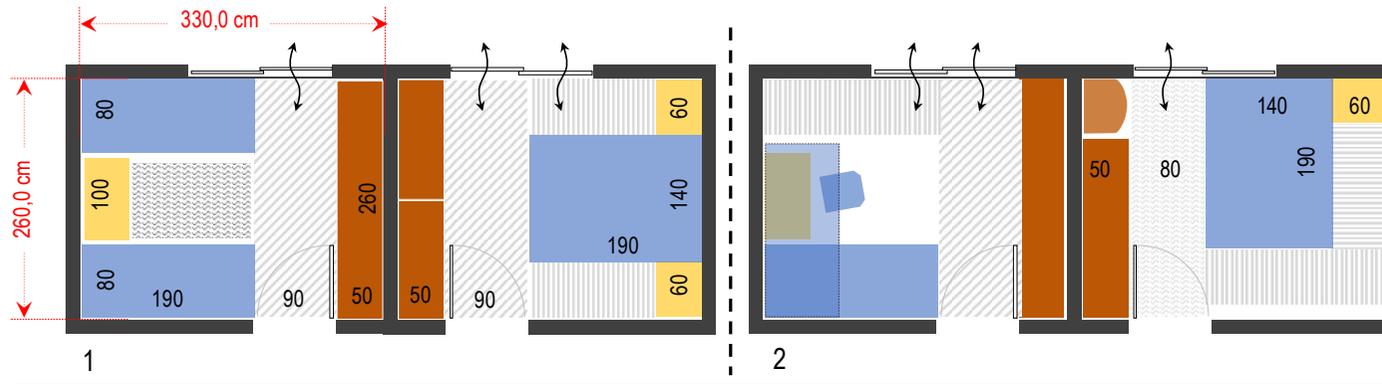


Fig.177 – Estudo para dormitórios VP – de 240 x ~300 para 250 x 340 cm seria a ampliação necessária para comportar apropriadamente camas de casal ou de solteiro em pelo menos uma configuração. Deslocando-se a porta-balcão para permitir o encosto de uma cama de 80 cm de um dos lados, previne-se o bloqueio de ambas as folhas, em arranjos diversos dos móveis. Essa medida, no entanto, não comporta camas em posicionamentos diferentes sem prejuízo espacial: a de casal teria que encostar na parede, e as de solteiro só caberiam em formatos de beliche (opção 2). Apesar de atender às normas, o espaço para o guarda-roupa continua limitado a 160 cm, mostrados como insuficientes para os móveis dos usuários pela pesquisa em campo. Elaboração da autora.

Não se trata aqui de tentativa de “consertar” esses projetos dos residenciais pesquisados e os efeitos colaterais das mudanças propostas, mas, sim, da procura pelas razões concernentes às configurações de ambos que geraram ou não evitaram os conflitos encontrados em campo. A questão das dimensões mínimas necessárias, não atingidas pelo VP, é importante, mas não suficiente, visto que mesmo nos quartos maiores do JC houve problemas para os arranjos dos moradores por causa de posicionamento de portas e janelas.

Ainda dentro do estudo do retângulo mínimo de 260 x 330 cm, além de permitir flexibilidade no posicionamento das camas, procurou-se assegurar e tornar reconhecível parede maior para localizar guarda-roupas, e essa simples função só foi possível no retângulo posicionado transversalmente em relação à sua entrada. Quando a simulação posiciona o mesmo quarto na longitudinal, a qualidade possível dos arranjos diminui (Figs. 178 e 179)



Os estudos acima ainda transitam em escopo restritivo ao não considerar que os usuários possam querer camas de solteiro com 90 cm de largura, tão usuais, ou que suas camas tenham estrutura de madeira, cabeceira, peseira, que ocupam até 7 cm a mais em relação às medidas dos colchões, ou que seus guarda-roupas tenham profundidade perto de 60 cm, mais confortáveis para suas roupas – condicionantes que elevariam a qualidade do espaço oferecido pelo projeto e, claro, elevariam as medidas para 274 x 347 ou 424 cm, assegurando-se flexibilidade para posicionamento inclusive das duas camas de solteiro. Note-se ainda que essas medidas se referem a simples estudos preliminares e que a configuração mais favorável continua a da Figura 178 (o retângulo na transversal em relação à porta de entrada).

Nas cozinhas, o conjunto geladeira, pia, fogão e micro-ondas é a base. As pias são pequenas¹⁵⁰ (120 cm de comprimento) e seus gabinetes, de madeira reconstituída e pés tubulares metálicos redondos, comprados “prontos”, têm duas portas e três ou quatro gavetas. Os complementos das “cozinhas modulares” ou “compactas”, como são chamadas nas lojas – balcão, paineleiro e aéreos sobre geladeira e pia¹⁵¹ – foram vistos na pesquisa em conjuntos completos principalmente nas versões em metal, alguns de modelos antigos. Mas podem ser encontrados modelos diferentes entre si no mesmo ambiente, dada a versatilidade oferecida pelo mercado e a efetividade dos módulos em se adaptar a configurações espaciais e a necessidades diversas dos usuários, como os paineleiros (armários altos, fechados com portas), “torres forno” (armários altos, com um nicho aberto para micro-ondas), fruteira “de chão”

¹⁵⁰ No VP, essa providência é impossível, mas no JC houve três moradores que trocaram a bancada da pia, ampliando com granito, em L – parte deles justamente os que ainda não haviam providenciado gabinete, forçosamente a ser feito sob medida.

¹⁵¹ Somente uma UH tinha armário aéreo sobre o fogão.

(pequenos balcões com bandejas aramadas para frutas, também usados como apoio para micro-ondas no tampo). Os armários aéreos de fabricação mais recente podem ter combinação de nichos abertos e fechados, portas com vidro e portas basculantes com articulação e amortecedor, aproximando-se de suas versões para as classes sociais mais abastadas. A pequena superfície de trabalho da pia é parcialmente compensada por balcões com portas e gavetas, que, quando utilizados como separação entre sala e cozinha, mostram para um dos lados o fundo com acabamento precário, projetado para encostar em paredes, não para ser visualizado. Todas as superfícies dos móveis são povoadas por utensílios, eletrodomésticos, mantimentos, espalhando-se por vezes até as mesas de jantar. A maior parte dos micro-ondas será posicionada em altura adequada, sobre bancadas, torres de forno ou fruteiras de chão, mas parte será colocada alta demais, em prateleira acima da pia¹⁵².

Abaixo, combinações diversas de módulos nas cozinhas (Fig. 180).

¹⁵² Prever nos armários aéreos, em altura inadequada, um nicho para o micro-ondas é solução frequente mesmo em móveis “planejados”.



1

Ref. 2.MFrancisca, 2019_vídeo



2

Ref. 8.Aurora, 2018_vídeo



3

Ref. 10.Elisa, 2019_vídeo

Fig. 180 – Módulos “cozinhas compactas” em diferentes combinações: 1. Balcão, paineleiro e aéreo sobre pia, de metal, conjunto mais antigo; 2. Balcão, paineleiro e aéreos sobre pia e fogão com portas basculantes e nichos abertos, madeira reconstituída, conjunto mais recente; 3. Torre forno e balcão com aéreo, portas de vidro e nicho aberto, modelos recentes de fabricações diferentes, módulos separados, distribuídos entre cozinha e lavanderia, no VP. Fotos da autora.

Depois dos dormitórios, a cozinha foi o cômodo que mais apresentou conflitos nos arranjos, que se deram pela proximidade excessiva entre móveis ou equipamentos, frente a frente ou em L, em espaços estreitos, projetados para atividades “em linha” – situação que se repete em menor grau nas lavanderias, sendo que em algumas, pela presença de um equipamento não previsto em projeto, o “tanquinho”, máquina extra de lavar roupa (considerado mais econômico e eficiente, segundo as entrevistas). Nas moradias pesquisadas, esses espaços estreitos variaram de 151 cm (cozinha do VP) a 180 (cozinha e lavanderia do JC) e 185

(lavanderia do VP), o que sugere que são larguras insuficientes para prevenir esse tipo de conflito¹⁵³, já que não há como coibir essa formatação de arranjo por parte dos usuários.

A partir de uma modulação simples de maneira a posicionar dois móveis e/ou equipamentos frente a frente, imaginou-se 60 cm de cada lado e 80 cm entre eles, resultando em 200 cm. Essa medida acomoda apropriadamente algumas combinações possíveis – como uma geladeira de maior profundidade de 70 cm, por exemplo, frente a um armário de 40, separados pelos 90 cm necessários como espaço de atividade para a geladeira. Além do aumento da largura, demarcar e posicionar claramente, como nos guarda-roupas dos quartos, locais para armazenamento que mantenham o layout frente a frente, poderia evitar os arranjos em L, que nesses espaços “corredores”, são potencialmente criadores de conflitos, agravados quando os componentes têm profundidades diferentes, gerando espaços insuficientes para abrir portas e gavetas frontalmente, e dificuldade para acesso ao interior dos cantos dos armários fechados. Móveis sofisticados para esse tipo de conformação fazem uso de ferragens especiais, prateleiras giratórias, corrediças de extração de gavetas ou aramados de canto¹⁵⁴, mas os móveis populares propostos são apenas módulos encostados entre si em ângulo reto, sem ao menos comunicação dos espaços internos no canto para facilitar acesso.

Abaixo, estudo adaptando-se a largura de 200 cm ao JC e VP (Fig. 181), lembrando novamente que se trata de simples estudo exploratório, que não considera os efeitos colaterais no restante dos projetos.

¹⁵³ No JC a cozinha é quase totalmente aberta para a sala, com apenas um pequeno espaço confinado, uma parede curta (~90 cm de comprimento) logo na entrada, que forma o canto da geladeira. Já no VP a inadequação é agravada pela largura e comprimentos menores, sobrecarregando também a lavanderia com móveis que não couberam na cozinha.

¹⁵⁴ “Canto Mágico Articulado”, anuncia o vendedor de uma dessas ferragens.

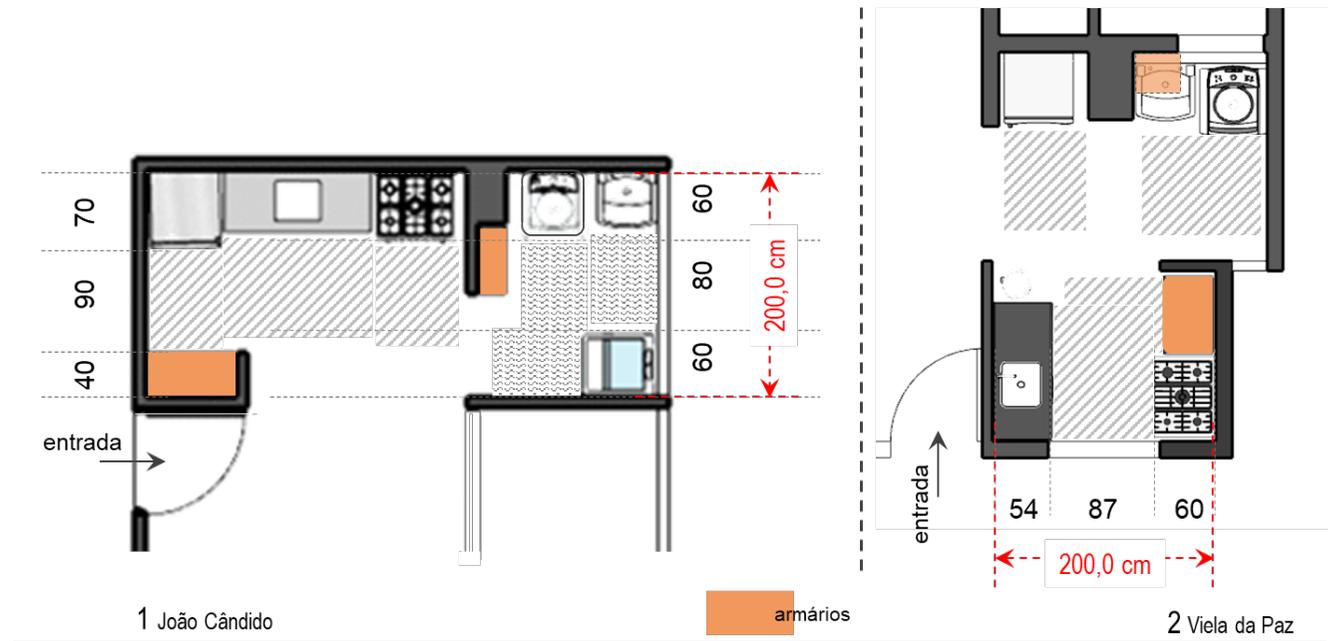


Fig. 181 – **Cozinhas e lavanderias, simulação** para aumento da largura de 180 para 200 cm no JC (1) e de 190 para 200 cm no VP (2). Foi possível indicar claramente o lugar de armários e induzir a configuração frente a frente dos outros móveis dos usuários. Na cozinha do JC, a paredinha lateral do armário serve de encosto para eventual bancada divisória, sem conflito com abertura de porta de geladeira, como no layout original. Na cozinha do VP, inverteu-se o sentido dos móveis para longitudinal e, apesar do resultado um pouco menor do que 90 cm no espaço entre móveis, houve acréscimo de área disponível para armário e espaço para fogão de seis bocas. Elaboração da autora.

Apesar das dimensões reduzidas e do pouco espaço que lhes sobra depois dos tanques e lavadoras de roupa, as lavanderias, contíguas às cozinhas, podem ser consideradas os cômodos mais **multiuso** nas UHs observadas, numa liberdade outorgada pela necessidade e talvez por sua baixa importância social dentro da moradia – um espaço privativo de trabalho, sem demanda por aparência a cumprir. Concomitante às funções de lavanderia, algumas abrigam móveis de uso das cozinhas, de guarda de calçados, roupas e mochilas de trabalho, podem ser depósito de objetos quebrados ou em desuso, podem

ter seus tanques usados como equipamento extra para higiene pessoal ou para lavar louça, local de criar pássaros em gaiola. Em todas há baldes e bacias empilhados por cima de tanques e lavadoras e no chão, junto com produtos de limpeza, em congestionamento de objetos agravado quando nas lavanderias menores do VP – varais de teto combinados com varais dobráveis de piso e pequenos varais móveis redondos, cestinhas de plástico, sacos de tecido, vassouras, lixeiras, pazinhas, escadas dobráveis. Há roupas nos varais, mas a proximidade com a cozinha gera conflitos entre roupas secando e frituras, por exemplo, como reclamou uma moradora, por isso a opção de muitos pelos varais de piso, que podem ser colocados nas varandas, balcões e mesmo em quartos¹⁵⁵. O projeto do JC prevê uma porta de correr para isolar a lavanderia quando necessário, mas isso não foi efetivado na construção e seria um fator a prejudicar a ventilação e iluminação da cozinha, que não tem janela própria.

Abaixo, compilação de fotos com vistas e detalhes das lavanderias pesquisadas (Fig. 182).

¹⁵⁵ Máquinas de lavar e secar roupa poderiam resolver o conflito da proximidade com a cozinha e diminuir a necessidade de espaço e utensílios para a atividade (baldes, varais), à maneira das lavanderias dos apartamentos e estúdios de pequena dimensão ofertados atualmente para as classes médias, mas é opção cara, que ainda não chegou nas moradias populares. Registre-se, todavia, que é solução que pode ser refutada à luz de questões ambientais: como prescindir da energia gratuita do sol num país tropical?



Ref. 1. Zélia, 2015_video



Ref. 2. MFrancisca, 2019_video



Ref. 4. Carolina, 2017_video



Ref. 5. MLuana, 2018_video



Ref. 6. Mariana, 2018_video



Ref. 7. Alcía, 2018_video



Ref. 8. Aurora, 2018_video



Ref. 9. Eduardo, 2019_video



Ref. 10. Elisa, 2019_video



Ref. 11. Marlene, 2019_video



Ref. 12. Andressa, 2019_video



Ref. 13. João, 2019_video

Fig. 182 – Lavanderias dos apartamentos pesquisados, espaços multiuso. Vistas e detalhes. Fotos da autora.

As salas são o maior cômodo das UHs e, apesar de desempenharem várias funções, de ligação entre os setores de serviço e íntimo das moradias, além de espaços para refeições e estar, registram poucos conflitos¹⁵⁶ quanto à circulação e aos espaços de uso dos móveis, pois a rigor são mobiliados com poucos elementos – três a quatro peças, considerando mesa de jantar e cadeiras como um conjunto só. No geral as mesas de jantar serão retangulares, para quatro lugares e terão diversidade de materiais construtivos – desde inteiramente de madeira à estrutura metálica com tampo de madeira, vidro ou granito. As cadeiras também podem ter estrutura de madeira ou metal, mas os assentos serão na maioria estofados, de pouca espessura. O conjunto de estar será composto majoritariamente por dois sofás (estofados), mais aparador ou rack (madeira reconstituída), e televisão fina apoiada sobre eles. Quase todas as salas terão cortinas e poucas terão tapetes. Com menos incidência, observou-se mesas de jantar com tampo redondo, televisões em painel, sofás de canto. Não são claras as tendências dominantes quanto à formalidade ou informalidade dos arranjos, salas “para visitas verem” ou salas “em uso pelos moradores” – os dois tipos podem ser encontrados (Fig. 183).

No JC, as varandas são extensões das salas, mas são usadas para secagem de roupa, depósito, estocagem de embalagens para reciclagem, gaiolas com pássaros. Algumas ficam vazias, à espera, segundo as entrevistas, de equipamento para lazer: “bem legal, se quiser fazer uma churrasqueira né, que não faz fumaça essas coisas, dá pra usar ... eu ainda não usei né, mas qualquer hora eu pretendo” (Carolina, 2017, informação verbal¹⁵⁷). A ocupação de caráter menos provisória observada nas varandas foi a com plantas naturais, algumas em volume expressivo, como se fossem pequenos quintais. Nos

¹⁵⁶ Conflitos normalmente relacionados à proximidade entre sofás e espaço insuficiente para as pernas de pessoas sentadas.

¹⁵⁷ In: 4. Carolina, 2017_entrevista vídeo (ver Apêndice).

balcões do VP, que são extensões dos quartos e de dimensões menores, o uso também é para secagem de roupas, depósito de objetos (sapatos, brinquedos) e contemplação da mata existente em frente, no terreno do Cemitério da Paz.

Banheiros, porque projetados para parâmetros de acessibilidade, foram considerados grandes demais pelos usuários e não apresentaram conflitos espaciais, sendo apenas personalizados, como já descrito. Mesmo satisfeitos, se pudessem escolher, alguns entrevistados prefeririam que o espaço “extra” do banheiro fosse acrescentado à cozinha, por exemplo.



Ref. 11.Marlene, 2019_vídeo



Ref. 7.Alicia, 2018_vídeo



Ref. 13.João, 2019_vídeo

Fig. 183 – As salas são compostas basicamente por três conjuntos de elementos: sofás; mesa de jantar e cadeiras; estante, rack ou aparador

12.1 Insurgências

Dentre a pequena seleção de treze moradias pesquisadas, duas se destacaram por singularidades tais que sua presença tornava difícil a análise das compilações nos capítulos 9 e 10. Foram retiradas, portanto, mas serão comentadas a seguir, pois a pesquisa entende que mesmo as referências fora da “média” são importantes, para superar “paradigmas de homogeneidade” (Nascimento, 2021, informação verbal¹⁵⁸). A moradia **12** (Andressa) foi mapeada por completo, apresentada no capítulo **8.7** e se caracteriza pela improvável combinação de ser a mais populosa e com mais área livre entre todas da pesquisa. São dez moradores, dois adultos e oito filhos, dormindo em quatro leitos. Observou-se que, apesar dos seis jovens que dormiam dois a dois em cada “andar” de um treliche no quarto dos filhos, a quantidade de roupas e pertences acondicionados em sacolas não era grande, quase como se prescindissem do guarda-roupa que não existia, segundo a moradora, para deixar o espaço mais livre. Também sem guarda-roupa, o segundo quarto era mais atulhado de móveis – a cama de casal, um gaveteiro, uma cômoda, sacolas e mala acondicionando as roupas do casal e dois filhos menores. As refeições da família são feitas no sofá, cada um com seu prato na mão – restando um grande espaço livre sem mesa de jantar e cadeiras na entrada da sala, para as crianças brincarem, conforme declarou o marido. Outra particularidade foi o uso improvisado da folha da janela basculante do banheiro mantida na horizontal como prateleira, carregada de grandes caixas de isopor. A precariedade material da família se mostra também na procedência dos seus objetos, sendo a moradia que aparece com mais móveis “doados de segunda mão” e “catados” (os

¹⁵⁸ (Cf. Cap.2 desta tese) Flávia Brito do Nascimento (2021). *In*: Seminário Internacional História da Habitação Social na América Latina, Mesa 08, 14/10/2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HH7P26Vvgz0>. Acesso em 05/05/2022.

roxos no mapa 6). Apesar da pesquisa evitar juízos de valor, é inegável a eficiência na organização desse espaço coletivo, a despeito dos mais que prováveis desconfortos individuais.

A moradia **6** (Mariana) caracteriza-se por guardar no quarto menor, corredor e parte da sala um grande acervo de móveis e equipamentos de um restaurante que o casal mantinha. Mariana, 64 anos, divide o apartamento com o marido, 56 e o sogro, 93 anos, além de gato, duas gaiolas grandes com pássaros, que, atrapalhando a circulação, ficam no chão, próximos à luz natural da varanda e de muitas plantas. Seu apartamento é a própria definição da superposição de objetos passados e presentes, e ela, durante a vídeo entrevista, pediu as desculpas protocolares pela bagunça (que todos os outros pesquisados pediram também) e não fez menção a que houvesse alguma providência em andamento para “consertar” a situação, na qual vive naturalmente. Seus móveis são mistura eclética de tempos e estilos diversos. De aquisições recentes, como a bancada da cozinha com desenho usual na indústria moveleira atual, a móveis que coincidem com a descrição de Franco (2010, p. 154) como característicos da década de 1960: “Dormitório em madeira maciça e revestido com lâmina Imbuia.” No seu quarto, o conjunto de guarda-roupa, mesas de cabeceira e cômoda, comprado há mais de 40 anos, segundo seu depoimento, tem laterais e portas com quadros de madeira maciça, pés torneados, apliques torneados ao modo de “colunas” nas extremidades, e o guarda-roupa tem maleiro sobreposto. Do ambiente doméstico de Mariana foi feito somente o levantamento dos objetos e seu zoneamento nos mapas 4 e 5, sem que as técnicas de medições utilizadas pela pesquisa pudessem ser efetivadas, dada a complexidade dos arranjos nos ambientes.

Ver miniatura do mapa 4 e vista da sala (Fig. 184) abaixo. Para exemplos de seus móveis, ver (Fig. 185).

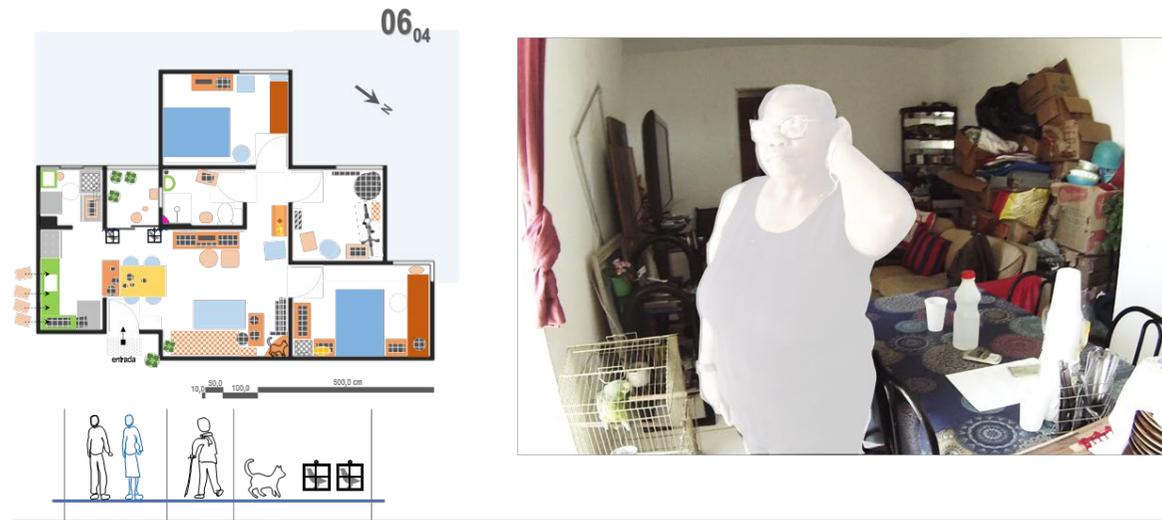


Fig. 184 – Moradia Mariana, mapa 4. os objetos (à esq.) e vista da sala com depósito ao fundo e à direita

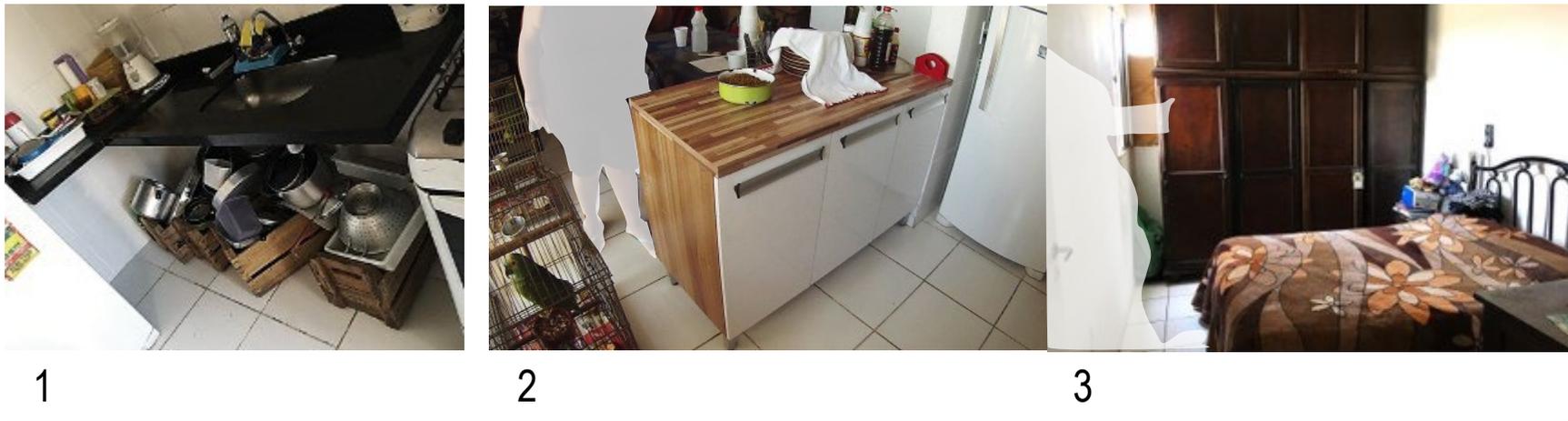


Fig. 185 – Moradia Mariana, pia cozinha e panelas em baixo (1); balcão cozinha modelo recente (2); guarda-roupa anos 60 (3)

12.2 – Alguns móveis a estudar

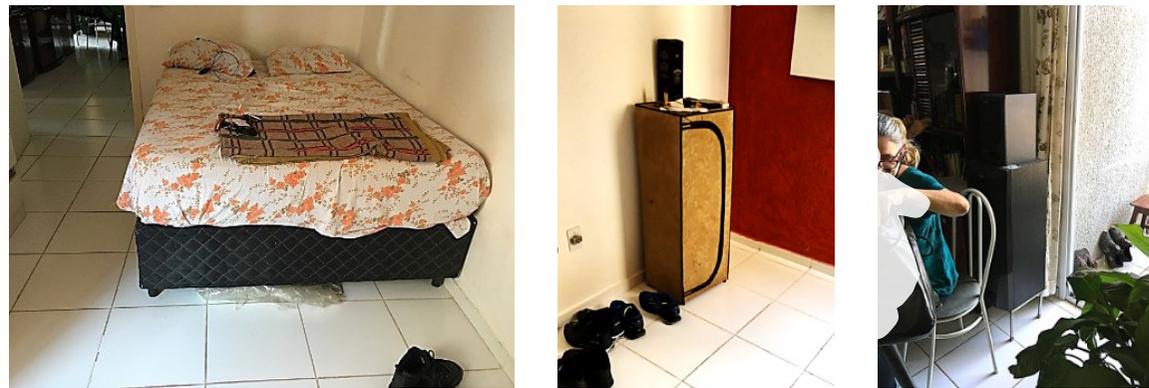
Este capítulo destina-se simplesmente a anotar alguns tipos de móveis presentes nos ambientes domésticos pesquisados, que chamaram a atenção da pesquisa por motivos diversos e cuja análise – que não será feita neste momento – seria pertinente para o entendimento das qualidades que os tornam consumidos

O primeiro deles é a **cama box**, já comentada anteriormente, que aparentemente está se tornando hegemônica nos domicílios, apesar de ser fabricada muito alta, de proporções desfavoráveis aos ambientes pequenos e, nas HIS, nem ao menos se apresentam na versão “com baú”, muito útil enquanto acréscimo de espaço para armazenamento. Há vários modelos, de qualidades e preços diversos, mas não se trata de um produto tão barato que possa justificar o seu sucesso enquanto produto. Uma das pesquisadas declarou que ela seria uma cama confiável estruturalmente – sem “pernas”, mas apoiada em sapatas baixas, haveria menos possibilidade da cama ser danificada durante mudanças. É um bom argumento, mas há que se considerar possível interesse da indústria em direcionar o desenho de muitos móveis para a família dos **estofados**, a exemplo dos pufes e estofados “de centro”, simplificando processos de fabricação para diminuir seus custos. Daí para ter sucesso em se vender como objeto desejável, é negócio puro e simples.

O segundo móvel é a **sapateira de zíper**, bastante presente nas casas, algumas velhas, em mau estado, outras recém adquiridas, sinalizando ser um objeto tradicional. Elas têm uma estrutura de madeira de pontalotes, forrada depois com tecido e, olhando rapidamente, percebe-se que não há um padrão único de acabamento dessa marcenaria, provavelmente porque são muitos os fabricantes, que não precisam ser especializados, talvez pequenas oficinas. Trata-se de um móvel pequeno, de utilidade incontestável,

(tirar a guarda de sapatos para fora dos armários de roupas e, se possível dos quartos, é desejável) mas curiosamente, aparentemente os usuários não têm especial admiração ou apreço por ele, pois sempre que tentou-se obter alguma qualificação do móvel, praticamente não havia retorno, como se houvesse até alguma surpresa pelo interesse da pesquisadora em algo sentido como banal.

O terceiro móvel, presente mas não predominante na seleção pesquisada, é a **cadeira de estrutura tubular, com assento redondo estofado** e encosto formado por dois arcos vazados, um dentro do outro, ao estilo Thonet simplificado, descarregados em linhas retas. Cadeiras presentes nas casas brasileiras há tempos, as mais antigas, muito resistentes¹⁵⁹, tinham estrutura tubular de maior espessura, mais pesadas e seu estofado era mais alto também. Atualmente há variações do modelo e de fabricantes, são mais leves com assento mais fino e são muito consumidas (Fig. 186).



Ref. 7.Alicia, 2018_video

Fig. 186 – Da esquerda para a direita: cama box; sapateira de zíper, cadeira tubular assento redondo

¹⁵⁹ Cadeiras que têm que ser trocadas porque se deterioraram com o uso são reclamação constante. Obter solidez estrutural com metal é mais fácil e rápido do que com madeira.

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer ciência é descobrir as ferramentas, disse uma vez em aula o professor Munari¹⁶⁰ e, neste olhar em retrospectiva, foi essa a própria busca que se impôs desde o início da pesquisa: descobrir ferramentas de representação que dessem conta da complexidade do que se observava em campo – paisagens domésticas que se apresentavam ao olhar de alguém experiente em entrar, analisar e medir residências, mas de outras classes sociais. Aquelas não. Subjacentes no processo, portanto, a curiosidade como motivação e, como objetivo, a diminuição da violenta ignorância interclasses que permeia nossa sociedade; pesquisar e apresentar dados transcritos como signos, símbolos, grafismos, cores, torná-los simultâneos, conhecimento de rápida apreensão, visíveis por qualquer um – assim que se faça conhecer sua legenda.

Por isso, talvez, a ferramenta cartográfica tenha sido desenvolvida com inalcançáveis pretensões de registrar cada elemento do todo que compunha cada paisagem, à maneira dos geógrafos¹⁶¹, para os quais objetos só têm sentido quando em suas relações de sistema.

Para os objetivos próprios desta pesquisa, no entanto, nem todos os dados trabalhados graficamente foram utilizados nas discussões posteriores. Há elementos em alguns mapas que podem ser isolados e combinados com outros em recortes específicos – como os que indicam a composição da população moradora, que tiveram funcionalidade atestada na comunicação das compilações apresentadas. Mas, gráficos como os da proporção de tempo em cada cômodo na vídeo-entrevista, por exemplo, não forneceram informação relevante para a pesquisa, visto que a relação “cômodo em que se ficou mais

¹⁶⁰ Arquiteto Luiz Américo de Souza Munari, disciplina Representações: Imaginário e Tecnologia, FAU, 2016.

¹⁶¹ Milton Santos, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**, Edusp, 2006.

tempo”, geralmente era causada por conversas pessoais que se faziam durante a pesquisa, não pelas esperadas descrições do “cômodo preferido” pelo morador – leituras diversas sobre as informações neles registradas podem ser úteis para outros tipos de pesquisas, no entanto. Os gráficos das rotas de circulação, isoladas sua forma-síntese e deixados já miniaturizados em seus mapas de origem para fácil acesso, foram também subutilizados neste trabalho, mas se mantêm sua promessa enquanto reveladores de possíveis padrões de movimento, vinculados a padrões de arranjos, a depender de base maior de domicílios cartografados. Os mapas mais úteis para a detecção de conflitos espaciais foram a combinação entre os da circulação e da área de uso dos objetos, este último amplamente utilizado – em formatos diversos – nos trabalhos acadêmicos que se dedicam a avaliar qualidade espacial e funcional na habitação. Tenta-se nessa pesquisa, no entanto, sistematizar informações que possam levar à identificação de causas comuns para esses conflitos, para além do conhecido problema dimensional da maioria dos espaços projetados para HIS – lembrando que as moradias aqui pesquisadas, mesmo com áreas maiores do que as médias, também apresentaram problemas em seus arranjos.

O método viabilizou o manejo e apresentação de grande quantidade de dados, de naturezas diversas, formatando o conjunto visual de cada moradia, as quais não poderiam ser descritas por meios apenas textuais. Apesar de desenhadas para legibilidade limitada ao papel tamanho A4, as informações são otimizadas quando da divulgação em arquivo digital, no qual se pode ampliar satisfatoriamente trechos e detalhes desejados. Os formatos e códigos de identificação de cada mapa – suas cores predominantes, numeração de cada assunto e de cada moradia representada – se mostraram eficientes, proporcionando detecções rápidas durante os trabalhos de compilação e reflexão dos dados.

Insuficiente para responder parte das questões e objetivos iniciais (como o reconhecimento de padrões de arranjos domésticos ou de atributos específicos para o design de mobiliário popular), a cartografia da

base de dados forneceu, no entanto, evidências que contestam a premissa - ou reposicionam sua compreensão - acerca das dificuldades dos usuários de HIS em mobiliar suas moradias. Os mapas que registram a circulação possível nos ambientes mostram que, em sua maioria, os trajetos se enquadram na categoria “recomendável” (60 cm, os verdes), sendo que as categorias “mínimo” e “crítico” (os amarelos e vermelhos) localizam-se principalmente nos setores de menor impacto para a fluidez da movimentação dos moradores. Ou seja, a maior parte dos pesquisados na seleção cartografada foi eficiente na sua organização espacial doméstica, fazendo uso, no entanto, de arranjos com poucos elementos, às custas, por exemplo, de móveis como mesas e estantes para estudo, leitura, escrita, privando-se de ambientes para funções importantes¹⁶² em suas moradias. A opção de mobiliário para uso flexível – multifuncionais ou reconfiguráveis – não foi observada, os quais, assim como os poucos sob medida encontrados, poderiam ser estratégias para melhor equipar espaços reduzidos.

Verificou-se também que o idealizado em projeto e o realizado pelos moradores são coincidentes no sentido estrutural, pode-se dizer, já que a maior parte dos móveis efetivamente se localizam nos cômodos estabelecidos para suas funções, com alguns espraamentos, normalmente das cozinhas para lavanderias, causados por espaços insuficientes para o acervo de móveis pessoais. A mesma coincidência não acontece quanto aos arranjos projetados para esses móveis, que, ao sofrerem qualquer mudança efetuada pelos moradores, principalmente nos dormitórios, geram inadequações espaciais, evidenciando a falta de flexibilidade dos projetos, ao desconsiderar a impossibilidade de se impor um modo único de organizar espaços privativos. Importante anotar que o simples estabelecimento de dimensões mínimas

¹⁶² Considerando, como anotado na Introdução desta tese, que HIS “seja um território que ofereça mais do que apenas condições materiais mínimas voltadas a restaurar forças do trabalhador explorado, em sua ‘necessidade indispensável de fechar os olhos e tentar dormir para talvez sonhar’ (ROZESTRATEN, 2019, p. 28).”

para os cômodos não é suficiente para evitar esses conflitos, sendo necessária atenção para configurações de portas e janelas.

Por fim, o presente trabalho reafirma a importância de pesquisas futuras que contribuam para preencher a lacuna de imagens sistematizadas sobre o interior da moradia popular em uso – na diversidade regional brasileira – em busca por melhor aproximação entre projetistas de casas e de móveis e seus usuários.

REFERÊNCIAS

ABNT. **NBR 15575-1** - Edificações Habitacionais - Desempenho. Parte 1: Requisitos gerais. Brasil, 2013.

ABREU, Mariana Garcia De. **Habitação de Interesse Social no Brasil**: caracterização da produção acadêmica dos programas de pós-graduação de 2006 a 2010. 2012. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Edificações e Ambiental - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Cuiabá, 2012.

AGUIAR, Douglas V. Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. **ARQTEXTO**, [S. l.], n. 8, p. 74–95, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22238/000570380.pdf?sequence=1>. Acesso em: 7 jul. 2022.

AGUIAR, Douglas V. Planta e corpo: Elementos de topologia na arquitetura (1). **ARQUITEXTOS**, [S. l.], n. 106.07, p. 2–14, 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/09.106/70>. Acesso em: 7 jul. 2022.

ALONSO, Angela; LIMA, Márcia; ALMEIDA, Ronaldo De. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: Bloco Qualitativo. *In*: Sesc São Paulo/CEBRAP, São Paulo, 2016.

ARBORE, Célia Moretti. **Mobiliário industrializado popular em situações de uso em moradias de famílias de baixa renda**. 2016. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. DOI: 10.11606/T.16.2017.TDE-16022017-095820. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-16022017-095820/>. Acesso em: 2 ago. 2021.

ARNHEIM, Rudolf. **A Dinâmica Da Forma Arquitectônica**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

BARAVELLI, José Eduardo. **Trabalho e tecnologia no programa MCMV**. 2014. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Habitat - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Editora Blucher, 2011.

BOUERI FILHO, José Jorge. **Projeto e Dimensionamento dos Espaços da Habitação Espaço de Atividades**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. a.

BOUERI FILHO, José Jorge. **Antropometria aplicada à arquitetura, urbanismo e desenho industrial**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008. b.

BOUERI FILHO, José Jorge; PEDRO, João Branco; SCOARIS, Rafael de Oliveira. Análise das exigências de área aplicáveis às habitações do programa “Minha Casa Minha Vida”. **Cadernos Edifícios nº 7**, [S. l.], 2012.

BROSIG, Percival. **O Mobiliário na habitação popular**. 1983. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

BURGUIÈRE, Elsa; GHILARDI, Flávio H.; HUGUENIN, João Paulo O.; KOKUDAI, Sandra; SILVA, Valério Da. **Produção social da moradia no Brasil**: panorama recente e trilhas para práticas autogestionárias |. Rio de Janeiro: Letra Capital Ed., 2016. Disponível em:

https://www.academia.edu/30946133/Produ%C3%A7%C3%A3o_social_da_moradia_no_Brasil_panorama_recente_e_trilhas_para_pr%C3%A1ticas_autogestion%C3%A1rias?email_work_card=abstract-read-more. Acesso em: 1 ago. 2022.

CAMARGO, Camila Moreno De. **Minha Casa Minha Vida Entidades**: entre os direitos, as urgências e os negócios. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016. DOI: 10.11606/T.102.2016.TDE-13102016-141513. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-13102016-141513/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; MELO, Ana Carolina Campos De; GOMES, Taynara do Vale. **Programa Minha Casa Minha Vida na Região Norte**: balanços e desafios. [S. l., s. d.], p. 24, [s.d.]. Disponível em:

https://www.academia.edu/11656043/Programa_Minha_Casa_Minha_Vida_na_Regi%C3%A3o_Norte_balan%C3%A7o_e_desafios?email_work_card=view-paper. Acesso em: 16 out. 2022.

CASTRO, Maria Luiza De; VON KRUGER, Paulo Gustavo. Unidades de seleção tecnológica e inovação na construção habitacional no Brasil. **Ambiente Construído**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 217–233, 2013. DOI: 10.1590/S1678-86212013000300013. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ac/a/ZxcqtY3NvqcV4PFcTN7Ygwr/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2022.

CURCIO, Gustavo O. F. **2002-2009 A evolução do design nos padrões estético-funcionais da moradia popular brasileira.** 2009. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DAMÉ, Lívia de Moraes. **Habitação PAR, Desempenho Ímpar?** Uma Avaliação Funcional de Unidades Multifamiliares em Pelotas/RS. Florianópolis. [s.d.]

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOLZ, Rosana Rita. **MOBILIÁRIO NA HABITAÇÃO POPULAR.** 2002. Dissertação (Mestre) em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia, São Carlos, 2002.

FOLZ, Rosana Rita. **Projeto tecnológico para produção de habitação mínima e seu mobiliário.** 2008. Tese (Doutorado) Área de Concentração em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia - Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 2008.

FOLZ, Rosana Rita; MARTUCCI, Ricardo. Habitação mínima: discussão do padrão de área mínima aplicado em unidades habitacionais de interesse social. **Revista Tópos** [online], [S. l.], v. 1, n. 1, p. 23–39, 2007. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2187>. Acesso em: 16 maio. 2022.

FRANÇA, Franciney Carreiro De. **A indisciplina que muda a arquitetura:** a dinâmica do espaço doméstico no Distrito Federal. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1111>. Acesso em: 7 ago. 2021.

FRANCO, Antonio. **A evolução do móvel residencial seriado brasileiro em madeira reconstituída.** 2010. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: 10.11606/D.16.2010.TDE-10062010-160506. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-10062010-160506/>. Acesso em: 11 maio. 2022.

FRANCO, Antonio. **Conteúdo & Continente:** Integração entre o Móvel Componível e a Habitação Padronizada no Brasil. 2016. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2016. DOI: 10.11606/T.16.2016.TDE-08032016-143329. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-08032016-143329/>. Acesso em: 1 ago. 2021.

GUERREIRO, Isadora de Andrade. O MTST e o PMCMV: o “poder popular” próprio ao Lulismo. **Dialektiké**, [S. l.], v. 1, p. 52–78, 2016. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/5551/1638>.

GUERREIRO, Isadora de Andrade. **Habitação a contrapelo**: as estratégias de produção do urbano dos movimentos populares durante o Estado Democrático Popular. 2018. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/T.16.2018.TDE-08112018-164426. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-08112018-164426/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

HARVEY, David. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. **Espaço e debates**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 6–35, 1982.

HILLIER, Bill. **Space is the Machine** - Introduction. 2007. Disponível em: <https://spaceisthemachine.com/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne; PEONIS, John. What do we mean by building function? *In*: POWELL, J. A.; COOPER, I.; LERA, S. (org.). **Designing for building utilisation**. London: E & F.N. Spon Ltd, 1984. p. 61–72. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/15007/>. Acesso em: 11 jun. 2022.

HOLANDA, Frederico De. Arquitetura sociológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 115, 2007. DOI: 10.22296/2317-1529.2007v9n1p115. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/174>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **Más allá del Estructuralismo**. [s.l.] Ediciones elaleph.com, 2000. Disponível em: www.elaleph.com.

LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis. Space, Time and Everyday Life**. [S.l.] Continuum, 2007.

LEITE, Carolina. A linguagem dos objectos e a criação de significado no espaço doméstico: um repertório de afectos. **Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação**, [S. l.], v. 14, n. 1–2, p. 205–216, 2000. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5510/1/CS_vol2_cleite_p205-216.pdf. Acesso em: 9 maio. 2022.

LEMOS, Carlos A. C. **Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da Casa Paulista**. [S.l.] Editora Perspectiva, 1976.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

LNEC. **Dimensão do mobiliário e equipamento da habitação**. Lisboa. [s.d.]

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.

MALARD, Maria Lúcia. Os objetos do cotidiano e a ambiência. **2º Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído**, [S. l.], p. 359–361, 2001. a. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Malard/publication/237229185_OS_OBJETOS_DO_QUOTIDIANO_E_A_AMBIENCIA/links/59ef4474aca2721ca5e9316e/OS-OBJETOS-DO-QUOTIDIANO-E-A-AMBIENCIA.pdf. Acesso em: 24 maio. 2022.

MALARD, Maria Lúcia. O método em arquitetura: conciliando Heidegger e Popper. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (PUC-MG)**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 2–23, 2001. b. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Malard/publication/255630062_O_metodo_em_arquitetura_conciliando_HEIDEGGER_e_POPPER/links/59ef44800f7e9b97a6d9c6eb/O-metodo-em-arquitetura-conciliando-HEIDEGGER-e-POPPER.pdf. Acesso em: 3 maio. 2022.

MALARD, Maria Lucia; CONTI, Alfio; SOUZA, Renato C. Ferreira De; CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos habitacionais: uma abordagem fenomenológica. *In*: ABIKO, Alex Kenya; ORNSTEIN, Sheila (org.). **Avaliação Pós-ocupação: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social**. São Paulo: Coletânea Habitare ANTAC, 2002. a. v. 1p. 243–267. Disponível em: <http://www.habitare.org.br/pdf/publicacoes/arquivos/87.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2022.

MALARD, M.L.; SOUZA, R.C.F.; CONTI, A.; CAMPOMORI, M.L. **Narandiba, a morada do sonho**. [S. l.], p. 1–11, 2002. b. Disponível em: https://www.academia.edu/download/68144552/ARTIGO_NarandibaMoradaSonho.pdf. Acesso em: 31 maio. 2022.

MARICATO, Ermínia; PAMPLONA, Telmo; MAUTNER, Yvonne. **Cenários do Contraste**. Uma incursão no interior da habitação popular paulista. São Paulo. Disponível em: <https://erminiamaricato.files.wordpress.com/2016/12/cenarios-do-contraste.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2022.

MARIUTTI, Maria Silvia; IWAI, Danielle Naomi; TAKEUCHI, Geni; ROCHA, Guilherme; VENTURA, Isabella; VALENTIM, Samara Prado; CAMILA, Suelen; YOSHINAGA, Gonçalves. Reflexões sobre urbanização de favelas no município de São Paulo a partir de 2003: do diagnóstico ao pós-obra. **Seminário URBFAVELAS 2016, RJ**, [S. l.], p. 1–27, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/56811916/II_URB_Favelas_Artigo_Publicado.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.

MARTINE, George. **A Redistribuição Espacial da População Brasileira Durante a Década de 80 - texto para discussão n° 329**. Brasília. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2547/1/td_0329.pdf. Acesso em: 1 dez. 2022.

MARTINELLI, Marcello. Reflexões de cartografia temática nas transformações cartográficas. **Confins** [online], [S. l.], n. 28, p. 1–15, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/11040>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MATIAS, Lindon F. **Por uma cartografia geográfica** - uma análise da representação gráfica na geografia. 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MATTOS, Carmen L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C.L.G. (org.); CASTRO, P.A. (org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49–83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr>. Acesso em: 6 jul. 2022.

MONTEIRO, Deyvid A. B.; MIRON, Luciana I. G. Contribuições para avaliação pós-ocupação: uma abordagem por meio da percepção de usuários de empreendimentos habitacionais de interesse social. **ARQUISUR Revista**, [S. l.], n. 12, p. 90–109, 2017. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/ARQUISUR/article/view/6734/10123>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MOREIRA, Vinicius de Souza; SILVEIRA, Suely de F. Ramos; REIS, Francimar N. S. Cruz. Programa Minha Casa, Minha Vida: a percepção dos beneficiários como instrumento para avaliação. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 74–95, 2015.

NASCIMENTO, Denise M.; TOSTES, Simone P. Programa Minha Casa Minha Vida: a (mesma) política habitacional no Brasil (1). **Vitruvius Arquitextos**, [S. l.], n. 133.03, p. 1–11, 2011.

NASCIMENTO, Flávia Brito Do. **Blocos de Memórias**: habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural. 2011. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NETTO, Vinicius M. O que a sintaxe espacial não é? **Arquitextos**, [S. l.], n. 161.04, p. 1–13, 2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4916>.

NOIA, Paula Regina da Cruz. **Participação e qualidade do ambiente construído na habitação**: processo e produto no programa Minha Casa Minha Vida-Entidades. 2017. Tese (Doutorado - Área de Concentração: Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OTTAVIANO, Camila D'. **Habitação, Autogestão & Cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpolis, 2021.

PALERMO, Carolina; MORAIS, Gabriela; COSTA, Marianne; FELIPE, Carolina. Habitação Social: uma visão projetual. *Em*: IV COLÓQUIO DE PESQUISAS EM HABITAÇÃO “COORDENAÇÃO MODULAR E MUTABILIDADE”, ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG, 14 E 15 DE AGOSTO 2007, **Anais** [...]. [S.l.: s.n.] p. 1–11. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/colouiomom/comunicacoes/palermo.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2022.

PAMPLONA, Telmo. **O interior da casa proletária**: ambiente urbano - industrial. 1981. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

PEDRO, João Branco. Programa habitacional: Espaços e compartimentos. *In*: Lisboa: LNEC, 1999. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/257652458>.

PEDROSO, Graça. Para uma teoria do estudo do Mobiliário. **Convergências-Revista de Investigações e Ensino das Artes**, [S. l.], v. XI, n. 21, 2018. Disponível em: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=295>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PEREIRA, Gabriela M.; PALERMO, Carolina. O processo de apropriação da casa: separando o deslumbramento da satisfação. **Revista INVI**, [S. l.], v. 30, n. 85, p. 215–226, 2015. DOI: 10.4067/S0718-83582015000300007. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-83582015000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 23 maio. 2022.

- PEREIRA, Gabriela Morais. **Funcionalidade e qualidade dimensional na habitação**: contribuição à NBR 15.575/2013. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- PERISSINOTTO BARON, Cristina Maria. A produção da habitação e os conjuntos habitacionais dos Institutos de Aposentadorias e Pensões - IAPs. **Revista Tópos**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 102–127, 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2287>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, [S. l.], v. 38, p. 45–59, 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- PULHEZ, MM. **O arranjo gerencial**: Estado, empresas de engenharia e arquitetos nos cotidianos de gestão da política habitacional em São Paulo. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-16032015-141443/en.php>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- REGINO, Aline Nassaralla; PERRONE, Rafael Antonio Cunha. Eduardo Augusto Kneese de Mello: sua contribuição para habitação coletiva em São Paulo. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 56–97, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44764/48394>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- ROLNIK, Raquel (coord.). **Ferramentas para avaliação da inserção urbana dos empreendimentos do MCMV - Chamada MCTI/CNPq/MCIDADES Nº 11/2012**. São Paulo.
- ROYER, Luciana de Oliveira. **Política Habitacional no Estado de São Paulo: Estudo sobre a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, CDHU**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ROZESTRATEN, Artur. Habitar para além da habitação. Ensaio sobre a mobilidade das imagens do habitar: continuidade, rupturas e experimentações. *In*: ICHT Nº 3 2019, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo p. 23–46. Disponível em: <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/HABITAR-PARA-ALE%CC%81M-DA-HABITAC%CC%A7A%CC%83O-ENSAIO-SOBRE-A-MOBILIDADE-DAS-IMAGENS-DO-HABITAR-CONTINUIDADE-RUPTURAS-E-EXPERIMENTAC%CC%A7O%CC%83ES.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma Cartografia Simbólica das Representações Sociais: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 24, p. 139–172, 1988.

SANTOS, Camila Medeiros de Oliveira. **O conflito do trabalho doméstico no lar. Um olhar sobre as casas burguesas em São Paulo na década de 1950**. [S.l; s.n.]. Disponível em: https://www.academia.edu/40988637/O_conflito_do_trabalho_dom%C3%A9stico_no_lar_um_olhar_sobre_as_casas_burguesas_em_S%C3%A3o_Paulo_na_d%C3%A9cada_de_1950. Acesso em: 16 dez. 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Laira V. **Avaliação pós-ocupação da habitação de interesse social no Brasil: uma revisão sistemática da literatura**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/handle/2011/7462>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SAROT, Rhaíssa V. **Avaliação de mapas indoor para dispositivos móveis para auxílio à tarefa de orientação**. Dissertação (Mestrado em Ciências Geodésicas) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SOUZA, Jacqueline Emerich. O interior da habitação popular: uma análise do arranjo do mobiliário pela ótica da Ergonomia. **Revista Especialize On Line [suporte eletrônico]**, [S. l.], n. 4, p. 1–43, 2012. Acesso em: 6 maio. 2022.

SUTTI, Marcela L.; FONTES, M. Solange G. C.; MAGAGNIN, Renata C. Avaliação da qualidade da Habitação de Interesse Social na América Latina: uma revisão sistemática. **eventoanap.org.br**, [S. l.], p. 649–665, 2020. Disponível em: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/7632/form4006211724.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

TABOÃO DA SERRA. **Plano Habitacional de Interesse Social - Produto 3 Estratégias de Ação**. Taboão da Serra. [s.d.]

TUFTE, Edward R. **Visual Explanations: Images and Quantities, Evidence and Narrative**. 7th ed. Ed. Cheshire: Graphics Press LLC, 2005.

VIANNA JR, Aurelio; RÉGIS COLI, Luis; STELLA RODRÍGUEZ CÁCERES, Luz; JARDIM WANDERLEY, Luiz; BARROSO HOFFMAN, Maria; GIFFONI PINTO, Raquel; FICHER TEIXEIRA ASSIS, Wendell. **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. 2. ed. ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2012. Disponível em: <http://www.beu.extension.unicen.edu.ar/xmlui/handle/123456789/347>. Acesso em: 9 jul. 2022.

VILAÇA, Ícaro (Org.); CONSTANTE, Paula (Org.). **USINA - Entre o projeto e o canteiro**. São Paulo: Edições Aurora, 2015.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 25, n. 71, p. 37–58, 2011.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Marília Paiva

Domus.domicílio.domínios: habitação de interesse social e o espaço doméstico

Volume 2 – Apêndice



São Paulo
2023

MARÍLIA PAIVA

Domus.domicílio.domínios: habitação de interesse social e o espaço doméstico

Volume 2 – Apêndice

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FAUUSP
como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em
Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Design e Arquitetura

Orientadora: Cibele Haddad Taralli

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.
São Paulo, 20 de Junho de 2023.

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Paiva, Marília

Domus.domicílio.domínios: habitação de interesse social e o espaço doméstico / Marília Paiva; orientadora Cibele Haddad Taralli. - São Paulo, 2023.

2 v.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Design e Arquitetura.

1. Habitação Popular. 2. Mobiliário Popular. 3. Cartografia Doméstica. I. Taralli, Cibele Haddad, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em:
<<http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>>

SUMÁRIO

Transcrições de parte das entrevistas em vídeo: “Posso Entrar?”

1. Zélia (2015)	323
2. MFrancisca (2015)	356
2. MFrancisca (2019)	384
4. Carolina (2017)	415
8. Aurora (2018)	461
9. Eduardo (2019)	507
10. Elisa (2019)	555
12. Andressa (2019)	604
13. João (2019)	635

1. Zélia¹ J. Când. A

transcrição vídeo entrevista gravada em 02 abril 2015

total 28:59² min [legenda: Zélia; Pesquisadora; anotações]

*Importante: as descrições sobre **materiais** dos objetos se referem à sua **aparência**, a pesquisa não os verificou cientificamente.*

Zélia, que mora sozinha no apartamento de três quartos, foi a primeira entrevistada pela pesquisa. O formato da vídeo-entrevista surgiu de improviso: para descontrair após breve conversa inicial, sugeri que eu sairia do apartamento, bateria na porta já com a câmera ligada e fingiríamos que eu era uma visita, para quem ela mostraria seu novo apartamento. Assim foi feito e mantido com todos os demais pesquisados. O vídeo é rodado sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital³ é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento pois segura-se a câmera quase sempre logo abaixo do rosto do operador, proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

00:00:00

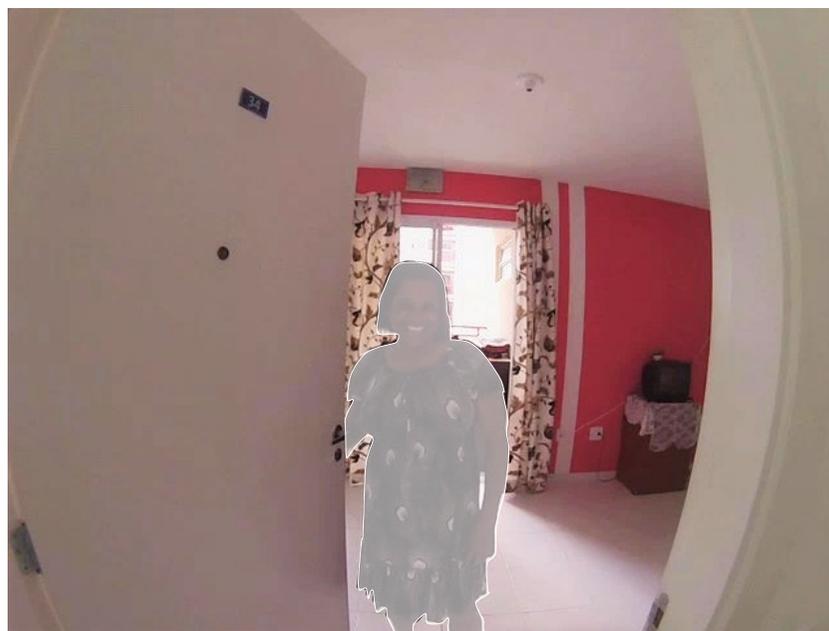
A ocupação do Condomínio é recente [foi inaugurado em dezembro de 2014], talvez por isso o corredor do andar esteja ainda vazio de ornamentos e vasos de plantas e vê-se poucos tapetinhos ou capachos na frente das portas de entrada. Ouve-se música vinda de algum apartamento. Bato na porta. Conforme

¹ Nome fictício.

² Desse total, **00:06:30** serão considerados “entrevista em vídeo” e 00:22:29 serão considerados “entrevista em áudio” na organização dos dados da pesquisa.

³ Foi utilizada uma câmera digital de pequenas dimensões (6,0 X 4,0 X 3,0 cm), modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps, grande angular 170°.

combinado Zélia abre, sorridente [ela é muito sorridente]. Às suas costas, vê-se a parede pintada na cor fúcsia com 2 faixas largas na vertical, brancas, margeando a porta de vidro [2 folhas, de correr] que separa a sala do terraço, protegida por uma cortina [que está semi aberta] branca com estampa marrom, pendurada num varão também branco. Zélia é costureira profissional e confeccionou a própria cortina, assim como aceitou encomendas para as de outros apartamentos. Encostada nessa parede, uma pequena TV, modelo antigo, é apoiada numa base em formato de paralelepípedo, protegida por toalha rendada branca que pende em babados pelas laterais. Na parede que sobra acima da cortina, um relógio retangular, branco, liso, foi fixado centralizado em relação ao vão da porta de vidro (Fig. 1).



1 – Zélia abre a porta

Boa tarde [risos], meu nome é Zélia ...

Tudo bom? *[risos, falando junto]*

Tudo bem, meu nome é Zélia ...

Ô, 'brigada por me deixar entrar na sua casa *[nos abraçamos, cumprimentando]*, 'brigada mesmo, sou muito grata.

Zélia mantém a porta de entrada aberta e começa sem demora a mostrar o apartamento, recém ocupado e ainda com pouca mobília.

Então, aqui é a minha cozinha né, a minha cozinha que eu pretendo fazer os **armário planejado** né! Tá tudo assim meio, meio ... mais ou menos arrumados, mas eu pretendo arrumar melhor, porque eu vou fazer o armário, **planejado**⁴ ...

Sala e cozinha permanecem interligadas, sem o usual balcão delimitando os espaços. Sobre a geladeira⁵, que foi posicionada de frente para a transição entre os 2 ambientes, há uma panela elétrica de preparar arroz; um grande arranjo de flores brancas com folhagens verdes e pimentas vermelhas num vaso trapezoidal; uma fruteira de metal em forma de taça, com bananas e abacates – tudo sobre uma toalhinha vermelha de borda branca (Fig. 2). A cozinha mede 180 x 285 cm e, instalada na parede maior, a pia original foi trocada por uma de granito [150 x 56 cm], com gabinete branco sobre pés tubulares metálicos, 3 portas, 3 gavetas. À direita da pia, o fogão⁶ branco com 5 bocas. Protegendo o piso em frente à pia e ao fogão, um conjunto de 2 passadeiras de fundo claro, decoradas com flores, frutas e barrado vermelho.

⁴ Registros sobre as **mudanças** efetuadas posteriormente na cozinha, ao final da transcrição.

⁵ Geladeira Electrolux, 1 porta.

⁶ Fogão Dako, 5 bocas.

Encostados na parede menor, há módulos de um móvel aéreo ainda não instalado⁷ mas já em uso, parte apoiado no piso, parte empilhado, em meio a micro-ondas, cafeteira elétrica, liquidificador, fruteiras, copos, potes e latas de mantimentos. A cozinha aparenta ordem apesar de Zélia se desculpar, que está ‘tudo assim mais ou menos arrumado’, improvisado e aguardando os ‘móveis planejados’. Sobre a pia, escorredor de louça [retangular, de plástico translúcido, azul claro], panelas, taboa de corte [de plástico, azul turquesa], utensílios de limpeza, algo embrulhado, fruteira de 2 andares equilibrando-se sobre o grande filtro de barro (Fig. 3).



Fig. 2 – a geladeira, na passagem da sala para a cozinha.

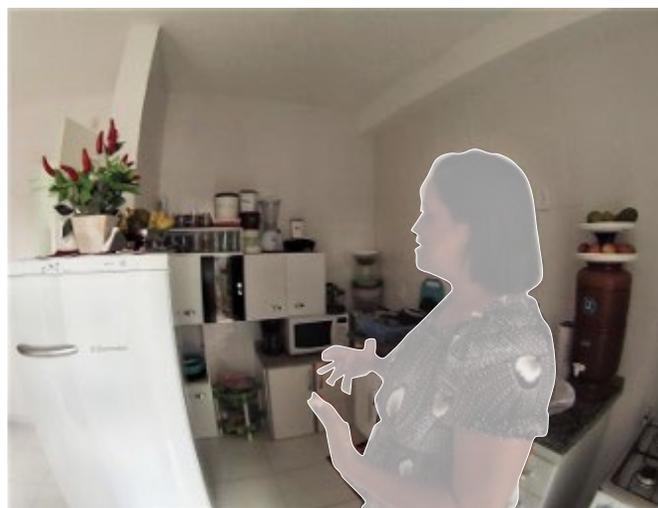


Fig. 3 – ao fundo, módulos de armário empilhados.

Zélia vai em direção à lavanderia⁸, contígua à cozinha.

⁷ Esse armário não foi instalado mas sim substituído pelo conjunto de ‘planejados’, conforme verificado em visita posterior.

⁸ Imaginando talvez que precise ser objetiva, Zélia descreve os ambientes rápida e sucintamente. Não a interrompo, aguardando que a ação se encaminhe para maior calma e descontração.

00:00:46

Aqui é a minha lavanderia, que eu também pretendo arrumar né ... fazer uns armário pra colocar os produtos de limpeza, dá uma ajeitada ...

Não há armários ou cortinas na lavanderia [180 x 160 cm]. Além do varal de 4 cabos fixados de parede a parede [no vão de 180 cm], há um mini varal portátil, circular, pendurado nesse varal maior. Uma pequena 'cesta' de plástico [pendurada no registro hidráulico?] guarda escova de limpeza e outros objetos (Fig. 4). Produtos de limpeza, vassoura e rodo são apoiados no piso. Zélia não trocou o tanque original do apartamento, e mantém um tanquinho⁹ [branco, com tampa azul claro, aparentando ser novo] além da máquina de lavar roupa [protegida por capa]. Empilhados, 1 balde grande, 1 bacia e 1 balde pequeno [feito de embalagem reutilizada]. Logo na entrada da lavanderia, duas pequenas lixeiras de plástico, 1 sem tampa, retangular, verde clara, localizada na parede da direita; outra à esquerda, redonda, branca com tampa vermelha de pedal também vermelho (Fig. 5). Um tapetinho liso, bege claro, ocupa todo o vão da entrada da lavanderia.

⁹ Tanquinhos são máquinas de lavar roupa mais simples, baratas e econômicas quanto ao consumo de água e energia elétrica. Embora os modelos mais novos estejam acrescentando funcionalidades, normalmente não centrifugam e precisam de alimentação e troca manual de água.



Fig. 4 – varais, cesta no registro.



Fig. 5 – baldes empilhados, lixeiras

00:00:56

E aqui também é a minha salinha né, a minha área de lazer [muito sorridente, abre a porta que dá para o terraço]. É muito legal, eu gosto muito, tá meio bagunçado assim, mas, é, eu pretendo tirar todas essas coisas e deixar, deixar bem organizada né, pra tomar um ar [rimos muito]. Aqui é as minha cortina, fabricação própria! [fecha um pouco a cortina, mostrando] (Fig. 6).

Opa, são lindas!

Gosto muito do trabalho que eu faço ... sou costureira né, apesar de tudo [risos, leva as 2 mãos ao peito].

Como assim, 'apesar' de tudo? [risos]

Sou costureira né, faço algumas reforma, faço roupas, faço ... de tudo um pouquinho né?

E você trabalha aqui em casa?

Trabalho aqui mesmo.

No terraço [150 x 160 cm], que é coberto, os únicos objetos decorativos são 5 vasinhos com folhagens dispostos no piso, antes da grade que protege do exterior. Encostado na parede da direita, uma **sapateira de zíper** com 3 prateleiras fechadas separadamente, revestimento tecido 'brocado' lilás escuro. Sobre a sapateira, algumas sacolas de compras e tecidos empilhados. Na parede da esquerda há **alguns objetos 'de lavanderia'**, como pазinha de lixo; lixeira pequena redonda com tampa; caixa organizadora de plástico, retangular, com tampa; caixa de papelão fechada. Tudo empilhado em cima de algumas chapas de isopor (Fig. 7).



Fig. 6 – Zélia mostra a cortina; a sapateira no terraço.



Fig. 7 – os objetos do terraço.

00:01:45

Aqui é a minha sala ... que por enquanto não tem móveis nenhum ainda, mas eu pretendo né, arrumar direitinho, pôr minha televisão [aponta para a parede fúcsia], um sofá [aponta para a parede oposta] e ... é um lugar que eu me sinto muito bem [risos].

A sala [19,74 m²] está mobiliada com a pequena TV [descrita no início da transcrição] encostada na parede fúcsia e a mesa de jantar, disposta no centro do espaço¹⁰. A mesa é retangular [~120 x 75 x 77 cm altura], tem tampo de granito acinzentado sobre estrutura tubular metálica de seção redonda com pintura branca. Faz conjunto com 4 cadeiras, mesma estrutura tubular, mesma cor, com fino assento estofado e encosto formado por 2 arcos vazados, um dentro do outro [ao estilo Thonet mas simplificado, descarregados em linhas retas] (Fig. 8). Sobre a mesa, dispostas na diagonal, há uma superposição de 2 grandes toalhas: a de baixo, maior, é branca com bordas recortadas em ondas com bordado amarelo; a toalha de cima tem tons pastéis, com flores brancas e azuis bordadas ao centro e um barrado de crochê nas bordas (Fig. 9). Encostado na parede oposta à da TV há um pequeno pufe¹¹ com assento escuro e laterais claras com estampa contrastante em grafismos geométricos. Além do vaso trapezoidal sobre a mesa, com folhagens e antúrios na cor fúcsia degradê, há outros 6 pequenos vasos de formatos variados: 1 equilibrando-se em cima da TV e o restante no chão, localizados nos cantos da sala, também ao lado da TV e margeando a porta do quarto de costura. Todas as plantas são artificiais e têm cores vivas [amarelos, laranjas, vermelhos, rosas].

¹⁰ Em visita exploratória anterior, a mesa de jantar estava encostada na parede fúcsia e não havia a TV.

¹¹ o pufe foi confeccionado por ela, a partir de um bloco maciço de isopor [desses que estão guardados em vários cômodos da casa] e revestido com tecido ... depositado no chão, atrás do pufe, há o que parece ser um trilho, ou persiana desmontada, aguardando instalação.



Fig. 8 – a sala tem pouca mobília



Fig. 9 – as toalhas, as flores, o móvel da TV

00:02:06

Aqui é o meu quarto de costura, onde o meu local de trabalho [abre a porta do quarto que é o maior do apartamento, medindo 395 x 260 cm e o único que se comunica diretamente com a sala]. Tá bagunçado. Mas aqui é o meu local de trabalho, porque eu preciso fazer algumas coisas aqui ainda, pra ... colocar as tomada certa né, arrumar as máquina, pra poder eu continuar trabalhando. Porque antes eu não trabalhava, como eu não morava aqui né ... aonde eu morava tinha o local d'eu trabalhar, mas aqui como eu mudei agora né, precisa organizar as coisas tudo no lugar certo.

Há quanto tempo você tá ... você já mudou pra cá?

Pra vim mesmo de mudança, tem 1 mês, porque antes eu só vinha e voltava ... mas pra mudar mesmo, trazer as coisas pra cá tem 1 mês.

Zélia permanece na porta enquanto eu entro no quarto para filmar. Me aproximo das 2 janelas ao fundo, dispostas em quina no vértice da esquerda. A maior delas, na parede esquerda, tem 2 folhas com vidro e 2 venezianas, de correr, e dá vista para a rua interna e o estacionamento do condomínio. A outra janela, mais estreita, é uma bandeira fixa com vidro¹², por onde se vê os edifícios do condomínio vizinho. A oficina é o cômodo mais povoado de objetos, com 3 máquinas industriais diferentes de costura, montadas em bancadas com tampo branco e cantos arredondados protegidos por perfis de borda plásticos, cinza. As máquinas estão encostadas 1 em cada parede [fora a da porta], cada uma com sua cadeira 'de escritório' sem braço, giratória, com rodízios, com estofados encapados 'caseiramente' de tecido bege claro. Sobre as bancadas e também espalhados pelo piso, há ferramentas, carretéis de linha, retalhos de tecidos, caixas e sacolas, rolo de papel craft, moldura de quadro, extensões elétricas e régua de tomada. No canto direito, ao fundo, há uma pilha de blocos retangulares de isopor¹³ [~80 cm altura] utilizado também como base para vários objetos (Fig. 10).

Três máquinas! [exclamo surpresa]

É, são 3 máquinas ...

Muito bom ...

¹² Nos outros apartamentos essa bandeira fixa de vidro é frequentemente protegida por cortina, ou adesivos foscos ou mesmo cobertas com jornais, de modo a garantir a privacidade, já que o cômodo é normalmente usado como quarto.

¹³ No terraço a pilha é mais baixa.



Fig. 10 – o quarto de costura

00:03:33

Zélia caminha para o corredor, em direção aos quartos.

Aqui são ... é os meus dormitório [risos]. Aqui é o meu dormitório, aonde eu durmo né. Aqui também falta [hesita, pensativa] ... Cada coisa falta fazer, cada local falta fazer uma coisinha né, porque eu coloquei assim provisório, só por enquanto. Mas assim, eu vou ter que mexer em todas as coisas pra eu poder pôr tudo nos lugares certos [risos]. Porque aqui vai ser o quarto de visita né ...

É o menor quarto do apartamento, tem 260 x 260 cm, com paredes pintadas de rosa. Um armário estreito [122 x 41 x 134 cm altura] foi colocado longitudinalmente na parede da esquerda, obstruindo parte da janela. É uma 'caixa' pintada de preto com pezinhos torneados de madeira maciça e frente com revestimento madeirado claro, brilhante. Não tem divisão interna simétrica, mas uma coluna de 71 cm de frente com 6 gavetas de 20 cm de altura cada, e ao lado, com 45 cm de frente, há 2 gavetas da mesma altura das outras e uma porta com 82 cm de altura [e 3 prateleiras internas] (Fig. 11).. Sobre esse móvel, fica uma TV modelo antigo. **A cama** [207 x 148 x **55 cm altura**], encostada na parede oposta, tem estrutura robusta **de madeira** [cor de mogno escuro] com acabamento brilhante e cabeceira abaulada [121 cm altura], posicionada na parede da porta de entrada. Sobre a colcha de fundo branco com estampa florida rosa e cinza claro, vários ursinhos de pelúcia de cores e modelos diferentes. Entre os pés da cama e a parede do fundo sobra um espaço de aproximadamente 50 cm, onde Zélia situou um criado mudo [46 frente x 39 prof x 61 cm altura], com acabamento brilhante, madeirado claro, dividido em um nicho aberto e 2 gavetas (Fig. 12). Sobre o criado mudo, um grande ventilador portátil preto, um bibelô que parece ser um abajur em forma de guarda-chuva, papéis, objetos não identificados. Longitudinalmente à cama há no piso uma **passadeira** felpuda, com listras regulares, nas cores bege e branco areia (Fig. 13).



Fig. 11- móvel [em arranjo anterior] Fig. 12 – criado [idem]

Fig. 13 – o quarto que será o de hóspedes

Zélia já se encaminha para o outro quarto.

00:04:10

E o meu quarto mesmo vai ser aqui, [entra no quarto e aponta a parede à esquerda] que aí eu vou planejar o guarda roupa, a cama ... depois eu vou tirar esse guarda roupa daqui e [aponta o armário na parede oposta] ... e assim, vou fazer o guarda roupa e a cama aqui nesse quarto, aí eu vou passar a dormir aqui¹⁴.

Humm, e eu aparecendo no espelho [do armário] ... ridículo! [rimos muito, as 2]

O quarto, com paredes pintadas de verde claro, mede 260 x 360 cm e tem um guarda-roupas na parede da direita, logo à entrada da porta, que obstrui parcialmente a janela da parede oposta e a própria porta. O armário é branco, foi presente comprado pelos filhos, tem ~180,0 frente x 47,0 prof x 195,0 cm altura, e é dividido em 3 partes iguais, com 2 portas de correr com acabamento madeirado brilhante nas extremidades, que correm para o espaço central, organizado em nichos abertos e espelho na parte de cima e 4 gavetas em baixo¹⁵(Fig. 14). O espaço está bem vazio, sem cama, com uma pilha alta de placas de isopor encostado na parede oposta ao guarda-roupas, e alguns tecidos dobrados em cima. Ao seu lado, um ventilador branco com pé alto e, encostados na parede da esquerda do quarto há caixas e sacolas de papelão e roupas empilhadas (Fig. 15).

¹⁴ Registros sobre as **mudanças** efetuadas posteriormente no seu quarto, ao final da transcrição.

¹⁵ Os painéis estruturais do armário têm 12 mm espessura; as portas de correr estão empenadas; os perfis puxadores das portas são feitos de MDF pintados de prata; as corrediças das gavetas não são de extração completa.



Fig. 14 – o armário obstrui parcialmente a porta e a janela Fig. 15 – o quarto ainda vazio

00:04:41

Então, aqui também é o meu banheiro né ... **no banheiro eu pretendo fazer, mudar ele completo**¹⁶ [faz um gesto em 'roda' com a mão, abarcando todo o espaço]. Eu pretendo tirar essa pia, mudar o vaso, tirar a pia ... mudar o vaso pra cá né [deslocar o vaso mais para a direita, no espaço livre previsto para manobras de cadeira de rodas]¹⁷, e a pia colocar aqui nessa direção [no lugar onde está atualmente o vaso, logo na entrada] ... pra pôr um armário, um espelho, tudo isso. Eu tou esperando o momento que os meninos¹⁸ vão poder mexer, pra poder eu começar a mexer no banheiro.

¹⁶ Registros sobre as **mudanças** efetuadas posteriormente no banheiro, ao final da transcrição.

¹⁷ Todas as unidades habitacionais do conjunto são adaptáveis para cadeirantes.

¹⁸ "Os meninos" são um grupo de cerca de 2 ou 3 moradores que montaram uma 'força tarefa' para prestar serviços [remunerados] de reformas nos apartamentos. Compraram ferramentas elétricas profissionais e mudam vasos sanitários de lugar, sugerem aumento de pontos de TV e pontos de luz, arandelas nos corredores e no terraço, mudam tomadas.

Tá todo mundo mexendo no banheiro aí né ... [enquanto filmo os detalhes do banheiro Zélia permanece apoiada no batente da porta].

O banheiro [160 x 230 cm] estava sem modificações ainda na época da entrevista, com a toalha de banho cuidadosamente estendida sobre a porta de entrada e objetos e produtos de higiene e beleza dispostos sobre a pequena pia [original do apartamento, branca, de coluna], sobre o parapeito da janela e sobre a caixa d'água do vaso sanitário (Fig. 17). Apoiada no piso ao lado da pia, uma estante de plástico com 3 prateleiras organizadoras em forma de cesta rasa, branca, retangular (Fig. 18).



Fig. 17 – banheiro ainda sem reformas



Fig. 18 – a pia e a estante de plástico ao lado

00:05:23

Zélia sai do banheiro e volta para a sala, em torno da **mesa de jantar**.

Tá, tá todo mundo [risos]. Depois eu vou levar você num lugar onde os menino tá fazendo a reforma, pra você vê como fica depois de reformado. Fica bem legal, porque muda tomada, muda o interfone de lugar, entendeu?

Você mudou aqui ... quando você chegou você mudou o quê? Pintura já, né?

É, pintura né, que eu fiz essa parede [aponta a parede fúcsia], a pintura dos quartos, só, por enquanto.

Tá ... ainda não fez a mudança de tomadas que você falou que queria fazer ...

Não, ainda não fiz nada de mudança de tomadas, essas coisas. Eu vou começar a fazer a partir da semana que vem ... aí os meninos vão começar a mexer nas tomada, mudar os negócio [inclina a cabeça em direção à porta, que permaneceu aberta durante a entrevista, alertada pela possibilidade de alguma visita], fazer as mudança.

Mas é um espaço que eu tou muito feliz [riso aberto], muito feliz mesmo! Mesmo que não tá do jeito que eu quero ainda mas eu tou me sentindo muito bem. Tou muito feliz de tá na minha casa, no meu canto [risos].

00:06:30

----- F I M -----

A partir desse momento, a conversa não mais inclui explicações de Zélia sobre sua moradia atual e passa a versar sobre seu histórico de moradias passadas, razão pela qual a pesquisa considerará essa sequência do vídeo como “entrevista em áudio”. Estabelecendo novo protocolo, as entrevistas com os próximos moradores serão formalmente divididas em “entrevistas em vídeo”, quando o morador mostra e explica sua casa e “entrevistas em áudio”, quando o morador dá depoimento sobre sua origem e moradias passadas.

E quando você veio pra cá, você morava com outras pessoas, morava sozinha, como é que era?

Então, eu sempre morei sozinha né [*Zélia permanece atenta em relação à porta porque se ouve conversas no corredor do andar*] ... eu morava no Casa Branca, depois do Pirajuçara. Aí eu também morava em casa de comunidade ... de associação também.

Como que é isso? Não sei ...

Era um Projeto Solidário¹⁹ que o governo lançou na época, de pessoas de baixa renda. Só que não tem mais esse projeto ...

E as casas as pessoas compravam também, não?

Não. Era assim, a gente participava das reuniões todo mês, e pagava uma taxa de 10 reais, e participava da reunião. Aí quando foi, saiu a verba da construção, do projeto, eles chamaram a gente pra ir pra Caixa né. A pessoa que tinha, conforme presença, não faltava nas reunião nem nada, aí era chamada pra ir pra Caixa assinar os papéis. Aí na época eu não pude ir pra assinar no meu nome, aí eu coloquei no nome do meu filho. Participei das reunião 13 anos ... 13 anos ... aí com 13 anos saiu a casa. As casa é um sobradinho.

Olha! E são legais?

É, são bom também ... só que é dois dormitório só.

¹⁹ Zélia se refere ao Crédito Solidário, “um programa de financiamento habitacional com recursos do Fundo de Desenvolvimento Social – FDS, criado pelo Conselho Curador – CCFDS, conforme Resolução no 93/2004 e regulamentado pelo Ministério das Cidades. O objetivo do programa é atender as necessidades habitacionais da população de baixa renda, organizadas por cooperativas, associações ou entidades privadas sem fins lucrativos. Isso se dá através da concessão de financiamentos a proponentes pessoas físicas, organizadas por cooperativas, associações ou entidades privadas sem fins lucrativos. Novas contratações por meio do Programa Crédito Solidário estão suspensas.” Fonte: <<http://www.caixa.gov.br/poder-publico/programas-uniao/habitacao/credito-solidario/Paginas/default.aspx>>, acesso em 26/09/2019.

Aonde que é que você falou?

É no Casa Branca ... depois que passa o Pirajuçara, depois vem o Tereza, aí depois do Tereza tem o Casa Branca.

Ah, sei mais ou menos ... daí você morava lá então?

Aí eu morava lá ...

Com o seu filho?

Não, eu morava sozinha. Porque assim, eu morei com meu filho um tempo quando eu morava de aluguel. Aí, quando a casa saiu ... a gente combinou né, fizemos uma combinação: eu falei, ó, o seguinte, se você não casar até a casa sair, a gente vai morar junto, você vai morar comigo ... mas, se você casar, aí não dá mais certo [*risos, faz um gesto enérgico de 'não' com as 2 mãos espalmadas para o chão, na altura do quadril*], porque eu falava assim pra ele, porque eu sou chata às vezes ... e é complicado você morar com nora né. É muito chato. Aí eu falei assim ó, não dá certo, então você fica morando lá na casa pagando aluguel até o meu apartamento sair. Quando meu apartamento sair você muda pra lá. Aí aconteceu né, ele casou, aí ficou morando na casa que a gente morava de aluguel e eu fui pra casa que tinha saído do projeto. Aí morei lá 2 anos. Aí foi quando meu apartamento saiu eu vim pra cá e ele ficou lá.

Ô, então tá bom! Ficou bom pra todo mundo.

É ... lá é sobrado, não é apartamento, é sobrado. Mas é bem legal também, muito bom. É 2 dormitório, a sala, a cozinha é mais ou menos desse tamanho [*volta-se para a sua cozinha, avaliando*], só não tem essa área que tem aqui [*aponta o terraço*] ... banheiro também é menor. Tudo lá os cômodo é menor, porque lá é só 50 metros quadrados ... aqui é 63²⁰.

²⁰ Os apartamentos de 3 dormitórios têm 60,35 m², os de 2 dormitórios têm 50,8 m².

É, uma boa medida, aqui.

É ... então assim, eu gosto muito daqui. É tanto que eu falo assim pra eles, 'nossa eu tou tão bem acostumada lá onde eu tou que parece que eu tou mais tempo lá do que o tempo que eu morei aqui' [risos]. Tou mais acostumada, entendeu?

Entendi. Ah, bom, você chegou a morar só dois anos lá né, na verdade ...

É, morei só 2 anos ... mas assim, como a gente já tem [Zélia puxa a cadeira e se senta à mesa, onde permanecerá até o fim da conversa] como tem 8 anos que a gente tá no movimento e [...] cada 15 dias nós tem reunião e às vezes tem ato, a gente fica mais junto com o povo daqui, do que lá [onde morava antes]. Porque lá são umas pessoas assim ... igual nós, que nós não somos melhor do que ninguém, mas esse povo do nariz empinado, que se acha, sabe, dono do mundo [risos]. E aí o motivo da gente só se encontrar cada 30 dias, é, não tem muito assim achego com os outros pessoal. Lá é 140 família, mas assim, nem com todo mundo a gente conversa assim porque eles não dá oportunidade né, da gente conversar. E aqui não. **Aqui a gente conversa com todo mundo, tem reunião com todo mundo, todo mundo junto.** E a gente continua assim, parece que a amizade do pessoal daqui é melhor do que os de lá [risos].

Eu notei que você fica com a porta aberta né?

É, **aqui a gente fica assim com a porta aberta [risos] e não tem problema.** Às vezes eu tou aqui à noite, a porta tá encostada, os menino que é acostumado vim aqui, as menina, chega já entra [risos] e é assim. Mas é muito bom aqui, muito bom mesmo, não tem o que falar.

Tá feliz então! [risos]

Muito feliz, muito mesmo. Às vezes eu falo assim, 'meu Deus do céu' ... lá, quando eu morava lá, eu falo assim, nossa aqui é tão bom que eu durmo até mais do que lá! Porque lá, 6 horas da manhã eu já tava acordada né. Aqui eu não consigo [risos], dá 7 e meia, 8 horas!

Às vezes eu fecho as janelas né, fica tudo escuro, quando eu acordo que eu olho assim pro relógio já é 8 e meia, 9 hora, eu falo meu Deus! Eu falo pras meninas assim, lá eu até durmo até demais [risos]. Mas é gostoso. Às vezes final de semana meus filho vem pra cá, minhas amigas tudo, aí **é aquela festa.**

E vocês aqui ... saem lá fora, vocês também têm ... ficam vivendo lá fora, quero dizer assim, porque é um lugar legal né, é uma rua digamos, tranquila [*a rua interna no Condomínio*].

É, é legal, uma rua é ... às vezes a gente sai, fica batendo papo lá embaixo, conversando. Tem vez que meia noite, uma hora da manhã tem gente na rua, aí em baixo ... é, tranquilo ... né, porque outra que tem os porteiros, seguranças lá né, lá na frente ... aí é tranquilo. Graças a Deus depois que eu tou ... assim, porque tem um mês que eu mudei praqui mas sempre eu tava vindo pra cá né. Às vezes eu vinha, passava 1 dia, 2, voltava ... é, enfim, não ficava aqui direto. Mas mesmo assim, eu nunca vi falar coisa assim nada de mal.

Sei.

Ainda domingo foi entregue mais uma torre dali de baixo.

Ah, que legal. Parece que em abril né vai terminar tudo ... não sei, alguém falou pra mim isso.

É, em abril vai terminar e vai entregar o resto.

Bastante gente ... e aqui assim, por exemplo, em relação à cidade, fora do Condomínio [...] compra coisas, como que ..?

Não, assim ... **a única coisa que eu acho difícil, que eu tou achando difícil aqui, estranhando um pouquinho, é a lonjura das coisas.** Porque lá onde eu moro, onde eu morava, tinha tudo perto ... mercado, supermercado grande, farmácia, feira ... tinha o Teresa que era pertinho, tudo, tudo. Ponto do ônibus pertinho ... apesar que aqui o ponto não é longe, que é aqui ... mas mesmo assim, é mais difícil.

Padaria, esse tipo de coisa assim ...

É, padaria, essas coisa é um pouco difícil, porque tem que descer láá em baixo, tem uma subida enorme, e dá preguiça de descer [risos] e subir. Ontem mesmo eu tava com uma vontade de comer um pão, mas aí eu falei 'não, pra subir aquela subida, não vou não' [risos]. Aí foi que o meu filho ligou e falou 'mãe eu tou indo praí', eu falei 'tá bom, traz pão pra tomar café' [risos], aí ele veio, aí falou assim, 'vamo andá'. Aí eu peguei, saí com ele, fiz umas compra e trouxe. Mas às vezes, quando acaba as coisas é difícil. Assim, pra quem tem carro é mais fácil né, mas pra quem não tem é um meio difícil.

Tá. É, eu achei que era mais, assim ... eu vim só algumas vezes né, mas eu achei que era mais inserido dentro da cidade, mas é verdade, acho que eu não vi pequeno comércio assim, não tem, é.

Não, não tem pequeno comércio não. Até uma feirinha, a menina tava me dizendo hoje, que é meio longe. Que desde que eu tou aqui eu não fui numa feirinha ainda. Eu fui lá no Pirajuçara, que é longe. A gente tem que pegar ônibus e tudo pra ir ... aí é meio difícil. Só isso [enfática] que eu tou achando meio estranho. Porque lá onde eu morava era tudo pertinho né? Aí quando você mora prum bairro que é mais distante, você estranha, acaba estranhando. Mas eu acho que mais pra frente isso aqui vai melhorar. Porque **tão falando que vão construir um mercado grande aqui embaixo, acho que é ou Carrefour ou Extra**. Então, construindo um mercado desse aí melhora bastante né? E aí conforme aos pouco vai chegando as coisas eu acho.

00:16:09

É, e acaba sendo ... mesmo esse Condomínio que é um condomínio que tem bastante gente, acaba atraindo comércio também.

É, com certeza os comércio né? E principalmente que vai construir mais aqui pra cima ... já tem aqui 192, mais 192 ali [no João Cândido B], mais não sei quantas aqui vai construir né. Então, aí vai ficar uma população bem grande né!

Sim, vale a pena ... vale a pena até pros marceneiros virem aqui e ficarem fazendo estudo de graça pra vocês [*risos*] pra ver se pega o trabalho, não é assim?

É mesmo [*rimos muito*].

Ô, somos tratados a pão de ló!

É, isso é verdade.

Eu vi que você encheu de flores a casa né?

Ah eu gosto menina! Assim, eu só não gosto de ... não, não é que eu não gosto, é que às vezes precisam de um cuidado né, a planta natural, porque você precisa molhar, tá molhando ela de lugar ... e com esse negócio agora com a dengue né, você precisa ter cuidado. E essas daí não [...] é só sujou cê passa um paninho [*risos*].

Hãã ... olha só que coisa mais bonita [*passeio com a câmera pelos vasos de flores no piso*] ... Você nasceu aqui em São Paulo?

Não, eu sou baiana [*risos*].

Ah, daonde?

Sou da região de Feira de Santana.

Ô, já passei lá uma vez, mas há muitos anos atrás.

Ah eu gosto daquelas cidades ...

Mas você não tem nenhum sotaque né?

Cê acha?

Acho [*já sem tanta convicção*], bem leve, se for ... sotaque baiano? Não ...

Nossa [*risos*]. É, alguém já me perguntou quanto tempo eu tinha aqui em São Paulo ...

É, quanto tempo você tem aqui em São Paulo?

Já tem uns ... eu vim pra cá em 95, no início de 95 ... tem uns 20 anos né?

É pouco né, não é muito não ...

Não, não é ... às vezes as pessoas pergunta quanto tempo eu tenho aqui, eu falo, aí [...] você parece paulista, eu falo, 'ai' ... ah o seu sotaque, você não tem sotaque baiano ...

Não tem muito sotaque não, não tem não [*Zélia continua sentada à mesa enquanto eu me movimento pela casa, filmando agora a cozinha*]. E cê veio sozinha pra cá ou veio ...

Não, eu vim com minha família, com meu esposo e meus filho né, meu ex-marido e meus filhos. Meus filho ainda eram pequeno, o mais velho tava com 15 anos na época que eu vim pra cá. Aí chegou aqui, não deu certo, meu esposo quis embora, meu ex quis embora né ...

Ah, ele não se adaptou?

Não, não é que ele não se adaptou. Ele é daquele tipo de pessoas assim que ele não para nem num lugar nem no outro né ... aí fica andando pra lá e pra cá. Aí queria que eu acompanhasse ele pra ficar a mesma coisa. Aí eu chamava ele pra gente parar num lugar ... porque assim, quando eu ganhei meus filhos, eu ganhei lá na Bahia tudo sozinha [*ênfatisa o 'sozinha'*], porque ele vinha pra cá e me deixava eu lá entendeu?

Aí, eu já com medo disso, chegou uma época que eu falei pra ele, 'ah, ou você para num lugar ou então vê que que faz porque não dá pra viver nessa vida não, você lá e eu aqui sozinha'. Aí a gente vinha pra cá né, todo mundo ... aí depois ele quis ir embora de novo! Ah eu falei 'agora não vou'!

'Gostei daqui!' [*rimos*]

Porque, assim, o custo de vida lá na Bahia é muito difícil pra você viver entendeu? É um lugar muito bom pra se viver, mas o custo de vida é difícil.

Ah, começou a ganhar dinheiro, você precisa me ensinar isso [*rimos*].

Aí chegou a época de ele querer ir embora, eu não quis. Eu falei não, vamo ficar por aqui, é melhor ... porque chega lá, você leva o dinheiro daqui chega lá acaba, quando acaba você vem embora e eu fico lá sozinha! Não, vamo fica todo mundo aqui. Aí ele não quis. Ele falou não, então eu vou embora, você fica. Falei, então vai meu filho, que Deus o leve [*risos*]. Aí ele foi embora e eu fiquei. E, pra assim, pra morar lá, eu não tenho vontade de morar lá não. Assim, pra passear tudo bem, mas pra morar, não dá.

E você vai de vez em quando pra lá, não?

Tem um bom tempo que eu não vou ... já tem uns 4 anos que eu não vou lá. Mas também assim, não me incentiva muito ir lá, porque **minha família tá toda aqui** ... lá eu só tenho 1 irmão só, mas assim mesmo de vez em quando ...

00:21:11

Gravação não foi interrompida mas a filmadora dividiu automaticamente os arquivos, gerando outro de 00:07:48, transcrito a seguir.

00:00:00

... [de vez em quando] ele vem pra cá. Aí, meus irmãos, meu pai já morreu mas veio pra cá não foi mais pra lá ... meus irmãos tudo mora aqui ... os filho tá tudo aqui também não quer ir pra lá, aí ...

O seu lugar é onde a família tá né [risos]. E aqui você mudou muito de casa desde que você morou em São Paulo?

Mudei, nossa! Por isso que eu não tenho nada de móvel! Cê vê, não tenho ... porque eu falava assim, ah não, ó, cada casa que mudava, você sabe que mudança acaba com tudo né? Aí eu pegava e falava eu não vou comprar móveis ... E depois que eu mudei pra essa casa lá do Casa Branca, aí foi que eu não comprei nada mesmo, porque eu falei eu não vou comprar porque daqui a pouco tempo eu vou mudar de novo, aí não adianta eu comprar, deixá comprar meus móveis quando eu tiver na minha casa. Porque eu morava de aluguel ... morei na região do Campo Limpo, 10 anos, eu morei lá, pagando aluguel né. Lá eu morava eu e a minha filha ... a minha filha não era casada ainda. Depois minha filha casou, eu fiquei morando com a minha nora. Mas a minha nora não era casada ainda com meu filho. Aí a gente moramo um bom tempo lá. Depois eu mudei pra região do Embu, e foi pro Casa Branca. Aí, fiquei morando lá ... **não, depois disso já tinha mudando umas 3 vezes!**

Sempre de aluguel ... e você mudava por quê, que cê mudava?

Ah, porque às vezes eu não gostava do local e tal ... na região do Campo Limpo, no Rosana, aí foi aonde eu mais demorei ... eu morei lá um bom tempo, morei lá uns 10 anos. Sempre pagando aluguel, mas morei lá 10 anos. Depois eu mudei de lá e vim pro Embu ... aí fiquei morando de aluguel, morei de aluguel um bom tempo, **aí o aluguel aumentou muito**, e meu filho morava sozinho. Aí ele ficava todo dia me chamando pra mim morar com ele [...] porque ele também pagava aluguel ... porque aí a gente, nós dois dava pra pagar né. Aí eu sempre sem querer, falava 'ah não, não quero não'. Mas depois chegou uma época que eu não pude pagar o aluguel sozinha [risos] né, que o aluguel aumentou muito, aí não deu pra mim pagar, aí eu fui morar com ele no Macedônia, que é região do Campo Limpo também. Aí morei com ele 3 anos lá, aí foi quando a casa saiu e eu vim morar ... no Casa Branca. Também daí eu mudei pra cá.

Humhum ... agora, 'daqui ninguém me tira' [risos].

Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira [risos]. **Nossa, mas é muito bom a gente morar num lugar e saber que é nosso, que ali é nosso ... é, uma sensação muito boa ...**

E é seguro também, o lugar é seguro, não tem, sei lá ... enchente né ... aquele mínimo que a gente precisa pra ficar seguro ...

Ah é, com certeza ... ficar tranquilo né, saber que você tá num lugar sem nenhum risco de enchente, de ninguém chegar e te tirar de dentro de casa [risos].

E ... eu sei mais ou menos a história mas, vocês conseguiram isso aqui a partir de uma ocupação ... a ocupação não foi nesse terreno não né?

Não, não foi. A gente nem sabia desse terreno no tempo da ocupação ...

Tá ... vocês tavam só pressionando pra ver se saía ...

É, pra sair ni algum lugar que a gente queria né, mas ... assim, nem pensava que fosse por aqui. Aí na época a gente conseguiu esse terreno ...

E quanto tempo que ficou essa ocupação até ... quer dizer, desde que começou até conseguir, demorou ... mais ou menos?

Na ocupação que a gente ocupou a gente ficamo dois meses lá. Aí depois veio o despejo né. Aí surgiu um terreno da Prefeitura, lá em Itapeperica ... um terreno grande e tudo. Aí, o Movimento²¹ sugeriu que quem não podia, quem não tinha onde morar, não conseguia pagar aluguel, não tinha condições, e às

²¹ Zélia pertence ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, cuja liderança mais conhecida é Guilherme Boulos.

vezes aonde morava era área de risco e tal, ficar naquele terreno, fazer os barraco lá nesse terreno, que era um pouco distante do terreno que a gente tinha ocupado.

Então na época o Guilherme [Boulos] falou pra todo mundo, quem quisesse ficar no terreno podia ficar, agora, quem não quisesse ficar no terreno e tivesse uma condição de pagar aluguel, ou então morar em casa de parentes, essas coisas, que ficasse nas suas casa. Eu não quis ir ... na época eu não quis ir, eu falei ah não, eu não vou porque ... ah, nossa, era um tempo, uma época de chuva, pra morar debaixo de barraco, aquela coisa ... o terreno muito ruim, cheio de mato, essas coisas, eu não quis [...] vou ficar pagando meu aluguel, trabalhando pra pagar meu aluguel. Aí a gente saiu do terreno, o pessoal foram morar lá ... era mais de 500 família que foi morar nesse terreno. Aí eu peguei e fiquei, trabalhando, pagando meu aluguel, e participando das reunião direto. Todo mês, **aí me colocaram na Coordenação** ... aí quando foi depois, **o Movimento fez luta e tudo e conseguiu uma Bolsa Aluguel**, um auxílio aluguel. Aí a gente conseguiu ficar no Auxílio Aluguel até o mês passado, que a gente recebeu a chave. Não pagava né o aluguel, porque o que a Prefeitura dava, o CDHU dava pro aluguel, o auxílio, não dava pra cobrir o aluguel. A gente tinha que trabalhar pra inteirar, mas já era uma ajuda né?

É, claro, melhor que nada.

Aí agora, depois que a gente recebeu a chave, foi cortado né, porque [risos] ... já chega!

Agora vocês não são mais 'sem teto'!

Não, não somos [risos].

Não pode mais falar que é 'sem teto' mesmo!

É ... então, é isso [...] mas, é uma luta viu? Se quem não tiver coragem, não enfrenta não [risos]. Às vezes as pessoas critica, a gente somos muito criticado pelo povo né, mas ... isso aí é o de menos ...

Tá bom, adorei o seu depoimento [rimos juntas] ... acho que depois vai ter mais ... que bom, vou desligar.

00:07:48

----- F I M -----

*Em visita posterior, 27 de agosto de 2015, foi possível registrar algumas das **reformas e mobiliamento** que Zélia efetuou aos poucos:*

No seu quarto:

*Em relação aos móveis ‘planejados’ que Zélia mandou fazer para o seu quarto, concentrou-se o conjunto de móveis na parede que ela apontou na entrevista. A cama, centralizada, é uma caixa [143 x 193 cm] pintada de branco, construída com painéis de 15 mm de espessura por 40 cm de altura, possui **estrado de chapa perfurada 3mm esp**, sob o qual alguns pés de madeira se apóiam diretamente e elevam a estrutura da cama a 7 cm do piso. Essa solução construtiva é inadequada porque, mesmo a caixa estando fixada também nas laterais do armário, o peso descarregado através da chapa fina de Duratex [ou Eucatex] nos pés de madeira, sem ‘amarração’ entre eles e sem conexão com as travessas estruturais laterais, tende a danificar o sistema. Além disso perdeu-se a oportunidade, através de um projeto melhor, de aproveitar-se o grande espaço perdido abaixo do colchão.*

*Nos 58 cm de espaço que sobram nas laterais a partir da cama, cada armário vai até o teto, dividido em 1 porta²² e, abaixo, 2 gavetas de ~27 cm altura. O armário continua acima da cama, ligando as 2 ‘torres’ laterais e é dividido em 3 portas, mas deixando um nicho aberto com uma mini prateleira, pintado de branco, que faz às vezes de cabeceira, onde a cama é embutida. O conjunto de **armários tem profundidade de 50 cm**, é construído também com painéis de 15 mm de espessura, pintado de branco, portas e gavetas com revestimento madeirado ‘zebrado’. À época da visita, faltavam ainda arremates e algumas portas e gavetas estavam desalinhas (Fig. 16).*

²² Internamente, essas partes fechadas por porta [56 larg x 50 prof x 179 cm alt] têm 1 cabideiro com capacidade para roupas de 107 cm de comprimento, entre 2 vãos de prateleiras: em baixo com 21 cm e acima com 39 cm de altura.



Fig. 16 – em visita posterior, os móveis ‘planejados’ encomendados por Zélia

No banheiro:

Zélia efetuou **muitas mudanças** no banheiro (Fig. 19). A cerâmica branca do piso foi revestida com placas vinílicas [da mesma medida, 40 x 40 cm], imitando madeira com tonalidade marrom claro e foi colocada uma soleira de granito. Mudou-se a pia de lugar, ampliando o espaço disponível para o box de vidro [8mm, fosco], com 2 bandeiras fixas [40 à esquerda e 60 cm à direita], a porta de 50 cm ao meio e estrutura metálica branca. O vaso sanitário não foi mudado de lugar como ela imaginou durante a entrevista, de modo que a pia não foi situada logo à entrada do banheiro, mas entre o vaso e o box.

O gabinete da pia²³ tem desenho moderno e ‘movimentado’: uma caixa [80 x 40 x 43cm alt x 15 mm esp] pintada de branco, com 1 porta e 3 gavetas e frente com acabamento madeirado fosco, marrom claro; cuba quadrada de sobrepor [39 x 36 x 10 cm alt], de louça branca, apoiada num tampo de vidro 8mm esverdeado, que fica 8 cm acima da caixa, sobre 4 espaçadores cromados. Essa prateleira de vidro não cobre toda a caixa, ‘sobrando’ um espaço de 20 cm em desnível, à direita. O conjunto não é apoiado no piso mas parafusado na parede, a uma altura de 39 cm. Torneira de mesa, bica alta, cromada. Acima do gabinete, espelheira de sobrepor [80 x 70 x 12 cm prof] combinando com o toucador²⁴, mistura de painéis com acabamento madeirado, pintura branca, prateleiras de vidro, iluminação embutida. Na parede ao seu lado esquerdo, toalheiro em forma de argola. Protegendo o piso em frente à pia, há um tapete bege, com aparência de juta, rendilhado emborrachado, quadrado mas com bordas irregulares, ~45 x 45 cm (Fig. 20).

²³ Toucador NAPOLI, fabricante Darabas Agardi, que, segundo o seu sítio eletrônico: “É uma empresa nacional de móveis para cozinha e banheiros em MDF e móveis em pinus para exportação. Com duas unidades fabris localizadas no sul do estado de Santa Catarina, nos municípios de Araranguá com área construída de 5500 m² em terreno 40 000 m² e Jacinto Machado com área construída de 3000 m² em terreno de 3500 m², atua no mercado desde 1978 sempre investindo em tecnologia na fabricação de seus móveis [e] está presente em vários revendedores nas principais capitais e cidades do Brasil.” Disponível em <<http://www.darabasagardi.com.br/a-empresa>>, acesso em 04/10/2019.

²⁴ Mesmo fabricante, mesma linha do Toucador: Espelheira NAPOLI, Darabas Agardi.



Fig. 19 – banheiro reformado



Fig. 20 – Toucador e espelheira 'Napoli'

Dentro do box, à direita, como se atendesse à pia anterior, há uma pequena espelheira, [33 x 48 x 10 cm esp], prata, invadindo um pouco o canto direito inferior da janela do banheiro (Fig. 21); um toalheiro-gancho cromado na parede da direita com uma toalha vermelha pendurada, um rodo vermelho encostado no canto, 1 saboneteira oval, cromada, na parede a meio caminho do chuveiro. No canto esquerdo do box, há uma pequena **cantoneira de vidro** 8mm esverdeado, ~26 x 26 x 157 cm alt, para suporte de cosméticos de banho (Fig. 22).



Fig. 21 – canto direito dentro do box



Fig. 22 – canto esquerdo dentro do box

Na cozinha: No novo arranjo de ‘planejados’ para a cozinha, completou-se os 63 cm à esquerda da pia com um móvel com 2 portas, acompanhando as linhas e alturas do gabinete e ampliando a bancada de trabalho. Acima, começando de uma altura de ~155 cm do piso e indo até o teto, o móvel ocupa toda a extensão da parede e ‘vira’ na parede da esquerda, onde foi localizada a geladeira. O conjunto é todo branco, com portas lisas, e mede 82 cm de altura no geral. Há um nicho para micro-ondas. As portas acima do micro-ondas, mais horizontais, têm abertura basculante, com pistão amortecedor. Acima do teto da geladeira o móvel deixa um espaço livre de ~50 cm, diminuindo sua altura para 42 cm e depois volta a acompanhar as alturas do conjunto.

Curiosidade: os objetos em cima da pia são os mesmos e no mesmo arranjo da época da vídeo-entrevista, inclusive a fruteira de 2 andares equilibrando-se sobre o filtro de barro (Figs. 23 e 24).



Fig. 23 – os novos móveis planejados da cozinha

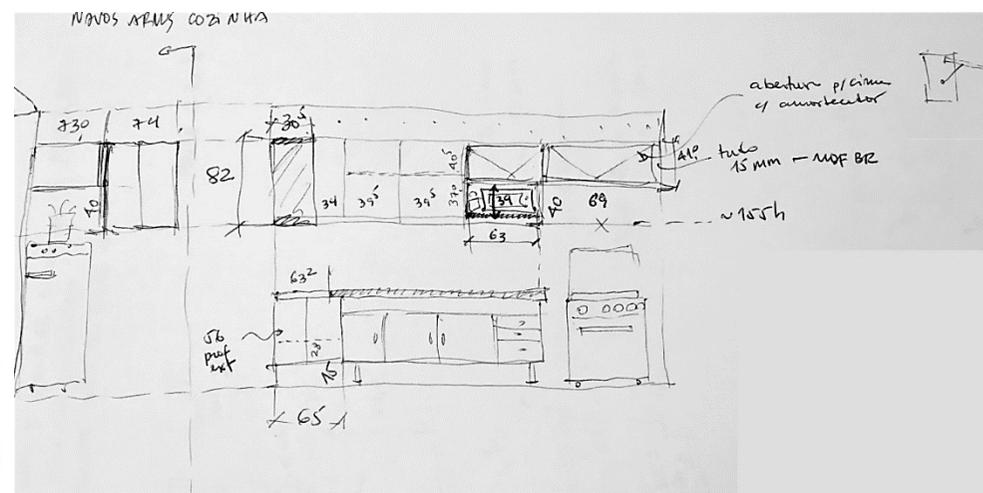


Fig. 24 – rascunho medidas dos móveis da cozinha – confecção da autora

----- F I M -----

2. M. Francisca²⁵ J. Cândido A

transcrição entrevista gravada em vídeo em 21 setembro 2015

total 22:22 min [legenda: M. Francisca; Pesquisadora; anotações]

Importante: as descrições sobre materiais dos objetos se referem à sua aparência, a pesquisa não os verificou cientificamente.

Bato na porta do apartamento e Maria Francisca (MF) me atende. Abre a porta e já vai se apresentando, conforme havíamos combinado antes para a vídeo-entrevista. Ela fala rápido, algumas palavras ficaram incompreensíveis para a transcrição²⁶.

MF – oi, meu nome é Maria Francisca, seja bem vinda.

E – muito obrigada por me deixar entrar na sua casa Maria Francisca.

MF – fica à vontade (sorri e fecha a porta depois que eu entro) ... o que você deseja?

²⁵ Nome fictício.

²⁶ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

E – eu queria que você me mostrasse a sua casa ...

MF – você quer começar daonde, de lá pra cá? *(fazendo um sinal como que dos quartos para sala, onde estamos), dos quarto?*

E – do jeito que você quiser ...

MF – 'bora lá ... só não olha a bagunça não ...

Rimos. Sigo MF que se dirige a um dos dois quartos. Passamos pela sala, e seu neto de oito anos que até o momento assistia tv sentado no sofá, levanta e vai conosco, segurando um brinquedo. Na porta do quarto MF para e me mostra a lateral do guarda-roupas ... ele é desencostado da parede uns 7 cm e dá pra ver o fundo despregado e uma boa parte da lateral com o folheado descascado.

00:00:40

MF – olha o que eu fiz com o meu guarda roupa ...

O contra-luz me deixa gravando meio às cegas, enquanto tento entender o que aconteceu com o móvel.

E – ah, cê teve que cortar ele? é isso? *(o comprimento do armário é maior do que a parede disponível, de modo que ele invade parte do batente da porta).*

MF – a porta enroscou, não sei o que aconteceu ... eu tive que quebrar (ele?) inteirinho pra abrir a porta, ó ...

E – tava muito ...

MF – encalacrado ... essa porta não era pra fechar, aí fecharam ela até o final ...

E- (risos) forçaram ela ...

MF – aí eu peguei uma chave de fenda e detonei ela todinha ... *(faz o movimento de 'golpear' com a chave de fenda imaginária na mão).*

E – ela encalacrou mesmo pelo jeito, ah que dó ... mas isso não é difícil né (de consertar)?

MF – não, não é difícil ... tem que tirar a (roupa?) todinha pra poder arrumar.

E – não é difícil arrumar, na verdade²⁷ ...

O quarto é o menor do apartamento (2,60 x 3,60 m). A cama de casal está situada longitudinalmente na parede (a de 3,60 m) frente à porta e o grande guarda-roupa fica à esquerda da mesma porta, também longitudinalmente, formando um estreito corredor de passagem, acesso à parte mais 'livre' do quarto, e ao canto das 2 janelas, dispostas em 'L', 1 em cada parede. A janela mais estreita tem somente vidro fixo causando algum problema de privacidade, resolvido geralmente com colocação de película adesiva ou com cortina. Maria de Francisca optou por cortina. Na cama vejo seu neto bebê, que dorme sobre a colcha, descoberto por causa do calor.

²⁷ Realmente, pregar novamente o fundo e restaurar o folheado descascado não seria difícil ... embora o problema da dimensão do armário continue.

A cama não é do tipo box (como a maioria), ~1,40 m largura, e tem uma cabeceira decorada com frisos e almofadas, e um grande recorte vazado, acompanhando o arco que finaliza a parte de cima²⁸. A peseira é aparente, mais baixa e lisa, também em arco, acabamento brilhante (pintura?), cor clara, combinando com o guarda-roupa. O guarda-roupa, como comentado antes, excede o comprimento da parede em que se situa, invadindo o batente da porta de entrada do quarto. Tem 6 portas, ‘inteiriças’ (sem divisão externa tipo maleiro), puxadores longilíneos, padrão metálico. A altura que sobra entre o armário e o teto é pequena, cerca de 20 a 30 centímetros, e é preenchida por algumas caixas e embrulhos. Revestimento imitando madeira pau-marfim.

MF – eu preciso comprar outro ... (fica na porta enquanto eu entro) ... **esse daqui é um dos quarto, a molecada faz bagunça né?**

E – (sussurrando) ah, ele tá dormindo!

MF – ... porque não tem lugar pra bagunçar, eles bagunçam aí ...

E – (entrando) aqui é o quarto das crianças, não?

MF – é o quarto de bagunça ... meu marido dorme aqui, as criança bagunçam aqui ... e assim vai.

No canto das janelas existem alguns brinquedos, uma bicicletinha, um pequeno baú forrado de tecido, estofado no tampo tipo banquinho [para guarda de brinquedos].

*Uma **sapateira** (estampada) com zíper, com algumas caixas pequenas apoiadas no tampo, um ferro de passar roupa, uma pequena caixa de ferramentas (não reparei se usada para ferramentas ou, talvez, equipamentos de costura).*

²⁸ Essa decoração descrita é uma adaptação da marcenaria tradicional – no lugar dos frisos e almofadas que usualmente seriam aplicados, temos uma peça única (provavelmente MDF) escavada e recortada.

E – (fico novamente contra a luz) não enxergo nada o que que eu tou filmando ...

MF – não é por causa do sol não?

E – é ... ele tá filmando, só que eu não sei o que que ele tá filmando (risos) ... sabe quando fica super clara [a tela]? (risos).

MF – (tentando me ajudar) essa luzinha [da filmadora] fica piscando? ela não tem que ficar parada?

E – não, ela tá funcionando sim [...] então, é seu marido que dorme aqui e as crianças brincam, é isso?

M. Francisca acena afirmativamente com a cabeça.

MF – pra mim ... eu gosto desse quarto, ele é bem arejado sabe? mas eu preciso mudar muita coisa aqui dentro ... sei lá, eu ainda não tive assim, como se fala ... **ideia eu tenho** mas não tenho **tempo** entendeu? (irônica, faz o sinal característico indicando 'dinheiro' enquanto fala 'tempo', esfregando os dedos indicador e polegar).

E – humhum ...

MF – então fica difícil ... (vai em direção ao canto das janelas) cê vê, **tá mofando tudo os beiral aqui ...**

eu limpo um dia sim um dia não ... tá vendo que eu tou passando o dedo e tá saindo a tinta (*esfrega o dedo no beiral e me mostra*) ... isso aqui é tudo mofo ó.

E – é mesmo né, olha aqui ó (me aproximo) ...

MF – olha aqui, ó a cortina como que tá ó (*mostra umas pequenas linhas de sujeira em parte da cortina*) ... **é mofo fia, tudo é mofo ó, eu limpo um dia sim um dia não** ... e quando você começa a limpar (*esfrega novamente o dedo na parede*), isso daqui é o próprio concreto ó, tá mostrando, eu passei só o dedo (*seu dedo fica com uma fina poeira grudada*), tá vendo como que tá?

E – tou, tô vendo ...

M. Francisca se refere ao fato de que a parede aparentemente não teve acabamento de massa corrida e foi pintada diretamente sobre o concreto.

MF – se começa a limpar, fica desse jeito ó, amarelo ... aí não sei, **dá desânimo, dá desgosto** ... graças a Deus que é só esses problema que tem por enquanto no meu, graças a Deus, porque ... quando começar o bicho pipocar aqui (*ela se refere às lajotas do piso que estão precisando ser recolocadas em muitos apartamentos dos condomínios*).

E – mas não são todos [os apartamentos] que tão dando problema de piso né?

MF – a maioria ... a maioria ... eles (a construtora) vêm consertar o de cima, estraga o de baixo, e aí vai sabe? ou do lado, estraga o do outro lado ... tem uma casa aí que o armário caiu da parede ...

E – ele era preso na parede ..?

MF – e caiu ...

E – a parede não aguentou ...

MF – não ... aí um dia eu tava subindo pra ir pro casarão (*onde fica a central do movimento, num terreno próximo ao condomínio*) e tava subindo uma senhora, subindo chorando, ‘que foi, aconteceu alguma coisa?’ ‘não, eu comprei tem não sei quanto tempo’ ... nem sei quanto tempo ela falou que tava morando, e parece que, atrás do guarda roupa dela, o fundo atrás do guarda roupa grudou na parede, como se a parede tivesse chupado, e grudou ... desceu tudo ... ela falou que tava com os móvel dela tudo perdido, de **umidade** ... **meu marido falou que concreto usinado, ele não seca**, ele tem uma placa no meio ... tem apartamento que não bate sol, então não vai secar nunca ... ele falou que não seca, quem falar pra mim que concreto usinado seca, é mentira, não seca ... ele não tem como entrar [ar?], pra secar ... por isso que o piso vem [sobe] ...

O neto de 3 anos entra no quarto, tentando chamar nossa atenção.

MF – mas eu, sei lá ... vou ver se pinto ele todinho de uma cor mais ... mas tá difícil ...

Perco a oportunidade de perguntar quais as cores ela gostaria de escolher.

E – o teto era assim, já, com essa textura? *(sim, ela acena com a cabeça)* ... eu não tinha lembrado, não tinha visto isso.

MF – *(para o neto)* não vai fazer bagunça, pelo amor de Deus! deixa os brinquedos aí dentro ...

O neto vai em direção ao pequeno baú de brinquedos e o abre.

MF – quer ir em outro?

E – quero.

MF – *(saindo do quarto e apontando para o neto que dorme)* **deixo ele aqui que é mais fresquinho**, esse aqui é mais quente *(o outro quarto)*.

00:05:18 min

MF – aqui é da minha filha ... *(entra no quarto maior, ~2,60 x 3,95 m, e vai direto para a janela, passa o dedo no beiral)* ó Marília, *cê vê, é mofo ó ... (aponta para a parede lateral)* ali é mofo, nas parede ...

Não consigo ver sinais evidentes de mofo nas paredes, mas me calo.

MF – difícil fia ... dá um cheiro de mofo aqui, abro essas cama tudinho aqui tudo quanto é lado e não acho, mas dá aquele cheirinho ...

E – é, pode ser as paredes mesmo, porque ... bate sol né, e tem ventilação ...

MF – (discordando) *bate sol aqui ó (aponta para uma área sobre uma das camas, que está efetivamente ensolarada), não bate sol na casa ... só aí só, e naquele canto do quarto que você viu (o canto das janelas), mais lugar nenhum ... então quer dizer, por mais arejado que seja, não vejo porque que tá mofando, não entendi ... acho que se passar uma tinta anti mofo, não sei, pode ser que resolva né, não sei ...*

M. Francisca volta para a entrada do quarto e aguarda, enquanto eu continuo a filmar. O quarto tem uma bicama, uma cama de casal, um guarda-roupa e uma mesa de cabeceira, com uma TV em cima. A cama de casal é do tipo box, ~1,40 de largura, com almofadas fazendo as vezes de cabeceira, posicionada no canto esquerdo de quem entra no quarto, parte dela fica abaixo do vão da janela. O guarda-roupa, como o do outro quarto, tem revestimento padrão madeira pau marfim, portas inteiriças e puxadores longilíneos padrão metálico. Tem 6 portas e o vão que sobra entre ele e o teto é bem menor, cerca de 10 cm. Localiza-se na parede oposta à cama de casal, formando novamente um corredor estreito, aproximadamente 45 cm de largura, além de obstruir cerca de 1/3 da janela.

O criado mudo, também combinando com o padrão pau-marfim, tem ~50 x 40 cm, 2 gavetas e um nicho aberto. Sobre ele, uma TV pequena, daquelas antigas, não tela plana.

E – mudou bastante esse quarto né? *(em relação à primeira visita, em 20/05/2015).*

MF – mudou, porque quando você veio aqui *(‘não tinha esse armário’, falo, junto) ... ahã, esse aí veio depois ...*

E – esse armário, você ... vocês compraram ...?

MF – não, era da minha ex-sogra ... aí minha filha não cabia na casa que ela ia e ela me deu ...

E – tá ...

MF – porque a casa que ela alugou já é mobiliada né, só não tinha sofá e cama, e as cama, mesa, isso não, mas o resto, os armários de cozinha, já tinha fogão, já tinha um monte de coisa ... aí ela não levou nem o armário nem esse aqui ... ela levou aquele armarinho pequenininho que era da minha filha ...

E – eu tenho ele fotografado sim, acho que eu lembro ... e aqui dorme a sua filha ...

MF – as crianças ... e eu durmo aqui ... *(aponta para a bi cama).*

A bi cama está situada bem em frente à porta de entrada do quarto, impedindo sua abertura total (no vão que se forma, fica um cesto de roupa suja – redondo, alto, de plástico, sem tampa, arejado). O guarda-roupa encostado à sua esquerda bloqueia a saída da bi-cama. Também com cabeceira decorada com arcos e recortes, tem acabamento brilhante, imitando madeira com pátina de pintura acinzentada.

MF – porque como ele tem aquele problema lá na perna *(diabético, o marido teve uma das pernas amputadas recentemente)*, ele se mexe muito, eu tenho medo dele se machucar ... aí ele fica lá no quarto sossegado ...

E – sei, sei, entendi ... tá ... as crianças dormem na cama então, com a sua filha?

MF - essa daqui (mostra, com o pé, a bicama) eu comprei mesmo pra esse daqui (mostra o neto, que acabou de entrar no carto, carregando um brinquedo), que tem a de baixo ...

E – mas como que você tira ela daí?

MF – não, por enquanto não tem como tirar ela, por causa do [incompreensível] ...

E – é, não tem, é ...

MF – mas foi ... é que ela tava no mesmo preço de uma, as duas no mesmo preço de uma, falei 'vou levar as duas né?' só que ...

E – bom, você pode fazer assim, e ... (faço um gesto com as mãos, de 'empurrar' a cama para fora da linha do armário) você consegue, com ela [a porta] fechada?

MF – eu tenho que fechar a porta, puxar ela até o final, mas, sei lá ... com o tempo, não sei se ela vai querer mudar o quarto, comprar outro armário, não sei ...

E – tá ...

MF – não sei como vai ser ... mas, tá bom, né? se tivesse pagando aluguel, como ia ser?

00:008:18 min

MF – *(saindo do quarto)* aqui é o banheiro, eu preciso colocar um box ainda, mas eu tou pensando de colocar um box, por causa do meu marido né, do jeito que ele é tenho medo dele cair, machucar ...

E – verdade ...

MF – então vou deixar aqui, ele falou que ... o médico falou que se colocar um box de acrílico não tem perigo nenhum ...

E – quem falou isso? *(‘o médico’, ela responde)* ... ah é?

MF – não pode de vidro, porque é perigoso ele cair e se machucar, mas o acrílico não, porque o acrílico mesmo se ele cai, o acrílico vai *rachar*, não vai quebrar e o vidro não ... porque teve um amigo dele que foi isso, uma mulher falou que colocar de vidro era melhor, entrou um ar dentro do banheiro e *estourou*, e ele tava dentro ... se fosse acrílico não tinha estourado ... e o cara que colocou o box pra ele tinha falado, ‘coloca um acrílico, que é melhor, porque eu tenho um acrílico que é inquebrável, cê pode bater, pode fazer o que quiser que não quebra’ e ele ‘não, não sei quê, não sei quê’, colocou de vidro ... quase que o homem se apagou ... ficou assim, como se tivesse pegado um machado e tivesse picado todinho, o box ... aí **nós fica com medo de colocar, dele se machucar né**, então deixa aí por enquanto, do jeito que tá ...

M. Francisca não fez nenhuma modificação no banheiro original, além de colocar os acessórios, como espelho, assento para o vaso sanitário, 1 mini prateleira de canto de apoio para o chuveiro, 1 toalheiro para toalha de rosto, 1 para toalha de banho, lixeira, 1 banquinho de plástico, usado para o banho do marido. Acima do vaso sanitário foi instalado um módulo de 2 portas, parte de 1 armário de metal que também está presente na cozinha. No vão entre esse armário e o teto, fica guardada a banheirinha do bebê.

MF – viu onde que eu coloquei a outra peça do armário, que não coube lá?

E – bonito ... ficou ótimo aí, ficou muito bom ... olha que boa ideia você teve, colocar lá em cima a ... né? a banheirinha ...

MF – colocaram um negócio diferente das outras né? *(mostra uma faixa de azulejos de tonalidade diferente, bem mais escuro que o branco, que faz uma espécie de rodapé alto na parede da pia, chegando a ‘virar’ no canto um pouco).*

E – ah é ...

MF – tá bem diferente ...

E - é novo isso?

MF – não ... já tinha.

E – olha, eu não tinha percebido (*na visita anterior*) ...

MF – eu pensei que era umidade mas não é não ... quando cê toma banho, alguma coisa assim, entra água, mas não é não, é a lajota mesmo ...

E – que tá diferente ... não ficou ruim ... podia ter feito aqui também né (*continuado a barra até o fim do rebaixo de piso do chuveiro*) ... (*risos*)

MF – pois é ... dá pra imaginar porque que aconteceu isso? depois o engenheiro veio aqui e falou ‘ué, vocês trabalharam aqui’, eu falei ‘vocês? é serviço de vocês isso daí’ ... pois é Marília, vou ver se troco esse piso, **enquanto não trocar esse piso eu não sossego ...**

E – o piso da sala e dos quartos? é? que que cê tá pensando?

MF – **pensando em colocar carpete de madeira**, sabe aquele que é tipo madeira mas é ... tipo Paviflex, sabe como é que é né?

E – sei ...

MF – esse que eu quero colocar ... ou um piso mais escuro ...

E – não gosta de branco?

MF – não ... não gosto de branco ... não gosto mesmo ... cê pode olhar meu armário, cê não vai achar nenhuma roupa branca minha ... não uso ... se tiver é uma camiseta e olha lá, branca, eu não gosto ...
(fica absorta, olhando o piso) ...

E – põe uns tapetes ... *(risos)*

MF – não, não pode, por causa *dele* *(o marido)* ...

E – ah, não pode mesmo!

MF – não, escorrega ... acho que é por isso que tá ... eu não posso fazer o que eu quero, entendeu? do jeito que eu quero, é por isso ...

O neto que brincava na sala passa pelo corredor em direção ao quarto em que o irmão bebê dorme.

MF – João, sai daí! volta, João ...

João sobe na cama e termina de despertar o bebê, que senta e olha para nós, me estranhando ... (risos)

MF – vem ... quer vir na vó? vem ...

M. Francisca pega o neto, que ficará em seu colo até o fim da entrevista ... entabulo uma conversa com o neto João que tentou timidamente chamar nossa atenção por algumas vezes, anteriormente ... ‘tá muito calor né?’, ele acena afirmativamente ...

00:12:00 min

*O corredor tem 1,20 de largura e é usado para as crianças brincarem, tendo outro baú de brinquedos similar ao do quarto do casal, seguido por um movelzinho tipo rack, já no ambiente da sala - também com revestimento padrão pau-marfim, com gavetas, e nichos abertos, o maior deles abrigando **uma coleção de LPs**. Garrafas de bebida e um balde para gelo apoiados no tampo, compõem um ‘barzinho’.*

MF – então Marília, eu quero tirar isso aqui também ó²⁹ ...

E – esse movelzinho ... (o ‘barzinho’)

MF –isso era o resto da minha outra estante ... detonei ela e trouxe esse [módulo] daí ... aí quando você veio não tinha o sofá lembra?

²⁹ Em entrevista feita 3 anos e 8 meses após, em 2019, o ‘barzinho’ já não fazia parte do arranjo.

E – lembro [...] você comprou ... especialmente pra cá, não? ou ... [...] o quê que você trouxe pra cá, assim, de novidade?

MF – ah Marília, o que eu trouxe da outra casa pra cá foi só esse guarda-roupa, essa cama (do quarto do casal), essa cama da minha filha, isso daqui (o criado mudo do quarto da filha) ...

E – tá, isso você já tinha ...

MF – já ...

E – e essas coisas que você já tinha, você ... pra mim é um pouco importante isso, você escolheu, ou comprou, ou você ganhou ...

MF – não, eu já tinha, eu comprei ... [...] quando eu fui morar, na segunda casa que eu morava no Macedônia, acho que foi a segunda ... eu comprei o jogo de quarto, eu comprei o ... pra sala, só não comprei o sofá porque não cabia, mas mesa, sofá, geladeira, essas coisa eu comprei, tudo numa vez. A única coisa que eu não tinha quando eu mudei pra cá era esse guarda roupa (do quarto da filha), essa cama que tá ali (a bicama), o sofá né, o sofá que eu não tinha, isso aqui eu já trouxe da outra casa (o 'bar') ... isso aqui (a estante de madeira) também eu não tinha, foi eu que ganhei, da minha vizinha (?), tava saindo da casa, ela me deu ...

E – ah é, de quem que era essa ...?

MF – de uma senhorinha que morava no, numa casa lá com a gente ...

E – ela é toda de madeira maciça, cê viu né?

MF – esse é ... tá 4 mil reais isso aqui lá no Embu ... *(bate com o nó dos dedos na madeira)*.

E – ô! é do Embu né, eu achei que era, eu achei que era sim, tem todo o jeito ...

Falamos de uma estante de madeira maciça (imbuia, ~1,30 x 0,40 x 1,60 h), situada na parede ao lado do terraço, robusta, estilo rústico, com 2 gavetas pequenas (com frentes enfeitadas por espessos apliques de almofadas) e o restante em nichos abertos. O maior deles (com sinal de que uma divisória foi retirada) abriga a grande TV de tela plana. Logo abaixo, o nicho para os aparelhos de vídeo e DVD (?). Toalhinhas brancas de crochê protegem quase todas as prateleiras. Na última prateleira (ou 'teto' da estante), acima da TV, um grande aparelho de som, com auto falantes separados, em meio a muitas fotos de netos, álbuns, lembranças de aniversários das crianças ... além de alguns bibelôs e canecas decorativas de chope de vários tamanhos, formatos e cores, em combinação anárquica.

MF – então aí, **essa mesa também**, eu não trouxe ela pra cá, **veio da minha sogra também** [...] lembra quando cê veio pra cá era uma branca, cê lembra, era outra mesa, não era essa ...

E – não, era essa ... [...] só se era *igualzinha* ...

MF – não ... quando você for na casa da outra menina você vai ver que não é, porque eu dei pra ela ... a mesa era diferente, era de fórmica, tipo parecendo um mármore, e era branca ... essa daí é outra ...

E – mas o jeito de construir era igual ... vou te mostrar a foto depois ...

MF – não é não, tou falando que não [...] era branca, as cadeira com estofado³⁰ ...

E – esse sofá, eu já te perguntei, eu esqueci, você comprou, pra cá, não?

MF – pra cá, eu já tava aqui já ...

E – ahh, tá bom, entendi ...

O conjunto tem dois sofás para três lugares, ~1,60 x 0,80 m cada, dispostos em 'L', um deles ligeiramente enviesado para liberar um pouco o acesso ao canto. Estão protegidos por capas vermelhas e têm almofadas, travesseiro e 1 coberta, já de 'prontidão' para as crianças. Enquanto MF dá um pouco de atenção aos netos que a requisitam, continuo a filmar.

³⁰ As fotos da primeira visita confirmaram que a mesa que eu tinha visto era sim a mesma, como lembrei.

A mesa de jantar está situada em frente à varanda, ocupando a parte fixa da porta de vidro. Está parcialmente arrumada para refeições, (1 garrafa grande de refrigerante e 1 copo), uma das pontas com toalha de mesa sobrepondo parte da toalha de centro e sua fruteira. Os pés da mesa não são maciços, mas em chapas formando um 'L', o tampo retangular com cantos arredondados, acabamento brilhante, 'madeirado' castanho escuro. Quatro cadeiras combinando, mesma 'madeira', assento com um estofado escuro de pouca espessura; encosto em chapa combinando com o assento, em meio ao quadro de madeira.

00:14:55 min

E – aí você fez o móvel virado pra lá, muito bom ...

Falo do móvel que faz as vezes de balcão, separando a cozinha da sala. É do mesmo conjunto do pequeno módulo que ela instalou no banheiro. Outros 3 módulos, 2 portas e 1 prateleira interna cada um, foram empilhados formando 1 móvel alto, presos na parede, ao lado da geladeira. O último módulo, 3 portas, está acima da pia da cozinha. São brancos, tudo em chapa de metal (inclusive internamente), fora o tampo do balcão, que é de aglomerado (ou mdf, ou compensado) formicado.

O móvel balcão foi posicionado com as portas viradas para a sala e o fundo virado para a cozinha. Um grande filtro de barro (encimado por um 'chapéu' de toalha rendilhada) ocupa posição central sobre o balcão.

MF – não olha essa pia não pelamor de Deus hein? tá cheia de bagunça ...

E – (*risos*) ah, eu vou ver *tudo!* esse móvel é muito legal (*o de metal*) ...

MF – é que se colocar ele de costa pra cá Marília, vai ficar muito feio ... o pessoal tem uns apartamento tudo bonito mas coloca essas coisa pra ... eu falei 'gente, para', fica tudo ...

E – não, e é ótimo, porque provavelmente você usa as coisas da mesa aqui, não é isso ... procê arrumar a mesa e tudo, já tá virado, não é isso?

MF – então, aí não, porque assim, 'você vai abrir o armário às vezes', eu falei, 'não quero saber minha fia, vai ficar assim mesmo' ... porque se for colocar um balcão aqui não vai ficar legal ... vi na casa dos outros não achei legal balcão ...

E – não, ele é a mesma função e ainda tem um móvel em baixo ...

MF – então, pra mim fazer um balcão aqui, é, tem que ser do jeito que eu quero, entendeu? e eu ia ter que colocar esse móvel aqui (*aponta para a área de serviço*), ia me tomar muito espaço aí ... **eu já tou tentando achar espaço né**, eu vou colocar mais um desse ali? [...]

A minha ideia era ter colocado ele lá na pia mas, como ele veio depois, aí eu falei 'não, deixa minha pia aí, e deixa ele aqui', que quem achar bonito e achar feio, pode até eu gostar ...

E – a pia ... já tava?

MF – não, quando você veio não tinha não ...

E – não? ela não tinha nem ... nada?

MF – nada ... só tinha a pia de cima, que eles deixaram (*a construtora*) ...

E – as pessoas escolhem até o tampo da pia, tudo, né? o da Zélia é diferente mesmo, o tampo da pia ...

MF – é, porque **essa daí eu fui lá e comprei né?** porque aquela pia deles lá, que cê colocava alguma coisa quente em cima que saia um pedaço junto ...

E – ah, *tinha* uma pia?

MF – tinha, mas **era uma pia horrorosa**, cê colocava qualquer coisa quente em cima, quando cê tirava ficava pretinha, horrível ... aí eu comprei a pia, comprei a torneira, porque a torneira era de plástico ... era um plástico tipo um inox ... igual essa daqui ó (*aponta para a torneira do tanque*) ... essa torneira é plástico sabia? ela não é torneira de ... ela é plástico ... aí eu comprei aquela pra mim e coloquei ela do mesmo jeito, porque **ninguém tem torneira igual à minha, assim, colocada na parede ... ninguém tem aqui, só eu ... aqui ó**, (*me chama de volta do tanque*) da pia, ninguém tem essa torneira na parede, só eu que tenho ...

E – ahh, ela vem de baixo, né, as outras ...

MF – não, ela é grudada na pia ...

E – grudada na pia, exatamente, ahã ...

MF – aí eu coloquei ... o suportezinho do micro (*ondas*) eu também coloquei, que não tinha ...

E – aqui né? é ... bom, ... toda essa ... *tudo* né, na verdade ...

MF – só tinha a geladeira quando você veio aqui, lembra?

E – lembro ... é, esse daqui (*o móvel metálico*) tava ali né, e tava desmontado (*na área de serviço*).

MF – tava ... aí é a minha bagunça né Marília? (*estou abrindo os armários*) (*risos*) tudo bagunçado [...] ainda preciso organizar *bastante* aí Marília ainda ... tem que comprar uns potinhos pra colocar minhas coisa, bonitinho ...

No armário ao lado da geladeira, MF guarda, de cima para baixo, uma caixa organizadora, de plástico, transparente, com utensílios pequenos de plástico dentro; potes de plástico grandes, café, chocolate, bolachas; temperos; e, nas 3 últimas prateleiras, as panelas.

E – ah, você guarda as panelas aqui, humm *(estou abrindo o armário ao lado da geladeira)* ... cada um tem um jeito né ... e aqui? *(examino abaixo da pia, onde normalmente ficariam as panelas)*.

MF – aí é só tupperware *(o gabinete da pia não tem prateleira intermediária e dentro tem potes plásticos em geral)* ... ó a bagunça ... isso aqui não *(inaudível)* Marília ... tem dia que eu levanto aqui ó isso aqui ó, tá lá no quarto ... *(as crianças brincam de espalhar os guardados no gabinete da pia, porque têm acesso fácil)* *(risos)* eles levam tudo, bagunçando ... a fruteira ali, não dá tempo de colocar mais nada naquela fruteira, que eles furam tudinho, saem arrastando até ... eu não coloco mais nada ...

Abro as 3 gavetas do gabinete da pia ... a primeira guarda talheres, a segunda e a terceira não têm divisões internas ... a segunda guarda escumadeiras, conchas, raladores, peneiras ... a terceira guarda tampas de panelas. Esqueço de abrir o armário (3 portas) que fica acima da pia. A pia é daquelas de aço inox, comprada pronta já com o gabinete que é branco, 2 portas e 3 gavetas, sobre pés tubulares metálicos de sessão redonda.

À direita da pia situa-se o fogão de 4 bocas, com exaustor acima. Os 'tetos' de tudo (geladeira e armários) servem de apoio para enfeites (canecas decoradas novamente) e utensílios.

MF – então, o fogão eu trouxe da outra casa ...

E – a geladeira também ...

MF – a geladeira, o fogão, eu trouxe já ...

E – cê usa bastante o micro ondas?

*O micro-ondas, à esquerda do armário aéreo sobre a pia, fica sobre **uma prateleira de vidro** presa na parede, com mãos francesas metálicas, brancas. Uma toalhinha vermelha protege o vidro.*

MF – mais ou menos, só pra mamadeira, essas coisas assim ... alguma comida que chega fora de hora, pra esquentar ...

E – sabe que eu não tenho micro ondas, até hoje ...

MF – mas **é bem útil** sabia?

E – é, parece que sim ... e como cê faz com o negócio de lavação de roupa, que deve ter *muita* roupa né? com criança ...

00:19:07 min

MF – é esse varalzinho que eu tenho ... eu não lavo todo dia porque, com esse negócio de água, aí eu lavo um dia sim um dia não ... que nem eu lavei hoje, encheu uma máquina, eu nem lembrava ... aí eu lavo depois de amanhã ou sei lá, depende do tanto de roupa né ...

Na área de serviço há o tanque, máquina de lavar roupa, 1 estreito armário aéreo [~22 larg x 30 prof x 120 cm altura], 1 cesto grande, balde, lixeiras, caixa de papelão. Seis linhas de varal fixos de parede a parede, estão cheios de roupas a secar. Não há cortinas na janela.

E – humhum ... nem dá pra ver todos (*rio, em meio ao emaranhado de roupas penduradas*) ...

MF – esses varal que o marido (?) colocou pra mim ...

E – ah é, varal fixo né?

MF – é, se colocar varal de teto aí minha fia, cai o teto... num guenta, num suporta ...

E – tá ... não, e é muita roupa né, que você precisa e também você precisa *sempre* do varal, não precisa ficar ...

MF – então, tem roupa de cama, tem tudo né, coberta ...

E – ahãhã ... e dá conta isso daí, esse espaço que cê tem?

MF – as coberta seca aqui ó (*no terraço*), quando eu lavo, seca rapidinho ... não pode colocar ... assim, não pode colocar *pra fora* ...

00:19:56

E – (*risos*) eu ia te perguntar se podia ...

MF – mas eu pego, coloco pelo meio assim e puxo sabe ... então quem tá lá fora só vê que tem alguma coisa, mas não sabe o que é ... se o Zé Carlos (*o síndico*) passou ali eu falo 'pode tirar o olho daqui' (*risos*) ... foi proibido pelo Guilherme (*Boulos*), *não pode* ... se achar é pra dar uma advertência ... mas não ... ele quase não vem ali ó, Zé Carlos não vem ...

E – ahãhã ... e é um bom lugar né ...

MF – seca rapidinho ...

E – (*risos*) é um bom lugar mesmo ... tem muito barulho da rua aqui, não né?

No terraço, 1 cadeira de madeira, dobrável e ao lado uma mesinha de junco (bambu?). Nos dirigimos ambas para o guarda corpo, avistar lá fora.

MF – chega 8 hora, um silêncio ...

Venta ... vemos coberturas de telha ondulada num terreno aberto e, mais longe, à esquerda, uma região urbana densamente ocupada.

E – aquele lá é o riacho que tem, não? (*aponto*)

MF – é um córrego ...

MF – **essa pracinha também não tinha não viu? foi colocada depois que tamo aqui** [...] *[o condomínio como vetor de melhorias na infraestrutura pública]* depois que a gente veio pra cá que o prefeito colocou.

E – tem algum lugar de brincar com as ... pode brincar aqui no próprio quintal com as crianças né?

MF – quase não vai porque **a molecada briga muito** ... briga muito né ... então a D* (*a filha*) vai, mas ela vai mais à noite, pro pátio, essas coisas assim, mas não, eles não brincam não ...

E – não brincam muito no play ground daqui?

MF – eu não levo ... porque, toda vez que você desce tem uma confusão, **é uma fofoca**, é uma coisa ... **eu não gosto disso, prefiro ficar em casa** ... aí quando a mãe chega se quiser levar, leva ... então, quando eu saio é pra casa da minha amiga aí do quinto andar que não precisa sair pra fora [...] aí a mãe dele chega, leva eles quando tá calor leva lá em baixo um pouquinho, eles brincam ...

MF – pois é Marília, **esse é o meu barraco**. *[Voltamos para a sala ... as crianças rodeando]*.

E – tá bom ... vimos tudo ... fizemos o percurso total né ... então tá bom ... obrigada hein, vou desligar.

MF – fica à vontade, quando quiser vir de novo ...

00:22:22 min

***** FIM *****

2. M. Francisca³¹ J. Cândido A

transcrição entrevista gravada em vídeo em 01 abril 2019

total 17:35 + 09:56 min = 27:31 min [legenda: M. Francisca; Pesquisadora; anotações]

*Importante: as descrições sobre **materiais** dos objetos se referem à sua **aparência**, a pesquisa não os verificou cientificamente.*

Três anos e oito meses após a primeira entrevista [em 21/09/2015], Maria Francisca (MF) me recebe novamente e mostra as mudanças que ocorreram na sua forma de morar. A nova vídeo entrevista transcorre com o mesmo formato³² da anterior, mas ambas ‘cortamos caminhos’ tanto nas formalidades do trato pessoal como na observação dos detalhes do apartamento. Muitas vezes sou eu quem dirige o olhar e a ação. Esta transcrição também ‘cortará caminhos’ e não será literal, mas registrará os pontos principais.

-
00:00:00

Obrigada por me deixar entrar na sua casa *novamente*, vai ser muito legal ficar vendo as mudanças que você fez ...

‘Bora ...

³¹ Nome fictício.

³² O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

Em direção ao corredor e quartos, passamos pela filha e um ‘compadre’ de MF sentados na sala, cada qual em um sofá, os mesmos de antes, cobertos com o mesmo forro vermelho, exceto que um deles não está mais disposto em diagonal, mas ambos estão em ângulo reto [Fig. 1 e 2]. Noto também que não há mais a grande estante de madeira maciça [Fig. 3] [feita no Embu, que ela tinha ganhado de uma amiga e que, pelo jeito como ela me mostrou à época, a impressão foi que seria uma estante querida – não tão querida a ponto de não ser descartada, aparentemente]. No lugar da estante [que abrigava entre outras coisas uma TV daquelas antigas], há uma TV plana, fixada diretamente na parede, sem painel. Abaixo há um móvel pequeno, tipo aparador.



Fig. 1 – os 2 sofás com a disposição antiga, um deles em diagonal



Fig. 2 a nova disposição, em ângulo reto



Fig. 3 – a antiga estante ‘do Embu’, substituída

0:00:54

‘Ó, aqui que é o quarto de casal ...

Diferentemente da primeira entrevista, ela me mostra primeiro o quarto em que dorme com a filha e os netos, que é o maior do apartamento, alçado ao status de ‘quarto de casal’³³. As 2 camas foram o que restou do arranjo anterior [Fig. 4 e 5]. O grande guarda-roupa foi mudado para o outro quarto, substituindo o danificado que foi jogado fora. Embora ela tome conta dos 2 netos todos os dias, sua filha e eles já não dormem no apartamento todas as noites, trazendo em sacolas as roupas que precisam quando vêm.

Ah, então, aqui mudou ...

O armário, aqui tinha um armário [...] as 2 cama é a mesma [...] aqui dorme a minha filha com as criança e eu ...

Ah tá, eu lembro que na época era difícil de tirar a bi cama né? Você usa a bi cama ou não usa?

O meu fi/... [corrige] o meu pequeno dorme nela. Um dorme com a mãe [na cama de casal], um dorme na bi cama, eu durmo ali [na cama de solteiro].

Entendi ... ah, você tá também com televisões ...

Não tinha ...

Falamos da TV plana instalada, sem painel, na parede frente à cama de casal, com fios aparentes numa diagonal em direção à tomada e para baixo ligando-se aos aparelhos sobre um pequeno banco retangular, estrutura de madeira, assento revestido com ‘fórmica’ branca [Fig. 6 e 7]. Colados na parede acima da TV, deslocados um pouco à direita, há uma ilustração e 4 adesivos, personagens de super-heróis.

³³ O outro quarto continua privativo do marido, que é diabético, teve uma das pernas amputadas, estava em adaptação há 4 anos atrás, mas ainda não era cadeirante como agora.

Sem o grande guarda-roupa anterior o quarto ficou mais espaçoso, a cama de casal agora com o acesso livre às laterais. A cama de solteiro, no entanto, continua no mesmo lugar, obstruindo parte da abertura da porta, mas a bi-cama finalmente tem espaço suficiente para ser movimentada. O espaço residual que se forma entre a cama e a porta continua aproveitado, não mais pelo grande cesto de roupas, mas por um estoque de rolos de papel higiênico, mais algumas embalagens indistinguíveis. Comento sobre um movelzinho que havia no quarto, mas ela não se lembra, confunde com uma sapateira que na verdade continua no quarto do marido. Filmo o piso quadriculado. Pergunto sobre o mofo nas paredes, preocupação mencionada na primeira entrevista.

Mas na verdade **não é nem mofo**, sabia? **De tanto limpar, saiu** [...] ela mofa, mas esse preto aí é da própria parede mesmo ... porque não é tinta, é gesso, você passa o pano sai tudo [...] viu que ficou a marca do guarda-roupa, ó ... ali já tirei um pouco de sujeira ... é mofo, com certeza ...

*As paredes têm manchas tipo 'encardido', na parede da janela e na que ficava encostado o guarda-roupa, com concentrações na linha abaixo da janela [aparentemente na linha onde antes ficava encostada a cama de casal] e próximo ao teto. Noto que agora **há redes de proteção para crianças na janela** [nos 2 quartos e na área de serviço].*



Fig. 4 – a cama de casal, lateral desencostada da parede



Fig. 5 – a bi cama obstrui parte da abertura da porta, o ‘depósito’ no nicho que se forma entre a cama e a porta



Fig. 6 – a TV, os fios, os adesivos na parede



Fig. 7 – o banquinho com os aparelhos

00:03:22

Aqui tem o outro quarto ó, do meu marido ... não olha a bagunça não ... [comento sobre o guarda-roupa, que teve o fundo danificado porque invadia um pouco a abertura da porta do quarto e agora apresenta 2 fitas crepe de reforço na junção lateral/fundo]. Não, esse daqui é outro, esse aqui é o que tava ali no quarto, **aquele lá eu joguei fora**.

Jogou fora aquele? Era enorme!

Era a mesma coisa deste ... era o mesmo [modelo] ... só que eu tirei esse dali que tava naquele quarto pra esse [...] não dá mais não [problema], agora fecha normal [fecha e abre a porta pra mostrar que funciona normalmente, provavelmente porque o armário foi mais bem encostado na outra lateral, embora ainda invada o batente da porta do quarto] [Fig. 8].

O arranjo do quarto continua parecido. Sobre a sapateira de zíper, encostada na parede em frente à cama, um abajur de desenho tradicional, com cúpula cônica, entre objetos indistintos. Ao lado da sapateira, uma pilha de roupas bem dobradas empurra a tampa e emerge de dentro de um balde de plástico azul claro, base quadrada, alto. No chão, um grande brinquedo, simulador de direção de automóvel, além de valises, sacolas e mochilas com roupas que a filha leva quando dorme lá [Fig. 9]. O guarda-roupa³⁴, parecido com o anterior, está posicionado no mesmo lugar, assim como a cama, que não é mais de casal e tem cabeceira de madeira com pátina acinzentada, um quadro vazado de faixas verticais [Fig. 10].



Fig. 8 – o armário invade o batente, mas não impede a porta do quarto de abrir e fechar normalmente

³⁴ Descrição do guarda-roupa, na entrevista anterior: “O guarda-roupa [...] tem revestimento padrão madeira pau marfim, portas inteiriças e puxadores longilíneos padrão metálico. Tem 6 portas e o vão que sobra entre ele e o teto é [...] cerca de 10 cm.”



Fig. 9 – a sapateira, a pilha de roupas dobrada, o brinquedo, as roupas da filha e netos nas valises



Fig. 10 – a nova cama do marido – embaixo da cama, a vitrola e os discos [long plays] de estimação

Da porta do quarto, olhando o corredor e a sala, noto a falta de um movelzinho e comento:

Ahh, aqui tinha um movelzinho tão interessante! [...] um movelzinho que tinha uma espécie de barzinho ... tinha [*umas bebidas*, *ela adianta*] umas bebidas, e tinha uns discos! [*ela confirma*] ... Você não tem mais aquilo? **[Fig. 11]**

O disco eu tenho, mas o movelzinho estragou [*faz um movimento de 'jogar fora' com a mão*] [...] **joguei fora** ...

Ah tá ... depois você me diz onde você guarda os discos ... você tem vitrola?

Tem fia, tá embaixo da minha cama, dentro numa caixa ...

E você guarda, porque você guarda ...

Guardo porque é lembrança né que eu tenho ...

É? Eu também tenho alguns ... não tenho mais nem toca discos ainda, quero comprar outro, mas ..

Pois é, mas vai sair, tá voltando né? [...] Eu vi em Curitiba [...] tem uns pequenininho assim ó, cê carrega, tipo um laptop.



Fig.11 – o antigo movelzinho bar/discos, que ‘estragou’ e foi jogado fora

Falamos sobre a nova cama do marido:

Era uma cama de casal, lembra?

Lembro! Ficou bem melhor o quarto assim, né?

Ficou mais espaço né ...

Claro, sem dúvida ... onde cê comprou essa cama?

Minha cunhada que deu pro meu marido [...] onde ela comprou eu não sei. [...] Esse quarto aqui também [...] eu lavei tudinho essa semana, pode ver coisa na parede ali ó, cê vai lavando e vai saindo a tinta [...] vai ficando preto [...]. Aí eu dei uma passada de bucha nela [vou na direção que ela aponta, no canto das 2 janelas] ... e não deveria ficar assim né, porque é a parte que pega mais sol, essa parte aí.

[...]

Ah, tá bom. Na época que eu vim aqui, moravam as mesmas pessoas na casa na verdade ... e esse armário dá pra todo mundo?

Não, **esse aqui é só meu e do meu marido** [...]. Ela tem o guarda-roupa dela *[incompreensível]* mas como ela está mais pra cá, ela vai trazendo ...

Ah, ela só traz o que ela tá usando e tudo e não são todas as roupas ... ah tá vendo, foi bom eu ter perguntado.

Agora aqui fica menos coisas.

Posso abrir *[o armário]*?

Pode, só não olhar pra bagunça!

Não ... só pra ter uma ideia. Tá parecido com o que eu vi antes, será?

Tá a mesma coisa ... tá zoadado mas é a mesma coisa.

Enquanto conversamos, abro e fecho todas as portas do armário, que é dividido em 3 nichos, cada 1 com 2 portas. O do meio é mais eclético na organização, com alguns bichos de pelúcia e roupas das crianças, além de cosméticos, prateleira de cima para roupas de cama e banho, fotos dos netos nas portas. O nicho da direita abriga as roupas do marido.

Falamos sobre a sapateira. Abro parcialmente o zíper do móvel para olhar ...

Tá cheia de sapato ...

Bonita essa! Ela é nova?

Não! [...] É a mesma³⁵!

[...] Ela não ficava no terraço? [...] *[Confundo com a lembrança de outra moradia pesquisada].*

No terraço não gosto de nada nele ... só aquela cadeira lá e pronto!

Eu vi, cê tem pouca coisa mesmo *[no terraço]!*

Discordamos em nossas lembranças sobre outros objetos do arranjo anterior. Fico surpresa quando ela explica o grande brinquedo de vídeo game com uma direção de automóvel e pedais, simulando corrida de fórmula 1, que é transmitido para a tela da TV.

[...] Eles já enjoaram já! [...] Mas eu preferia eles aqui dentro do que lá em baixo! [...] aqui tão na minha frente.

Eles não vão sozinhos lá pra baixo não?

Não. Se facilitar minha fia ... o mais velho não, tudo bem, mas o pequeninho ó! *[faz o gesto enérgico com uma mão deslizando sobre a outra, indicando movimento]* Ele sai por apartamento número por número aqui dentro ... nas pessoas que a gente vai, nas amiga ... no quarto andar, no quinto, no sexto [...] tudo quanto é lugar, até no C *[outro edifício]* na casa de um rapaz lá ...

Rimos. Filmo o piso. MF me chama para filmar a vista da janela.

Tu já olhou desse lado aqui Marília? Olha lá procê vê ... quando a gente mudou pra cá não tinha nada dessa comunidade aí [...] começou a fazer o condomínio, eles começaram a fazer aí [...]

³⁵ Descrição da sapateira, na entrevista anterior: “Uma sapateira (estampada) com zíper, com algumas caixas pequenas apoiadas no tampo, um ferro de passar roupa, uma pequena caixa de ferramentas (não reparei se usada para ferramentas ou, talvez, equipamentos de costura).”

Era tudo área de mato [...] Essa comunidade todinha, de fora a fora [...] Tinha só o hospital lá em cima [...] o resto não tinha não [...] Quando a gente começou a fazer a reunião no 'casarão'³⁶ não tinha essa comunidade [...] era mato, dava até medo de cê descer ali pra subir. Do nada, quando a gente veio morar aqui já tava essa comunidade todinha ... que é invasão né [...]. Que era do Paulo Felix [MST] lá embaixo [MF milita no MTST] ... aí eles ganharam, não tiveram capacidade de botar pra frente, o pessoal invadiu, tomaram conta! **[Fig. 12]**

Ah, isso aí ... [percebendo a ironia de ver invadido um terreno conquistado pela estratégia de ocupações] pra ver o que é bom pra tosse [risos].

MF discorre sobre controvérsias entre os 2 movimentos, que se uniram para viabilizar o empreendimento [...]

Tá bom ... que mais cê vai me mostrar?

Lá não tinha aquele movelzinho, lembra? Lá na área de serviço?

Não, não tinha ... posso olhar de novo o banheiro?

MF pergunta algo para a filha, enquanto vamos em direção ao banheiro.

³⁶ O 'casarão' é a sede de uma chácara, perto do Condomínio, que faz parte dos terrenos conquistados pelos movimentos, MTST e MST para a construção das moradias, pelo MCMV-Entidades. É usado como base para as suas reuniões.



Fig. 12 – vista da janela, a invasão do

terreno

00:14:43

O banheiro só tem agora as coisas do seu marido, novas, né?

As barras já tinha não é? [*'Não', respondo*] O resto tá tudo a mesma coisa, tudo igual **[Fig. 13]** [*acende a luz do banheiro*].

Fica tão grande o banheiro né, sem box, sem nada ...

Eu não posso nem colocar box [*por causa da condição de cadeirante do marido*] não posso nem pensar em pôr ...

Eu sei, sem dúvida ... esse móvel é tão legal né ... faz parte daquele da cozinha né?

Não coube lá, eu enfiei aí ...

Ô, ficou muito bom, muito bom.

O movelzinho é um módulo aéreo, de 2 portas, da marca Itatiaia, de metal branco, parte de um conjunto que foi instalado na cozinha. **[Fig. 14]**



Fig. 13 – o banheiro, a nova barra de apoio à esquerda, o espelho laranja

Fig. 13 – o banheiro, a nova barra de apoio à esquerda, o espelho laranja



Fig. 14 – o movelzinho do banheiro, Itatiaia, de metal

Esse piso ainda é o mesmo, viu? Esse daí não foi trocado não [...] só o da parede [como em vários outros apartamentos, a construtora teve que refazer parte dos pisos e azulejos, que ‘estufaram’].

00:16:03

Saio do banheiro, passo pelo corredor, em direção à sala.

Humhum ... aqui [no corredor] tinha um baú de brinquedo das crianças³⁷ ...

Ela hesita, lembra-se de outro arranjo que eu não conheci, mas concorda depois. Entramos na sala, o compadre e a filha continuam no sofá – a filha no celular, o compadre meio cochilando. Seu marido chegou e está agora assistindo TV, em sua cadeira de rodas postada perto da porta de entrada. Cumprimento novamente, sem jeito por estar atrapalhando a rotina da casa.

E aqui tinha aquela outra estante grande [a do Embu] ... pode acender a luz aqui, não?

Aí não tem luz ... coloca, estoura e queima ... é colocar, queima!

Tá brincando! É, tou vendo!

Os 2 soquetes da sala estão sem lâmpadas. Ela reclama que a construtora ficou de vir ver e não veio. Embora ainda não tenha anoitecido, a sala fica pouco iluminada naturalmente, prejudicando a filmagem, mas continuo, passando pela TV plana na parede e o aparador abaixo dela.

Agora quero ver como é que vai dar pra eu ver essas coisas meio no escuro ... que pena!

³⁷ Descrição do corredor, na entrevista anterior: “O corredor tem 1,20 de largura e é usado para as crianças brincarem, tendo outro baú de brinquedos similar ao do quarto do casal, seguido por um movelzinho tipo rack, já no ambiente da sala - também com revestimento padrão pau-marfim, com gavetas, e nichos abertos, o maior deles abrigando **uma coleção de LPs**. Garrafas de bebida e um balde para gelo apoiados no tampo, compõem um ‘barzinho’.”

O marido sai do apartamento, a luz do corredor entra pela porta aberta. O espaço vazio reservado para ele na sala fica logo na entrada, antes dos sofás, tem mais ou menos 1m20cm de comprimento e marcas da cadeira na parede atrás, na altura das rodas.

Ô ficou bom ... pode deixar essa porta aberta um pouquinho?

Pode ...

00:17:35 *A gravação e a entrevista ocorreram sem interrupção, mas a gravadora dividiu automaticamente os arquivos em 2, começando do **00:00:00** a seguir:*

Falamos sobre o tapete da sala, que não havia antes, e é retangular com cantos arredondados, felpudo, mesclado contrastante de marrons claros e escuros, ~140 X 190 cm, posicionado a partir do sofá frente à TV [Fig. 15].

E esse móvel [o aparador] aqui?

Esse **aí eu comprei de uma moradora** [...] ela tava desfazendo, eu falei 'vou comprar ela' [...] a televisão não é a mesma [...] [a TV atual é plana, fixada diretamente na parede sem painel, acima do aparador].

[...] Não é a mesma mesmo, tem razão ... nem a do quarto né? ['Não', ela confirma] [...] Olha, ele tem rodinha né? Que legal!

Filmo o móvel mesmo com pouca luz, na esperança de conseguir registrá-lo, mas as imagens captadas foram de pouca utilidade para descrevê-lo. Coberto por uma longa toalha vermelha que cai para as laterais, o aparador é preto, de madeira, mede ~160 compr x 40 larg x 70 cm alt, com rodinhas, só prateleiras [sem portas ou gavetas] e tem um desnível no tampo, formado por prateleiras de alturas diferentes que se cruzam [Fig.16 e 17].



Fig. 15 – a sala, o tapete



Fig. 16 – o aparador [registro com pouca definição]

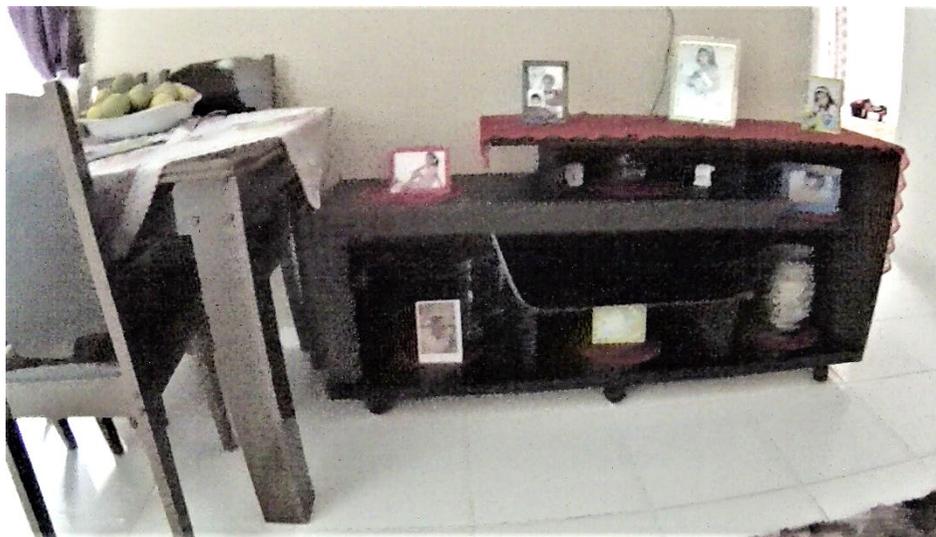


Fig. 17 – o aparador [registro com pouca definição]

Tá ... a mesa [de jantar³⁸] é a mesma ... aqui também [o aparador³⁹ que divide a cozinha da sala] ... aqui também né? [O terraço⁴⁰ tem ainda a mesma cadeira de madeira com o mesmo cinzeiro sobre seu assento. A mesinha não existe mais no arranjo, e um pequeno vaso de planta foi acrescentado]. [Figs. 18 a 20]

³⁸ Descrição da mesa de jantar, na entrevista anterior: “A mesa de jantar está situada em frente à varanda, ocupando a parte fixa da porta de vidro. Está semi arrumada para refeições, (1 garrafa grande de refrigerante e 1 copo), uma das pontas com toalha de mesa sobrepondo parte da toalha de centro e sua fruteira. Os pés da mesa não são maciços, mas em chapas formando um ‘L’, o tampo retangular com cantos arredondados, acabamento brilhante, ‘madeirado’ castanho escuro. Quatro cadeiras combinando, mesma ‘madeira’, assento com um estofado escuro de pouca espessura; encosto em chapa combinando com o assento, em meio ao quadro de madeira.”

³⁹ Descrição do aparador, na entrevista anterior: “Falo do móvel que faz as vezes de balcão, separando a cozinha da sala. É do mesmo conjunto do pequeno módulo que ela instalou no banheiro. Outros 3 módulos, 2 portas e 1 prateleira interna cada um, foram empilhados formando 1 móvel alto, presos na parede, ao lado da geladeira. O último módulo, 3 portas, está acima da pia da cozinha. São brancos, tudo em chapa de metal (inclusive internamente), fora o tampo do balcão, que é de aglomerado (ou mdf, ou compensado) formicado. O móvel balcão foi posicionado com as portas viradas para a sala e o fundo virado para a cozinha. Um grande filtro de barro (encimado por um ‘chapéu’ de toalha rendilhada) ocupa posição central sobre o balcão.”

⁴⁰ Descrição do terraço, na entrevista anterior: “No terraço, 1 cadeira de madeira, dobrável e ao lado uma mesinha de junco (bambu?).”

Hãhã ... não mudou nada. [A mesa de jantar na verdade foi deslocada para a direita, quase livrando a folha da porta de correr, que antes ficava completamente obstruída].



Fig. 18 – a mesa de jantar



cozinha da sala – de metal, marca Itatiaia

Fig. 19 – o aparador que separa a

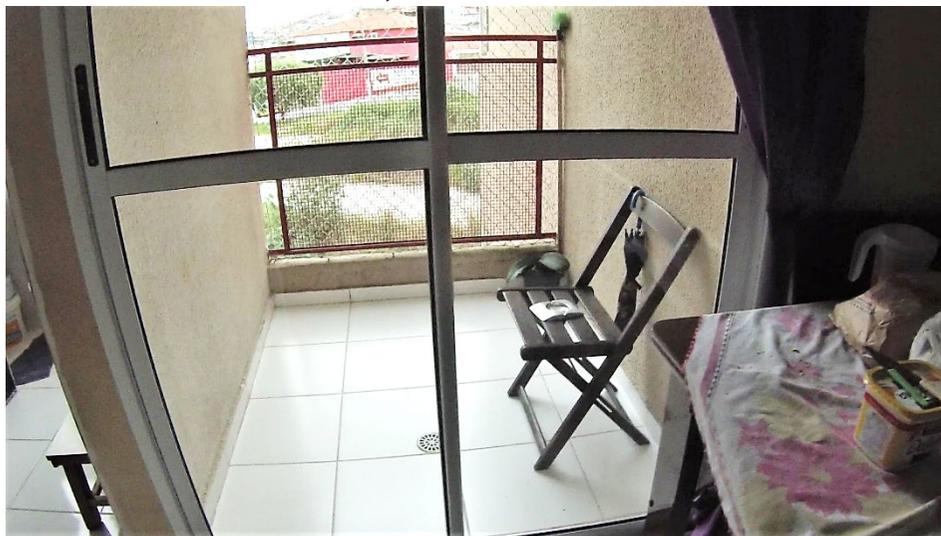


Fig. 20 – o terraço, sem a mesinha

anterior
00:01:05

Aí mudou só esse movelzinho aí ó [...] que não tinha.

MF se refere a um movelzinho na área de serviço, ~60 compr x 45 larg x 80 cm altura, branco, com tampo laminado imitando granito rosa e cantos da frente bem arredondados - a base acompanha o mesmo formato, mas é branca. Do tipo classificado pelas lojas como 'fruteira de chão', tem desenho e usos ecléticos: a metade esquerda, onde são guardados materiais e panos de limpeza, tem um pequeno nicho aberto e depois 2 prateleiras fechadas por uma porta. A metade direita é aberta e tem 2 bandejas de aramado, planta 1/4 de círculo, onde são guardados majoritariamente sapatos mais alguma confusão de sacolas e fios elétricos. Um tubo de alumínio faz a ligação entre o tampo e a base. Sobre o móvel, protegido por uma toalha de mesa, há um eletrodoméstico de cozinha e um celular sendo carregado [Fig. 20, 21].



de serviço

Fig. 20 – a 'fruteira de chão' na área



Fig. 21 – na área de serviço, apoio à

cozinha

Entro e filmo a área de serviço [Fig. 22] [que quase todos os entrevistados chamam de 'lavanderia']. Na parede da direita, a partir da janela, há a fruteira de chão, uma pilha de baldes de plástico coloridos sem tampa e, por fim, um banquinho baixo com pés de madeira e assento formicado branco. Do lado esquerdo ficam o tanque, a máquina de lavar [protegida por uma capa], um estreito móvel aéreo branco [~22 larg x 30 prof x 120 cm altura, 1 porta] fixado no canto, com uma bacia guardada no seu topo [Fig. 23]. No espaço que sobra entre a lavadora de roupas e a parede, MF guarda vassouras [Fig. 24]. No pequeno 'dente' que se forma na alvenaria logo na entrada, foi posicionada uma lixeira de plástico, branca, com tampa verde e pedal. Atrás dela, a pazinha; acima, alguns panos pendurados no registro. Em frente ao tanque há um tapetinho. Embaixo, baldes de embalagens de produtos de construção, com tampas. Para secar as roupas, seis linhas de varal fixos de parede a parede.



Fig. 22 – a lavanderia

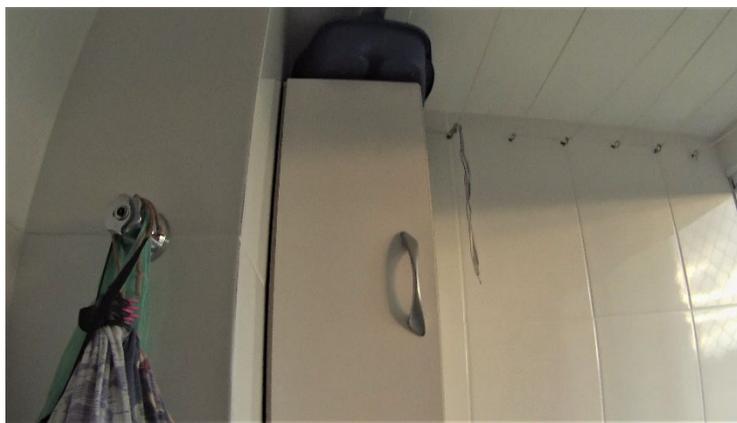


Fig. 23 – o registro de água usado como pendurador, o móvel aéreo com a bacia em cima, as 6 linhas de varal

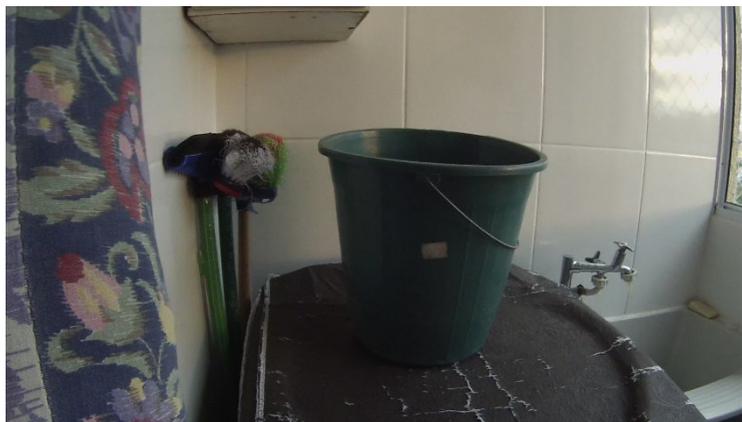


Fig. 24 – o canto das vassouras, entre a máquina de

lavar roupas e a parede

Você faz separação de lixo, orgânico e lixo ...?

Não, aqui não tem ainda ... a gente tem que fazer isso, vê se o menino lá arruma uns baldes pra gente fazer.

É, porque eu vi um balde ali, sei lá porque que eu achei que era ... poderia ser né?

Era bom fazer, nós aqui não tem não. A gente tinha um rapaz que reciclava [...] ele tava reciclando e jogando em qualquer lugar, entendeu? Aí, que nem aqui, ele tava jogando ali, ó [*mostra pela janela*]. Aí a Saúde veio aí, reclamou, tirou tudo aí ó, o síndico entrou ... ele tava jogando aqui, onde tem aquelas garrafa queimada aqui ó. Tava um lixão aí, rato, tudo, aí o pessoal começou a fazer denúncia, denúncia, denúncia, o síndico caiu pra cima e ele tirou [...] não pode né?

Não, não pode ... de jeito nenhum. Cê tem uns baldes grandes né? [*MF ri*] É pra roupa, não?

Não. Falta água, tem que usar né? [...] eles vão limpar a caixa, eles avisam, tem que encher os baldes, porque fica 24 horas sem água [*'É frequente isso?', pergunto*]. Não, de 6 em 6 meses ... não falta água pra gente não, muito difícil [...] mas é bom ter né?

00:03:25

Entro na cozinha [Fig. 25], onde MF já estava [a área de serviço é muito pequena para 2 pessoas ao mesmo tempo] e ela acende a luz, ao meu pedido.



Fig. 25 – a cozinha

Não tinha o filtro, quando você veio [...] não tinha mesmo [um filtro de barro, sobre a pia].

Enquanto filmo detalhes dos pisos e dos objetos, MF fica recostada no balcão. O som alto da TV noticia um caso policial. Noto que os azulejos da cozinha foram trocados e têm agora um barrado decorado. Comento que gosto de rever as imagens em casa e descobrir detalhes que não tinha percebido durante a filmagem.

E você mudou esse revestimento da parede né? *[MF confirma.]* Tá, bonitinho que ficou ... esse móvel continua igual né?

Hãhã, esse móvel é o mesmo.

[...] Como você organiza seus armários? Os mantimentos ...?

Os mantimentos são aqui ó *[bate com a mão no tampo do aparador que divide a sala da cozinha] [...] tudo. Abro uma porta, ela rapidamente avisa que 'tá tudo vazio'.*

Entendi ... tipo assim, arroz ... tudo aqui. Ah, muito bem organizado.

As 3 gavetas de cima do aparador guardam: panos de prato; itens auxiliares para cozinha, micro-ondas e freezer, e a terceira gaveta, armarinhos e farmácia. Pergunto sobre as gavetas do gabinete da pia.

Lá, talher, tampa de panela [...]. Ali eu guardo coisas de plástico, ó [abre os 3 nichos do armário ao lado da geladeira]. [Fig. 26, 27]

Entendi. Cê tem bastante armário né? Dá pra organizar bem né?

*Mas se não organizar direito também não cabe não [...]. **Porque eu gosto de espaço** [...]. Aqui eu guardo louça [abre o armário aéreo acima da pia, comento que tenho uma tijelinha de ágata parecida com a dela]. Isso dura né? Só não pode cair no chão, parte todinho, fica feio. [Fig. 28].*

Concordo, rimos, MF fecha os armários. Filmo o exaustor e 2 panelas sobre o fogão de 4 bocas, cuja tampa de vidro aberta serve de suporte para um pano de prato [de cores vivas, entre branco, azul, verdes e laranjas].



Fig. 26 – as panelas no gabinete da pia



Fig. 27 – os 'plásticos' no armário ao lado da geladeira; altura do micro-ondas parece um pouco acima do confortável para MF



Fig. 28 – as louças no armário acima da pia

Tá bom, OK, tá feito, acho que [...] ah, já sei, esse movelzinho aqui, como é que você arrumou ele?

00:07:32

Refiro-me à fruteira de chão na área de serviço.

A minha vizinha que me deu. Ela ia jogar fora, eu namorei ele bastante tempo. Na verdade eu peguei ele pensando na D* [a filha]. Porque daí eu quero comprar um armário pra mim guardar as coisas materiais, sabe [...] de limpeza, pra organizar legal.

E aqui você guarda ...?

Aí eu guardo coisas de limpeza ...

Ah então, é pra isso que você usa ele né? [Ela concorda]. Tá bom, OK. E esse, o que que é esse [o eletrodoméstico sobre o movelzinho]?

É uma cafeteira ... tá faltando o copinho embaixo.

Ahh [eu não havia reconhecido o objeto], você usa, não?

Não, a D* ganhou esses dias ... comprar o copinho e ver se funciona.

00:08:17

Entendi ... eu vou fazer uma foto aqui ... deix'eu ver ...

Saio da área de serviço, vou à outra extremidade da sala, filmo vários ângulos, inclusive do corredor. A filha e o compadre continuam sentados nos sofás, vendo TV. MF senta-se no braço de um dos sofás.

Então eu vou parar de filmar, tá bom? Acho que já deu ... quer falar alguma coisa? [‘Não’, ela diz].
Reclamar de alguma coisa [risos]?

MF faz uma referência não elogiosa ao presidente Bolsonaro, rimos todos, o compadre ‘também acha’ e reclama da sua aposentadoria que não sai.

Então eu vou parar aqui, tá bom? Muito obrigada.

00:09:56

A seguir, algumas fotos do arranjo anterior de Maria Francisca, registradas na primeira entrevista.



*À esquerda: A varanda e a mesinha que não existia mais na segunda visita.
Ao meio: Detalhe dos pés da mesa, em cantoneira de chapas de madeira.
À direita: Detalhe das cadeiras.*

----- F I M -----

4. Carolina⁴¹ J. Cândido A

transcrição entrevista gravada em 05 novembro 2017

total 24:54 min [legenda: Carolina; Pesquisadora; anotações]

*Importante: as descrições sobre **materiais** dos objetos se referem à sua **aparência**, a pesquisa não os verificou cientificamente.*

O corredor⁴² do andar está decorado com vasos de plantas de formatos variados e, abaixo da janela, há um aparador de madeira com toalha rendada vermelha por cima (combinando com o vermelho dos elementos vazados da janela) e vaso com arranjo de poucas flores. No hall que dá acesso à porta de Carolina e do apartamento em frente, o vaso alto (~70 cm) e esguio, branco, de base retangular e elevação trapezoidal, está situado centralizado na parede entre as 2 portas, servindo a ambos portanto. As flores são predominantemente azuis, combinadas com brancas, rosas e vermelhas em meio à folhagem verde. Filetes de hastes secas se destacam em altura do resto do arranjo (Fig. 1).

⁴¹ Nome fictício.

⁴² O revestimento dos corredores é em cerâmica branca, paginada na diagonal (no interior dos apartamentos, a paginação é ortogonal). Em frente a quase todas as portas de entrada há tapetinhos, inclusive na de Carolina.



Fig. 1 - Hall

Bato na porta, já com a gravadora ligada como combinado, e Carolina me recebe, sorridente⁴³. Pela porta entreaberta, a cortina rosa em varão branco da porta do terraço se destaca, assim como a parede contígua, revestida com cerâmica imitando tijolo aparente.

C – Oooi, tudo bem?

E – tudo bem Carolina?

C – tudo, e você, como cê tá? *[nos beijamos no rosto]*.

E – eu tou muito bem, tou muito agradecida por você me mostrar sua casa ...

⁴³ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é largamente compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

C – [fechando a porta] entra aí, vamo conhecer um pouquinho ...

E – tou gostando muito ... vamo lá ...

Carolina se dirige à extremidade do balcão que separa a cozinha da sala. O balcão [~120 x 30 x 105 cm altura] tem tampo de granito preto [assim como a pia da cozinha] e é apoiado sobre uma meia parede de tijolos de vidro. O granito desce até o chão em cantoneiras pela lateral direita e faz também o acabamento na espessura da parede da esquerda, de onde parte o balcão até o teto. Duas banquetas de bar [giratórias, moldadas em plástico Abs branco brilhante, com apoio central sobre base circular] mais duas luminárias pendentes [cilíndricas, off white com estampa branca] completam o conjunto (Fig. 2). Sobre o balcão, uma fruteira com laranjas e abacaxi, um copo com suco de laranja, um conjunto de galheteiro e temperos, um telefone sem fio (Fig. 3).



Fig. 2 – balcão



Fig. 3 – objetos sobre o balcão

C – então, aqui é nosso empreendimento Minha Casa Minha Vida né, que a gente conseguiu e ... tá meio assim desorganizado ainda né porque ainda não deu pra mim organizar muita coisa né?

E – há quanto tempo que você veio pra cá morar, aqui?

C – agora em janeiro faz 3 anos ...

E – 3 anos, tá, tá ...

C – 3 anos ... e assim, muita coisa que eu modifiquei ... não é do jeito que tá aqui né, eu fiz uma modificação. Por exemplo, não veio com essas molduras, né ... as molduras eu que coloquei

*Mostra os **roda tetos** instalados em todos os cômodos, inclusive no terraço: brancos, de perfil que combina 1 friso arredondado e 4 retos.*

C – esse balcão aqui não tem ... eu que fiz esse balcão ... esses pendentés também não tem, eu que coloquei esses pendentés ...

E – ahãã ... você mudou pontos de luz e tudo né? que legal ...

C – é, mudei pontos de luz ...

00:01:13

C – aqui é a lavand *[interrompe]*, aqui é a cozinha que ainda falta muita coisa né *[passa a mão rápido, mostrando a cozinha]*... a lavanderia tá do jeito que eles entregaram, eu não modifiquei nada a não ser a moldura ...

A lavanderia é inundada pela luz violeta filtrada pelas leves cortinas. Há um varal instalado na parede esquerda, do tipo retrátil, pantográfico; um varal de piso, fechado, no canto direito, além de outro mini varal portátil, circular (Fig.5). Não há roupas sendo lavadas ou secando. Não há armário, mas um pequeno saco de pano decorado, pendurado num gancho na parede da direita e 1 caixa organizadora de plástico no canto direito [~40 x 25 x 20 cm altura], **sem tampa**, com produtos de limpeza guardados. Máquina de lavar roupa ao lado do tanque e escada móvel de alumínio encostada na parede à esquerda da entrada, junto com pазinha e rodo. Passadeira quadriculada no piso frente à máquina de lavar e lixeira com tampa e pedal logo à entrada (Fig.4).



Fig.4 – Lavanderia



Fig. 5 - Varais

E – cortinas! ah é, você fez até aqui a moldura né [os roda tetos]?

C – é, é a moldura ...

E – ahh, muito bom ... bate bastante sol aqui?

C – bate ...

E – é bom pra secar roupa?

C –é bem ventilado, bem ventilado ... e aqui é a sacada.

00:01:37

E – tá ...

C – a sacada eu também fiz algumas modificação ... coloquei moldura também na sacada, coloquei uma tomada que não tem, coloquei uma ... como é que fala?

E – arandela?

C – arandela, que não tem também ...

E – eu não tinha reparado, esse forro sempre foi assim, rebaixado aqui?

C – sempre foi ...

E – ah tá, eu nunca tinha percebido isso ...

C – eu só mudei assim, coloquei a arandela né, coloquei essa lâmpada, coloquei tomada e luz ... interruptor que não tinha ... aqui fora né?

*A arandela é sextavada, em vidro e alumínio branco, estilo colonial. A luminária é embutida, quadrada, dicróica? (Fig.6). Não há móveis na sacada, mas um pequeno vaso com folhagem e um mini vaso com uma florzinha de plástico sobre o parapeito da janela do banheiro [mais tarde ela gostará que eu tenha reparado no vasinho e dirá que **é de estimação** e que a filha brinca com ela, pelo fato de guardar algo tão sem importância.]*



Fig.6 – luminárias do terraço

E – ahãã ... deve ficar bem legal de noite né?

C – bem legal, se quiser fazer uma churrasqueira né, que não faz fumaça essas coisas, dá pra usar ... eu ainda não usei né mas qualquer hora eu pretendo [rimos, juntas].

00:02:31

Carolina sai do terraço e entra na sala, organizada basicamente com 4 elementos: 1) 1 grande sofá cinza azulado de ~4 lugares, em “L” [$\sim 235 + 185^{44} \times 80$ cm profundidade]; 2) um tapete marrom claro com barrado branco, 3) o pequeno móvel branco onde fica a TV, 4) e 2 arandelas na parede. Diferente dos apartamentos já visitados, as costas do sofá em “L” delimitam e protegem da entrada o espaço da sala; orientando a localização da TV para a parede limítrofe aos quartos, ao invés da parede contígua à porta do terraço, como o usual (Fig. 7 e 8). Sobre o sofá, 2 pequenas almofadas, uma branca com estampa escura, outra lisa, cor terracota.



Fig. 7 – sala tem disposição diferente



Fig. 8 – sala é formada por 4 elementos: sofá, móvel TV, tapete, arandelas

⁴⁴ Medidas na linha das costas do sofá.

De desenho “movimentado”, o móvel da TV (Figs. 9 e 10) é pintado de branco e tem prateleiras de diferentes alturas, profundidades e plantas, organizadas em 2 blocos que se interpenetram. Desenhado originalmente como mesa para computador, como indica a prateleira deslizante para o teclado, mede ~125 comprimento x 50 profundidade x 80 cm de altura. Na única parte fechada, uma porta de correr, marrom, em curva que acompanha a curva da frente do móvel, desliza sobre trilho com a mesma curva, solução que requer certa sofisticação construtiva e por isso mesmo pouco adotada nos móveis industriais. Além da TV e de um aparelho de DVD, Carolina guarda nas prateleiras algumas taças de bebida e canecas promocionais de cervejas. A pequena plaqueta comemorativa da conquista do apartamento, “Este lar foi conquistado com luta! MST Taboão da Serra” fica pouco visível, numa prateleira recuada, abaixo da TV.



Fig. 9 – móvel da TV



Fig. 10 – móvel da TV e sua porta de correr

Carolina aponta para as arandelas da sala:

C – que mais que eu modifiquei ... aqui eu coloquei essas 3 ... [corrige] essas 2 luminárias né ... ali tem mais 1 luminária [aponta para o teto] ... eu eliminei, deixei só uma, centralizada ...

E – tinha uma aqui, não?

C – lá [*aponta para o teto acima da mesa de jantar*] ... eliminei a de lá, deixei aqui [*aponta a luminária centralizada no teto*] ... e coloquei essas 2 na parede ...

E - humhum ... mudou cor né, das [*paredes*] ... pintou ...

C – isso, isso, coloquei essas 2 [*cores*] **que dão um destaque bem legal na parede né?** [*salmão claro ao longo da parede da porta de entrada, desde o balcão até a parede dos quartos e corredor - quando a cor muda para um verde suave, que se repete internamente nos 3 quartos*].

E – é, deve ficar legal quando você ... apaga essas e fica só essas né ...

C – é .. e coloquei essa ... como que fala?

E – revestimento? [*revestimento cerâmico imitando tijolo aparente, na parede contígua à porta do terraço*].

C – revestimento né ...

E – diferente nessa parede [*falando juntas*] ...

C – **dá um destaque né?**

E – um belo destaque ...

C – **dá um destaque** ... e ponto de antena ... que aqui só tem um ponto de antena, na verdade só aqui [*aponta o local na parede do revestimento*] ...

E – é, eles [*os arquitetos*] sempre achavam que ia ser aqui a ... que as pessoas iam colocar aí a TV ...

C – só aqui ... então eu já fiz diferente, eu preferi ter mais opção, coloquei um ponto ali [aponta para o móvel da TV] ...

E – se quiser, mantém aquela [o ponto anterior] ... tá ...

C – coloquei o ponto aqui e fiz mais essa ... 2 [acende as 2 arandelas no corredor, antes do banheiro] luminária aqui ...

E – tá, entendi ...

C – fiz mais essas 2 [ficamos admirando um pouco as luminárias acesas] e aqui no quarto [vai até o seu quarto, que dá para a sala, acende a luz] ...

00:03:52

O dormitório de Carolina é o maior do apartamento [260 x 395 cm], comunica-se com a sala e tem no canto esquerdo as 2 janelas em L [uma com 100 cm e 2 folhas de correr, outra com 50 cm e vidro fixo, ambas com 120 de altura]. O grande guarda-roupas [~245 x 50 x 230 cm altura, padrão castanho, com 3 portas inteiriças, de correr, puxadores alumínio] ocupa quase toda a parede do fundo, obstruindo a parte fixa da janela em L e metade da outra, embora esteja desencostado, permitindo ventilação e a manipulação das folhas. A cama de casal [~160 x 205 cm] tem pés e travessas em madeira maciça padrão castanho. Cabeceira em 1 painel reto, maior, ladeado por 2 outros ligeiramente mais baixos [lembrando um efeito art déco]. No piso entre a cama e o móvel da TV [descrito abaixo], uma longa passadeira em crochê, branca, aparentemente de algodão. No espaço que sobra entre a parede e o móvel da TV [~60 cm], um cabideiro baixo, tripé de madeiras torneadas, branco, com muitas sacolas penduradas (Fig. 11 e 12).



Fig. 11 – Quarto Carolina – vista da porta



Fig. 12 – Quarto Carolina – vista para a porta

C - coloquei ponto de antena também... modifiquei bastante ... **sem precisar ficar aquele monte de fio,** essas coisa né?

Os pontos [antena e tomada] estão na mesma direção dos da sala, no outro lado da parede e, assim como eles, foram instalados a uma altura de ~170 cm, provavelmente pensados para um futuro painel para TV.

E – deixa eu ver ...

Entro no quarto e viro a câmera para a TV, enquanto Carolina permanece na porta. O móvel em que fica a TV é simples, [~80 largura x 60 profundidade x 100 cm de altura], de desenho interessante: construído de taboas de madeira maciça pintadas de laranja forte, tem 'dupla face' – pode ser utilizado pelos 2 lados (que são separados por uma divisória no meio) - funcionalidade inutilizada neste caso, pois o móvel está encostado na parede. Tem 3 linhas de prateleiras, com divisórias a intervalos de ~15 cm (aparentemente para discos long plays) que foram retiradas, deixando os sulcos de encaixe aparentes e fragilizando a estrutura, causando abaulamento das prateleiras mesmo estando com pouco peso em cima. Outro detalhe não usual são os recortes na lateral e o recuo da base do móvel, nos 2 lados, para 'escapar' dos eventuais rodapés de cômodos, facilitando o seu encosto em paredes (Fig. 13 e 14).



Fig. 13 – o móvel da TV – 'dupla face'



Fig. 14 – detalhes do móvel da TV – recortes do rodapé e divisórias retiradas

C – coloquei ponto de antena né?

E – fica *super* organizado né? ... quantas pessoas moram aqui?

C – hoje tá só eu e o meu filho [...] quando eu vim pra cá, véspera de eu vim nós era em 5 ... aí meu marido faleceu, a minha filha casou, aí meu outro filho também casou, agora restou só eu e ele, só 2 ...

E – em pouco tempo, mudou totalmente!

C – pouco tempo mudou totalmente a vida da gente ... [*falando juntas*]

E – caramba ... entendi ...

C – que assim, na verdade quando eu vim já tava sem meu marido né?

E – sei, sei, mas os filhos tavam com você ...

C – tavam comigo, tavam comigo [...] bem, é [*incompreensível*] de Deus, não é nosso né?

E – pois é ... então agora tá folgado aqui né?

Ela concorda. Passo a câmera pelo longo display de fotos de família, na parede oposta à cama, organizado em 2 painéis 'profissionais'. Um deles disposto horizontalmente, preto, com recortes sinuosos emoldurando cada foto (são 12). Outro, menor, disposto verticalmente, com uma moldura texturizada, creme, emoldurando 4 fotos que por sua vez têm molduras individuais, de cor marrom (Fig. 15)].



Fig. 15 – Quarto Carolina – painel de fotos

E – são seus filhos?

C – são ... meus filhos ...

E – bonito painel ...

C – aí aqui ...

Carolina se dirige ao quarto do meio, o menor do apartamento.

00:04:54

C – eu fiz também aqui ... esse **quarto** aqui tá meio bagunçado hein, só tem bagunça ... só tem **bagunça**
[abre a janela para iluminar o quarto] ...

E – [risos] tudo bem ... ahh

É o menor dormitório do apartamento [260 x 260 cm] e é usado como quarto de despejo e de serviço. Numa das paredes tem encostados 1) dois colchões de solteiro, 2) um baú forrado com tecido quadriculado vinho escuro [~40 x 90 x 45 cm altura], 3) 1 caixa organizadora com tampa, de plástico azul transparente [~40 x 60 x 40 cm altura], com pilha de roupas dobradas em cima, provavelmente para serem passadas a ferro. Ao longo da outra parede, 1) uma taboa de passar roupa de madeira pinho [~120 x 40 cm largura, com estrutura em XIS, dobrável], montada, com o ferro a postos e 2) 1 sapateira [~ 45 x 30 x 90 cm altura] de zíper e tecido estampado vinho escuro, com 4 prateleiras internas. Apoiados sobre a sapateira, 1 caixa de ferramenta e algumas roupas dobradas. Na última parede, um rack [~70 x 45 x 70 cm altura], com 3 prateleiras retangulares com curva suave na frente [a primeira prateleira é apoiada diretamente no piso, 'chapada'], estruturadas em 4 colunas ovais [sem travessas de amarração], de madeira maciça [mogno?]. Sobre o rack, componentes de computador [CPU, monitor, teclado] e uma impressora, desligados, sem uso (Fig. 15 e 16).

C – então, fiz ponto de antena aqui também ...

Aponta para a parede que faz limite com o corredor, os pontos seguem o padrão de ~170 cm altura.

E – tá ...

C – coloquei ... que meu filho tava aqui, hoje não tá mais né?

E – entendi ...

C – mas aí eu coloquei ponto de antena agora também, a tomada e o ponto né ... então fica um ... uma **modificação diferente ...**

E – é, tou vendo mesmo ... deixou ver ... essa sapateira é legal né?

C – é [*não muito animada*] ...

E – [*risos*] ela é prática, eu vejo ela em várias casas ...

C – esse quarto aqui ficou mais pra ... bagunça mesmo ...

E – é né?

C – pruma pessoa dormir né? tipo final de ano, essas coisas né?

E – sim, quarto de hóspedes ...

C – né?

E – né? e esse baú, que legal? que que você guarda nele?

C – bagunça⁴⁵!

E – [risos] ...



Fig. 15 – Quarto da bagunça – vista da porta



Fig. 16 – Quarto da bagunça – sapateira e rack

Carolina nem liga para a minha pergunta, já está no quarto do filho.

00:05:48

E - e aqui é o quarto do seu filho ...

C – é, esse é o quarto do meu filho ... esse daqui também eu fiz modificação também ... coloquei ponto de ... [“da TV também”, falo junto] da antena e de tomada, que não tinha também.

⁴⁵ Mais tarde ela informará que guarda as louças para uso eventual (não as do dia a dia).

O ponto da antena [~170 cm altura] está sem o espelho de acabamento. Da tomada, um longo fio desce e recarrega um celular sobre a cômoda que está abaixo dele – que tem outros poucos objetos apoiados: mini tartaruga em feltro, chaves, miniatura carro de corrida e de moto, 1 copo tipo taça, 2 caixas, embalagens de papelão.

E – tá, entendi ...

C – e moldura né ... coloquei moldura né em geral ...

E – hãhã, hãhã ... tá bem folgado o quarto né? bem legal ...

O quarto tem 3 móveis: 1) a cama de solteiro [88 x 188 cm], modelo “box”, sobre 3 pares de pés de madeira torneada, sendo os 2 do meio do vão sobre rodinhas. A cabeceira⁴⁶, padrão castanho, é independente da estrutura da cama e tem 2 travessas de fechamento que na junção formam um vão sinuoso, lembrando o desenho das calçadas cariocas]; 2) um guarda roupas também padrão castanho [~120 largura x 47 profundidade x 200 cm altura]; metade fechado com 2 portas; metade com 4 gavetas mais 2 portas acima [com 3 prateleiras e poucos objetos misturados – roupa, celular, foto emoldurada, cosméticos, material de estudo]; puxadores em alça, prateados; 3) uma cômoda padrão madeira clara, brilhante, [~120 largura x 50 profundidade x 100 cm altura] com 5 gavetas e uma porta estreita [em cujas

⁴⁶ Tem sido comum encontrar cama box nos domicílios pesquisados, mas sem cabeceira.

4 prateleiras o filho guarda material de estudo], com puxadores em alça dourados [2 deles quebrados e 3 faltando] (Fig. 17 e 18).



Fig. 17 – o quarto do filho tem 3 móveis



Fig. 18 – a cômoda

C – é, bem legal ... pra um só [filho], né?

E – pois é ... você tem netos, não?

C – tenho, tenho uma netinha e um netinho [sorri] ... o netinho fica aqui comigo ...

E – é, eu imaginei [risos] ...

C – eu cuido dele ...

E – ah é?

C – é, eu que cuido dele, na semana ...

E – ele fica sempre assim com você durante a semana, não? como é que é? você cuida mesmo dele ...

C – fica, todos os dias ... eu pego ele na escola, ele fica comigo na parte da tarde ...

E – ah, na parte da tarde, mas ele não dorme aqui com você?

C – não ... dormir não ...

E – entendi ... quantos anos ele tem?

C – 4 ... e minha netinha tem 3 ...

E – ah, é uma idade tão legal né?

Filmo um bichinho de pelúcia amarelo, pendurado na luminária do teto [personagem Pokémon, Pikachu].

C – né? muito gostoso ...

E – é muito legal ... deixou olhar aqui como é que é ...

Aproximo-me da janela e filmo o exterior: carros e motos nas vagas do estacionamento, os outros 2 edifícios do condomínio, os taludes gramados ... ao longe, prédios de um outro conjunto habitacional e, mais atrás, um morro de casas amontoadas (Fig. 19).



Fig. 19 – vista da janela do quarto do filho

E – e esses móveis que você tá usando, são móveis que você comprou especialmente pra cá, ou você já ... não, nem tudo né, provavelmente?

C – não, não ...esses móveis eu já trouxe daonde eu morava, na verdade né?

E – tá ...

C – única coisa que eu trouxe que eu ... não, até agora o que eu comprei aqui foi só aquele guarda roupa do meu quarto e esse sofá e essa mesa ...

E – ah, o sofá, a mesa ... tá, entendi ... e você quando compra, é ... você, por exemplo, aquele seu armário novo, você comprou aonde?

C – o guarda roupa? [*confirmando*] comprei nas casas Bahia ...

E – tá, entendi ... e esses outros móveis, é ...?

C – eu já tinha ...

E – é? e você comprava onde eles?

C – não, esse daqui [*o guarda roupa*] o meu filho comprou recentemente ...

E – é? bonito ele né? ... deixou ver a marca [*aproximando a câmera da plaquinha de identificação do armário, localizada no rodapê, à direita: "Moval"⁴⁷ é a fabricante*].

C – esse daqui ele comprou recentemente mas o restante eu já trouxe da onde eu morava ...

⁴⁷ O sítio eletrônico da empresa informa que ela é de Arapongas, Paraná, atua “desde 1967 no segmento de móveis para dormitórios” e “é hoje uma das maiores empresas de móveis da América Latina. São 116 mil m² de área total, com 58.800 m² de área construída, mais de 700 funcionários, centro de distribuição com capacidade para estocar 67 mil roupeiros e capacidade de carregamento de 23 carretas por dia.” O material utilizado na construção dos móveis é o MDP, com pintura branca ou impressa imitando madeiras, com nomes como “Noce”, “Castanho W”, “Avelã W”. Disponível em www.moval.com.br, acesso em 05/01/2019.

E – entendi ... olha a cama ... a cama ele que comprou também? ele que escolheu as coisas dele, não?

C – não, a cama já era dele já ... na verdade era do meu filho que casou e foi embora e passou pro que tá morando comigo ...

E – ah tá *[levanto o lençol para ver o colchão da cama]* ... ah, ela é uma cama ... ah tá, entendi, aquelas camas, como que chama mesmo essa cama?

C – box, né?

E – é, cama box ... é, porque eu vi essa cabeceira, ela me enganou um pouco *[risos]* ... legal ... posso abrir as coisas um pouquinho? *[já abrindo a porta da cômoda – onde, conforme descrito acima, o filho guarda material de estudo]* ...

C – pode, pode, fica à vontade ...

E – só pra ver como que organiza, mais ou menos ...

C – pode fica à vontade ... se filmar isso aqui ó *[aponta o Pikachu pendurado na luminária do teto]*, vão dar risada *[muitos risos de nós duas]*, todo mundo vai ... ê meu negócio tá queimando *[corre para a cozinha]*.

Enquanto Carolina fica na cozinha, continuo a filmar. Abro e fecho rapidamente as portas da direita do guarda-roupa, onde há 7 cabides pendurados, com camisas de manga comprida e jaquetas. A porta do armário fecha com uma batida seca. Carolina volta.

E – ah e o banheiro? ah, o banheiro *[noto que a porta está fechada]* ... ele *[o filho]* tá usando ...

C – é ... o banheiro tá usando ...

Começo e não termino algumas frases, até chegar à sala. No corredor, uma pequena mesa lateral, quadrada [~40 x 40 x 70 cm altura], tampo de vidro e estrutura de ferro de sessão delicada, acabamento ouro envelhecido, com 4 pés sinuosos e amarrações por perfis redondos formando travessas em cima e uma prateleira vazada embaixo. O móvel serve de apoio a um vaso de “lata” em forma de balde, laranja com grandes flores brancas e folhas verdes em alto relevo. Tudo encimado por um arranjo alto e farto, de flores lilás escuro e claro, mais folhagens (Fig. 20 e 21).



Fig.20 – mesinha do corredor



Fig. 21 – mesinha do corredor – vista de cima

00:09:19

E – [...] ah, esses são os móveis novos, que você comprou?

C – é ... essa mesa eu mandei fazer ...

E – ahh, junto com aquele ... aquele tampo, do balcão?

C – é, com o balcão, e a pia, tudo de mármore né? **combinou!** **falta trocar as cadeira né?** nada a ver né ...

Assim como o balcão e a pia da cozinha, a mesa é na verdade de granito preto [ou verde escuro?], tem tampo redondo [~110 cm de diâmetro] apoiado numa coluna formada por 4 lâminas [~2 cm espessura], juntadas em “xis”, que acabam numa sapata quadrada no piso [~40 x 40 cm]. É para 4 lugares, mas, encostada na parede, abriga somente 3 cadeiras de madeira maciça clara, marcenaria tradicional, com assento e encosto em ripas. Sobre a mesa, toalha redonda de crochê, branca com barrado verde – e vaso trapezoidal com folhagens e flores brancas (Fig. 22 e 23).



Fig. 22 – a mesa de jantar, a toalha de crochê e o vaso



Fig. 23 – a mesa de jantar – vista da estrutura e cadeiras

E – *super* combinou ... *super* combinou ...

C – tem que trocar as cadeiras ainda ...

E – e aonde que você encomendou essas ... é, por aqui mesmo?

C – numa marmoraria ...

E – marmoraria? é por aqui mesmo, assim, em Taboão?

C – é, aqui próximo, pertinho daqui ...

E – é? legal né, fazer **sob medida**?

C – é, muito legal ... **tem que arrumar as cadeira adequada né** ... essas cadeira aqui na verdade é da mesa antiga que eu usava né ...

E – tá ...

C – que eu tinha ... por enquanto, eu dei 3 [cadeiras] pro meu filho, fiquei com 3 ...

E – humhum ...

C – falei ah, vai isso aqui mesmo, que é o que eu tou podendo no momento [r] ... né?

E – sei ... entendi, entendi ...

00:10:07

C – mas assim, **a parte mais legal assim que eu gostei do apartamento, da decoração**, é aquela parte ali ... os pendentos, **aquela parte dos pendentos** ali eu gostei muito, do balcão né, as 2 cadeira [as banquetas].

Ficamos as 2 admirando o conjunto do balcão.

E – e é logo na entrada né?

C – é ...

E – ah, eu não tinha reparado nas cadeiras – quer dizer, tinha reparado mas não tinha filmado [*me aproximo das banquetas*].

C – a parte que mais eu gostei foi essa daí ... **ficou bem legal o apartamento, dá um destaque** bem legal ...

E – bem na entrada é legal né? já fica uma ... *mostra a que veio* ...

C – né? depois eu vou por 2 [*banquetas*] do lado de lá [*do lado da cozinha*] né ... por enquanto não deu ainda né, as coisas aos poucos né?

E – é ...

C – mas os pendentos fica bonito!

Vai ao interruptor, acende os pendentos e se afasta para admirar mais de longe.

E – deixou ver ... olha que legal ...

Carolina fecha as cortinas do terraço ...

C – a noite, assim, tou achando bom ... fica bem escuro ...

E – qual é aquele ali, que apaga? vamo vê como que fica ...

Carolina apaga as luzes da sala.

C – mais ... né? mais umaaa ...

E – olha só! dá um super clima né?

C – dá ... fica bonitinho ... humhum ...

E – muito legal ...

C – legal à noite ...

00:11:11

E – e aquele seu móvel do ... [*aponto o móvel da TV da sala*]

C – esse eu trouxe da minha casa ... **era uma mesinha de computador**, que eu trouxe e tou aproveitando ...

E – ahhh, boa ideia ... hãhã ...

C – aproveitando até eu poder ...

Aponta para as tomadas no alto, provavelmente iria dizer “até eu poder fazer o painel”, mas eu a interrompo, sem querer.

E – e ela é moderna né?

C – é ...

E - onde cê comprou? você lembra?

C – **essa acho que foi nas Casas Bahia ...**

E – é? tá, tá ... Casas Bahia é o *grande* lugar de ...

C – ela é bem ... ela é um móvel assim, é um pouco ... espaçoso né ... sabe, é o que tá me servindo no momento né?

E – sei ... como assim, “espaçoso”, eu não entendi, você acha que ele ...

C – tem bastante espaço, que cabe, muito cheio de coisa né, pra pôr DVD em baixo, televisão ...

E – pois é, ele é muito útil né?

C – né, muito útil, então pra mim tá ...

E – tá resolvendo [*continuo sua frase*] ... e esse sofá bacana?

C – esse sofá, eu comprei recentemente, faz pouco tempo, comprei esse sofá ...

E – eu lembro que na ... teve uma época que, agora acho que nem tem mais, que tinha uma coisa que o Minha Casa Minha Vida tinha um cartão de crédito pra comprar [*móveis e eletrodomésticos*] ... você usou, não?

C – ah tá, não, eu não peguei esse cartão ...

E -acho que nem tem mais né?

C – não ... muita gente acho que pegou, mas ... eu, eu não consegui, eu não peguei ...

E – ah é ... você tentou não?

C – olha, eu nem tentei, porque falaram assim, que parecia que tinha que comprar o que tava proposto pra ele, sei lá como que era, não sei ... [faz um sinal de “não entendi” com os braços, as palmas das mãos para cima] ... não sei como funciona isso muito bem ...

E – é, ele tinha uma lista ... eu lembro que era uma lista de coisas que tinha até um tanto de ...

C – [falando junto] isso ... tinha opção ... é, então eu não fui atrás ...

E – tinha preço ... você podia comprar até tanto, até tanto, até tanto ... a loja tinha que te oferecer ...

C – isso ... aí eu não fui atrás, falei ah, quando eu puder eu vou montando minhas coisa aos poucos ... porque na verdade quando eu mudei praqui, eu desfiz de tudo o que tinha na minha casa, vim com a cara e a coragem ... então eu tou conseguindo aos poucos, entendeu?

E – humhum ... e você morava de aluguel, ou morava ...?

C – eu morava de aluguel ...

E – é? [“humhum”, ela confirma] ... você teve muitas moradias, não?

C – de aluguel? [“é”, eu confirmo] ... olha, eu morei 8 anos num lugar só [...] 8 anos num lugar só ...

E – é ... eu tenho ouvido mesmo ... às vezes a gente acha que as pessoas ficam mudando muito, mas não ...

C – eu mudei muito assim de uma casa pra outra, mas assim, no mesmo proprietário, do mesmo quintal ... cada casa que ia desocupando, que era melhorzinha eu ia pulando de uma pra outra [...]

[faz o sinal de “pular” com as 2 mãos], mas sempre fui inquilina num lugar só, nunca fui inquilina 2 vezes em outro lugar não ...

E – isso ... entendi ... e era aqui em Taboão mesmo não?

C – no Taboão ... pertinho daqui ...

E – você é de Taboão?

C – sou de Taboão ... não, minha localidade?

E – é, você nasceu aqui, não?

C - não, eu sou da Bahia ...

E – ah é? aonde?

C – só que eu vim pra cá e morei em Taboão, e tou até hoje e [decidida] não saio de Taboão por nada desse mundo, eu amo Taboão [sorri] ...

E – que legal, que legal ... é? e você, da onde que é, da Bahia?

C – sou de Riachão de Jacuípe ... [“onde?”, pergunto] Riachão de Jacuípe ...

E – ah não conheço ... perto daonde?

C – Feira de Santana!

E – ahh, perto de Feira de Santana ... eu já fui, *passei* uma vez por lá, há *muito* tempo ... e você veio pra cá, assim, mocinha, ou não?

C – vim, vim mocinha ...

E – ficou a maior parte do tempo lá então ...

C – é [*pensa um pouco*] ... eu vim pra cá, tava com 17 ... aí vim, casei, tive 3 filhos, e tou aqui agora ...

E – [*rimos*] ahh legal, quer mais alguma coisa, me mostrar alguma ... posso, assuntar suas coisas?

C – pode, pode, fica à vontade ...

Vou⁴⁸ em direção à cozinha.

00:14:29

C – meio bagunçada a cozinha [*rimos*] ... não tem armário ...

A estrutura de apoio do balcão, alvenaria de tijolos de vidro faceando pelo lado da sala, forma um recuo em relação ao tampo do lado da cozinha, possibilitando a “entrada” de pernas ao sentar. Guardado no piso do nicho aí formado, há um pacote semiaberto com embalagens de leite “longa vida” (UHT), sinalizando a falta de armários para esse estoque (Fig. 24).

E – ahh, aqui dá pra por ... dá pra *sentar* mesmo né, aqui ... aahh ...

C – dá ...

E – ahh, entendi ... humhum ... olha, eu não tinha percebido isso daqui [*passo a mão no granito que faz acabamento na espessura da parede limítrofe ao balcão*] ... essa, essa proteção ...né?

⁴⁸ Detalhe a lembrar: Carolina não me mostrou a cozinha espontaneamente [passou por ela rapidamente logo no início da entrevista], eu que a induzi.

C – ahh, tá ...é, de mármore né? é, eu **coloquei pra combinar** ...

E – é, ficou muito bom, muito bom ... aqui, a pia também você trocou, porque a pia não era assim né?

C – não, a pia não era assim ...

*A pia de granito é em “L” e quase não há superfície desocupada. Um micro-ondas e alguns utensílios tomam a parte seca, ao lado da geladeira. Na parte molhada, o escorredor de louça, a torneira com filtro acoplado, e um dispenser de sabão líquido, são todos brancos. Por cima do micro-ondas e da geladeira, potes e tigelas com mantimentos. Sem armário em baixo, as poucas panelas, louças e mantimentos estão organizados em 2 estantes de plástico [perfeitamente encaixadas na altura total do vão disponível]: uma preta [com 2 prateleiras], outra branca [equipada com 1 porta, algumas mini gavetas e nichos para temperos]. O **fogão⁴⁹ é de 4 bocas** [~53 x 62 x 93 cm altura (Fig.24)].*

E – e você colocou esse ... ah, isso aqui você mudou, tudo [*falo do revestimento das paredes da cozinha*] ...

C – é, a cerâmica ...

E – a cerâmica cê mudou ... é ... e colocou esse, esse frontão ... humhum, legal ... tá bom ...

*As placas do novo revestimento cerâmico da cozinha têm dimensões maiores [~35 x 60 cm, branco brilhante, paginadas no sentido vertical] do que as originais⁵⁰ do apartamento e **estão separadas ao meio***

⁴⁹ o fogão é da marca Electrolux, modelo CHEF.

⁵⁰ Nas observações em campo, constatou-se diferenças no padrão do revestimento cerâmico das paredes dos banheiros e cozinhas originalmente entregues. Usualmente foram utilizadas placas de ~30 x 40 cm, paginadas no sentido vertical, mas foi visto também paginação no sentido horizontal. Além disso, houve muitos problemas quanto à fixação desses revestimentos [inclusive nos pisos], e por vezes os moradores aproveitaram a mão de obra da construtora que providenciava os reparos, para mudar o tipo da cerâmica às suas expensas.

da altura da parede por uma barra decorativa [~9 cm largura, cor salmão claro] com texturas em alto relevo e pinturas coloridas com motivos de comidas em cestos e potes (Fig. 24).



Fig. 24 – a cozinha

E – cê usa bastante o micro-ondas?

C – às vezes eu uso ... não muito, mas ...

E – é? eu até hoje não tenho [risos] ...

C – só pra esquentar alguma coisinha ...

E – alguém fala, “mas micro-ondas é tão bom!”

C – [‘reclama’ que tou filmando a bagunça da pia] olha a bagunça! [risos]

E – não tá bagunça nada, acho que você arrumou [risos] ... olha que ... você tem uma cozinha *compacta* na verdade né? não tem *tanta* coisa!

C – é, tá precisando de armário né?

E – mas *tudo* o que você tem na cozinha você tá guardando *aqui*?

C – olha, não, umas coisa tá guardada ... tá guardada lá no outro quarto ...

E – ahhh

C – não tem como por tudo aqui né? aqui só o básico [sorri] ...

E – é, eu tou achando que você tá muito básica, eu falei, “nossa, eu nunca vi ...” [risos] ... geralmente as pessoas têm um *monte* de coisas!

C – não, eu tenho ... mas, assim, eu tinha *muita* coisa, muita coisa, mas quando eu vim pra cá eu desfiz de *muita coisa*! nossa, eu não tenho nem a metade do que eu tinha antes! Porque eu me empolguei muito né, que era apartamento, então eu desfiz de muita coisa [faz um gesto largo com os 2 braços], muita coisa! porque, assim, a família diminuiu também, as pessoas né? então eu falei, pra quê que eu vou ter 8, 10 panela? né?

E – entendi ...

C – pra quê que eu vou ter 20 pratos usando ao mesmo tempo, então eu aprendi a sobreviver com pouca coisa ... e tá dando certo, não faço questão de ter muita louça, muito copo, muito garfo, muita xícara ... não faço questão, não faço questão!

E – [falando junto] sinal de sabedoria ... e você onde ...

C – quando tem uma visita eu vou lá na caixa, pego e a gente usa!

E – entendi ... ah, naquele baú lá que eu perguntei? [risos]

C – isso [risos]

E – eu ia te perguntar uma outra coisa ... ah, a outra casa que você morava era maior que essa?

C – era [fala firme] ...

E – era né? todo mundo tá me respondendo isso!

C- bem maior ... só que assim, o espaço daqui hoje, pra mim, que hoje só tá eu e o meu filho, pra mim tá ótimo ... não tem o que reclamar não.

E – entendi ... no geral você gostou, assim do, do ... acha que valeu a pena né? [ao mesmo tempo que ela acenava afirmativamente].

C – valeu a pena, valeu a pena a minha luta ...

E – é? quanto tempo cê batalhou no movimento?

C – tem 19 anos!

E – [assobio, surpresa] e você continua no movimento, ou ...?

C – não, eu parei ... porque eu acho assim, a gente tem que lutar ... chega uma hora que, eu falei assim, eu consegui, agora quem quiser que ...

E – sim ...

00:17:35 fim da primeira parte – a entrevista não foi interrompida, mas a filmadora “dividiu” o arquivo em 2 partes, e recomeçará agora do **00:00:00**

C – né?

E – entendi, entendi ...

C – não que eu não apoie as pessoas né ...

E – não, eu entendi ... mas é uma luta dura né? não é fácil né?

C – eu espero que as pessoas também consigam né ... [*“tchau”, fala para o filho, que está de saída e fala “tchau” também*] ...

E – tchau, tchau ... legal ...

C – assim como eu consegui né, quero que todos consiga né, mas, eu não vou mais não ... participo mais não ...

E – é, porque não é fácil né?

C – eu tava grávida dele, quando eu me inscrevi ... eu tava grávida dele ... então, cê imagina o tamanho que tá o homem né [*aponta para a porta, onde o filho não está mais*] ...

E – é, é verdade, tem toda razão ... é, sei lá, tem pessoas que falam que é, que esse pessoal do movimento quer a vida fácil, não é nada fácil [risos] ...

C – não é nada fácil, e assim ó, não é nada fácil, porque assim na verdade, tá um negócio de falar “ah o MST ganhou não sei o quê do MST” – ninguém tem nada ganhado aqui, ninguém tem nada ganhado ... pra tá aqui tem que ter um custo ... entendeu? mas ninguém tá aqui de graça, tem que ter um custo entendeu? e **a gente briga pra que as coisa seja melhor, né?** porque a gente lutou pra ter uma moradia melhor, não pra ter uma moradia pior ...

E – claro ...

C – então assim, a gente lutou todo dia, se eu vim praqui, que teve uma coisa bem organizada sabe?

E – e como é que tá a vida em *condomínio* aqui, assim, porque não é muito fácil né, esse negócio da organização ... [*me movimento com a câmara para mudar o ponto de vista*] deixa eu fazer aqui porque senão eu fico na contra-luz ...

C – olha assim, *condomínio*, assim, em si, eu não ...

E – a *vida* em condomínio, eu quero dizer, com mais pessoas e tal ...

C – questão de *relacionamento*? eu me dou bem com todo mundo, não tem do que reclamar ... meu corredor mesmo, as pessoas são umas ... benção, não tenho o que falar ...

E – seu corredor é bem bonito, tá cheio de flores ...

C – não, aqui é muito tranquilo, não tem bagunça, ninguém incomoda ninguém ... então, não tenho o que falar não, questão do meu corredor assim ... e assim, em geral ...

E – tá ...

C – acho assim, quem faz o lugar é você ... você pode morar onde for entendeu ... se você tiver que ser uma pessoa desavalizada, bagunceira, você vai ser onde for, independente do lugar entendeu? ... você que tem que fazer sua parte ... eu me dou bem com todo mundo, não tem o que reclamar não, graças a Deus ...

E – [*depois de falar muitos “claro” no meio da sua fala*] entendi, entendi, não tá tendo dificuldades né, de morar perto de muita gente ... entendi ...

C – não, não tenho ... acho que cada um cuida do seu espaço e da sua vida ...

E – entendi ... ah, muito bom Carolina, muito legal ... acho que vou tirar umas fotos ...

C – pode tirar ... fica à vontade ...

E – tá ... [*risos*]

C – pode até que você me passe [*o vídeo*] pra ver como ficou [*risos*] ...

E – simmm, eu vou te mandar o vídeo, tá?

Continuo filmando, passando pela sala ...

C – tá ... era pro R*⁵¹ tá aqui hoje né?

E – ahh que pena, o R*, tou com saudade dele ... ah, posso fotografar o seu banheiro? cê mudou o banheiro, não?

⁵¹ R*, um dos moradores do João Cândido, montou uma equipe com amigos e prestou muitos serviços de modificações hidráulicas e elétricas nos apartamentos – muitos moradores aumentaram o espaço do box e para isso, mudaram o ponto de água da pia [não é o caso da Carolina]; acrescentaram pontos de luz [arandelas nos corredores, principalmente], tomadas, pontos de TV.

C – pode, pode ... deixa eu ver se tá bagunçado, pera aí ...

00:02:59

E – não, deixa ... eu que preciso ver como é *em uso* [risos] ...

C – deixou ver o que o menino fez ... [vai até o banheiro, dá uma olhada – tá tudo certo – e acende a luz]

E – olha, você fez *tudo* diferente ...

C – então é, entra aí ... então, **coloquei 2 led ali né** [aponta as luminárias embutidas no forro, acima da pia], centralizada ali ... futuramente eu pretendo fazer um armarinho mais legalzinho né, e coloquei essa daqui também né [mostra a luminária central, mudada para embutida] ...

E – tá, entendi ...

C – e coloquei esse box ...

E – que é diferente dos outros ...

C – que é diferente, tipo ... muita gente, muita gente é, o que que fizeram, colocaram o box em “L” ...

O box de vidro [~90 x 90 cm] acompanha o retângulo rebaixado no piso. Carolina abre as 2 portas de correr, que deslizam uma para cada lado do box, a partir vértice. Dentro do box, um porta xampu preso na parede, de canto, com estrutura de metal e 2 prateleiras plásticas. Sobre o piso há 2 tapetes de crochê, do mesmo tipo da passadeira do seu quarto. Um dos tapetes é oval, branco com detalhes em verde e fica na saída do box. O outro protege o piso da pia - é retangular, branco também, com flores vermelhas, botões amarelos e folhas verdes [Fig. 25].



Fig. 25 – o banheiro

C – porque o projeto daqui, cê viu como que é, o vaso tá lá, a pia tá cá ... tá errado ... **o projeto da Caixa, que eles fizeram, tá errado** ...

E – peraí, peraí ... o projeto ... não, você manteve no mesmo lugar, não?

C – sim, mas assim, o projeto da Caixa, o certo, **a pia tinha que ficar aqui** ... né?

Indica o espaço ao lado do vaso sanitário, para onde muitos moradores mudaram a localização da pia, duplicando o comprimento disponível para o box.

E – ah, eu sei porque que eles fizeram isso: por causa de cadeira de rodas ...

C – isso, eles pensou só em cadeirante ...

E – é, exatamente ...

C – é [risos] eles pensaram só nisso ... então muita gente modificou, muita gente tirou a pia daqui, colocou ali ...

E – *muita* gente ...

C – e colocou o box em “L” ... só que assim, assim que eu mudei, **a queda da água, eu não sabia se eu tomava banho ou se eu puxava** ... a água ia toda pra lá [*indica a porta do banheiro*] ...

E – ahh, ele não tinha ... alguns não tinham ...

C – isso, não tinha a queda de água pra cá ...

E – não tinha ... agora ... é só ali pequenininho né, o ... como é que chama? o rebaixo ... é muito pequenininho ...

C – então, aí, assim, **a primeira coisa que eu fiz, quando eu mudei aqui, que me incomodou, foi o banheiro** ... a queda de água ... até eu já coloquei o box, foi a primeira coisa que eu fiz foi a troca do box ...

E – cê fez uma coisa muito boa, primeiro, porque você não teve que ... você não ficou gastando dinheiro trocando pia ...

C – então, e assim, eu não pretendo mexer, pra mim tá bom do jeito que tá ...

E – e você pôs o box ... porque as pessoas puseram o box inteiriço, não foi isso?

C – isso ...

E – fica um box grande ...

C – é, fica legal né ...o box assim fica legal ...

Percebo que dei a impressão de estar fazendo uma crítica ao tamanho do box que ela escolheu.

E – sim, mas ...

C - mas o meu *não tá tão pequeno* ... [abre novamente a porta do box] ...

E – não, ele é o que precisa ...

C - ele não tá tão pequeno [olhando o piso interno do box], dá pra tomar banho, uma pessoa ...

E – não, e era o previsto né, tá vendo ó, aqui é o lugar da caída de água mesmo [mostro o rebaixo no piso e o ralo], o recorte ...

C – humhum ... assim fica mais bonito [desenha com a mão o box “encompridando” até a parede oposta] né, tirando a pia [olha pra mim, buscando confirmação] mas é como eu deixei, pra mim tá ótimo ...

E – você sabe que se fica mexendo na parte hidráulica, você perde a garantia né, sabia disso?

C – humhum ...

E – é, porque, se fica fazendo muita mexida nessa parte hidráulica ...

C – eu coloquei moldura também ... *aí depois eu vou ... eu vou trocar o azulejo* também né ...

E – ah é, é?

C – vou ...

E – nossa, que coragem ...

C – quando eu conseguir ... quando eu for mexer eu vou trocar tudo ...

E – porque você não gosta da cor, não gosta do quê?

C – porque aquilo que aconteceu ... a mesma coisa que aconteceu lá [*na cozinha*], aconteceu aqui: estufa ... **já caiu várias vezes** ...

E – ele *já* caiu?

C – [*acena afirmativamente com a cabeça*] acabou de arrumar a semana passada essa parte aqui todinha [*aponta parte da parede da direita, logo na entrada do banheiro*] ...

E – ahhh, entendi ...

C – entendeu? tava tudo estufado, eles [*a construtora*] acabaram de arrumar, a semana passada ...

E – caramba ...

C – eu falei **“eu tenho criança” né, o meu neto fica ali, fica perigoso né?**

E – claro! não, e o apartamento é novinho né ...

C – então ... assim, a única coisa que eu tenho que reclamar daqui é só o piso que eles fizeram ... de mais, tá ótimo ... não tem do que reclamar, tá ótimo demais (Fig. 25).

[...]

Carolina sai do banheiro e acende novamente as arandelas do corredor.

00:06:26

C – isso aqui ficou muito bonito, essa visão aqui ó, essas 2 luminárias, ficou muito bom ...

E – ficou muito bom mesmo [*ficamos admirando*] ... ah, legal ...

C – quem vem aqui gosta, né ... depois que eu conseguir arrumar tudo direitinho, trocar o piso né, colocar uns moveis legalzinho, aí fica bom ...

E – já tá bom [*risos*] ...

C – por enquanto tá ótimo [*sorri, feliz*] né ...

E – é bom, mexer em coisas que são nossas né ...

C – [*pensativa*] é, verdade ...

E – é diferente, dá pra gastar dinheiro ...

C – faz com mais gosto né ...

E – não vai perder né ... [*sorrimos*] tá bom Carolina, eu vou desligar, pra gente poder conversar outras coisas, sem você ficar sendo filmada, tá bom? OK ...

Carolina apaga as luzes do corredor e do banheiro. Vamos para a sala e ela se dirige à cozinha, onde o almoço que comeremos mais tarde está no fogão ...

C – fica à vontade, tira foto ...

E – é ... então tá bom, vou desligar.

C – tá.

00:07:19

***** fim *****

8. Aurora⁵² J. Cândido B

transcrição entrevista gravada em vídeo em 01 Setembro 2018

total 17:35 + 12:22 = 29:57 min [legenda: Aurora; Pesquisadora; anotações]

*Importante: as descrições sobre **materiais** dos objetos se referem à sua **aparência**, a pesquisa não os verificou cientificamente.*

Na porta do apartamento de 3 quartos em que Aurora vive com 2 filhos e 1 neto [todos adultos], há um cartaz em folha A4, fixado com fita adesiva, arte feita em computador, anunciando “vende-se sorvetes no bloco B 65”, indicando que se destina também à exposição em outros lugares no condomínio. A lista de 8 sabores é emoldurada nas extremidades do cartaz por figuras de sorvetinhos risonhos. Além disso, alinhado verticalmente entre a plaquinha do número do apartamento e o olho mágico da porta, há um objeto que aparenta ser um patuá de proteção, pendurado por uma fita do Bonfim. Com a câmera digital ligada, bato na porta como o combinado e Aurora abre.⁵³[Fig. 1]



Fig. 1 – Aurora abre a porta do apartamento , que exhibe o cartaz de venda de sorvete

⁵² Nome fictício.

⁵³ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

00:00:00

Pois não.

Oi, Aurora. Tudo bom?

Tudo bem.

Obrigada, viu, por me deixar entrar na sua casa. Por me mostrar a sua casa.

Nos beijamos, cumprimentando, Aurora fecha a porta e começa a ação, meio sem graça.

Aqui é minha cozinha ... [afasta uma cadeira do caminho] só não repara a bagunça, porque ...

É uma cozinha 'em uso', né?

Aurora manteve a pia original do apartamento, e encomendou o gabinete para o seu filho marceneiro: frente dividida em 3 partes iguais fechadas com 2 portas e coluna de 3 gavetas, padrão madeirado claro, com puxadores em perfis metálicos [de sobrepor]. Os outros 4 módulos de armários da cozinha foram comprados prontos [no Ponto Frio] - 3 deles, alinhados entre si pela parte superior, ocupam toda a parede da pia [deslocando a geladeira para fora da linha fogão-pia-geladeira sugerida pelo projeto] e 1 é o aparador que separa a cozinha da sala. Todos esses módulos têm estruturas⁵⁴ com padrão painel de madeira eucalipto [ou teca?] e portas e gavetas majoritariamente brancas. O módulo aéreo [~ 75,0 fr x 32,0 prof x 30,0 cm alt] acima do fogão [de 5 bocas] tem 1 nicho, fechado com porta basculante. Acima da pia, outro módulo aéreo [~120,0 fr x 32,0 prof x 80,0 alt] tem uma divisória ao meio, 2 prateleiras fechadas por porta basculante e 1 nicho aberto, abaixo do qual há uma barra metálica [penduradora], protegida da parede pela extensão do fundo do móvel. Completando a parede ao lado da pia, o módulo maior [~75,0 fr x 50,0 prof x 216,0 cm alt] apoia-se no piso por pés tubulares metálicos redondos, tem 3 prateleiras fechadas por 2 portas, abaixo das quais há 3 gavetas [as únicas frentes que não são brancas, mas repetem o acabamento madeirado da estrutura], finalizando com 1 gavetona. [Fig. 2]

⁵⁴ Alguns sites de venda de móveis se referem à estrutura formada pelas laterais, teto, piso e fundo, como 'caixotaria'.

A geladeira [~55,0 fr x 67,0 prof x 159,0 cm alt] foi posicionada frente ao último armário descrito, ligeiramente em ângulo para melhorar um pouco a abertura de portas, prejudicada pela largura insuficiente [180,0 cm] do espaço disponível para esse tipo de arranjo. **[Fig. 3]** O último móvel é o balcão [~120,0 fr x 45,0 prof x 90,0 cm alt] que separa a cozinha da sala, mesma 'família' dos módulos da parede da pia. Tem 2 prateleiras internas, 3 portas, pés tubulares metálicos e fundo [que fica aparente da sala] tipo acartonado, sem acabamento, com emendas e desgastes nas bordas frágeis. **[Fig. 4]** Sobre o tampo, que Aurora protege com plástico ajustado por fita crepe, fica o micro-ondas. Há objetos e utensílios em todas as superfícies dos móveis, pia, fogão e geladeira. Sobre o teto dos armários os objetos guardados estão protegidos por sacos plásticos. **[Fig. 2]**



Fig. 2 – vista geral da parede da pia



Fig. 3 – a geladeira posicionada em diagonal



Fig. 4 – os fundos do aparador e do micro-ondas, vistos da sala

Isso.

Uhum. E daí você tava me falando então que esses... esse conjunto de móveis você comprou pra cá, né?

Comprei pra cá, é.

Tá. Deixa eu olhar ele. Ah, e aqui tem as... o revestimento que caiu *[da paredinha à esquerda do fogão]*, que vai ser arrumado *[pela construtora]*, né?

Vai.

Tá. O **fogão** você falou que já tinha ele faz tempo.

Já tinha ele faz muitos anos, **três anos na caixa**. ... É, porque... esperando o apartamento. Eu pensava que era... que ia ficar naquele lá, né. *[Afasta roupas no varal e aponta o Condomínio A pela janela da lavanderia]* Mas saiu aqui, eu falei: "Não, melhor aqui".

[...] Ah, que legal esse ... posso olhar ele? *[Refiro-me ao armário da cozinha]*

Pode. Aí eu guardo os potes de sorvete. *[Abre a porta basculante do módulo aéreo acima do fogão]* Os potes vazios.

Ah tá, os potes que você usa pro trabalho seu.

Isso. [Aurora fecha o primeiro nicho e abre outra porta basculante, do módulo que fica acima da pia.]

Aqui é meus copos, os copos dos meus netos.

Que legal. Legal. *[Além de copos, o armário é cheio de canecas coloridas, algumas com canudos] São pequenininhos seus netos, né?*

É, um tem seis anos, outro tem três, outro tem um ano e... acho que um ano e oito mês.

Ah, tá. Cheio de canecas bonitas. Tá. Interessante esse móvel. Ah, olha, aqui tem esse negócio pra pendurar, né? *[Abaixo da parte fechada há um nicho aberto, seguido por um frontão na parede e a barra metálica 'para pendurar', que no entanto está vazia.]*

É ... é que, na verdade, era meu filho que ia fazer igual esse [mostra o gabinete da pia] ... mas eu paguei pra ele fazer ... até hoje não devolveu o dinheiro e também não fez ...

Seu filho é marceneiro? [Fico surpresa, pela coincidência de também trabalhar com marcenaria.]

É.

Tá brincando! Aonde que ele tem marcenaria⁵⁵?

Ele não tem mais a marcenaria, ele agora trabalha com outras pessoas.

Tá, entendi, entendi. Puxa, então é o que se fala mesmo, né: casa de ferreiro, espeto de pau [risos]. É o contrário.

Pois é. Aí nós tivemos que comprar esse.

Mas esse foi ele que fez?

Só o gabinete ... até a prateleira ele não trouxe ainda. [Abre a porta e mostra as panelas empilhadas.]

Entendi. Você sabe que eu ... trabalhei com marcenaria muito tempo, né?

⁵⁵ Pergunta inapropriada! Poucos marceneiros 'têm' marcenaria própria!

Sério?

É. Por isso que eu gosto de móveis. Por isso que eu tô fazendo essa pesquisa que tem a ver com móveis.

Ó, que legal. [...] Essa gaveta é muito legal ...

[Abre a primeira das 3 gavetas do gabinete, com corrediça telescópica e puxadores em perfil metálico.]

Olha, ele fez um bom trabalho.

Fez ... Não terminou o resto.

Não terminou, né?

Isso aqui é as coisas do sorvete ... *[abre a segunda gaveta]* que eu faço as medidas, tudo aqui. Tudo é separado, nada que ver com a cozinha *[enfática]*.

Tá. Então quando você faz sorvete, você faz tudo de uma vez?

Tudo de uma vez. E é tudo com a pia vazia, tudo sem louça, sem nada, porque eu sujo só a do sorvete. Pano de prato é só do sorvete .. o da cozinha é da cozinha.

Entendi.

Por isso que aqui é tudo cheio de pano de prato, ó. *[Abre a última gaveta do armário ao lado da pia.]*

Ah, olha que gavetona.

Tudo cheio de pano de prato. Tudo ... tudo é pano de prato. *[Manipula alguns, para mostrar.]*

Tudo pra você cozinhar pros sorvetes?

É, e pra cozinha ... quando eu lavo é tudo separado.

Tem *muito*. Você tem bastante, né?

Tenho ... Eu tenho ainda a caixa que ainda tem uns 13 *[rimos muito]*. Aqui tá os talheres da casa ... *[abre a primeira gaveta do armário ao lado da pia, onde os talheres estão guardados dentro de uma caixa organizadora com tampa.]*

Ah, tá. Olha, além de tá na gaveta, ainda tá protegido *[pela caixa com tampa]*.

É, que às vezes [tem?] barata, esses negócios, né, então é...

Sei, sei. Entendi.

Aqui também é os sabores do sorvete. *[Abre a gaveta seguinte, cheia de potes com tampa, embalagens dos seus produtos.]*

Ah, então boa parte da sua cozinha é pra isso mesmo, né?

É ... Aqui é os saquinhos, aqui ó. **As luvas, que eu só faço com luva e touca.** *[Na terceira gaveta.]* ... Pra não ir cabelo.

Sei. Ah, com touca. E você aprendeu, esse negócio de fazer sorvete, você teve algum curso, alguma coisa, não?

Não ... Sozinha ... Me ensinaram fazer a base, eu peguei e comecei fazer.

Tá, entendi. Ahã. Puxa que legal.

Aqui é o armário que tá *muito* [irônica] bem arrumado porque ... quando é o B* e a A* [sua filha e neto] que pega é essa bagunça ... Mas quando eu pego é tudo arrumadinho, tudo no lugar.

Ah, você gosta das coisas bem organizadas?

Gosto, bem organizadinho ... Porque quando você for pegar, você sabe onde que tá. *[Fecha o armário, onde, além de pratos de vidro e louça, guarda principalmente artefatos de plástico – peneiras, tijelinhas, recipientes para acondicionar alimentos.]* ... Mas eles não faz isso não.

É, muita gente arrumando a casa, acontece essas... um pouco de confusão, né? Deixa eu ver.

Aqui é meu "freezer", aqui é meus feijão.

Tá, esse pro seu dia a dia, né?

Consumo, é ... Aqui é porque meus netos vai vim. Aqui.

Ah é? Eles ficam no fim de semana?

Não, eles vão vim semana que vem, daí eu já comprei logo porque... *[risos]*

É, que que é? Iogurte? Essas coisas gostosas?

É, iogurte, Yakult. Porque a gente só come legumes e verduras. A gente não gosta de carne.

Ah, que bom *[surpresa]*.

Aqui é verduras e legumes. Batata frita de vez em quando e nunca. Salsicha, então, é de vez em quando e nunca *[mostra uma embalagem congelada]* ... É que eu também fui criada sem carne, só comia verduras e legumes, então...

Hahã. Entendi. Ah, tá. E o micro-ondas, você usa? ... No dia a dia, assim?

Uso ... muito ... a gente já põe tudo num "tupperware", põe na geladeira, depois é só ir esquentando. *[Abre e fecha o micro-ondas, que fica sobre o aparador - ao lado da geladeira - que divide a cozinha da sala.]*

Tá, bem prático então ... Entendi. E esse é o móvel *[o aparador]* que tem ... tá, mantimentos, é isso?

Isso. **Nossa eu nunca vi meu armário cheio, minha filha. Eu te juro. Nunca.** *[Fala num tom de confiança, inesquecível e surpreendente!]*

Hahã. Mas ele tá cheio, não tá, agora?

Depois que eu vim morar cá.

Ah, porque você não gasta tanto com aluguel, né?

[...] É ... É verdade. É isso mesmo.

Deve ser, né?

Deve ser não! É verdade! *[Enfática. Rimos.]* ...Tinha hora que eu tinha que fazer compra ou pagava aluguel ... Às vezes eu não pagava o aluguel, fazia compra, às vezes pedia emprestado pra fazer... pra pagar o aluguel. *[Fecha o armário.]*

Entendi. É. Não dá, né. Tem que ter...

00:06:43

Aqui é a lavanderia.

As 4 ou 5 linhas de varal [de parede a parede] estão lotadas de roupas penduradas. Aurora dobra algumas toalhas de mesa que obstruíam a visão, e entra. Sem armários, a lavanderia possui apenas o tanquinho⁵⁶, ao lado do tanque, e a máquina de lavar na parede oposta. Utensílios como bacias, embalagens com alça de vários tamanhos usadas como baldes, produtos químicos agrupados em potes plásticos e sacolas, empilham-se apoiados no chão, principalmente no espaço livre logo na entrada, à esquerda da lavadora – mas também embaixo do tanque e encostados na parede da janela. Sobre o tanquinho há uma grande bacia com muitas panelas limpas e secas. Vassouras e sacos para lixo ficam no espaço entre o tanquinho e a parede que separa a cozinha, à direita. Em todas as paredes há grandes extensões sem revestimento [situação recorrente no conjunto] e Aurora guarda, junto com seus utensílios, algumas das placas cerâmicas que deverão ser repostas pela construtora. A mangueira de descarte de água do tanquinho está posicionada direto no ralo destampado do piso. A de descarte da lavadora de roupas está dentro de um balde, indicando possível prática de reuso de água. [Fig. 5 a 7]



Fig. 5 – lavanderia, vista geral – lavadora à esquerda, tanque e tanquinho à direita, bacia das panelas

⁵⁶ Tanquinhos são máquinas de lavar roupa mais simples, baratas e econômicas quanto ao consumo de água e energia elétrica. Embora os modelos mais novos estejam acrescentando funcionalidades, normalmente não centrifugam e precisam de alimentação e troca manual de água.



Fig. 6 – lavanderia - utensílios logo na entrada



Fig. 7 – descarte de água do tanquinho no ralo descoberto

Então, e daí cê tava me falando que - é só pra ficar gravado aqui - que você, além da roupa da casa, que você usa a lavanderia também pra ganhar um dinheiro, né?

Pra lavar roupa pra fora ... um dinheiro, isso. [Falando junto.]

Hahã. Isso é constante assim, não, não é tão constante? É normal você ter roupa pra... pra cuidar ...

É normal. É, o tanquinho aqui tá cheio ó ...

[Tira de cima uma grande bacia cheia de panelas limpas, abre a máquina e mostra as roupas, ainda secas, que serão lavadas.]

Deixa eu ver.

[Inaudível] me trouxe sexta-feira. Que eu trouxe ontem.

Entendi ... que é uma roupa que você vai lavar?

É.

Entendi. Você usa esse daqui também? *[Ela confirma]* São duas máquinas, então, que você tem?

Aqui é um tanquinho, ali é máquina. Ali eu não uso pra lavar não ... porque pra lavar na máquina eu não acho que fica limpo. *[Fecha o tanquinho e rearruma a capa da máquina, onde logo recolocará a bacia com as panelas.]*

Ah, é? Como é que você faz?

Eu bato aqui *[no tanquinho]*. Enxáguo aqui *[aponta o tanque]*. Ponho no balde e na bacia. Depois eu esvazio o tanquinho, enxáguo tudo de novo com amaciante. Aí depois ponho na máquina pra centrifugar.

Você usa essa maquinona enorme só pra centrifugar?

Só pra centrifugar. Só.

Porque você acha que ela não bate tão bem quanto essa?

Não. Não tira a sujeira que nem essa.

Eu não sabia. Eu achava que essa era mais... mais... achava que essa era mais fraca.

Não. O tanquinho é *muito bom*, me ajuda muito.

Não? O tanquinho é melhor pra bater, você acha?

Pra tudo.

Eu não sabia disso, né.

Ó os meus panos de chão como que é. Não é encardido não [...] Nenhum deles é encardido.

Entendi. Olha, você tá me falando uma coisa que eu não sabia. Porque ela é bem maior, eu sempre achei que ela era mais eficiente.

É. Acho que é de 12 *[abre a tampa da lavadora e confere a sua capacidade, em Kg]* ... é de 10.

Novinha, né, também.

É novinha ... *Comprei com o maior sacrifício*, mas graças a Deus eu consegui pagar. *[Acaricia a máquina, sorri.]*

Você usou aquele... tinha... logo no começo do Minha Casa, Minha Vida, tinha um que era pra móveis, pra comprar móveis, era uma espécie de cartão de crédito. Você não usou?

Isso, mas eu... a gente não chegou a usar, não chegou a receber.

É, foi pouco tempo, eu acho. Tá.

Pra nós não saiu não.

Entendi. E aqui você fez um varal que é preso na parede, bem forte, porque você usa muito, né?

Isso. Isso.

Tá. Entendi. Tá. "Ok". Deixa eu só ver aqui a... como é que você consegue trabalhar, né? Tá. *[Faço um giro pelo piso, filmando.]* Que mais?

00:09:03

*[Ouve-se vozes de pessoas que chegam mas refugiam-se nos quartos. Aurora ri, sai da lavanderia em direção à **mesa de jantar**, na sala.]*

Eles não quer aparecer ... [rindo muito.]

*Na sala, a mesa de jantar [~90,0 x 90,0 x 76,0 cm alt] está posta com toalha [preta, estampada com grafismos brancos], embalagem de suco [‘maracujá, natural’, ela explica] e bolo caseiro, gentilmente servidos à visita pesquisadora – além de um lap top aberto, cheio de adesivos na tampa. Posicionada frente a uma das folhas da porta de correr que dá acesso à varanda, a mesa tem pés retangulares, travessas e tampo padrão madeira marrom escura. Três cadeiras são do mesmo conjunto, com estofado preto no assento e, por dentro de quadro de madeira, pintura preta no encosto⁵⁷. A quarta cadeira tem estrutura tubular metálica e é de plástico, cor laranja. **[Fig. 8]***

⁵⁷ Descrição da cadeira em site de vendas: “As cadeiras são produzidas em MDF e MDP, com encosto em pintura preta e assento estofado em tecido sintético preto, [combinando com] amadeirado Rustic. O processo é feito em Pintura Poliéster ecológica, que consiste na aplicação de 7 camadas de proteção resistentes a álcool, água e calor.” Fonte: <https://loja.madesa.com/conjunto-sala-de-jantar-madesa-havana-mesa-tampo-de-madeira-com-4-cadeiras-preto-rustic/p>

À esquerda da mesa, a TV é apoiada num rack de desenho antigo [~90,0 fr x 50,0 prof x 90,0 cm alt], com tampo e 2 prateleiras de madeira, esguias na espessura, recortadas em curvas suaves na frente, frisos nas bordas, estruturadas com laterais de madeira e 2 colunas frontais [superdimensionadas] de tubos metálicos redondos. Sem portas, suas divisões internas sugerem nichos especiais para guarda de mídias, e é efetivamente usado para uma caixa de som e 1 aparelho indistinguível [coadjuvante da TV?], além de potes de vidro. **[Fig. 9]**

Seguindo novamente à esquerda, ocupando o espaço de parede que sobra antes do corredor, há um aparador [~80,0 fr x 50,0 prof x 55,0 cm alt] com um bebedouro no tampo [cujo galão de água está parcialmente coberto por toalha rendada vermelha], além de uma cesta e pequenas embalagens. A toalha marrom e a de plástico cobrem apenas parcialmente o aparador, deixando à vista parte da estrutura do móvel, objetos acondicionados em sacos plásticos, e outro galão de água [que, grande demais para as prateleiras, é apoiado no chão]. Trata-se de uma estrutura rústica, um engradado de madeira com 2 vãos para prateleiras, calços nos apoios no piso, utilizado por Aurora para seus utensílios de limpeza e ferramentas. No piso à sua frente, o acolchoado-cama do cachorrinho da família. **[Fig. 9 e 10]**

Na parede oposta a esse conjunto, inseridos no 'dente' de ~75,0 cm de profundidade formado pela parede à esquerda de quem entra no apartamento, há o freezer [~61,0 fr x 69,0 prof x 170,0 cm alt] destinado aos sorvetes à venda, e 2 sofás dispostos em 'L'. Com generosos estofados arredondados e revestimento [couro sintético, preto] em parte descascado, trata-se de conjunto que Aurora resgatou de alguém que ia jogar fora. O sofá maior [~190,0 fr x 75,0 cm prof] fica frente à TV, tem 3 lugares e uma manta sobre o encosto. O menor [~140,0 fr x 75,0 cm prof], de 2 lugares, fica com parte do assento bloqueado pela proximidade do primeiro e excede poucos centímetros a parede em que se encosta, invadindo o vão da porta do quarto. Sobre seu assento, mais um acolchoado-cama para o cachorrinho. Entre os 2 sofás, com altura pouco acima dos seus braços, um móvel de canto [~50,0 x 35,0 cm] é usado para apoio de dispositivos eletrônicos e régua de tomada. Coberto por tecido branco, sua identificação visual fica comprometida e não foi confirmada nos relatos [aparentemente possui uma gaveta]. **[Fig. 11 a 13]**

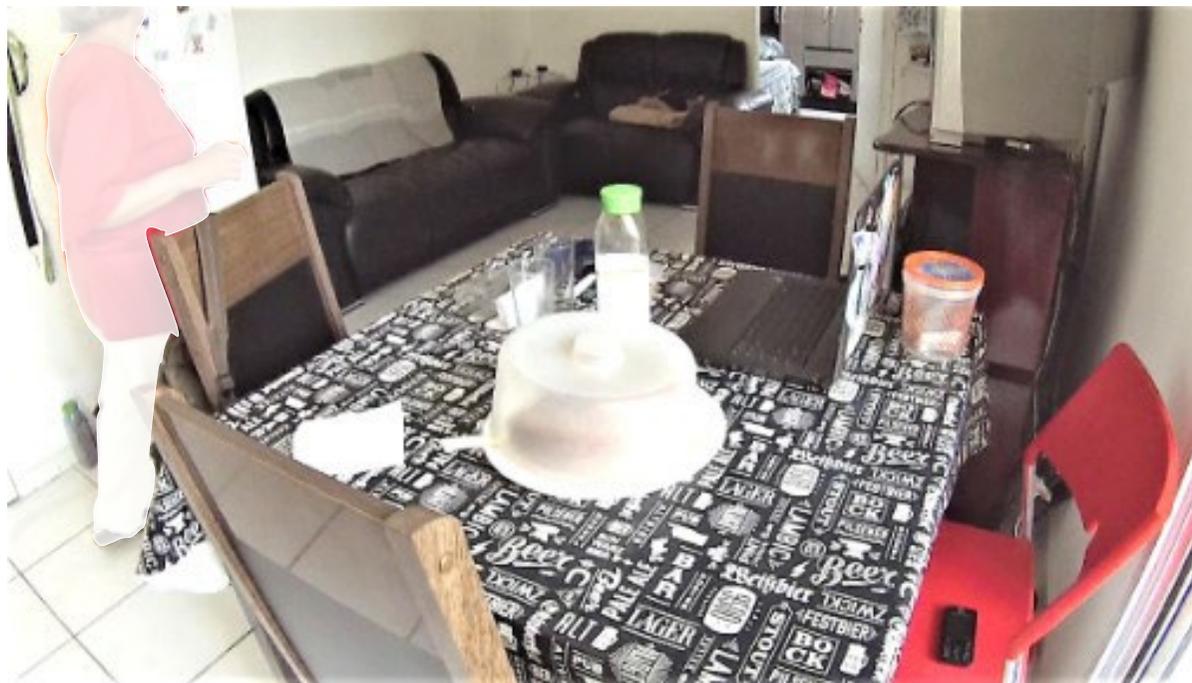


Fig. 8 – mesa e cadeiras; sofás ao fundo, freezer à esq do sofá, cadeira laranja de costas para a varanda



Fig. 9 – o aparador com o bebedouro, a cama do cachorro no piso, o rack da TV, a mesa de jantar



Fig. 10 – detalhe do aparador, guarda de utensílios de limpeza e ferramentas, o calço no piso

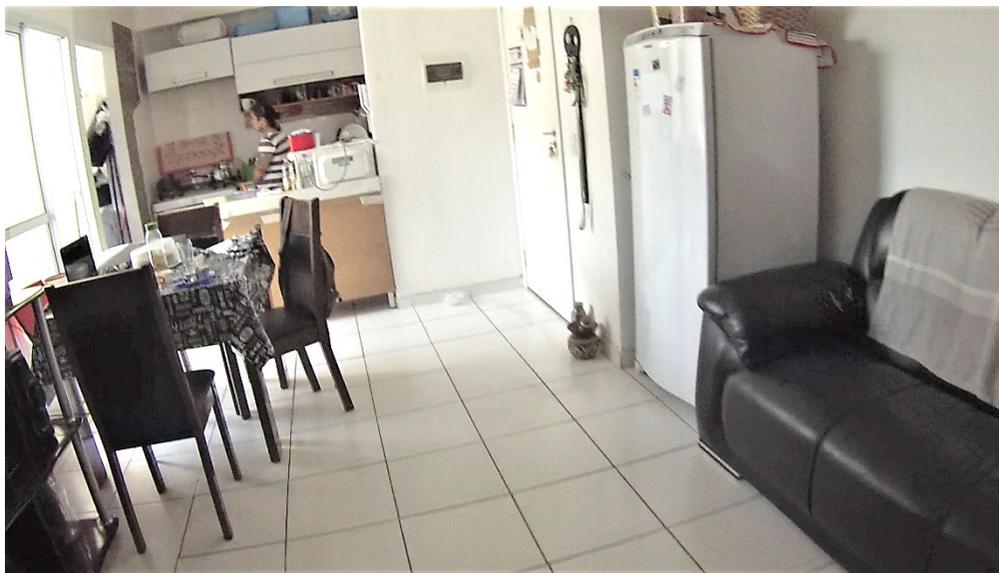


Fig. 11 – freezer e sofás inseridos no ‘dente’ da parede [cozinha ao fundo, porta de entrada à direita]



Fig. 12 – os sofás, o cachorrinho em sua cama



Fig. 13 – o móvel de canto, coberto por um pano

[...] Então você comprou essa mesa... [*Descubro parte da toalha, que está sob uma segunda proteção, de plástico transparente.*]

Com as cadeiras.

Com as cadeiras. Você comprou nas Casas Bahia ...

Isso.

Não é isso? Esse móvel aqui também foi, não? [*Refiro-me aos móveis da cozinha.*]

Não, esse aqui foi no Ponto Frio ... Aqui eu nem sabia. Quando eu cheguei **minha filha já tinha comprado e já tava na parede.**

É muito prático, né [risos]? Não é à toa que, às vezes os marceneiros não dão conta.

Porque as minhas coisas estavam tudo nas caixas, tudo o que a gente queria tava na caixa [*meneia a cabeça, desacorçada*] ... Era panela, copo, tudo na caixa. Minha filha falou: "Não, mãe, não vou aguentar ficar nessa vida não ... a gente vai se apertar, mas nós dá um jeito."

Tá, tá. Móvel pra guardar é muito bom, né? ... Então você comprou essa... essa...

Mesa com as cadeiras.

Essa mesa com as cadeiras. E essa **cadeira vermelhinha⁵⁸, bonitinha?**

Essa **cadeira veio de brinde** com esse conjunto de cozinha.

Puxa, os caras são bons, hein.

Veio de brinde.

Né? E as plantinhas? [*Filmo as plantas no **terraço.***] [**Fig. 14**]

00:10:30

⁵⁸ A cadeira é laranja na verdade, desenho moderno, de plástico e estrutura tubular metálica.

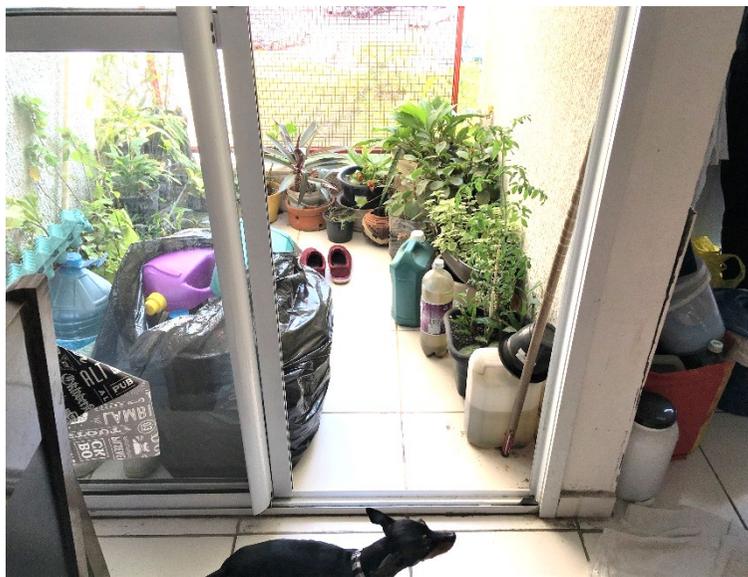


Fig. 14 – as plantas na varanda e os materiais recicláveis guardados para o amigo [o cãozinho no 1° plano]

Ah, eu adoro planta. Meu Deus.

Tô vendo mesmo.

Onde eu morava tinha um monte. Eu dei tudo ... Aí quando eu cheguei aqui fiz tudo de novo.

Onde você morava antes tinha quintal?

Tinha ... Tinha um quintal imenso.

Ah, é?

Isso aqui é pro rapaz que vende produto de limpeza. Eu junto pra ele. [Mostra embalagens ensacadas, no piso da varanda.]

Ah, tá. Ele põe na... ele faz o produto e envaza.

Faz.

Ah, entendi. Ele mora aqui também?

Não.

Não? Humhum. Entendi. Isso aqui é antena? *[A antena digital externa está pendurada na janela do banheiro, que abre para a varanda.]*

É ... O certo é colocar ali, mas como eu não tenho furadeira ... parede é muito dura.

É, porque ela é estrutural, né.

É ... Não é tijolo, é umas placas.

[Aurora entrou pouco na varanda. Permaneceu na sala, com o braço apoiado no balcão do micro-ondas – cujo cabo de força, desconectado, faz uma ‘laço’]. [Fig. 15]

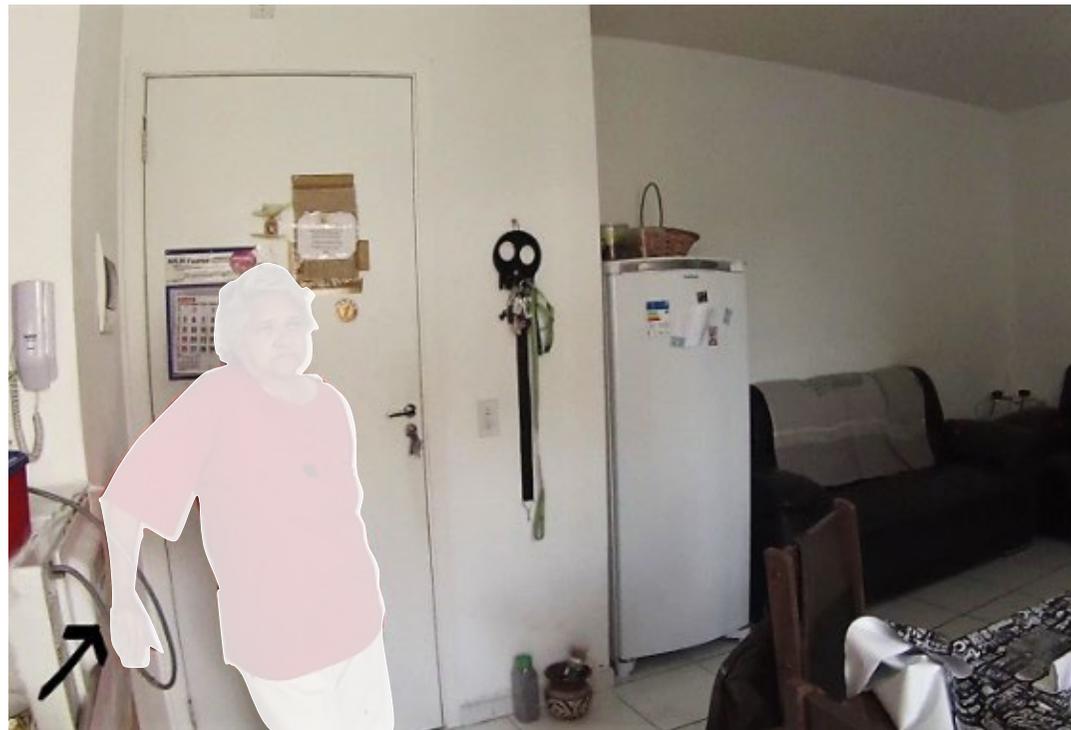


Fig. 15 – as costas do micro-ondas e o ‘laço’ do seu cabo de força

00:11:21

E que mais então, que você tava me falando? Você tava me falando que esse... esse...

Esse "freezer" também comprou.

Esse "freezer" comprou agora há pouco pra fazer seu negócio de sorvetes ...

É. Que a gente ganhou um e ele pifou ... Aí nós tivemos que comprar esse, que a geladeira ali não dava conta..]

Sei, sei. Entendi. Entendi.

Aí nós tivemos que comprar esse. *[Vai até o freezer e arruma um papel que estava preso por imãs.] ...*
Dar um jeito e comprar.

Entendi. E os sofás?

Os sofás uma senhora quando eu trabalhava jogou fora. ... Aí eu peguei, falei: "Não, vou aproveitar eles".

Nossa. Sofá enorme. Ia jogar fora?

Ia.

Nossa, as pessoas não têm noção, né?

Não.

[Filmo o primeiro sofá, a mesinha de canto e passo pelo cachorrinho que dorme sossegado sobre uma manta no segundo sofá] Olha a carinha dele! [Risos] Tá. E esse... essa estante [da TV]?

Eu também ganhei.

Você também ganhou? Faz temp/ ... Você já tinha essas coisas?

Não, só o "rack" que eu tinha, a televisão não ... **A televisão veio quando eu vim pra cá.**

E esse... esse...

Sofá também, quando eu vim pra cá.

Quando você veio pra cá que você pegou ele?

É.

Tá. Entendi. Tá. E esse movelzinho você também falou que...

Falamos sobre o aparador do corredor [~100,0 fr x 35,0 prof x 90,0 cm alt], aparentemente de compensado com fórmica branca. Tem 3 prateleiras internas e 3 portas. Ao seu lado, uma sapateira de zíper [~55,0 fr x 30,0 cm prof x 120,0 cm alt], de tecido com estampa floral. [Fig. 16 e 17]



Fig. 16 – o aparador do corredor guarda utensílios para a produção dos sorvetes Fig. 17 – sapateira com zíper

É, eu ganhei. Meu filho, ele foi morar com uma mulher, né, a mulher não quis, ele pegou e me deu.

Tá. Entendi.

Aí eu já vim com ele, só com ele.

Entendi. Ele é muito bom.

Aqui eu guardo as coisas do sorvete, ó. [Fig. 18]

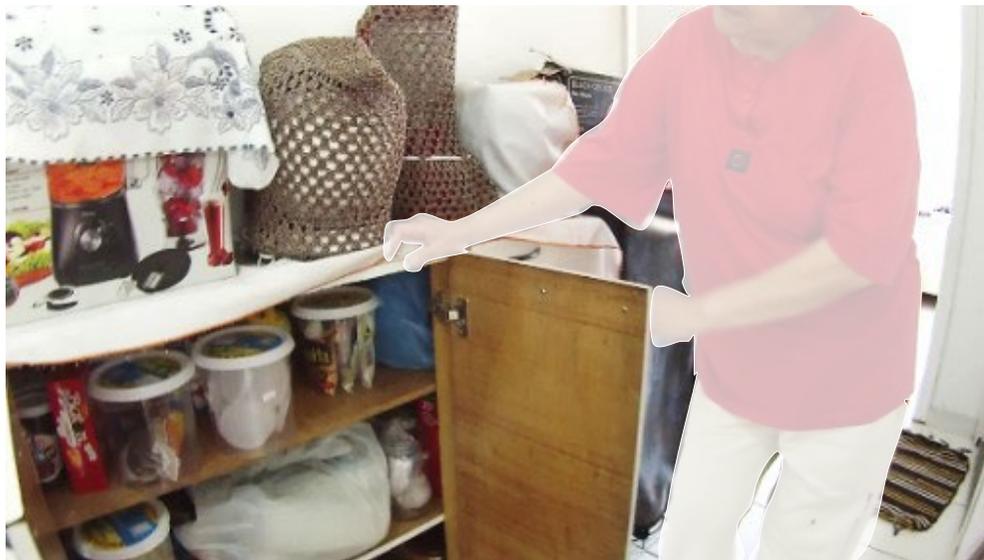


Fig. 18 – o aparador, detalhe

Ahh. Nossa. 'Cê tem que organizar sua casa bem organizada, né ... Pra tanta atividade que você faz, né?

Isso.

[...] Ahã. Entendi. Ah, 'cê usa essa bateadeira? [...]

Aqui é um espremedor de laranja.

Ah, espremedor. Pensei que fosse um misturador ali.

A bota... 'botadeira', ó [ri]. A bateadeira é essa aqui ó. [A bateadeira fica em cima do aparador, tomado por objetos.]

Ah, e você usa ela pra fazer o...

O sorvete ... Porque aí eu tinha outra e a outra pifou ... Aí eu tive... aí nós fizemo... minha filha também um esforço e comprou essa.

Entendi. É, você tem que ter coisas assim, mais ou menos profissionais.

É, e pra bater um bolo assim, aqui em casa, a gente tem essa simples. *[Desembrulha e mostra outra bateadeira.]*

Caramba. São bem equipados, né, de cozinha?

É ... Mas graças a Deus, graças a Deus, minha filha, deu pra gente comprar. Graças a Deus.

Sua filha gosta de cozinhar também, então?

[...] Gosta, ela gosta.

Que legal. Que legal. Posso olhar essa mesa aqui?

Pode. Aqui eu guardo detergente, sabão em pó. *[Descobre o aparador que fica ao lado da estante de TV – e que tem o bebedouro apoiado sobre ele – e mostra os objetos guardados, entre eles, uma embalagem fechada de água engarrafada que fica sobre o piso, semi protegida visualmente pela toalha e pelo plástico que cobrem o móvel]*

Ah, tá.

Sacola que a gente vai no mercado, sacola de ferramenta ... A gente não entende nada de... Mas tem que ter umas ferramenta quando alguém vem aqui arrumar alguma coisa, pelo menos a ferramenta, né?

Ah, tá.

00:14:20

Aqui é o banheiro.

Aurora reposicionou a pia para o lado do vaso sanitário, aumentando o espaço disponível para o banho, fechado com box de vidro, portas 2 folhas de correr. Não há armário ou espelho. [Fig. 19]



Fig. 19 – o banheiro

O banheiro. Ah, você fez o box inteiro.

Nossa, quando que a gente ia ter um banheiro desse? Meu Deus!

Hã? É um bom banheiro, né?

Nossa. É um quarto e cozinha.

[Rimos as duas] Dá pra morar no banheiro, né?

É, é um quarto e cozinha.

Né? Me diz o seguinte: o que que é que aconteceu ali? [Refiro-me a um grande recorte retangular no teto, uma 'visita' para encanamentos que estão aparentes.] [Fig. 20]



Fig. 20 – o buraco no teto

É porque ali, é assim, a mulher lá, a de cima ... Porque essa pia era aqui, ó. *[Mostra o lugar de onde a pia foi removida, ao lado do chuveiro]* ... Essa pia era aqui ... aí **a mulher queria trocar eu também troquei**. Só que quando ela trocou lá, começou vazar lá de cima.

Hum.

Aí o rapaz que trocou tudo deixou aberto ... Peguei a placa *[de gesso, do forro]* daqui e fui levar pra casa dele. Falei pra ele guardar na geladeira porque se não tem serventia pra mim vai ter serventia pra ele. *[Falou de um jeito natural, demorei a perceber a ironia. Rimos.]* Aí o negócio quebrou, tá aí pra arrumar.

[...] A privada não, a privada tá no mesmo lugar, né?

Não, tá no mesmo lugar. Só a pia que ele tirou.

Tá, tá. É. O "box" fica enorme, né?

Ficou. Ficou muito bom. *[Abre a porta do box.]* ... Que **a gente ia tomar banho, molhava tudo aqui**.

É. É que na verdade o arquiteto achou... quem fez o projeto achou que ia fazer um box pequeno, né? Tá vendo ali, ó? *[Aponto o retângulo rebaixado no piso.]*

É que tem casa que fez pequenininho. Tem apartamento que fe/...

Tem, eu vi ... É ... Posso dar uma *[olhada?]*

Pode.

Tá. Ah, é bom pra mim ver como é que foi feito isso ... É gesso, né?

É. *[Acende a luz, enquanto filmo mais de perto o encanamento descoberto no teto.]*

Ah, obrigada *[pela luz acesa]*. É gesso. Tá bom. É. É o R* que fez, então?

Foi.

Tem que puxar a orelha dele. Ele tem que terminar o serviço, não é?

[...] Das duas casas ... Tem que arrumar isso aí, ó, arrumar essa braçadeira ... Eu falei pra ele, não adianta tampar com essa braçadeira quebrada.

É, perigoso, né.

Não é? Tem que arrumar ...

Entendi. Ah, ele faz. É só ficar em cima.

Ai, ai.

Será que ele ainda tá trabalhando com isso?

[Aurora sai do banheiro e abre a porta do quarto da filha.]

00:17:14

Ah, que bonitinho. Quem faz esses desenhos?

[Na porta, face do corredor, há um desenho, aparentemente ainda em apontamento] [Fig. 21]



Fig. 21 –desenho na porta do quarto da filha e do neto

A menina [...]

Ahh, por isso que ela é toda tatuada?

Ela que faz isso.

Mas que coisa mais bonitinha esse personagem! Olha que carinha.

Ela que faz.

Ó, que bonitinho, né? Muito legal. Tá.

Pode entrar.

O quarto ocupado pela filha, 31 anos, e o neto, 20 anos, é o segundo maior do apartamento e mede ~360,0 x 260,0 cm. Possui 2 camas box [~188,0 x 88,0 x 60,0 cm alt], dispostas em 'L', separadas por uma mesa de cabeceira [~65,0 fr x 50,0 prof x 50,0 cm alt], padrão madeirado claro, 2 gavetas. A primeira cama, oposta à porta de entrada e posicionada longitudinalmente na parede maior, da janela, é desencostada alguns centímetros das paredes, espaço totalmente preenchido por objetos. Ao lado da cabeceira, no piso, há um conjunto de caixas de papelão, de sapato, latas e objetos ensacados [utensílios usados para as pinturas da filha, segundo Aurora] [Fig. 23]. Nessa parede à esquerda da entrada, a filha pintou em branco e preto, uma paisagem com folhas e galho de árvore, passarinhos voando e uma gaiola com portinha aberta [Fig. 22].

Na parte de dentro da porta do quarto há uma ‘sapateira de porta’ de tecido pendurada num cabideiro, entre posters de bandas de rock [Fig. 23]. A outra cama ocupa longitudinalmente a parede menor, de 260,0 cm, de modo que o acesso à parte do guarda roupa situado aos seus pés fica bloqueado [Fig. 24]. Medindo ~210,0 fr x 50,0 prof x 210,0 cm alt, estrutura padrão madeirado claro, é dividido em 3 partes, com 2 portas de correr [pintura preta] nas extremidades. Por conta da necessidade de liberar a abertura das gavetas [que ficam na parte central] do bloqueio da cama, o armário foi deslocado ~25,0 cm da parede lateral, gerando um nicho ocupado por pilha de roupas, sacolas, caixas, acessíveis somente através da cama [Fig. 25]. Sobre o teto do guarda roupa, caixas de papelão, um cesto, almofadas, um carrinho de brinquedo, etc. [Fig. 26]. No espaço de piso que sobra entre esse armário e a porta do quarto, há outro conjunto de roupas sobre caixas de papelão [Fig. 27].



Fig. 22 – o desenho na parede (inspirado em modelos disponíveis na internet), os objetos guardados entre a cama e as paredes



Fig. 23 – a sapateira na porta, os objetos ‘de cabeceira’

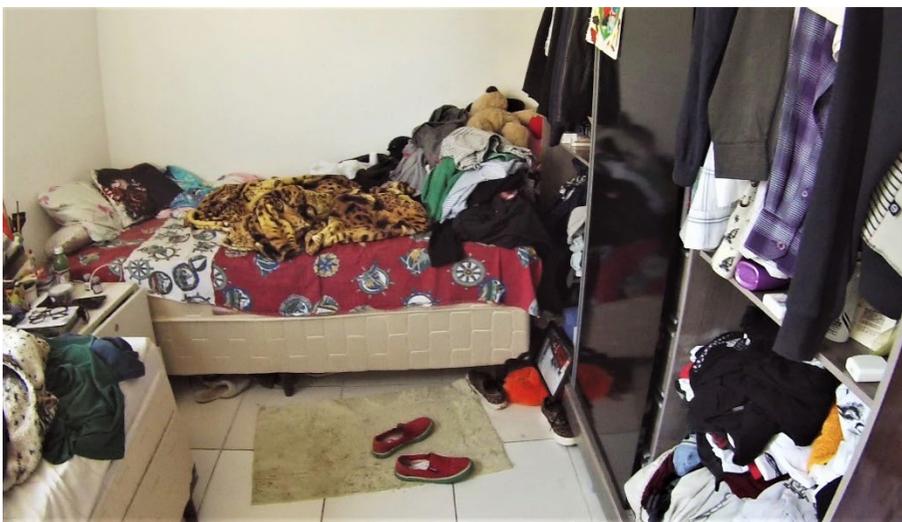


Fig. 24 – parte do guarda roupa bloqueado pela cama



Fig. 25 – a pilha de roupas no espaço entre a lateral do armário e a parede



Fig. 26 – lateral do armário afastada da parede esquerda, objetos no teto



Fig. 27 – as gavetas liberadas do bloqueio pela cama - objetos no piso, entre armário e porta do quarto

Ah, esse quarto aqui eles dividem? [A filha e o neto]

Isso. [Olha] a bagunça!

00:17:35 Fim da primeira parte. A entrevista foi feita sem interrupções mas a gravadora dividiu automaticamente o arquivo em 2 partes, recomeçando agora a partir do **00:00:00**

[Entro e faço um giro com a câmera pelo quarto]

Tá. Ah, as camas. As camas também vocês... vocês...

É, eu comprei. Eu comprei [inteligível: 'contei as moedas'?]

Tudo pra comprar pra cá. Vocês mobiliaram...

Tudo pra cá.

Aliás, você me falou que quase tudo era pra cá mesmo, né, que vocês não tinham...

Esse guarda-roupa ajuntou eles dois e pagaram.

Uhum. Entendi. Entendi. Porta de correr. Onde que comprou o guarda-roupa, cê sabe?

O guarda-roupa foi no Ponto Frio. [...] Aí no Shopping Taboão.

E quando compra assim eles vêm e eles instalam, ou não?

É, eles montam.

Eles mesmo montam ... Tá. Entendi.

Tem dia que parece que não tem nada aqui, tudo arrumadinho, mas tem dia...

Ahã. Ah, é assim, as pessoas... ah, que bonitinho. *[Falo da pintura que há na parede.]*

Isso aqui foi ela que fez.

É? Olha, que legal ... Que lindo!

Ela desenha camiseta, tudo ... Ela não passa necessidade não.

E ela trabalha com o quê?

Ela trabalha em funerária.

É mesmo? É em uma que tem ali na...

Na funerária Estrela.

Aquela que tem ... quando a gente passa no... no Taboão, é isso?

Não, não, lá no Pirajuçara ... Aquela lá é a funerária Taboão.

Tá. E ela... deixa eu ver o sol como é que é aqui. *[Me aproximo da janela, de onde se avistam 2 dos prédios do Condomínio.]* E ela... esses desenhos, ela faz desenho pra camiseta, essas coisas?

Tudo, tudo ela faz.

Ah, que legal. Que legal. Ah, deixa eu ver a **sapateira** que ela... como é que usa? Eu fico ima/... eu fico vendo como é que as pessoas se organizam, entendeu, né? Por isso que eu fico fuçando essas coisas. *[rimos]* Sapato sempre é um problema, né?

É.

Não é? Pra guardar, enfim... Olha é a primeira vez que eu vejo uma assim. Ela é grande e pendurada. Não é todo mundo que resolve dessa maneira, né? Tá. Ah, tem...

Leite desnatado. Ela guarda aqui porque às vezes ela... ela tá sozinha, tá tudo fechado, ela fica: "Ah não, vou deixar porque *[ininteligível]*".

00:02:25

[Aurora sai do quarto da filha, passamos direto pela porta fechada do quarto do filho, que ela interdita para a visita, conforme havia me alertado anteriormente.]

Uhum. Entendi. Tá. Esse outro *[quarto]* ...

Esse aí não, porque **senão você vai morrer aí dentro, pelo amor de Deus!**

Hã? Tem certeza?

Absoluta.

Tá bom, tudo bem.

Depois sem a câmera a senhora entra lá dentro pra senhora ver ... [o que acabou não acontecendo ao final.]

Ah, tá bom, tá bom. Não se preocupe. É assim mesmo que tem que ser.

00:02:38

Aqui é o meu [quarto].

Deixa eu ver os seus... são seus netos?

[Na porta do quarto há 4 fotos dispostas livremente em cruz, sem paralelismos, com um adesivo da Betty Boop no centro, personagem que é tema também de uma toalha – ou lençol – que cobre as caixas de papelão utilizadas como aparador, entre sua cama e o guarda-roupas.]

São ... Esse aqui é o meu casal de morenos que é ele *[o neto que mora com ela]*.

Ah, é ele?

É. Esse aqui é o casal de branco ... Esse aqui é os filhos da minha... da minha caçula ... Minha paixão, minha vida.

É?

Nossa. Esse aqui principalmente ... Esse é a minha vida, meu "tchuco". *[risos, passa a mão novamente sobre o rosto do neto na foto]* Eles ficam doido. E aqui é minha... meu quarto. **[Fig. 28]**



Fig. 28 – vista geral do quarto, a partir da entrada, as fotos na porta – as janelas em L ficam ao fundo, à direita. Com acesso direto pela sala, o quarto de Aurora é o maior do apartamento [~260,0 x 395,0 cm], mas abriga também objetos de lavanderia, de trabalho, de cozinha, de banheiro [pacotes de papel higiênico], brinquedos dos netos. A cama box [~140,0 x 190,0 x 60,0 cm alt] fica no canto esquerdo, na entrada. Aos pés da cama há um banquinho ‘caipira’, de madeira maciça, pés recortados em V, usado como apoio para uma grande sacola com roupas das que ela lava profissionalmente [Fig. 29].

Entre a cama e o guarda roupa, há um aparador improvisado: prateleira sobre conjunto de caixas de papelão, algumas delas guardando **panos de prato da cozinha** e roupas de cama que não cabem no guarda roupa. A prateleira, coberta por um pano, está lotada de objetos como caixas, cesto, fotos dos netos, cosméticos, cadernos e uma coleção de livros sobre espiritismo, que Aurora adora ler **[Fig. 30]**.

A posição do guarda roupa [~170,0 fr x 47,0 prof x 200,0 cm alt] gera 2 espaços livres nas laterais: ~49,0 cm à esquerda, ocupado por pilhas de ensacados e sacolas [de difícil acesso], quase até a altura do armário; e ~42,0 cm à direita, ocupado por uma pilha mais baixa, até a altura do peitoral das duas janelas em L existentes nesse canto [o guarda roupa invade poucos centímetros a parte da janela que tem vidro fixo] **[Fig. 31]**. Com estrutura [‘caixotaria’] pintada de preto, assim como 2 das suas 6 portas, o armário tem 2 gavetas, uma delas quebrada, nicho que Aurora usa para guardar seus sapatos, cada qual protegido por sua caixa. As 4 portas e frentes de gavetas centralizadas, têm padrão madeirado claro.

À direita, na entrada do quarto, há uma taboa de passar roupa, fechada, atrás da porta [que tem pendurado um cabideiro com várias sacolas] e, caminhando em direção às janelas, uma grande pilha de roupas ‘para passar’ [~100,0 cm de altura, encostadas numa porta estreita, avariada, moldura branca com espelho], entre ensacados, caixas, ferro de passar roupa e pilhas menores de roupas no piso **[Fig. 32]**. Outra pilha se destaca em volume: sobre uma caixa de papelão, alguns tapetinhos dobrados e pacotes grandes de papel higiênico, além de um pacote, menor, de leite longa vida⁵⁹, à direita **[Fig. 33]**.

⁵⁹ À maneira do pacote que há nos ‘objetos de cabeceira’ do quarto da filha e do neto.



Fig. 29 – o banquinho, a sacola de roupa lavada



Fig. 30 – o aparador improvisado



Fig. 31 – as janelas, a pilha de objetos à direita do armário

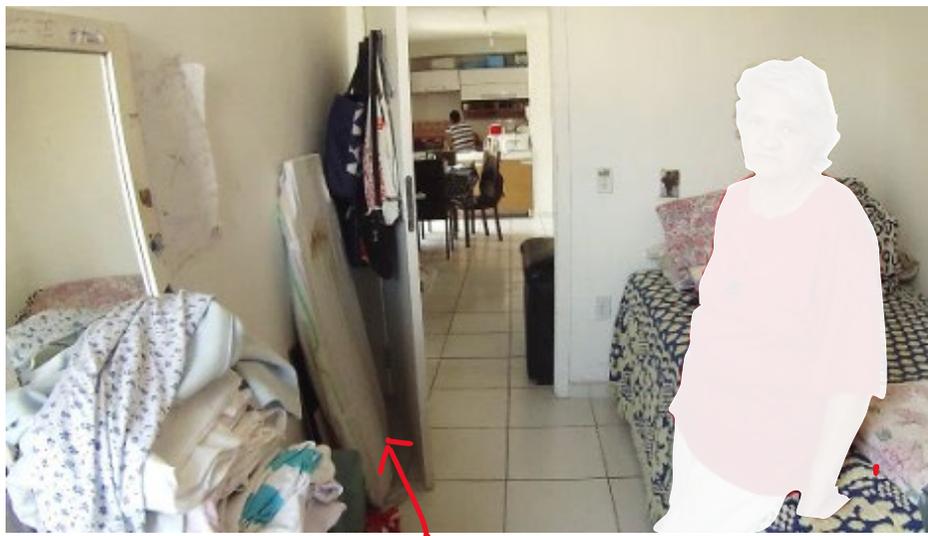


Fig. 32 – a pilha de roupas para passar, a taboa de passar roupa atrás da porta



Fig. 33 – objetos ‘de cozinha’, ‘de banheiro’

Aqui é o seu quarto, né? Entendi. Também, tudo que tá aqui é novo também?

É, só a cama e o guarda-roupa.

Só a cama e o guarda-roupa. Tá. A cama também é daquelas camas "box" igual da...

É... [Descobre a cama, mostrando o colchão] ... Ainda comprei junto com a mesa.

Entendi. E daí...

Como eu sou muito nojenta, ponho a capa.

Entendi [risos]. Faz muito bem, porque você, né? Você deixa suas coisas mais...

Mais organizada.

Mais organizadas, né? Uhum. E esses bichinhos de pelúcia são seus [friso, brincando] ou são dos seus netos [risos]?

Dos meus netos.

Ahã. O armário, tá. Aqui tinha uma gaveta?

Tinha, mas quebrou eu fiz de sapateira. *[Aponta, com o pé, o nicho da gaveta.]*

Tá vendo. Ah, então cê guarda os sapatos dentro dos...

Da caixa.

Tá vendo como você é organizada. A gente logo vê uma pessoa, quando é organizada.

Não, porque fica tudo espalhado, né.

É, qualquer um jogaria os sapatos, né Não é? Você embala cada um.

É ... Isso mesmo.

É. Eu tô vendo que você, na verdade, você tem bastante coisa, né, que é coisa que... que é estoque mesmo de coisa que você tem, né?

É, porque quando dá pra comprar a gente compra.

[Falamos das duas embalagens com rolos de papel higiênico, que se equilibram sobre uma pilha de panos – tapetinhos? – sobre uma caixa fechada de papelão, no piso.]

Entendi, entendi. Como os leites, como o papel...

É, papel higiênico ... Papel toalha.

Tá, entendi. Bastante coisa. E daí você acaba usando... é, falta espaço, na verdade, pra você ... É grande aqui, mas...

Aqui eu não... aqui são roupas de cama. Que eu tenho aqui porque não cabe no guarda-roupa.

[Mostra as caixas de papelão, fechadas, que são também usadas como base para um aparador de objetos, entre a peseira da cama e o guarda-roupas.] ... E essa caixa aqui é uma caixa de pano de prato.

Tá. Deixa eu ver qual?

E aqui as roupas que eu lavo. *[Mostra grandes embrulhos que ficam sobre um banquinho, nos pés da cama.]*

Hã? Ah, aqui a que você... seu trabalho.

É ... Essa caixa aqui ó. Tudo é pano de prato.

Ah, além daqueles que você tem em uso, lá.

É. Isso aqui tudo é pano de prato.

Nossa, é bastante mesmo. Ah, que bonitinho esse **banquinho**, heim.

É ... Eu coloquei aqui pra não ficar roupa espalhada, né.

Não ficar no chão também, né?

É.

É, muito legal. Muito legal. Entendi. Então você organiza as coisas em caixas.

É ... Isso.

Entendi, entendi. Bastante coisa você tem, né?

Esse aqui é meus livro, porque eu **gosto de ler muito**. Adoro, adoro ler livro da Zibia ... **Eu adoro ler livro da Zibia Gasparetto**.

Ahhh, da Gasparetto, é?

É, eu gosto.

Entendi. Então você é Kardecista?

Sou ... **Na verdade, eu sou candomblecista** ... Sou do candomblé.

Do candomblé? Olha. Também é meio raro encontrar. Por enquanto eu não encontrei, se bem que eu nunca pergunto, mas dá pra perceber logo a pessoa como... geralmente é evangélico, né?

É, eu sou do candomblé mesmo.

Ah. E candomblé é diferente de umbanda, né?

É.

Uma vez eu fiz um... um amigo meu que é do candomblé, pediu, ele queria dar um presente pro terreiro lá dele, então eu fiz uma... uma poltrona cerimonial pro...

Nossa, que lindo.

Eu vou te mostrar. Era Oxóssi era o... aí eu estudei um pouquinho do Oxóssi pra ver que então, ele era um guerreiro.

Era um caçador.

Caçador. Então fiz umas coisas assim, tinha que ser... não era um...

[o protetor] da casa é Oxóssi.

Exatamente. Ele é um...

O meu pai de santo ele é da **lansã**.

lansã?

É, lansã.

Tá. E aqui tem lugar pra você fazer...

As 'coisas'?

É.

Não, a única coisa que faço aqui é acender uma vela, de segunda-feira pro meu anjo de guarda, que por causa do meu santo, que eu sou do obaluaê.

Hã. Eu não conheço quase nada, eu não sei quase nada do...

Então meu santo é de segunda-feira. A única coisa que eu faço é acender uma vela pro meu anjo de guarda, de segunda-feira. Tomar um banho de amanci ou de abô. É um banho de ervas. Segunda-feira, pôr uma roupa branca. E ficar em casa.

Ah, é? Não é pra ficar...

Não, zanzando na rua não.

Olha, é ... forte, né? Você tem que ser... tem que ter disciplina, né?

Com certeza.

Ah, mas então não tem um terreiro que você frequente?

Tem ... É lá na vila lasi ... A cada 15 dias têm trabalhos.

Tá, tá. É, eu acho... é muito bonito os rituais, né, os ... é bem bonito mesmo. Os cantos, as roupas, é tudo muito bonito.

É verdade.

Não é? Eu acho. Eu acho. Ah, legal, eu não... é, é raro, né?

É.

Quer dizer, não é que é raro, eu acho que as pessoas também, às vezes não falam, não sei, né? Que mais que a gente precisava...

Eu não tenho nada pra falar, não tenho nada pra esconder [risos].

Você passa roupa?

Passo ... Vou juntando um tanto. [Aponta com a cabeça a pilha de roupas logo na entrada do quarto] Que assim, passo tudo de uma vez.

Tá, tá. Entendi. E você passa a roupa de todo mundo ou cada um se vira?

Não, eu passo de todo mundo ... Eu só passo a que... que dá pra sa/... que tem que sair, pra trabalhar. Aí sim. Mas de ficar em casa, dia a dia eu não passo não.

Não, né? Ninguém merece, né?

Não.

Uma vez eu vi um meme que era engraçado; "A vida é curta demais pra gente passar roupa" [risos].

É, não, o que.

Né? É verdade, é verdade. [...] Que mais? Então, as coisas que eu ia te perguntar, por exemplo, assim: qual é móvel que você gosta mais, ou qual é o lugar que você mais gosta da casa, ou menos gosta? Alguma inf...

Ah, eu gosto de tudo da minha casa. Não tenho preferência não.

É? Por exemplo, quando você tá... se você tá sozinha e tá livre, não tá trabalhando, onde que cê gosta de ficar?

Ah, no tanque, na pia e no fogão [risos].

Eu falei 'não trabalhando', mulher [risos]. Entendi.

Não tenho. Às vezes final de semana minha filha fica: "Mãe, pelo amor de Deus, sai desse tanque, dessa pia, desse fogão. Vai sentar. Vou pôr um desenho ou um filme pra senhora assistir." Não precisa.

E lá fora, por exemplo, passear aqui no...

Aí no condomínio eu vou de vez em quando, sentar lá embaixo, mas ... Tomo um solzinho de manhã e logo eu subo.

Tá. Tá. Aqui bate bastante sol? Bate, né? Você falou que é de tarde.

Bate só à tarde. Só à tarde, esse horário.

É, só à tarde, tá. A lá a molecada brincando lá. [Olhamos pela janela] Né? Ah, olha, tem a proteção pras crianças.

É, porque o meu neto quando... a primeira vez que a gente mudou pra cá, meu neto subiu naquela grade do terraço e falou assim; "Olha, vovó, eu sou o homem aranha". Eu falei: "Aonde?"

Ai, pelo amor de Deus.

"Vovó, chegar lá embaixo é só fazer assim ó." Falei não. Falei pra minha filha: "Não, a gente vai ter que pôr uma tela".

Pelo amor de Deus. Nossa. [...] Ai, dá até arrepio pensar.

Não pela gente, né, mas por eles mesmo.

Não, sim, é por casa da criança, claro. Sem dúvida. Sem dúvida. Tá bom, então. Eu acho que eu vou desligar. O... daí eu vou pegar só a minha outra maquininha, só vou tirar umas fotos assim, mais do...

Não, tudo bem.

Tá? Porque esse daqui não é bom de foto, ele é só bom de filme.

[00:10:50] Sim, senhora, patroa.

Né? Ah, aqui eles...

Não, é porque aqui tava muito encardido, eu joguei limpa alumínio, quando eu vim passar o pano ou a vassoura... [Aurora refere-se a uma marca no piso, desgastado pela substância química inadequada.]

Já era.

Já era.

Ficou bom. Pede pra ela [a filha] desenhar alguma coisa no chão. [Aurora ri] Não ficou? Não parece uma serpente, um rio, uma...

É. Isso. É mesmo.

Ai, ai. Agora você tá rezando pra que isso daqui estufe pra eles terem que trocar?

Não, já estufou, já arrumou.

Ah, é?

Já ... Agora falta só os azulejos, mas eu falei pra N* [a síndica], primeiro pode arrumar os azulejos de quem tá reclamando, quem fica ofendendo ela, falando ... O meu não tem problema não, o meu não tem pressa [...] vai ter que fazer mesmo, então ...

Tá, entendi.

Porque até se eu puder comprar um, eu já ponho o meu. [...] Né? ... Se der pra mim comprar [novo revestimento], eu compro e eles colocam.

Eles colocam. Porque eles têm que colocar mesmo, né?

É, porque tá arrancando mesmo, tá caindo mesmo. [...] Mas o resto, **eu não tenho o que reclamar nada, minha filha, nada.**

Então, então aqui você fez... **as únicas modificações** que você fez, na verdade, são no banheiro, né?

Só no banheiro.

Só no banheiro, é. Tá certo. Entendi. Tá bom. **E a proteção das janelas.**

Só.

Tá. Tá bom. "Ok". Então eu vou desligar. Muito obrigada, Aurora. Foi muito boa a sua...

Obrigada.

Obrigada você.

00:12:22

----- f i m -----

9. Eduardo⁶⁰ J. Cândido A

transcrição entrevista gravada em vídeo em 20 de abril de 2019

total 50:18 min [legenda: Eduardo; M^a Luana; Pesquisadora; anotações]

*Importante: as descrições sobre **materiais** dos objetos se referem à sua **aparência**, a pesquisa não os verificou cientificamente.*

A entrevista foi acompanhada por M^a Luana [ML], moradora do condomínio entrevistada anteriormente pela pesquisa e quem me apresentou o então cunhado Eduardo, que mora com o filho de 18 anos no apartamento de 2 quartos. Com a câmera⁶¹ já ligada como havíamos combinado previamente, preciso no entanto bater na porta duas vezes antes que ele me atenda, sorridente. Eduardo tem sorriso fácil e é loquaz..

00:00:00

Oi. Tudo bom?

Oi. Tudo bem. Boa tarde.

Boa tarde. Faz de conta que eu tou chegando agora [risos] ...

⁶⁰ Todos os nomes são fictícios.

⁶¹ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

Certo, fica à vontade viu?

Eduardo fecha a porta, fica destacado por uma das paredes verdes da sala como fundo e me espera começar a ação. ML faz café na cozinha e fala alguma coisa sobre a quantidade de colheres de pó a usar.

Então, queria que você me mostrasse sua casa.

Sim. Pode vim. Aqui é a cozinha né. Fica à vontade.

00:00:55

Aqui é a cozinha. Aqui é a **lavanderia**, não repara a bagunça, né? [...] Esse é o ambiente da lavanderia.

*Com a mão direita aponta a cozinha em gesto largo, com a esquerda já apresenta a lavanderia contígua [Fig. 1], que tem ampla janela de vidro com cortinas abertas e roupas secando nas 4 linhas do varal de teto. Sobre a máquina de lavar roupa encostada ao tanque, cestinha com utensílios de limpeza e 1 copo de plástico com escovas de dente [uma delas com capinha protetora], além de roupa e toalha penduradas em ganchos na parede. Combinados com um espelho na parede, cosméticos apoiados no tanque endossam a possibilidade do local ser **também usado para higiene pessoal**⁶² [Fig. 2]. Sobre o piso, embaixo do tanque, uma sacola guarda sacos plásticos. Na parede em frente ao tanque, dois móveis baixos, com alturas e desenho diferentes entre si, guardam **utensílios de cozinha**. O mais perto da cozinha [~50 fr x 35 prof x 70 cm alt] é branco, tem seu revestimento laminado danificado em algumas partes, 2 prateleiras e guarda mantimentos. Uma toalha de plástico colorido protege seu tampo do filtro de barro [que é encimado por toalhinha de crochê] e copo e potes de plástico sobre ele. Ao seu lado, um pouco mais alto, com **tampo e piso ligeiramente em curva na frente**, apoiado diretamente no chão [sem pezinhos], o outro armário [~50 fr x 40 prof x 90 cm alt] tem acabamento 'madeirado' com uma gavetinha preta e, abaixo, 4 prateleiras protegidas por **2 portas de vidro** [sem esquadria, pivotadas], onde Eduardo guarda principalmente louças e vidros. Sobre esse móvel e ocupando todo o espaço do tampo, apoia-se um micro-ondas com um pano de prato branco e vermelho por cima.*

⁶² Esses detalhes – escovas de dentes, cosméticos e espelho – foram percebidos somente após a entrevista, de modo que a hipótese 'tanque usado para higiene pessoal' não foi confirmada diretamente, mas será considerada no mapeamento, ancorada nos indicativos.

No espaço que sobra até a janela da lavanderia, uma grande caixa de papelão [destampada, cheia de valises ou mochilas de plástico, e um celular recarregando bateria na tomada acima] é apoiada em um balde de plástico. Embalagens indistintas no chão ficam sob a sombra da caixa de papelão [Fig. 3 e 4].



Fig. 1 – Eduardo apresenta a lavanderia



Fig. 2 – espelho e itens de higiene pessoal perto do tanque



Figs. 3 e 4 – os móveis com utensílios de cozinha, na parede em frente ao tanque e à máquina de lavar roupa
Deixa eu ver. Ah tá. Eu tou vendo que você guarda algumas coisas da cozinha aqui, né?

Isto.

É um pouco diferente isso. Não é? Muito interessante.

Tá meio bagunçado.

Deixa eu fazer aqui assim para mostrar [*me movimento com a câmera*]. Ah tá, Você 'ampliou' a sua cozinha né?

Isso. Na verdade, as entrega do empreendimento, já entregou desse jeito. Agora, varal, essas coisas, nós que coloca né. E as coisas que dividimos, bonitinho, é a gente que coloca.

Tá, entendi. Não, quando eu falo que você 'ampliou', significa que você trouxe coisas da cozinha [*pra cá*].

Ah, entendi. Então, foi a gente. Foi eu mesmo.

Foi você mesmo. Interessante. Olha que legal. Você usa bastante o micro-ondas?

Não, não. Eu uso pouco [...] Eu uso mais o fogão.

Eu também uso pouco. Uso pouco não. Eu nem tenho [*ele ri muito*]. Aqui **bate bastante sol**, né?

Bate. É, a gente vê o sol se pondo, é muito legal, ó [*vai até a janela e aponta o oeste*].

À tarde, né, aqui?

À tarde, é. A gente vê o sol se pondo, é uma delícia né ... muito bom.

E aqui é alto também né, você tá num lugar alto.

É, nós estamos no sétimo andar.

Deixa eu ver. [*Vou até a janela e me espanto quando olho para baixo, o grande recorte no terreno em relação ao nível da via pública*] Uau! É alto mesmo! [...] Tá, OK, e aqui é a cozinha ...

00:02:43

É, aqui é a cozinha né. **A cozinha aqui é integrada com a sala.**

Eduardo manteve a cozinha com os acabamentos de piso e parede originais, assim como a localização da pia [~120,0 fr x 53,0 cm prof, de marmorite?]. Os espaços que sobram ao longo da parede da pia são suficientes para um fogão⁶³ de 6 bocas [~76,0 fr x 57,0 prof x 85,0 cm alt] à esquerda, e para a geladeira [~60,0 fr x 63,0 prof x 167,0 cm alt] à direita, posicionada de maneira levemente diagonal⁶⁴. O gabinete, ‘comprado pronto’, é apoiado em pés redondos, metálicos, tem 2 portas brancas, enquanto a estrutura e as 3 gavetas ao lado são pretas. Puxadores tipo metálicos, prata [Fig. 5]. Todas as superfícies do fogão, pia e geladeira estão tomadas por objetos utilitários, assim como dentro do forno e sobre o movelzinho que fica em frente à geladeira. Trata-se do que as lojas nomeiam como ‘fruteira de chão’, ou ‘fruteira balcão’, associada também à apoio para micro-ondas. A peça comprada por Eduardo [~68,0 fr x 37,0 prof x 90,0 cm alt] tem rodinhas, é branca, dividida longitudinalmente em 2 partes – a da esquerda fechada por porta; a da direita tem uma gaveta e, abaixo dela, um nicho aberto com 3 ‘cestas’ metálicas com corrediças, para armazenamento de frutas e legumes. O tampo do móvel é protegido por um tecido colorido que pende por sua lateral. Sobre ele, mantimentos, garrafa térmica, potes e embalagens de plástico. Encaixada entre a lateral da fruteira e a parede esquerda, uma tábua de corte de madeira apoia-se no pequeno beiral formado pelo piso do móvel [Fig. 6]. No espaço de parede que sobra à direita, uma lixeira de plástico, azul, sem tampa. Dois tapetinhos de cor azul esverdeado [em frente à geladeira e ao fogão], completam o conjunto.

⁶³ Sobre o fogão há o ‘Suggar’, depurador.

⁶⁴ Posição que melhora o acesso à porta da geladeira, prejudicado pela presença do móvel-fruteira logo em frente.



Fig. 5 – vista geral da cozinha



Fig. 6 – a fruteira em frente à geladeira, detalhe da tábua de corte

Esse, por exemplo, essa pia é uma pia que já veio junto [com o apartamento], né?

Só a pia que veio junto. Agora, o gabinete a gente que compra e coloca.

Tá bom. E esses é daqueles que você compra pronto, não? Ou você mandou fazer?

O gabinete, a gente só leva a medição e já compra pronto.

É comprado pronto. [ML, às voltas com o café, entra na conversa].

Ah tá. Onde cê comprou?

Eu comprei aqui, uma casa de material que tem aqui próximo.

Ah é? Não é tipo Casas Bahia?

Não. É tipo, como se fosse assim a Casas Bahia, mas não é. É uma outra loja...

É casa de construção.

Casa de material de construção e que vende esses móveis também.

Aonde que é? Você lembra o nome?

É aqui perto do Dia, supermercado Dia. Descendo essa rua daqui né, logo... daqui mais ou menos uns 50 minutos, a gente chega lá mais ou menos. *[Junto com ML, chegam à conclusão de que a loja fica a uns 500 metros do Condomínio].*

Tá, entendi ... o que mais que eu ia te perguntar ... e esse movelzinho aqui? *[Aponto a fruteira de chão que fica em frente à geladeira].*

Esse daqui já foi comprado nas Casas Bahia, né? *[Risos]*

Ah, e você comprou para cá mesmo?

Ele, a geladeira, né. A única coisa que não foi nas Casas Bahia foi esse gabinete, o fogão... esses aí que não foi. Mas **os outros demais, tudo** *[ênfatisa]* **foi nas Casas Bahia.**

Ahh, 'grande' Casas Bahia! *{Rimos todos}.*

Então, todos os móveis da casa que é a sala - **menos aquele ali** *[aponta o aparador da sala], o gabinete, o fogão e a máquina* *[lavadora de roupas]* **não foi na Casas Bahia,** mas os demais tudo foram.

Entendi. E uma outra pergunta: você... as coisas que tão aqui você comprou para cá ou você já trouxe alguma coisa da outra casa?

Não, a maioria eu comprei para cá. A gente tivemos um crédito...

Ah, você usou o Minha Casa Melhor, que chama?

Isso. **A gente usou esse cartão da Minha Casa Melhor,** né, que a presidenta Dilma, na época, deu para gente né, essa vantagem, porque senão como que muitos, assim como eu... eu já tinha algumas coisinhas aonde eu morava e as outras demais pessoas que pegou a sua chave, não tinha o que eu tinha. Como que eles iam ficar em casa? Então, teve esse crédito da Minha Casa Melhor, no crédito no valor de cinco mil reais. E aí a gente fomos e chegou lá e comprou os móveis adequados neste valor e é esses móveis que a senhora está vendo aqui hoje. [...] São esses aí. De cinco vezes, nós temos aí uns quatro anos pagando né. Ainda falta aí mais um ano por aí, um ano e alguma coisa *[para quitar a compra].*

E daí você comprou tudo quase de uma vez?

Tudo de uma vez. ‘Quase’ não. **Tudo** [ênfatisa] de uma vez. [...] Ajudou muito. [Ri muito, feliz] Sim. Sim. Foi uma delícia, **uma delícia.**

E cama, tudo?

A cama, eu já trouxe de outro lugar. Mas os outros moveis foi tudo... tipo, sugar, geladeira, essa fruteira aqui, entendeu? O jogo de sofá, aquela mesa ali de quatro cadeira, o pufe que está ali com os quadros. As duas televisões, os guarda-roupas dos quartos, né, **tudo** foi com esse crédito da Minha Casa Melhor. Então, ajuda muito, né. Se as autoridades e os governante, os próximos daqui para frente, pelo programa Minha Casa, Minha Vida; Minha Casa Melhor, Entidade, etc.... puder fazer isso, ajuda muito essas famílias de baixa renda.

Entendi.

Ajuda bastante. Porque eu fui atendido assim e eu dei graças a Deus e agradeço essa pessoa, esse governante que teve essa ideia de fazer isso com o povo. [...] Que pensou nisso. Adorei.

Foi um complemento, né?

Exatamente, ajudou bastante. Com certeza.

Desculpe [...] Eu tenho esse costume de filmar o chão, porque o chão é quadriculado, [...] Eu consigo depois desenhar os seus móveis na planta. Entendeu?

Legal, sim. Pode ficar à vontade.

00:06:51

E aqui é a área que a senhora está vendo, né, as minhas planta. [...] Aqui é onde eu **me aconcheço no meio das minhas planta** [ênfatisa]!

*Enquanto fala, Eduardo abre melhor a porta de vidro, entra no terraço, vai direto para os vasos de planta, se debruça e toca nelas, rindo [Fig. 7]. O piso do terraço está tomado por vasos de plantas, sobrando uma estreita passagem, parcialmente ocupada também com sacos plásticos cheios de material reciclável [Fig.8]. No gradil de proteção à frente há mais uma planta pendurada em um pequeno recipiente plástico, e uma toalha [?] estampada com o símbolo do São Paulo Futebol Clube [SPFC]. Na parede da esquerda, **3 gaiolas de passarinho** [Fig. 9].*

Na parede da direita, um painel de PVC impresso [um banner] com várias fotos de família e amigos, companheiros de trabalho, políticos apoiadores da luta pela moradia (Dilma Rousseff, Fernando Haddad, Eduardo Suplicy, Alexandre Padilha), fotos de viagens [Fig. 10].



Fig. 7 – Eduardo apresenta seu ‘aconchego’ no terraço



Fig. 8 – piso tomado pelas plantas e recicláveis



Fig. 9 – das gaiolas, só a da esquerda tem passarinho



Fig. 10 – o painel impresso com fotos de família e amigos

Que coisa mais linda! Essas [plantas] que você teve que tirar do corredor?

Que eu tive que tirar do corredor. Olha que linda tá aqui, olha [...] A rosinha. Só que ela não é aquela rosa branca, é uma rosa colorida, tipo assim.

00:07:23

Enquanto tomamos café, Eduardo mostra detalhadamente suas plantas. Tem guaco, batata doce, 'malva de igreja', capim santo, orquídea, arruda, espada de São Jorge. Gosta principalmente das plantas para fazer chá, calmantes, que 'deixa você bem suave'.

00:10:15

Então, aqui é a minha **sacada**. [...] **Tem um passarinhozinho** ali também que eu gosto de criar, costume da Bahia. Essas [2 gaiolas] tão vazias, mas essa daqui tem um ali ainda. [Assobia para o passarinho].

Que passarinho é esse?

Ele é um assanhaçozinho. [Falando com o passarinho, em falsete] Que foi? Tá desconhecendo a visita? É isso? Olha lá, ele respondeu, viu. Foi?

Da cozinha, ML fala alguma coisa sobre ela ter achado o passarinho, que caiu, ela não gostar de criar e deu para o Eduardo, 'tem até as pulseirinhas nas canelas'. Ele agradece o café que ela lhe traz e a chama de 'Dilma', brincadeira que fazem porque ML teria temperamento parecido com o da ex-presidenta.

E esse painel aqui?

Aí é um banner. A fotografia da família. Que eu gosto de foto mesmo, claro, né. E aí aqui é o tio do meu pai, que eu não conheci, mas tinha foto dele e já mandei ampliar logo aqui. Aqui é da Dilma na época mais o Haddad lá que eu botei aqui também [ri].

Faz parte da família?

Faz parte da família. [Rimos todos].

00:11:31

Eduardo descreve as **fotos**, os personagens, as locações, os eventos. Diz que manda fazer o banner para 'lembrar a família'. Falamos sobre times de futebol que ele torce [aqui ele é são-paulino, na Bahia ele é Vitória]. Brinca com o suposto time favorito de 'Dilma' [ML], ela entra na brincadeira, diz que é torcedora só de time que ganha.

00:14:11

Espero que você gostou das minhas plantas né.

Eu adorei [ênfatiso] as suas plantas.

00:14:14

E aqui é a sala.

A sala teve uma parede texturizada e pintada de verde, desde a paredinha que faz limite com a cozinha [à direita de quem adentra o apartamento], seguindo à esquerda pela parede da porta [que permanece branca, como os rodapés e os novos roda tetos], virando à direita ao fundo onde ficam o aparador e a TV e seguindo pelo corredor de acesso aos quartos e banheiro. Dois sofás [com braços largos, cobertos por capa protetora na cor fúcsia] estão dispostos em 'L'. O de 2 lugares [~150,0 fr x 80,0 cm prof] foi posicionado transversalmente, de costas para a cozinha, de frente para a TV, com a lateral ocupando o espaço de uma das folhas da porta de vidro que dá acesso ao terraço⁶⁵. O outro sofá, de 3 lugares [~190,0 fr x 80,0 cm prof], foi encostado longitudinalmente no trecho de parede que segue após a porta de vidro até o corredor [Fig. 11 e 12]. À esquerda de quem entra no apartamento, após um pequeno espaço vazio para circulação, há um vaso quadrado [~25 x 25 cm] com uma folhagem⁶⁶ de médio porte e em seguida, a mesa de jantar [~120,0 x 80,0 cm] encostada na parede, com 3 cadeiras [a 4ª cadeira será encontrada servindo a escrivaninha do quarto do filho]. Com desenho 'moderno', o conjunto tem estrutura tubular metálica cromada, em formatos sinuosos.

⁶⁵ A porta tem 2 folhas de correr, uma delas sempre estará fechada, portanto. O sofá não obstrui a passagem para o terraço, apenas limita as opções.

⁶⁶ A planta é natural, 'de verdade', como todas do terraço.

A mesa com tampo de vidro, as cadeiras com assento estofado preto [de pouca espessura] e finas hastes de metal em composição espacial, formando a curva do encosto. Sobre a toalha de mesa colorida predominantemente de laranja e branco, há um enfeite todo de crochê: um vaso com rosas tecidas de cores diferentes – azul, roxo, laranja, amarelo [Fig. 13 e 14].

*Na parede do fundo, o aparador da TV [~180,0 fr x 50,0 prof x 80,0 cm alt] é majoritariamente branco, com os detalhes pretos de 1 porta e 1 gaveta [puxadores cromados], além de 6 nichos abertos de medidas variadas. O tampo não é contínuo e se desenvolve em desnível de altura, como se um ‘entrasse’ no outro – impressão causada pela grande espessura [~4,0 cm] que acompanha as linhas externas, em relação à das divisões internas. À esquerda do aparador, sobre um **pufe**⁶⁷ oval estofado cinza esverdeado, [~70,0 x 50,0 x 45,0 cm alt], Eduardo posicionou parte do seu acervo de fotos. Ainda nesse canto, um ventilador se equilibra num banquinho com estrutura metálica em ‘xis’ e assento plástico vermelho [~32,0 diâm x 45,0 cm alt] [Fig. 15]. Há fotos nas paredes também, dispostas de maneira informal.*

⁶⁷ Eduardo corrige, trata-se de um estofado que se chama ‘centro, de deixar no meio da casa’.



Fig. 11 – a sala vista da cozinha



Fig. 12 – a sala vista da outra extremidade



Fig. 13 – a mesa de jantar, o tampo de vidro preto, o vaso de crochê



Fig. 14 – mesa e cadeiras vistas de baixo



Fig. 15 – ao fundo, o banquinho vermelho com ventilador, o pufe das fotos, o aparador da TV

Tá. E eu tou vendo que você fez a pintura com textura e tudo, não é?

Textura, foi.

Deixa eu ver se eu consigo pegar aqui as texturas *[aproximo a câmera da parede]*.

Porque quando eles entregam o empreendimento, eles entrega tudo no branquinho bonitinho. [...] Aí a gente pode estar, de acordo as condições, bem mais para a frente, de acordo com nossa função, **aí a gente quer modificar as cores, digamos assim né.**

Quase todo mundo, é.

E eu, como toda vida, eu tinha vontade de ter umas texturinhas, né, então eu achei legal, achei melhor investir aqui. Eu achei legal. E também colocar **moldura** *[ênfatiza]*.

Isso. Eu também tava percebendo isso.

Coloquei a moldura, que não tinha. **Eu acho muito bonito uma casa que tem esses quadros de moldura. E disse: por que não, não vou colocar, se é o meu aconchego? Eu quero me sentir bem.** Primeira vitória já é 'bem', então, cê tem que investir pra selar né ... modificar.

Porque agora é sua mesmo, né.

Exatamente.

Uma pergunta: o teto já é...

Já veio assim. [...] Já vem com essa textura e eu achei bonito e eu não quero desmanchar ele. Quero deixar assim.

Entendi, entendi. E você fez umas cores fortes, né?

Foi, foi. Botei uma corzinha forte.

Um verde. A sua casa na Bahia era assim também não?

Não, não era. Era de taipa *[ri muito]*.

Uai, mas não tinha cor?

Não, porque era de taipa. Taipa é o barro batido. Chão batido. Molha ele e aquele barro joga na parede...

E fica.

E fica, então, não era rebocadinho.

[...] Tá, entendi.

Aí, como a bença veio foi esse, então, tive que investir nele porque eu acho muito interessante.

Entendi. Então, isso aqui tudo... essa, por exemplo, essa mesa [...] olha que legal que ela é *[me aproximo para filmar a mesa de jantar]* [...] **Que desenho moderno, né?**

Não sei.

Legal. Porque eles tinham uma lista né de produtos, preços e provavelmente, sei lá, modelos também.

Tipo, vamos supor, esse crédito de cinco mil reais é pra comprar não todos os móveis de valores muito alto.

É, eles tinham um limite pra cada móvel.

Tinham um limite naqueles cartão, de um valor de cinco mil, mas que sejam móveis que se adaptam pela aquele valor que você dava pra pegar.

Claro, e as fábricas então davam um jeito de prover, né, esse...

Exatamente.

E essa estante *[o aparador da TV]* você falou que não foi na...

Olha, **ela foi na Casas Bahia**, mas não foi desse cartão. Já foi quando eu morava na comunidade *[na Viela da Paz, em São Paulo]*.

Ah, então você trouxe da outra casa.

Eu trouxe da outra casa. Então, da outra casa foi esse móvel.

Então, já faz tempo que você tem ele.

Faz. Foi das Casas Bahia também esse aqui, viu? *[Bate no móvel com o nó dos dedos]* Faz tempo que eu tenho ele.

Ele é moderno né, também?.

É. Então, esse móvel já trouxe de lá da comunidade. Esse som também. E, como eu tava falando, a fruteira e a máquina e o fogão. Agora, os demais, foi tudo com esse cartão da minha casa melhor crédito, entendeu?

00:17:32 Fim da primeira parte. – a entrevista não foi interrompida mas a filmadora dividiu o arquivo em 3 partes, recomeçando agora a partir do 0:00:00.

Entendi, entendi. [...] O que mais que... Ah, eu tou vendo que você tem aqui, também, mais fotografias de família, né?

É, eu sou muito familiar. Ali é meu pai, minha mãe, né? [...] Um cliente meu que já faleceu, mas de lembrança, aqui, deu para as pessoas [...] [ele se refere àqueles ‘santinhos de falecimento’], aí deu de lembrancinha. Eu digo: “Ah, vou pegar” [...] Aqui era minha mãe [risos]. E até as velinhas dos aniversário deles eu tenho [mostra algumas velas de aniversário apoiadas em cima das molduras das fotos]. Gente, eu não sei por que eu sou assim [risos] [...] Aqui a minha irmã, sua xará que tava aqui [...] O filho dela e a minha irmã de Salvador que saiu com 14 anos que é essa daí, a Luzia [...] Ela é idêntica à minha mãe, minha mãe era desse tamanho [risos] [Fig. 16].

Vamos até o pufe das fotos em meio a objetos decorativos – vaso de porcelana, objetos de conchas e pedras naturais. Perguntado se ele fotografa, diz que não. Pega uma foto que ele havia mencionado antes – um retrato, com pouca definição, da sua casa de infância.

[...] Essa foto daqui é a foto da casa onde eu me nasci e me criei. A casa [...] é piso batido e de taipa, que é enchimento, que o povo usa o popular no Nordeste né. [...] A cobertura dela é de telha de barro. Era na, é... no interior da Bahia, uma cidade que se chama é... na Zona Rural, que se chama a cidade Lajedinho [...] Essa é uma vizinha, filha de uma vizinha que morava ao lado da... da nossa casa também.

Hã... e que ficou em primeiro plano na foto, muito bom [risos].

E que ficou no primeiro plano que era pra ser um dado jeito, que deu sorte de pegar ela [risos] [...] Tem, a vegetação, né? [...] E a casinha lá no fundo [...] É, aí as árvores grandes do fundo, aí era um pé de... uma era um pé de imbu, uma fruta, né? [...] E ao lado tinha esse pé tipo uma goiabeira, ela crescia muito alta [...] imensa, ela cresceu bastante, ficou mais alto do que o pé de imbu [...] a minha avó, né, que plantou

essas plantas, essas frutas lá. E esses locais era o lugar em que meu pai trabalhava de carpintaria [...] Era uma sombra muito boa que dava pra ele fazer os banquinhos dele trabalhar [Fig. 17].



Fig. 16 – os pais, irmãs, sobrinho, as velinhas de aniversário



Fig. 17 – a casa onde nasceu

[...] Olha o que eu reparei também aqui. [...] Você que fez esse, né [refiro-me ao quadro de luz, na entrada do apartamento]?

Não. Aí já veio no empreendimento do prédio [...] Aí é o relógio de luz, de energia em geral.

Caramba. Por que eu não, não reparei? Já entrei em tantas casas, não lembrava disso [...] Aqui eu lembro [falo do interfone, que normalmente fica na espessura da paredinha entre a entrada e a cozinha].

[...] Essa outra foto aqui é as duas irmã do meu pai. As mais velhas. Elas duas é gêmeas [...] Essa daqui que era a parteira da minha mãe. Essa que tá sentadinha aqui cortou nossos imbigos, né [...] Minha tia. Ela que fez os partos da minha mãe, que teve 30 filhos. Essa aqui é que pegou todos nós. E essa aqui é a irmã dela. Ajudava, mas quem era a parteira era essa [...] Ai aqui é minha prima, filha dessa, sobrinha dessa. E essa daqui é nora dessa. Mora na Bahia também [...] É umas fotos muito antigas, viu? [risos] Porque essa tia minha já tem mais de 20 anos que morreu. [...] Aí como eu ia na Bahia, tirava a foto e aqui eu digo vou revelar e vou ter. Porque **a gente não vai ter tudo pra sempre, né? E é lembrança.**

Tá, mas foi você que tirou essa foto?

Eu que tirei essa foto.

Ah, então você fotografa.

É, eu tirei. Com o meu celular eu tirei [...]Tinha uma máquina. Não era celular na época. Era uma máquina fotográfica que eu tinha, pra tirar foto da família [...] foi quando eu ia na Bahia e tirava a foto.

[...] Entendi. Entendi. É, porque eu tava achando estranho. Você gosta tanto de foto. E hoje em dia é tão fácil tirar fotos.

Não, pra ter a foto eu já tive a máquina. Que hoje é o celular [...].

[...] Ah. Então tá bom

Aproximo a câmera da plaquinha de madeira com os dizeres :’esta casa eu conquistei com luta! MTST a luta é pra valer!’. Posicionada na parede perto da porta de entrada, tem 2 ganchinhos para pendurar chaves, é um objeto comemorativo do sucesso da luta do movimento, encontrado frequentemente [em versões variadas] nos apartamentos do conjunto.

Ai meu Deus [suspira] .

Que mais então?

É, vamo ver mais [vai até o pufe das fotos] [...] Vou mostrar uma bem interessante também [...] Você não tem ideia [risos] [...] Isso aí, não sei se a senhora sabe, essa aqui é uma veadinha. Então, aqui foi minha tia, aquela parteira, que criou, pegou de pequenininha. Esse aqui é o meu irmão mais velho do que eu, que era afilhado dessa tia minha [...] Agora essa, essa veadinha aqui era essa tia minha aqui que criou de bebezinha. Dava mamadeira, né? E ela, como pegou a gente e cortou o imbigo, ela é madrinha do meu irmão. Além de ser ‘mãe de pega de imbigo’, que o povo usa esse nome...

Ah, eu não sabia.

E madrinha que batizou ele. Por isso que quando tirou foto da veadinha [Fig. 18] ela pediu que botasse o meu irmão [o afilhado] pra sair na foto [...] Que essa veadinha ela vendeu. Não pôde criar mais [...] E esse aqui é o filho dela de criação.

Que é o meu primo que eu morei vizinho com ele no Taboão quando ele me chamou⁶⁸ [...] Então foi esse homem que comprou essa veadinha e tirou essas foto [...] E eu vi no binóculo, trouxe e revelei pra dar pra minha tia em vida. E aí eu tirei uma pra mim [...] Aí tem gente: "Eduardo, pra quê esses quadros? Joga isso fora, não sei o quê". Eu digo não. Aí tem tempo que eu tiro eles, limpo, guardo [...]

Sei.

[...] Eu acho isso muito interessante. E aqui é meus sobrinhos, né? Aqui já é os netos da minha irmã. Daquela que saiu, viu? [...] Daquela sua xará [...] Essa menina aqui ela se formou, né? Essa aqui. *[Mostra um impresso emoldurado, comemorativo da formatura da sobrinha neta, com beca]* [...] Aí a gente, tio, tudo deu uma vaquinha todo ano pra ela fazer a faculdade e ela tirou essa foto e mandou e eu também tirei a foto e botei ali [...]

[...] Ela se formou em quê?

[...] Magistério. E aqui é eu mais o meu filho E*, bebezinho e a minha sobrinha, filha do G*, a mais velha, V* *[Fig. 19]*. Olha que bonitinha [...] No dia que eu fui lá buscar ele no hospital. Eu sorridente e alegre porque eu tava com meu filho, né? [...] Aí eu peguei aqui a foto da minha sobrinha e botei junto pra deixar...

Ah, ela não tá no lugar! [...] é uma montagem!

Uma montagem. Exatamente.

Que moderno [...] Agora ela tá no lugar.

Agora ela tá no lugar *[risos]*.

⁶⁸ Esse primo foi a primeira pessoa que abrigou Eduardo em São Paulo, na Viela da Paz.



Fig. 18 – a veadinha

Fig. 19 – com o filho no colo

Fig. 20 – o irmão com Lula

E aqui é o nosso Lulazinho, né? [Fig. 20] [...] Que dá saudade dele ... quando entregou a chave dos apartamentos.

Tá. Entendi [...] Você sabe que eu tava nesse dia, né [na primeira cerimônia de entrega das chaves].

A senhora tava nesse dia?

Eu tava porque foi como eu consegui ‘entrar’ aqui [foi a ocasião em que consegui os primeiros contatos com moradores para a pesquisa].

[...] Mas tinha muita gente. Você viu? [...] Esse é meu irmão abraçado com ele [mostra foto do irmão e Lula].

Tá. Eu conheço seu irmão, né? Eu já vi ele.

Conhece.

Conhece. É o marido de Dilma Rousseff. Essa daqui [refere-se à ML] .

[...] Aí é não. É ex-marido.

[...] E esse, esse estofado aqui? Bonito, né?

Ele é um pufe. Pufe não. O nome dele é, **ele é um estofado que se chama 'centro'**. De deixar no meio da casa, né? [...] **Comprei junto com o sofá** também, né? [...] Mas eu deixei no canto pra botar os quadros quando eu quero colocar. [...] E esse outro quadro aqui, né [...] De uma aeronave. Foi quando foi **minha primeira viagem de avião**. [...] E isso em 2003. A gente faz compra no mercado e tem época, foi na época da copa do mundo, e tinha uma quantidade que você comprava no mercado e ganhava um cupom.

Você tá brincando que você ganhou!

Sim. Aí, olha como Deus é maravilhoso né? E aí meu sonho era viajar de avião na época, né? Aí eu disse: 'meu Deus, o Senhor me deu tudo. Só falta me contemplar com essa daí'. E, e a compra no mercado você tinha que atingir o valor de 300 reais pra ganhar dois cupom. E eu só atingi 150 reais. E um só *[cupom]* E nesse um só eu preenchi o cupom e falei: 'moça, me empresta sua caneta que eu vou ganhar essa passagem' *[risos]* Ela disse: 'boa sorte, parabéns'. Eu digo eu sei que a vantagem é pra quem compra mais compra. Que vai gerar mais cupom.

Mas só precisa de um.

Mas eu tenho certeza que Deus vai me contemplar com um só. E Ele falta realizar esse sonho e eu vou fazer isso [...] Preenchi, lembrei de Deus, botei nas urnas na época lá [...] Eu tinha esquecido. Daqui a pouco meu celular toca no meu trabalho. O gerente do mercado Extra, aquele Extra dali do Taboão, me ligou, mandou eu retirar minha passagem aérea. E aí pra lembrar, de lembrança, óbvio [...] Tirei a foto da aeronave que eu desembarquei em Salvador *[risos]* [...] Então tá aqui de lembrança. *[Devolve a foto para o pufe]*.

Nossa [...] você é bom de pedir pra Deus as coisas, né?

É, é que, assim, a gente tem que pedir e fazer por onde ser merecedor. Mas não só pedir. A gente temos que agradecer mais do que o que pede. Isso é o que eu penso. Agora, e também você ter humildade, simplicidade, amor e ajudar ao próximo. Porque, de acordo que você faz isso com a população, as pessoas em si, Deus te contempla em bênças [...] Porque às vezes a gente não sabe explicar como que veio, né?

Pois é *[risos]*.

Então é isso aí [...] Então aqui é a sala, né? [...] Integrada com a cozinha. Muito legal! [...] Esse aqui é o meu irmão, né? O caçulo, com os filhinhos dele lá na Bahia. São paulino também.

Vai em direção ao corredor e mostra, na parede da direita, antes do banheiro, outra tabuleta de madeira [pregada junto com um calendário], com o logotipo do SPFC ao centro e 2 fotos nas extremidades [do irmão e dos filhos] cada qual com seu nome entalhado na madeira, abaixo.

Ah meu Deus. Hoje esses meninos já tá tudo namorando, a senhora acredita isso?

Acredito. É muito rápido. Né? E aqui você também fez textura na parede.

Textura. Aqui eu já botei outra cor. Branca.

É. Tou vendo. Aham.

00:13:57

[...] Aqui é o banheiro, né? A senhora não olha a bagunça. [risos]

No corredor, em frente à porta, há um tapetinho listrado de vermelho, branco e preto. Eduardo fez muitas modificações no banheiro. Instalou roda teto como em todo o apartamento; trocou o piso por uma cerâmica cinza escuro [anti derrapante para proteger os pais idosos quando os hospeda] e colocou soleira. Embora tenha mantido as louças originais, mudou de lugar não somente a pia [que era ao lado do chuveiro] para ampliar o espaço do box, mas deslocou também o vaso sanitário [que equipou com ducha higiênica] para que a pia ficasse mais perto da porta, para facilitar o trajeto de uso para os pais, conforme declarou. Na parede acima da pia, somente um pequeno espelho [daqueles com moldura alaranjada] pendurado num fio enganchado num prego. Eduardo deixa seu pai bater os pregos que deseja, para não desagradá-lo: há outro prego na parede ao lado, também fixado na linha do rejunte dos azulejos, na espera⁶⁹.

O conjunto de apoio à pia ainda conta com uma pequena cantoneira vermelha⁷⁰ na parede [Fig. 23], de plástico, com 2 prateleiras. Sobre o piso, escova sanitária, lixeira de plástico com tampa, um baldinho emborcado e uma vassoura se distribuem entre o box, o vaso sanitário, a pia e a parede.

⁶⁹ Em visita anterior, havia uma toalha de rosto pendurada nesse prego.

O tampo da caixa d'água acoplada ao vaso é usado como apoio para os rolos de papel - não há papeleira. O piso dentro do box é bem diferente do resto do banheiro: um mosaico de pequenos losangos irregulares, linhas curvas, branco, cinza claro e escuro. O box fecha toda a extensão da largura do banheiro, 160,0 cm, é dividido em 2 panos fixos de vidro fosco e 1 porta de correr, à esquerda. Uma cantoneira aramada, com 3 prateleiras foi instalada logo na parede ao fundo da entrada do box; o chuveiro foi mantido na outra extremidade. Há tapetinho antes da entrada do box, todo em tons de cinza, com cantos arredondados e franjas, decorado com flores em alto relevo [Fig. 21 a 24].



Fig. 21 – banheiro, vista geral

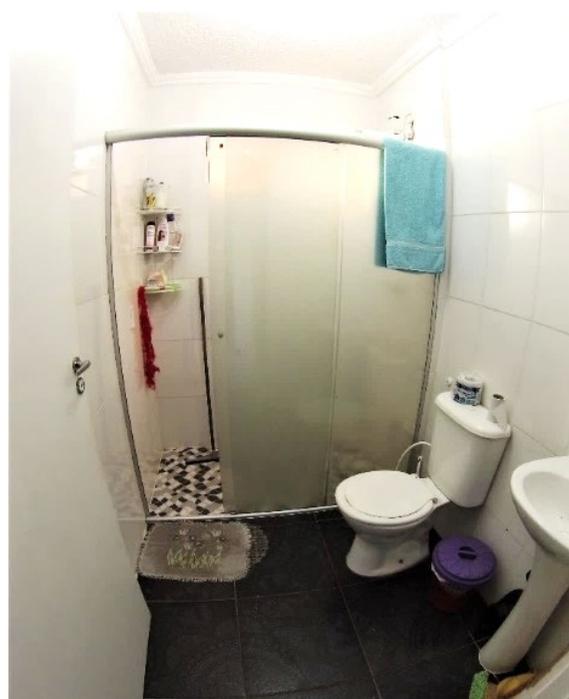


Fig. 22 – banheiro, vista geral, sentido oposto

⁷⁰ O objeto é descrito no site de vendas [astra-sa.com] como: “Cantoneira plástica com uma saboneteira, mais um compartimento para organizar produtos de higiene pessoal ou limpeza, além de ganchos para apoiar a lâmina de barbear ou pendurar pequenos objetos. Medidas C= 21 cm | L= 14 cm | A= 20 cm.”



Fig.23 – o espelho, a cantoneira vermelha, os pregos na parede



Fig. 24 – os pisos, o tapetinho antes do box

Aqui o banheiro, eles entregou já assim. [acende luz] O banheiro já entregou assim, né?

Tá.

Agora eu que coloquei moldura [mostra o roda teto]. A moldura e o box.

[...] Ah, mas você mudou o piso.

Eu mudei. Sim, o piso dei uma mudada. Sim.

Num é? [...] O piso não era assim. [...] Era branco. Era tudo branco.

[...] Tudo branco [...] Aí eu mudei porque os meus pais sempre, de idade, tava comigo, aí eu botei esse tipo antiderrapante [...] Pra eles não escorregar com facilidade *[tira o chinelo de um dos pés e o arrasta no chão, 'mostrando' a textura do piso]*.

Ah, e você mudou a pia.

A pia. Isso a pia era cá, né, antes *[abre o box e mostra o antigo local da pia]* [...] A pia era ali. Aí como os meus pais de idade vinha, pra não fazer esse percurso de lá pra cá e escorregar, alguma coisa assim...

Tá.

Eu preferi colocar tudo na mesma direção [...] Vamo supor, saiu, usou o banheiro, vem aqui já lava a mão e já seca bonitinho e já fica mais fácil *[faz a mímica da ação]*.

Entendi [...] E também mudou aquele piso, né?

É, aqui também mudei que era branco. Botei antiderrapante.

Ah, antiderrapante. Bonitinho esse piso, né?

É. Tem um pouco de água aí. Deixo o rodo aí pra puxar [...] E **ele é mais antiderrapante** grosso do que o daqui, viu? Ele é mais [...] Pra minha mãe não cair, não escorregar e o meu pai, né?

Entendi, entendi. Aham. Quem que fez essa obra pra você de mudar?

Olha, foi [...] alguns moradores daqui mesmo que sabe trabalhar ...

Eu esqueci o nome deles. É...

Ah, eu esqueci também [...] Ele é do lado do Bloco B.

Rodevaldo.

Rosevaldo.

Não! Rosevaldo *[concordando]*.

Rosevaldo. Isso [...] Ele que indicou as pessoas que sabia trabalhar.

Enquanto conversamos, Eduardo dobra melhor uma toalha de banho e volta a pendurá-la no box.

A gente fez o orçamento, e aí [*bate uma mão na outra, em sinal de 'trabalho feito'*] ...

É. Eles fizeram essa mudança em bastante gente na verdade.

[...] O Rosevaldo na época era o, o electricista, digamos assim, né?

E daí teve, começaram a mexer com isso. Eu lembro que ele comprou equipamento pra fazer os furos.

Foi. Ele comprou as máquinas de [*inaudível*] né? [...] Fazia os furos na laje e tudo mais [...] E do box foi ele que indicou alguém.

Ah é? [...] Tá. E é aqui mesmo de Taboão, provavelmente?

Foi. Foi daqui de Taboão essa pessoa.

Tá. Entendi.

E é isso. Esse é o banheiro! [*risos*]

Eu gosto muito desse, desse espelho [*falo do pequeno espelho retangular, com moldura alaranjada, de plástico, que fica na parede da pia*].

Espelho. Ah, é antigo. Esse é do meu pai [,,] Ele bota essas coisinha né.

É, é.

Ó, esses prego aqui não é eu que bato, é ele. Ele gosta de ter as coisinha tudo fácil, né? E aí como ele quis fazer isso eu não quis desagradar ele [...] Falei: "tá bom, pai, faz ... deixa eu lhe ajudar né", pra não machucar a mão. E aí ele amarrou esse cordãozinho aqui pra deixar assim na altura dele pra ele tirar a barba e não sei o quê, a confusão toda [...] E aí ele viajou, eu deixei aí. Deixaí. Quando ele chegar já tá tudo aí, né? [*risos*]

Muito bom.

Ai, então é isso.

00:17:08

Sáímos do banheiro. Filmo o piso do corredor. Um pequeno pufe quadrado [~34,0 x 34,0 cm], estofado curvim preto, fica posicionado parte na sala [encostado na parede ao lado do aparador da TV], parte no corredor [Fig. 25]. Outra peça igual a ele será encontrada no quarto do Eduardo, fazendo as vezes de mesa de cabeceira, entre a cama e a janela.



Fig. 25 – o pufe ‘saindo’ da sala e ‘entrando’ no corredor [ou vice-versa]

Tá bom. Lá vou eu de novo com o piso, né?

Sim, fica à vontade.

Tá.

00:17:17

E aqui é o quarto, né? [...] **Aqui é o meu quarto.**

Uhum [...] Pintou de cor diferente!

Aí eu pinteí uma outra cor diferente, mas **coloquei a moldura.** A moldura tá em tudo. [Aponta o dedo em roda pelo teto do quarto]

Tô vendo, tô vendo.

Todos os esquadro do apartamento eu moldurei.

00:17:35 Fim da segunda parte. A entrevista continuou sem cortes mas a filmadora dividiu os arquivos. A terceira e última parte começará em seguida, do 00:00:00

O quarto é o maior do apartamento [tem ~260,0 x 395,0 cm], teve paredes pintadas de azul e instalados roda tetos brancos, acompanhando a cor do teto, porta e piso originais. Parte dos objetos do quarto pertencem a sua irmã e cunhado, hóspedes atuais - como a mala azul [daquelas rígidas, com rodinhas] que se vê à esquerda, na parede oposta à porta de entrada. Ao seu lado direito, antes da cama, há um gaveteiro⁷¹ [~40,0 fr x 35,0 prof x 75,0 cm alt] de madeira com acabamento brilhante, marrom escuro, **tampo ligeiramente em curva na frente** com perfis plásticos nas bordas, apoiado diretamente no chão [sem pezinhos], com frente dividida na altura em 5 partes iguais: 1 nicho aberto em cima, 3 gavetas claras em seguida, e o que à primeira vista parecia outro nicho aberto em baixo, é na verdade fechado, aparentemente uma travessa [alta, ~15,0 cm] que estrutura o móvel. Sobre o tampo, protegido em parte por uma toalhinha verde água, há uma luminária e um vaso facetado com arranjo de folhas e orquídeas que se elevam do conjunto, além de poucos objetos indistintos [livros, bíblia, álbum de fotos?].

A cama de casal [~147,0 larg x 197,0 cm compr] é de madeira com pintura amarelo brilhante [à maneira dos laqueados], pés que a elevam do piso, cabeceira alta [~110,0 cm alt] encimada por curva, com frisos em baixo relevo e recortes vazados nas extremidades. Colcha e travesseiro em estampas diferentes mas com amarelos e laranjas combinando com a cor da cama. Dois pequenos bonecos de pelúcia se equilibram sobre a cabeceira e outro é pendurado na estrutura do banner com fotos na parede, logo acima.

Nos ~78,0 cm de espaço que sobram entre a lateral da cama e a janela, outro pufe igual ao da sala⁷² é usado como mesa de cabeceira, onde o cunhado de Eduardo deixou seus remédios. Ao lado, sobre o piso e longitudinalmente acompanhando a janela, há embrulhos e roupas empilhadas, também dos hóspedes, e uma bengala de 4 pontas, usada provisoriamente como cabideiro.

⁷¹ Gaveteiro, que Eduardo descreveu como 'penteadeirainha', e como 'penteadeira' outro movelzinho posicionado na diagonal.

⁷² Quadrado [~34,0 x 34,0 cm], estofado curvim preto.

Após um trecho vazio, no canto direito há um móvel de cabeceira posicionado em diagonal, [~50,0 fr x 40,0 prof x 60,0 cm alt], de madeira clara e acabamento brilhante, tomado por embalagens de cosméticos. Apoiado em sapatas, tem tampo e 2 prateleiras ligeiramente curvas na frente, com espaçamentos diferentes entre elas. Estruturam-se em laterais fechadas, exceto no lado direito e somente no vão menor [o de cima], onde foram substituídas por 2 tubos metálicos. Apoiado no tampo há um grande espelho, antigo, sem moldura. Cobrindo somente o trecho da janela, que é encostada na extremidade esquerda da parede, a cortina é fixada em varão próximo ao teto e vai até ~70,0 cm do piso. É rendada, bege claro, com forro, e tem uma espécie de 'bandeira', ou cortina curta sobreposta na parte de cima.

Entre a parede oposta à janela e a porta de entrada, forma-se um vão de ~32,0 cm, ocupado por uma sapateira de zíper [~45,0 fr x 30,0 prof x 100,0 cm alt], um volume indistinto coberto por tecido sobre caixa de papelão, e o guarda roupa⁷³ cuja profundidade excede o vão disponível, obstruindo parcialmente a abertura da porta. Medindo ~182,0 fr x 47,0 prof x 205,0 cm alt, o armário tem acabamento brilhante e 5 portas - a central tem espelho e pintura branca, assim como são brancas suas laterais e travessas frontais. As outras 4 portas são pretas, com puxadores-alças 'cromadas de plástico', dispostas não alinhadas na altura. Sobre o teto há poucos objetos, não volumosos [Fig. 26 a 31].

⁷³ Sites de venda o descrevem como 'Guarda Roupa Bartira Parma, 5 portas com espelho', material MDP, puxadores cromados de plástico, sem gavetas, garantia 6 meses.



Fig. 26 – vista geral a partir da porta de entrada – mala azul, gaveteiro, cama, banner, movelzinho na diagonal com espelho em cima [guarda roupa à esquerda da porta]



Fig. 27 – vista geral a partir da janela – o guarda roupa obstrui parcialmente a porta de entrada

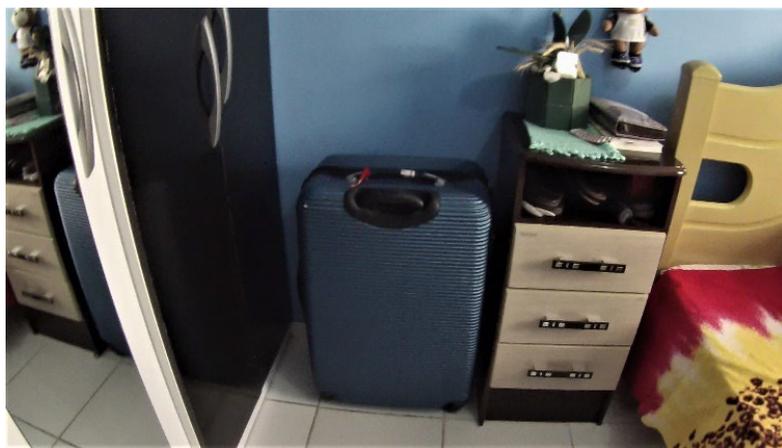


Fig. 28 – detalhe da mala e gaveteiro

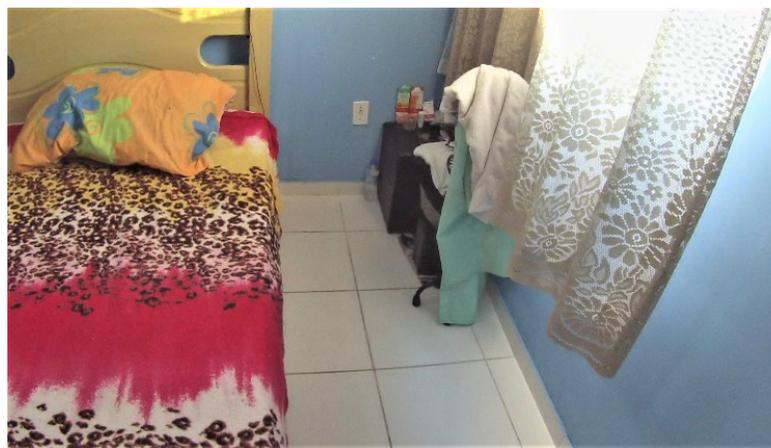


Fig. 29 – o pufe quadrado ao fundo, a bengala-cabideiro

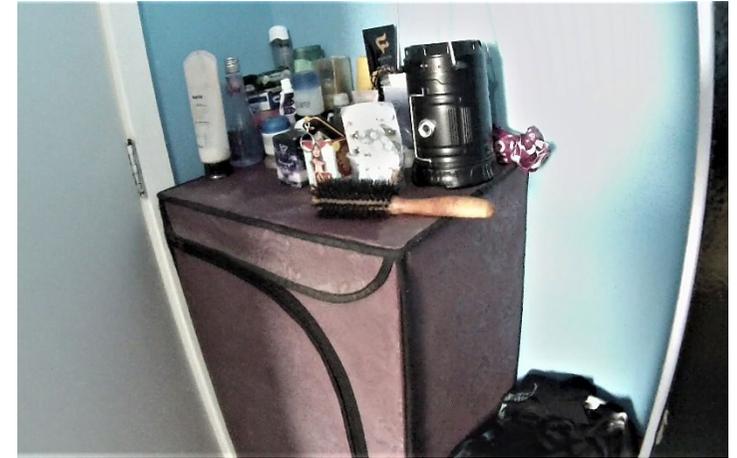


Fig. 30 e 31 – a sapateira atrás da porta e embrulhos antes do guarda roupa

Tá. Entendi. [...]

E do cartão Minha Casa Melhor [...] Foi esse guarda-roupa [...] Esse guarda-roupa foi no cartão também.

Tá.

Né. E essa **penteadeira** aqui [bate com o nó dos dedos no gaveteiro antes da cama] [...] Com o cartão Minha Casa Melhor.

Tá. Entendi. Olha que bela...

A mala [...] É da minha irmã a mala, entendeu?

Ela mora onde? Na Bahia, não?

Ela mora na Bahia. Então ela veio pra pegar o apartamento da minha mãe em Santo André. Lembra que eu lhe falei⁷⁴?

Lembro [...] Ah, posso fotografar aqui?

⁷⁴ Eu havia conhecido a irmã [que também se chama Marília] e o marido logo no início da entrevista. A mãe deles foi beneficiária de outra unidade habitacional pelo MTST em Santo André, fruto das ocupações que Eduardo e o pai fizeram.

Pode. Aí é a sapateira, aí atrás [ri] ... mas pode.

Ah. Entendi.

Né? [...] É isso aí. Aqui também tem um pôr do sol lindo, viu.

Deixa eu ver.

Então essa cama e essa penteadeira [ele se refere ao movelzinho na diagonal, ao pé da cama] já veio de lá de onde eu morava.

Vou até a janela, onde ele descreve a vista.

[...] É. Então, e ali é o Hospital da Antena onde minha mãe faleceu. Tá vendo aquela cobertura, aquela caixa d'água e um pé de árvore? [...] É ali que é o pronto-socorro da Antena, Taboão.

[...] Ah, tá. Entendi.

Né. E aí tem essa vista aqui legal, pôr do sol muito maravilhoso, né.

Muito, muito.

Muito linda a benção de Deus, né? [...] E aqui que é meu cantinho, né. [...] E eu pedindo a Deus que sempre vem vitória pro Guilherme Boulos⁷⁵, porque faz parte da história da gente, né. Não dá pra esquecer dele jamais. [Rimos]

É, né. [...] Eu vim outro com... teve o 'Café com o Boulos'.

Ahãm. A senhora veio?

Vim, vim.

Ai, que legal.

A 'Dilma' que me convidou.

A Di... Luana.

⁷⁵ Guilherme Boulos é dirigente do MTST.

É, ela me falou: 'vem, vem', não sei o quê. E foi ótimo, porque daí eu fiz contato com um monte de gente ... Bonita essa... essa cortina.

Cortina, né.

Uhum. Desculpa ficar filmando todos os seus cantinhos.

Não, não. Pode.

Ah esse daqui [...] você tem um bom jeito de fazer as coisas, né, que é usar esses...

É, o pufzinho.

Esses pufes. É. Que legal.

Aí é os pufinhos [...] Mas aí o meu cunhado toma os remedinhos dele deixou aí no cantinho. Deixou as coisinhas dele arrumada, né.

Entendi. Entendi. Ah, é, tem coisas aqui... ah isso aqui é seu também?

[...] É uma bengalinha.

Ah.

É que... quando meu pai... quando minha mãe morreu, meu pai se abateu, ficou muito doente. [...] Aí eu trouxe essa bengalinha pra ele se afirmar também.

Ah, entendi. Eu achei que era um... como é que chama? Um cabidinho, uma coisa assim.

Não, é uma... aí, ó *[retira as roupas penduradas e mostra a bengala 'de 4 pontas', ou seja, que se mantém em pé em 4 pezinhos].*

Ah. Tava servindo como cabide.

É.

Muito bem servido, inclusive.

Aí tá aqui no meu quarto, aí meu cunhado botou esses paninhos em cima.

Sim, claro. Claro, claro.

Se você quiser tirar foto da cortina agora aberta assim, pode.

Ah, tá. Depois eu pego o quarto inteiro. Bem bonita mesmo.

É.

Então essa... a cama e o criado-mudo você já tinha?

Já foi da comunidade. Já tinha, é. [...] Eu trouxe de lá.

E você comprou aonde?

Ah, isso daí foi meu irmão que me deu.

Ah, tá [...] É? Ele deu? Bonito esse espelho, né?

É, mas já tá bem é... já coisado. É bem antigo, ele.

É, mas é por isso que ele é bonito, eu achei.

É bem antigo.

Não é? Não parece um... sei lá. Gostei dele. Agora vamos fotografar o chão. Fotografar não, filmar.

Filmar [...] E é isso. Pode ficar à vontade.

Tá.

Aí falta o quarto do menino.

Isso. Será que vai incomodar... bom, incomodar sempre vai, né?

Não, não incomoda não, imagina [...] Incomoda não.

Tá. Deixa eu ver [...] Quanto que mede, mais ou menos esse... esse armário. Tá.

O apartamento inteiro, ele é 59m².

59, né?

É.

É, é isso mesmo. Deixa eu ver aqui. Quer ver ó. Assim eu sei a altura mais ou menos. Beleza [...] Entendeu? Pela altura a que uma porta normalmente é, eu consigo fazer a...

Basear, né?

É. Exatamente. [...]

Não repara a bagunça não.

Que é isso. Tá tudo muito bem arrumadinho. Legal essa cama amarela, né?

É.

Não é bem um amarelo, mas é um... muito legal.

00:05:18

Agora vou abrir o quarto do menino.

Avisa ele, por favor, né? *[Enquanto o filho é avisado, volto pelo corredor para o aparador na sala e filmo a bíblia, aberta, que há no tampo 'de baixo', à direita do tampo 'de cima' da TV].*

É. A gente vai dar uma entradinha aqui pra dar uma filmada, viu? *[Ouço de fora os dois conversando]*

É. Ele: "filmada?" *[risos]*

É *[risos]* Não adianta tentar arrumar rápido.

É... pode entrar, fica à vontade.

Desculpa, E*.

00:05:32

Entramos, E está deitado na cama de baixo do beliche, responde rapidamente e se vira de costas para nós. Em respeito a ele, tento fazer a visita mais rapidamente.*

O seu quarto tem ~260,0 x 360,0 cm, teve instalado roda teto branco, paredes pintadas do mesmo azul e o mesmo modelo de guarda-roupa do pai [com portas 'madeiradas' no entanto], também obstruindo parte da abertura da porta, que fica na extremidade esquerda do cômodo.

Na parede oposta à porta, a uma distância de ~47,0 cm do guarda roupa, há uma ‘mesa de computador’ [~65,0 fr x 40,0 prof x 75,0 cm alt], que E* usa apenas para guardar poucos objetos, entre eles, uma impressora que fica na prateleira próxima ao piso. É um móvel branco, com revestimento desgastado nos topos, com uma prateleira [preta] com corrediça, para teclado, outra fixa [branca] logo abaixo, depois um vão grande até a prateleira perto do piso [preta, novamente], sobre sapatas, com desenho recortado [para permitir aproximação de assentos?] e laterais que sobem e se superpõem em parte às laterais do móvel.

Ao seu lado, o gaveteiro - que Eduardo chama de ‘cômoda’ – [~60,0 fr x 40,0 prof x 110,0 cm alt], tem estrutura preta, 1 nicho aberto em cima, seguido por 4 gavetas [a última com puxador faltando]. Apoiado em tubos metálicos redondos. Sobre o tampo, **um computador portátil** aberto.

Na parede oposta à do armário, encostado à direita de quem entra, há um beliche [~97,0 x 197,0 cm], sem escada, daqueles cujas camas podem ser desempilhadas, de madeira clara, com cabeceiras e peseiras ripadas com 2 travessas. Da cabeceira, a vista dá direto para a cortina ‘oficial’ do SPFC que cobre a janela a sua frente. A outra janela, em L com a anteriormente descrita, é mais estreita, tem vidro fixo e não tem cortina. No espaço entre o beliche e essas janelas, há um cesto de plástico, telado com tampa, branco, para roupas.

Encostada na cabeceira do beliche fica a mesa de computador [~112,0 fr x 50,0 prof x 75,0 alt] efetivamente usada como tal, com a cadeira da mesa de jantar. O móvel é uma combinação de mesa [com 1 gaveta], que ocupa os primeiros 80,0 cm de tampo, apoiada à esquerda por um quadro de tubos metálicos quadrados, mais uma estante à direita [~32,0 cm fr], apoiada diretamente no chão, com 4 nichos abertos tanto para a frente como para o lado. Por conta da fiação intrincada, o móvel está deslocado ~7,0 cm da parede do fundo [Fig. 32 a 35].



Fig. 32 – vista geral, porta de entrada à esquerda

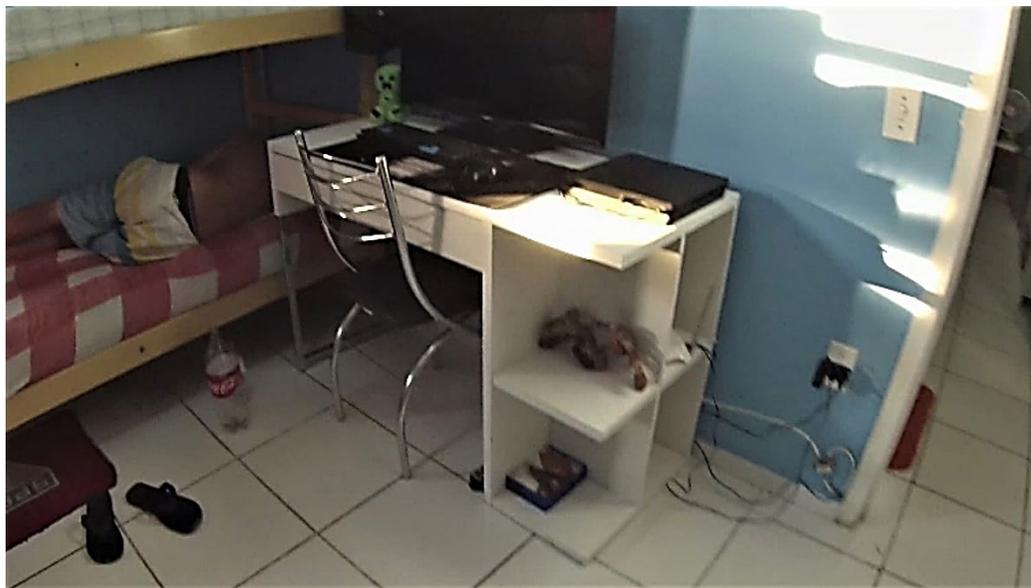


Fig. 33 – a mesa do computador com a estante e seus acessos por 2 lados



Fig. 34 – mesa de computador e gaveteiro

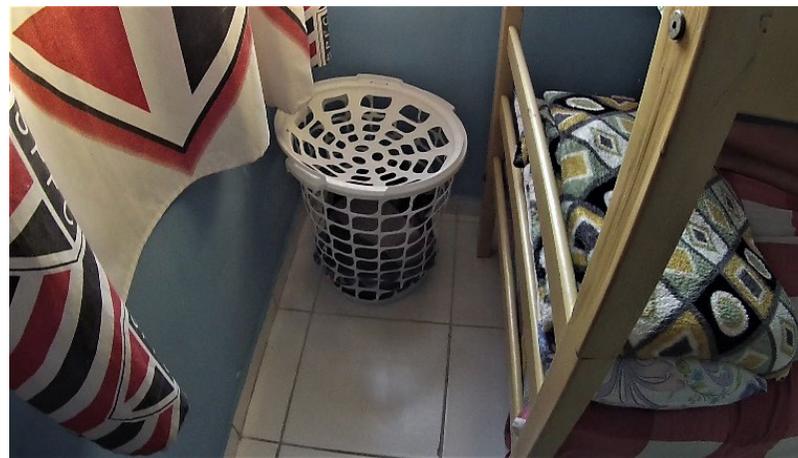


Fig. 35 – detalhes cortina SPFC e cesto

[Acende a luz] Essa cama também eu trouxe da comunidade.

Você já tinha lá?

Já tinha lá, é [...] Agora, esses móveis aqui, essa cômoda [toca no gaveteiro] já foi é... da comunidade também, essa cômoda. Agora, o guarda-roupa foi do cartão Minha Casa Melhor.

Tá. Entendi.

Ô E*, isso aqui nós trouxe da comunidade, não foi, E*? A mesa do computador? [bate na mesa do computador, ao lado do gaveteiro, E* responde que sim]. Foi, essa daqui já foi de lá, mas foi comprado nas Casas Bahia também, viu, isso aqui.

Sei.

Mas não foi com o cartão Minha Casa Melhor, foi outra coisa.

Entendi. Aqui é a mesma altura [abro a porta de entrada para conferir a altura do guarda roupa].

É a mesma altura.

Tá. Ok. Aqui é de computador, né?

É de computador, é.[...] Também a impressora.

Uhum. Hoje em dia é tudo tão menorzinho, né?

É.

Ah, e tem aqui. Agora tem um outro pro computador aqui.

É, aqui é uma televisão.

Ah, é uma televisão.

Foi comprado com o cartão também, Minha Casa Melhor. As duas, a da sala e essa.

Tá. Entendi. Entendi. Ah, aqui é uma televisão. [...] Mas por que que tem esse teclado? Porque ele usa... é uma digital?

É porque ele usa... ele tipo joga... tipo vídeo game, né, que é o... vídeo game.[...] Ele consegue adaptar pra televisão e jogar.

Ahhhh. Eis uma coisa que eu não sei fazer.[...] E aqui você já tinha?

Já tinha.

Ah, e que é o mesmo acabamento da... da... não é?

Da cama.

Da cama, né?

Isso. Aí, como meu irmão me deu aquela cama e aí... e aquela cômoda também eu ganhei, aí eu comprei a beliche igual, pra ficar tudo...

Entendi. É, percebi. Percebi. Olha. Imagina se vocês não são São-paulinos, hein.

É, tá vendo, até a cortina do quarto dele [risos].

Caramba. Não existe a menor dúvida, né [risos]. Não existe a menor dúvida. Bom esse... olha, você sabe que eu acho que é a primeira casa que eu vi, eu não vi todas, vi poucas, que tem beliche? [...] Quase ninguém põe beliche. É uma coisa tão útil, não é?

É. Mas eu sempre tive a beliche, desde a comunidade, porque sempre vem alguém da família, né. E aí uma cama grande pra todo mundo não dá. E a beliche você consegue desmontar uma parte e fazer outra cama tipo... tem um espaço pra pessoa.

É. Ah, e ela é de empilhar, as duas, não?

É, ela é de tirar também. Aqui ó.

Ainda é de empilhar. Se você quiser você nem vira uma...

Ó como é ela ó. [levanta um pouquinho o pé da cama de cima] Tem um torninho aqui.

Se você quiser você vira beliche ou não.

É, 'ou não'. Exatamente.

Não é?

É. É sim.

É impressionante [...], eu sempre fiquei pensando porque que as pessoas não usavam mais beliche, porque é tão... é útil, né?

Ah, eu uso, eu uso. Essa faz tempo. Essa na comunidade me acompanhou um bom tempo.

Eu acho que é porque, sei lá, acho que tem gente que não gosta de dormir em cima.

É.

Não, tem gente que não gosta de dormir embaixo.

Eu mesmo não gosto de dormir em cima, mas embaixo eu já gosto.

Ah, tá.

Embaixo eu já gosto. Agora em cima não, porque como a gente, quando era garoto, a gente mexia muito na cama, e dependendo da beliche você cai. Já teve muitos casos de alguém cair, não sei o que, então como a gente, nós que nascia o que, lá no Nordeste, a gente dorme, sonha e acaba saindo do local e aí pode cair. Então por isso que eu não durmo em cima.

Entendi, entendi. Você não se sente seguro.

Não. Exatamente. [...] E eu tenho um irmão, que ele dormia com a gente, ele levantou quase duas da manhã, atravessou a BR dormindo, sonâmbulo que chama. E foi parar na casa da minha tia. Atravessou a BR pro outro lado.

Gente!

E foi deitar na cama da minha tia, no quarto. Quando meu tio chegou pra deitar, tá aquele homem deitado. Incrível. Aí ele disse assim, tio M*, ele disse assim: "Ô, J*"... ele tomava umas pinguinhas, bem engraçado. Ô, J*, minha cama aqui tá arrumada? Eu quero descansar". "Tá arrumada M*, já arrumei cedo." "Tá bom." Ele vai pra cama, quando ele chega lá na cama que vai... tá G*, dormindo na cama de tio M* [...].

Nem conheceu o G*, meu irmão, sobrinho dele. Ele tomava umas pinga... E vem minha tia: "O que é?" Ele tinha um apelido que ela chamava ele, ó, "Boi". Ó o jeito carinhoso: "Ô, Boi, ô não sei o quê".

Rindo, ML comenta algo, inaudível.

[...] Menina, é bem engraçado. Aí ela disse: "Oxe, e quem que tá aí"? Quando chegou lá que ela puxou a coberta, G*! Duas e pouco da manhã. Nós já tava dormindo em casa, nós não viu nem a hora que ele saiu. Abriu a porta, atravessou a BR, que é uma BR muito perigosa.

Ó o perigo.

Né. A casa da minha tia, a porta tava encostada, do jeito que ele veio, acho que empurrou, sabe encostada que não passa nada. Ele empurrou entrou, foi deitar na cama, não sei como.

Ele conhecia, né. Conhecia.

É, conhecia nascido e criado ali.

É claro.

Aí... "G*, como tu veio?" Foi lá chamar a gente. [...] Aí minha mãe disse: "Não, G* tá dormindo". "Tá não, comadre, G* tá lá deitado na minha cama. Chegou lá não sei que hora e a porta tava encostada esperando M* chegar da venda".

Tá.

Uma vendinha, uma mercearia que tinha, né. [...] Aí foi meu pai, mais minha mãe buscar meu irmão e eu também. Aí pronto. Então é um perigo você assim, sonâmbulo e que... né?

Sim, claro, claro.

Então Gil teve isso. Aconteceu isso com ele.

Acho que é por isso que você tem um pouco de medo.

Por isso que eu não gosto de dormir em cima na beliche, que eu tenho medo de cair.

Porque a maior parte das pessoas tem medo de ficar embaixo, medo de que caia o de cima. É.

O de cima cair. Não eu já não penso nisso. [...] Eu penso eu cair, bater a cabeça.

Você dormir aí, achar que tá na sua cama e for descer.

E cair, bater a cabeça, o pescoço quebrar, a nuca. É isso que eu tenho medo, né. [...] E daqui, se você cair não machuca tão muito, mas aqui de cima.

ML fala sobre dormir em outras camas, pensar que está na sua, virar para o lado errado e bater a cabeça na parede..

É. [...] Aqui o que que o... como é que você chama? [*pergunto ao E*, que se vira segurando uma máquina fotográfica, talvez me filmando*].

Chama cômoda.

Eu? [...] E*.

E*, que que você guarda aqui [*no gaveteiro, ao lado da mesa de computador*], E*?

Ah eu guardo roupa, ou então...

Livro da escola, alguma coisa assim.

Ou então negócio pra computador.

Ah, é? É uma mistura na verdade!

Eduardo começa a abrir as gavetas. A segunda tem fios e equipamentos eletrônicos. A terceira tem roupas.

Ah, a lá. Tá vendo? Peraí, cuidado [*as frentes das gavetas se engancham um pouco*].

Né. Roupinha, essas coisas, né.

Tá bom. Ok. [*Fico um pouco constrangida, tento parar logo com a 'vistoria' de gavetas mas Eduardo continua.*]

As cuecas, meia [*na quarta gaveta*].

Tá bom.

Deixa eu ver aí se tem cueca furada. [*risos*]

Não, eu não chego a ver todos esses detalhes.

Eu vou olhar, deixa eu olhar.

É demais, é demais.

Deixa eu olhar aqui.

É isso.

Ah, tá. Deixa eu só ... uma coisa aqui lá em cima. *[Filmo o teto do guarda roupa, que tem alguns objetos não muito volumosos]* Agora eu nem sei tô filmando algum ...

Tem *[inaudível]* que mora só homem, hein, Marília?

Oi?

Eu tô achando que tá bagunçado ainda.

É, essa é uma casa bem... é diferente, né, nesse sentido. Primeiro porque só mora homem, né. É.

[...] *Saímos do quarto.*

Obrigada, E*, vou fechar de novo, tá bom?

A senhora acredita, deixa eu apagar essa luz aí um pouquinho. Aqui do lado. *[Me mostra o interruptor e eu apago a luz.]*

Ah é. Tá.

A senhora acredita quando Dilma veio, não foi Luana? Não essa Dilma, a outra Dilma, na casa da outra Dilma [...] Ela chegou, perguntou pro G* se ali só morava homem. Só morava meu irmão e o G*, né, mas eles deu uma arrumadinha junto com Dilma e tal, pra deixar as coisas legal, né, tipo...

Sei, sei...

E aí ela disse: "Poxa [...], dois homens que mora aqui? Parabéns, nossa." Não foi Dilma? Foi bem interessante. Ai, meu Deus. Então é isso. *[Rimos]*

Tá [...] então é isso, né?

Tem café, Dilma? Bota a garrafa aqui, pra nós ...

Ah, olha outro aqui, que bonitinho esse...

É, um "pufe" *[o que está no corredor]*.

É. É o mesmo daquele outro, né? Ou não? *[o do quarto dele]*.

É, exatamente.

Tá, entendi.

O café esfriou.

Entendi. O meu esfriou, né?

Essa garrafa é com açúcar.

Não tem importância.

Esse da garrafa tá sem açúcar, Dilma? *[Eduardo senta-se à mesa]*.

Tá com açúcar.

Então tá bom.

Ah, espero que a senhora gostou, né.

Gostei muito da sua... que você me mostrou sua casa.

E tudo que foi falado, né, claro.

Uhum.

Desde da... da minha infância, né, pra cá. [...] Então foi tudo isso que aconteceu. E hoje é realidade.

E hoje é realidade,

Pronto.

Uma boa realidade. Cá estamos nós. E agora eu vou então acabar a filmagem e tomar café, mais um café, né?

É, mais um café.

Tá bom?

Isso.

Tá bom, muito obrigada, Eduardo.

Nada. Volta sempre. *[Ri muito]*.

Sim. Muito obrigada mesmo.

Espero que os outros moradores, né, assim como eu... É... tenha essa dedicação e falar a realidade, realmente como que foi, né. E que isso também sirva de exemplo pra outras pessoas, outras famílias, porque isso é muito bom.

Ahã. Isso mesmo. Exatamente, né? A função é essa mesmo: mostrar. Mostrar o que pouca gente vê.

É. Verdade.

Tá bom. Então vou só desligar aqui.

Ah, tá bom.

Obrigada. Acho que é aqui, né?

00:15:08

----- f i m -----...

10. Elisa⁷⁶ Viela da Paz

transcrição entrevista gravada em vídeo em 02 Maio 2019

total 17:35 + 17:35 + 02:53 = 38:03 min [legenda: Elisa; Pesquisadora; anotações]

Importante: as descrições sobre materiais dos objetos se referem à sua aparência, a pesquisa não os verificou cientificamente.

Do corredor aberto que dá acesso aos apartamentos vê-se do outro lado da rua os blocos das habitações sociais ainda em construção [Fig. 1]. Como combinado⁷⁷ bato na porta. Ouve-se um latido antes que Elisa me receba [Fig. 2], com o cachorrinho branco ao lado. Seu apartamento tem 2 dormitórios, como todos do conjunto, e ela mora com sua filha e um filho ‘que vem de vez em quando’.



Fig. 1 – vista do corredor de acesso aos apartamentos



Fig. 2 – Elisa abre a porta

⁷⁶ Nome fictício.

⁷⁷ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

0:00:00

Oi, Elisa. Tudo bom?

Tudo.

Ei... como é que é o nome dele mesmo *[do cachorrinho]*?

Tyson.

Tyson? Ah, é de Mike Tyson, não?

É, é de Mike Tyson. Por causa da valentia dele. *[Rimos]*

Bonitinho ... Obrigada por me deixar entrar na sua casa e obrigada por me mostrar sua casa.

À vontade.

[Passo pelo vistoso tapetinho da entrada, vermelho com estampas brancas, e ficamos as duas com frases atrapalhadas sobre como começar a ação. Elisa passa pela sala, comenta sobre um celular que o genro acabou de esquecer no sofá, a grande TV está ligada no programa do Chaves].

Aqui a sala, né, o banheiro.

Hum, hum.

00:01:40

Aqui tinha um... uma pia, né, de lavar a mão, que na minha opinião tem que ficar dentro do banheiro.

Ah, então, você me falou que ela... *[o projeto previu a localização da pia fora do banheiro, ao lado]*

É, lembra?

Você me deu um argumento assim, que eu achei o melhor de todos que eu ouvi até agora. Porquê mesmo que você não gosta do...? Vamos lá. Me explica. Explica pras pessoas *[rimos]*.

Tô no banheiro, né? *[Abre a porta do banheiro, acende a luz, encena parte da ação.]* Tô aqui sentada, levanto com a mão suja, vou, pego na maçaneta da porta, né, aí vou lavar a mão aqui.

E a maçaneta fica lá.

Aí vem uma criança, pega na mesma maçaneta que eu peguei com a mão suja, depois pega bala, põe na boca, né, leva bactéria pra boca. É muito feio, muito chato, muito errado.

Errado, não é? Não, eu achei muito bom esse argumento. Muito bom.

Eu achei... eu achei quem teve essa ideia ... de jerico *[risos]*.

Não tenho nem como falar 'não', né. Daí você tirou então a pia daqui colocou aqui *[para dentro do banheiro]*.

Coloquei aqui.

Uhum. Uhum. Quem que fez esse trabalho pra você?

Foi o irmão do meu cunhado.

Ah, tá. E daí ele deve ter usado a mesma saída, deve ter sido muito fácil.

É, usou tudo... não gastou nada.[...] Só um pedacinho de cano, um pouquinho de cola, só.

Tá, entendi, entendi. Ah, legal. E aqui, daí você colocou então uma... você tá aproveitando pra colocar uma máquina de secar, não é isso que você me falou?

É. É uma máquina de secar, uma sapateirinha que era uma cômoda, né?

Ah, tá. E você usa como sapateira aqui?

É ... um guarda bagunça.

Ahã, ahã. E aquele outro movelzinho lá?

No nicho da pia retirada há, empilhados quase até o teto: a máquina de secar roupa, um gaveteiro de madeira escura com 3 gavetas e um movelzinho com 2 portas brancas. [Fig. 3]

Ali é... restante de um armário antigo.[...] Que a gente guarda também produto de limpeza aí dentro.

Aqui é o produto de limpeza, tá ... Da casa ou do banheiro?

Do banheiro. Fica papel higiênico, creme de cabelo, shampoo, essas coisas.

Tá, entendi, entendi. E essa máquina, é bem legal, né?

É, essa máquina é antiga.

É. Quanto tempo você tem ela?

Seis, sete anos, mais ou menos.

Ah, tá ... Então você não pendura roupa?

Penduro, penduro.

Pendura também?

Eu só uso [a máquina de secar] quando tá chovendo muito, quando... Lavo uma roupa preta que pega pelo. Que ela tira pelo, né, do preto.



Fig. 3 – o nicho da pia retirada [sala à esquerda, porta do banheiro à direita]

00:04:03

Ah, tá. Ahã. Posso olhar um pouquinho o banheiro, então? [Fig. 4 a 8]

Pode.

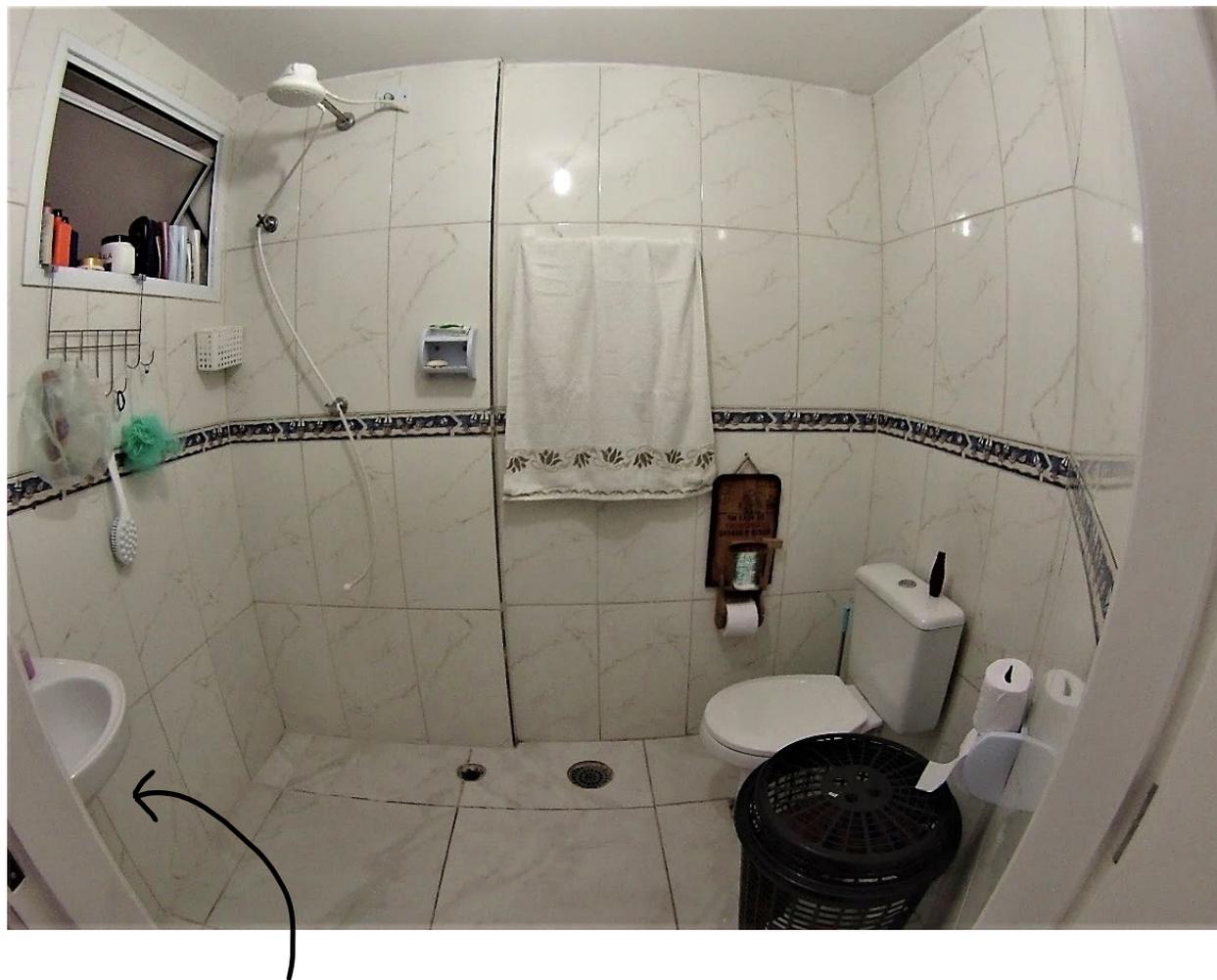


Fig. 4 – vista geral do banheiro [a pia internalizada no canto à esquerda, a janela que dá para a lavanderia]



Fig. 5, 6 – banheiro, canto esquerdo



Fig. 7, 8 – banheiro, canto direito

Tá. Ok. Me diz uma coisa [...] olha, que bonito que é o piso, né? Legal, né, o piso?

O piso eu troquei também ... O piso eu coloquei piso sobre piso. No banheiro e na cozinha.

Ah, tá. Porque ele já veio todo pronto, mas você colocou piso em cima.

Já veio pronto. É, coloquei em cima.

Tá. Olha que bonito isso, né? Que legal. *[Aproximo a câmera do barrado do azulejo da parede, decorado com motivos marinhos, azul e bege. O revestimento das paredes é branco, marmorizado]. [Fig. 9]*

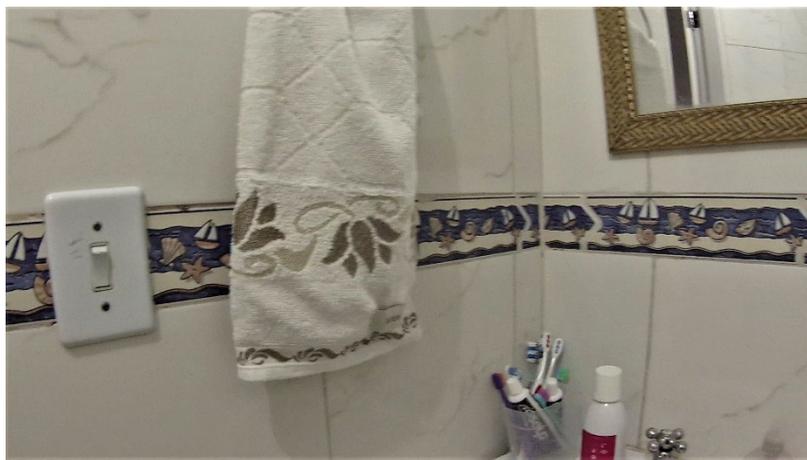


Fig. 9 – banheiro, detalhe do barrado da parede

Tá filmando a bagunça!

E aqui é a janela que dá pra **área de serviço**?

Que dá pra **lavanderia**⁷⁸.

Isso. Tá. Entendi, entendi. E quando ele *[o apartamento]* veio, ele veio também com o azulejo até o teto ou você que colocou?

Ele... ele vem, mas só que é um... não é um azulejo é... é tipo uma massa que eles põem, que faz um desenho que parece... parece. É igual, o chão e da parede é igual. Só que não é azulejo, é um negócio esquisito ... **Troço feio** ... É um **material difícil de limpar**. Na minha irmã tem.

É, qualquer dia vou ver se acho algum original.

⁷⁸ Atenção pesquisadores e arquitetos: nas entrevistas, quando me referi à 'área de serviço', os entrevistados frequentemente corrigiram involuntariamente para '**lavanderia**'! 'Área de serviço' talvez seja uma denominação usada predominantemente pelas classes médias, para o território das empregadas domésticas dentro das casas burguesas. Ou, talvez, 'lavanderia' pareça mais 'chic' para as classes populares.

É original. O dela é original [...] É, mas eu não... como eu já tive que colocar nos quartos e na sala, eu já aproveitei.

E você colocou tudo igual. É isso? [...] Legal. Ah... então normalmente já veio com piso o banheiro.

Veio o banheiro e a cozinha.

A cozinha e a lavanderia.

É.

Tá. E daí você... e os quartos [...] vêm só com o contrapiso? [...] e daí cada um escolhe o que quiser?

É.

Tá bom, entendi. Entendi. Deixa eu só fotografar aqui. Tá. Ah, que bonitinho isso. Olha, que legal.

Sabe o que que tinha aí? ... Aqui tinha um vidro ... E lá dentro tinha dois sabugos de milho. Aí é... 'em caso de emergência quebre o vidro, especial pra visita' [Fig. 10].

É uma piada, então?

É. [...] Eu ganhei. [...] Quebrou o vidro, né, falei: não. Foi na mudança.

Ahã, ahã. Que legal [risos] ...Tá bom, que mais?



Fig. 10 – a papeleira-piada

00:06:56

Ah, tem os quartos, né?

Os quartos? [...] Tá ... Esse é o seu quarto?

É. [Fig. 11 e 12]

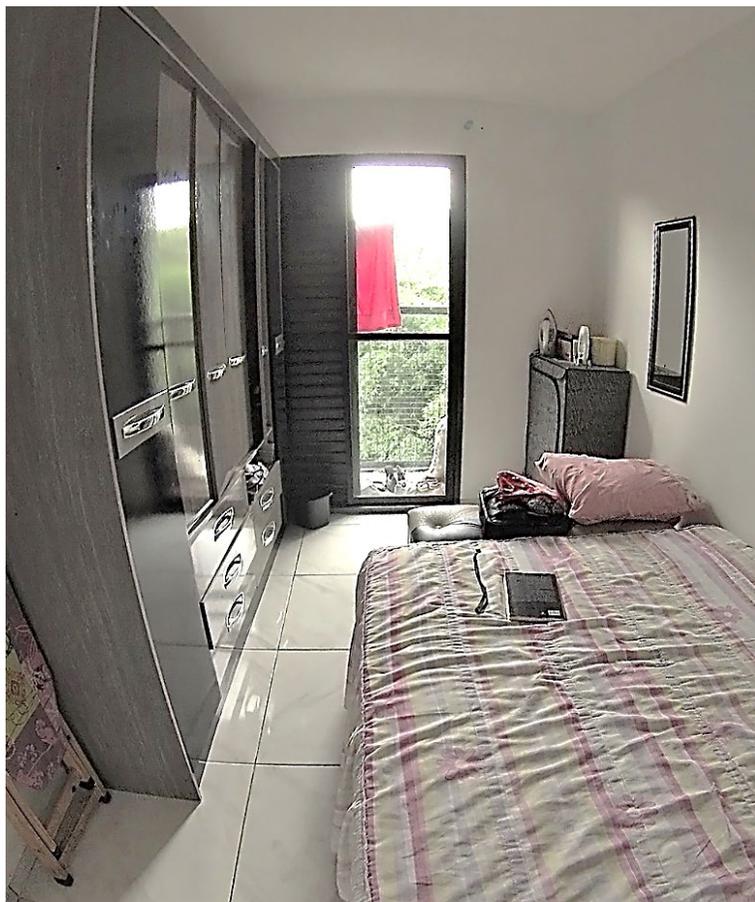


Fig. 11 – quarto visto da porta de entrada, porta de acesso à sacada ao fundo

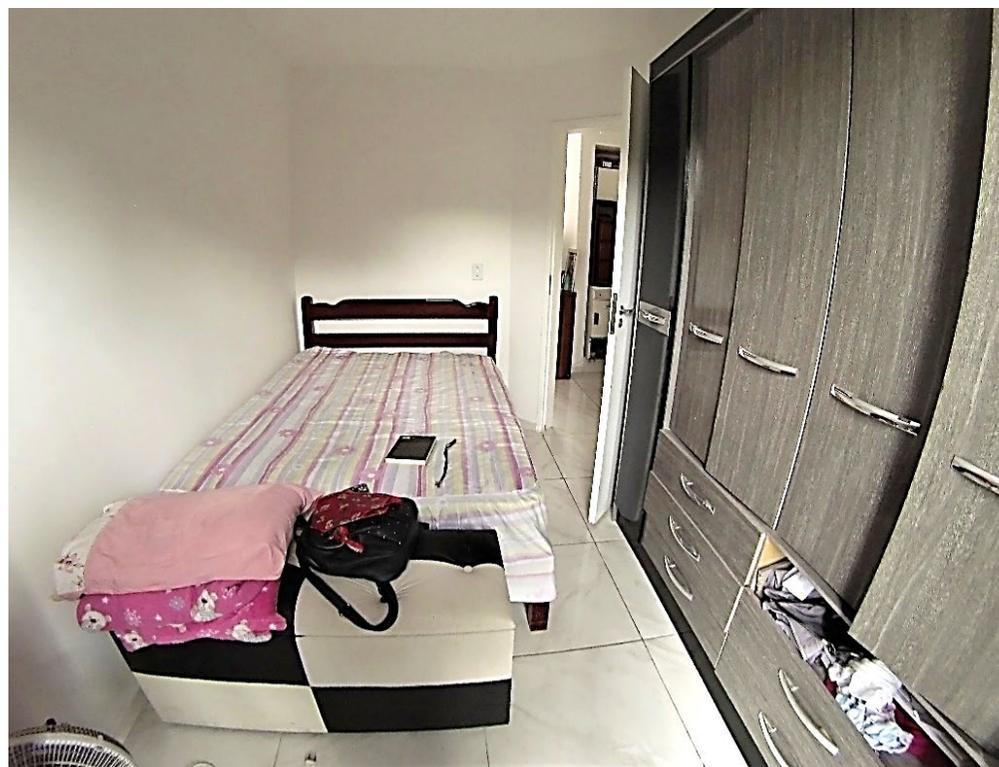


Fig. 12 – quarto visto da sacada

Tá. Cê tem essa cama faz muito tempo, não?

Tenho ... Muito tempo. Muito tempo. [risos]

A cama [~147,0 larg x 197,0 compr x 45,0 cm alt] tem cabeceira de madeira escura, desenho de marcenaria tradicional: os pés se prolongam para além do colchão, e 2 travessas a completam longitudinalmente. [Fig. 13]



Fig. 13 – a cama, detalhe da cabeceira

[Risos] E assim, por exemplo, aqui no quarto, o que... você comprou alguma coisa especial pra cá ou não?

Não comprei nada.

Tudo você tinha? ... Ah, e coube aqui?

Coube. Não comprei. Tem que comprar ainda, tudo, Eu trouxe o que eu já tinha.

Mas você tá *querendo* trocar, não?

Querendo tô, mas não tô é podendo [risos].

[Risos] Não, mas você teve sorte que coube, né, pelo menos, suas coisas. Não é isso?

É. Olhando o guarda-roupa atrás... Já tá saindo o fundo. O primeiro passo agora tem que ser o guarda-roupa. Minha filha falou da máquina, mas... A máquina vai ter que ficar pra depois.

É grande, né, esse guarda-roupa?

É, mas tá todo ó, caiu a...

O guarda roupa [~220,0 compr x 47,0 prof x 218,0 cm alt] tem varias portas desalinhadas e gaveta faltando e avança no espaço de abertura da porta do quarto [Fig. 14]. A configuração cama, guarda roupa, mais porta aberta tornam a passagem muito estreita [~35 cm].



Fig. 14 – o guarda roupa avariado

Ah, e você usa aqui pra... [Refiro-me à varanda, onde há roupas no varal. Elisa abre a porta de correr, para olharmos.]

Ah, uso. É.

E eles não ficam... o condomínio não fica dizendo que não pode?

Fala que não pode, mas eu não penduro nada aqui em cima, né.

Sei. É... nossa, uma beleza [a vista dá para a mata do Cemitério da Paz]. Ah, deixa eu pensar: como é que tá o sol aqui, hein? Onde que nasce o sol?

Ó, bate... bate um sol aqui.

Bate, né? ... Deixa eu pensar. O Oeste é pra lá. Ele se põe ali? Não? Onde que ele se põe? Eu tô meio perdida aqui. Onde que o sol se põe?

Sabe que eu não sei. Não sei se é pra lá.

Eu acho que é pra lá, né? *[Aponto para a esquerda]*

[...] É, porque ele nasce pra cá.

É. Então aqui deve bater bastante sol mesmo.

Bate. Bate bastante sol aqui.

Você tem uma boa vista, né?

Aqui é... aqui é o cemitério.

Eu sei. Você tem uma boa vista, né?

Tenho.

Todo mundo tem aqui uma boa vista. Tá. E você usa aqui pra... pra ajudar *[2 linhas de varal percorrem toda a sacada, passando acima da muretinha que separa os 2 quartos]* ... ah, essa aqui é a vizinha.

Não, aqui é o quarto. O outro quarto. *[Ininteligível]*.

Ah. Gozado. E porque que eles fazem essa... essa...

Sacada?

Não, essa divisão. *[Falamos da divisória que existe entre as varandas dos quartos.] [Fig. 14']*

Ah, eu não sei. Pra atrapalhar.

Não é? Eu achei que era outro *[apartamento]* ...

Não sei por que essa divisão, mas tudo bem.

Será que é estrutura?

Deve ser, né.

Né? Pode ser, né, porque seria a única⁷⁹... ah, é outro quarto.



Fig. 14' – os varais ao longo das sacadas, passando por cima da mureta que separa os dois dormitórios

Bom lugar aqui ... Então você... você costuma fazer essa... e esses... esses sapatos? Você sempre põe aí ou não?

Ah, isso aí porque **não tem onde deixar**, eu ponho aí pra tomar um sol ... E depois eu ponho aqui dentro que chove e molha, né? **[Fig. 15]**

Ah, tá ... Não é uma coisa que você faz... só de vez em quando, né?

É.

Entendi. E essa sapateira?

É uma sapateira de zíper, [~70,0 fr x 32,0 prof x 100,0 cm alt] dentro do quarto. **[Fig. 15]**

Também já tinha.

É. Essa sapateira muita gente tem, sabia?

⁷⁹ A divisória citada na verdade preserva intimidades e a circulação indesejada entre os dormitórios.

É.

O que significa que ele deve ser prática.

É⁸⁰.

Não é? Eu acho.

Mas ainda quero fazer a minha sapateira ali.

Ah, se você quiser eu te ajudo a fazer uma...

E vai ser a minha sapateira um dia *[no nicho da pia retirada]*...

Tá. Você tem muitos sapatos?

Já tive mais, mas como agora... eu torci esse pé, já várias vezes. Já rompeu o tendão. [...] Aí não uso mais salto, mas quando... eu já fui viciada em sapato.

Ah, é? *[Risos]* Sapato é um problema, né?

[Ininteligível] mas hoje eu não sou não.

Esse armário é só das suas roupas, não?

[Ainda rindo] Também é do meu filho.

Ah, seu e do seu filho? *[Ela confirma]* Ah, que legal isso aqui. Você também já tinha?

Já tinha também ...Tudo eu já tinha.

Ah, tá. Ah, é, você me falou. E ele é um... como que chama? Ele é um baú?

É. Puff baú. *[Fig. 16]*

Você guarda coisas dentro? *[O baú mede ~120,0 compr x 35,0 prof x 40,0 cm alt]*

Guardo cobertor, roupas... às vezes tiro roupa pra doar, deixo aí até...

⁸⁰ Nas duas vezes em que perguntei diretamente, não consegui confirmação dos entrevistados sobre importâncias atribuídas por eles a essa sapateira com zíper [comum em várias moradias]. A impressão que ficou é que não a consideraram especial.

Tá. É uma coisa de depósito, é, legal. A cama é bacana, né? Ok.

É antiga.

É, mas de madeira, né?

Ahãm.

De madeira. Deixa eu só fazer uma... umas fotos... umas... como é que diz? Fazer o chão. Que daí eu meço esse piso, o quadrado dele, e daí eu consigo desenhar. Uhum, tá.

Por que você quer colo? *[Falando com o cachorrinho]*

Onde você comprou... você lembra onde você comprou esses móveis? Por exemplo, onde você comprou esse *[o guarda roupa]* ...

Esse aqui eu comprei com um rapaz que ele vende na porta.

Ahh, que legal *[surpresa]* ... Conta pra mim como é que é que eu não sei como que é isso.

É catálogo ... Ele tem catálogo, ele vende na porta. Aí eu comprei quando eu morava lá no Valo Velho, lá em Itapeçerica.

Tá, ele vende, tem um catálogo, vocês escolhem e ele entrega?

Ele entrega.

E você não sabe [...] se é de alguma loja? Porque ele é um móvel desses que é feito em indústria, né?

É. Ahãm.

Então ele deve revender, sei lá, de algum... ou ser um vendedor [...] Olha, eu não sabia que isso existia.

Existe.



Fig. 15 – sapatos ‘tomam sol’ na sacada, a vista para a mata



Fig. 16 – a sapateira de zíper à esquerda, o pufe baú aos pés da cama

Legal, legal.

A cama fui eu que ganhei ... Faz uns quatro anos.

Ah, não é muito tempo.

Ela já era do meu sobrinho, já ... Meu sobrinho usou um tempo ... Aí eles trocaram aí eu...

Tá, tá. Deixa eu ver a cama. Qual que é a diagramação *[em relação ao piso]* dela. Tá. Ok. Tá bom. Aqui tem alguma coisa *[atrás da porta]*?

Minha tábua de passar *[risos]*.

Ahã. Tá bom. Uhum. OK. Tá, obrigada. A porta bate é? *[Nota um peso no piso ao sairmos do quarto]*

Bate é.

É o vento?

Se estiver aberta aquela lá, o vento bate.

Tá bom. É, faz sentido.

Aí é meu aparador de porta.

Ahã. Muito bom. Ele é de... ele é duro?

É tijolo *[O tijolo está pintado de branco. Risos]*.

Ah *[risos]*. Tá. E esse outro quarto?

00:13:14

Esse é da S*, né.

Da S*. Então moram aqui só você e sua filha, não?

Eu, minha filha e meu filho que vem de vez em quando.

Tá, tá. Tá bom. E daí quando ele vem ele dorme aqui?

Dorme aqui. *[Aponta o sofá-cama cinza, na sala, onde a filha está sentada olhando o celular]*

Ahh, tá.

Tem o sofá, né. Fica a caminha *[Ininteligível - do Tyson, o cachorrinho.]*

Ah esse... depois você me mostra esse sofá?

Uhum.

Tá. Então vamo lá. Aqui é o quarto da S*.

É.

S*, tô entrando no seu quarto! *[Do sofá, ela permite. Risos]*

00:13:46

Desculpa aí qualquer coisa. Ah, deixa eu ver. *[Fig. 17 a 20]*



Fig. 17 – entrada: quarto tem planta não ortogonal; detalhe da cama que excede a parede na qual se encosta

Quer que acenda a luz?

Quero. É aqui?

É ali. [Indica o interruptor]

[Acendo a luz] É, é bom sim. Ai, que bonitinho o... a coberta. Tá. [Risos. A coberta tem aparência infantil, é rosa com figuras do Mickey Mouse.]

Né, bebê. Fala: "Eu queria pra mim, mas ela não me deu." [fala com Tyson, que está no seu colo]

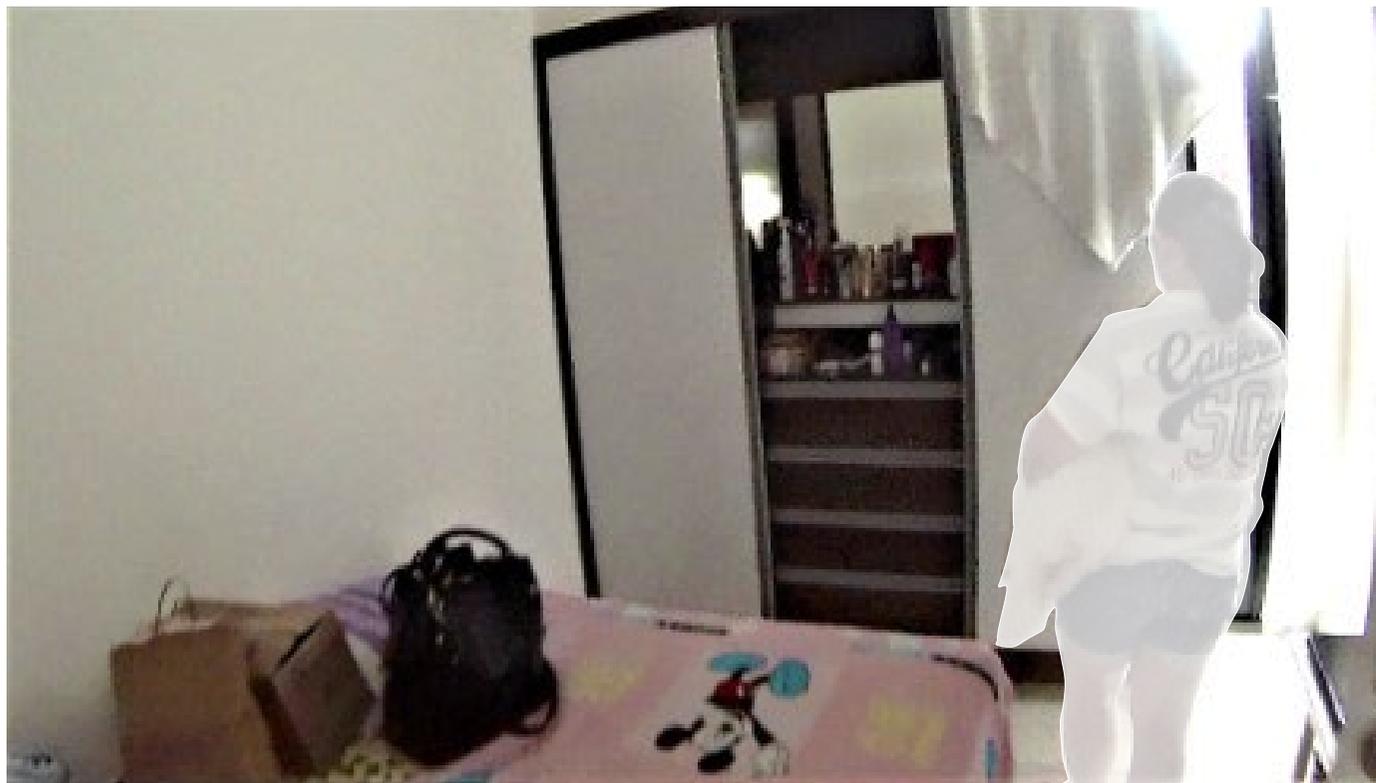


Fig. 18 – quarto visto da entrada; armário ao fundo invade grande parte da porta de vidro que acessa a sacada

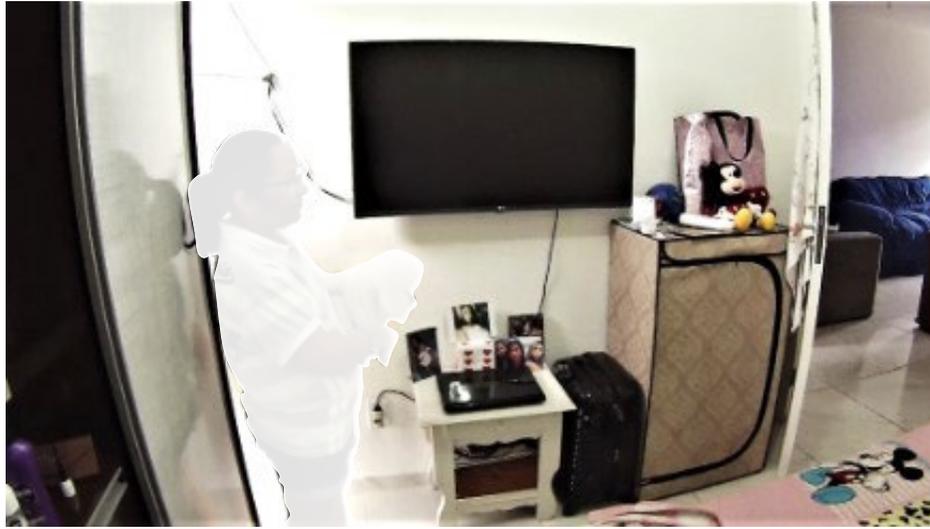


Fig. 19 – quarto visto de costas para o armário; acesso à sacada está atrás de Elisa



Fig. 20 – detalhe da entrada vista de dentro do quarto, costas para a sacada

E esse **armário**? É mais novo, não?

Esse aí [...] é mais novo. Esse eu **comprei** já quando a gente já tava... **quando a gente mudou.**

Ah, esse foi pra cá?

É, esse já...

Ahh, tá bom. É, ele tem cara de ser mais...

É, o armário e a cama foi...

Ah, **a cama também**?

Também.

Posso olhar? É daquelas camas "box", não?

É. E o quarto aqui a mesma coisa, cheio de roupa, cheio de...

Abre um pouco a porta de correr da sacada, que está sendo usada para secar roupas e como depósito para objetos variados. [Fig. 21]



Fig. 21 – sacada, objetos no piso

Tá, tá. Entendi, entendi.

[Ininteligível] coisa lá fora.

É, tô vendo. Uhum, uhum.

A gente acabou guardando, deixando aí pra guardar, mas *[ininteligível]* jogar fora.

Claro. Legal esse armário. Ó que bonito aqui, né? *[Falo das portas de correr do armário, que têm a frente branca texturizada, imitando tecido. O armário mede ~184,0 fr x 48,0 prof x 198,0 cm alt].*

Ahãm.

Posso abrir um pouquinho, não? *[A porta faz algum ruído ao deslizar no trilho]*

Pode.

Tá. E esse daqui foi comprado onde?

Casas Bahia.

Casas Bahia, né? Tá. Ok. E aqui é só roupa dela.

Só dela.

[...] Uhum. Ah, deixa eu ver o... a televisão, grandona, especial só pra ela.

Só pra ela.

Ahãm. Olha, que bonitinha essa mala. Ela viaja muito?

Não.

Nossa, que mala profissional. A sapateira. Uhum, uhum. **Essa sapateira** *[de zíper também, medindo ~60,0 fr x 32,0 prof x 100,0 cm alt]*, é que eu nunca vi ela, eu sempre vejo ela montada. Quando vocês compram, ela vem montada assim ou ela vem desmontada?

Vem. Vem assim mesmo.

Ela vem assim, inteirinha? Ah, tá. Cheguei a pensar... e ela deve ser levinha, né, ou não?

É levinha.

Tem cara. Tá. E aqui. Ahã, os aparelhos todos. Tá. Deixa eu ver o chão como é que é. É difícil isso aqui, vai ser difícil de desenhar. *[Filmo o piso]*

É?

[...] Tá. E essa cama é a cama "box", né?

É a cama "box". *[A cama mede ~138,0 larg x 188,0 compr x 60,0 cm alt]*

Tá. E ela é daquelas que têm... que abre, não?

Não.

Tá. Aquelas que abrem são tão grandes, né? Eu acho estranho. Não sei se funciona muito bem. Eu nunca... é muito raro de ver.

Pra um quarto grande, dá sim [...] **Eu tenho vontade de ter uma daquela.**

É? Bom, faz sentido, né?

É, porque **aproveita muito espaço, né?** ... Por causa do baú ... Ainda mais a gente morando em um lugar que é frio, **muito edredom, muito cobertor.**

Aqui é frio?

Não, **até que não.**

Vocês já pegaram é... já pegaram frio?... Quanto tempo que você mora aqui?

Vai fazer um ano. A gente pegou o inverno aqui.

[...] Como é que é o inverno nessas... por exemplo, pra vir aqui pra fo... nas escadas, nos... não é uma coisa que é muito frio não?

Não. Não achei não.

Ah, tá, você já teria sentido.

É, porque onde a gente morava é mais frio. Itapecerica é mais frio.

Ah, tá. Entendi.

00:17:35 *Fim do primeiro trecho. A entrevista foi feita sem cortes mas a filmadora dividiu automaticamente os arquivos, recomeçando do zero em seguida.*

00:00:00

A gente não sente muito frio por causa disso [...] E aqui, depois de tudo fechado, é quentinho.

É, né? Não, é, eu tô falando a circulação fora, assim, do prédio.

Não, não é muito, não.

[...] Entendi. Tá. Eu pensei nisso. Falei "bom, como será que isso funciona?" *[a circulação aberta]*. Tá.

[Elisa apaga a luz e sai do quarto, com Tyson no colo]

00:00:21

A sala⁸¹, o banheiro, você já viu, né?

Sim.

Agora, a cozinha *[passando pela sala]*.

Tá. Depois você me mostra os sofás.

Ah tá.

Aqui, é a cama do cachorrinho ... do 'gatinho' *[risos]*.

Do 'gatinho' *[risos]*, né? *[A cama do Tyson fica no chão, entre os 2 sofás]*

Hã? *[risos]* E esses sofás, vocês já tinham?

Já *[risos]*.

Essa pergunta acaba nos parando na sala, que ela ainda não havia apresentado. [Fig. 22 a 24]

⁸¹ Na verdade Elisa havia passado direto pela sala no começo da entrevista.



Fig. 22 – sala vista da entrada: sofás ao fundo; aparador TV à esquerda; mesa jantar canto frontal à direita



Fig. 23 – sala: à esquerda do aparador TV vê-se a entrada para lavanderia e cozinha



Fig. 24 – sala: mesa de jantar fica frente à janela [que vai quase até o piso], à direita de quem entra no apartamento; banquinhos empilháveis são usados também como mesinhas, na lavanderia e sacada

Tá. Ok. E essa estante também [vocês já tinham]?

Também.

Tá. Olha, legal essa estante, né? Desculpa eu ficar olhando... É que eu trabalhei com...

Você falou...

...Com móveis. Então eu sempre olho como é que é feito [risos]. Às vezes, eu consigo saber pelo jeito, é... que época mais ou menos que ele foi feito, né? E você... esse móvel aqui, você comprou, você ganhou? Você...

Esse móvel foi o meu cunhado que ganhou, que ele faz móveis, né? E aí, na montagem que ele vai levar, o que ele vai tirar e acaba ganhando, né? Aí ele me deu.

Ah, entendi. Ô, ficou bom aqui, né? *[O aparador excede alguns centímetros a parede que o projeto arquitetônico indicou como 'o local da TV' e mede ~150,0 fr x 50,0 prof x 90,0 cm alt]*

Eu até já falei pra ele ganhar guarda-roupa *[risos]*. [...] Ele até já ganhou, mas... o trabalho não sobra só pra ele né *[ininteligível]*.

Ah, sei. Entendi. É. Esse móvel... Sei lá. Ele tem um certo jeito de móvel que foi mandado fazer, você não acha? [...] Ó aqui, ó, tá vendo? *[Mostro o detalhe do puxador na lateral, escavado no encabeçado de madeira maciça da porta.]*

É [...] Porque ele é junto [...] Ele é junto com aquela comodazinha ali *[ela se refere ao gaveteiro que está acima da máquina de secar roupa, no nicho perto do banheiro]*.

Ah, eu vou então... Eu vou mostrar ela daqui a pouco. É isso mesmo. Ó. Posso abrir? *[Tento abrir a porta da esquerda e não consigo.]*

Ah. Aí tem até cola.

Ah. Aqui não *(risos)*. Tá, entendi.

Coloquei cola, né?

'Não é pra abrir'.

[Falaram] 'cuidado que essa cola é boa'. Não acreditei muito, e aí a cola escorreu. *[Risos]*

Ah é. Ele é mandado fazer, sim. É feito sob encomenda ele. *[Abro e fecho portas]*. Com certeza, né? Legal.

E é isso aí mesmo. *[Fig. 25 a 27]*



Fig. 25, 26 – o aparador TV – o puxador da porta escavado no encabeçado de madeira, espessuras robustas, bordas abauladas, madeiras ‘de verdade’, características de marcenaria tradicional, talvez sob encomenda.



Fig. 27 – a ‘comodazinha’ parte do conjunto do aparador TV

Deixa eu ver qual que é o tamanho dele [Filmo o piso]. Tá. Ok. E você falou que esse que é o sofá-cama? [Ela confirma] Como é que ele abre? Ele abre ‘assim’?

‘Deixa eu abrir’ [falando com a filha que estava sentada no sofá-cama. Ela se levanta e Elisa tira a caminha do cachorro que atrapalhava a abertura].

Hã? Ah, não, tem que tirar muita coisa? É muito difícil, não?

Não. Só puxar.

Ah tá. É? É que eu fiquei curiosa (risos).

[...] Puxa aqui. [Desdobra a primeira parte do estofado] E se quiser que fique maior, daí tem empurrar o sofá... [Fig. 28 a 30]

Empurra pra lá e ele fica uma cama (risos).

Você gosta, né? (conversando com cachorro, que sobe no sofá e pede colo) 'Mas nós não vai dormir'.

Tá bom. Tá bom. Entendi. E... Mas ele usa isso não é todo dia, né?

Não, não. Só quando ele vem.



Fig. 28, 29, 30 – para a abertura total do sofá-cama é necessário deslocar o sofá azul

Tá. Entendi. E esse sofá você comprou pra cá, não? Você já tinha também?

Eu já tinha ele também.

Tá bom. E esse outro aqui [o azul]? Deixa eu te ajudar [a fechar o sofá-cama]. [O sofá azul mede ~200,0 compr x 80,0 cm prof e o sofá cama ~160,0 compr x 80,0 cm prof]

Esse aqui faz tempo que eu tenho [...]

Tá. Esse faz tempo.

É. Esse aqui era jogo de uma sala, antigo [...] Mas aí eu... Ficou um com o meu ex-marido e o outro veio pra cá (risos).

Ah tá (risos). Divisão de bens?

É (risos).

00:03:47

(Risos) E essa mesinha aqui? (Falo da mesa de jantar, redonda, que fica frente à janela da sala.)

Ih, essa aí é velhinha também.

É? Posso olhar como ela é?

Pode.

Ah, olha só que tampo bonito, né? [Levanto a toalha, o tampo é de mármore, a estrutura é metálica, tubular, branca, rodinhas nos pés] Bonito. Ela sempre foi sua mesa de jantar? [Fig. 31]

Não. Quer dizer, ela... É. Sempre foi ... Porque foi a primeira mesa que eu comprei, né? Então sempre foi [ri, determinada].

Foi a primeira mesa que você comprou?

Foi.

É? Quando você casou, assim, ou não?

Não. Quando eu separei [risos]... Quando eu separei [risos].

Mas era da outra casa?

Era da outra casa.

Daí você comprou uma mesa pequena⁸² e tal...

É. É, porque a minha cozinha era tão pequena quanto essa também.

⁸² Eu não deveria ter usado o 'pequena', pois pode ter parecido uma crítica ou desmerecimento.

Tá.

Aí eu comprei essa mesinha pequena, porque aí cabia na cozinha.

Entendi.

Tinha quatro cadeiras, que já se foram.

Ah, tá. E você usa, agora, o banquinho. O que também economiza espaço, né?

É [risos].

Não é? Eu acho. Muito legal. [Os banquinhos medem ~35,0 x 35,0 x 45,0 cm alt]

É. Quando não tá em uso, põe tudo em cima do outro.



Fig. 31 – mesa redonda, ~80,0 cm diâmetro, rodinhas nos pés, tampo de mármore, estrutura tubular metálica

[...] Ok. Tá bom. E, aqui, a...

A cozinha.

Vamos lá.

00:05:11

Já falei, né, do piso sobre piso, que eu coloquei piso, né?

Tá. Entendi.

Então, aqui, não tinha esse batente *[aponta o degrauzinho para entrada na lavanderia/cozinha], era uma ardósia, uma pedra daquela, né? [Aponta a soleira da porta de entrada do apartamento]*

Como é que é? Aqui não tinha...?

Não era aqui, esse piso não era alto assim. Tá alto porque é sobre piso.

Tá, mas esse desnível...tinha um pouquinho, não tinha?

Tinha um pouquinho. Tinha um piso original com essa pedra aqui⁸³ *[abre a porta de entrada do apartamento e mostra a pedra da soleira].*

Hã? Deixa eu ver [...] Era só uma pedrinha a mais...

É.

Ah, entendi. Entendi. Entendi. Agora subiu um pouquinho.

Agora subiu um pouco. *[Elisa entra no hallzinho entre lavanderia e cozinha] [Fig. 32]*

⁸³ As unidades foram entregues com piso branco no banheiro, cozinha e lavanderia, onde tinha essa pedra de transição, preta. O contrapiso da sala e quartos previa a instalação de cerâmicas sem a geração de degraus.



Fig. 32 – o degrau entre a sala e o hall que acessa lavanderia [ao fundo] e a cozinha [à esquerda]

Tá. Entendi. Aqui é o lugar da...

Geladeira.

E aqui tem esse... Que que é esse negócio aqui em cima? É um armário?

É. Um armário. É.

Ah tá. Eu pensei que fosse do próprio duto...

Não, é o armário.

[...] Ah. Olha, e coube direitinho! Hã? Já tinha ele?

Ainda cabe um maior ainda [...] Cabe um que vem até aqui.[Risos]

Falamos do armarinho aéreo sobre a geladeira, que é mesmo um pouco menor do que o nicho. [Fig. 33]

[Risos] Não, mas ele coube bem, né? Interessante.

Ainda cabe maior. Eu falo pra S*, 'dá pra colocar um armarinho muito bom aqui'. É que só tinha ele...

Hã? Qual que é a sua ideia?

Dá pra fazer um armário bom, um armário grande mesmo ... Eu não sei se... Acho que é porque eu gosto de cozinhar, né? Muita panela, muita vasilha.

É? Hã?

A gente gosta... Ela gosta de fazer doce. Eu gosto de cozinhar.

Ai, que delícia *[risos]*.

[Risos] Então tem muita... muito cacareco, tem muita panela, muito tupperware... Muita bacia!

E como vocês estão se virando aqui? Com esse monte de coisa? Você tá guardando aonde?

A gente tá se virando, né? Vai colocando aí dentro *(risos)*.

Então, quais são os armários que você... Vamos ver quais são os armários que você usa pra cozinha. Aqui? É esse?

Todos eles.

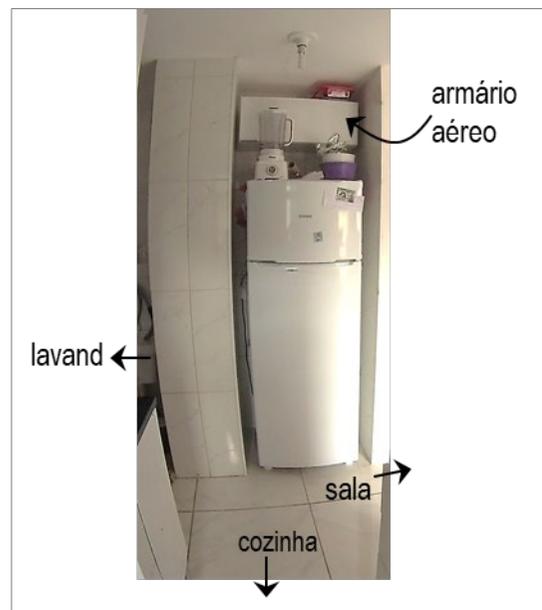


Fig. 33 – nicho da geladeira e seu armário aéreo

Tá.

Né? Esse aqui tem vidro [copos], né?

Abre uma porta do armário aéreo [~105,0 compr x 30,0 prof x 67,0 cm alt], conjunto com o aparador em baixo [~105,0 compr x 50,0 prof x 92,0 cm alt], que guardam utensílios da cozinha, embora estejam localizados na lavanderia. [Fig. 34]

Que também você já tinha?

O armário não [...] Esse eu comprei aqui.

Comprou aqui. Tá. E comprou aonde?

Comprei... Ponto Frio?

Ponto Frio? [Ela confirma] Ah. E você comprou aqui e ele coube direitinho também?

Coube.[...] E eles falam... que não pode usar, né, aqui porque é lavanderia, então, no caso, eu tô errada.

Eles dizem que cê não pode por aqui? Por quê?

A cozinha é minha, eu faço o que eu quiser. *[Fala calma e decidida. Rimos muito, as duas]*

Ai que bonitos. Hã? Que bonitos. *[Refiro-me aos copos num nicho aberto do armário aéreo]* **[Fig. 35]**

[...] Eu não estou prejudicando ninguém, né?

É, eu fico pensando por que eles não querem. Tem alguma coisa a ver com...



Fig. 34 – armários 'de cozinha' na lavanderia



Fig. 35 – armário aéreo, detalhe

Fala que não pode mexer em nada, que não sei o quê... É, até a... **pela planta, a gente sabe onde deve furar ou não deve furar, né?** [...]

Sim. Isso é importante.

Então tá. Eu fiz isso. Não prejudiquei a estrutura do prédio... Aqui podia furar, né?

Podia furar?

Podia... Aqui também. [...] Essa aqui não pode. Essa... Não pode. Essa daí não pode. *[Aponta as 2 paredes que formam o nicho da geladeira]*

Porque tem canalização?

É... É canalização... É água, gás...

Ah, gás. [...] Onde será que vem o gás? Será que aqui, você diz?

Vem aqui... Passa por aqui, ó. Pera aí. Deixa eu... Aquele... tá vendo o negócio amarelo? O cano amarelo?
[Mostra pela janela que fica no canto, a canalização que chega nos apartamentos] [Fig. 36]

Ali é a canalização de gás.

Ah, entendi. Entendi. Ah, dá pra ver, inclusive, né? [...] E ele entra pra cá e entra pra cá também? É isso?
Tem do outro lado?

É.

Tá. Ok. Entendi. Entendi. [...] E aqui, então, você aproveita pra... pra aumentar a sua cozinha, digamos assim.

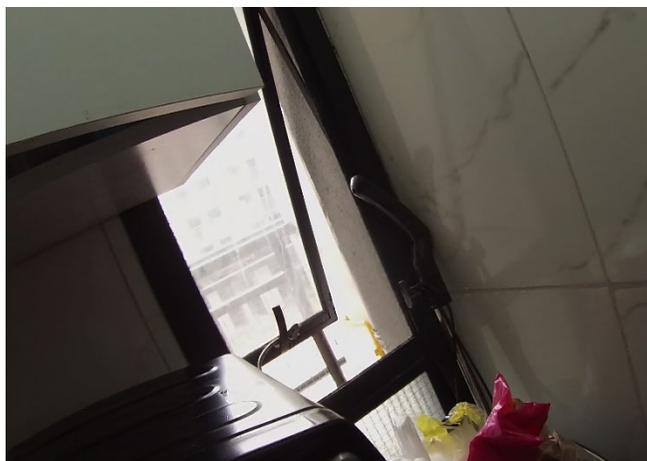


Fig. 36 – canto da janela, que rasga a parede até o piso

Uhum É.

Ahã. E tem a máquina de lavar. Aqui a... Então, você não coloca... Não tô vendo nem varal aqui, né?

Não. Não uso aqui como... **Só uso a máquina.** [Fig. 37]

Tá. Pra secar roupa, não é aqui?

Não.

[...] É. Eu achei que a ventilação não era das melhores...

A minha irmã consegue secar.

Ela consegue?



Fig. 37 – tanque e lavadora de roupas

Ela consegue ... Mas ela não tem armário. Ela só usa mesmo como lavanderia...

Daí dá? Tem uma ventilação cruzada...

[Ela] tem só um desse... Um móvel desse aqui. [Aponta o aparador] Mas é que eu acho feio também, né?

Aqui é? Ah, mais ou menos ...

Acho feio e... fazer comida, né? Fica um pouco cheiro de comida.

Ah é. Não tinha pensado nisso.

É. [...] Você faz comida. Dependendo da comida...

Frita bife...

Muita fritura... Já pensou você fritar um peixe com roupa pendurada? [Rimos] Tem um edredom aqui pendurado e aí você vai fritar um peixe...

Você perde o trabalho... [Rimos] Sim, entendi perfeitamente.

Ah não. Eu acho... [filmando, de costas, tropeço no degrau para a sala] Cuidado!

De novo! Não, pode deixar ... Ali em cima você está guardando coisas de cozinha também, né?

É. Esse aí é de cozinha também. [No teto do armário aéreo há um eletrodoméstico e uma tigela de vidro]

Tá. E o que que é aquilo lá? É uma...

É tipo um 'grill'

Ah, você usa?

Éé [usa o tom de 'mais ou menos'] ...Tinha que usar mais, né? Mas eu prefiro fritura, é mais gostoso... [Rimos]

[...] Sei, sei ... cê sabe que eu tenho preguiça de fazer fritura, de lavar depois.

Mas isso aí [o grill] é ruim pra lavar também.

Isso é ruim? Ah tá ...

E não fica tão bom não nisso aí...

Entendi. Não? Eu achei que era de [fazer] pão aquelas coisas, assim, mas não, ele é grande, né?

Ele é grande.

00:10:38

Tá. Então eu tô só vendo aqui a cozinha, como é que faz a... [filmo o quadriculado do piso] tamanho dela. Eu ainda vou tentar achar a planta⁸⁴ mesmo, mas...

⁸⁴ Posteriormente, junto à SEHAB [PMSP] e junto ao NAPPLAC [FAU USP], tive acesso a plantas e mais informações sobre as intervenções na Viela da Paz.

E esse móvel aqui? Você comprou também, especial pra cá, né? *[Falo do móvel que fica na entrada da cozinha e mede ~70,0 fr x 40,0 prof x 207,0 cm alt] [Fig. 38]*

É. Veio tudo junto.

móvel na entrada da cozinha

móveis 'de cozinha' na lavanderia

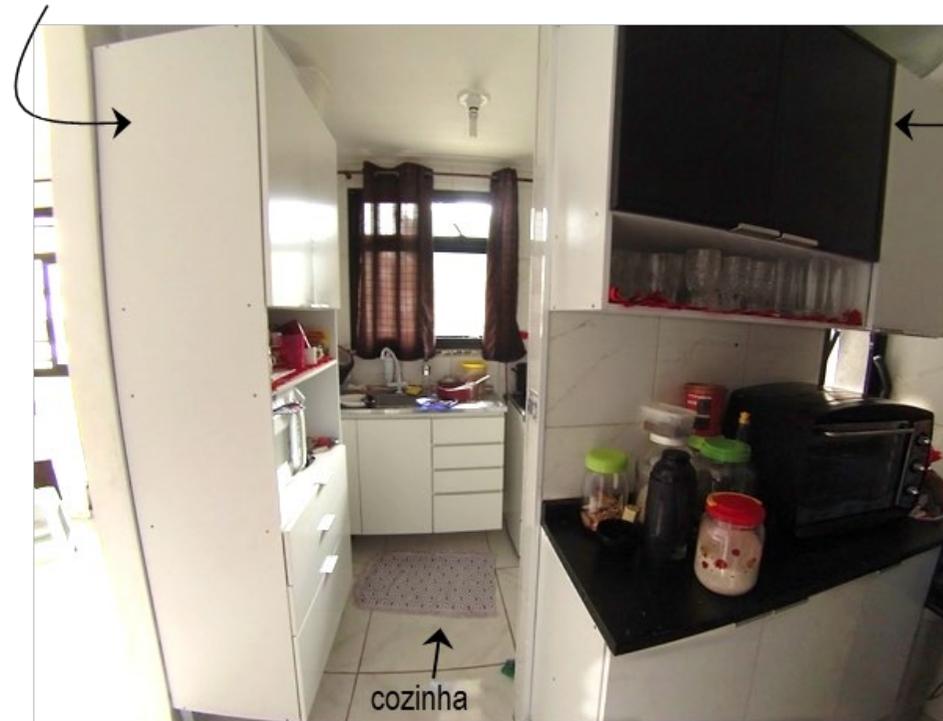


Fig. 38 – cozinha vista de costas para a geladeira: móvel na entrada, pia à frente, fogão oculto à direita

Ah tá. Ok. Ah, tem uns móveis bons, né? Pequenos, assim, que dá... pra se virar... Não é?

É... Dá pra começar. [...] Porque eu não pretendo finalizar com eles, né, mas... *[risos]*. **[Fig. 39 a 41]**



Fig. 39 – vista geral da cozinha, pia [120,0 cm] de aço, original do apartamento, gabinete feito pelo cunhado

o



Fig. 40 – canto esquerdo: lixeira atrapalha porta da pia



Fig. 41 – canto direito

[...] Ahã. Entendi. Cê tem já alguma ideia do que...

Não tenho. Então, o meu sobrinho, ele é projetista...só que ele é *muito* preguiçoso também, né? Que o meu cunhado é marceneiro, né? E ele que faz os projetos. [...] Precisa de um tempo também pra ele vir aqui [*ininteligível*] porque ele é muito preguiçoso.

Entendi.

Nossa, ô ... adolescente, né?

Hã? Ah tá. Tá [*rimos*], [ele] tem *muitas* coisas pra fazer.

Falo pra ele, 'Du, faz um desenho pra tia, faz um projeto aí bom!' [*Rimos*] Né? [...] Porque o meu cunhado falou que ele faz, não sai muito caro, inclusive *o gabinete foi ele que me deu*.

Ahh, essa pia veio junto, você não trocou a pia?

Não. A pia, eu não troquei não... só que só vem a pia, não vem gabinete.

Sim. Entendi. Ah, e tem uma boa janela, né?

Tem [...] *Aqui, a iluminação é ótima*.

É?

É. Aqui, *economia de energia* durante o dia dá pra...

Ah, porque isso é importante, né?

É, muito [...] Pega bastante a claridade [...] *Eu gosto de lugar bem claro*.

Entendi.

Tanto que tudo é branco, né? [...] Nem as paredes eu pinte. Pinte de branco [*risos*].

É verdade, é verdade ... tem muita gente que acaba achando que branco sei lá o quê, e pinta de outras cores. E você tem razão...

Tem gente que fala 'ah, mas branco suja muito', mas aqui foi proposital. *O branco foi proposital, porque suja muito. Então, se suja muito, a gente vai ver a sujeira, né?* [*Rimos*] Se suja muito, tem que limpar.

Tem que limpar muito.

Né? Se você põe um piso escuro que não dá pra ver a sujeira, então vocês não vão limpar ... né?

Sim. *[Rimos]* Qual que é a lógica?

Como não tenho umas crianças que...são muito adepta à limpeza, né? São tudo preguiçosas, então prefiro que já veja a sujeira, que já vai lá e tira.

Entendi. *[Rimos]* Entendi perfeitamente.

Fiz de propósito o branco. O claro foi de propósito. *[Rimos]*

É mesmo. Tá tudo branquinho. É verdade. Os pontos de luz você também não mudou? Tá tudo certo?

Não. Mudei nada.

Tudo igual do que veio?

Tudo igual.

E ele veio com esse bocal?

Veio, tudo... Até a lâmpada.

Até a lâmpada? Ai, vem com lâmpada? Que chique.

Vem com lâmpada.

00:13:26

Saímos da cozinha e voltamos para a sala.

Que legal. Você me falou que esse daqui, esse móvel era conjunto desse outro aqui, né?

Refiro-me ao aparador da TV. Vou até o gaveteiro que está sobre a máquina de secar roupa [no nicho da pia do banheiro retirada] e confirmo. Têm o mesmo desenho.

[...] Entendi. Esse aqui é um bom lugar, né?

Então, era uma estante grande, na casa era uma estante grande... daí eu aproveitei com o rack [o aparador da TV] e [ininteligível].

Sim, sim É um bom móvel esse. Bem legal. Sapatos também aqui embaixo. Sapatos, sapatos, sapatos [risos]. Aqui também você falou que tem sapatos, né?

É. **Aí [nas gavetas] tem mais coisas de banheiro, também.**

Aqui também tem? Tá. Entendi. Ah, tá bom, né? Tem mais alguma coisa que você quer...?

Não. Acho que já foi, né, tudo.

É? Você... Quando você morava...? Você morou...? Essa casa é maior ou menor do que as casas que você tá acostumada a morar? Deixa eu ficar fora do... Pode ficar aí. Eu tô muito contra a luz.

É.[...] **É maior** do que a minha mesmo, né, a minha na viela, quando era viela... é maior.

Você morava aqui?

Morava. [...] Ali. Não têm aqueles dois prédios? Morava ali. Esses dois prédios novos que estão construindo.

Sei, sei.

Ali era... o começo da viela, né? Eu morava lá.

Ah, tá bom.

Aí, era um pouco menor. Tinha dois quartos, mas era pequeno. Uma salinha pequena também, uma micro cozinha e um banheiro. Não tinha quintal, área de serviço, nada.

Tá. Entendi. Então, aqui é maior?

É.

Então, melhorou mesmo, né? Tá.

Melhorou... o espaço melhorou muito.

Tá.

Bem melhor.

Ok. Tá bom, então. Acho que é isso, né? Aqui é o quadro de luz...

Aí é o quadro de luz. [O quadro fica logo à entrada, na parede da esquerda, atrás da porta quando aberta.]

Tá. Ok. Acho que é isso. Tá bom. Deixa eu fazer uma foto.

Ah, pega a porta aqui.

Hã? Fala.

Pega a porta. Olha a folga da porta, ó. [Fecha a porta e mostra o risco de luz que vem de fora, ao longo do batente.] [Fig. 42]



Fig. 42 – o risco de luz que entra pela folga da porta

Ah. Puxa, e logo a porta de...

Da frente. [...] Aí por dentro...Vou ter que trocar a porta também.

É. Tá uma boa folga mesmo.

Tá muita folga. [...] Eu não sei se são todas assim.

Ah, eu vou reparar.

Eu não sei.

Aqui ele abre só em cima?

Refiro-me à janela da sala, que abre para a varanda coletiva de acesso aos apartamentos e está protegida por cortinas. Generosa, a janela vai até perto do piso onde tem uma bandeira fixa com vidro fosco até a altura de ~90 cm, encimada, com vidro transparente, por 2 folhas de correr e, finalmente, uma bandeira basculante] [Fig. 43]



Fig. 43 – a janela da sala

Não, aqui ele...

Não, não. Abre aqui. Tô vendo. Já vi. Já vi. E aqui, é... Interessante o projetinho, né? [...] Porque esse corredor aberto, ele é uma espécie de rua, né? Uma rua particular, digamos assim.

É.

É legal, né? [...] E dá certo o esquema ou você se...

Dá, dá. [...] Porque assim [...] Eu já morei em apartamento uma vez, né? Eu não gosto muito de apartamento. [...] Mas aqui parece que você não está em apartamento. [...] Por causa desse ... [aponta o corredor aberto].

Exatamente. Eu senti isso.

Né? Parece que você não está em apartamento.

É. Eu vendo pelo projeto, eu achei um pouco estranho, não... assim, falei 'hum, não sei se vai funcionar', mas andando por aqui... a sensação é outra.

Funciona. Eu também achava. 'Nossa, mas vai ficar um passa a passa de gente na porta, fica chato', mas [...] É tipo morar em viela, então...

Tá. E se você quiser, você fecha também, ué.

É. Fecha também, é. [...]

00:17:00 Saímos para o corredor aberto.

É [...] Você não percebe que está em apartamento. Você não sente que tá em apartamento.

Isso. Parece que tem uma ruazinha [...] Tá. Entendi. Isso é uma informação importante.

Pra gente que é acostumado a morar em rua, rua normal, ou até mesmo viela, né? É diferente apartamento. Apartamento, você se sente presa, né?

É. Aqueles corredores fechados.

Aqueles corredores fechados. Você abre, aqui, você abre sua porta normal. Você não vê cara de vizinho. A mesma coisa que apartamento. Mas é isso. Parece que cê tem mais liberdade. [...]

00:17:35 Fim do segundo trecho. A entrevista foi feita sem cortes mas a filmadora dividiu automaticamente os arquivos, recomeçando do zero em seguida.

Entendi, entendi mesmo. Você já pegou alguma chuva muito forte aqui?

Já. [...] Domingo choveu muito forte aqui. [Risos]

E não entra dentro de casa?

Não. Não chegou a entrar não. [...] Não sei, fui trabalhar na hora da chuva, mas não.

Tá. [...] Mas cê saberia, né? Se tivesse entrado. [Risos]

Eu perguntei pra minha irmã.

Tá. Ah, legal. Tá bom, então. Acho que é isso, gostei muito da sua, do seu depoimento, acho que você deu depoimentos que vão ser muito úteis para, pra quem projeta as casas. [...]

Você bate naquela tecla lá daquela pia lá.

Pode deixar comigo.

Quando tiver um projeto com, com esse mesmo... ó, todos aí vão ser iguais né? *[Aponta as moradias em construção, do outro lado da rua].*

Provavelmente.

Acho que todo mundo vai fazer a mesma coisa que eu fiz *[transferir a pia para dentro do banheiro].*

Talvez eles mudem alguma coisa. É, então, eu te falei, né? Que eu visitei só dois apartamentos até agora, os dois mudaram. Não sei como é que é o resto.

Aí ó. Eu acho que eles *[os projetistas]* tinham que mudar, ao menos nesse ponto.

É, entendi.

O banheiro, achei que poderia ser um pouquinho menor, mas aí [...] O comprimento deles *[é para]* os cadeirantes, né? [...] E como a, a estrutura é muita, né? *[Faz um sinal com a mão, 'de cima abaixo', indicando que fala do edifício]* [...] Então tem que ser a mesma coisa, mas...

Comento sobre o vão que há entre a porta e o piso de fora.

[...] Essa porta, essa porta é grande mesmo. [...] Até pensei em comprar aquela borracha. [...] Mas não adianta, essa folga também.

É, não é muito difícil de arrumar. Quer dizer...

A porta dá pra trocar.

É, exatamente. E um bom marceneiro que você tem, pelo jeito.

[...] Mas o meu cunhado não tem tempo, ele é muito solicitado. [...] ele trabalha por conta.

Trabalha por conta [...] Então eu vou desligar, só vou fazer uma, uma vista daqui. Tá, ok. Vou desligar então, tá bom? Muito obrigada.

De nada.

00:02:53 ----- f i m -----

12. Andressa⁸⁵ Viela da Paz

transcrição entrevista gravada em vídeo em 16 agosto 2019

total 21:29 + 12:04 min [legenda: Andressa; Marido; Pesquisadora; anotações]

Importante: as descrições sobre materiais dos objetos se referem à sua aparência, a pesquisa não os verificou cientificamente.

A entrevista⁸⁶, combinada com antecedência, foi feita numa tarde ensolarada. Moram no apartamento 10 pessoas: Andressa e o marido, 6 filhos adolescentes e 2 bebês (não há telas de proteção nas janelas ou terraços). Além de Andressa (quase sempre rodeada pelos 2 filhos pequenos), seu marido participou de parte da conversa. O acesso aos apartamentos dos condomínios da Viela da Paz se dá através de um corredor aberto, que faz as vezes de terraço coletivo ou rua interna. Andressa me espera em frente da porta aberta do seu apartamento com a filhinha mais nova, que está aprendendo a andar. Ligo e confiro o funcionamento da câmera gravadora.

00:00:00

⁸⁵ Nome fictício.

⁸⁶ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

Deixa ver o número do apartamento (*sorri para a nenê*) ... oi Andressa, obrigada por me deixar entrar na sua casa viu ...

Oi (*sorri*) ... tá, pode entrar (*entra na casa*) ...

Hei bonitinha (*cumprimento a nenê que vai atrás da mãe*) ... deixa eu ver o número do apartamento ... (*a porta de entrada range um pouco quando movimentada*).

Andressa vai direto para o meio da sala de estar, entre o segundo sofá e o aparador da TV. O espaço anterior logo na entrada do apartamento - indicado pelos arquitetos e seguido normalmente pelos moradores para localização da mesa de refeições - está vazio, com uma exposição de fotos familiares dispostas de maneira informal na parede da esquerda, seguidas por uma grande tapeçaria que faz parte da sala, mobiliada a partir da entrada da cozinha/lavanderia. As cortinas, claras, penduradas em varão, são ligeiramente mais curtas do que o vão da janela, que se prolonga quase até o piso. As paredes mantêm a pintura branca original do apartamento, o piso é cerâmico, 13,2 x 53,5 cm, imitando tacos de madeira. (Fig. 1).

Então, cê quer me mostrar seu apartamento?

Isso.

Tá bom ... como que a gente vai fazer?

Andressa está com as mãos no bolso, meio sem jeito. Faz um gesto com a mão e anuncia 'sala' e já se dirige para outro cômodo: 'cozinha' ...

00:00:51

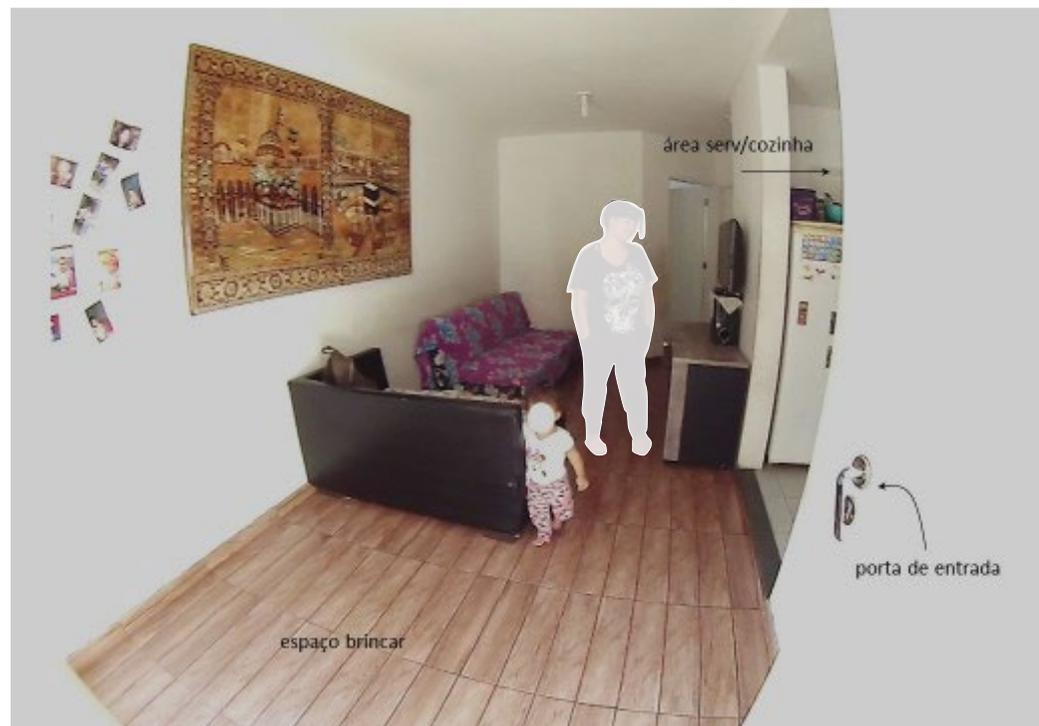


Fig. 1 – entrada do apartamento, sala, acesso à cozinha/lavanderia à direita, portas dos quartos ao fundo.

A lavanderia, que é mínima (ênfatiza), pequena, não dá nem pra chamar de lavandeira (rindo) ...

Como é que você consegue (rimos) ...

Não dá nem pra chamar de lavanderia (repete, fazendo um gesto com a mão pra baixo, definitivo) ...
então, pra usar aqui tem que tirar essas coisa⁸⁷ que tá aqui ... impossível!

⁸⁷ Aparentemente ela considera 'lavanderia' somente o espaço para pendurar e secar roupas.

Logo após a geladeira, na parede da esquerda, estão o tanque e a lavadora de roupa. Não há armários, alguns produtos de limpeza são apoiados na mini prateleira que é formada pela diferença de espessura da alvenaria, acima do tanque. Nessa mesma parede, a folha da janela do banheiro está aberta e fixada na horizontal, sendo usada como outra prateleira, apoio para uma caixa de isopor e uma caixa organizadora de plástico branco. Na parede da frente, encostado à lavadora de roupa, um tanquinho⁸⁸, seguido por 3 baldes emborcados um dentro do outro e sobre eles outro balde com a função de lixeira. Na parede da direita, a janela que se comunica com o exterior está desobstruída ... uma vassoura é pendurada no seu fecho. Não há varais fixos. (Fig. 2)



Fig. 2 – lavanderia, entrada para a cozinha à direita

⁸⁸ Tanquinhos são máquinas de lavar roupa mais simples, baratas e econômicas quanto ao consumo de água e energia elétrica. Embora os modelos mais novos estejam acrescentando funcionalidades, normalmente não centrifugam e precisam de alimentação e troca manual de água.

[...] Ah, isso aqui é um tanquinho! (*Andressa confirma*) Você usa ele, não? (*Pergunto, porque às vezes é uma peça residual de moradias anteriores, em desuso ou pouco uso*).

Uso ele. A máquina aí uso só pra centrifugar, porque **é tudo muito alto as contas daqui né?**

Ah, o tanquinho é mais econômico?

[...] Economiza mais né ...

Olha! Como você fez ali o “armário”! (*Aponto para a janela-prateleira*) Que interessante, eu nunca vi isso (*rimos*) ... é gambiarra que fala né?

É, é gambiarra (*rimos todos*).

Muito boa essa gambiarra, [...] muito interessante, ficou ótimo⁸⁹! (*Aproximo a câmera*).

00:01:42

Aqui é a nossa ‘super cozinha’ né querido (*irônica, falando com o marido que prepara lanche para os pequenos*).

Eu fico pensando como você consegue cozinhar (*pra tanta gente*) ...

Tem que ser só uma pessoa só porque ó, o meu marido e os dois pequenos ... se virar é capaz de se esbarrar em cima de um, porque **é muito pequena a cozinha né?**

E você costuma fazer as refeições pra todo mundo ao mesmo tempo ou ... cada um uma hora?

Sim [...] tudo ao mesmo tempo, uma vez só.

E quantas refeições você faz assim direto⁹⁰ ...?

Duas, almoço e jantar ... (*faz menção de mudar de cômodo*)

⁸⁹ As caixas apoiadas na folha da janela obstruem importante parte da circulação de ar, possivelmente agravando o mofo existente no banheiro, que Andressa me mostrará posteriormente.

⁹⁰ **Atenção pesquisadora: JAMAIS fazer esse tipo de pergunta!**

Tá [...] deixa eu só ver o que tem aqui (*entro na cozinha*). Ah que bonitinho esse armário hein?

Um mini armário! (*rindo*) [...] é, na verdade ele é uma fruteira, não é?

Ah é, tou vendo, é uma fruteira mesmo ... (*falando para a nenê que chega bem perto: 'cê viu, olha lá, viu?' Ela tenta escalar o móvel. Rimos.*)

O movelzinho, conhecido como 'fruteira balcão' no mercado moveleiro, está localizado do lado esquerdo da entrada da cozinha, frente ao fogão, tem **~60 x 35 x 75 cm h**, é branco, tampo com os cantos da frente bem arredondados. Abaixo da única gaveta ele é dividido longitudinalmente em duas partes: a metade da direita é fechada por uma porta e a da esquerda é um nicho aberto, com uma bandeja funda, roxa, ao meio do vão, apoiada em uma cesta aramada, sobrando dois vãos generosos acima e abaixo. Sobre o móvel, potes de plástico e vidro com mantimentos (Fig. 3). Brinco com as crianças que chegam cada vez mais perto da câmera, prometo que mandarei fotos depois. Uma das filhas adolescentes chega e abre a geladeira, situada no hall de distribuição para a lavanderia e a cozinha, no nicho previsto no projeto. Decorada com muitos adesivos, a geladeira não está centralizada, e o vão maior que sobra à sua direita é usado para guarda de um varal de chão (Fig. 4).



Fig. 3 – o movelzinho 'fruteira balcão'



Fig. 4 – a geladeira, o varal de piso guardado à direita, o marido lavando louça no tanque

Ah tá ... é apertadinho aqui né ...

É apertado.

Porque o forno, você tem que, na verdade ... (a nenê abre a portinha do armário, evidenciando a impossibilidade de se abrir ao mesmo tempo a porta do forno ou operá-lo de frente, mesmo com o armário fechado, como eu ia dizer) ..., mas você abre as portas direitinho, não tem problema ... não dá pra abrir as duas ao mesmo tempo. E pra tirar as coisas do forno é aqui de lado né? (Fig. 5)



Fig. 5 – espaço insuficiente para acesso frontal ao forno

Isso, tem que ser de lado ... senão não dá.

É isso aí. Mas é pouco espaço né ...

Pouco ... pequenininho demais.

Além do movelzinho-fruteira, a cozinha é equipada com fogão de 4 bocas ao lado da pia (sem gabinete) e uma 'fruteira de chão' com rodízios, sob a pia no lado direito (3 bandejas, de plástico, redondas, ~35 cm diâmetro x 70 cm h). Na parede da direita, escapando da linha da pia mas ocupando parte da abertura de entrada da cozinha, um armário aéreo a ~170 cm do piso, 'grudado' no teto, medindo ~90 x 35 x 80 cm h, grafite escuro (preto?), com 3 portas rasgadas longitudinalmente por uma faixa de vidro ao meio. Uma cortina cobre só a bandeira da janela. (Fig. 6 e 7)



Fig. 6 – cozinha vista da sua entrada



Fig. 7 – a cozinha e o móvel aéreo

Mas olha, eu não quero falar nada, mas eu já te falei ... ou você arrumou só pra mim tudo?

Não ... aqui é diariamente assim ... sempre, sempre.

É diariamente assim? Quando você falou pra mim por Whats App que era um apartamento para 8 pessoas⁹¹, eu falei 'bom, vai tá uma confusão' porque ...

Todos falam ao mesmo tempo, Andressa, o marido e eu.

⁹¹ Ao se referir a '8 pessoas' Andressa desconsiderou os 2 filhos menores. São 10 moradores no total.

O que a gente fez? Tinha outro armário aqui, mas aí é muita coisa, quando faz fritura, essas coisas ... então, pra ficar um espaço devido a muitas pessoas, a gente acabou tirando alguns móveis [...]. E outra, como é 8 pessoas fica mais flexível você tá limpando a casa ... porque com um monte de coisa você tem que ficar passando pano, arrumando toda hora ...

Tem que manter limpo, tem que tá sempre mantendo organizado né?

Aqui tinha mesa de jantar, tinha tudo aqui nesse espaço [...] só que [...] devido, assim, as crianças quer espaço também.

E elas têm mais espaço pra brincar aqui né?

Eu prefiro também a casa ter mais espaço ... eu não gosto de nada assim, muita coisa.

Muito inteligente ... eu acho assim, sinal de sabedoria né? [...]

Andressa sai da cozinha e se dirige para a sala, com a filha no colo.

00:04:48

Vem conhecer os quartos ... quer ver o banheiro primeiro?

Você que me diz como é que você vai mostrar sua casa.

Aqui é o banheiro ... (abre a porta e acende a luz).

Ah, e aqui tem a pia ... ah tá.

A pia permanece como no projeto original, num nicho fora do banheiro (solução adotada pelo projeto para adequar o banheiro às exigências de acessibilidade a cadeirantes). O acabamento do espaço, no entanto, não sugere um 'lavabo', mas sim uma pia simples, de coluna, colocada fora do lugar onde 'deveria' estar e visível do hall de distribuição entre a sala e os dormitórios. Não à toa muitos moradores transferiram a pia para dentro do banheiro e aproveitaram o nicho para armazenamentos variados. (Fig. 8)



Fig. 8 – a pia é situada fora do banheiro

O banheiro ... aqui eles entregam já assim ó (a nenê, no seu colo, começa a resmungar alto, dificultando a conversa) ... esse negócio tava aqui, aí nós tiramo, porque, assim, como não tem (o box não tem fechamento) [...] aí molhava (risos), colocamo pra cá, vai acabar o problema.

Andressa se refere ao porta papel higiênico que ficava à direita da privada e foi transferido para a esquerda, mais distante do chuveiro.

Entendi, entendi ...

Aí aqui o meu marido colocou ... (aponta o cabideiro de parede instalado distante ~25 cm do box, de madeira, base recortada em 'ondinhas', com 3 penduradores,) (Fig. 9)

Ah é, tou vendo ...

É que aqui eles entregam já com chuveiro né [...]

Com chuveiro ... e aqui, isso aqui também, claro (refiro-me ao piso rebaixado da área do chuveiro, com um perfil abaulado de acabamento delimitando as bordas, em cerâmica mais escura) ... entendi, daí você trocou ali ... ótimo [...] é, ficou muito bom ...

Converso enquanto registro com a filmadora os 4 cantos do banheiro, que tem poucos elementos. Num pequeno 'gancho parafuso' é pendurada a esponja de banho, assim que termina o piso rebaixado do chuveiro; um rodo com pano de chão fica a postos encostado na parede; parte da janela que dá para a lavanderia também é usada como prateleira servindo o banheiro; o cabideiro descrito acima; a privada não tem assento; uma lixeira com tampa à sua direita e o porta papel higiênico que foi transferido para sua esquerda. (Fig. 9)

Aqui o maior problema é o mofo (aponta o teto do banheiro) [...] todos os apartamentos aqui mofam assim desse jeito, o banheiro, não tem um que não seja mofado ... (Fig. 10)



Fig. 9 – o banheiro



Fig. 10 – o mofo no teto do banheiro

Ah, isso é uma coisa tá vendo? Eu não tinha percebido ainda isso ...

Todos são mofados, todos⁹² [*fala incompreensível*] tinta antimoho e pintam, mas todos mofam ...

Porque a ventilação não é direto pra rua né?

É, não é direto ... a vizinha de cima aqui [...] só tem uma criança, um menino de 11 anos, ela e o marido [...] o banheiro dela é pior do que o meu, e aqui somo em 8 hein!

É muita gente tomando banho né (*risos*).

Andressa apaga a luz e fecha a porta do banheiro (noto o tapetinho, na entrada). A nenê, ainda no colo, tenta entrar na conversa.

00:06:46

Aqui é o quarto das crianças ... não liga pra bagunça ...

Não se preocupe, não se preocupe ...

A porta do quarto, que é o ligeiramente menor e faz divisa com o banheiro, já estava entreaberta. Encostado na parede da direita há um treliche⁹³ (sem escada de acesso) e 1 filha dormindo na cama mais alta. (Fig. 11).

Tem uma dormindo aqui em cima, que é a T* ...

Ah, coitada, ela tá dormindo! Desculpa T*!

Não, ela tá num sono profundo ... [*rimos*]

⁹² Não foi observado nem citado mofo nos outros 3 apartamentos visitados. Como observado antes, o problema no apartamento da Andressa pode ter sido agravado pelo bloqueio da ventilação por causa do uso (intenso) da janela como prateleira.

⁹³ Em informação verbal posterior, Andressa declarou que **comprou o treliche usado, de uma vizinha**. E que o sofá de 'couro' e o rack da sala foram doação da sua mãe [que já os tinha recebido usados antes]. E que sua cama de casal, ela 'ganhou'.



Fig. 11 – o quarto das crianças, o treliche, o varal de piso, a varanda ao fundo

Andressa já vai em direção ao terraço, enquanto ajeita algumas roupas que estão penduradas num varal de piso, no espaço de circulação do quarto, à esquerda do treliche.

00:07:00

E tem a lavand... [corrige] as sacadas né? Porque aqui essas sacadas aqui não cabe muita coisa, pode ver ... vem ver! (Fig. 12)



Fig. 12 – a sacada, com vista para o playground do condomínio e a mata do Cemitério da Paz

Tá, vou ver ... ah tá, você usa pra secar roupa aqui ...

Isso ... o varal tá no chão ... aqui é o playground ... [aponta para baixo, da sacada].

Olha que bonito esse piso né? [falo do piso do terraço, brilhante, o mesmo do quarto, cerâmica imitando madeira, quadrado, 45,5 x 45,5 cm].

O playground das crianças ...

Elas brincam lá?

Brincam.

É? 'Você gosta de brincar?' [Pergunto para a nenê, no colo da mãe. "Não", ela responde. Rimos].

Ela só fala 'não' ... 'fala que gosta' [dirigindo-se à filha].

E você usa aqui também pra secar roupa, não?

Uso. Mas tem que tirar rápido porque se deixar [...] eles não deixam⁹⁴ ...

00:07:57

Entendi ... *[voltamos para o quarto]*.

Não repara a bagunça não ... quarto de criança *[ajeita novamente as roupas no varal]* ...

Aqui dormem os mais velhos, é isso?

É, dormem ... são 6 aqui né, dormem 2 em cima, 2 no meio, 2 em baixo *[ri]* ... entendeu?

[surpresa] Ahh, claro! Têm que se dar bem né?

Vê como é pequenininho ... aí põe um guarda-roupa aqui, só vai ficar só isso aqui ... tipo levantar e sair, porque ... *[Andressa se refere ao espaço de ~140,0 cm que sobra entre a lateral do treliche e a parede paralela do quarto]*.

Não cabe nada ... e como cê faz com as roupas, cê deixa ...?

As roupas tudo improvisada, tem que ficar assim ó, igual cê tá vendo, tem que colocar aqui, ali tá uma bagunça ...

As roupas são organizadas nos espaços que sobram (~50 cm) entre as 2 extremidades do treliche e as paredes. Sem armários, são empilhadas, guardadas em caixas, sacolas, penduradas na estrutura do treliche ou nas mãos francesas que suportam a prateleira de madeira no lado direito. (Fig. 13 e 14)

⁹⁴ Pelas regras do condomínio é proibido secar roupas nas sacadas, janelas ou áreas comuns.

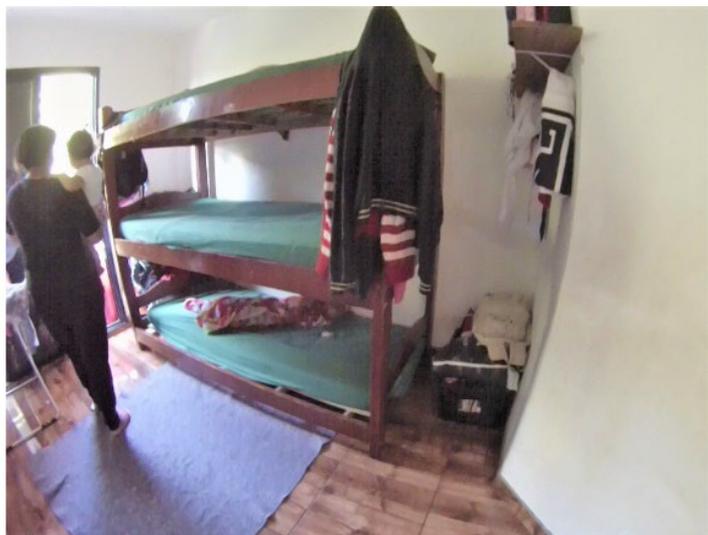


Fig. 13 – prateleira e as roupas à direita do treliche



Fig. 14 – as roupas à esquerda do treliche

Ó que bonitinha essa prateleirinha ...

É ... eu peguei uma prateleira aí de boneca, era tudo 'Barbie', só que como nenhuma delas nunca gostou, aí eu deixei pra bebê ... [fala incompreensível] essa baguncinha aí com a bíblia deles [...] eles gosta de frequentar a igreja [...]

É, tou vendo ... ah que legal ...

Aproximo a câmera. Apoiada em 2 mãos francesas metálicas brancas, a prateleira de madeira maciça com ~3,5 cm espessura, 25 cm largura e 100 cm de comprimento, ultrapassa ligeiramente (~5 cm) a parede onde está encostada. (Fig. 15)



Fig. 15 – a prateleira de madeira maciça com as bíblias das crianças, brinquedos, cosméticos, roupas penduradas

00:09:07

E o quarto do casal, que é um pouquinho [ênfatisa] mínimo!

Ele é do mesmo tamanho? É né?

Andressa confirma, mas no projeto os dormitórios contíguos ao banheiro são menores em área, por causa de um trapézio de 74 cm² incorporado ao banheiro. Pela planta, o quarto das crianças tem 7,69 m² e o de casal tem 8,43 m². Como a planta de nenhum dos dormitórios é retangular 'normal', a percepção da pequena diferença não é automática mesmo.

Ah que bonito esse móvel! Né?

É, esse daí é daqueles antigão ...

Sim ... ah desculpe, tou abrindo mais pra ver a gaveta, não o que tem dentro da gaveta ... como ela foi feita ...

Não, ela é comprida ó ... [abre outra gaveta, passa a mão na lateral]

Caramba, que legal ... faz tempo que você tem esse móvel, não?

Faz tempo, tem mais de 5 anos ...

E [...] onde que cê arrumou esse móvel?

Esse aqui eu ganhei.

Ah é? Ah, eu queria saber a loja, tal, você não vai saber ... [rimos]

Não vou saber. É madeira mesmo [bate com os nós dos dedos no tampo], madeira maciça que fala né?

É, é [...] dá pra ver, cê vê como ele já é diferente? Ah, que legal. Então cê tem carregado ele ...

É ...

A cômoda de que falamos fica encostada logo na entrada do quarto, à esquerda. Com detalhes em madeira maciça, laqueado branco já desgastado pelo uso, mede ~130 compr. X 45 larg. X 80 cm alt. Tem tampo com encabeçado de madeira maciça com bordas abauladas e 4 fileiras de gavetas, com 'frente dupla' e corrediças metálicas 'de base', evidenciando que o móvel não é tão 'antigão' assim. São 3 gavetas na primeira fila e 2 nas demais, com apliques de frisos. (Fig. 16 e 17)



Fig. 16 – a cômoda 'antigona' com roupas do marido e do filho



Fig. 17 – as gavetas, com apliques de frisos

Ah, e a cama [...] é 'box' né que chama essa cama, não?

É, aqui é tudo improvisado aqui ... minhas roupas fica dentro daquela mala [rindo, mostra a mala que fica perto da porta da varanda, com uma pilha de roupas de cama dobradas apoiadas em cima] (Fig. 18)

Ahh ... olha esse!

Refiro-me a outra cômoda, ~110 compr. x 45 larg. X 80 cm altura, situada paralelamente à lateral da cama, com pintura branca brilhante, acabamento arredondado de bordas. Dividido longitudinalmente, a metade da esquerda tem 4 gavetas e a da esquerda é fechada por 1 porta com grandes rasgos decorativos com vidro, 'janelas' para o interior do móvel. (Fig. 18)



Fig. 18 – outra cômoda e ao fundo, perto do terraço, a mala usada como guarda-roupas

Esse aí é da L*.

Tá brincando! [surpresa].

A minha vizinha que deu [...] a minha vizinha aqui do lado [...] me deu essa TV, que ela comprou outra pro filhinho dela. Tem pessoas que têm condições né ...

Sim, sim ... olha, é uma boa televisão né?

Me deu a TV, me deu esse *[bate com a mão no móvel]*. Tava inteiro quando ela me deu pra falar a verdade, porque quem destruiu aqui foi a dona L* *[mostra a porta levemente desconjuntada e fala olhando diretamente para a filha que está novamente no seu colo. L* percebe que está sendo repreendida e começa a choramingar. Andressa ri. Falamos todos ao mesmo tempo, confusão]*

Mas aí só tem as roupas dela, não?

Só dela [...] só dela.

Hei, 'você é uma princesinha, é isso?' *[falando para L*... rimos]*. E aqui, são a roupa de vocês, é isso?

É, ali é a minha *[a mala]* e ali a do meu marido fica ali junto com a do C* *[a cômoda 'antigona']*.

Ah é, tá, tá. Olha esse cachorro!

Cachorro. É o cachorro da L*, a vizinha que deu também. É o cachorro dela, é um ciúme com esse cachorro! [...]

O cachorro de pelúcia é enorme, sentado com as pernas abertas toma quase todos os 120 cm do espaço entre a cômoda e os pés da cama de casal. L começa a brincar de falar ao celular da mãe. Rimos.*

Deixa eu filmar o chão porque daí eu consigo depois desenhar [...] então você tem uma cômoda e [...] essa cama que eu não tou entendendo bem *[me aproximo]*, isso aqui é só a base da cama né? *[Andressa confirma]*. Ah tá, em cima tem que ter um colchão mesmo ...

É, porque é madeira *[bate com os nós dos dedos na base, que é dura]*.

*Sobre a estrutura da **cama box**, que não tem cabeceira, há 2 colchões (o mais fino por baixo) ligeiramente maiores, que sobram sem base nas extremidades. Localizada à esquerda do quarto e encostada na parede do fundo, a cama bloqueia uma das folhas de correr da porta que acessa a varanda. (Fig. 19 e 20)*



Fig. 19 – a cama box, sem cabeceira



Fig. 20 – sobre a base, 2 colchões maiores

Ah tá, é, eu lembrei, é isso mesmo. [...] então se lá dormem 6, aqui dormem ... ah, vocês 2 [...]

É eu, meu marido e os 2 pequenos, são 4.

Puxa, nunca vi ... você é boa de organização né? [...] Não, e eu acho que você consegue fazer com que as crianças colaborem [ela confirma] ... porque poderia não dar certo, você tentar e não conseguir né?

Enquanto conversamos, vou até o **terraço, onde há brinquedos** sobre embrulhos e caixa organizadora, encostados no canto esquerdo (Fig. 21). Andressa faz uma saída rápida para resolver um som alto (rádio?) que irrompe na casa. Enquanto isso filmo os objetos em cima da cômoda da L*: uma coleção de carrinhos e aviõzinho de brinquedo, a TV plana com base, DVD player, uma caixa de papelão com tampa, dourada, uma mamadeira, poucos objetos indistintos. Observo a parte interna da porta do quarto, com um grande rasgo, danificada (Fig. 22). Andressa volta.

É pequenininho né, o espaço?

É pequenininho sim [...]. do jeito como você consegue se organizar, não é à toa que você tá disposta até pra ir prum lugar menor ainda, normal. [*Refiro-me ao desejo dela de se mudar para um dos embriões⁹⁵, como forma de se livrar das despesas e multas impostas pelo condomínio.*]



Fig. 21 – no terraço do casal, brinquedos



Fig. 22 – a porta danificada

É porque, assim, a gente fica mais livre assim de muita coisa, de multa ... muita multa assim é um absurdo, é 300 reais uma multa aqui, a mais leve né, a gente não deixa a criança fazer [...] é tudo da cabeça deles [...] aí eles fala pra fazer rateio, não sei do que, é um rateio fantasma que não tem melhoria de nada [...]

00:14:00

Sem sair do quarto, Andressa discorre longamente sobre os problemas do condomínio. Que alegam que vão comprar plantas para o jardim, mas seria 'tudo mentira' porque as plantas seriam doação do vizinho Cemitério da Paz. Que ela realmente pensa em falar na Prefeitura pra alguém resolver o seu caso, porque o combinado desde o início era para ela ir para um embrião.

⁹⁵ O projeto de urbanização da favela previu **8 unidades** habitacionais fora dos condomínios, chamados de '**embriões**': 'umas casinhas para algumas famílias que não teriam condições de ir pra um apartamento [...] porque terão novas despesas, às vezes altas pra algumas famílias, ou mesmo, condição social, alguma deficiência [...] difícil de se adequar à vida em condomínio. [...] É **1 dormitório, sala, cozinha, banheiro** ... tem sempre um quintalzinho, até pra justamente impedir que grude na outra casa, garantindo a ventilação ... o banheirinho e a cozinha com revestimento, só o quarto e a sala que não, é entregue no mesmo padrão que o apartamento' [Arq. Isabella Venturi, da Sehab, PMSP, em entrevista].

Que ela sabe que a Prefeitura fala que os embriões seriam mais para pessoas idosas, que não querem ir para apartamento, ou famílias que têm pessoas com deficiência, mas que ela ia fazer permuta com uma mulher que depois desistiu, tiveram que ‘desmanchar tudo’, ela teve que entregar as chaves.

Pra onde que eu ia? Ficar na rua com essas crianças não dava. Fui lá pras Palmas, próximo à Rebouças ali, com essas crianças [...] Jardim das Palmas [...] [antes, quando foram removidos por causa dos desabamentos] fui morar aqui embaixo [inaudível], na Viela. [...] aí tinha o caso da permuta, que a mulher ia trocar num apartamento aqui comigo, quando ela desistiu aí meu mundo desabou [daí que ela foi para Palmas]. Aí fiquei lá acho que uns 2 anos, que já tava quase entregando aqui [...]. Aí tive que vim, porque eu já tava grávida dele, do C* pequenininho, aí não dava pra eu ficar lá com esse tanto de criança, com ele, num barraco de madeira lá, não dava, falei ‘vou ter que ir’. [...] Aí eu vim no mês de dezembro [de 2016], no mês de fevereiro aí elas vinheram [as assistentes sociais] fazer uma visita pra saber como que o pessoal tava aqui, aí perguntaram por mim. Aí eu falei assim ‘não, bem eu não estou, mas assim, eu na verdade eu não queria tá aqui, eu queria tá num embrião que vocês falaram quando tava em reunião, lá na Prefeitura [...] e até hoje eu não vi nada. Eu tô na esperança de algum dia se aparecer, vocês me tiram daqui eu vou prum embrião [...].

Andressa acha impossível conciliar tanta criança com as regras do condomínio e não tem esperança de que as multas diminuam. Seu filho C teve um problema de saúde [dermatite atópica] que causou grande sofrimento e muito choro, mais um motivo de reclamação por parte de vizinhos. O condomínio também aumenta muito, de 40 reais passou para 60, agora vai para 70 mais a conta da água, mais ‘a luz que tá salgada pra caramba, tá um absurdo’, a família chegou a receber conta até de 500 reais. Comenta que a sua conta aumentou muito quando a vizinha notou que os relógios de seus apartamentos estavam trocados, e agora ‘vem de 200 pra cima’.*

E olha que eu fico em cima, hein, dessas crianças [...], mas não tem jeito. Não tenho micro-ondas pra falar que puxa energia [...]. Tem pessoas que trabalham em casa [...] minha vizinha ela faz artesanato, é tudo ligado na casa dela, a conta dela vem 60 reais, 80 no máximo [...]. A minha antigamente não vinha esse valor todo, a minha passou a vir esse valor tão alto depois que ela falou [...] que nosso relógio tava trocado [...].

00:21:29 *A entrevista foi feita sem cortes, mas o arquivo foi dividido automaticamente, cuja segunda parte começa a seguir.*

00:00:00

Pergunto o que ela mais gosta do apartamento, apesar do seu desejo de se mudar.

A única coisa que eu gosto daqui é só **a sala**, porque é único lugar que cê tem espaço *[livre]* pra ficar ... no apartamento, que cê fala né? [...] Então, só a sala, porque é o único lugar que tem pra gente ficar, mas tem espaço pra você sentar ... *[risos]*

00:01:17

[...] Vamo olhar a sala *[saímos em direção à sala]* [...] como é que você faz [...] pra dar comida por exemplo ... todo mundo come ao mesmo tempo, pelo que você me falou ...

Come junto, sem ter aquele alvoroço [...] é, eu faço o prato e falo 'vou pôr o prato de vocês' [...] sentam *[no sofá]*, comem, sem briga [...] todos falam deles assim, pra quem conhece [...]

É, é surpreendente mesmo, porque é difícil controlar criança *[L*, que brincava com C* e um celular no sofá, se agarra nas pernas da mãe e exige colo, no que é carinhosamente atendida]* ... e você se dedica a eles o tempo inteiro? *[Andressa confirma]* tá, isso faz diferença, cê sabia né?

Do mais velho ao mais novo *[ela senta no sofá com as 2 crianças, a TV está ligada num desenho animado].*

[...] As crianças ficam mais tranquilas mesmo, porque a mãe tá sempre presente ...

*Andressa começa a amamentar a caçula. Evito a filmagem da intimidade. Conversamos sobre os varais e ela diz que **tem 2 varais de chão** [um em uso no quarto e outro guardado no nicho da geladeira, como eu já tinha notado]. Não quis colocar varal de teto na lavanderia porque 'fica muito feio'.*

Fica as roupa pendurada assim, acho feio [...] a casa já é cheia, aí coloca essas coisa ...

A sua casa é bem vazia, é bem boa na verdade [risos] [...] então eu vou aproveitar e vou ver todos os detalhezinhos tá bom? *[Dirijo-me à lavanderia e cozinha]*.

Esse armário também, a moça ia jogar fora, nós aproveitou ...

Qual, esse daqui? *[o armário aéreo da cozinha]* ah ele é um pedaço de armário ... ah tá, cê ganhou também?

Não, a moça ia jogar fora, eu aproveitei ...

Entendi ... ué, ganhou né, ou não ... você *pegou* [risos].

Eu peguei! [risos]

Ah, só quem é bobo não fica olhando [na rua] caçamba né? Sempre [se] dá uma espiadinha né? Ah, você usa o forno pra guardar um pouco de panela, é isso? *[Ela confirma]* eu também faço isso.

Tem que se virar né?

Não, é impressionante ... eu tou bem impressionada na verdade, assim, com a sua capacidade de organizar [...] de acordo com o espaço que você tem né, isso que é legal. Então, cê tava me falando, o que você mais gosta é o espaço da sala [...] que é o espaço mais de convívio mesmo.

É que é o maior né ... porque, assim, os quarto mesmo não me agrada muito [...] sinceramente não. *Porque assim, esses apartamento, pra mim seria mais tipo um casal ter um filho ... talvez nem com um filho, sei lá, porque dois filho acho já muita coisa [...]*

Depende do que as pessoas têm né. Tem umas adolescentes que precisa de um quarto inteiro só pra guardar sapato [risos] ...

É, eu mesmo [...] se eu pudesse, eu nem tinha esse móvel aqui [o aparador onde está a TV], eu pendurava essa TV na parede e acabou, era pra ter espaço [livre] aqui. Eu sou assim, eu não gosto de muita coisa não.

O aparador da TV está localizado como previsto no projeto, no pequeno trecho de parede entre a saída da cozinha/lavanderia e a entrada para o lavabo/banheiro. Medindo ~125 compr. X 40 larg. X 50 cm alt., excede a parede em ~7 cm. De formato retilíneo, com rodízios, sem portas, tem poucas divisões internas, ao modo usual de racks para aparelhos de som e TV. Em padrão madeira (pinho 'envelhecido'), só as laterais são pintadas de preto, após um encabeçado também amadeirado. Dentro do rack há grandes caixas de som que Andressa confessou estarem todas quebradas, mas ela as mantém porque o marido achou melhor. A TV plana, com base, está apoiada sobre outra caixa de som, encimada por uma toalha formando triângulos com as pontas. (Fig. 23 e 24)



Fig. 23 – rack 'sobra' à esquerda, a TV sobre cx som



Fig. 24 – rack sobre rodízios, lateral com pintura preta

Entendi ... acho que é isso então, aqui eu já fiz ... ah, deixa eu ver as fotografias, bonitinhas *[aproximome da parede da esquerda da sala]* olha, e esse tapete, daonde que é isso, como se fosse de [...]

Lindo né? [...] Aí foi um pessoal que ia jogar fora, jogaram né fora, eu fui e peguei [...] ele tava inteiro né, mas só que como às vezes eu colocava esse sofá ali, aí *[as crianças]* pegaram e furaram com a mão, ficavam puxando [...], mas dá pra restaurar ele ...

Ah é aqui né que você tá falando? *[a bainha da tapeçaria, que tem 2 cenas com motivos árabes, está desfiando]*. Tá, cê sabe né, eles restauram por trás [...] geralmente pega uma entretela, alguma coisa, por trás ... aqui ó, e cola [...] eu já vi eles fazendo ...

Ao som do programa infantil que passa na TV, filmo a galeria de ~20 fotos da família, dispostas informalmente na parede, sem moldura (Fig. 25). Andressa, o marido e C estão no sofá em frente à TV enquanto L* caminha pela sala e se deita no chão, sendo repreendida pela mãe.*



Fig. 25 – a galeria de fotos familiares na entrada da casa

E esses sofás, olha esse de canto, [...] deixa eu olhar como que ele é ... como cê arrumou ele?

Esse daí [...] muito velho já.

Esse daí já era de casa já, mas aí a gente pegou a outra parte e jogou fora [...] é, ele tinha um restante. Por causa do espaço mesmo, que ele era grandão né [...] as crianças pulando em cima, tudo [risos].

Cês têm ele faz tempo então ... [*'muito tempo', ambos confirmam*] e vocês compraram ele ou ganharam ou ...?

Ganhamos. Ah esse daqui [o segundo sofá, em frente à TV] foi a minha vizinha do 5º andar ia jogar fora eu peguei.

Poxa, claro ... olha como ele é bonito! Ah, não é à toa que ele tá protegido hein [*por uma manta*] [risos]. Entendi, bonitinho ele [...] legal, deix'eu ver, ah ele tem pezinho, ah tá.

O primeiro sofá, que fica de costas para quem entra no apartamento, delimita a sala de estar logo após o espaço vazio da entrada (usado para as crianças brincarem). De linhas retas, apoiado em sapatas trapezoidais, revestido de curvim preto com partes descascadas, sem braços, tem o encosto em 'L', virando para sua lateral direita, que encosta na parede esquerda da sala. O assento é coberto por um tecido solto, claro, com losangos coloridos (amarelos, vermelhos, azuis e verdes). Distante ~80 cm, o segundo sofá é disposto em 'L' em relação ao primeiro, fica de frente para a TV e encosta nas duas paredes que formam o canto superior esquerdo da sala. Com assento e encosto de estofados mais generosos, revestidos com tecido preto estampado com flores brancas, é mais 'macio', também não tem braços e é apoiado sobre pezinhos redondos. Está protegido por uma manta rosa estampada com grandes rosas azuis (Fig.26).



Fig. 26 – os 2 sofás da sala

Converso com as crianças que chegam cada vez mais perto, enquanto levanto a manta do sofá.

Cê viu como que ele é, embaixo? **É um pé redondo** que ele tem, cê viu? Ali ó [risos ... C* toma coragem e fala diretamente comigo, mostrando seus pés: 'aqui também']. Aí também tem pé, deix'eu ver? ['Tá machucado', ele continua e aponta o dedão do seu pé direito]. Esse é o pé? Tá machucado, você chutou? [Ele responde algo incompreensível, a irmã faz menção de entrar na conversa, mas desiste e corre para o pai. Risos]. Então tá bom, tem mais alguma coisa que cê queria falar, sobre ... depois ainda eu vou perguntar mais coisas, mas daí é só gravado de voz, só.

Sim ... bom, minha vontade mesmo era só de sair daqui e ir prum embrião, sei lá ... ou vender mesmo, porque tem tanta gente vendendo apartamento aqui e não deu nada, como aqui já vai fazer 3 anos também ..., mas, assim, como eu vou vender sendo que eu não pago aqui há 2 anos e meio, a parcela do apartamento né. Não tem como eu vender também. [...] Não, até dá pra mim vender, quitar a dívida né, e arrumar uma casinha, assim, em algum outro lugar, mas tinha que ser em favela né ... sei lá.

Você sabe quanto que vale aqui, não?

Aqui eles falaram que tava valendo 80 mil né, mas se me dessem 70, saía na hora [...]. No caso eu iria embora, eu iria pra cidade da minha irmã, Vitória da Conquista, eu ia pra lá ...

Ah, Vitória da Conquista.

Andressa diz que era pequena e não lembra como era lá. Pergunta para o marido [que está na cozinha], ele responde que lá 'é como se fosse Feira de Santana, tudo plano'. Nenhum dos dois sabe responder à minha dúvida, se Vitória seria uma cidade com clima de montanha, mais frio. O marido assegura que 'pelo menos a época que eu passei né, pela estrada, é quente.'

Tá bom então. Então eu acho que vou desligar ... ah, depois eu vejo esse piso aqui. [Vou até o quarto das crianças, registrar rapidamente o piso da entrada]. Então eu vou desligar, tá bom? Muito obrigada.

Tá, tudo bem. 'Magina.

00:12:04

----- f i m -----

13. João⁹⁶ Viela da Paz

transcrição entrevista gravada em vídeo em 20 setembro 2019

total 00:31:00 min [legenda: João; M* (esposa); Pesquisadora; anotações]

Importante: as descrições sobre materiais dos objetos se referem à sua aparência, a pesquisa não os verificou cientificamente.

Entrevista gravada em vídeo⁹⁷ no apartamento de João, que, entre outras atividades profissionais, é síndico no condomínio em que mora. Sua esposa M estava presente e acompanhou a conversa. A gravação foi feita sem cortes. O apartamento deles fica no ‘térreo’ - que na verdade é dois andares para baixo do nível da rua e da portaria – e João espera na porta, que dá para um pátio largo de circulação coletiva [nos andares superiores essa circulação é também aberta, feita por uma varanda], enquanto preparo a filmadora digital e me certifico de que ela está operando corretamente.*

00:00:00

Então, eu tou na casa do João ...

Isso, João C* ...

⁹⁶ Nomes fictícios.

⁹⁷ O vídeo é feito sem cortes e a pequena e discreta filmadora digital [modelo GoPro Hero3 WHITE EDITION, resolução/fotogramas por segundo 720p60fps] aparentemente é logo “esquecida” na ação. O fato de captar imagens em grande angular (170°) permite à pesquisadora razoável tranquilidade quanto ao enquadramento [a câmera permanece quase sempre logo abaixo do rosto do operador], proporcionando liberdade para conversar com os entrevistados. A desvantagem de gerar imagens ligeiramente distorcidas é compensada pela praticidade e pela sua capacidade de captar a totalidade dos ambientes, mesmo os confinados.

João C* [...] muito obrigada por me receber na sua casa João [risos].

O prazer é meu ...

Ah, tá bom ... [Apertamos mãos]

Pode entrar, fica à vontade ...

Tá ... daí eu queria que você me mostrasse então o seu apartamento, como você bem entender [risos].

00:00:36

Humhum ... vamos começar ... aqui é a sala né. Não é aquela sala *grandona* mas graças a Deus é bem *aconchegante* ... comporta a família, que a família não é muito grande ...

Quantas pessoas moram aqui?

Eram 5. Era eu, minha esposa, minha mãe e meus 2 filhos. Porém minha mãe resolveu morar com a minha irmã né, aí ficamos 4 pessoas, eu, minha esposa e meus 2 filhos.

Dois filhos? Que idade têm seus filhos?

O menino tem 13 anos e a menina tem 7 anos ... casal.

A sala é retangular, com 2,40 m de largura e 5,20 m de comprimento, disposta longitudinalmente em relação a quem adentra o apartamento. A porta de entrada situa-se no canto direito e o acesso à lavanderia, cozinha e banheiro também se dá em sequência pela direita originando a necessidade de um espaço livre para circulação, de modo que os móveis da sala se organizam ao longo do canto esquerdo da sala [Fig. 1], numa largura disponível de aproximadamente 1,60 m. Logo na entrada, próximo à janela ficam a mesa e cadeiras de jantar que, quando não em uso, não invadem essa circulação [Fig. 2].

Em seguida, o grande sofá em 'L' que delimita a sala de estar, afunila a passagem para aproximadamente 48 cm de largura [Fig. 3]. Vê-se o painel com a TV plana ao fundo, na única parede que não é branca e que foi pintada de azul claro, a mesma cor dos quartos [porque 'sobrou tinta', conforme João confidenciou posteriormente, rindo].

Ah tá bom, um casal ...

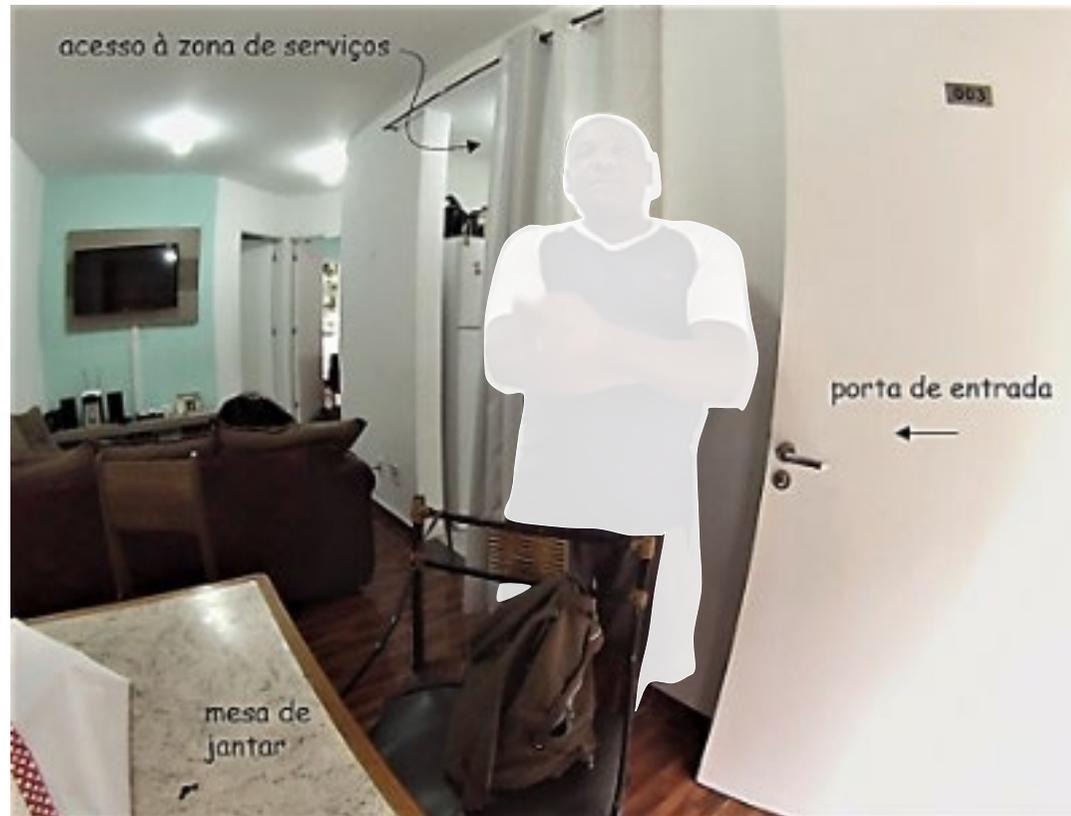


Fig. 1 – a circulação pela direita, móveis arranjados à esquerda



Fig. 2 – mesa e cadeiras não comprometem a circulação



Fig. 3 – sofá afunila a circulação

00:01:09

Aqui é a sala ... aqui é a lavanderia, tá um pouco bagunçado, deixa eu acender a luz [...] o varal aqui tinha que ser assim adaptado, porque não pode pôr roupa exposta lá fora ...

Não pode pôr? E ninguém põe?

Ninguém ... [corrige, rápido] às vezes põe mas é desobedecendo o regulamento né? [risos] Mas, aqui é a lavanderia né ...

Tá ... eu tou vendo que vocês colocaram o varal na parede né ... acho que não pode pendurar no teto, é isso?

Não pode ... o teto é gesso, se pendurar, com o peso, ele cede né ... é gesso né ...

Entendi, e seca bem a roupa aqui?

Seca sim ... o tanto de roupa das pessoa né, e sempre tão lavando né, não deixa acumular aquele tanto de roupa pra poder tá lavando [...] aí seca bem depressa ...

[...] Ah tá, porque aqui eu tou vendo que a *[vou em direção às janelas, afasto com as mãos algumas roupas penduradas para ver melhor]* ... ah tá, tem uma abertura pra fora, que é essa daqui né *[refiro-me à janela do canto, estreita mas aproveitando quase toda a altura da parede]*.

Tem abertura, sim, tem ... **é bem ventilado** ...

Ahã ... e aqui é pro banheiro, é isso?

Isso, ali já é o banheiro, aquela janela é do banheiro ... *[a janela do banheiro abre para dentro da lavanderia]*.

E esse armarinho aqui? *[aponto o armário aéreo]*

Esse armário eu coloquei só pra ... no início era pra colocar produto de limpeza né, mas como não é tanta roupa assim, aí eu uso pra guardar coisa mesmo, *[abre a porta do armário, que tem uma faixa de vidro, deixando à vista copos, pratos, tigelas, canecas]* de cozinha ...

Ah é, tou vendo [...] você *expandiu* a cozinha pra cá [risos] ...

Sim, sim, sim [risos] *[abre a outra porta e fecha ambas em seguida]* ... usei pra colocar as coisas de cozinha assim ...

Ah é, tou vendo ... entendi. **Porque a cozinha é pequena né⁹⁸** ...

A cozinha é pequena ...

Entendi, tá. Ah, e esse daqui também *[aponto o móvel logo abaixo do aéreo]*, tá sendo usado também?

Tá sendo usado também *[abre as 2 portas do armário, que guarda mantimentos]* ... **tem compras né** [...]

Ah, entendi ... legal esse móvel hein? [rimos] Cê tem ele faz tempo?

[risos] Tem, tem, já tem mais de 7 anos que eu tenho esse móvel.

⁹⁸ Atenção pesquisadora: **induziu a resposta!** Em conversa posterior, **M* dirá que está satisfeita com a cozinha** do apartamento porque nas outras casas em que morou os espaços eram até menores.

Mais de 7 anos é, olha só [*passo a mão na borda do tampo, que tem um acentuado engrosso de madeira maciça*] ... ó que fortão. E você comprou ele, cê ganhou, cê ...?

[*Fecha o móvel*] Eu ganhei ... eu ganhei de uma pessoa que eu fui fazer um trabalho né, ia jogar fora na verdade, aí não achei justo ela jogar fora, falei 'vou levar' ... aí eu trouxe.

Olha só! Ele é bem feito e tudo ... impressionante como as pessoas jogam fora né, coisas. E esse daqui não, esse daqui foi ...? [*ambos afastamos roupas no varal para ver novamente o móvel aéreo*].

Esse daqui foi comprado mesmo [...] eu não me lembro se foi ... pode falar a marca, pode né? [*'pode', confirmo*] Não lembro se foi na Marabraz ou foi na Casas Bahia, não me lembro [...] mas tem bastante tempo já também. Era um móvel completo né, mas de acordo com mudanças, como devido saiu a comunidade que nós moravamos né, aí mudança pra lá, mudança pra cá ... 7 anos de mudança né, que eles demoraram 7 anos pra entregar [...] esse empreendimento, aí ... mudança, mudança acaba com tudo [risos].

Entendi.

Passa-se da sala para a zona de serviços por uma ampla abertura de aproximadamente 1,20m de largura. A primeira parte [0,80 m compr x 1,85 m larg] tem um nicho à esquerda para geladeira⁹⁹ e funciona como hall de distribuição para os espaços da cozinha à direita, mais fechada, e da lavanderia em frente [1,25 m compr x 1,85 m larg]. Na abertura que dá acesso à cozinha, há 2 trilhos embutidos no teto, originais do projeto, 'espera' para eventual fechamento de correr [Fig. 4 e 5].

Tanque e lavadora de roupas localizam-se na parede esquerda da lavanderia, assim como a janela do banheiro, abaixo da qual uma diferença de espessura da parede é aproveitada como prateleira estreita, para materiais de limpeza e outros químicos como lubrificantes e inseticidas [Fig. 6].

⁹⁹ Geladeira Electrolux Frost Free DF35A, medidas com embalagem: 54,8 larg x 61,3 prof x 170,7 cm altura [fonte: site Electrolux].

Na parede do fundo há 2 armários que servem à cozinha [Fig. 7]: um aéreo que guarda utensílios [Fig. 8] e, abaixo dele, um aparador apoiado no chão, que guarda mantimentos [Fig. 9] – ambos em **conflito com a proximidade dos químicos** na prateleira ao lado. Na parede da direita, a estreita e comprida janela do canto [$\sim 0,35$ larg x $2,10$ m compr], a única do recinto que se comunica diretamente com o exterior, é parcialmente obstruída na porção superior por uma grande mochila pendurada em sua estrutura e, na porção inferior, é totalmente obstruída pelo aparador – prejudicando a iluminação natural e a ventilação cruzada necessárias para a janela do banheiro.

Muitos objetos no chão [aparentemente malas e calçados de trabalho, alguns cobertos por panos], um varal de piso [?], fechado; guarda-chuvas pendurados no varal, um **saco organizador de tecido**¹⁰⁰ pendurado na parede.

A lavadora de roupas tem seu acesso lateral parcialmente obstruído pelo tanque e o frontal bloqueado pelo aparador.

¹⁰⁰ O objeto é um **'puxa-saco'**, destinado à armazenagem e acesso a sacos plásticos, normalmente de compras, que serão reutilizados para descarte de lixo. Esse é extremamente decorado, com estampas e bordados com motivos de coruja e arremates com fitas de viés rendilhados.



Fig. 4 – vista da zona de serviços a partir da sala de estar



Fig. 5 – nicho da geladeira



Fig. 6 – lavanderia, parede da esquerda

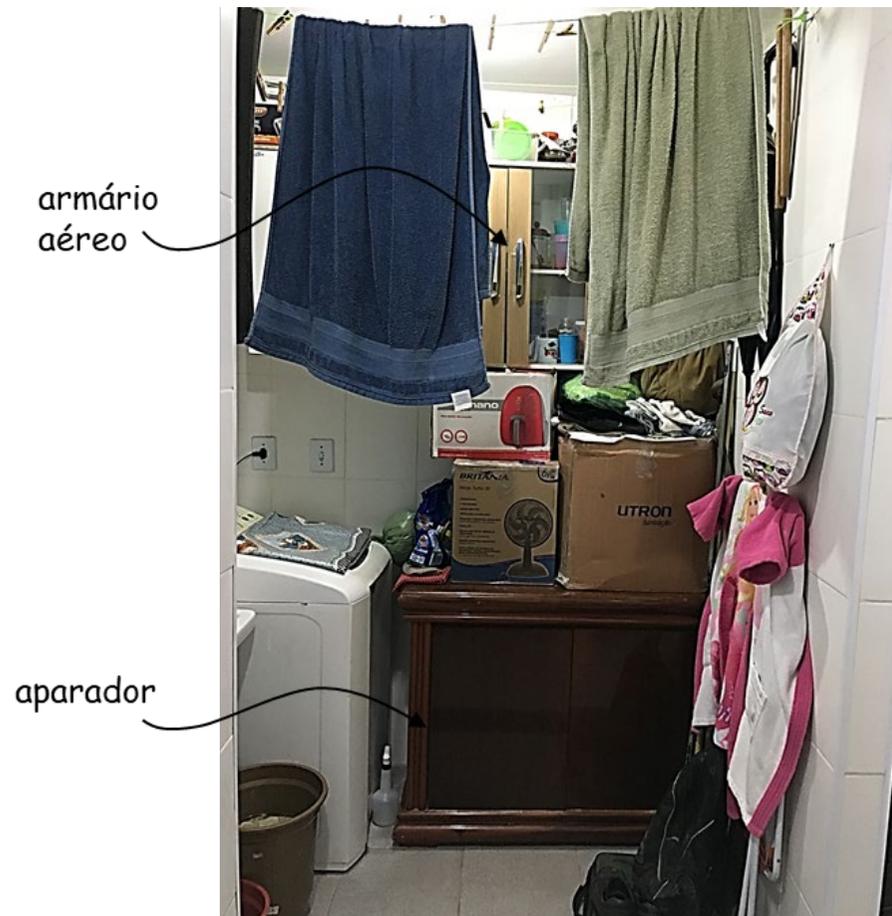


Fig. 7 – ao fundo, 2 armários na lavanderia que servem à cozinha



construção típica dos móveis industrializados contemporâneos, em painéis MDP ou MDF, com pintura e revestimentos 'madeirados'

Fig. 8 – o armário aéreo da lavanderia, que serve à cozinha



móvel doado, aparentemente executado por encomenda em marcenaria - compensado folheado de madeira com ornamentos em madeira maciça nas colunas, no rodapé e no engrosso de borda do tampo; acabamento em verniz brilhante [uma escrivaninha, outra parte do conjunto, é usada no escritório do síndico na portaria do condomínio]

Fig. 9 – o aparador da lavanderia, que serve à cozinha

00:03:54

Aqui é a parte da cozinha né ... adaptei o micro-onda ali ... [o micro-ondas foi instalado acima da pia, na parede da direita, com um suporte de parede metálico especial para esse fim].

Ah é, tou vendo aqui ... posso entrar?

Pode sim, à vontade ...

João se afasta para que eu possa entrar na pequena cozinha [Fig. 10], que mede 1,90 por 1,51 m, e foi ocupada com poucos objetos: fogão¹⁰¹ de 4 bocas e pia ao longo da parede do fundo; micro-ondas¹⁰² no canto da direita acima da pia; uma fruteira de piso na entrada da cozinha à direita e, à esquerda, uma prateleira fixa na parede com mãos francesas e uma lixeira sem tampa no piso.

prateleira com mão francesa na parede

micro-ondas em suporte de parede



lixeira sem tampa

fruteira de piso

Fig 10 – a cozinha

¹⁰¹ Fogão Jade – encontrou-se somente referencias a outras linhas do fabricante: 'Jade Esmaltec', medidas 50,7 larg x 59,8 prof x 72,1 ou 81,6 cm altura.

¹⁰² Micro-ondas Electrolux MEF28, medidas: 46,1 larg x 37,3 prof x 28,9 cm altura [fonte: site Pontofrio].

Cês fazem **separação de lixo orgânico** e coisa, não?

Nós fazemos mas aí, nesse momento não tá [...] mas sempre nós faz, **na hora de jogar lá na lixeira nós separa**¹⁰³ [...]

Tem lugar aqui [*no condomínio*], pra fazer?

Tem sim, tem ... inclusive quando você foi chegando, aquele rapaz que me cumprimentou lá fora, ele que faz a reciclagem, ele separa tudinho ... ele que separa tudo.

Ah tá, e ele vende essas coisas todas [...] porque né, dá dinheiro ...

Ele faz daqui, faz de mais uns prédios por aí ...

Ahh, nossa deve ter *muito* lixo né [...] Você que fez essa ... [*aponto o micro-ondas*].

Foi, foi. **Eu comprei o suporte e encaixei aí.**

Ahã [...] Essa pia é original do apartamento? [*a pia é de aço inox*]

É original do apartamento, porém o gabinete não é. Porque na verdade ela veio essa altura aqui [*mostra com o dedo um ponto logo acima do frontão da pia*], eu tive que baixar ela um pouquinho, que ela veio com mão francesa né, que eles entregam com a mão francesa, aí por causa do gabinete **eu tirei a mão francesa e a pia abaixou um pouquinho.**

Ah, olha, isso é um bom detalhe que cê tá me contando!

Maravilha [*olha, apreciando o gabinete*]

Um bom detalhe ... claro, porque ele [*o gabinete*] tem o pezinho, ele já tem a altura certa ...

¹⁰³ Não 'revirei' o lixo para conferir, mas aparentemente não havia lixo orgânico nessa lixeira ... é possível que ele junte todos os recicláveis e o negociante que coleta é quem se encarrega de separar os diferentes produtos. Mas o local onde se descarta o lixo orgânico da casa não está claro.

Isso, já tem a altura certa.

E você já tinha esse gabinete? [...] Que legal, o tamanho certinho né?

Já, na outra casa [...] devido à mudança né [...] na outra casa que eu morava, já tinha esse gabinete já.

Entendi entendi, tá ... e aqui então, os móveis tão ali [*refiro-me aos móveis da cozinha que estão na lavanderia*] [...] humhum, OK ... ah e tem uma prateleira ...

Que eu coloquei, só pra ... guardar mantimentos mesmo ...

Ahã, ahã, muito bom.

Faço um 'giro' com a câmera pelo espaço, até parar na pequena fruteira de piso [Fig. 11].

O piso já veio né, com esse piso?

Já veio ... o piso da área de lavanderia e banheiro vem, vem do empreendimento ... agora, o da sala e o restante da casa [...] nós que colocamos.

00:05:54

Saímos da cozinha e João me mostra o piso da sala, cerâmico brilhante, ~25 x 25 cm, imitando tácoes de madeira.

Vocês que colocam [...] olha só, parece taco né [rimos] ... legal!

Vamos?

Vamos! Ah você não me falou dessa sua ... que eu não vi ainda em nenhuma casa aqui esse ... [*passo para a sala e me viro para a entrada da zona de serviços, onde foi instalada uma cortina branca, em trilho aparente, metálico*]



'fruteira de piso' é o nome que se usa para esse tipo de móvel nas lojas, que os vendem em diversos modelos - esse é metálico, estrutura tubular, prateleiras de aramados, tampo de chapa lisa, sem rodinhas

Fig. 11 – fruteira de piso

Essa cortina¹⁰⁴? [...] Eu coloquei recentemente ...

É? bacana ...

Achei melhor, falei 'vou colocar essa cortina aqui, quando chegar uma visita, caso não queira mostrar a área de serviço¹⁰⁵ e a cozinha, a gente puxa ela né [vai até a cortina e puxa uma das suas 2 folhas, que estavam recolhidas no mesmo lado; puxa a outra folha, fechando o vão]. A gente fecha ela e recebe a visita, tranquilo [risos]. Ficou legal? [Fig. 12]

Ficou muito legal! Resolveu o problema! [...]

É. [...] Mas tem muitos que não colocaram, mas eu coloquei [abre novamente a cortina, as 2 folhas para a direita] [...] Também coloquei ... que é vidro né? Coloquei também [...] [mostra a cortina da janela da sala, que está aberta, deixando livre a vista de quem circula pelo pátio de fora ... a porta de entrada permanece aberta, M* está recostada do lado de fora, ao celular].

Ah é, porque é passagem aqui né [risos] ...

É passagem [comenta algo, inaudível]. A lâmpada de emergência foi eu que coloquei também [localizada na parede entre a janela e a porta, alinhada com os batentes de cima ... um grande relógio redondo, branco com bordas escuras, foi colocado na parede acima dos batentes, centralizado em relação à porta] porque não tem né, falei 'vou colocar uma lâmpada dessa aqui, caso falte luz, a sala fica ...' [Fig. 13]

Ah entendi ela acende ...

Isso, isso. [...]

¹⁰⁴ Observação: não foi João quem chamou a atenção para a cortina, fui eu.

¹⁰⁵ Poucos entrevistados nominaram esse ambiente da casa como 'área de serviço', o mais comum foi 'lavanderia', assim como João se referiu anteriormente em duas falas [pág. 4].



Fig. 12 – ‘quando chegar uma visita [...] a gente puxa ela’



Fig. 13 – João aponta a cortina e a lâmpada

Vai em direção à entrada do banheiro onde, como quase todos os entrevistados até agora, João retirou o lavatório que ficava fora, reposicionou-o para dentro do banheiro e aproveitou o nicho, de 80 de frente x 40 cm profundidade, para instalar uma estante.

00:07:08

Aqui tá meio bagunçado, mas ... [João arruma um sapato na estante; acende a luz]

Bagunçado? Eu tô achando *muito* bem organizado! [risos]

Aqui, no empreendimento que eles entregaram o apartamento, o lavatório era aqui [...]. Porém, como eu **bolei isso aqui**, coloquei o lavatório pra dentro do banheiro, já já você vai ver, e fiz essa basezinha aqui, coloquei essa sapateira aqui.

Nossa, eu achei perfeito *[ele ri, satisfeito]*

Inclusive eu vou ter que **colocar uma cortina aqui também** [risos] ...

Perfeito! Escuta, e essa estante ... bacana essa estante!

É uma estante pintada de preto, com estrutura de quadros metálicos nas laterais e 5 prateleiras de madeira, cada uma com uma travessa também de madeira, que provavelmente foram projetadas para ficar atrás do móvel, mas estão na frente, e formam uma muretinha de ~5,0 cm altura, ajudando a conter os sapatos. A estante coube justa no nicho, sobrando um vão entre a última prateleira e o teto, aproveitado para guardar uma grande caixa térmica de isopor, apoiada 'deitada'. [Fig. 14 e 15]

Essa estante eu **comprei no Extra** ...

Do que que ela é? olha ela parece ... *[bato com a ponta dos dedos na estrutura]* ah, ela é de ferro!

É, uma parte de ferro, uma parte de madeira ...

[Passo a mão na prateleira] E aqui de madeira [...] ah, e ela é especial pra sapato?

É ... pra sapato, coisas desses utensílios assim do pessoal, vaso [...] **comprei no Extra, é, eu passei lá, olhei e vi, aí comprei**

[M ri]* **Faz propaganda do Extra!**

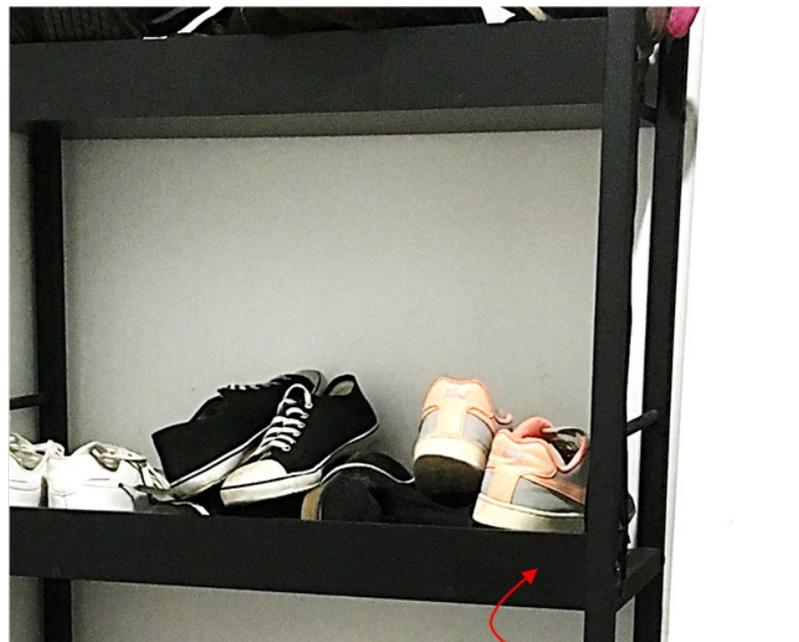
[rimos] Não, mas pra mim é bom saber onde que as pessoas têm as coisas! E coube praticamente ...

No ponto! [...] Vou arrumar uma cortina pra pôr depois aí ... *[vira-se e abre a porta do banheiro]*.



a estante-sapateira no lugar da pia, que foi reposicionada para dentro do banheiro, mantendo-se a saída original de água servida

Fig. 14 – vista da estante a partir do banheiro



aparentemente essa é a travessa de trás, sendo usada na frente para conter os sapatos

Fig. 15 – detalhe da estante

00:08:19

Aqui é o **banheiro**, também **gosto muito**, que ele é um banheiro **bastante grande** [acende a luz] ... não coloquei o box, justamente, porque minha mãe morava aqui né, minha mãe é cadeirante morava aqui comigo, não coloquei o box [...] e como ela é especial, veio isso aqui, que é pros cadeirantes [mostra a barra instalada na porta do banheiro] [...] já veio na entrega do apartamento, se trata de um apartamento que tem alguma pessoa especial, vem com isso aqui, esse suporte pra segurar. Aí como minha mãe foi lá morar com a minha irmã, lá também tem ... aí acabou ficando aqui, mas eu deixei aí que eu gostei também, eu **coloco toalha aqui** [risos] [...] eu tirei mais algum né, que tava na área do banho né, eu tirei, levei e coloquei lá onde minha mãe tá lá.

Entendi, entendi ... posso filmar?

Pode, pode sim ... e aqui é a pia, a pia que era aqui, coloquei aqui *[do outro lado da parede, dentro do banheiro]*

E é simples fazer essa mudança né?

É simples, é simples ...

Não é? Mas na verdade a ligação da saída, cê continua ...

É a mesma *[abaixa e aponta o piso elevado do nicho da sapateira]* ... eu coloquei cano daqui pra lá.

É claro é muito simples. Tá, e fica bem melhor né?

Fica bem melhor. **O banheiro eu gostei também, não é pequeno, também grande não é também, bem legal.**

*[Ficamos um tempo em silêncio enquanto faço o 'giro' com a câmera pelo banheiro, que não tem modificações em relação ao projeto original além da pia colocada para dentro e da retirada de uma barra de apoio que havia no espaço do chuveiro. Há ainda 1 barra de apoio na porta - usada como toalheiro - e 2 perto do vaso sanitário, que está sem o complemento do assento. Um rodo perto da pia, a postos para secar o piso após os banhos sem box ou cortina. Além do armarinho *[de sobrepor, 1 porta]* com espelho acima da pia, na parede da direita há outro pequeno espelho, fixado mais alto, adequado à altura de João, provavelmente. Esse espelho, simples, encontrado em outras casas observadas, tem moldura nervurada, de plástico cor de laranja¹⁰⁶.] [Fig. 16]*

¹⁰⁶ Em rápida pesquisa na Internet, encontrou-se pelo menos 2 empresas ligadas a esse tipo de espelho, não ficando claro se são distribuidores ou fabricantes: Mugmar [em Guarulhos, mas cujo cadastro indica 'comércio atacadista de móveis'] e Romeo [foi encontrada apenas uma representante]. Além disso há redes varejistas que anunciam o produto como 'importado'. Pelas fotos percebe-se pequenas diferenças entre os espelhos anunciados, como a largura da moldura e o formato do pendurador, mas a cor laranja é comum a todos.



Fig. 16 – o banheiro e o espelho plástico laranja

[...] e deu pra colocar a pia facilmente né?

Facilmente. E fica o espaço pra colocar o box futuramente [...]

E mesmo com a sua mãe cadeirante ela podia se virar com isso?

Sim. Que lá onde ela tá tem também. [...] E fica até melhor, que a cadeira já encosta ... escova o dente aí [...] o projeto do empreendimento é a pia aqui fora [...] porém, eu coloquei, muitos também copiaram, colocaram ...

Olha, eu já tou no quarto apartamento, só 1 não tirou [risos]. Isso significa alguma coisa né [risos].

É um espaço perdido né, em casa. [M* comenta de longe, sentada no sofá]

Esse espaço, eu já falei isso pra arquiteta [da Prefeitura, que trabalhou no projeto da Viela da Paz], esse espaço é perfeito pra armários pra casa! É perfeito ...

Muitos fizeram armário, mas eu não ...

[Interrompo porque percebo que ele tomou como uma crítica e tenta se defender] É, não, isso é um armário, só que é de sapato ...

Eu vou deixar a sapateira aí [risos] [incompreensível] vai ficar assim [risos].

Não, e sapato é interessante ficar fora dos quartos né [ambos concordam]. Geralmente é difícil achar um lugar bom pra sapatos, esse aqui é perfeito ...

É verdade. Só precisa arrumar mais um pouco [risos] ...

E as pessoas têm muitos sapatos né [risos].

[João vai em direção ao dormitório do casal, que tem as paredes da esquerda e da porta balcão ao fundo, pintadas de azul claro – as restantes são brancas.]

00:11:06

Vamo? Aqui é o dormitório né, são 2 dormitórios [abre a porta e acende a luz], aqui é o dormitório, do casal né ... pode entrar à vontade.

[As portas dos quartos são abertas para a sala mas estão dispostas cada uma em um ângulo de 45° à esquerda e à direita do eixo longitudinal do apartamento - formando uma espécie de hall triangular, ou ambiente de transição – de modo que as plantas dos dormitórios resultam em formatos não completamente ortogonais, com espaços residuais. Num desses espaços, logo na entrada à direita, vê-se uma grande caixa de som e, acima, uma prateleira branca fixada com mãos francesas, com um pequeno aparelho de som e uma caixa organizadora de plástico, também pequena, com 3 gavetinhas, além de objetos como uma bolsinha em formato de carro.] [Fig. 17]

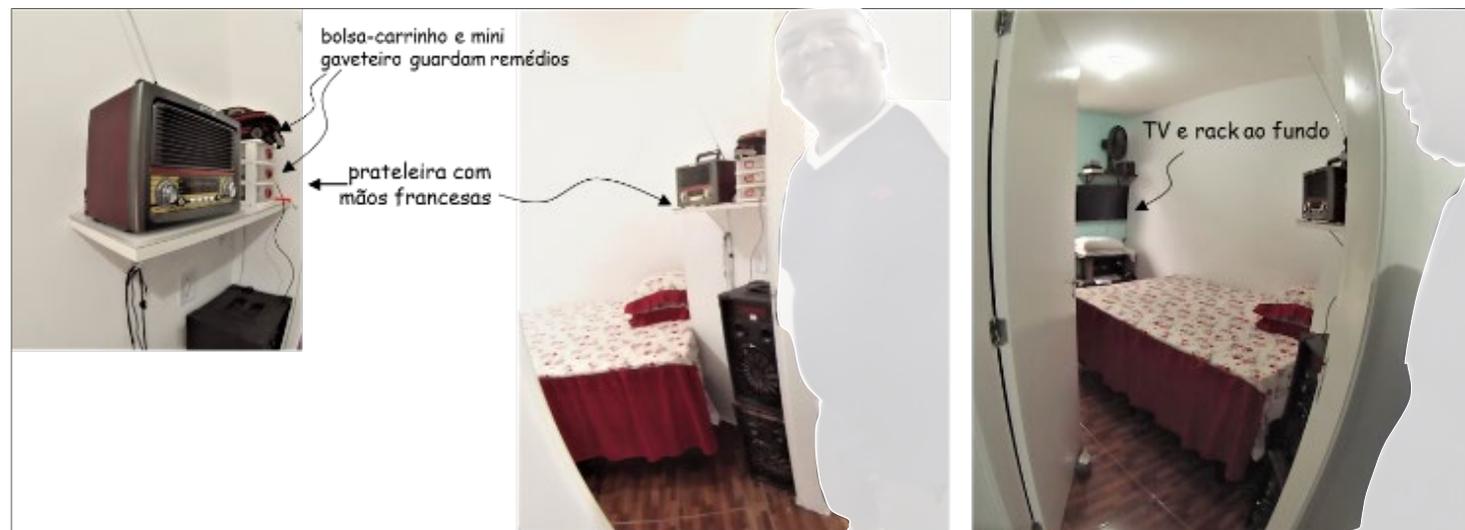


Fig. 17 – quarto do casal, detalhe prateleira e vistas da entrada

Tá ... deixa eu filmar o chão, porque depois eu tenho que tentar desenhar os móveis, e daí pelo - depois eu preciso medir o chão – pelo quadriculado do chão eu consigo saber quanto que mediu as coisas [risos] ... ahh, o som ... um belo som hein?

Eu gosto de som ... aqui é só as caixas mesmo ...

Ó que bonitinho [aponto um aparelho de som na estante, com formato de rádio antigo] ... ele é antigo ou é modelo antigo?

Ah isso aí eu comprei, sempre gosto de ouvir um sonzinho [...] ele é modelo antigo [...] não é antigo [...] é, ele *finge* que é antigo [repetindo meu comentário] [risos]. Eu gosto dessas coisas assim, gosto.

É? Eu gosto também ...

Eu gosto muito de umas coisas antigas assim.

Eu também gosto [...] Nossa que colcha linda!

[A **cama de casal** – tipo **'box'**, **140 x 190 x 58,5 cm de altura** - tem um dos lados encostado na parede da direita – o que dificulta a arrumação e o acesso, embora libere mais espaço no quarto. Além disso não tem cabeceira, de modo que, encostada numa parede de ~90 cm que depois faz o ângulo de 45°, um dos travesseiros fica sem apoio – por isso estão arrumados empilhados onde há encosto. Colcha e fronhas são brancas, estampadas com pequenas rosas vermelhas e cor de rosa, folhagens verdes e grande barrado vermelho.] [Fig. 18]



Fig. 18 – a cama 'box', sem cabeceira, excede em parte a parede, travesseiro perde apoio

[Mostrando as gavetinhas da caixa organizadora, sobre a estante] Aqui é só guardar remédio, essas coisa, tá até sujinho também. [pergunto sobre um objeto em forma de carrinho, em cima do gaveteirinho, ele pega e abre um zíper – é uma espécie de nécessaire] Esse carrinho, tem remédio aqui dentro [fico surpresa, 'tá brincando, é uma bolsa'] ... é uma bolsinha, é [risos] [...] Isso era uma lancheira do menino.

Ele devia adorar ... *[vou em direção à porta balcão na extremidade do quarto]* Ah, aqui não tem, como é no ... *coiso [térreo], não tem a varandinha né?*

Não tem, no térreo não tem varanda ...

[A porta funciona como janela – protegida por um guarda corpo e grade, não dá acesso direto ao espaço de lazer de fora ao longo de todo o edifício, com jardim, brinquedos para crianças, equipamentos de ginástica para adultos]

Não dá nem pra pôr a roupa como as pessoas põem, algumas ... ahã ... Mas é bom aqui né, ficar no térreo? Você gosta?

Legal, é legal. Eu gosto, agora, **o que atrapalha muito é a meninada**, que **tem muito menino aqui!** [...] Eles passam da hora aqui embaixo [...] se deixar mesmo, se a gente não brigar com eles, eles fica aí até meia noite e fica aí, correndo aí. Aí não pode né, tá no regulamento que só pode até às 20 horas [...] Passou das 20 horas já não pode mais por quê? [...] Porque aqui, é onde tem os dormitórios¹⁰⁷ do pessoal né. Pessoal tá gritando aí, a pessoa dormindo [risos]. Tem idoso aqui que dorme cedo ... aí pega no pé deles mas, é bem complicado. Eles vai, quando a gente vira as costas eles volta de novo [risos] [...] é engraçado.

É engraçado mesmo [...] e esse movelzinho aqui?

[Aponto para uma espécie de rack, ~70 compr x 40 larg x 70 cm alt, encostado na parede à direita da porta, usado como apoio para objetos pessoais e roupas da cama, que fica em frente. Pintado na cor café, brilhante, tem 3 prateleiras com frente em ligeira curva e filete plástico nos topos. As 2 laterais estruturais são recuadas das extremidades, deixando parte das prateleiras em balanço. Acima da pequena estante, uma TV plana, fixada na parede. Acima da TV, uma prateleira de compensado ‘amadeirado’ com bordas pintadas de preto, sobre mãos francesas, é apoio para um grande ventilador, livros e objetos.] [Fig. 19]

¹⁰⁷ Os apartamentos do térreo geralmente são destinados a idosos e pessoas com dificuldades de mobilidade.

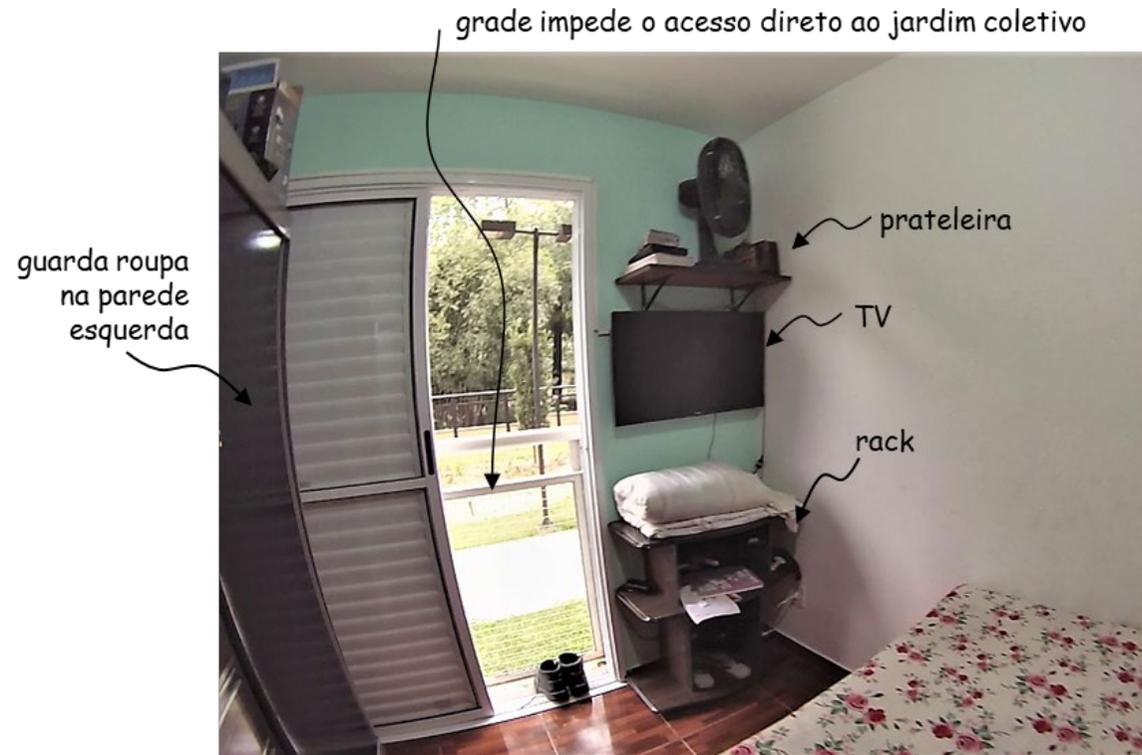


Fig. 19 – quarto casal, vista para o fundo

Esse móvel já tá comigo também há mais de 3 anos já [...] trouxe pra cá, pra não jogar fora coloquei nesse cantinho aí [...] era de computador [...] nem me lembro [onde comprou] acho que foi nas Casas Bahia também.

É né ... Casas Bahia é o grande fornecedor [risos].

É o grande fornecedor ... é porque tem facilidade de comprar né [...] tem em vários lugares, as entrega também [...] o preço é razoável, não é tão ...

Não né ... e a qualidade?

A qualidade é boa ... é boa.

Tá, ok ... só tou filmando todas as coisas que você tem ...

[João responde ao cumprimento de um homem que passa no jardim, com um balde e uma vassoura: ‘tudo bem seu Zé?’]

Ah, e o armário?

O armário também é produto Casas Bahia [risos] [...] Esse e o do quarto dos minino é novo [...] comprei pra cá [...] porque onde tava o outro já não dava mais pra desmontar e montar de novo [risos] já deu o que tinha que dar [risos].

[...] E ele tem porta de correr né, isso bom é bom, pro espaço pequeno é bom né ...

Isso ...

[João abre e fecha uma das portas, deixando entrever 2 prateleiras e um cabideiro, lotados de roupas.. O guarda roupa tem ~185,0 compr x 48,5 prof x 197,5 cm alt, e é dividido em 3 partes, com 2 portas nas extremidades correndo num trilho só sobre o vão central, que tem 4 gavetas e um nicho aberto com espelho e 1 prateleira estreita, lotada de cosméticos. Note-se que a altura do móvel permite que seja mudado de cômodo sem desmontagem, porque passa pelos vãos das portas. Sobre o teto do armário são guardados caixas e objetos.] [Fig. 20]

Deix'eu ver como que ele é [me aproximo, há pequenos adesivos com ‘emoticons’ dispostos¹⁰⁸ em parte da porta da esquerda] ... ah, ele é pintado de preto é isso? [João confirma] porque às vezes a luz não deixa eu ver ... hum hum, tá, ok ... posso olhar aqui?

Pode ...

[Vou em direção ao espaço entre a lateral esquerda do guarda roupa e a porta do quarto, onde foi instalada uma arara de parede, inclinada, com ~6 cabides com camisas sociais e paletós pendurados] [Fig. 21]

¹⁰⁸ Os adesivos, dispostos em duplas, formam o que parece ser o número 9 com um trema (?), ou uma espiral.



Fig. 21 – guarda roupa do quarto do casal
entre o armário e a porta



Fig. 21 – arara para roupa para lavar,
entre o armário e a porta

[...] Esses terno tá faz tempo, eu não levo pra lavar ... a preguiça, a minha esposa fala 'cê não levou os terno pra lavar, tá lá pendurado lá' [risos].

Ah tá ... ah, você pendura aqui os que tão pra lavar [ele confirma] [...] Nossa, mas é *muito chique* esse seu ... cesto de roupa [risos] [M* ri, de longe, no sofá da sala].

É o cesto aí [risos] Esse é o cesto [...] o cesto meu é esse aí [...] tem coisa que ela lava na máquina aí, mas terno, umas camisa que tem que levar pra lavanderia, aí eu ponho tudo aqui [risos].

Entendi ... puxa [risos] né, é muito chique!

[Saímos e vamos em direção ao quarto dos filhos. João abre a porta e avisa o filho.]

00:16:04

Vou entrar aí C*, vou entrar [...] pode entrar [para mim].

Ei, desculpem eu entrar no quarto e ainda filmar e ainda fazer perguntas [risos] e ficar fuçando ...

Pode ficar à vontade [C* está sentado na sua cama rente à porta-janela, totalmente encoberto por uma colcha] Tira a cabeça! [o pai ordena].

Não não precisa tirar não, pode ficar como você quiser, o quarto é seu ...

Meu menino [...] é o meu filho né ... vai, cumprimenta a moça aqui, Marília!

Não, não precisa, pode falar oi aí mesmo. [‘olá’ C* cumprimenta, irônico, descobrindo só parte da cabeça ... todos rimos]. Tudo bom? Desculpa aí, eu vou tentar ser rápida tá?

Aí é a cama dele né, aqui é a cama da minha menina, tá no colégio agora, é a cama dela.

Tá, tá ... daí você falou que ele tem ...

13 anos, e a menina tem 7.

Ah entendi ... deix’eu ver aqui ...

[Todas as paredes são pintadas de azul claro. As 2 camas do quarto - tipo ‘box’, 90 x 188 x 53,5 cm e 55,0 cm de altura - estão dispostas em ‘L’. A primeira cama, localizada longitudinalmente na parede da esquerda, encosta na lateral da segunda cama, que está no sentido transversal, rente à porta-janela na outra extremidade do quarto. Ambas têm os travesseiros posicionados no ‘fundo’ do quarto – e contíguos - para que se possa assistir à TV plana, fixada na parede logo à entrada. No espaço que sobra entre a peseira da primeira cama e a parede da TV, há um baú - ~90 x 45 x 50 cm de altura, com tampo acolchoado e revestido com tecido estampado, que guarda brinquedos e material de escola da menina. Os ~50 cm que sobram após a peseira da outra cama e que poderiam ser usados para acesso à porta-janela, foi preenchido com uma pequena mesa de cabeceira com prateleiras – modelo parecido com o rack do quarto do casal – e apoio para um grande ventilador. Na parede da direita, o guarda roupas, igual ao dos pais, avança sobre o espaço de giro da porta de entrada, reduzindo-o à metade.]¹⁰⁹[Figs. 22 a 29]

¹⁰⁹ Embora o guarda roupa não extrapole a parede em que está encostado, a parede e a porta do quarto que se seguem estão em 45° em relação a ele. É a lateral do guarda roupa que invade o giro da porta.



Fig. 22 – quarto filhos, visto da entrada



Fig. 23 – quarto filhos, vista geral



Fig. 24 – quarto dos filhos, porta semi obstruída



Fig. 25 – piso quarto dos filhos, porta semi obstruída



Fig. 26 – guarda roupa igual ao do quarto do casal



Fig. 27 – rack e ventilador entre a cama, armário e a porta



Fig. 28 – baú dos brinquedos e a cama box filha

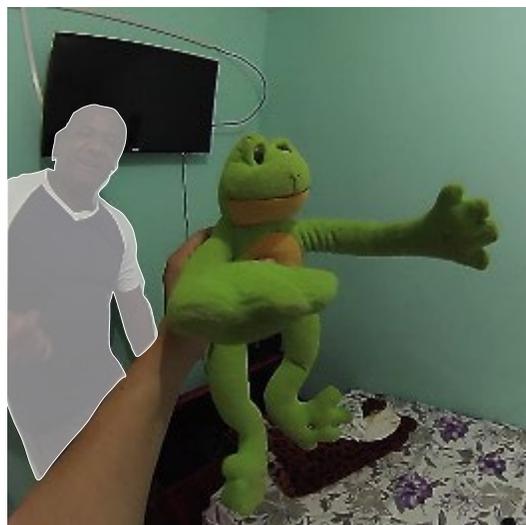


Fig. 29 – o brinquedo que está há 7 anos com a

Nossa o ... como é que chama, o ventilador [...] especial para ele né? [risos]

E a briga dele com a menina, que ele quer só pra ele o ventilador e ela também quer [risos] *[mostra o guarda roupa]* Aqui é igual àquele de lá né ...

Ah, igual o outro, tá, entendi ... também comprado para cá ... *[ele confirma]* Essa cama, deixa eu ver como que ela é, é aquela cama box? *[levanto a coberta para olhar]*.

Isso, box [...] comprado pra cá também [...] isso, é, que **as outra era beliche de madeira ... e também pelo espaço né¹¹⁰, falei 'vamo comprar 2 camas box que dá certinho', faz um 'L' dá pros 2** [risos].

Essa daqui não é muito alta né [...] depois eu até vou medir – ah eu não trouxe o metro!

Eu tenho um metro aí ...

Ah, tá bom ... é mais pro piso, esqueci ...

[João levanta a coberta da cama da filha e me mostra] Comprei pra cá também ...

Ahh, olha só, entendi [...] e ela realmente não é das mais altas né, deix'eu ver aqui onde ela tá *[meço pela minha perna – posteriormente João me emprestará sua trena e eu medirei as camas, os guarda roupas e os pisos]*

¹¹⁰ Aparentemente a escolha por beliche se dá somente quando não há alternativa ... 'sobrando espaço' opta-se por camas individuais, mesmo que o espaço livre do quarto diminua, ou os móveis comprometam aberturas de portas e janelas.

Esse baú é da menina ... falei 'ó, todos seus brinquedos joga dentro desse baú' [...] tá tudo espalhado no meio da casa [risos]. *[tira alguns panos de cima e abre a tampa]* Tem brinquedo, livro, ó tá tudo aqui dentro, ela não guarda, tá tudo espalhado. *[tira um brinquedo e mostra]* **Esse sapo aqui acompanha ela desde que nasceu** *[rimos, eu pego o sapo de pelúcia na mão]* ... há 7 anos que ela tem esse sapo, já foi de ... ela ganhou esse sapo de uma prima dela, e ela não larga esse sapo [risos] *[guarda o brinquedo novamente, fecha e rearruma o baú]*.

[...] Legal esse baú né. [...] Então tem televisão em praticamente todos os cômodos da casa ...

Tem ... senão não deixa eu ver o jornal [risos] ... eu tou vendo o jornal eles querem ... ah, cada um fique com a sua [...] quando eu tou na sala vendo alguma coisa que eu gosto e eles querem ficar na sala, eu vou pro quarto [risos], mas sempre nós tamo junto.

[João sai do quarto ... aviso que preciso filmar o piso antes.]

Sim, sim, um detalhe *[entra no quarto novamente]*, esse quarto, ele é maior do que o daqui. Porém, como minha mãe tava aqui, nós resolveu deixar esse aqui, que a minha mãe dormia aqui e os menino também, que **era até uma beliche**.

Esse quarto é maior? *[fico surpresa, não tinha reparado que o banheiro 'rouba' do quarto contíguo uma área, em forma de trapézio retângulo, de 0,74 m².]*

É maior, é maior do que esse [...] pouquinho coisa também, uns *[inaudível]* centímetros, por aí ...

Bastante! Vou ter que conferir isso porque na minha cabeça eram todos iguais, ainda não tinha percebido isso [...] porque eu ainda não desenhei eles também [...].

Um é maior, pouquinho mas é maior um pouco, mas é bem legal. [...] **É bem legal mesmo**.

[Estamos nesse momento no triângulo do 'hall' formado pelas portas dos 2 quartos.]

00:20:32

E esse painel aqui?

[Refiro-me ao painel da TV plana, conjunto com um rack de ~40,0 cm de profundidade que ocupa quase toda a parede azul ao fundo da sala – parede de 160,0 cm de comprimento - e é um pouco mais alto que

o assento do sofá em 'L' que, encostado, compromete o acesso a boa parte das prateleiras internas.] [Fig. 30]



Fig. 30 – o conjunto painel TV mais rack, comprados pela Internet [painéis MDP + pintura UV imitando madeira]

Painel também é produto ... Magazine Luiza né [M* confirma] ... Magazine Luiza, pela internet¹¹¹ [ri muito]
[...] tava baratinho, 280 não foi?

Mas isso junto com isso? [com o aparador em baixo]

Sim ... o ruim foi montar, porque compra pela Internet eles não garantem montagem, nós teve que montar.

¹¹¹ Pesquisa pelo sítio eletrônico da empresa Magazine Luiza informa que, como a maioria dos produtos anunciados para essa função, o conjunto é construído com painéis MDP, acabamento em pintura UV imitando madeira.

[...] Entendi, entendi ... gente, 280! Olha, eu trabalhei com marcenaria bastante tempo, você não consegue imaginar como que é possível fazer alguma coisa com 280 reais! Dá dó dos marceneiros [risos] né? É impossível! Só de material ...

00:21:15 [A entrevista foi feita sem cortes mas a filmadora dividiu automaticamente o arquivo em 2, gerando outro com 00:09:45, cuja contagem de tempo será acrescida a seguir.]

[...] Só uma grande indústria mesmo fazendo [...] não dá, pra fazer não dá.

É verdade, é verdade ...

Como pra gente também a grana tá curta, a gente apela pro mais barato [risos].

Não ... é, a indústria serve pra isso, pra ...

É pra isso ... concorrência né?

Ué, exatamente [...] às vezes tinha gente que ia na minha marcenaria pedir coisas, achava que porque era sob medida ia ser mais barato do que na loja!

Não, não é não.

Impossível, pensa no tempo que o marceneiro tá aqui fazendo, no aluguel que eu pago, na luz, o material, não dá [...] A gente quando é pequeno compra material em pequena quantidade, a indústria não, compra um monte, sai barato ...

É verdade ... a indústria compra um monte.

Muito legal. E você disse, antes tava aqui?

Tava aqui a TV, antes tava aqui [aponta o trecho de parede à direita de quem entra no apartamento, ainda com as marcas da furação do painel, logo após a entrada da zona de serviços e antes do nicho da estante-sapateira – justamente o local planejado para a TV, conforme os desenhos dos projetistas] aí eu mudei pra cá.

Porque compõe mais [...] com esse sofá bacana ... e esse sofá?

[É um sofá em ‘L’, ou ‘sofá de canto’¹¹² como são anunciados nas lojas, com almofadas soltas no encosto e ~80,0 cm de profundidade. O módulo com braço esquerdo, que fica na transversal e faz a ‘divisa’ entre sala de jantar e estar, mede ~190,0 cm de comprimento. O outro módulo, sem braço, que encosta no rack da TV, mede ~160,0 cm de comprimento.] [Fig. 31]



Fig. 31 – o sofá de canto

Esse **sofá é produto** Casa Cem [corrige] **Loja Cem** [risos] [...] faz, 1 ano né?

Não, não tem 1 ano não [...] dezembro.

Porque não tinha. Não tinha, porque minha mãe é cadeirante, não tinha, só tinha um sofá aqui [mostra o trecho sem braço do sofá atual] [...] senão não passaria [a cadeira de rodas]. Aí como ela resolveu ir morar lá com a minha irmã, aí eu falei **eu vou preencher mais isso aqui** [mostra o trecho com braço do sofá atual] [...] Compramo esse sofá no final do ano que passou, e **o que tinha aqui nós fez doação.** [risos]

¹¹² Nos sítios eletrônicos das redes varejistas de móveis, esses sofás são geralmente descritos como construídos com estrutura de madeira eucalipto ou pinus, e os estofados revestidos com ‘chenille’ ou ‘suede’.

Fizeram doação? Nossa, é um belo de um sofá hein *[João ri, M* se levanta do sofá enquanto filma] ... daqueles que as pessoas ficam deitadas né?*

Isso.

É.

[Chego perto, afasto almofadas para ver melhor] A cor é bonita pra caramba, olha [‘ele é separado’, comenta João] olha como é bonito esse tecido também, né? [refiro-me ao forro, na cor vinho com flores e folhagens em tom mais claro, que protege o sofá] ... Muito legal, gostei bastante [...]

Convidativo que é uma beleza *[rimos muito]*. *[M* ajuda a rearrumar as almofadas]*

Imagino *[risos]!* Tem jeito sim, bastante jeito.

Quem senta não quer ficar sentada. *[risos]*

00:23:11

E a mesa de jantar?

A mesa eu já tinha, as cadeiras eu comprei [...] faz 1 ano né?

Faz mais do que isso.

1 ano e pouquinho. Eu ia comprar completo né mas **eu vi que ela tava em bom estado aí falei ‘não, vou comprar só as cadeira!’**

[Erguemos a toalha de losangos coloridos para olhar os detalhes da mesa, que mede 130 compr x 83 larg x 75,5 cm altura. O tampo é de compensado com revestimento imitando granito, protegido por uma esquadria de madeira maciça com cantos e bordas arredondadas e detalhes construtivos de marcenaria tradicional, como ‘almas’ aparentes [Fig. 32]. A estrutura de apoio - talvez uma reforma - é tubular metálica, 2 cavaletes unidos por cima, mas reforçados com amarrações improvisadas de fitas de nylon ‘hellerman’ nas junções verticais.] [Fig. 33]



Fig. 32 – marcenaria tradicional na esquadria da mesa



reforço de fitas de nylon 'hellerman'

Fig. 33 – estrutura de apoio tubular metálica

[...] Madeira aqui, ó que legal esse detalhe [as 'almas' aparentes], ó, tá vendo? Isso é encaixe de madeira, muito legal ...

Madeira ... tem esse compensado em cima, que parece pedra!

É, eu pus a mão pra [...] hoje em dia é tão difícil cê saber o que que é o material mesmo ...

É verdade, é ...

Cê olha de longe, cê fala que é não sei o quê

[...] É fruto de doação [risos].

Isso aqui é fruto de doação? Ah, tá. É, ele parece pedra né?

Parece uma pedra. [bate novamente com as pontas dos dedos na fórmica]

É ... eu já chequei à conclusão que na minha pesquisa, eu já aviso, falei 'olha, os materiais, quando eu falo que é de não sei o quê, é uma *aparência*' ... porque senão eu tenho que testar cada um, passar a mão em cada um, é impossível [risos]. E hoje em dia os caras tão fazendo coisas muito boas né [risos], fingindo que é, então é impossível. Olha essa cadeira ... agora, essa é uma cadeira mais antiga!

Essa é antiga, eu ganhei também.

Posso ver?

Pode. Fica à vontade. *[arrasta a cadeira para fora da mesa para olharmos]* Tem 2, uma tá aqui, outra tá lá em cima lá, que eu levei pra lá *[na portaria do condomínio, no escritório do síndico]*.

Ah é? Olha como ela é legal [...] muito interessante essa cadeira ...

A mesma pessoa que me deu o móvel ali *[o aparador de madeira da lavanderia]* ... eu fiz um trabalho pra ela, ela ia jogar fora [...]

Situada na cabeceira da mesa, é uma cadeira pesada – provavelmente manufaturada - com assento estofado, estrutura de ferro em perfil quadrado e braços em perfil redondo, com volutas, à maneira Art Nouveau. Ornamentos em 'palha' fingem amarrações em junções e também formam um quadrado entre as 2 travessas do encosto, dando um ar Art Déco. [Fig. 34].

E eu olhando a sua mesa por baixo, tá? [risos]

[risos] Tá toda remendada, mas fica à vontade aí ...

Hãhã ... e essa daqui, que eu não sei se é madeira maciça *[falo das outras cadeiras da mesa]*

Não é não ... é MDF [...] não é maciça não [risos].

As outras 4 cadeiras da mesa de jantar são de fabricação industrial, com pés e travessas laterais recortadas em uma peça inteiriça, de chapa MDF com acabamento imitando madeira sucupira. O painel que fecha o encosto é reto em cima mas tem uma linha sinuosa em baixo, pretendendo talvez ser confortável para quem manipular a cadeira. Como a cadeira de ferro, essa também tem assento estofado e também é pesada. [Fig. 35].



Fig. 34 – a cadeira de ferro



Fig. 35 – as cadeiras de MDF

Não é né? Porque ela poderia ser [...] esqueci o nome dessa madeira que ela imita ... sucupira, ela imita sucupira ... entendi, OK. Acho que é isso. Tem mais alguma coisa que cê gostaria ...? Por exemplo, **o que que você gostou mais daqui da mudança ...?**

De tudo né, tudo. Em relação ao espaço, que é muito maior. A gente sempre morava em casas pequena e um aluguel absurdo, e aqui graças a Deus um espaço bom. Tem as dívida né, que muitas pessoas reclamam das dívidas que vêm né, mas sempre tem que ter, porque [...] exatamente, aumenta a despesa, porém é uma coisa que é seu ... e na condição que eu estava mesmo, pagando aluguel, eu pagava uma coisa que não era minha. E se eu ficasse 5, 6 dias sem pagar o dono já vinha atrás e aqui não. Aqui eu pago a água, pago condomínio, pago o gás, pago a luz, mas é uma coisa que eu tenho que pagar, é consumo, eu tenho que pagar isso, e ninguém fica no meu pé ... é uma maravilha. Também tem a parcela da Caixa Econômica Federal né [...] tamo pagando [...] não é tão alta também ...

É subsidiada, direitinho [gaguejo, demorando para achar as palavras] ... eu acho que não é o valor real né, que vocês pagam [...] como é que é, você sabe?

Não, eles estipularam um valor que, esse empreendimento aqui, **como é interesse social**, ficou em torno de **75 mil**, cada apartamentozinho pra cada morador.

Não é tão barato não né?

Tá razoável ...

[...] Vocês moram num bairro interessantíssimo né [risos] [*é uma área urbana valorizada*]

Maravilha né, maravilha ... hoje mesmo tinha uns pessoal reclamando sobre [*hesita*] ... o pessoal né? Falei 'gente, o que faz o lugar ficar bom somos nós que moramos aqui ... se nós sermos pessoas desordeiro, bagunceiro, o lugar vai ficar bagunçado ... mas se nós formos organizado, se nós zelar daquilo que nós tem, isso aqui vai ficar muito bom e muito valorizado mais na frente'. [...] Pra Caixa Econômica Federal isso aqui tem um valor de 75 mil, mas depois que nós conseguir quitar isso aqui, não sei, em 5, 6 anos quitar isso aqui, vai ser um bom valor isso aqui ...

Ninguém vai vender por 75 ...

Não, ninguém, ninguém [...] e sem falar também na localidade né [...] um local desse aqui, e tem pessoas aqui que não dá valor, fala que preferia estar onde estava antes ... Deus me livre, nem em pensamento eu quero voltar o que tava antes [risos] [...] Exatamente, era irregular né, não pagava água, não pagava luz [...] 'gato' de tudo ... aqui não.

Mas é uma insegurança grande também né ... aqui não.

Aqui, tudo bonitinho, tudo legal, **a pessoa pode falar 'eu tenho um endereço fixo', eu tenho endereço**. Como era antes, ninguém tinha endereço [risos] ... 'ah moro na viela tal ... moro em cima da casa de fulano' [risos] [...] Era uma [*casa*] em cima da outra. Ainda tem aqui embaixo ainda né, tão regularizando. Inclusive o pessoal da Eletropaulo tão tudo aí, Sabesp né, tá legalizando tudo, cada um com seus relógio, do restante de casas que ficaram, estão regularizando tudo. Mas é isso aí.

Legal. Agora que eu tou vendo que você pintou ... de uma cor bonita né? [*a parede do fundo da sala, onde está o painel da TV*]

Sim, pinte. O quarto dos menino e essa cor aqui ... eu sou daltônico, não conheço cor também [risos] ...

[risos] É um azul turquesa clarinho né.

Aí eu fiz, mas fiz muita tinta né, fiz muita tinta mesmo, pintou o quarto inteiro e sobrou muita tinta. Aí falei pra minha esposa 'vamo pintar uma parte aqui, pinte aquela parte lá [...] a parte do quarto [2 paredes, do casal] de azul e sobrou, eu pinte aqui também. E o quarto deles é todo azul. [...] Eles que pediram [...] aí sobrou tinta [risos]

Gostei da cor ... porque ela é alegre, bonita mesmo [vou em direção à cama box do casal] ... ah, essa é mais alta né?

É mais alta ... por causa do colchão né? Ó, o colchão em cima ... a box lá e o colchão.

[...] E ela é daquelas que cê pode guardar coisas dentro não?

Não não ... é completa.

Tá, OK, tá bom [...] Acho que é isso aí. Muito obrigada pelo seu depoimento, foi muito legal ...

De nada ... obrigado eu.

Eu vou desligar então, tá bom?

Tá joia, muito obrigado.

'Magina, obrigada você.

00:31:00

----- f i m -----